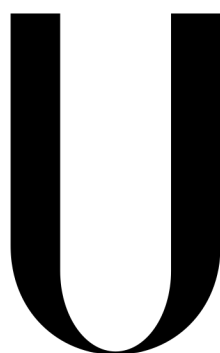


UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

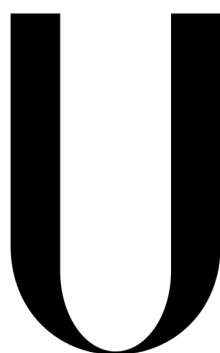
**História da Filosofia da Educação em Portugal.
Dos programas de ensino ao campo disciplinar
(1976 - 2006)**

Margarida Sofia Panarra Inácio Borges Ferreira

DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO
Especialidade em História da Educação
(2014)

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**História da Filosofia da Educação em Portugal.
Dos programas de ensino ao campo disciplinar
(1976 - 2006)**

Margarida Sofia Panarra Inácio Borges Ferreira

**Tese orientada pelo Professor Doutor Justino Pereira de Magalhães
e co-orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Santos
especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em
Educação (História da Educação)**

O texto desta tese não foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.

À Sofia com amor

Vivemos governados por um excesso de estímulos, amplificados por uma sociedade que encontra na permanente exposição a melhor forma de se esconder, isto é, de não pensar. Estranho modo de vida, este, que nos leva de ruído em ruído, preferindo o aborrecimento de viver à alegria de pensar (Nóvoa, 2005: 10).

Há razão para temer que também o nosso tempo rejeite o filósofo em si próprio e que, mais uma vez, a filosofia seja apenas *nuvens*. Pois, filosofar é procurar, é afirmar que há algo a ver e a dizer. Ora, hoje, quase não se procura. *Regressa-se, defende-se* uma e outra tradição. As nossas convicções fundam-se menos sobre valores ou verdades descobertas do que sobre os vícios e os erros das que detestamos. Gostamos de poucas coisas, mas detestamos muitas. O nosso pensamento é um pensamento aposentado ou enrugado. Todos expiam a sua juventude. Esta decadência está de acordo com o processo da nossa história. Passado um certo ponto de tensão, as ideias deixam de proliferar e de viver, caem no plano das justificações e dos pretextos, tornam-se relíquias, pontos de honra, e aquilo a que pomposamente chamamos o movimento das ideias reduz-se ao conjunto das nossas nostalgias, dos nossos rancores, dos nossos acanhamentos, das nossas fobias. Neste mundo em que a negação e as paixões mal-humoradas ocupam o lugar de certezas, não se procura fundamentalmente ver, e a filosofia, porque pretende ver, é tida com impiedade (Ponty, 1993: 56-57).

Índice Geral

Índice de Siglas	9
Índice de Quadros	10
Índice de Programas de Ensino de Filosofia da Educação	12
Agradecimentos	13
Resumo	16
Abstract	17
Introdução	18
Tema	18
Problema	19
Metodologia	20
Organização do trabalho	22
Arquivo	26
I Parte. Os a priori da Filosofia da Educação em Portugal	32
1. Da possibilidade de existência de “Filosofias Nacionais” e de uma “Filosofia da Educação portuguesa”	32
2. Filosofia e educação em Portugal	36
2.1. A teorização da educação e a construção do estatuto epistemológico da Filosofia no período anterior à fundação da Universidade portuguesa	36
2.2. Fundação da Universidade em Portugal	37
2.3. A Reforma da educação veiculada pela difusão do Humanismo na Universidade	40
2.4. Primórdios da Universidade de Évora	47
2.5. Contributo pedagógico dos Estrangeirados e o alvorecer do Iluminismo em Portugal	49
2.6. Reforma Pombalina de 1772: A supremacia da Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra	51
2.7. O começo do século XX e a Reforma de 1911	62
3. Alvores da Filosofia da Educação em Portugal	70
3.1. Filosofia Portuguesa, Renascença Portuguesa e Filosofia da Educação em Portugal	71
3.2. Contributo filosófico-educacional dos movimentos Seara Nova e Orpheu	79
4. Delfim Santos e a introdução da Filosofia da Educação no debate pedagógico nacional	82
II Parte. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação portuguesa	94
5. Antologia da Filosofia da Educação da Universidade de Lisboa	94
5.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa	95
5.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa	100

5.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade de Lisboa	110
6. A Pedagogia Filosófica e a Filosofia da Educação Escolar da Universidade de Coimbra .	140
6.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra	141
6.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra	147
6.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade de Coimbra	158
7. Filosofia da Educação Teológica, Estética e Pessoalista da Universidade do Minho	166
7.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade do Minho	166
7.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Minho.	168
7.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade do Minho	183
8. Filosofia da Educação Epistemológica e Antropológica da Universidade do Porto	205
8.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade do Porto	205
8.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Porto	209
8.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade do Porto	216
9. Antropagogia da Educação da Universidade de Évora	235
9.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade de Évora	235
9.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Évora	237
9.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade de Évora	245
10. Filosofia da Educação da Universidade Nova de Lisboa	256
10.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa	256
10.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa	260
10.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade Nova de Lisboa	265
11. Mapeamento da disciplina de Filosofia da Educação em Portugal	273
12. Teses de doutoramento concluídas no campo da Filosofia da Educação	280
12.1. Análise das teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação	282
13. Cronologia da Filosofia da Educação em Portugal	289
III Parte. Ethos dos Filósofos da Educação Portugueses	299
14. Formação académica dos docentes disciplinares de Filosofia da Educação	299
15. Filosofia da Educação ou Filosofias da Educação?	305
16. Filósofos da Educação em Portugal: uma comunidade imaginada	313
17. Os mestres e os discípulos da Filosofia da Educação Portuguesa	319
18. Temas, autores e problemáticas	325
19. Os discursos em torno da Filosofia da Educação publicados pelos filósofos da educação portugueses	341
19.1. A preocupação de educar para a vida	345

19.2. A vertente humanista e deontológica no processo de formação de professores	349
20. O tempo da Filosofia da Educação em Portugal face ao contexto internacional	354
20.1. A emergência da leccionação da disciplina	354
20.1.1. Filosofia da Educação nos Estados Unidos da América	356
20.1.2. Filosofia da Educação no Brasil	359
20.1.3. Filosofia da Educação em França	362
20.1.4. Filosofia da Educação em Espanha	364
20.1.5. Filosofia da Educação no Reino Unido	366
20.1.6. Filosofia da Educação na Alemanha	369
20.2. O surgimento de eventos científicos, de associativismo e de periódicos	371
20.2.1. Os eventos científicos e o associativismo	371
20.2.2. O surgimento de um periódico exclusivamente dedicado às publicações alusivas ao campo filosófico-educacional	375
20.3. As temáticas e as problemáticas privilegiadas pelos filósofos da educação	377
20.3.1. Os temas de Filosofia da Educação no contexto universitário internacional	381
20.4. O contributo dos filósofos da educação para a causa educativa portuguesa na sua relação com o espaço e com o tempo	390
20.5. A ténue afirmação disciplinar da Filosofia da Educação no quadro das Ciências da Educação	399
21. Filosofia das Filosofias da Educação em Portugal	402
Considerações Finais	408
Fontes e Bibliografia	415
Fontes Documentais	415
Anuários	415
Guias e informação universitária	415
Programas de Ensino	416
Fichas de Presença dos alunos	416
Curriculum Vitae de Professores	417
Teses de doutoramento em Filosofia/Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação	418
Estatutos e reformas universitárias	420
Legislação	420
Bibliografia	422

Índice de Siglas

AEPEC	Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Brasil
CIFOP	Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade do Minho
CIPGF	Curso Integrado de Pós-Graduação em Filosofia
ESE	Escola Superior de Educação
EERA	European Educational Research Association
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
FCSH-UNL	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
FLUL	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
FCUL	Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
FPCE-UC	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
FPCE-UL	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
FPCE-UP	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto
FP-UL	Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
GFE	Gabinete de Filosofia da Educação. Instituto de Filosofia. Faculdade de Letras. Universidade do Porto
GT 17	Grupo de Trabalho de Filosofia da Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Brasil
IE-UL	Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
ISEF	Instituto Superior de Educação Física
ISCTE-IUL	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa
IUMF	Institut Universitaires de Formation des Maîtres
JDS	John Dewey Society
PES	Philosophy of Education Society
PESGB	Philosophy of Education Society of Great Britain
RESAFE	Revista Sul Americana de Filosofia da Educação
SOPHIED	Société Francophone de Philosophie de l'Éducation
SPCE	Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
UCL	Université Catholique de Louvain
UÉVORA	Universidade de Évora
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UMINHO	Universidade do Minho
UnB	Universidade de Brasília
UNED	Universidad Nacional de Educación a Distancia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Índice de Quadros

Quadro 1	Disciplinas da Universidade Portuguesa no Começo do Século XVI	43
Quadro 2	Plano de Estudos do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus – 1552 a 1565	45
Quadro 3	Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra de 1772	53
Quadro 4	Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra – 1844	56
Quadro 5	Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra – 1865	58
Quadro 6	Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra no final do século XIX	59
Quadro 7	Grupo de Ciências Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – 1911	64
Quadro 8	Plano de Estudos da 5ª Secção (Filosofia) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - 1914	64
Quadro 9	Cadeiras de Filosofia nas diferentes Secções da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – 1914	65
Quadro 10	Secções, Grupos e Cadeiras Anexas das Faculdades de Letras – 1930	68
Quadro 11	Secções, Grupos e Cadeiras Anexas das Faculdades de Letras – 1937	69
Quadro 12	Universidade de Lisboa - Estatística Escolar - 1944-1945 a 1967-1968	88
Quadro 13	FLUL - Número de alunos inscritos no Curso de Ciências Pedagógicas - 1952-1953 a 1965-1966	89
Quadro 14	FCUL - Licenciaturas do Ramo de Formação Educacional – 1971-1972	101
Quadro 15	FCUL - Formação Pedagógica das Licenciaturas em Ensino	103
Quadro 16	FCUL - Cursos de Mestrado em Educação	106
Quadro 17	FLUC - Curso de Licenciatura em Filosofia - (Ramo Educacional) -1990-1991	108
Quadro 18	Professores de Filosofia da Educação da Universidade de Lisboa	110
Quadro 19	Universidade de Coimbra - Curso Superior de Psicologia – 1980-1981	148
Quadro 20	FPCE – UC - Curso de Licenciatura em Ciências da Educação – 1990-1991	150
Quadro 21	FPCE – UC - Cursos de Mestrado em Ciências da Educação c/ Filosofia da Educação	151
Quadro 22	FPCE – UC - Curso de Pós-Graduação c/ Filosofia da Educação	151
Quadro 23	Quadro Classificativo das Ciências da Educação (Mialaret)	153
Quadro 24	FLUC - Disciplinas oferecidas pelo grupo de Filosofia 1999-2000	155
Quadro 25	FLUC - Curso de Licenciatura em Filosofia – 2001-2002	156
Quadro 26	UMINHO - Cursos de Mestrado em Educação – 1982-1983	171
Quadro 27	UMINHO - Cursos de Mestrado em Educação – 1986-1987	172
Quadro 28	UMINHO - Mestrado em Educação c/ especialização em Filosofia da Educação - 1991-1992	172
Quadro 29	UMINHO - Cursos de Licenciatura Ensino - História e Filosofia da Educação – 1996-1997 e 1997-1998	177
Quadro 30	UMINHO - Cursos de Licenciatura em Ensino - História e Filosofia da Educação - 1996-1997 a 2004-2005	178
Quadro 31	UMINHO - Curso de Licenciatura em Ensino - Filosofia da Educação - 1996-1997 a 2004-2005	180
Quadro 32	FLUP- Curso de Licenciatura em Filosofia – 1984-1985	210
Quadro 33	FLUP - Licenciaturas em Ensino – 2000-2001	214

Quadro 34	UÉVORA - Curso de Licenciatura em Filosofia – 1996-1997	238
Quadro 35	FCSH – UNL - Cursos de Doutoramento em Ciências da Educação – 1994-1995	261
Quadro 36	FCSH – UNL - Curso de Mestrado em Filosofia da Educação – 2002-2003	263
Quadro 37	Mapeamento da presença disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal	273
Quadro 38	Universidade de Lisboa - Teses de Doutoramento na especialidade de História e Filosofia da Educação	280
Quadro 39	Universidade de Coimbra - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	280
Quadro 40	Universidade do Minho - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	280
Quadro 41	Universidade do Porto - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	281
Quadro 42	Universidade de Évora - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	281
Quadro 43	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	282
Quadro 44	Universidade de Aveiro - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	282
Quadro 45	Universidade dos Açores - Teses de Doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação	282
Quadro 46	Teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação - Por Instituição	283
Quadro 47	Teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação – Por orientação	284
Quadro 48	Teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação – Por cronologia	286
Quadro 49	Cronologia da Filosofia da Educação em Portugal	289
Quadro 50	A formação académica dos docentes disciplinares de Filosofia da Educação	299
Quadro 51	Autores de Programas de Ensino de Filosofia da Educação	327

Índice de Programas de Ensino de Filosofia da Educação

Programa 1	FCUL – Olga Pombo e Teresa Levy: 2002-2003	113
Programa 2	FCUL – Rogério Fernandes: 1991-1992 e 1992-1993	118
Programa 3	FCUL – Rogério Fernandes: 1993-1994	119
Programa 4	FCUL – Olga Pombo: 2003-2004	124
Programa 5	FCUL - Agostinho dos Reis Monteiro: 1995-1996 e 1996-1997	127
Programa 6	FCUL - Agostinho dos Reis Monteiro: 2003-2004	128
Programa 7	FCUL - Joaquim Pintassilgo: 2001-2002	129
Programa 8	FCUL – Olga Pombo:2001-2002	130
Programa 9	FCUL – Teresa Levy: 2001-2002	131
Programa 10	FLUL - Leonel Ribeiro dos Santos:1999-2000	134
Programa 11	FLUL - João Paulo Monteiro:2000-2001	139
Programa 12	FPCE-UC - João José Matos Boavida:1991-1992	159
Programa 13	FLUC - Joaquim Neves Vicente:1998-1999	162
Programa 14	UMINHO - José Ribeiro Dias:1996-1997 a 2004-2005	187
Programa 15	UMINHO - Manuel Alte da Veiga e José Casulo: 1996-1997 a 2001-2002	190
Programa 16	UMINHO - Armando Rui Guimarães e Manuel Alte da Veiga: 2002-2003 a 2004-2005	197
Programa 17	UMINHO - Maria Clara Oliveira: 2004-2005	200
Programa 18	UMINHO - Maria Conceição Antunes: 1999-2000 a 2003-2004	203
Programa 19	FLUP - Adalberto Dias de Carvalho: 1984-1985	218
Programa 20	FLUP- Adalberto Dias de Carvalho e Eugénia Vilela: 2004-2005	221
Programa 21	FLUP – Paula Cristina Pereira: 2005-2006	230
Programa 22	UÉVORA - Manuel Ferreira Patrício: 2005-2006	247
Programa 23	UÉVORA - J.M. de Barros Dias: 2002-2003	250
Programa 24	UÉVORA - Luís Miguel Sebastião: 2005-2006	252

Agradecimentos

Uma tese de doutoramento é, por natureza, um trabalho académico cuja autoria, apesar de individual, resulta de uma simbiose de encontros e de circunstâncias imbricados com a essência da sua problematização e com a ordenação da sua composição. O isolamento da escrita, à inversa de um estado de solipsismo, é sempre acompanhado das vivências e mundividências pluralmente interceptadas. No reconhecimento dessa interdependência é fundamentada a segurança e a vulnerabilidade inerente ao percurso trilhado. A descrição da conjugação de particularidades ocorrida ao longo da realização de um trabalho plurianual é indiscreto e desnecessária. Expressar a gratidão aos que o acompanharam é inevitável, apesar de quase equivalente a auto-agradecimento.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Sr. Professor Doutor Justino de Magalhães a cordialidade com que me acolheu na Universidade de Lisboa como Coordenador do curso de doutoramento em Educação, com especialidade em História da Educação, e como orientador desta tese. A harmonia consolidada entre a liberdade da razão e o rigor científico da supervisão foi assistida por um debate cujas ressonâncias são transversais à hermenêutica do objecto de investigação e à estrutura dos níveis de complexidade do texto. A salutar relação académica estabelecia, embora acentuadamente formal, não deixou de ser afável. E em toda a relação humana a afabilidade é essencial.

Não poderia deixar de agradecer, com devoção equivalente, à Sr^a Professora Doutora Maria Teresa Santos a co-orientação desta tese e o entusiasmo com que incentivou a sua pesquisa e redacção. Durante o trajecto de investigação empreendido, o entendimento delapidou-se e resultou num laço de afectividade fundamental à consumação deste grau.

Agradeço, igualmente, a todos os Professores do curso doutoral em Educação, com especialidade em História da Educação, que, no ano lectivo 2007-2008, na antiga Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, actual Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, asseguraram a componente lectiva do curso. Um grato agradecimento às Senhoras Professoras Doutoradas Ana Leal Faria, Maria João Mogarro e Ana Isabel Madeira e aos Senhores Professores Doutores, Jorge Ramos do Ó, Joaquim Pintassilgo, Sérgio Campos de Matos e António Cadeias (que infelizmente já não está entre nós). O ano de realização do curso doutoral, apesar de muito trabalhoso, ficará registado como vivência académica marcada pela felicidade. As recordações dos momentos passados, quer em contexto de sala

de aula quer fora dela, tanto com os Professores como com os colegas, serão sempre lembrados com um sorriso nos lábios e com muita saudade.

Dedico um agradecimento, muito particular, aos Professores da disciplina de Filosofia da Educação que tiveram a generosidade de me receber e/ou me facultar os seus programas de ensino e outras fontes de pesquisa, nomeadamente, à Professora Teresa Santos da Universidade de Évora, ao Professor Luís Bernardo da Universidade Nova de Lisboa, aos Professores Maria Conceição Antunes e Alberto Filipe Araújo da Universidade do Minho, aos Professores Joaquim Pintassilgo, Leonel Ribeiro dos Santos e Olga Pombo da Universidade de Lisboa e à Professora Maria Conceição Azevedo da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O suporte documental que todos estes Professores me facultaram foi imprescindível para a escrita desta História.

Com o sentimento mais puro do mundo, agradeço o apoio e o amor incondicional que sempre recebi da família, dos amigos e dos colegas. A certeza de poder lutar por ser quem quero segura de que, bem ou mal sucedida, o resultado ser sempre vivido no plural é uma sorte de valor inestimável. Uma palavra especial à minha primeira educadora, Augusta Panarra Inácio, que tem a faculdade de transformar todos os dias da minha vida num dia de festa. É a minha primeira leitora, a minha fiel confidente, a minha maior amiga e a melhor de todas as mães. Ao meu pai Fernando Inácio agradeço o conforto que me tem proporcionado e por ter criado todas as condições possíveis para que eu desenvolva o meu projecto existencial e a conquista da minha auto-realização, delegando-me a responsabilidade de outorgar, em primeira mão, a minha própria história de vida. Agradeço aos meus sogros Cristina e Arlindo Ferreira e aos meus cunhados Jocelyn e Pedro Ferreira o acolhimento familiar que me têm facultado e o apoio que têm dado à educação da minha filha.

Às minhas amigas de sempre Sandra Longo Fernandes, Margarida Barreto, Catarina Barreto Soares da Silva e Ana Drummond Borges peço perdão pela minha indisponibilidade nos últimos tempos. Ao amigo António Macedo de Carvalho agradeço as décadas de amizade comungadas e a tela com a imagem de Albert Einstein que, estando fixada numa das paredes da minha biblioteca, ao primeiro sinal de descontração me sentencia: *you should be working*. Aos meus amigos dionisíacos, que gostam de celebrar a vida como se não houvesse amanhã, agradeço o quanto têm contribuído para o meu lazer: Luís Barreiros, Rui

Barreiros, Stephane Ferreira, Vanessa Ferreira, Tom Van Osten, Carlos Cardoso, Joanna Withfield, Arménio Rodrigues, Ricardo Rocha Dinis, Sandra Saborano Custódio, Carlota Vieira, Tiago Rico, Sandra Tavares, André Acena, Luís Drummond Borges, José Pedro Soares da Silva, Íris e Pedro Eduardo Ferreira, Sandra e João Martins Vaz e Susana e Pedro Gonçalves Pereira. À família Claro, principalmente ao amigo Fernando Claro, agradeço a boa disposição das suas personalidades e os anos de amizade e de sociedade vividos.

Aos Professores da Escola Superior de Saúde Jean Piaget/Algarve, com quem trabalho desde 2004, e com quem estabeleci parcerias que estão para além da relação profissional, agradeço o incentivo à conclusão desta tese. Um agradecimento especial à Sr^a Professora Doutora Ana Maria Almeida que, muito mais que Presidente da Direcção da Escola, é um verdadeiro exemplo de empreendedorismo, liderança e humanismo. Aos colegas Isabel Júlio, Raquel Gonzales, Nelson Sousa, Rogério Andrade, Beatriz Machado, Brigitte Lehodey e Amélia Gracias, expresso o meu sentido agradecimento.

Ao meu marido Mário Borges Ferreira, agradeço a estabilidade da nossa relação conjugal e a carga de amor que incute à nossa vivência familiar. O orgulho e as expectativas que em mim deposita, a nível pessoal e laboral, apesar de exagerados, são o ânimo que retempera as minhas forças e me leva sempre a prosseguir. Nunca me recusou qualquer pedido de ajuda e tem-se revelado um suporte emocional, familiar, social, empresarial, académico... indiscreto. Não tenho palavras para lhe agradecer o tanto que tem feito por mim e por me ter dado o tesouro da minha vida.

Esta tese é dedicada, *ab imo corde*, à minha filha Sofia que é tudo quanto tenho e sou.

Resumo

A *História da Filosofia da Educação em Portugal. Dos programas de ensino ao campo disciplinar (1976-2006)*, é um estudo que pretende sistematizar a actividade filosófica, realizada sobre a questão educacional por parte dos filósofos portugueses, directamente dedicados à docência desta disciplina, na Instituição universitária. A reunião de um espólio documental capaz de fundamentar a estruturação de uma hermenêutica discursiva acerca das condições formais inerentes à institucionalização do campo disciplinar, das matrizes filosófico-educacionais prementes, das relações estabelecidas entre os elementos do campo e a análise ao *ethos* dos filósofos da educação portugueses, foi elaborada em função da possibilidade de mapear o conjunto de temas, problemas, autores e concepções epistemológicas que, no arco temporal que o estudo compreende, se evidenciaram no campo disciplinar da Filosofia da Educação, a nível da sua presença nos programas de ensino e nos textos publicados pelos responsáveis pela docência da disciplina. O que este estudo pretende advogar, em última instância, é a militância, por parte dos filósofos da educação nacionais, na defesa da importância da presença da reflexão filosófica na questão educativa, o cariz humanista e antropológico que demarcou a identidade da Filosofia da Educação Portuguesa das demais e o depauperamento do estatuto académico da disciplina, no mundo académico nacional, face à sua potencialidade.

Nesse propósito, começamos por analisar o processo de consolidação do campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal, partindo da análise às condições apriorísticas que possibilitaram a institucionalização da disciplina para, seguidamente, nos debruçarmos sobre a realidade pretérita da sua emergência e presença disciplinar, nas diferentes Instituições para, *a posteriori*, esboçar o *ethos* dos filósofos da educação portugueses.

Palavras-chave: Filosofia da Educação, História da Educação, Campo Disciplinar, Identidade Disciplinar e Filósofos da Educação Portugueses.

Abstract

The History of Philosophy of Education in Portugal. From the teaching programs to the disciplinary field (1976-2006), is a study that aims to systematize the philosophical activity on the educational issue, by Portuguese philosophers directly dedicated to teaching this discipline at the University Institution.

The documental collection to support the structuring of a discursive hermeneutics concerning the formal conditions attached to the institutionalization of the disciplinary field, the pressing philosophical and educational matrices, the relations between the elements of the field and the ethos analysis of the Portuguese philosophers of education was built according the ability to map the set of issues, problems, authors and epistemological concepts within the temporal arc that comprises the study, were revealed in the disciplinary field of philosophy of education at the level of its presence in the teaching programs and published texts by those responsible for teaching the discipline. What this study intends to advocate, ultimately, is the militancy on the part of the national philosophers of education to for the advocacy on the importance of the presence of philosophical reflection on the issue of education, of the humanistic and anthropological character which demarcated the identity of the Portuguese Philosophy of Education and the depletion of its academic status among the national academic world, given its potential .

In this way, we begin by analyzing the process of consolidation of the disciplinary field of Philosophy of Education in Portugal, starting from the analysis of the a priori conditions that allowed the institutionalization of the discipline, to subsequently explain the past reality of their emergence and the disciplinary proceedings in the different institutions for the a posteriori outline of the *ethos* of the Portuguese philosophers of education.

Keywords: Philosophy of Education, History of Education, Disciplinary Field, Discipline Identity and Portuguese Philosophers of Education.

Introdução

Tema

Qualquer tentativa feita pelas ciências, tais como são historicamente constituídas, para encontrar um melhor fundamento, para se compreenderem melhor a si próprias, para compreender o seu próprio sentido e o seu próprio funcionamento corresponde a uma tomada de consciência de si próprio do cientista (Husserl, s/d: 194).

Tanto quanto a memória o permite recordar, o nosso primeiro contacto com as temáticas alusivas à Filosofia da Educação ocorreu nos finais da década de noventa do século passado no âmbito da frequência do curso de licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Porém, a consolidação do interesse pela temática só se verificou a partir de 2004, com o ingresso no curso de mestrado em Filosofia e Acção Educativa na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, principalmente, através da relação docente/discente com filósofos como José Ribeiro Dias, Cassiano Maria Reimão e Maria de Sousa Pereira Coutinho cujo contributo à nossa reflexão se revelou determinante.

O tema da Filosofia da Educação voltou a surgir-nos como campo a pesquisar em 2007 no âmbito do curso de doutoramento em Educação – especialidade em História da Educação - na Universidade de Lisboa, no qual, sob a sábia influência do Sr. Professor Justino de Magalhães, se iniciou o desafio de, pioneiramente, escrever a História da Filosofia da Educação em Portugal.

A exaltação da dedicação ao trabalho foi resultante da conjugação harmoniosa entre os seguintes factores: o âmbito e propósito da área disciplinar do curso de doutoramento, a nossa base de formação académica e a parca existência de estudos efectuados acerca deste campo disciplinar.

O tema torna-se relevante pela importância própria da Filosofia da Educação, à qual, inegavelmente, deveria pertencer um lugar de destaque no campo filosófico e no campo educacional. Relevante, também, porque nos tempos correntes se evidencia um certo desinteresse por esta área do saber nos meios universitários. Relevante porque, apesar do superior mérito dos estudos efectuados e publicados por filósofos da educação portugueses, escasseiam os trabalhos dedicados em exclusivo a abordar a Filosofia da Educação em

Portugal na perspectiva histórica, não existindo, até à data da presente investigação, nenhuma tese de doutoramento neste domínio. Fomos, desta forma, levados a acreditar na importância de dedicar a este tema um trabalho com as características apresentadas, que pretende ser o singelo resultado de um esforço contínuo, da sua autora, para construir uma narrativa sobre a realidade pretérita da disciplina de Filosofia da Educação em Portugal no período de trinta anos compreendido entre 1976 e 2006.

Problema

A educação é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens (Kant, 2006: 20).

Colocou-se-nos, pois, o problema de saber aquilo que, no âmbito da História do campo da Filosofia da Educação, havia a investigar em Portugal. Terá existido um sólido movimento filosófico-educativo no nosso país de 1976 a 2006? Quais as influências e intervenientes principais desse movimento? Qual a importância e dimensão do espólio discursivo filosófico-educativo produzido nesses trinta anos? Que concepções filosófico-educacionais podem, através de um trabalho de sistematização, daí ser extraídas? Sobre que aspectos educacionais tem vindo a reflectir a Filosofia da Educação? De que modo foi, filosoficamente, fundamentada essa reflexão? Qual a relevância pragmática dessa reflexão no cenário educacional? Quais as fontes destes fundamentos filosóficos resultantes da reflexão filosófico-educativa?

Reformulando estas questões de modo a reduzi-las e, simultaneamente, ordená-las teríamos três grandes questões correspondentes a cada uma das partes do trabalho: Como é que se constituiu o campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal? Como é que se estruturaram os programas de ensino e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação portuguesa? Quais foram os *ethos* dos Filósofos da Educação portugueses?

Deste modo, podemos dizer que, sendo a investigação da História da Filosofia da Educação em Portugal o objectivo geral deste trabalho, estas três questões apontam-nos os seus objectivos específicos, os quais seriam, então os seguintes: 1) pesquisar o processo apriorístico de consolidação do ideário filosófico-educativo em Portugal; 2) investigar a presença disciplinar da Filosofia da Educação no mundo académico português; 3) definir as

concepções filosófico-educacionais dos filósofos da educação nacionais.

Metodologia

A história de um domínio é mesmo, pedagogicamente, o meio mais seguro e profícuo de nele entrarmos, posto que, desse modo, o conhecemos por dentro, conhecemos as razões que a ele levaram: conduzidos pela concretude da sua emergência, compreendemo-lo também mais fácil e profundamente (Reis, 2001: 9).

No propósito de encontrar respostas a tantos problemas, o método adoptado, no presente trabalho, é de cariz essencialmente histórico e problematológico e integrará distintos procedimentos. Aos três grandes núcleos problemáticos – os *a priori* da Filosofia da Educação em Portugal; A Estrutura dos Programas Disciplinares e Grupos que Integraram o Campo da Filosofia da Educação Portuguesa; O *ethos* dos Filósofos da Educação Portugueses – deverão corresponder diversos caminhos com determinada sequência, de forma a que, com o conhecimento alcançado na resposta ao primeiro núcleo se possa avançar para a resposta ao segundo que, por sua vez, constituirá um patamar de conhecimentos para a elucidação do terceiro.

Contudo, para responder aos problemas colocados iremos recorrer a distintos procedimentos metodológicos: o histórico, o hermenêutico-fenomenológico, o analítico, o sintético, o dialéctico e o reflexivo.

No respeitante ao procedimento metodológico histórico, serão, fundamentalmente, tidos em conta os testemunhos escritos. Recolheremos o testemunho escrito dos filósofos da educação portugueses, sejam autobiográficos, ou não, desde que mereçam a nossa credibilidade e pretendemos debruçar-nos sobre o universo de fontes de pesquisa, alusivo ao tema, possível de reunir.

No entanto, em sintonia com a interpretação de António Nóvoa ao escrito de Bourguière, partimos do princípio que defende que o objecto que é investigado “não é o passado em si próprio, mas sim tudo o que nos vestígios deixados por esse passado pode responder às questões que ele coloca e que lhe são sugeridas pelo mundo em que vive” (Bourguière, cit. por António Nóvoa, 1994: 6).

Por essa razão, durante a leitura dos discursos referentes ao tema da Filosofia da

Educação em Portugal, tivemos que nos socorrer de um procedimento metodológico de índole hermenêutico-fenomenológica que nos possibilitasse interpretá-los de modo a compreender a mensagem educacional e filosófica.

Para estudar o presente tema, na perspectiva que aqui nos move, tivemos que empregar um procedimento analítico que nos possibilitasse separar as concepções filosófico-educativas de outras que se possam encontrar presentes nos textos abordados. Porém, ter-se-á que empregar, igualmente, um procedimento de síntese: síntese dos núcleos temáticos dotados de unidade própria dos dados decompostos, interpretados e explicitados; síntese determinadora do conjunto das concepções filosóficas directamente fundamentadoras das concepções educacionais, síntese de um procedimento metodológico dialéctico de confronto entre diferentes concepções (teses e antíteses) filosófico-educacionais.

A divisão do trabalho em três partes é consequente da proposta de definição do conceito de campo apresentada por Pierre Bourdieu no texto, de 1991, intitulado *Le champ littéraire*. Analisando o conceito de campo de Pierre Bourdieu, enquanto ferramenta operacional de suporte ao trabalho de pesquisa e como categoria de aprofundamento e complexificação, revela-se a possibilidade de utilização deste conceito compreendendo-o como espaço de sedimentação em que ocorreram as relações entre os indivíduos, os grupos e as suas estruturas que, obedecendo a uma dinâmica pautada por leis próprias e a um *devoir* animado pelas disputas internas, foi movido pelo interesse¹ de alcançar o sucesso nas relações estabelecidas entre os seus componentes (Bourdieu, 2001). A noção de campo de Bourdieu, traduzindo uma dialéctica de complexidade, deverá ser entendida como referente a um universo que, “obedecendo a regras específicas” (Bourdieu, 2004: 20), se verificou vinculado a um capital científico cumulativo e envolvido em disputas de natureza diversa. Nesse sentido, é entendido que o campo disciplinar da Filosofia da Educação portuguesa, possuindo uma tipologia própria correspondente às relações intrínsecas e historicamente estabelecidas entre as suas estruturas e agentes, é detentor de um *devoir* norteado por uma lógica que o demarca dos restantes campos disciplinares.

Na tentativa de adaptar a proposta supra mencionada, a primeira parte, do presente trabalho, é dedicada à abordagem aos *a priori* da Filosofia da Educação; na segunda é

¹ Este interesse é denominado por Pierre Bourdieu como *illusio*, expressão latina que pretende designar uma forma particular de interesse na medida em que os interessados se encontram envolvidos na dinâmica do campo (Bourdieu, 2003).

analisada a gradativa consolidação disciplinar da Filosofia da Educação, em seis Universidades, considerando a produção filosófico-educacional realizada pelos filósofos e a sua participação na actividade científica do campo; e, na terceira, é traçado o *ethos* dos filósofos da educação portugueses.

Interessa, por ora, presentificar que são designados como filósofos da educação, os docentes disciplinares de Filosofia da Educação detentores de uma sólida formação científica na especificidade da Filosofia da Educação e outorgantes de produção bibliográfica relevante para o campo. Sabendo que, “a qualquer autor português, no domínio da Filosofia, é sempre lançado o repto da dúvida se é ou não filósofo” (Gama, 1994: 167) a consciência da opção de utilizar a expressão filósofos da educação portugueses é, provocadoramente, assumida como sendo, à partida, um pouco ousada.

Paralelamente a todas estas vertentes metodológicas verificar-se-á a presença da nossa reflexão pessoal que, amiudadamente, deverá elucidar-nos sobre a orientação e percurso do trabalho, ou seja, na formulação das respostas aos problemas anteriormente colocados.

Organização do trabalho

A forma como o trabalho se encontra organizado é, em boa parte, resultante da metodologia adoptada. Seguindo a proposta metodológica avançada por Pierre Bourdieu, adaptada por António Nóvoa (1994) para definir um campo científico, o trabalho encontra-se dividido em três partes.

Na primeira parte do trabalho, debruçada sobre os *a priori* da constituição do campo disciplinar da Filosofia da Educação, é proposto elucidar o esforço de teorização da educação realizado pelos filósofos portugueses e relacionar esse propósito com o contexto filosófico universitário nacional no período anterior à institucionalização disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal.

Na segunda parte, é analisada a estrutura dos programas e dos grupos que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação. Nessa fase do trabalho é analisado o trajecto da Filosofia da Educação em seis Universidades portuguesas ordenadas de acordo com a cronologia do surgimento disciplinar da Filosofia da Educação em cada uma delas. De modo a organizar e sistematizar o tratamento da informação respeitante a cada uma das

Universidades foi, novamente, utilizado como recurso o método proposto para dividir a totalidade do trabalho. Assim sendo, em cada uma das Instituições são explanados os *a priori* do surgimento da Filosofia da Educação, é analisada a estrutura dos programas e dos grupos que integraram este campo disciplinar e são traçados os *ethos* dos filósofos da educação de cada Universidade. Ainda na segunda parte do trabalho, no propósito de elaborar uma síntese geral do mapeamento disciplinar, é realizada uma cartografia geral da presença da Filosofia da Educação, nos diversos níveis de ensino, do total das Universidades contempladas para o estudo, são analisadas todas as teses de doutoramento registadas no domínio científico da Filosofia e da Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação, defendidas em Portugal até 2006 e é, ainda, elaborada uma cronologia da Filosofia da Educação em Portugal.

Na terceira parte do trabalho é traçado o *ethos* dos filósofos da educação portugueses, começando por retratar a formação académica dos docentes da disciplina, analisando a heterogeneidade das concepções de Filosofia da Educação vigentes no mundo académico nacional para, seguidamente, problematizar a posição de cada filósofo no referente à presença disciplinar da Filosofia da Educação ou no campo científico da Filosofia ou no das Ciências da Educação. A seguir, são apresentadas as relações mestre/discípulo estabelecidas no campo da Filosofia da Educação portuguesa, seguidas da respectiva análise. Posteriormente é realizada uma síntese totalizadora dos programas de ensino da disciplina, incluindo a bibliografia para, sustentadamente, avançar com a pesquisa alusiva às grandes preocupações da Filosofia da Educação portuguesa: a educação como preparação para a vida e o processo de formação docente. Para finalizar, é realizado um balanceamento da situação da Filosofia da Educação em Portugal, do ponto de vista lectivo, investigativo e educacional, face ao sucedido, no curso da História da disciplina, em alguns outros países da Europa e nos Estados Unidos da América e no Brasil.

A demarcação das datas de limitação do estudo foram definidas de acordo com a ordem de ideias que pressupõe que o começo é datado pela existência de uma fonte escrita que refere o início do ministério da disciplina de Filosofia da Educação numa determinada Universidade e o seu termo é imposto no ano 2006, atendendo a que, a partir dessa data, começou a entrar em vigor o Processo de Bolonha em muitas das Instituições contempladas. Pautada por este cânon, a data de conclusão do trabalho manteve-se constante desde o seu início. Porém, a data do seu começo teve que ser várias vezes alterada em conformidade

com o avanço da pesquisa.

Chegado o momento de definição da baliza temporal do trabalho, mais uma vez, se impôs uma difícil opção a tomar: a fonte que indicava o início da regência da disciplina em 1976 na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, indicava, também, a sua instância “desde os fins da década de 60, com alguns hiatos, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), com o título de História e Filosofia da Educação” (Gomes, 1988: 71). Perante a impossibilidade de recolher qualquer fonte documental capaz de suportar a escrita sobre a História da Filosofia da Educação no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), esta Instituição não foi, deliberadamente, incluída no estudo. Além do mais, será pertinente atentar sobre o facto do próprio historiador Joaquim Ferreira Gomes não ter conseguido indicar, objectivamente, a data de início da leccionação da disciplina no ISPA e de ter tido o cuidado de mencionar a existência de hiatos na sua leccionação, o que, facilmente, conduz à dedução da inexistência de permanência consolidada da disciplina nesse Instituto. Contudo, sabendo que, entre 1972 e 1974, Rogério Fernandes foi Professor no ISPA (Felgueiras, 2011), talvez possa ter estado relacionado com a docência da disciplina nessa Instituição.

Podemos, igualmente, mencionar que, ao longo do processo de recolhas de fontes, nos foram oralmente facultadas muitas informações sobre a leccionação de Filosofia da Educação que, face à inexistência de suporte escrito capaz de as fundamentar, raramente estão contempladas no trabalho.

Assim sendo, foi determinada como baliza temporal inicial, para a escrita da História da Filosofia da Educação em Portugal, o ano de 1976 e como baliza temporal final 2006, fazendo com que o arco temporal do estudo incida no período de trinta anos compreendido entre 1976 e 2006.

O critério de abordagem das Instituições onde a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada, foi pautado pelo propósito de estudar a presença disciplinar da Filosofia da Educação nas principais Universidades² portuguesas, no propósito de definir quais delas

² Apesar do presente trabalho se debruçar, exclusivamente, sobre o estudo alusivo à História do campo disciplinar da Filosofia da Educação em seis Instituições de Ensino Universitário portuguesas, há que ter em conta que esta disciplina foi igualmente leccionada, isoladamente ou em parceria com a disciplina de História da Educação, (História e Filosofia da Educação/Filosofia e História da Educação) em Instituições de Ensino Superior Politécnico, nomeadamente, na Escola Superior de Educação da Guarda, na Escola Superior da Educação de Leiria, na Escola Superior de Educação de Santarém, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, na Escola Superior de Educação de Viseu (Mogarro, 2007), na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, na Escola Superior de Educação de Beja, na Escola Superior de Educação João de Deus e na Escola Superior de Educadores Maria Ulrich.

podem ser, legitimamente, rotuladas como Escolas de Filosofia da Educação.

Neste sentido, o termo Escola de Filosofia da Educação refere-se às Instituições onde a disciplina foi ministrada no âmbito de vários níveis de ensino, onde se realizaram projectos de investigação no campo, em que se defenderam teses de mestrado e doutoramento e onde foram estipuladas relações mestre/discípulo.

Será oportuno clarificar, de antemão, que o termo mestre deverá ser entendido como referência ao professor que aspira ao gerar de condições propícias para que o seu discípulo se venha a converter num mestre e que o termo discípulo se refere “ao aluno que conquista autonomia” (Gomes, 2008: 16).

De qualquer modo, as Universidades onde não foram reunidas condições para usufruir do estatuto de Escola de Filosofia da Educação são, igualmente, interessantes para o estudo atendendo à particularidade de que cada uma delas fez, de algum modo, com que se demarcasse no cenário filosófico-educacional ou pela existência de uma linha de pensamento diferenciada, ou porque nelas ocorreu um momento relevante na História da Filosofia da Educação nacional, ou pelo pioneirismo da leccionação da disciplina, ou pela presença extensa e consolidada deste campo disciplinar nos planos curriculares de algum dos seus cursos.

Em conformidade com o critério adoptado, foram estudadas as Universidades de Lisboa, de Coimbra, do Minho, do Porto, de Évora e Nova de Lisboa³ sendo, cada uma delas, alvo de um tratamento muito próprio, atendendo às fontes de pesquisa reunidas.

Sabendo que, à partida, poderá suscitar admiração a não inclusão da Universidade Católica Portuguesa no presente trabalho, principalmente no que se refere à Faculdade de Filosofia de Braga e ao pólo de Lisboa, esclarecemos, antecipadamente, o motivo dessa exclusão: os Professores que asseguraram a docência disciplinar de Filosofia da Educação na Universidade Católica Portuguesa foram os mesmos que leccionaram a disciplina nas Instituições seleccionadas para este estudo.

³ A respeito da presença disciplinar da Filosofia da Educação nas Instituições universitárias portuguesas, é sabido que, no arco temporal que este estudo compreende, a disciplina foi leccionada, autonomamente ou em associação com a disciplina de História da Educação (História e Filosofia da Educação/Filosofia e História da Educação), na Universidade da Madeira, na Universidade do Algarve, na Universidade de Aveiro, na Universidade da Beira Interior, na Universidade Aberta, na Universidade Católica Portuguesa (Santos, 2007) e na Universidade dos Açores.

Arquivo

A tarefa de reunir um espólio documental e um acervo bibliográfico capaz de fundamentar a redacção da *História da Filosofia da Educação em Portugal* foi o resultado de um aturado trabalho de pesquisa que, de certa forma, não correspondeu às expectativas iniciais, tanto no respeitante às condições de acesso às fontes, como no referente ao volume de publicações disponíveis.

O arco temporal que o trabalho compreende, 1976-2006, deveras cronologicamente pouco distante, levou-nos *ab initio* a acreditar que não haveria grande dificuldade em aceder a materiais alusivos à presença disciplinar da Filosofia da Educação, nas diferentes Instituições universitárias, como *Anuários das Universidades*, *Guias de Estudante*, *Guias de Curso*, *Panfletos de Curso* e *Boletins de Curso*, que compreendessem os programas de ensino da disciplina.

O conjunto de diligências empreendido, em função da reconstituição dos quadros institucionais e dos contributos curriculares das diversas Instituições, em que a disciplina funcionou, foi intenso e moroso. Porém, o acesso à informação, respeitante à presença disciplinar da Filosofia da Educação, foi tomado como condição imprescindível ao conhecimento representativo e avalizado da realidade, ao domínio das matrizes conceptuais e ao ajuizamento crítico sobre a constituição epistémica e pedagógica da disciplina.

Em face da inexistência de um Centro de Documentação, ou de um *locus* de referência que permitisse aceder ao conjunto de informação produzido nas diversas Instituições, foi desencadeado um prolongado processo de pesquisa nas várias Universidades, marcado pelo convívio com cenários institucionais diversificados, pela presença da disciplina em quadros curriculares distintos, pela análise de matrizes programáticas diferenciadas e com desequilíbrios de informação disponível no total das Universidades contempladas.

No entanto, após esgotado o trabalho de investigação nas Bibliotecas e depósitos das Universidades, onde por vezes a ordenação e arquivo dos documentos não era, de todo, favorável ao acesso, e batidas todas as fontes disponíveis na Biblioteca Nacional, foi encontrado no contacto directo com os vários docentes da disciplina a via mais célere de acesso aos programas de ensino, a materiais didácticos e a publicações de trabalhos realizados, por vezes em parceria com os discentes, no âmbito da disciplina.

Desse contacto directo com os docentes da disciplina de Filosofia da Educação em Portugal, alguns ainda em exercício e outros já jubilados, decorreu sempre um momento de esclarecimento sobre o ponto de situação, passado, presente e futuro da Filosofia da Educação nacional. Contudo, atendendo a que o critério de elaboração do presente estudo se reporta ao espaço temporal já mencionado e que tudo quanto foi escrito se fundamenta, preferencialmente, em base documental e bibliografia disponível *per scriptum*, as *disputationes* filosófico-educativas ocorridas não devem ser confundidas com entrevistas, atendendo a que tudo quanto foi dito e insinuado, desprovido de suporte de registo discursivo escrito, só muito pontualmente foi contemplado para o trabalho.

Assinalamos que o suporte legal teve que ser imprescindivelmente considerado, uma vez que é de uma disciplina ministrada em Instituições universitárias que estamos a tratar e que *a fortiori* a maioria das ocorrências acontecidas neste âmbito são abrigadas pela força de lei.

Por sua vez, a reunião e análise das teses de doutoramento em Filosofia ou em Ciências da Educação/Educação, na especialidade de Filosofia da Educação, foram, significativamente, importantes para a análise das linhas de força da investigação filosófico-educacional empreendida em Portugal para tentar mapear as relações mestre/discípulo e as influências estabelecidas na comunidade de filósofos da educação nacionais.

De igual modo, a atenção dedicada aos programas disciplinares e à bibliografia filosófico-educativa recomendada pelos docentes da disciplina não poderia ter sido descurada. A análise criteriosa aos temas, aos conteúdos, às obras e aos filósofos eleitos, como suporte ao estudo da disciplina, revelou muitas das conformidades filosófico-educacionais dos autores dos programas e apontou a existências de filiações intelectuais ora comuns, ora distintas, controversas e, por vezes, opostas. Não obstante, o cuidado do estudo prende-se com a identificação e explanação das mesmas, tentando identificar e ajuizar as posições filosófico-educacionais assumidas pelos filósofos. Dadas as dificuldades de fidelidade e assertividade a um exercício hermenêutico axiologicamente neutro, será por *mea culpa* que terá que ser reconhecido o incumprimento do propósito estipulado.

A intenção de reflectir sobre a realidade passada da Filosofia da Educação em Portugal não foi tomada como tarefa privilegiada por parte dos filósofos da educação nacionais. Num dos poucos trabalhos publicados, sob esse prisma, Manuel Ferreira Patrício optou por não analisar o trabalho realizado pelos “vivos” (2000: 78). Inversamente, apresentando *data*

venia para com Manuel Patrício, a opção de análise discursiva eleita para a realização deste trabalho é fundamentada nos discursos outorgados por aqueles que o filósofo da educação eborense excluiu do seu cenário de reflexão.

Estamos cientes das eventuais implicações decorrentes da manifestação de pareceres sobre o trabalho realizado por aqueles que se poderão pronunciar sobre a nossa reflexão. Assumimos reconhecer que escrever sobre os contemporâneos contempla uma margem de risco acrescida. Também sabemos que sendo esses contemporâneos filósofos, críticos por natureza, o risco será ainda maior. Porém, não olvidando a possibilidade de reacção a este estudo que, a existir, será, por ora, inimaginável, afirmamos, desde já que, independentemente do tipo de juízo emitido, será acolhido com agrado porque, para nós, todo o discurso produzido em torno da História da Filosofia da Educação portuguesa é, por si só, razão de alegria e se, eventualmente, ele for resultante de alguma provocação decorrente do nosso trabalho, o nosso estado de *eudaimonia* será pleno.

Acreditamos que quantos mais contribuírem para a construção desta História, cujo presente estudo desejamos que seja um simples prefácio, maior será a condição de entendimento da realidade pretérita e melhor poderá ser a reflexão acerca das opções a tomar no futuro. Sabemos que ninguém é bom juiz em causa própria mas, quem melhor que os próprios protagonistas poderá interpretar o curso de uma História agregada ao seu percurso de vida?

Jacques Le Goff definiu a “paixão pela História” como sendo “um dos aspectos da necessidade de identidade” (1991: 25) e indicou como característica da “História Nova” a possibilidade de reflexão acerca do passado, simultânea à preocupação com o presente mais imediato (1991: 27). Só a consciência agudizante dos percursos escolhidos, que conduziram a Filosofia da Educação ao estado da situação actual, que está longe de ser a ideal, poderá nortear as opções porvir e otimizar a sua definição identitária.

O presente estudo fundamentado nos discursos filosófico-educacionais produzidos pelos docentes da disciplina de Filosofia da Educação com formação filosófica consolidada pretende, pela via da análise hermenêutica desse acervo, tentar fazer o levantamento da tipologia discursiva publicada, no sentido de poder, através do encontro de temas, problemáticas e correntes filosóficas comuns, esboçar um género de perfil identitário da Filosofia da Educação em Portugal.

Nessa intenção, o arquivo de suporte ao trabalho realizado compõe-se, essencialmente, pelos programas de estudo da disciplina de Filosofia da Educação, pelos programas curriculares dos cursos em que a disciplina foi leccionada, pelos *curriculum vitae* dos docentes da disciplina, pela legislação publicada que inferiu com o ministério da disciplina, artigos constantes em revistas, actas de congressos/encontros/sociedades e livros, capítulos de livros publicados sob a outorga dos docentes da disciplina de Filosofia da Educação, trabalhos realizados, autonomamente ou em parceria com os alunos, que foram ao prelo, pela interpretação das escolhas presentes no registo bibliográfico recomendado pelos docentes aos discentes e pelas teses de doutoramento em Filosofia ou em Ciências da Educação/Educação, com especialidade em Filosofia da Educação, defendidas em Portugal até 2006.

Declarando que o total de diligências empreendidas para reunir o espólio documental e bibliográfico de suporte ao presente trabalho foi, integral e exclusivamente, realizado pessoalmente pela sua autora, por maioria de razão, qualquer imputação da responsabilidade, respeitante ao acervo de suporte à escrita, terá que lhe ser dirigida.

A opção de não delegar a incumbência de procura de fontes documentais, assumida como ponto de honra para a realização do trabalho, permitiu à autora ter a felicidade de imergir directamente no trabalho de campo realizado, segura da simultaneidade do esgotamento das fontes face ao limite da sua capacidade de pesquisa.

Ao longo do processo de construção do arquivo, a alegria de aceder aos documentos procurados só poderá ser equiparada ao espanto de encontrar algo não intencionalmente buscado. A surpresa da descoberta, do não vaticinado, foi uma constante ao longo do processo de investigação. A queda de algumas certezas, o impacto perante os factos, a ausência de fundamentação de perspectivas, a escassez de bibliografia publicada e a estupefacção decorrente da análise, implicou a desconstrução de uma arquitectura do campo disciplinar, utopicamente idealizada, em nome da fidelidade ao rigor do trabalho académico empreendido, cujo resultado é, em boa parte, reflexo da humilde actividade realizada no campo da Filosofia da Educação em Portugal face às suas potencialidades e perante as condicionantes institucionais disponibilizadas.

Decorrente do efectivo depauperamento da Filosofia da Educação no contexto académico nacional, face à sua potencialidade inata, constata-se que a atenção dedicada ao passado

histórico da disciplina foi descurada pelos elementos do campo.

Do pouco que foi escrito sobre História da Filosofia da Educação em Portugal, distinguem-se os textos *A Filosofia da Educação em Portugal no século XX*⁴, de Manuel Ferreira Patrício, e *Diálogos em Torno da Filosofia da Educação em Portugal – Balanços e Perspectivas*⁵, da autoria de Manuel Alte da Veiga e de Alberto Filipe Araújo. Estes dois escritos serviram de referência e apontaram importantes linhas de pesquisa a efectuar no decurso deste estudo.

Contudo, numa abordagem menos atenta ao texto de Manuel Patrício, poderá surgir a ilusão que, em certa medida, as datas apontadas e as Instituições referidas, no que se prende com o surgimento disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal, não são conformes à informação contida nesta tese. Importa clarificar um importante critério: no texto em causa, o filósofo assume que tanto se refere à Filosofia da Educação como a outras disciplinas afins (como por exemplo à Teoria da Educação) e, contrariamente, este trabalho versa, exclusivamente, sobre a disciplina de Filosofia da Educação, sendo as únicas excepções a geminação da disciplina com a História da Educação, acontecida na Universidade de Lisboa e na Universidade do Minho, e com a Pedagogia ocorrida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Outras obras que, apesar de dedicadas à História da Educação em Portugal foram, igualmente, importantes para a elaboração deste trabalho, foram a *História da Educação em Portugal*⁶ de Joaquim Ferreira Gomes, Rogério Fernandes e Rui Grácio, o texto das Provas de Agregação de António Nóvoa⁷ e *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspectivas*⁸ realizada sob a organização de Joaquim Pintassilgo, Luís Alberto Alves, Luís Grosso Correia e Margarida Louro Felgueiras.

Tendo em conta que estes três trabalhos, realizados por alguns dos mais ilustres

⁴ Este texto de Manuel Ferreira Patrício encontra-se publicado na obra: CALAFATE, P. (Org.) (2000). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol. V – O século XX. Lisboa: Editorial Caminho.

⁵ Este texto, escrito em co-autoria por Manuel Alte da Veiga e Alberto Filipe Araújo, está integrado no livro: ESTRELA, A. (Org.) (2007). *Investigação em Educação*. Lisboa: Educa.

⁶ GOMES, J. F., FERNANDES, R. e GRÁCIO, R. (1988). *História da Educação em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.

⁷ NÓVOA, A. (1994). *História da Educação. Provas de Agregação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

⁸ PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. e FELGUEIRAS, M. L. (Org.) (2007). *A História da Educação em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Edições ASA.

historiadores da educação nacionais, são dedicados à História da disciplina de História da Educação, as suas metodologias e as suas formas de organização laboral, serviram de inspiração para a escrita da *História da Filosofia da Educação em Portugal* que, em certa medida, se encontra organizada em função do cruzamento de algumas das diferentes racionalidades organizacionais e estruturais preferidas para a elaboração desses estudos.

De qualquer modo, foram utilizadas outras fontes bibliográficas, para além das específicas do campo disciplinar da Filosofia da Educação, principalmente obras de Filosofia, através das quais se fundamentou e estruturou todo o trabalho.

Não obstante, a presente narrativa pretende ser conforme ao arquivo reunido e à mundividência da sua autora que reconhece nos oceanos de livros que leu, viveu e amou, as suas matriciais armas de arremesso para a vida.

I Parte.

Os *a priori* da Filosofia da Educação em Portugal

1. Da possibilidade de existência de “Filosofias Nacionais” e de uma “Filosofia da Educação portuguesa”

O espírito sopra por toda a parte onde as criações do homem tenham lugar, mas ele não tolera que se lhe demarquem fronteiras. Pretender o contrário, é petrificá-lo (Coxito, 1992: 307).

As bodas com a pátria são como o matrimónio religioso, um sacramento que não admite divórcio. Renunciar à pátria é uma das formas ínfimas de degeneração moral do homem... (Figueiredo, 1929: 132).

A problematização da possibilidade de existência de Filosofias nacionais não é, de todo, uma temática original e em Portugal, à semelhança do sucedido noutros países, este problema tem potenciado tomadas de posição, por vezes extremadas, por parte dos filósofos do nosso país.

Considerada, por vezes, como sendo uma *vexata quaestio*, a questão da existência de uma Filosofia portuguesa, com características *sui generis*, tem sido tema recorrente na produção filosófica realizada no nosso país, presente em obras, publicações periódicas, entrevistas, debates, seminários, conteúdos programáticos de leccionação e disciplinas leccionadas.

Não podendo ser, de algum modo, rotulada como questão ociosa, a reflexão sobre a existência de uma História nacional de cultura filosófica capaz de proporcionar uma visão e compreensão da singularidade do espírito do povo português, encarando-o como unidade cultural diferenciada supõe, inevitavelmente, a existência de uma consciência colectiva na comunhão de um ideal comum.

Porém, sabendo que “a convicção da existência dum longo espírito latente às diferentes manifestações culturais de um povo, ao longo da sua história, supõe uma índole acentuadamente metafísica”, a defesa da permanência de um certo modo de ser português “é um ponto de vista apriorístico” (Coxito, 1992: 302), cuja comprovação histórica se revela discutível.

Importa, então, considerar o paradoxo da questão: por um lado surgem os argumentos apresentados pelos filósofos que, tal como Joaquim de Carvalho, defendem o postulado que “o Génio Nacional, como unidade viva e livre, se deveria reflectir na Filosofia” (1916: 3), contra a argumentação sustentada na perspectiva que acredita que “o único elemento que, dalgum modo, nos permite falar da influência da nacionalidade sobre a Filosofia é o facto da reflexão do filósofo nascer com a marca do tempo e do lugar não tendo, porém, que invocar-se o determinismo dum factor espiritual que, como vínculo, unisse os diversos pensadores duma mesma nação e imprimisse carácter distintivo ao pensamento de todos” (Coxito, 1992: 303).

Perante tal paradoxo, o busílis da questão prende-se com o propósito de demonstrar, historicamente, a existência de predilecções por certos problemas filosóficos e alusivas repercussões educacionais, no nosso país, em determinadas épocas, consequentes de factores concretos e, por vezes, extrínsecos à nossa geografia, raça e língua, atendendo a que a História do pensamento filosófico português se revela impregnada pelas tantas influências oriundas de outros países.

Assim sendo, o importante será interrogar o relevo e a densidade ontofenomenológicos do discurso filosófico-educativo e analisar a compreensão filosófica decorrente da sua teorização educacional, tentando fazer com que a própria possibilidade de interrogar filosoficamente o tema da Filosofia da Educação portuguesa seja, em si mesma, condição de optimização da compreensão filosófico-educacional nacional.

Nessa consonância, os próprios primórdios da teorização da educação nacional, levados a cabo por um português inserido no mundo académico fora de Portugal revela, desde logo, a importância da influência do contacto estabelecido com o pensamento estrangeiro na formulação de uma obra pedagógica que, durante alguns séculos, obteve reconhecimento no mundo académico nacional e internacional.

Contudo, a História da Filosofia em Portugal contém um período incandescente respeitante à defesa de um filosofar tipicamente português, ou seja, o século XX e os filósofos da *Renascença Portuguesa*.

Apostados em afirmar a ideia de existência de uma relação íntima entre a raça e a cultura, os pensadores agregados ao movimento da *Renascença Portuguesa*, nomeadamente, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, Álvaro Ribeiro, entre outros, em

certa parte influenciados pelo pensamento de Sampaio Bruno, defenderam, acerrimamente, a tese que postula “que a nossa Filosofia reflecte uma tradição peculiar ou um espírito que se terá mantido substancialmente idêntico para além das suas vicissitudes históricas” (Coxito, 1992: 305).

Defendendo a existência de uma tradição filosófica nacional como produto de uma simultânea concepção espiritual específica do povo português, os filósofos da *Renascença Portuguesa*, pela defesa deste ideal, inauguraram a possibilidade de conceber problemas, relacionados com a ipseidade da idiosincrasia dos portugueses, entre os quais o da saudade será “o que mais promete e o que mais aguarda quem lhe desvende o potencial de filosofemas com coerência lógica e consistência doutrinal” (Carvalho, 1986: 227).

Na obra *O Problema da Filosofia Portuguesa*, de 1943, Álvaro Ribeiro insurgiu-se contra a “persistente passagem de atestados de incapacidade especulativa passada aos portugueses” propondo a refundação de uma Filosofia genuinamente portuguesa, ou seja, “a Filosofia própria da fisionomia nacional” (Barata-Moura, 1998: 265).

O modo português de filosofar, isto é, o modo português de atingir o conhecimento supranormal de uma realidade sobrenatural, é perfeitamente aristotélico porque está relacionado com as artes da palavra. O modo português de filosofar consiste em erguer a palavra libertada à altura do pensamento, e procurar depois atingir a mais pura região do espírito (Ribeiro, 1957: 26).

Neste seguimento, será admissível que, com base na análise à instância de um sentimento tipicamente português na produção filosófica nacional, poderá ser encontrada forma de legitimar um certo tipo de Filosofia portuguesa diferenciada, “embora a sua autonomia e irredutibilidade apareçam atenuadas pela fuga a um nacionalismo estreito” (Coxito, 1992: 308).

Tratando-se o projecto empreendido pelos intelectuais da *Renascença Portuguesa* marcado por um cunho educacional, apostado na defesa da liberdade pelo ensino, as concepções filosóficas nacionalistas, promovidas por esta geração de pensadores, inaugurou um modo de reflectir, filosoficamente, sobre os problemas da educação nacional, cuja influência se repercutiu ao longo da História da Filosofia da Educação em Portugal.

Equacionada na perspectiva da sua genealogia e desenvolvimento histórico, a problematização da Filosofia portuguesa e o estreitamento da sua relação com as temáticas educativas, melhorou a definição dos seus contornos na esteira da difusão do *idearium* da

Renascença Portuguesa pela via da consciencialização de uma “tradição e de pedagogicamente a promover, apelando à actualização da possibilidade – prospectiva, futurista e até mesmo messianicamente entrevista – da sua legítima explicitação filosófica” (Borges, 1990: 619).

A exaltação da nacionalidade, como especificidade ideativa, sentimental e expressiva, detentora de uma metafísica, de uma estética e de uma sociologia implícitas, foi factor comum à reflexão filosófica e à problematização pedagógica avançada pelos elementos dos movimentos da *Renascença Portuguesa* e do *Orpheu*.

Uma vez que o grupo que, entusiasticamente, promoveu a possibilidade de existência de uma Filosofia Portuguesa foi o mesmo que potenciou a teorização pedagógica de base filosófico-educacional, analisar as repercussões do cunho metafísico, antropológico, poético, saudosista, personalista e existencialista ao longo da História da Filosofia da Educação em Portugal, será um desafio a enfrentar ao longo das páginas que se seguem.

2. Filosofia e educação em Portugal

2.1. A teorização da educação e a construção do estatuto epistemológico da Filosofia no período anterior à fundação da Universidade portuguesa

Ao longo da História de Portugal, a teorização da educação foi tema de preocupação, abraçado, excepcionalmente, por parte de alguns dos mais ilustres académicos nacionais, inclusive no período anterior à existência de qualquer Instituição de estudos universitários no país.

O primeiro esforço académico de teorização da educação, realizado por um português, remonta ao século XIII, foi anterior aos primórdios da fundação da Universidade em Portugal e foi consequente da filiação da sua reflexão no campo da Filosofia.

Considerando Pedro Hispano, nascido em Lisboa no início da década de vinte do século XIII, como pedagogo absoluto das Universidades europeias, durante pelo menos três séculos, através da difusão das suas *Summulae Logicales* e atendendo à presença de um propósito próximo da elaboração de um género de teoria educacional presente na sua obra, o filósofo medieval, também conhecido por João XXI, inaugurou a teorização da educação por parte dos filósofos portugueses.

Segundo reza a História, as *Summulae Logicales* de Pedro Hispano terão sido o segundo livro editado pela imprensa de Gutenberg (logo a seguir à Bíblia), foram texto obrigatório em todas Universidades europeias, foram imortalizadas por Dante na *Divina Comédia* e conheceram uma “fortuna crítica invejável por parte da acção escolar e pelos inúmeros comentários que lhe foram tecidos ao longo dos séculos” (Ferreira, 1999: 300).

Reconhecido como figura intelectual de grande importância filosófica e científica e como um dos mais iminentes representantes da Faculdade de Artes da História da Filosofia da Idade Média, Pedro Hispano destacou-se pelo ministério docente realizado nas Universidades de Paris e Siena e pelo pioneirismo da sua reflexão filosófica no qual se desvela o esboço de

um esforço de teorização da educação⁹.

Tratando-se de um autor de leitura incontornável nas principais Universidades da Europa, a Instituição universitária em Portugal que teve como referência, desde os seus alvares no período medieval, a dedicação ao estudo da Filosofia não lhe pôde ser alheia.

2.2. Fundação da Universidade em Portugal

Nas últimas duas décadas do século XIII, Portugal aspirou à elevação do nível de conhecimentos do Reino e ao aperfeiçoamento da formação intelectual dos seus clérigos. Cientes da importância dos estudos e do papel que estes poderiam desempenhar na sociedade, os prelados de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra esforçaram-se, de forma exemplar, por conseguir as autorizações necessárias, nomeadamente a régia, a episcopal e a papal, à consolidação da fundação da Universidade¹⁰ em Portugal (Carvalho, 2008).

Dando início ao exercício das suas funções, no período compreendido entre os anos de 1288 e 1290, o Estudo Geral da Real Cidade de Lisboa não beneficiou do movimento cultural criador e inovador originário à fundação de algumas das mais célebres Universidades europeias. Inversamente, a fase na qual deverão ser inseridos os seus alvares é a da estabilidade da Instituição universitária. A decisão de criar este Estudo, calorosamente apoiada pelo Rei D. Dinis, coincidiu com o ocaso do período inovador, sofrido nos primeiros anos de funcionamento, de algumas das mais prestigiadas Universidades da Europa, como a de Bolonha e Paris, cuja bandeira foi o princípio da liberdade intelectual do ensino e o direito à discussão (Mattoso, 1997).

Em nome do culto da excelência do saber, paralelo a uma ordem social estabelecida com base na instrumentalização hierárquica inerente ao Estado Monárquico, a criação do Estudo Geral de Lisboa intentou contra a deslocação dos portugueses, aspirantes à aquisição de

⁹ O filósofo da educação Manuel Ferreira Patrício também reconhece nas *Summulae Logicales* de Pedro Hispano a existência de um esforço de teorização da Educação (2000).

¹⁰ A palavra Universidade, *Universitas*, não tinha, na linguagem da Idade Média, o significado que hoje tem. Não se referia a uma escola, em que todos os ramos do saber estivessem representados, mas a um conjunto de pessoas. Num sentido mais técnico, esse termo significava corporação. Dizia-se *Universitas Magistrorum*, se aplicada ao grémio dos mestres; *Universitas Scholarium*, se atribuída à associação dos estudantes; e, em geral, *Universitas Magistrorum et Scholarium*, quando abrangia, indistintamente, a totalidade do corpo escolar, docente e discente que, numa unidade de cultura que partilhava um idioma cosmopolita comum, se havia vinculado numa forte e activa comunidade (Veloso, 1931).

uma educação mais completa, para Universidades fora do país e apostou no investimento cultural daqueles que pretendiam dedicar a sua vida à Igreja¹¹ (Mattoso, 1997).

Num enclave, condicionado pela vontade régia e clerical, este Estudo Geral abriu as suas portas, constituído por três Faculdades, sob o propósito de transmitir e receber os conhecimentos já existentes sem a preocupação de os aumentar com outros novos. Neste sentido, as recém inauguradas Faculdades de Artes, Direito e Medicina, dedicavam-se ao estudo dos autores estudados nas Universidades europeias semelhantes a esta (Carvalho, 2008).

No caso da Faculdade de Artes, que na época só funcionou com as disciplinas de Gramática, Lógica e Música, o estudo eminentemente filosófico era centrado, quase exclusivamente, na obra de Aristóteles que era considerada como sendo definitiva e completa nas informações expressas (Carvalho, 2008). A repercussão do Aristotelismo na cultura medieval portuguesa foi notável e, apesar de ter sido efectuada por diversas vias, o influxo principal teve proveniência na Universidade de Paris que, ao longo do século XIII, elevou a sua meritória conotação e, conseqüentemente, passou a constituir um poderoso foco de atracção para os bolseiros oriundos de todo o espaço geográfico europeu¹² (Caeiro, 1989).

Porém, no que se prende com a importância delegada aos estudos nas diferentes Faculdades, urge mencionar que a Universidade portuguesa, à luz do sucedido na maioria das congéneres Universidade do sul da Europa, atribuiu maior relevância ao Direito que à Teologia, delegou para um lugar modesto a Medicina e considerou o ensino da Gramática e da Dialéctica (Faculdade de Artes) como um estado preparatório para a aprendizagem nas outras Faculdades (Mattoso, 1997).

Reduzida a um estatuto epistemológico propedêutico, face aos restantes domínios do conhecimento, a Filosofia, no contexto inaugural do mundo universitário nacional, apesar de não ter gozado do prestígio mais elevado, foi considerada base fundamental na ascensão aos estudos superiores.

¹¹ Importa esclarecer que o acesso ao Estudo Geral de Lisboa não era exclusivo à condição de eclesiástico. Não obstante, a marca predominante dos seus Professores e escolares terá sido a de pertença à Igreja (Carvalho, 2008).

¹² Na História da Filosofia Portuguesa, o bolseiro da Universidade de Paris que, na época, maior protagonismo alcançou foi Pedro Julião ou Pedro Hispano, natural de Lisboa, filósofo, médico e Papa, sob o nome de João XXI. O seu famoso *Tractatus*, antes conhecido como *Summulae Logicales*, foi um compêndio adoptado nas escolas durante vários séculos (Caeiro, 1989).

A situação manteve-se inalterada durante o período inaugural da Universidade, durante o qual a Instituição se debateu por ultrapassar a sua debilidade congénita, comparativamente às mais conhecidas Universidades europeias. Com a transferência da Universidade para a cidade de Coimbra, em 1308, foi conseguida uma significativa melhoria organizacional. Os novos *Estatutos Universitários*, concedidos por D. Dinis, imediatamente posteriores à transferência da Instituição universitária para a cidade de Coimbra, contribuíram bastante para a sua reorganização. Contudo, apesar da quantidade de privilégios com que D. Dinis a dotou, foi preciso esperar cerca de dois séculos para que, a itinerante Universidade portuguesa, se sedentarizasse¹³ e para que as suas estruturas adquirissem uma certa solidez (Mattoso, 1997).

Precariamente organizada e itinerantemente sedentarizada a Universidade medieval nacional, foi cumprindo as suas funções de acordo com a medida das suas possibilidades. Por sua vez, a Filosofia, na condição de depositária privilegiada do saber, numa época marcada pela influência da fé cristã, procurou dar fundamento científico à Teologia. O resultado da fusão da Filosofia com a Teologia recebeu o nome de Escolástica ou *Philosophia Scholastica*¹⁴ e, holisticamente, converteu-se no método didáctico de referência do ensino medieval.

A Filosofia Escolástica, tratando-se, por excelência, da Filosofia Aristotélica aplicada à Teologia de S. Tomás de Aquino, foi ideologicamente totalizante e marcante na História cultural nacional e europeia ao longo dos séculos XII e XIII.

Durante os séculos XIV e XV, a presença do pensamento aristotélico na cultura portuguesa verificou-se acentuada. Desde a primeira metade do século XV (de modo documentado a partir de 1431), o ensino universitário da Filosofia teve como principal filiação intelectual o pensamento presente nas obras aristotélicas, nomeadamente, a *Ética a Nicómaco* para a Filosofia Moral e a *Metafísica* para a Filosofia Natural (Caeiro, 1989).

Pela via da difusão das correntes do aristotelismo medieval, o ensino filosófico universitário nacional revelou-se susceptível de poder ser seccionado em três correntes

¹³ Nos primeiros séculos de existência, a Universidade portuguesa instou, itinerantemente, ora em Lisboa, ora em Coimbra. Foi fundada em Lisboa em 1290 e transferida para Coimbra em 1308, onde permaneceu até 1338. Nesse mesmo ano retornou novamente a Lisboa até 1354, ano em que regressou novamente a Coimbra, mas apenas até 1377. Encaminhou-se, uma vez mais, para Lisboa e aí permaneceu até 1537 e, desde então, fixou-se definitivamente na cidade de Coimbra (Dias, 1997).

¹⁴ A expressão *Philosophia Scholastica*, desconhecida na Idade Média, foi a designação dada pelos renascentistas à Filosofia ensinada na época medieval (Pontes, 1990).

fundamentais: a) a feição lógica e didáctica, que incentivou o método escolástico, do qual Pedro Hispano foi a figura paradigmática; b) a Filosofia Natural que, emblematizada por Pedro Hispano e Fr. Gomes de Lisboa¹⁵, exprimiu e desenvolveu, em diferentes sentidos, um empenho que se conjugou, paralelamente, com as áreas da Medicina, da Biologia, da Antropologia, da Psicologia e da Metafísica; c) as vertentes ética e ético-políticas, ilustradas por pensadores como Santo António de Lisboa, Fr. Álvaro de Pais e os Infantes D. Duarte e D. Pedro (Caeiro, 1989).

Importa, no entanto, sublinhar que o interesse universitário pela Filosofia Moral e Política, acontecido no século XV, deverá ser entendido na sua estreita relação com o *status quo* nacional, com a forma como D. João I ascendeu ao trono e com “os anseios de promoção de certas classes sociais que ajudaram o Mestre e que, depois disso, começaram a enriquecer com o início da nossa expansão para o norte de África” (Coxito, 1992: 305).

2.3. A Reforma da educação veiculada pela difusão do Humanismo na Universidade

A chegada do Humanismo¹⁶ a Portugal, a partir do século XV, promoveu alterações de monta no cenário filosófico e educacional nacional, cuja repercussão se estendeu à abrangência da totalidade do contexto universitário.

Assim sendo, importa clarificar que a difusão da cultura humanista,¹⁷ no nosso país, se encontrou proximamente correlacionada com a influência do poder régio na esfera político-cultural¹⁸ e, na esteira dessa actualidade, o Humanismo português do século XV deverá ser

¹⁵ Fr. Gomes de Lisboa, em finais de Quatrocentos, produziu um texto, de elevado alcance filosófico, intitulado *Quaestio perutilis de cuiuscumque scientiae subiecto principaliter tamen naturalis philosophiae*, revelador de um conhecimento profundo das obras de Aristóteles, Averróis e Escoto. (Caeiro, 1989).

¹⁶ O Humanismo, perspectivado como cultura laicizante concorrente à cultura clerical oficial (a Escolástica), deve ser entendido como doutrinário-sapiencial vocacionado para o Ser e saber humanos, focalizado numa visão imanente/transcendente do mundo e da vida. Apesar de culturalmente se revelar essencialmente cristão, na medida em que reconhece a dimensão originária e a primazia do divino-transcendental, o Humanismo, a nível temático-problemático, visou a promoção de uma maior acentuação de interesse, objectivo e subjectivo, sobre o homem todo e sobre todos os homens (Barreto, 1990a).

¹⁷ A cultura humanista é susceptível de ser definida de acordo com um horizonte metódico da significação, sendo a sua problemática a busca de sentido do humano e o seu campo de investigação o conjunto fenomenal dos valores, comportamentos e obras dos homens (Barreto, 1990a).

¹⁸ Durante os séculos XV e XVI foi a política cultural do aparelho central-estatal que marcou os ritmos de difusão do Humanismo, na medida em que, a cultura renascentista portuguesa se constituiu como diferença

entendido como hegemonia institucionalmente vencida pela Escolástica, atendendo a que este nunca se conseguiu impor como cultura sistematicamente dominante nos planos da difusão/formação.

A cultura universitária é, no século XV, ainda pré-humanística mas, de 1500 a 1520, o nosso Humanismo pode já considerar-se incipiente para, de 1525 a 1535, atingir a sua plenitude através de uma adesão a novos métodos e, sobretudo, a um Humanismo cristão que em breve se identificará com o Erasmismo. As fronteiras entre a liberdade do juízo crítico e os pensadores heterodoxos eram oscilantes e ambíguas. Daí as hesitações, os subentendidos, as reticências e as confusões doutrinárias que surgiam da própria liberdade intelectual como supremo objectivo nos métodos da interpretação e da crítica. O regresso às fontes nem sempre era uma metodologia adequada para a inteligência se adaptar à autoridade dos pontífices. A aplicação dos métodos de exegese textual no domínio dos monumentos literários greco-latinos transferida para a *Sagrada Escritura* podia pôr em causa o magistério secular da igreja. Nem sempre a Universidade se mostrou disposta a acatar, no plano heurístico, esse magistério (Pacheco, 1997).

O Humanismo renascentista revestiu o carácter dum movimento de reforma da educação, bem depressa concretizado na adopção de novos métodos de ensino. De todas as reformas da educação, a mais metódica foi o *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, completada em 1586 mas só promulgada em 1599, em que a originalidade não reside na introdução de novas disciplinas mas sim na coordenação sistemática de todas elas e na forma pedagógica de as propor, em ordem à formação intelectual e moral do homem completo (Coxito e Soares, 2001: 538).

Porém, ao longo do século XVI, o Humanismo português¹⁹ revelou-se a hegemonia culturalmente triunfante, atendendo a que se assumiu como força que, a nível metódico, mais influenciou a transformação da Escolástica e que, paralelamente, estabeleceu uma implicação sistemática com os Descobrimentos, em campos diversos como: a Doutrina, a História, a Geografia, a Antropologia, a Botânica Médica, entre outros (Barreto, 1990a).

Exemplo representativo das alterações pedagógicas manifestadas desde o começo do

concorrencial de porosa correlação entre a Escolástica, o Humanismo e a dinâmica crítico-cultural dos Descobrimentos. Nesta trilogia, os dois primeiros elementos foram hegemonias culturais enquanto o terceiro se tratou de uma força subalterna com recorrentes pedidos de apoio frente às hegemonias (Barreto, 1990a).

¹⁹ O Humanismo português possuiu duas fases primordiais de afinidade: a primeira, marcada pela ascendência italiana, foi dominante até à década e 30 e a segunda caracterizou-se pela maior identificação com o Humanismo cristão de tipo erasmiano. Contudo, o mais recorrente terá sido a combinação destas duas afinidades num todo de afirmação cívico-nacional que ponderou a condição cristã do homem todo e de todos os homens enquanto acção e valoração, pensamento e obra tão imanentes-naturais quanto transcendentais (Barreto, 1990a).

século XVI, foi a *Oração de Sapiência* proferida na abertura solene do Estudo Geral de Lisboa, em 1504, na qual D. Pedro de Menezes, de acordo com a concepção pedagógica da época, referiu a Teologia e a Filosofia como sendo as Rainhas de todo o saber, classificando as restantes ciências como meras auxiliares daquelas que reconhecia como Ciências Primeiras (Carvalho, 2008).

Usufruidora de um estatuto epistemológico elevado, ainda que ensombrado pela Teologia, a Filosofia vislumbrou, no mundo universitário do século XVI, o privilégio de retornar ao topo do patamar hierárquico do saber que lhe havia sido destituído desde o final do período da Antiguidade Clássica. O ressurgir da cultura clássica da Antiguidade Grega e Latina promoveu a exaltação do homem, desde então, perspectivado como consciência das suas possibilidades e gerou condições de fomento ao Humanismo que, do ponto de vista filosófico, correspondeu a um movimento de retorno à *Paideia* grega ou à *Humanitas* latina que, num sentido prático, poderá ser traduzido pela afirmação aristotélica que entende o homem sábio como medida de todas as coisas.

Se o problema da finalidade da educação em correlação com uma determinada concepção antropológica se afirma, entre nós, desde os primórdios da escola, pode dizer-se que é com o humanismo renascentista que a questão ganha foros de maior sistematicidade... (Calafate, 1992a: 858).

De acordo com os *Estatutos Universitários de D. Manuel de 1503*, a Universidade portuguesa era composta por um elenco total de oito disciplinas, entre as quais constavam a Filosofia Natural, a Filosofia Moral e a Lógica. No entanto, de um total de treze cátedras, apenas uma foi atribuída à Filosofia Natural e outra à Lógica. A Filosofia Moral nem sequer teve cátedra atribuída e continuou sem existir nenhuma cátedra directamente relacionada com questões educacionais.

Por sua vez, a presença das disciplinas de Cânones e Leis, tal como o aumento do interesse pelos temas de Filosofia Político-Jurídica, em especial pelo tema da Guerra Justa, deverá ser perspectivado à luz dos problemas suscitados pela expansão ultramarina, "...concretamente pela necessidade de justificar actos bélicos contra os *infiéis* e os ameríndios" (Coxito, 1992: 305).

Quadro 1

Disciplinas da Universidade Portuguesa no Começo do Século XVI	
Disciplinas	Cátedras
Teologia	2
Cânones	3
Filosofia Natural	1
Filosofia Moral	0
Leis	3
Medicina	2
Lógica	1
Gramática	1
TOTAL	13

Fonte: *Estatutos de D. Manuel*. p.30.

Na sequência do conjunto de transformações culturais ocorridas no decurso do século XVI, no directamente respeitante à difusão da cultura filosófica nacional, ocorreram três acontecimentos que importa destacar: a transferência, em definitivo, da Universidade para Coimbra em 1537, a fundação, em 1548, do Colégio das Artes na mesma cidade e, em 1561, a fundação da Universidade de Évora.

Por razões que até à data permanecem por apurar, mas que de algum modo deverão ter estado relacionadas com a difusão da cultura humanista em Portugal, no ano de 1537, o Rei D. João III estabeleceu, em definitivo, a Universidade na cidade do Mondego²⁰ que, desde então, paulatinamente, foi desenvolvendo esforços para consolidar o seu estatuto académico no contexto universitário europeu.

Quando ocorreu essa mudança, a cultura universitária portuguesa, mercê dos avanços tipográficos e do afluxo de internacionalização da relação entre Escolas, começava a ser absorvida pelo Humanismo e pelo Erasmismo.²¹

Nesta consonância, revelou-se necessário aguardar cerca de uma década, após a transferência efectuada, para que o Erasmismo se tenha começado a explicar na Universidade de Coimbra. Contudo, o Humanismo verificou-se impedido, pela repressão

²⁰ Importa referir que, aparentemente, a Universidade de Lisboa não se encontrava em crise quando o Rei, por motivos que nunca foram suficientemente esclarecidos, deliberou transferi-la de Lisboa para Coimbra (Pacheco, 1997).

²¹ Quando a Universidade regressou a Coimbra, a figura mais representativa do Humanismo europeu era um intelectual, chamado Desidério Erasmo, nascido na cidade de Roterdão em 1469, cuja vertente cosmopolita fez com que fosse mais considerado como europeu do que como holandês (Ramalho, 1997).

inquisitorial, de alcançar o seu máximo esplendor (Pacheco, 1997).

Neste processo de entrave à cultura humanista o ano de 1542 foi um marco determinante pois, nessa data, a Companhia de Jesus chegou a Coimbra, tendo os Jesuítas, desde esse mesmo ano, começado a frequentar a Universidade e fundado o Colégio de Jesus nessa cidade. Cinco anos volvidos, o movimento humanista deparou-se com um outro obstáculo ao seu magistério e propagação: a Inquisição.²²

Na esteira da renovação da cultura pátria, em 1548, D. João III fundou o Colégio das Artes em Coimbra²³ que, apesar de se tratar de uma Instituição de ensino pré-universitário, alcançou um prestígio que, até à luz da concepção actual de empresa académica, só pode ser classificado como exemplar e até mesmo invejável.²⁴ A faceta tipicamente moderna do trabalho desenvolvido pelos conimbricenses concretizou-se pela tradução e impressão de importantes tratados filosóficos e pela publicação de manuais escolares de Filosofia.

No contexto do mundo universitário nacional do século XVI, destacou-se o esforço de teorização da educação levado a cabo por Pedro da Fonseca que, “procurou renovar (e salvar) o magistério lógico de Pedro Hispano” (Patrício, 2000: 78), principalmente pela via de publicação de obras de alto gabarito para o campo educacional, nomeadamente a *Isagode Filosófica* e as *Instituições Dialécticas*.

A aposta nos estudos é sustentada por um curioso passo, normalmente despercebido, em que Pedro da Fonseca ilustra a temática da predicação necessária, recorrendo a um exemplo assaz significativo para aquilo que nos interessa: «O homem é capaz de educação». E continua: «Com efeito, se alguém negar que o homem é capaz de educação (*hominem esse disciplinae capacem*), é lógico que negue que ele é homem». Ora, sabendo nós que uma predicação necessária é aquela que, se for negada, implica a destruição do

²² Interessa destacar o pioneirismo nacional face ao alvorecer da primeira vaga de revolução científica, ocorrida nos séculos XV e XVI, graças ao contributo de alguns portugueses, dos quais foi exemplo cimeiro o trabalho inovador de Pedro Nunes (Fiolhais, 2003). Este matemático e filósofo foi um dos maiores vultos científicos do século XVI, tendo marcado a transição de um período em que a Ciência era, manifestamente, de índole teórica (a principal tarefa dos cientistas era a de comentar os trabalhos dos autores precedentes), para um tempo em que a mesma passou a dedicar-se à provisão de dados experimentais, metodologicamente orientados, no sentido de confirmar teorias. No cenário da Ciência Moderna, Pedro Nunes destacou-se, principalmente, pela resolução de problemas matemáticos relacionados com a cartografia e pela invenção de vários aparelhos de medição incluindo o nónio.

²³ Como o Colégio das Artes absorveu as disciplinas que se ensinavam na anterior Faculdade de Artes, esta deve ter desaparecido (Ramalho: 1997).

²⁴ Segundo Mário Santiago de Carvalho, caso o Colégio das Artes conimbricense fosse, efectivamente, considerado de acordo com os três critérios decisivos para uma avaliação do rigor científico universitário, ou seja, trabalho sistemático em equipa de investigação, publicação de âmbito europeu (a língua académica universal era o latim) e reconhecimento internacional pelos pares, a sua classificação seria, necessariamente, a mais elevada (2010).

próprio sujeito, então a capacidade para se ser educado é alguma coisa que pertence à própria essência do ser humano ou emerge do fundo da sua própria essência (Carvalho, 2010: 14).

A dedicação ao estudo de Aristóteles no Colégio das Artes atingiu o ponto culminante durante a segunda metade do século XVI, mais precisamente a partir de 1555, data a partir da qual o Colégio foi confiado aos Jesuítas. O intuito dos Professores jesuítas de Filosofia era assegurar a fidelidade à doutrina de Aristóteles e aos seus mais qualificados comentadores. O recurso a uma terminologia precisa, consagrada por uma arreigada especulação filosófica, foi conciliada com uma expressão latina eloquente cujo resultado se traduziu pela adopção de uma terminologia clássica mais castiça que permaneceu fiel ao rigor técnico dos conceitos filosóficos.

Após chegados a Coimbra (1542) e tomando posse, primeiro do Colégio de Jesus ou Colégio de Cima e depois do Colégio das Artes da cidade (1555) os Jesuítas começaram a contribuir para o espírito pedagógico e a expandi-lo de forma pioneira (Carvalho, 2010: 41).

Quadro 2

Plano de Estudos do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus – 1552 a 1565		
Ano	Trimestre	Disciplina
1º	1º	<i>De terminorum introductione; Dialectica; Porphyrius; Isagoge</i>
	2º	<i>In Aristotelis Praedicamenta; Perihermeneias; Topica (início)</i>
	3º	<i>Topica (até VII); I-IV Ethicorum</i>
2º	1º	<i>Analytica Priora; Topicorum; Analytica Posteriora (início)</i>
	2º	<i>Analytica Posteriora (continuação e conclusão); V-VI Ethicorum</i>
	3º	<i>VII-X Ethicorum; De sophisticis elenchis; I-II Physicorum</i>
3º	1º	<i>II-VIII Physicorum</i>
	2º	<i>De coelo et mundo; De generatione et corruptione; Metaphysica (início)</i>
	3º	<i>I-IV Meteororum; I-II De Anima; Metaphysica (continuação)</i>
4º	-	<i>III De Anima; Parva naturalia; Metaphysica (conclusão)</i>

Fonte: Carvalho e Camps, 2010: 35.

No propósito de assegurar a qualidade do ensino, no espaço temporal compreendido entre 1592 e 1606, saíram dos prelos de madeira de Coimbra e Lisboa cinco volumes correspondentes aos oito tomos do Curso de Filosofia do Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra, intitulados *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus*. Graças à extensão institucional, colegial ou geopolítica dos Jesuítas, e também em razão do valor

intrínseco do seu labor filosófico-pedagógico, rapidamente o texto impresso dos conimbricenses alcançou repercussão internacional (Carvalho: 2010).

O desejo de fidelidade a Aristóteles, no pensamento filosófico da época, encontra-se expresso nos *Estatutos da Universidade de Coimbra de 1559* que explana a imposição do estudo exaustivo das obras aristotélicas²⁵ no Curso de Artes. Porém, apesar da historicidade da dedicação nacional ao estudo de Aristóteles, o estatuto epistemológico atribuído à Filosofia pelo filósofo nunca foi alcançado no contexto da nossa Universidade, atendendo a que este, ao dividir a ciência em ciências teoréticas (metafísica e física), práticas (ética e economia) e poiéticas (arquitectura), reservou para a Filosofia a elevação à condição de ciência suprema.

Neste seguimento, interessa esclarecer que, para os conimbricenses, a significação dos termos *philosophia* e *scientia* era bem diferente da actual. A *philosophia* era, acima de tudo, entendida como sendo o conhecimento das coisas como elas são, isto é, pelas suas causas, tendo por finalidade ensinar o modo de viver honestamente e conduzir o homem à felicidade deste mundo. Determinando como fim último da *philosophia* o acto de ensinar, os Conimbricenses revelam que, de certa forma, já se encontravam cientes do alcance pedagógico da Filosofia.

Por sua vez, na concepção de *scientia* dos conimbricenses esta visava conhecer o objecto e a sua causa e, além disso, saber que essa causa é a razão de ser do objecto, pela qual existe com a sua necessidade própria.

Sob esta perspectiva, poderá reconhecer-se alguma identificação entre os dois conceitos, uma vez que, também a *philosophia* era entendida como sendo o conhecimento das coisas pelas suas causas. Esta identificação é, aliás, característica do pensamento antigo, medieval e renascentista, no qual ainda não se havia imposto, de modo premente, a necessidade de reconhecer a autonomia de ambos os domínios (Coxito, 2001).

No contexto das determinações pedagógicas da Companhia de Jesus, atinente ao ensino da Filosofia, destacou-se a relevância dada a Aristóteles, não só em Coimbra, uma vez que o recurso ao pensamento aristotélico foi, igualmente, constante noutras escolas dos jesuítas e

²⁵ As obras de Aristóteles, invocadas nos *Estatutos da Universidade de Coimbra de 1559*, como suporte bibliográfico para o Curso de Artes eram as seguintes: *Categoriae, De Interpretatione, Analytica Priora, Analytica Posteriora, Topica, Elenchi, Ethica, Physica, De Coelo, De Generatione, Meteora, De Anima e Metaphysica* (Caeiro, 1989).

na recém-fundada Universidade de Évora (Caeiro, 1989).

2.4. Primórdios da Universidade de Évora

Oficialmente inaugurada a 1 de Novembro de 1559, pelo Cardeal Infante D. Henrique, a Universidade de Évora visou suprir a real necessidade nacional de uma outra Instituição universitária, tendo sido *ab initio* pensada com uma dimensão internacional. O prestígio e o desenvolvimento que rapidamente alcançou, são espelhados pelo surpreendente afluxo de alunos que desde logo se manifestou.²⁶

Constituída por um conjunto de quatro Faculdades, nomeadamente a Faculdade de Humanidades, a Faculdade de Artes, a Faculdade de Casos de Consciência e a Faculdade de Teologia, a Universidade de Évora teve, nos seus primórdios, um sustentáculo sapiencial marcadamente filosófico.

A direcção jesuítica desta Universidade foi um outro factor que marcou a História da Instituição, sendo patente a semelhança dos seus *Estatutos* com os do Colégio das Artes conimbricense. Aliás, a permuta constante entre estes dois pólos de ensino promoveu proximidades no que se refere à orgânica escolar, aos processos pedagógicos e ao ministério da Filosofia.

O estatuto epistemológico da Filosofia na Universidade de Évora apresentou-se, de facto, semelhante ao adoptado em Coimbra: por um lado, foi atribuída à Filosofia uma certa categoria, traduzida na colocação dos graus de bacharel, licenciado e mestre em Artes; por outro lado, foi incluída nos estudos propedêuticos obrigatórios para cursar as disciplinas universitárias, tendo ficado estabelecido que cada Professor, em princípio, deveria ler, somente, um único curso de Filosofia.

No entanto, o interesse dos mestres eborenses pela efervescência filosófica da Europa reflectiu-se pela apologia do espírito de liberdade crítica institucionalmente presente que, a partir do século XVIII, foi traduzida pelo empenho na adaptação aos progressos das Ciências Naturais e à problemática suscitada pelas correntes modernas da Filosofia.

²⁶ Em Abril de 1560, a Universidade de Évora era composta por um universo discente que rondava os 600 alunos e seis anos depois tinha cerca de 800 alunos matriculados. Em 1571, tinha à volta de 1000 alunos e oito anos mais tarde 1300. Em 1592, os estudantes atingiam o número de 1600 (Fonseca, 1997).

Esforçando-se por se manter cientificamente actualizada, a Universidade de Évora, nos inícios do século XVIII, refundiu os seus programas e redefiniu metodologicamente o conteúdo das cátedras da Faculdade de Artes distribuindo, pelos quatro anos do curso, as disciplinas filosóficas, nomeadamente as de História da Filosofia, Filosofia Racional, Filosofia Natural e Filosofia Moral.

O espírito de abertura a alguma das orientações modernas, tradicionalmente designado como Segunda Escolástica ou Escolástica Renovada²⁷, é espelhado pela adopção, por parte dos mestres da Segunda Escolástica, do uso do latim erudito e pelo uso sistemático e, em boa parte eclético, dos materiais históricos (Pontes, 1990).

Impulsionada pelo movimento da Contra-Reforma e pelas linhas de racionalidade definidas no Concílio de Trento, o culminar da cultura escolástica obteve como principal consequência epistemológica o esgotamento da devoção aos princípios sapiencial e totalizante da cultura humanista que acabaram por se traduzir numa Filosofia humanista tendencialmente sincrética e profundamente extensiva-dispersa. Neste sentido, a Filosofia humanista nacional revelou, ao nível do sincretismo filosófico, o encontro entre o aristotelismo²⁸ dominante e o estoicismo e o platonismo²⁹ dominados.

O sistema da Segunda Escolástica em Portugal, marcado pelo cultivo da lógica, da Filosofia Natural e da Teologia, deverá ser entendido no contexto de ocorrências de fenómenos naturais, políticos e, especialmente, religiosos, como por exemplo: o surto do Humanismo evangélico e o desencadeamento dos movimentos da Reforma e da Contra-Reforma Católica (Coxito, 1992).

Presença constante desde os alvares da Universidade eborense, o culto da Filosofia veiculado pela acção pedagógica de Agostinho Lourenço, Francisco Soares Lusitano e Pedro da Fonseca, manteve-se até 1758 ano em que, pela última vez, foram atribuídas

²⁷ A Segunda Escolástica expressou-se num movimento filosófico, teológico e político-jurídico, que em Portugal foi iniciado em meados do século XVI, tendo perdurado até ao século XVIII. Os principais centros portugueses onde a segunda Escolástica teve implantação foram Coimbra e Évora (Coxito e Soares, 2001).

²⁸ A função do aristotelismo concretizou-se em dois grandes pólos: no primeiro, assume o papel de máximo coordenador da herança clássica e no segundo, desempenhou a função de orientador, privilegiado, de domínios problemáticos da cultura humanista (aos níveis ontológico e epistemológico), como a Filosofia da Ciência, o método científico, a ética e a doutrina política entre outros (Barreto, 1990a).

²⁹ O estoicismo e o platonismo surgem na Filosofia Humanista de uma forma bem mais latente que patente, frente ao aristotelismo, desempenhando funções essenciais, principalmente nos domínios da estética e da ética (Barreto, 1990a).

graduações. Considerando os anos de decadência que se viviam, são notórios os números de graduações em Filosofia que, a nível do grau de bacharel, foi composto por um total de 41 estudantes e de Licenciado de apenas 10 (Fonseca, 1997).

2.5. Contributo pedagógico dos Estrangeirados e o alvorecer do Iluminismo em Portugal

A reforma pombalina da Universidade de Coimbra foi um momento marcante da História da Universidade em Portugal. Contudo, o contexto pedagógico nacional, desde a primeira metade do século XVIII, que acusava indícios do alvorecer do Movimento das Luzes, principalmente pela divulgação do pensamento pedagógico de John Locke, Fénelon e Rollin, difundido, mormente pelo pedagogo Martinho de Mendonça Pina e Proença.

Tratando-se o século XVIII de um período académico marcado pelo ecletismo filosófico, consequente do conhecimento das Filosofias europeias, assistiu-se a uma metamorfose filosófica que, promovida pela incidência dessas influências filosóficas sobre as estruturas mentais da escolástica, propiciou manifestas alterações à concepção pedagógica da época (Coxito, 1992).

O acentuar da curiosidade pela produção filosófica realizada fora de Portugal alimentou a concepção filosófico-educacional dos pedagogos iluministas portugueses, como Luís António Verney e Martinho de Mendonça Pina e Proença que, sem terem colocado em causa a superioridade da Revelação e da Graça perante a natureza ou face à razão humana, conseguiram assegurar um quadro fundamental de harmonia no plano das concepções antropológicas e elaboraram um ideal de reforma da escola, fundamentado pela convicção da existência de uma decadência cultural nacional que compreendia o domínio das Humanidades e da Filosofia Natural (Calafate, 1992c).

Sentindo, desde cedo, o apelo suscitado pelo conhecimento além-fronteiras, Martinho de Mendonça Pina e Proença estreitou contacto com a dinâmica filosófica e intelectual participando na atitude dos estrangeirados. O seu regresso a Portugal, após o usufruto de uma experiência intelectual renovada, foi pautado pela sua participação no movimento das academias e pela apresentação da sua obra *Apontamentos para a educação de um menino nobre*.

Respeitando, no essencial, a estrutura da obra pedagógica de John Locke *Some Thoughts Concerning Education* (1693) e sugestionado pelos livros *De L'éducation des filles* (1688) de Fénelon e *Traité des Études* (1726), Martinho de Mendonça Pina e Proença realizou o seu esforço de teorização da educação nos *Apontamentos para a educação de um menino nobre* (Calafate, 1992).

Tratando-se de um texto dedicado à educação dos elementos da Nobreza, no período da infância e da juventude, é o plano da educação moral que é tomado como sendo o mais essencial no projecto educativo avançado por este pedagogo.

Propondo um inovador modelo de educação acentuadamente utilitário e pragmático, Martinho de Mendonça Pina e Proença recusou-se a aceitar um modelo de educação baseado na acumulação erudita de conhecimentos e defendeu a adaptação do discurso pedagógico às necessidades específicas da infância (Calafate, 1992).

Uma outra figura cimeira do Iluminismo português foi, o também estrangeirado, Luís António Verney. Generosamente interessado em “reformatar o ensino e a mentalidade cultural em Portugal”, em 1746, o autor do *Verdadeiro Método de Estudar* concebendo a Filosofia como um meio geral de compreensão, manifestou o seu anseio de independência da razão opondo-se, permanentemente, ao espírito de sistema evidenciado no *Discurso do Método* de René Descartes, proclamando que “o verdadeiro sistema moderno é não ter sistema algum” (Calafate, 1992: 453).

Crítico acérrimo dos métodos de ensino tradicionais, principalmente dos praticados pelo ensino empreendido pela Companhia de Jesus, Verney apresentou alguns princípios pedagógicos inovadores para a sua época, advogou que o ensino se deveria basear em realidades concretas e na experimentação, postulou que a instrução elementar deveria ser ministrada a ambos os sexos e a todas as classes e defendeu que o Estado deveria fomentar e custear as despesas da educação.

Condenando a escolástica, defende o utilitarismo social em pedagogia, divulgando as linhas dominantes da cultura europeia sua contemporânea (Borges, 1990: 607).

A postura pedagógica vanguardista, assumida por Verney, apesar de bem intencionada, foi pouco acolhida pelos seus compatriotas, situação que se agudizou, em 1750, com a chegada de Sebastião José de Carvalho e Melo ao poder e que, certamente, terá

influenciado a sua sequente saída do país.

2.6. Reforma Pombalina de 1772: A supremacia da Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra

Na intenção de renovar a cultura universitária, no ano de 1772, o Marquês de Pombal entregou, em nome de El-Rei D. José, os *Estatutos* que reformaram a Universidade de Coimbra e apresentou como novo Reitor D. Francisco de Lemos. Esta reforma, tendo sido a primeira dos tempos modernos, ficou marcada pelos *Estatutos de 1772*, embora estes se limitassem à parte literária do funcionamento da Universidade³⁰. A partir de então, esta Universidade passou a compreender seis Faculdades, sendo a Faculdade de Filosofia uma delas³¹.

Porém, a Reforma Pombalina da Universidade da cidade do Mondego teve como corolário um decréscimo acentuado da frequência da Universidade. Assim, de 1772 a 1800, num total de 469 alunos graduados, apenas 24 obtiveram graduação em Filosofia³².

Num universo universitário composto por 76 Lentes, repartido pelas diversas Faculdades, o corpo docente da recém inaugurada Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra era integrado por 4 Lentes Proprietários e 2 Lentes Substitutos. O plano de estudo desta Faculdade, pautado por uma base epistemológica de cariz científico-natural e afastada da reflexão educacional debruçou-se, particularmente, sobre os assuntos referentes ao domínio da Filosofia Natural³³, assumindo uma composição que, apesar de simples, se apresenta reveladora do espírito de abertura da Instituição à Modernidade.

A partir do século XVIII, verificou-se na Universidade portuguesa uma certa tendência para confundir e identificar a chamada “performatividade cultural” com a “performatividade

³⁰ Os *Estatutos de 1654* continuaram a ser seguidos no respeitante ao Governo Político, Civil, Económico, Cerimonial e Eclesiástico (Rodrigues, 1992).

³¹ Após a reforma pombalina de 1772, a Universidade de Coimbra compreendia seis Faculdades: a de Teologia, Cânones, Leis, Medicina, Matemática e Filosofia.

³² Apesar de, ao longo do século XIX a média do número de alunos graduados na Universidade de Coimbra, ter aumentado paulatinamente, o registo máximo alcançado foi apenas de 1524 alunos no ano académico de 1818-1819, em oposição aos 427 alunos que obtiveram graduação no ano lectivo de 1811-1812 (Rodrigues, 1992).

³³ A expressão conceptual “Filosofia Natural”, no contexto vigente, deverá ser entendida como sendo o conjunto de conhecimentos de facto, que pela observação se têm achado na natureza, acrescidos de tudo o mais que a experiência a obriga a revelar (Calafate, 2001).

económica” e, nesse seguimento, também a teorização sobre a educação e a reforma universitária afinaram o diapasão pelo princípio da exactidão e, sobretudo, da eficácia (Calafate, 1992a: 863).

No período em questão, a Filosofia era entendida como a actividade da razão na constituição e elaboração das conquistas dos modernos e na respectiva orientação para a reforma da vida do homem em sociedade. Por isso mesmo, não será de estranhar que o século XVIII seja considerado como o século dos filósofos, uma vez que a Filosofia ocupou praticamente a totalidade do pensamento humano, desde a ética, à jurisprudência, à política, à física, à química, à matemática, à história natural, à estética e aos padrões de gosto.

Esta amplitude enciclopédica dos saberes abarcados pela Filosofia, encontra-se presente no Livro III dos *Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772*, onde a Filosofia, ou o “corpo da filosofia, tomada em toda a sua extensão”, é explicitada como sendo o conjunto das “ciências da razão”, “sendo manifesto que a Filosofia é a ciência geral do homem que abraça e compreende todos os conhecimentos que a luz da razão tem alcançado e há-de alcançar em Deus, no Homem e na Natureza” e “como a alma de todos os conhecimentos humanos”.

Ainda a respeito da reforma do curso de Filosofia, o texto dos *Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772* perspectivava o sistema de ensino anterior à reforma nos seguintes moldes: “Fazendo degenerar a Filosofia em uma ciência verbal, equívoca e contenciosa, em que fomentam o mau gosto e o abuso escolástico de desprezar os conhecimentos certos, e de dar valor às grandes colecções de probabilidades vacilantes, incertas, versáteis, ociosas e inúteis (...) instilando o hábito nocivo de se apascentarem em raciocínios arbitrários sem exactidão e sem eficácia”.

Contudo, considerando que o verdadeiro âmbito da Filosofia se encontrava muito além das disciplinas consignadas no seu *curriculum*, atendendo ao estatuto epistemológico idealizado e à sua presença disciplinar no plano dos cursos de Direito, Matemática e Medicina, impera esclarecer que o propósito conducente à criação de um curso “específico” de Filosofia foi a formação de “filósofos de profissão”, de “filósofos consumados”, de “filósofos dignos das Luzes” do século XVIII, capazes de elevar a Filosofia da Universidade de Coimbra a uma dignidade nunca antes alcançada (Calafate, 2001: 130).

Impregnada pelo registo de utilidade e eficácia a Filosofia, imposta pelo Despotismo

Esclarecido como variante do Estado Absoluto, foi ministrada na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra valorizando a lógica da acção prática, “privilegiando um ensino mais voltado para a acumulação e divulgação de conhecimentos e capaz de expressar o ideal iluminista de um saber em arrebatado progresso, transparente e puro” (Calafate, 1992a: 863).

Quadro 3

Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra de 1772			
Ano	Cadeira	Lente	Data
1º	Filosofia Racional e Moral	António Soares Barbosa	De 1772 a 1790
2º	História Natural		
3º	Física Experimental	José Joaquim Barbosa	De 1822 a 1834
4º	Química Teórica e Prática	Domingos Vandelli	De 1772 a 1791

Fonte: Rodrigues, 1992: 269.

O plano de estudos manteve-se inalterado durante alguns anos, prendendo-se a sua mais substancial alteração com a introdução da cadeira de Desenho que, tendo anteriormente estado anexa à Faculdade de Matemática, foi anexada à Faculdade de Filosofia onde se manteve até à criação da Faculdade de Ciências em 1911.

Empenhados em participar no inovador mundo do conhecimento fomentado pelos princípios metodológicos oferecidos pela Ciência Moderna, os Lentes da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra desde logo trataram de congregar condições para criar e anexar quatro estabelecimentos capazes de promover a sua pesquisa científica, nomeadamente: o Laboratório Químico, o Jardim Botânico e os Gabinetes de Física Experimental e de História Natural (Rodrigues, 1992).

A Faculdade de Filosofia, paralelamente à Faculdade de Matemática e à Faculdade de Medicina, representou a materialização do que havia de mais característico na reforma pombalina: a promoção do progresso científico pela investigação experimental.

Na esteira desse propósito, desde cedo se destacou o contributo de António Soares Barbosa que, ao aceitar a nomeação gratuita para primeiro Lente proprietário da cadeira de Filosofia Racional e Moral da nova Faculdade, se afirmou como grande obreiro reformista no domínio da Filosofia. No seguimento da intensa polémica e crítica à Escolástica, o livro de texto adoptado como suporte bibliográfico da cadeira de Filosofia Racional e Moral passou a ser a obra *Institutiones logicae et metaphysicae* de Genovesi, complementada com o

Tratado Elementar de Filosofia Moral, publicado em 1792, por António Soares Barbosa (Martins, 1989).

No período compreendido entre 1772 e 1844, o plano de estudos do curso de Filosofia não sofreu qualquer alteração, o que não é de admirar, atendendo às vicissitudes sócio-políticas vividas em Portugal, às quais a Universidade não pôde permanecer alheia.³⁴

A morte física de D. José I, em Fevereiro de 1777, teve como consequência directa a morte política do Marquês de Pombal e, como consequência indirecta, o questionamento sobre as repercussões do movimento das Luzes na Universidade de Coimbra. Nesse mesmo ano, imediatamente à subida de D. Maria I ao trono, o fiel Reitor-reformador da Universidade, Francisco de Lemos, apresentou à Rainha um relatório intitulado *Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra desde o princípio da Nova Reformulação até o mês de Setembro de 1777*, revelador do decréscimo do número de alunos que frequentaram a Instituição após a sua reforma. No respeitante ao curso de Filosofia, a situação foi particularmente delicada uma vez que, durante os seus cinco primeiros anos de funcionamento (1772-1777), apenas quatro estudantes se matricularam como ordinários,³⁵ revelando a fraca adesão da mocidade académica ao propósito de criação do curso.

Por sua vez, a posição tomada pela Igreja em 1791, que levou à criação da Real Mesa sobre o Exame e Censura dos Livros, também em nada contribuiu para a proliferação do cumprimento do ideário filosófico pombalino.

O *Projecto de Reforma da Instrução Pública* de Mouzinho de Albuquerque, impresso em 1823, que felizmente não chegou a ser consumado, apresentando como primeira medida a adoptar, para reformar a instrução, a destruição da Universidade e ao classificá-la como “Instituição radicalmente viciosa”, aplicou um golpe rude ao já atribulado contexto académico.

³⁴ Durante um período de cerca de 60 anos, houve um conjunto de acontecimentos de natureza político-social que, naturalmente, afectaram o normal funcionamento da Universidade de Coimbra, nomeadamente: a morte de D. José I em 1777, o enlouquecimento da Rainha em 1792, a guerra travada pelas tropas portuguesas na fronteira franco-pirenaica de 1793 a 1795, a confrontação com os espanhóis em 1801, as Invasões Francesas e a fuga da corte para o Brasil a 27 de Novembro de 1807, a entrada em Coimbra dos invasores franceses e o saque realizado na Universidade em 1810, a criação do Batalhão Académico e o funcionamento irregular da Universidade entre Novembro de 1807 e Abril de 1811, a Revolução Liberal de 1820, a proclamação da independência do Brasil em 1822, a Abrilada de 1828, o absolutismo régio de D. Miguel de 1828 a 1834, o encerramento da Universidade de 1829 a 1833 e a Revolução de Setembro de 1836.

³⁵ Interessa-nos apenas considerar o número de alunos matriculados no curso de Filosofia como ordinários, uma vez que os alunos que o frequentavam como imposição de ingresso noutros cursos (alunos obrigados) não aspiravam vir a ser “Filósofos de Profissão”.

Contudo, a agitação da vida universitária nos anos de 1828 e 1829 ainda viu agudizado o clima de perturbações que a ensombrava. A essa data, foram mandados riscar da academia, por razões políticas, 457 estudantes e, de 1829 a 1833, a Universidade encontrou-se encerrada.

Nos anos subsequentes, a vida universitária decorreu sem ordem e sem proveito e era notória a urgência de pôr cobro às dissidências internas e regularizar o seu funcionamento. No intuito de fazer cumprir essa finalidade, a 12 de Maio de 1834, o Vice-Reitor da Universidade, José Alexandre de Campos, foi encarregue, por *carta régia*, de tomar as providências necessárias para que, no início do próximo ano lectivo, as aulas se iniciassem atempadamente. Mas, no que concerne ao cumprimento do projecto pombalino, o ano seguinte foi mais um rombo.

Em justa causa, *O Projecto de lei da Organização Geral da Universidade em Portugal*, apresentado por Guilherme Dias Pregado em 1835, ao propor como alteração ao quadro das Faculdades da Universidade de Coimbra uma composição que não incluía a Faculdade de Filosofia³⁶, nada favoreceu o melhoramento da situação desta.

Atacada em diversas frentes, a Faculdade de Filosofia sobreviveu a todas as intempéries e, ainda assim, foi tentando acompanhar, na medida das suas possibilidades, as tendências da Modernidade. Exemplo representativo dessa realidade foi a alteração realizada ao plano de estudos do curso de Filosofia que, segundo o artigo 72 da *Reforma de Passos Manuel*, fez com que este tenha passado a ter a duração de cinco anos, sendo esse último ano dedicado ao estudo de novas matérias entre as quais constavam: a Agricultura, a Economia Rural, a Veterinária e a Tecnologia (Carvalho: 2008).

Analisando o texto da *Reforma* de 1836 de Manuel da Silva Paços é viável identificar a presença de um princípio pedagógico de cariz “pragmático e utilitarista” característico do ensino do período liberal-regenerador (Calafate, 1992a: 865).

As novas condições de estudo da *Physis*, instituídas nesta Faculdade sob o lema do *sapere aude*³⁷, conduziram, naturalmente, à necessidade de particularizar o conhecimento ministrado. Neste sentido, a partir de 1844, foi alterado o plano de estudo da Faculdade de

³⁶ A composição universitária proposta por Dias Pegado era a seguinte: Faculdade de Letras, Faculdade de Teologia, Faculdade de Jurisprudência, Faculdade de Ciências Exactas, Faculdade de Ciências Físicas, Faculdade de Medicina e Faculdade de Cirurgia (Carvalho, 2008).

³⁷ A expressão latina *sapere aude!* foi, proposta por Kant, como palavra de ordem do Iluminismo.

Filosofia, no intuito de responder às necessidades pedagógicas da época (Rodrigues, 1992).

Quadro 4

Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra - 1844		
1ºAno	1ª Cadeira	Física (Propriedades Gerais da Matéria) Química Inorgânica
2ºAno	2ª Cadeira	Química Inorgânica Filosofia Química Física (Leis Gerais da Mecânica)
3ºAno	3ª Cadeira	Química Orgânica Análise Química Tecnologia
4ºAno	4ª Cadeira	Anatomia e Fisiologia Comparadas Zoologia
	5ª Cadeira	Anatomia e Fisiologia Vegetais Botânica
5ºAno	6ª Cadeira	Mineralogia Geologia e Arte de Minas
	7ª Cadeira	Agricultura Economia Rural Veterinária e Tecnologia

Fonte: Rodrigues, 1992: 269.

Passado algum tempo, foi ligeiramente alterado o plano de estudos, fazendo com que a 3ª cadeira (3ºano) tenha passado a ser constituída pelas disciplinas de Química Orgânica e Filosofia e Análise Química, passando a Tecnologia para a 7ª cadeira (5ºano). Por sua vez, a 4ª cadeira foi transferida para o 4ºano e a 6ª cadeira para o 5ºano (Rodrigues, 1992).

No respeitante aos estabelecimentos anexos à Faculdade, também se evidenciaram melhorias significativas, tendo sido acrescentados aos já existentes (Laboratório Químico, Jardim Botânico e os Gabinetes de Física Experimental e de História Natural), o Observatório Meteorológico e o Museu, do qual faziam parte os Gabinetes de Física, de Zoologia e de Mineralogia e de Conquiologia (Rodrigues, 1992).

O conjunto de optimizações evidenciado pelo propósito de, pioneiramente, fazer convergir a concepção iluminista³⁸ de união entre ensino e investigação científica, teve como

³⁸ A concepção iluminista de Universidade foi privilegiadamente, filiada no pensamento de Immanuel Kant, expresso nos finais do século XVIII na obra *Der Streit der Fakultäten (O conflito das Faculdades)*, que defendia a importância da Faculdade de Filosofia, como sendo a única com autoridade epistemológica para "reivindicar todas

consequência epistemológica o distanciamento da Filosofia do carácter propedêutico para que esta passasse a assumir uma posição dominante no ensino universitário.

O espírito pragmático da *aufklärung*, reportado pela reflexão filosófica sobre as Ciências Naturais, revelou-se vital na composição da Universidade oitocentista na qual a Faculdade de Filosofia foi epistemologicamente entendida como receptáculo da razão e da verdade que, no contexto iluminista, eram consideradas como necessidade à constituição do homem e fórmula para este se distanciar da sua menoridade³⁹ culposa. Neste sentido, o estatuto epistemológico da Faculdade de Filosofia, suportado pelo argumento que defende que a condição do humano assenta numa *bildung*⁴⁰, pugnou pela estreita associação entre educação/experiência e Filosofia/Ciência.

Defendendo que o conhecimento possui, *de per si*, a capacidade de instigar e gerar novo conhecimento, no ano de 1865 a mesma Faculdade verificou-se, novamente, necessitada de alterar os planos de estudo, até então vigentes, aspirando a acompanhar o acelerado ritmo de mudança imposto pela ciência moderna e pela chegada dos primeiros ecos da doutrina positivista⁴¹ e do cientismo que lhe andou estreitamente associado. Desde essa data, a distribuição das cadeiras passou a instar tanto na Faculdade de Filosofia como na Faculdade de Matemática (Rodrigues, 1992).

as disciplinas para submeter a exame a sua verdade” (1993: 21). Esta revolucionária ascensão epistemológica da Filosofia, abalou os fundamentos que alicerçavam a tradicional composição universitária, alterou a realidade da Filosofia e contribuiu para a construção de um inovador modelo universitário onde a Faculdade de Filosofia ocupava um lugar de destaque.

³⁹ O conceito de menoridade, no âmbito do pensamento kantiano, refere-se à incapacidade do Homem se servir do entendimento sem a orientação de outrem.

⁴⁰ O termo alemão *bildung*, no âmbito da Filosofia kantiana, visou a conciliação da informação com a formação, no sentido de fazer corresponder ao acto de educar a simultaneidade entre sentido e mudança e uma configuração entre morfologia e significado, atendendo a que torna acto, esclarece e dá a conhecer a *aufklärung* (Magalhães, 2010: 11).

⁴¹ De uma forma peculiarmente paradoxal, o contexto filosófico nacional, da década de 60 do século XIX, assistiu, paralelamente, ao surgimento de um conjunto de obras significativas de cariz filosófico marcadamente espiritualista, racionalista e idealista, em oposição ao surgimento de obras eminentemente positivistas. Assim, foi este o período de apresentação de um conjunto heterogéneo de obras filosóficas como: os *Estudos de Filosofia Racional* (1863) de Joaquim Maria da Silva, *Da Natureza e Extensão do Progresso, Considerado como Lei da Humanidade* (1863) de Jaime Moniz, *Noções Fundamentais de Filosofia do Direito* (1864) de José Dias Ferreira, *O Estado e a Liberdade de Associação* (1864) de Costa Lobo, *A Poesia do Direito* (1865) de Teófilo Braga, *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* (1866) de Pedro Amorim Viana e *Filosofia do Direito* (1869) de Joaquim Maria Rodrigues de Brito (Teixeira, 1992).

Quadro 5

Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra - 1865		
1ºAno	1ª Cadeira	Química Inorgânica Metalurgia
	1ª Cadeira - Faculdade de Matemática	Álgebra Superior Geometria Analítica Trigonometria Esférica
2ºAno	2ª Cadeira	Química Orgânica Análise Química
	2ª Cadeira - Faculdade de Matemática	Cálculo Diferencial e Integral
3ºAno	3ª Cadeira	Física (1ª parte – Mecânica Física)
	4ª Cadeira	Botânica (Anatomia e Fisiologia dos Vegetais)
4ºAno	5ª Cadeira	Física (2ª parte – Física dos Imponderáveis)
	6ª Cadeira	Zoologia
5ºAno	7ª Cadeira	Mineralogia
		Geologia e Arte de Minas
	8ª Cadeira	Agricultura Geral
		Zootecnia
		Economia Rural

Fonte: Rodrigues, 1992: 270.

Nos começos da década de 60 do século XIX reuniu-se na cidade de Coimbra uma das mais notáveis gerações que passaram pelos bancos da Universidade. Num período marcado por intensas convulsões sociais, políticas e literárias, em que no espaço geográfico europeu campeavam ideais socialistas e positivistas, alicerçados nas inovadoras perspectivas anunciadas pela crença utópica no progresso das ciências, afluíram a Coimbra algumas das figuras que mais se destacaram na vida portuguesa do século XIX. Entre os muitos nomes que se avultaram na Universidade, como o de Eça de Queirós, Carlos Mayer, António de Azevedo Castelo Branco, Manuel de Arriaga, Vieira de Castro, Alberto Sampaio, Júlio Lourenço Pinto, Filomeno da Câmara, José Falcão e Teófilo Braga, assumiu destaque, desde cedo, o de Antero de Quental, apelidado pelos seus congéneres como “príncipe da mocidade”.

Principal impulsionador do tumulto mental vivido na cidade mondegua, Antero divulgou, de um modo apaixonado e peculiar, uma extensa panóplia de ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos e interesses oriundos da sua dedicação à interpretação hermenêutica

do pensamento de autores como Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Hugo, Balzac, Goethe, Poe, Hueine e Darwin.

Porém, esta intensa actividade mental acabou por esbarrar contra a Instituição retrógrada da Universidade assumida como bastião das velhas ideias e dos velhos métodos que, anquilosada nas suas regras obsoletas, tentou servir de entrave às aspirações filosóficas desta ínclita geração que, paralelamente ao estudo das sebtas, inerente ao plano de estudos vigente, filosofou fundamentadamente sobre as grandes questões da época à qual foi contemporânea (Andrade, 1995).

Passados vinte anos, a *Carta de Lei de 2 de Julho de 1885*, impôs uma singela alteração ao referido plano de estudos, substituindo as disciplinas da 8ª cadeira por Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica. Contudo, o aproximar do fim de século, foi um tempo marcado pela reorganização da Faculdade de Filosofia e pela substancial criação de outras cadeiras. Nessa consonância, entrou em vigor o seguinte plano de estudos que permaneceu inalterado até à extinção desta Faculdade e à criação da Faculdade de Ciências, pelo Decreto com força de lei de 12 de Maio de 1911 regulamentado pelo Decreto de 22 de Agosto de 1911, e da Faculdade de Letras, criada pelo Decreto de 9 de Maio de 1911 regulamentado pelo Decreto de 19 de Agosto de 1911 (Rodrigues, 1992).

Quadro 6

Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra no final do século XIX		
1ºAno	1ª Cadeira	Química Inorgânica
	2ª Cadeira (1ª da Faculdade de Matemática)	Álgebra Superior Geometria Analítica Trigonometria Esférica
2ºAno	3ª Cadeira	Química Orgânica
	4ª Cadeira	Física (1ª parte)
3ºAno	5ª Cadeira	Física (2ª parte)
	6ª Cadeira	Botânica
4ºAno	7ª Cadeira	Zoologia
	8ª Cadeira	Mineralogia e Petrologia
5ºAno	9ª Cadeira	Geologia e Física do Globo
	10ª Cadeira	Antropologia

Fonte: Rodrigues, 1992: 271.

Apesar das diversas reformas e alterações sofridas no mundo universitário, a consciência agudizante do atraso científico, filosófico e cultural nacional, começou a manifestar-se pela voz de algumas das figuras mais prestigiadas do Portugal dos finais do século XIX. Exemplo representativo da consciência epistémica da necessidade de despertar para as grandes questões da Filosofia e da Ciência Moderna foi espelhado no *Manifesto de 1871*, assinado por Antero de Quental e co-assinado por Eça de Queirós que anunciava as Conferências Democráticas (Fiolhais, 2003).

Apostado em agitar na opinião pública as grandes questões da *Philosophia* e da *Scienza Moderna* para, a partir de então, poder estudar as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa, Antero assumiu a liderança das Conferências Democráticas cujo programa foi assinado por nomes como: Adolfo Coelho, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Eça de Queiros, Germano Vieira Meireles, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins e Teófilo Braga (Saraiva, 1996: 93).

No texto dedicado à abordagem das *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* Antero, a 27 de Maio de 1871 no Casino Lisbonense afirmou, de forma categórica, que nas duas centúrias anteriores, na Península Ibérica, não houve nenhuma figura capaz de realizar uma grande descoberta intelectual que, na opinião do autor, deveria ser tomada como obra maior e honra mais elevada do espírito moderno. Defendendo como causas principais do engrandecimento da Europa culta, a aposta no conhecimento científico e na sua difusão, Antero, perante a constatação do atraso do nosso povo face aos povos da Europa do Norte, questionou a origem da falta de cultura científica nacional, concluindo que o busílis da questão era a educação.

Neste seguimento, Antero problematizou as razões que concorreram para que no elenco dos grandes heróis da epopeia do pensamento europeu, como Descartes, Newton, Bacon, Leibnitz, Lavoisier e Vico, não constasse nenhum nome espanhol ou português, concluindo que as causas foram as seguintes: a) a reacção religiosa, conhecida como Contra-Reforma, consumada no Concílio de Trento e dirigida pelos jesuítas; b) a centralização política realizada pelo Absolutismo Régio, com a consequente perda das liberdades medievais; c) o sistema económico criado pelos Descobrimentos, de rapina guerreira, que impediu o desenvolvimento da pequena burguesia.

Considerando a Filosofia como elemento essencial na vida das nações, num texto de

1872 intitulado *A Alma das Nações*, Antero manifestou a sua tristeza face ao reconhecimento da Filosofia como coisa avessa à índole e tradição intelectual portuguesa.

Na tese de 1890, *Tendências Gerais da Filosofia no Século XIX*, Antero de Quental, defendendo que a Filosofia representa, simultaneamente, o absoluto no pensamento e o relativo à consciência que o pensamento tem de si, pretendeu articular a relação entre espírito da época e génio da raça com os sistemas filosóficos.

O germanismo filosófico de Antero de Quental, apostado em refutar o positivismo em prol da revalorização do papel da consciência, traduziu uma vivência dialéctica da concepção do mundo, vaticinante do estado cultural de Portugal e do mal-estar sentido na Universidade no período de transição do século XIX para o século XX.

A Faculdade de Filosofia, cujo entendimento de sentido não pode ser distanciado do ideário kantiano, teve como propósito primeiro o distanciamento da especulação metafísica e dos procedimentos de análise textual do discurso filosófico para abraçar a metodologia experimental, típica da Ciência Moderna, privilegiando as áreas afins à Filosofia Natural e declarando como missão filosófica o entendimento do método pelo qual se constitui a globalidade dos saberes e os princípios que os orientam. A Faculdade de Filosofia deverá, então, ser entendida como detentora privilegiada da intenção de promover um estado de espírito e de uma atitude crítica imbuída de um vincado optimismo perante as potencialidades do presente coetâneo.

Contudo, esse propósito não se revelou conforme às expectativas da juventude estudantil.

Outra ressonância explicadora da preocupação dos intelectuais portugueses com o destino nacional foi explanada nas obras pedagógicas de José Pereira Sampaio Bruno que, na passagem do século XIX para o século XX, apresentou, em 1898, a obra *O Brasil Mental. Esboço crítico* que continha uma crítica “ao positivismo de matriz comteana”. Em 1902, publicou *A Ideia de Deus* onde estava presente “o núcleo do pensamento metafísico de Bruno” e a articulação da concepção de educação moral com o “pensamento teodiceico do filósofo português” e, em 1906, *Os Modernos Publicistas Portugueses* onde “o pensador mais longamente se debruça sobre os problemas da educação” e discute questões levantadas por publicistas e economistas, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Amorim Viana, Rodrigues de Freitas e José Falcão, e por periódicos como *As Farpas*

e *A Península*, fazendo ressaltar, desse questionamento, problemáticas afins à questão do iberismo, do republicanismo e do enfraquecimento moral nacional (Patrício, 2000: 77-79).

Qualquer uma das suas obras se revelou de particular interesse para a Filosofia da Educação Nacional ao longo do século XX e, segundo Manuel Ferreira Patrício, Sampaio Bruno foi “um pensador de charneira dos dois séculos, o XIX e o XX” (2000: 77) sendo através do conteúdo da sua obra que “emerge, com suficiente nitidez de linhas, a ideia de uma ontologia de Portugal” (2000: 81). Por essas razões, será viável afirmar que a sua influência “está na origem de quase tudo o que de filosófico-antropagógico se pensou neste século” (2000: 79).

2.7. O começo do século XX e a Reforma de 1911

A partir de 1907, começou a desenrolar-se a Questão Académica da Universidade de Coimbra, caracterizada pelas lutas estudantis encetadas contra a pedagogia retrógrada e fechada da Universidade e contra os métodos persecutórios utilizados pelos Lentes para com quem tivesse a veleidade de ser portador de novas ideias ou, de qualquer modo, afrontar essa ortodoxa pedagogia (Fava, 2008).

Pelo Decreto de 24 de Março de 1911, o Governo da República criou as Universidades de Lisboa e do Porto que substituíram o Curso Superior de Letras e vários organismos de Ensino Superior. Com a entrada em vigor da *Constituição Universitária de 1911*, que consagrou o princípio da autonomia das três Universidades do Estado – a antiga Universidade de Coimbra e as novas Universidades de Lisboa e do Porto – o seu governo passou a ser da responsabilidade da Assembleia Geral de Professores, do Senado Universitário, dos Conselhos das Faculdades e Escolas e dos seus delegados electivos – o Director e o Reitor.

Tendo como finalidade “o aperfeiçoamento e a expansão da alta cultura intelectual no domínio das ciências filosóficas, filológicas, históricas e geográficas e a preparação científica para o exercício das profissões que exigem o conhecimento daquelas ciências” foram criadas, pelo Decreto de 9 de Maio de 1911⁴², as Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra, tendo sido o seu funcionamento regulamentado pelo Decreto de 19 de Agosto de 1911 (Rodrigues, 1992).

⁴² Será pertinente, desde já, assinalar o carácter enciclopédico presente na planificação do Decreto.

O período de emergência e estabelecimento das Faculdades de Letras ficou marcado pela indecisão política e universitária no respeitante ao estatuto epistemológico institucional das mesmas. Nesta consonância desencadeou-se, durante dezanove anos, um processo reformativo constante⁴³, traduzido num estado de instabilidade curricular, revelador do contexto de perturbação política vivido desde a implantação da I República até ao início da Ditadura Militar.

A nova *Constituição Universitária Portuguesa*, instituída pelo Decreto de 19 de Abril de 1911, decretou uma outra realidade ao Ensino Superior nacional, centrada no propósito de afrontar o ancestral monopólio universitário coimbrão, ao reconhecer as academias de Lisboa e Porto como Instituições universitárias.

Na velha Universidade de Coimbra, a reestruturação institucional interna, em conformidade com a legislação vigente, ditou a reunião da Faculdade de Filosofia com a Faculdade de Matemática, da qual resultou a Faculdade de Ciências, converteu a Faculdade de Teologia em Faculdade de Letras e reestruturou as Faculdades de Medicina e de Direito.

De acordo com Joaquim Ferreira Gomes, esta nova realidade académica simbolizou a ruptura ideológica para com a anterior pedagogia praticada na Instituição universitária, no intuito de “introduzir na Universidade uma pedagogia nova: menos verbalista, menos dogmática, menos teórica, menos livresca e mais dialogante, mais centrada no aluno e sobretudo mais centrada na realidade” (1990: 298).

Na altura da sua criação, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra compreendia um total de seis grupos no qual se encontrava o grupo de Filosofia (1º Grupo – Filologia Clássica, 2º Grupo – Filologia Românica, 3º Grupo – Filologia Germânica, 4º Grupo – Ciências Históricas, 5º Grupo – Ciências Geográficas e 6º Grupo – Ciências Filosóficas).

⁴³ Durante os primeiros anos de funcionamento das Faculdades de Letras, os meios políticos e universitários viram, sistematicamente, os seus planos de estudos alterados em conformidade com o legislado nas *Reformas Educativas de 1911, 1918, 1926 e 1930*.

Quadro 7

Grupo de Ciências Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - 1911	
Filosofia	Psicologia Lógica Moral
História da Filosofia	Antiga Medieval Moderna
Psicologia Experimental	
Estética e História da Arte	

Fonte: Rodrigues, 1992: 55.

As alterações aos planos de estudos não tardaram e, a partir de 1914, a dedicação exclusiva aos estudos filosóficos passou a designar-se como 5ª Secção (Filosofia) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, assumindo a seguinte composição:

Quadro 8

Plano de Estudos da 5ª Secção (Filosofia) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - 1914	
1º Ano	Filosofia I Filologia Portuguesa História Antiga História Geral da Civilização
2º Ano	Filosofia I Língua e Literatura Alemã I História Medieval História de Portugal Etnologia Geografia de Portugal e Colónias
3º Ano	História da Filosofia Antiga História da Filosofia Medieval Língua e Literatura Alemã II Literatura Portuguesa História Moderna e Contemporânea
4º Ano	História da Filosofia Moderna Psicologia Experimental História das Religiões Filologia Clássica

	Língua e Literatura Alemã III Estética e História de Arte
--	--

Fonte: Rodrigues, 1992: 58-59.

Porém, interessa sublinhar que, em sintonia com o plano de estudos vigente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1914, a presença de cadeiras de Filosofia era constante em todas as secções vigentes, nomeadamente:

Quadro 9

Cadeiras de Filosofia nas diferentes secções da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - 1914	
1ª Secção (Filologia Clássica)	Filosofia I - (1º Ano) Filosofia II - (2º Ano) História da Filosofia Antiga - (3º Ano)
2ª Secção (Filologia Românica)	Filosofia I - (1º Ano) Filosofia II - (2º Ano) História da Filosofia Medieval - (3º Ano)
3ª Secção (Filologia Germânica)	Filosofia I - (1º Ano) Filosofia II - (2º Ano) História da Filosofia Moderna - (4º Ano)
4ª Secção (Ciências Históricas e Geográficas)	Filosofia I - (1º Ano) Filosofia II - (2º Ano) História da Filosofia Antiga - (3º Ano) História da Filosofia Moderna - (4º Ano)

Fonte: Rodrigues, 1992: 56-59.

Com a implantação da República, verificaram-se alterações significativas no cenário académico conimbricense tendo a Faculdade de Teologia suspenso as suas funções, dando lugar à Faculdade de Letras e tendo-se juntado as Faculdades de Matemática e de Filosofia para criar a Faculdade de Ciências (Rodrigues, 1992).

O despertar das ditas Ciências do Espírito e a remissão da Filosofia para o espaço físico das *nouvelles* Faculdades de Letras promoveu o afastamento paulatino da reflexão filosófica face às questões de âmbito marcadamente científico-natural. Contudo, a irreverência e holicidade da reflexão filosófica manteve-se, acabando por submeter os domínios mais específicos do conhecimento científico à reflexão sobre a sua implicação com o Homem compreendido como Ser no Mundo.

Exemplo cimeiro dessa realidade, no contexto académico português, foi a produção filosófica de Leonardo Coimbra. Tendo sempre presente que é o homem o cerne da busca e do questionamento pelo conhecimento, Leonardo, na condição de pensador atento às inovações científicas do tempo ao qual foi contemporâneo, foi pioneiramente responsável pelo outorgar de textos debruçados sobre a discussão referente ao Princípio da Relatividade de Albert Einstein (Fiolhais, 2005).

Neste sentido, a dissertação de 1912 de Leonardo Coimbra, tendo como referência um artigo publicado por Paul Langevin, foi redigida para efeitos de concurso para a ocupação do lugar de Professor Assistente de Filosofia na recém inaugurada Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pretendeu demonstrar que o princípio da relatividade permanece, mudando o sentido das noções de espaço e tempo. O propósito de Leonardo, apesar da sua base de formação superior ser o curso de licenciatura em Matemática na Academia Politécnica do Porto, não deve ser delegado para o campo da explanação científica, devendo antes ser entendido como matéria propiciadora à reflexão filosófica de cariz anti-positivista e de fundo espiritualista. A referida dissertação de Leonardo Coimbra, presentemente acreditada como tendo sido o primeiro contacto português com a Teoria da Relatividade de Einstein, revelou-se um momento inicial do tratamento desta teoria física no âmbito da especulação filosófica que, nos anos seguintes, o filósofo aprofundou e publicou na obra *O Criacionismo* e na revista cultural *A Águia* (Fitas, 2005).

No ano de 1919, a ascensão de Leonardo Coimbra ao cargo de Ministro da Instrução Pública foi fundamental para a transformação da secção de Filosofia das Faculdades de Letras. No entendimento do filósofo, faltavam ao curso de Filosofia matérias indispensáveis ao aperfeiçoamento e expansão da cultura intelectual no domínio filosófico. Nesse encadeamento, Leonardo Coimbra decretou, a 2 de Maio de 1919, a ampliação pragmática dos estudos filosóficos nessas Faculdades, acrescentando treze novas disciplinas ao curso, entre as quais figuravam a Física Geral, a Química Geral, as Matemáticas Gerais, a Biologia, a Sociologia, a Psicologia, o Curso Prático de Psicologia, a Teoria da Experiência, a Metafísica, a História da Filosofia Antiga, a História da Filosofia Medieval, a História da Filosofia Moderna e Contemporânea e o Curso Prático de História da Filosofia.

Porém, o Decreto promulgado por Leonardo provocou uma vaga de protestos por parte do Senado da Universidade de Coimbra que, no sentido de promover a sua revogação,

alegou que o propósito de introduzir as disciplinas científicas no curso de Filosofia se tratava de uma duplicação da leccionação das mesmas, na Faculdade de Ciências; que as Universidades não foram ouvidas acerca do conteúdo do Decreto; que o Decreto era contrário ao proposto pelo *Estatuto Universitário*, uma vez que a sua implementação implicaria a nomeação, por parte do Governo, do quadro de Professores para leccionar as novas disciplinas.

Na esteira desta contestação, a 10 de Maio de 1919, Leonardo Coimbra assinou um segundo Decreto, no qual mandava transferir a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para a cidade do Porto, acusando a velha Universidade de ter orientado a cultura dos seus alunos de forma a que estes dessem preferência à erudição livresca em detrimento das especulações originais do espírito moderno.

Perante este segundo Decreto, a agitação dos mestres e estudantes da Universidade de Coimbra agudizou-se. E, dado o mal estar vigente, Leonardo optou por mandar encerrar as aulas de todas as Faculdades e Escolas Universitárias.

Nesse mesmo ano, a situação agravou-se e a 29 de Maio o Governo caiu.

Posteriormente, o Parlamento decidiu manter o funcionamento da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e confirmou a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob a direcção de Leonardo Coimbra (Carvalho: 2008).

O ano de 1919 foi uma data determinante para a criação da, há algum tempo aguardada, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A finalidade de todo este processo prendeu-se com o propósito de Leonardo Coimbra dotar o ensino universitário da Filosofia com novos parâmetros, marcados pela inclusão curricular de cadeiras como a Matemática, a Física, a Química, a Biologia, a Metafísica, a Teoria da Experiência e a Sociologia.

Por certo, caso esta reforma tivesse sido levada a cabo, o estatuto epistemológico da Filosofia, imbuído de cunho científico, teria proporcionado uma abertura de perspectivas no plano de estudos das Ciências do Espírito, optimizando o contributo da Universidade no plano de organização nacional (Marques, 1988).

Alegando, em concordância com o Professor António de Vasconcelos, que as Letras são a base de qualquer cultura superior Leonardo Coimbra promoveu a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, com a publicação do Decreto de 19 de Setembro de

1919, abrigou o início do seu funcionamento suportado num quadro geral de disciplinas, Secções e Grupos análogo ao das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra. Porém, apenas nove anos volvidos, à inauguração da *nouvelle* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, aos 14 dias do mês de Abril de 1928, o Governo português promulgou o Geral Decreto nº 15 365 que aboliu o funcionamento da jovem Faculdade portuense, da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra e das Escolas Normais Primárias de Coimbra, Braga e Ponta Delgada.

Na organização das Faculdades de Letras, subsequente ao novo *Estatuto de 2 de Outubro de 1926*, a Filosofia constituía o 6º Grupo da 2ª Secção (Ciências Históricas, Geográficas e Filosóficas) e, apesar da pertinência de atentar sobre o facto de a Filosofia ter surgido sob o estatuto de Grupo autónomo, importa sublinhar a inexistência de uma licenciatura em Filosofia nas Faculdades de Letras uma vez que esta se encontrava integrada no plano curricular da licenciatura em «Ciências Históricas e Filosóficas». A associação da Filosofia à História poderá ter condicionado a produção filosófica nacional (Martins, 1989).

A organização das Faculdades de Letras de 1930 previa a existência de três secções, abrangendo seis Grupos e quatro cadeiras anexas, a saber:

Quadro 10

Secções, Grupos e Cadeiras Anexas das Faculdades de Letras - 1930	
1ª Secção (Ciências Filológicas)	1º Grupo (Filologia Clássica) 2º Grupo (Filologia Românica) 3º Grupo (Filologia Germânica)
2ª Secção (Ciências Históricas, Geográficas e Filosóficas)	4º Grupo (Ciências Históricas) 5º Grupo (Ciências Geográficas) 6º Grupo (Ciências Filosóficas)
3ª Secção (Cadeiras Anexas)	Estética e História de Arte Estudos Brasileiros História da Música (facultativa) Língua Hebraica (facultativa)

Fonte: Rodrigues, 1992: 59.

No ano de 1937, este seccionamento da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra assumiu uma outra configuração, ou seja:

Quadro 11

Secções, Grupos e Cadeiras Anexas das Faculdades de Letras - 1937	
1ª Secção (Ciências Filológicas)	1º Grupo (Filologia Clássica) 2º Grupo (Filologia Românica) 3º Grupo (Filologia Germânica)
2ª Secção (Ciências Históricas, Geográficas e Filosóficas)	4º Grupo (Ciências Históricas) 5º Grupo (Ciências Geográficas) 6º Grupo (Ciências Filosóficas)
3ª Secção (Ciências Pedagógicas)	
4ª Secção (Cadeiras Anexas)	Estética e História de Arte História da Música (facultativa) Língua Hebraica (facultativa) Estudos Brasileiros

Fonte: Rodrigues, 1992: 62.

Foi necessário aguardar pelo ano de 1957 para que a Filosofia passasse a ser ensinada no quadro de um curso autónomo na Faculdade de Letras da Universidade da cidade de Coimbra (Martins, 1989).

A História das Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa, no começo da década de 60 do século passado, ficou marcada pela superlotação das mesmas. Nessa consonância, a actual Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi criada ao abrigo do Decreto-Lei nº45 864 de 17 de Agosto de 1961 (*Diário do Governo* 1ª Série, Nº 190) e iniciou o exercício das suas funções em Outubro de 1962 tendo, desde então e até à data, a presença dos cursos de licenciatura e doutoramento em Filosofia estado presentes nessa Faculdade.

3. Alvores da Filosofia da Educação em Portugal

O propósito de retratar o processo de constituição do campo disciplinar da Filosofia da Educação, conduz-nos a começar por esclarecer que, usualmente, na tradição filosófica ocidental a reflexão filosófica acerca da educação não foi epistemologicamente considerada como ramo autónomo da Filosofia.

Porém, no período de viragem do século XIX para o século XX, a relação milenar Filosofia/Educação sofreu uma considerável alteração fomentada pelo movimento cultural desencadeado na Modernidade que, pautado por um novo paradigma de interpretação do pensamento, caracterizado pela confiança na razão, no domínio do homem sobre si mesmo e pelo distanciamento do conhecimento metafísico e do ser, potenciou uma ideia de progresso, fundamentada nas ciências positivas como esperança de elevação de toda a Humanidade.

Neste sentido, verificou-se a passagem de uma abordagem educativa que, tradicional e quase exclusivamente, foi objecto de uma abordagem normativa, de origem teológica, filosófica e politológica, dedicada à prescrição da promoção de ideais e de metodologias acreditados como adequados à compreensão do *homo educandus*, para a desvalorização da abordagem doutrinal e para a vontade de pôr fim a uma análise puramente teórica e normativa dos problemas educativos (Carvalho, 2006).

Na esteira deste propósito, o Mundo Ocidental, imbuído por uma ideologia de cariz positivista, terá optado por abraçar um projecto de tratamento científico da educação que visava ditar regras de conduta capazes de se insurgir contra os costumes contemporânea e ancestralmente vigentes e que teve como corolário a constituição do campo disciplinar das diversas Ciências da Educação, em geral, e da Filosofia da Educação em particular.

A própria denominação Ciências da Educação não foi escolhida de forma fortuita nem arbitrária. A este respeito, Maurice Debesse e Mialaret (1969) justificaram que a preferência do recurso a esta expressão conceptual, no contexto do ensino universitário, preterindo o termo Pedagogia, não se prendeu com um gesto de menosprezo pelo velho vocábulo nem com uma tentativa de o substituir. Tratou-se, acima de tudo, de um intuito de sublinhar a necessidade de abordar a questão educativa por parte de diferentes disciplinas que, com as

suas próprias metodologias e problemáticas, pudessem interagir, passando da pluridisciplinaridade à interdisciplinaridade, cruzando metodologias e comparando as conclusões das suas reflexões, aspirando a uma maior inteligibilidade da questão educativa.

No enfoque da proliferação das Ciências da Educação assistiu-se à separação da Filosofia e da Pedagogia que, como corolário, se traduziu por um certo alheamento pela reflexão filosófica por parte dos investigadores e das Instituições que se dedicaram à causa educativa.

De qualquer modo, é legítimo afirmar que, em certa medida, a Filosofia tenha continuado a influenciar, ainda que indirectamente, a pesquisa no campo das Ciências da Educação. Contudo, a centralidade da presença da Filosofia na reflexão alusiva à causa educativa deixou de ser comparável à instituída até aos finais do período de noventa.

Apesar de secundarizada nos meandros educativos, a Filosofia resistiu e, poder-se-á até dizer que, ao longo do século XX se assistiu, no Ocidente, à proliferação não de uma, mas de várias Filosofias da Educação: a pragmática e analítica *Philosophy of Education* anglo-americana, a pedagógica *Philosophie de l'éducation* francesa, a reflexão ontológico-filosófica germânica e a Filosofia da Educação personalista, ontológica e antropológica portuguesa.

A análise histórica ao campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal conduz à ponderação sobre os diferentes discursos realizados nesta arena educativa e ao intuito de considerar os diferentes contributos de produção discursiva.

Contudo, esta realização não significa que estejamos perante um domínio filosófico-científico-educativo que se encontra plenamente consolidado. Com efeito, segundo Wilson (2003), nem sempre se verifica o consenso perante a atribuição de sentido à apelidada como "Filosofia da Educação", atendendo ao surgimento de distintas perspectivas que divergem sobre o que ela é e o que deveria ser. Daí, a importância da busca identitária da Filosofia da Educação portuguesa.

3.1. Filosofia Portuguesa, Renascença Portuguesa e Filosofia da Educação em Portugal

O mundo ocidental entrou no século XX protagonizando os ideais da Modernidade

fomentados por uma Pedagogia Moderna que, alicerçada na força da razão e na esperança depositada na ciência, terá condicionado a postura dos movimentos filosóficos no campo educativo.

O conjunto de expectativas, desejos e alegrias que sempre se aguardam perante o despoitar de um novo ano no calendário, intensificam-se perante a entrada num novo século. A entrada de Portugal no século XX caracterizou-se pelo cansaço de lutas políticas, pela descrença nas palavras inúteis, pelo desalento em realizações frustradas, pela saturação da vivência num quotidiano de horizontes mesquinhos e pela consciência da necessidade de ambicionar a realização de um futuro melhor. (Carvalho, 2008).

Contudo, foi essa mesma insatisfação, face à realidade vigente, que animou a aspiração filosófica à elevação da sociedade portuguesa a um outro patamar que, idilicamente, só poderia ser alcançado pela via da instrução e da aculturação do povo português.

Acreditando na mais-valia da mudança, vislumbrou-se o surgimento de um esforço de teorização da educação realizado por alguns dos ilustres intelectuais da sociedade portuguesa da época, nomeadamente, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Faria de Vasconcelos, António Sérgio, Agostinho da Silva e Fidelino de Figueiredo.

Na complexa estrutura de pensamento de alguns dos intelectuais da época, o questionamento ontológico pelo entendimento do que é ou do quem é Portugal, converteu-se numa interrogação comum, com extensões à teorização educativa, presente nas obras de Sampaio Bruno, Pascoaes, Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, José Marinho, Delfim Santos, Agostinho da Silva e Fernando Pessoa, entre outros.

Na esteira desse movimento de teorização da educação, em certa medida encetado por Sampaio Bruno, desencadeou-se um debate educacional incendiado, mormente abraçado pelo grupo da *Renascença Portuguesa* e pelo da *Seara Nova*.

Foi com a *Renascença Portuguesa* que Teixeira de Pascoaes “iniciou a parte da sua vida e da sua obra em que, postos definitivamente de lado os afazeres da profissão causídica, se dedicou à cruzada da educação em Portugal” (Casulo, 1997: 57).

Considerando a educação como “elevação só proporcionável pela poesia”, Pascoaes “acrescentou à reflexão sobre a educação nacional a ideia da necessidade de ela se realizar em consonância com as características próprias do povo português, por um lado, bem como

a de, nas suas orientações gerais e nas suas várias dimensões (escolar, comunitária, municipal...) ela dever contribuir para o seu desenvolvimento espiritual” (Casulo, 1997: 473).

Apreendendo no sentimento saudoso uma dimensão, simultaneamente ontológica e gnoseológica, Pascoaes reconheceu na poesia que, segundo ele antecedia a Filosofia, o traço diferenciador da vida espiritual portuguesa (Borges, 1990).

Contudo, a alma pátria portuguesa, revelada poeticamente por Antero, só viria a ascender nitidamente à consciencialização filosófica na esteira da edificação e da explanação da Filosofia poética de Leonardo Coimbra.

Acreditando na urgência de reformar a mentalidade do povo português pela via da difusão do saber, Teixeira de Pascoaes e os restantes membros da *Renascença Portuguesa* asseguraram, por períodos extensos, a edição de três órgãos periódicos, a saber, *A Águia*, *A Vida Portuguesa* e *Princípio*.

Foi no contexto da implantação da República, a 5 de Outubro de 1910, que se assistiu à publicação do primeiro número da revista *A Águia*⁴⁴ que, imbuída de sentido de independência nacional e de autonomia, deu azo ao surgimento, em 1912, desta sociedade cultural em cuja atmosfera se viria a formar a geração de discípulos de Leonardo Coimbra, entre os quais se encontravam Álvaro Ribeiro, José Marinho, Sant'Anna Dionísio, Agostinho da Silva e Delfim Santos.

No período republicano, o problema da educação foi verdadeiramente assumido como questão de sobrevivência do regime, com especial enfoque nos níveis primário e superior.

Assumindo que a reforma da educação só poderia ultrapassar o plano do empirismo quando fosse capaz de se afirmar enquanto expressão de uma teoria da cultura, o futuro Ministro da Instrução Leonardo Coimbra defendeu que, em matérias educacionais, teria que ser a nobreza teórica a medir a força do espírito e o alcance da acção (Calafate, 1992a).

Em boa verdade, foi somente com Leonardo Coimbra que a tematização de um pensamento português, assente numa reflexão e fundamentação globais, se desenvolveu de forma consolidada no âmbito de uma “Filosofia original” e atenta aos contornos da situação filosófica e educacional nacional, “nomeadamente patente na explicitação de noções como espaço, tempo, sociedade, civilização, história, evolução, tradição, linguagem, povo e pátria”

⁴⁴ O primeiro número da revista *A Águia* foi publicado a 1 de Dezembro de 1910.

(Borges, 1990: 620).

Considerando a tradição como “refracção temporal de uma unidade ontológica”, Leonardo reflectiu sobre a questão pedagógica nacional e sobre a responsabilidade da Universidade, pautado por um *idearium* que compreendia a tradição enquanto suporte evolutivo e dinâmico da manifestação da unidade colectiva dos povos (Borges, 1990: 621).

No texto *O Pensamento Criacionista*, Leonardo referiu as “formas étnicas, regionais, raciais” como sendo as conquistas e a matéria de um povo que as transcende (1983: 115) e em *A Luta pela Imortalidade*, referiu-se à pátria como “um sistema de valores espirituais” (1983: 247).

No que concerne à Filosofia portuguesa, Leonardo Coimbra considerou o pensamento poético português espiritualmente próximo da sua Filosofia sistemática, afirmando a existência de uma fisionomia espiritual do povo português e de um carácter nacional implícitos na História portuguesa. Defendendo a poesia como maior criação intelectual dos portugueses, Leonardo postulou que deveria ser através da poesia que deveria ser revelado o pensamento metafísico nacional (Borges, 1990).

Da plêiade de pensadores discipulados por Leonardo Coimbra e ocupados com a questão educacional, o contributo de Álvaro Ribeiro destaca-se pela extensão e valor da sua obra filosófico-pedagógica, que “orientada e preenchida por uma tríplice dedicação reflexiva: à filosofia, à educação e à política”, o elevou à condição de “figura maior da Filosofia portuguesa da Educação do século XX” (Patrício, 2000: 105).

Tratando-se de um dos precursores da defesa da existência de uma Filosofia Portuguesa, Álvaro Ribeiro defendeu a necessidade de desvelar hermeneuticamente o pensamento filosófico implícito na História de Portugal, na língua portuguesa e nas obras culturais nacionais de modo a permitir abertura ao propósito de esboçar a fisionomia espiritual da nação (Borges, 1990).

Álvaro Ribeiro foi um valorizador militante do âmbito nacional da vida. Dentro desta posição nuclear é que devemos colocar a questão da criação, que a ele em primeiro lugar se deve, do movimento da “Filosofia Portuguesa” (Patrício, 2000: 106).

A respeito da doutrinação proposta por Álvaro Ribeiro, interessa começar por esclarecer que esta não pode ser compreendida a partir das correntes pedagógicas internacionais dominantes no século XX uma vez que, inversamente, a sua teoria educativa se encontrava

filiada na tradição portuguesa.

Na obra *O Problema da Filosofia Portuguesa*, Álvaro Ribeiro (1943) afirmou que o seu mestre Leonardo Coimbra transmitira aos discípulos os ensinamentos apropriados para encontrar na filosofia portuguesa a linha directriz da educação nacional.

Nessa medida, reconduzindo a questão da educação para o âmbito da formulação do seu pensamento filosófico, Álvaro Ribeiro defendeu o carácter radicado e nacional do filosofar, definindo uma tradição filosófica portuguesa, de raiz antipositivista, que se propôs actualizar. (Calafate, 1992b).

Pretendendo consciencializar a tradição nacional, através da promoção pedagógica, Álvaro Ribeiro apelou à possibilidade de actualização dessa tradição pela via da sua explicitação filosófica. Assim sendo, filosoficamente explicitado e pedagogicamente difundido, o modo tradicional de ser português deveria ser veiculado pela análise às teses mais diferenciadoras dessa tradição (Borges, 1990).

Acreditando que “a Filosofia era a base da educação e da pedagogia e que estas eram a base da política” (Patrício, 2000: 105), Álvaro Ribeiro não compreendeu o problema de educar o homem num sentido lato, mas antes na especificidade da educação do homem português.

Um outro discípulo de Leonardo Coimbra, ocupado com a problemática filosófico-educativa foi José Marinho que, no cenário de uma “Antropologia situada”, valorizou a Filosofia pela problematização ontológica no quadro educacional (Calafate, 1992a: 869).

Pretendendo visar a proposta de eleger a Filosofia como fundamento da educação, José Marinho começou por estipular uma concepção antropológica, segundo a qual, *ab initio*, o homem se encontra situado num vazio de conhecimento. No decurso da análise filosófica a esse estado antropológico de vazio de conhecimento e pela avaliação das implicações ontológicas daí decorrentes, José Marinho produziu uma racionalidade discursiva filosófico-educativa fundamental ao entendimento dos alvares da Filosofia da Educação em Portugal, mormente a expressa nas obras: *Elementos para uma Antropologia Situada* (1966), *Filosofia, Ensino ou Iniciação?* (1972) e *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo* (1976).

Pensando no problema da Filosofia portuguesa, a funda implicação do universal no

situado, José Marinho patenteou por uma exegese filosófica do pensamento filosófico nacional seu contemporâneo, através do qual a autonomia do pensamento e a liberdade espiritual seriam retomados e distanciados das suas maiores ameaças, ou seja, da erudição e do culturalismo (Borges, 1990).

O homem não pode interrogar-se como homem em geral, como género humano, só lhe sendo dado verdadeiramente interrogar-se quando se assume na sua singularidade, desde quanto haja de mais íntimo e radical no seu ser, desde a mais funda subjectividade (Marinho, 1966:10).

Este pensamento de José Marinho, sobre a importância da singularidade do ser humano, segundo Manuel Patrício, parece adivinhar a futura propensão europeia e ocidental de caminhar no sentido de homogeneizar a cultura em detrimento da identidade dos povos (2000).

Passando ao contributo de Sant'Anna Dionísio para a problematização filosófica da educação, importa indicar que devem ser alvo de maior atenção os textos *Filosofia como objecto da Pedagogia* (1952) e a sua tese de concurso à docência na Faculdade de Letras do Porto *Pedagogia Culminante dos Gregos*, apresentada em 1962. O tema desta sua tese, marcadamente pedagógico, “assume no núcleo do trabalho uma orientação cultural ou paidêutica, no espírito da pedagogia criacionista e personalista de Leonardo, ao mesmo tempo que no espírito da grande e clássica pedagogia helénica” (Patrício, 2000: 119).

Contudo, as duas figuras da República que mais se notabilizaram pela profundidade de reflexão sobre a causa educativa foram Leonardo Coimbra, “enquanto Ministro da Instrução Pública”, pela criação e direcção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo magistério docente legado e perpetuado e pela “vasta obra filosófica, pedagógica e política” outorgada e Delfim Santos pela transmutação da discipulação de Leonardo, pela integração no “Movimento da Renovação Democrática”, pela elaboração da proposta de “organização da Universidade portuguesa publicada em 1933”, pela mestria docente e pelo papel defendido para a Filosofia e para a Filosofia da Educação no quadro universitário (Patrício, 2008: 372).

O projecto de propor a Filosofia como centro de todo o pensamento educacional começou a tomar forma, em 1926, com a apresentação da tese de Leonardo Coimbra ao Congresso da Esquerda Democrática, intitulada *Problema da Educação Nacional*, na qual o filósofo pretendeu revelar o “carácter aglutinador da Filosofia da Educação” (Manso, 2008: 6).

Um outro momento pioneiro a considerar, para a concepção de uma “Filosofia da Educação de matriz portuguesa”, foi a publicação do texto de 1931 de Fidelino de Figueiredo intitulado *Imagem-Força: Um conceito para a Filosofia da Educação*, no qual o autor designou a Filosofia da Educação como área de conhecimento e procurou definir as condições epistemológicas para “o novo saber da Filosofia da Educação” (Manso, 2008: 6).

Constatando que, no começo da década de trinta do século passado, houve um pensador português cuja área de formação não era a Filosofia⁴⁵, a redigir um discurso no qual designou a Filosofia da Educação como área do conhecimento e no qual procurou definir as condições epistemológicas afins a este novo saber, impõe-se a compreensão contextual do escrito.

Sabendo que, à data, o reconhecimento da Filosofia da Educação como área científica autónoma se encontrava ainda tão distante, a consciência de ter havido alguém em Portugal que propôs a definição das competências da Filosofia nos domínios da educação, é um facto surpreendente.

Num conjunto de ensaios, datado de 1933, intitulado *Menoridade da inteligência*, Fidelino de Figueiredo associou a História da Filosofia à História dos fundamentos filosóficos da educação, esclarecendo o sentido e o alcance das duas, visando, sobretudo, a construção de uma Filosofia da Educação nacional que deveria implicar um conjunto de juízos sobre a evolução dos povos e dos indivíduos que lhe deram corpo (Manso, 2008).

Menoridade da Inteligência abre algumas das linhas mais importantes de Fidelino de Figueiredo: sobretudo a da defesa dos valores intelectuais e da afirmação da grandeza do ser humano, impossível sem a vinculação das elites a uma ética da inteligência, da liberdade e do amor à humanidade” (Quadros, 1990: 562).

Nos escritos de Fidelino de Figueiredo, nomeadamente em *Menoridade da inteligência*, foi fluente a dissertação referente à proposta de uma outra relação cultura/educação e a afirmação da necessidade de implementação de uma nova cultura pedagógica para o ensino em Portugal. Sob estes argumentos, o pensador elaborou uma crítica assaz pertinente às Universidades portuguesas, inculcando-lhes a incapacidade de criar ciência e de organizar a

⁴⁵ Fidelino de Figueiredo realizou os seus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa tendo, em 1910, concluído o seu curso de licenciatura em Ciências Histórico-Geográficas. O percurso intelectual de Fidelino de Figueiredo não é de linear caracterização, uma vez que se revelou homem de interesses plurais e instigado por múltiplas motivações que o levaram à elaboração de uma obra, vasta e transversal, extensível aos domínios da Filosofia, da Política, da História, da Teoria da Literatura, da Ficção e do Ensaísmo (Carneiro, 2000).

cultura e propondo, como alternativa, o posicionamento da Filosofia como centro de todo o pensamento educacional.

Na senda do pioneirismo da reflexão filosófico-educacional nacional, também se destaca o contributo de Agostinho da Silva, para quem o ingresso e frequência da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entre 1924 e 1928, foi determinante para a sua formação. Foi nessa Escola de Liberdade que o filósofo apreendeu ensinamentos que levou consigo para a vida, assentes no ideal de respeito pela liberdade absoluta do homem.

Das proximidades relacionais estabelecidas na Instituição, resultaram a colaboração, em 1927, com a revista da *Renascença Portuguesa A Águia* e, entre 1928 e 1938, com a revista *Seara Nova*. Da colaboração com estes dois importantes movimentos culturais, o filósofo retirou um proveitoso conjunto de aprendizagens e experiências que, futuramente, viria a conciliar com a maturação do seu pensamento.

Desde cedo desperto para a causa educacional, Agostinho da Silva permaneceu sempre empenhado na fundação de movimentos e Instituições de cariz pedagógico em Portugal e no Estrangeiro.

Na categoria de académico participante na vida universitária internacional, foi Professor de Instituições educativas no Uruguai e na Argentina na área da Pedagogia Moderna, mas foi no Brasil, mais particularmente na Faculdade de Filosofia Fluminense do Rio de Janeiro⁴⁶, que Agostinho da Silva, em 1953, assumiu a leccionação da cadeira de Filosofia da Educação, convertendo-se no primeiro português a leccionar a disciplina (Manso, 1998).

O facto de, no ano de 1953, ter havido um filósofo português que leccionou a disciplina de Filosofia da Educação e que, na sequência da motivação suscitada pela natureza indeterminada do conteúdo filosófico-educativo da disciplina, elaborou um programa, de raiz, sob a finalidade de conformar o propósito disciplinar com a sua concepção filosófico-educativa, é, por si só, admirável. Porém, ao considerar o distanciamento temporal a que Agostinho da Silva se encontrava, face à consagração académica da Filosofia da Educação, decorrente da produção teórica, futuramente elaborada por filósofos da educação como Peters, Hirst, Fullat e Reboul, a admiração pelo filósofo terá que ser ainda maior.

Filósofo de visão profética e de intuição arguta, Agostinho da Silva não deve ser inscrito

⁴⁶ A Faculdade de Filosofia Fluminense do Rio de Janeiro é actualmente designada como Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro.

na plêiade de filósofos da educação realizadores de um exercício sóbrio, aprofundado e coerente da razão, uma vez que a sua obra filosófica assume um teor mais teológico do que filosófico na reflexão sobre o real educacional. Assim sendo, falar de Filosofia da Educação na obra de Agostinho de Silva deve ser entendido no sentido da demonstração da existência, no seu discurso, de ideias sobre educação que remetem para concepções de índole filosófica (Casulo, 2007).

Tendo pensado ampla e profundamente a educação portuguesa, a educação lusófona e a educação do homem, Agostinho da Silva acreditou que, para poder mudar a educação, era necessário reformar as condições de vida dos educandos e da população em geral (Patrício, 2000).

Defensor convicto da necessidade de educar Portugal, na obra *Educação de Portugal*, escrita em 1970 e publicada em 1989⁴⁷, Agostinho da Silva tentou esboçar uma ontologia do nosso país através da proposta de apresentação de um sistema de educação que acreditou correspondente às necessidades do povo português. Encarando o português como transcensão do indivíduo integrado no ser de Portugal e posto ao seu serviço, Agostinho acreditou a educação como processo, através do qual, se fornece a cada um tudo quanto for solicitado para que a sua pessoa se possa desenvolver e afirmar. No entanto, há que entender que, para Agostinho, Portugal era muito mais que o pequeno “rectângulo continental europeu” (Patrício: 2000: 134).

3.2. Contributo filosófico-educacional dos movimentos Seara Nova e Orpheu

O surgimento, em 1921, do grupo e do periódico *Seara Nova* animou consideravelmente a reflexão filosófico-educacional portuguesa, principalmente, graças ao trabalho de Faria de Vasconcelos e António Sérgio.

O contributo de António Sérgio para o campo filosófico-educacional prendeu-se, sobretudo, pela sua capacidade de distanciamento do ideal iluminista que tudo esperava do ideal das luzes, assim como do projecto ideológico do século XIX que vaticinou no

⁴⁷ Segundo Manuel Ferreira Patrício, o livro de Agostinho da Silva, intitulado *Educação de Portugal*, apesar de ter sido escrito em 1970 só foi publicado em 1989 atendendo a que “os editores da altura acharam-no demasiado filosófico” (2000: 131).

desenvolvimento e difusão da ciência a panaceia para todos os males da Humanidade (Calafate, 1992a).

Na escrita pedagógica de António Sérgio, inscrita no Movimento da Escola Nova e na linha da pedagogia social de Kerschensteiner e de John Dewey, assumiram especial destaque: *Considerações Pedagógicas*, de 1915, *Educação Cívica*, de 1915, *O Ensino Como Factor de Ressurgimento Nacional*, de 1918, *Aspectos do Problema Pedagógico em Portugal*, de 1934 e *Sobre Educação Primária e Infantil*, de 1939. Quanto aos escritos de carácter filosófico-pedagógico é nos volumes de *Ensaio*s que estes se encontram explanados (Patrício, 2000).

Na esteira do pensamento de Rousseau e Kant, Sérgio postulou um ideal filosófico-educativo, suportado pelo princípio que defendia que a sabença, por si só, era desprovida de valor moral, uma vez que “o saber não se apresenta possível sem juízos e sem hipóteses”, ou seja, “sem a criação de um problema prévio, sem a iniciativa do pensamento no perguntar e no responder” (Calafate, 1992a: 867-868).

Diferentemente dos seus antecessores, principalmente dos agregados ao movimento da *Renascença Portuguesa*, Sérgio foi um “insubstantialista, o que reduz a zero qualquer hipótese de construir uma ontologia” (Patrício, 2000: 103).

Através da concepção de intelecto como actividade e criação, António Sérgio partiu para a proposta de “um ideal de uma Pedagogia de acção social, desenvolvida no conceito de trabalho, segundo linhas de cooperação”. De acordo com o ideal de Pedagogia sergiana, alicerçado no cultivo da “autodisciplina da actividade espontânea” em “comunidades fraternas”, o entendimento do sentido da liberdade deveria ser assimilado como “esforço contínuo de superação de limites e de ascensão do espírito” (Calafate, 1992a: 868).

No idealismo racionalista de António Sérgio, negando a existência identitária de Portugal, foi esboçada uma tentativa de conceber o inconcebível, ou seja, transformar a educação de uma entidade nacional não reconhecida (Patrício, 2000).

Num sentido filosófico e nacionalista diferente do de Sérgio, o movimento *Orpheu*, mais próximo da *Renascença Portuguesa*, abraçou o saudosismo, o criacionismo e o modernismo, cimentando as suas raízes no solo pátrio e na nacionalidade, investindo fortemente em Portugal, dando à educação um relevo nuclear.

Reconhecendo em Leonardo Coimbra a origem do surgimento da verdadeira Filosofia, Fernando Pessoa acreditou ser essa a via de regresso ao “tipo tradicional do português” (Borges, 1990: 622).

Fernando Pessoa denotou, na corrente literária sua contemporânea, a nacionalidade como especificidade ideativa, sentimental e expressiva, contendo uma metafísica, uma estética e uma sociologia implícitas (Borges, 1990: 622).

Recorrendo à noção de “transcendentalismo panteísta”⁴⁸, a reflexão filosófica presente na obra de Fernando Pessoa pretendeu representar um inovador estádio criador na evolução da alma europeia, através do qual Portugal seria o foco de partida e de irradiação de uma “Nova Renascença Civilizacional” (Borges, 1990: 623).

A expressão heterónima, utilizada por Fernando Pessoa, alude para uma certa desconstrução da substancialidade do sujeito e da própria tradição metafísica num registo de abertura à “relação épica e mistérica humano-divina”, por “mediação lusocêntrica” (Borges, 1990: 608).

⁴⁸ A expressão conceptual “transcendentalismo panteísta” representa um conceito metafísico e emocional, no âmbito do qual a alma nacional poeticamente se expressa (Borges, 1990).

4. Delfim Santos e a introdução da Filosofia da Educação no debate pedagógico nacional

A palavra e o ensinamento não têm a mesma força junto de todos, mas a alma do que escuta tem de ser preparada de antemão pelo trabalho através de diversas formas de habitação para poder sentir alegria e abjecção de um modo correcto – do mesmo modo que uma terra é preparada para receber uma semente e a fazer fomentar (Aristóteles, 2004: 249).

Da diáspora da primeira Faculdade de Letras portuense, o trabalho filosófico-pedagógico mais relevante daí resultante, deverá ser atribuído ao realizado por Delfim Santos.

Difícilmente terá havido algum pensador português moderno a conhecer tão ampla e aprofundadamente a filosofia do seu tempo como Delfim Santos. Em definitivo, foi com ele que, em Portugal, teve origem, de forma consolidada, o debate filosófico-educativo.

Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi, nessa mesma Instituição, que a vocação interdisciplinar e a ambição universalista de Delfim Santos se começou a esboçar, levando-o a frequentar cadeiras da área da Filologia Clássica e de Ciências, fazendo com que dominasse o Grego e a Matemática, facto determinante, quer para a adopção de posturas educacionais e filosóficas futuras, quer para a formação da concepção de Universidade que, mais tarde, viria a defender.

Fui aluno de duas Faculdades na Universidade do Porto, nesta Universidade de admiráveis tradições de cultura, de investigação e de fecundo e eficiente humanismo, sempre activo nos momentos difíceis da vida da nação. A Faculdade de Letras obrigou-me a entregar-me todo aos problemas que me seduziam no despertar de uma vocação forte e exigente. A Faculdade de Letras já não existe há mais de vinte anos no quadro de estudos da Universidade do Porto, isso não impede, porém, que ela continue como instituição modelar de carácter pedagógico, de escola nova iniciadora de novos métodos de ensino universitário em Portugal e do mesmo nível de ensino no estrangeiro e, portanto, única até hoje, realizando enquanto foi possível a missão que lhe destinaram (Santos, 1950: 434).

A influência da passagem de Delfim Santos pela Faculdade de Letras do Porto, dado o seu ambiente de tertúlia, deixou marcas relevantes na sua concepção filosófico-educacional, nomeadamente no que se prende com a relação mestre/discípulo: "Delfim descobriu uma das regras da sua pedagogia existencial – o discípulo aprende com o mestre e o mestre aprende com o discípulo" (Gomes, 2008: 39).

Delfim Santos conviveu, proximamente, com alguns dos maiores vultos da Filosofia da sua época facto que, em boa parte, terá, certamente, influenciado a sua postura face à situação da Universidade portuguesa. Como bolseiro da Junta de Educação frequentou, de 1935 a 1937, em Viena, o curso de Filosofia das Ciências, tendo tido como mestres Schlick, Buehler e Spann e assistiu a conferências e pequenos cursos ministrados por Husserl, Heisenberg, Frobenius, Piaget e Klages, no intuito de elaborar o estudo intitulado *Situação Valorativa do Positivismo*.

Nesse mesmo período, passou por Berlim onde teve oportunidade de assistir às lições sobre metafísica do conhecimento e Pedagogia, proferidas por Nicolai Hartemann e Eduard Spranger. Seguidamente, dirigiu-se para Londres onde trabalhou junto ao *British Institute of Philosophie* e à *Aristotelian Society* para, mais tarde, acompanhar em Cambridge, os cursos dos Professores Macmurray, Moore e Broad.

De 1937 a 1942 permaneceu na Alemanha, como leitor da Universidade de Berlim, onde conviveu com Hartemann e se aproximou do pensamento de Heidegger (Paszkievicz, 2000).

A sua passagem pela Áustria, pelo Reino Unido e pela Alemanha verificou-se decisiva na construção do perfil global da sua formação, na medida em que lhe foi propiciada a mais-valia de conhecer, proximamente, o ambiente filosófico neopositivista, do qual resultou a escrita do relatório, de 1938, intitulado *Situação Valorativa do Positivismo*, dedicado à análise do neo-positivismo lógico da Escola de Viena.

Da estadia de Delfim Santos nessas Universidades estrangeiras resultou o desalento face à realidade da Universidade nacional constatando que, lá fora, o valor atribuído aos valores humanos era muito maior e que, esses mesmos valores, teriam que ser cultivados e favorecidos pela Instituição universitária.

Nunca fui tão consciente da insuficiência da nossa Universidade como quando frequentei e trabalhei nas Universidades de Viena, Berlim e Cambridge. Cheguei então à conclusão de que, relativamente às nossas, eram essas escolas paradoxalmente antiquadas, isto é, que nelas se conservava muito do que entre nós se destruíra e que valia muito mais do que a estrutura aparentemente renovadora imposta desde o século XVIII. Muito do que se destruiu terá que ser refeito e destruído muito do que não merece conservar-se, embora mais moderno cronologicamente, mas antiquado relativamente aos valores humanos que a Universidade tem por missão cultivar e favorecer (Santos, 1950: 435).

Porém, a convivência com todos estes vultos do pensamento mundial, não diminuiu a admiração de Delfim Santos por Leonardo Coimbra e pelos Professores da Faculdade de

Letras da Universidade do Porto, nem a fidelidade ao que havia de essencial no seu magistério e, muito menos, o interesse pela reflexão sobre a realidade nacional.

Suportado pela Filosofia da Educação de John Dewey e pela escola filosófica alemã, na condição de filósofo interessado pelos problemas da educação, Delfim Santos apresentou, em 1940, à Faculdade de Letras, a tese epistemológica *Conhecimento e Realidade*, tendo como arguentes Joaquim de Carvalho e Vieira de Almeida, na qual questionou as condições de possibilidade do conhecimento e da sua articulação com a realidade, confrontando o pensamento fenomenológico alemão com o modelo aristotélico. Reconhecendo a irredutibilidade do homem face ao universo e a impossibilidade de afirmar a adequação entre realidade e conhecimento foi, nesse âmbito, que o filósofo tematizou o conceito de verdade. Em boa medida, é legítimo reconhecer que a obra *Conhecimento e Realidade*, mais que um tratado de Filosofia da Educação, deve ser entendida como tendo resultado “num diagrama orientador para percorrer a complexidade dos problemas da Filosofia do Conhecimento.” (Bernardo, 2008: 296).

Delfim Santos admitiu como missão implícita da Filosofia a de plasmar “as formas de pensamento típicas da nação”, atribuindo o seu não cumprimento ao defeito pedagógico das Instituições (Borges, 1990: 624).

Ingressando no contexto docente universitário, em 1943, como primeiro assistente de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Delfim Santos, em 1948, após realização do respectivo concurso, dirigido por Oliveira Guimarães e Joaquim de Carvalho, ascendeu ao cargo de Professor extraordinário de Ciências Pedagógicas com agregação, passando de 1952 em diante, a ser o único Professor Catedrático de Pedagogia em Portugal.

Desde o seu regresso ao país, Delfim Santos apercebeu-se do aumento constante do número de alunos matriculados na Universidade, facto que, de acordo com este, teria que ser considerado de modo a adaptar a Instituição a uma nova realidade.

Esta tendência para sugerir alterações à estrutura da realidade universitária já vinha sendo manifestada pelo filósofo com a apresentação, em 1933, de um projecto de reforma do ensino universitário teleologicamente orientado no sentido do culturalismo e de um humanismo capaz de contemplar a valorização do homem e apostado em inverter os valores e as concepções de vida marcados pelo cienticismo e pelo materialismo economicista.

Não é, porém, uma Universidade neutra perante todas as influências a instituição que pretendemos. Não acreditamos na neutralidade de um ser vivo. Viver é tomar posição e aderir ao que mais importa. A Universidade terá de ser um organismo vivo e, portanto, dirigido intencionalmente para uma finalidade humanista. O professor, também, não poderá ser neutro perante as soluções propostas a uma sociedade, como nenhum homem que pense com o seu próprio pensamento. E só destes homens deve haver na futura Universidade (Santos, 1934: 99).

Para além da sugestão das novas tendências e finalidades do ensino universitário, Delfim Santos apresentou uma inovadora organização dos seus estudos no que respeita à formação e organização das Faculdades. Deste modo, o modelo de Universidade proposto pelo filósofo dividir-se-ia em três Faculdades: Filosofia, Ciências e Letras. Sendo a Faculdade de Filosofia a mais importante, seria constituída por quatro licenciaturas: Filosofia, Pedagogia, Política e Economia e História; e a licenciatura em Pedagogia, destinada ao ensino teórico para os candidatos a professores de todos os graus de ensino, seria composta por várias disciplinas, sendo a Filosofia da Educação a primeira delas.

Demorámo-nos no esboço da constituição da Faculdade de Filosofia por ser esta, para nós, a mais importante na futura Universidade. Dada a sua composição e a sua possível acção política e social, característica do novo organismo universitário, não precisamos de justificar a opinião acima exposta. Seria o núcleo propulsor da Alta Cultura e o centro coordenador de toda a acção especulativa e técnica. Nela, todos os licenciados em ciências ou letras que pretendessem o magistério médio ou liceal e superior seriam obrigados a estagiar em Filosofia e Pedagogia. Escolher-se-iam os candidatos mais competentes para o ensino oficial. O estágio para os seleccionados deveria ser remunerado para permitir uma melhor preparação docente. O magistério primário, preparatório e profissional exigiria igualmente um estágio especial na Faculdade de Filosofia, cuja missão, em parte, seria idêntica à das escolas normais superiores francesas (Santos, 1934: 105-106).

Questionando-se sobre “onde é que a Universidade portuguesa se preocupa com a consciência nacional?” (Santos, 1987: 530), Delfim Santos lançou o alerta para o facto de os jovens, a quem iria ser delegada a orientação do futuro do país, estarem a ser formados em função do pensamento não radicado na problemática nacional.

Assumindo, expressamente, uma postura existencialista⁴⁹, na qual a relação do homem

⁴⁹ O existencialismo, ou Filosofia da Existência, pode considerar-se como sendo uma forma de reacção às construções filosóficas de cariz sistemático e idealista, das quais a obra de Hegel, tomada como referência maior, expressa o homem concreto, como sofrendor e abandonado de si próprio, minimizando-o e, por vezes, quase o ignorando. Por existencialismo, poderá, de igual modo, ser entendida a reacção à sobrevalorização positivista das ciências que dividem o estudo do homem em sectores separados e nele ignoram a sua concreta existência. Em síntese, poder-se-á afirmar que o movimento existencial surgiu e firmou-se na medida em que as ideias e as esperanças do Iluminismo foram entrando em crise.

com a sua existência enquanto Ser no mundo se assume como relação fundamental que, na sua essência, é uma relação pedagógica, Delfim Santos estipulou a relação Filosofia/Pedagogia sem as identificar sumariamente, ou seja, delatando o facto de a Pedagogia carecer de um fundamento filosófico e defendendo uma concepção de Filosofia que deveria ter por objectivo último a mais perfeita realização existencial do homem sendo, em sentido amplo, essencialmente uma realização pedagógica (Paszkievicz: 2000).

É bem de ver que, conquanto cada homem seja em si sempre um indivíduo, não é ainda uma pessoa enquanto não encontra o meio de relação com a cultura da sua época. Em resumo, pode dizer-se que a educação tem por finalidade favorecer o trânsito do indivíduo à pessoa e, por ventura, à personalidade. Mas como? Propondo valores e métodos de realização desses valores, tendentes a criar o tipo de homem conveniente e útil à ordenação social vigente ou em elaboração. Como esta, porém, é mutável, também os métodos e processos educativos vão mudando, embora fundamentalmente algo permaneça como desígnio último da educação: a formação da pessoa moral (Santos, 1943: 426).

Detentor de um espírito crítico agudizante, o posicionamento da Filosofia Pedagógica de Delfim Santos verifica-se susceptível de ser situado no campo da onto-antropologia, na medida em que considera a noção de existência como sendo o ponto de partida da Filosofia e da Pedagogia.

... o homem, pois, tem como interesse primordial no seu estar-no-mundo não o conhecimento analítico do que as coisas são mas o saber para que são as coisas. É a partir daqui que o fenómeno pedagógico se insere existencialmente na formulação de símbolos, como agentes de comunicação, que orientam a experiência humana em todas as suas modalidades radicadas na compreensão do para que se está no mundo. E esta compreensão conforma o comportamento do ser existente (Santos, 1946: 147).

O itinerário filosófico de Delfim Santos deverá ser entendido como inscrito na área da ontologia, uma vez que foram as questões relativas ao Ser e à busca de sentido pela existência de cada um no mundo que, pela via da “autognose”, animou a prática “onto-antropológica” proposta por este filósofo (Soveral, 2008: 321).

Acreditando que à Filosofia compete uma tripla função, designada por Delfim Santos como “paidêutica”, a primeira função filosófica seria a “orientação do sendo no mundo”, a segunda deveria prender-se com o “esclarecimento do sentido da existência” e a terceira deveria centrar-se na “decifração da transcendência” (Soveral, 2008: 322).

Nesta sequência, o projecto filosófico de Delfim Santos, sendo essencialmente pedagógico na medida em que deveria levar o homem ao encontro de si mesmo, se deparou com uma situação educacional nacional pouco conforme ao cumprimento do ideário delfiniano.

Delfim Santos estava ciente do agravamento dos problemas da educação nacional desencadeados, desde 1926, com o final da 1ª República cujo cenário era susceptível de ser sintetizado no seguinte quadro: Em 1930, foi alterada a *Reforma de 1919*, implementada por Leonardo Coimbra, reduzindo a escolaridade de cinco para apenas três anos. A taxa de analfabetismo, acreditada pelo governo da 1ª República como prioridade a vencer, mantinha-se nos 70%. A formação de professores era inexistente. As Escolas do Magistério encontraram-se encerradas de 1936 a 1942 e o Ensino Primário tinha sido, em parte, delegado às Regentes Escolares. No período em que Delfim esteve fora do país, cerca de 134 Escolas Primárias foram encerradas e não chegaram a entrar oficialmente em funcionamento as Escolas de Ensino Pré-primário projectadas na Reforma de Leonardo Coimbra. O Ensino Liceal sofreu consideráveis reduções e empobrecimentos e o Ensino Técnico-Profissional era bastante deficitário (Soveral, 2008).

Por sua vez, o contexto universitário nacional, à semelhança do sucedido no cenário europeu Pós-Segunda Grande Guerra, baseando-se no inovador conceito de desenvolvimento económico-social viabilizado pela via educativa, propiciou condições de uma maior intervenção do Estado nos meandros educacionais. Concebendo a sujeição ao processo de escolarização como oportunidade de mobilidade social, foram criadas as condições gerais à democratização do ensino e à massificação da escolaridade à escala global.

No caso específico de Portugal e, concretamente, na Universidade de Lisboa, a partir de meados da década de 40 do século transacto, verificou-se um aumento paulatino do número de alunos inscritos. O crescimento do interesse pela realização de formação superior tendeu a acentuar-se, fazendo com que o número total de 3564 alunos inscritos, no ano lectivo 1944-1945, nesta Universidade, tenha passado, em 1954-1955, para 5431 e, em 1960-1961, para 7232.

Contudo, esta tendência crescente, ao longo dos anos 60, manteve-se constante, fazendo com que, nos primeiros cinco anos dessa década, a população escolar desta

Universidade tenha sofrido um aumento de 46%, atingindo o número de 10485 estudantes e, em 1967-1968, o de 12152 alunos com inscrição efectuada.

Relativamente ao número de alunos inscritos em cada Faculdade, verifica-se que foi na Faculdade de Letras que se constatou um crescimento maior da procura, na medida em que, no ano lectivo 1944-1945, houve 702 alunos matriculados e, passados dez anos, esse número aumentou para 1282 discentes; apenas cinco anos volvidos, o número de inscritos quase duplicou atingindo um total de 2190 e, passados mais sete anos, totalizou um universo discente composto por 4818 estudantes.

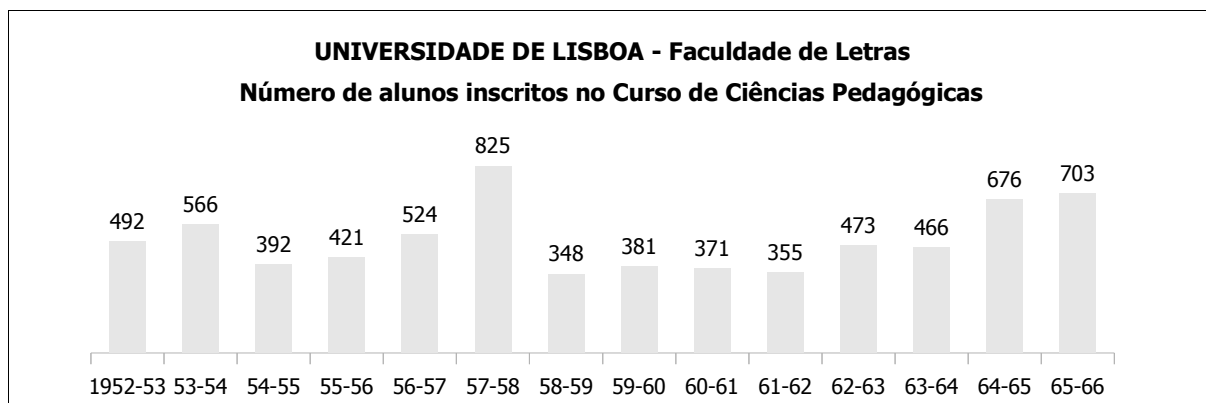
Quadro 12

UNIVERSIDADE DE LISBOA - Estatística Escolar - 1944-45 a 1967-68						
Anos	Faculdade de Letras	Faculdade de Direito	Faculdade de Medicina	Faculdade de Ciências	Escola de Farmácia	TOTAL
1944-45	702	536	682	1404	240	3564
1945-46	713	607	710	1357	261	3648
1946-47	701	615	759	1278	252	3605
1947-48	640	612	808s	1334	259	3653
1949-50	696	639	1192	1588	298	4413
1950-51	796	701	1229	1622	295	4643
1951-52	965	739	1224	1612	311	4861
1952-53	1122	748	1245	1662	283	5060
1953-54	1296	796	1286	1681	277	5336
1954-55	1282	895	1370	1620	264	5431
1955-56	1417	1009	1395	1622	262	5705
1956-57	1663	1101	1408	1145	243	5560
1957-58	1760	1323	1355	1220	241	5899
1958-59	1302	1455	1256	1440	255	5708
1959-60	2007	1542	1192	1738	233	6712
1960-61	2190	1621	1126	2085	210	7232
1961-62	2508	1535	1080	2299	217	7639
1962-63	2873	1630	1111	2522	204	8140
1963-64	3311	1626	1201	2639	202	8979
1964-65	3805	1961	1321	2716	238	9761
1965-66	4225	1772	1531	2755	296	10579
1966-67	4435	1864	1746	2745	341	11131
1967-68	4818	1941	2193	2800	400	12152

Fonte: *Anuário da Universidade de Lisboa*. Ano lectivo 1966-1967. pp. 77-79.

Diferentemente, no referente ao número de alunos matriculados na área de docência pela qual Delfim Santos era responsável, assistiu-se a um irregular número de estudantes inscritos no curso de Ciências Pedagógicas.

Quadro 13



Fonte: *Anuário da Universidade de Lisboa*. Ano lectivo 1968-1969. pp. 75-78.

Delatando que a organização vigente das Faculdades de Letras comprometia a índole própria dos estudos que pertenciam aos seus quadros, Delfim Santos defendeu, numa entrevista publicada a 26 de Agosto de 1949 no *Diário do Norte*, a necessidade de reorganizar o Ensino Superior, no sentido de ordenar os estudos que, na sua opinião, eram indevidamente designados sob a rubrica geral e inexpressiva de Letras, para denominar uma Faculdade apostada na dedicação ao culto das Ciências Filológicas, Filosóficas, Históricas, Geográficas e Pedagógicas.

Segundo o filósofo, o núcleo fundamental de uma Universidade teria que ser constituído pelos estudos de Ciências e Letras, segundo uma estruturação pedagógica capaz de agregar ambos os estudos numa única Faculdade de Filosofia. Para este, a separação das Faculdades era indício de um propósito de especialização, desprovido de sentido e com finalidade mal definida, uma vez que o papel que a Universidade deveria assumir era o de unificadora do saber fundamental a ser utilizado pelas restantes Escolas Superiores, extra-universitárias, para orientar as aplicações de especialização prática. Ou seja, o saber universitário não deveria ser tomado como saber de especialização, mas como fundamento de toda e qualquer especialização.

Ainda a respeito da especialização e da formação de especialistas, numa qualquer área do saber, Delfim Santos acreditava que estes, apesar de indispensáveis à cultura sua contemporânea, não poderiam ser considerados homens cultos, atendendo a que se

encontravam no mesmo patamar do homem vulgar perante todos os domínios da vida que não integrassem o campo do seu saber especial. Diferentemente, “a autêntica cultura é por natureza filosófica e pertence a um tipo universal de interrogação de todos os saberes e não apenas de um sector, como acontece ao especialista” (1951: 488).

Delfim Santos advogou a impossibilidade de existência de saber sem a coordenação teórica da Filosofia, tendo a Ciência e as Letras como elemento indispensável. Apresentando esta modalidade universitária como condição de possibilidade de renovação da cultura nacional e defendendo a função cultural da Filosofia da Educação, o filósofo, que afirmava como autêntica missão da Universidade o activar da formação de personalidades em função da problemática de cada época, sublinhou a urgência da necessidade de evitar que a Universidade fosse confundida com uma escola de especialização, incapaz de favorecer a espontaneidade dos seus discentes que, em conformidade com as suas aptidões, deveriam ter a possibilidade de estudar o que mais lhe interessa, sem terem que estar subordinados aos cânones instituídos que, na maioria das vezes, se revelavam perenes de significado (1949).

Preocupado com a busca do sentido para a existência individual no processo de inserção no mundo como pessoa, Delfim Santos, sob a influência de Heidegger e Jaspers, foi o fundador da primeira corrente filosófico-educacional verdadeiramente existencialista, na medida em que defendeu o auto-conhecimento, enquanto prática onto-antropológica, como meio ao serviço desse propósito.

Acreditando no estar-no-mundo não como dado prévio e constituído, mas como criação humana, sendo situação privilegiada e exclusiva do homem enquanto existente, o filósofo advogou que essa condição teria que implicar a estipulação de uma correlação permanente com as coisas, com os outros e consigo próprio na qual cada um se assume como agente existencial de descobrimento e de esclarecimento do que efectivamente é. (Paszkievicz, 2000).

A postura existencialista, explicitamente admitida por Delfim Santos, serviu como patamar para a sua reflexão filosófico-educacional. Assumindo as temáticas do existencialismo alemão, respectivamente as de Heidegger e Jaspers, que definiram como interesse primordial da Filosofia o problema do Ser, Delfim Santos definiu a paidêutica como

função da Filosofia, ou seja, orientar o *Dasein*⁵⁰ no mundo, esclarecer a sua existência e decifrar a sua transcendência. Proferindo predominância ao papel desempenhado pela educação, entendida como orientadora do discente e capaz de gerar condições que lhe permitam alcançar a maturidade libertadora, a concepção existencialista do filósofo compreende, em si mesma, uma pedagogia que é, iminentemente, filosófica.

Sendo a Filosofia da Educação delfiniana a primeira corrente filosófico-educacional portuguesa verdadeiramente existencialista, o problema da educação foi entendido como sendo o problema fundamental da existência humana. Para Delfim Santos, o homem não poderia ser equiparado a qualquer outro ser da natureza e deveria ser considerado o resultado da realização de si próprio. Em divergência com a maioria das restantes espécies animais, que segundo o autor nascem prontas, o homem teria que ser tomado como algo a fazer-se.

Tratando-se de uma tarefa tão complexa quão necessária, atendendo ao leque de opções em causa, a existência do homem deveria ser realizada através de um modelo educativo centrado na singularidade do próprio homem e capaz de o orientar e conferir sentido à sua própria existência.

Daí que, para este filósofo, a educação como orientação a realizar pela escola, deveria ser tomada como problema máximo a resolver (1952).

Na obra, de 1946, *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, Delfim Santos reclamou um estatuto de autonomia para a Pedagogia, não como ciência exacta, mas como ciência de rigor, atendendo a que, segundo Delfim, em tudo quanto é respeitante ao humano há casos e situações e nunca um homem geral abstraído do seu condicionamento vital. Deste modo, a proposta pedagógica existencialista delfiniana pretendeu a formulação de verdades humanas, suportadas por uma concepção antropológica capaz de afirmar o homem como ser concreto e individual, logo, irreduzível a leis gerais.

Atente-se que, segundo Delfim, nenhum projecto educativo devesse visar a “estabilidade absoluta e exclusiva de um determinado tipo de experiência humana, mas abrir-se às infinitas virtualidades da vida, pois que o mundo tomado como objecto não é idêntico para todos, antes cada indivíduo objecta parte dele, de acordo ou em contraposição com a sua

⁵⁰ O termo alemão *Dasein* no contexto da Filosofia de Martin Heidegger pretende referir-se ao existente humano, “abandonado” no mundo em busca de si mesmo.

experiência vital” (Calafate, 1992a: 870).

O projecto filosófico-pedagógico delfiniano foi determinante para a inserção da Filosofia da Educação no quadro das Ciências da Educação e é legítimo afirmar que, durante a década de 50 do século XX, a maior autoridade em Filosofia da Educação em Portugal foi Delfim Santos.

Contudo, interessa esclarecer que, mais que um especialista em Ciências da Educação, o que Delfim Santos pretendeu ser foi, fundamentalmente, um filósofo, um crítico e um orientador das grandes linhas educacionais a seguir (Paszkievicz, 2000).

Na condição de filósofo atento ao panorama educativo português foram muitos e transversais os problemas trazidos, pela sua mão, à reflexão educacional nacional. Defensor de uma linha de ideais pouco convencionais ao contexto pedagógico da época, Delfim Santos lançou o alerta para um conjunto de questões que, apesar de pouco consideradas pelos governantes do seu tempo, a comunidade académica portuguesa do campo da educação nunca mais descurou: a compreensão da escola como local onde se aprende e não como lugar onde se ensina; a prevalência da relevância dos interesses e curiosidades dos alunos face à dependência dos manuais e ao cumprimento dos programas de ensino; a concepção de formação pessoal e social dos educandos como primeiro fim da educação; a potenciação do desenvolvimento da autonomia dos discentes e dos saberes em uso; a necessidade do ensino fomentar o espírito crítico, a criatividade e a capacidade de reflectir e problematizar; a defesa do respeito pela liberdade do estudante (Soveral, 2008).

Apesar de bastante centrada nas questões da educação no período da infância e dos Direitos Humanos, a Filosofia da Educação delfiniana é transversal a todos os níveis de ensino. Porém, no particularmente respeitante ao ensino universitário, Delfim Santos definiu três objectivos educacionais fundamentais a cumprir: a investigação, a preparação intelectual e a formação da personalidade do estudante.

Defendendo a importância nuclear da presença da Filosofia no campo da educação, Delfim Santos reservou-lhe como objectivos e finalidades simultâneos: a reflexão sobre as questões do homem no domínio da onto-antropologia, a ponderação ético-axiológica referente ao quadro de valores educacionais a veicular e a fundamentação epistemológica da Pedagogia e/ou educação como saberes científicos (Paszkievicz, 2000).

Não obstante, o cumprimento dessa finalidade filosófica apriorística à ponderação e

consolidação institucional da Pedagogia, como domínio académico com reflexos em todos os níveis do sistema educativo nacional, só poderia ser veiculado através da preparação adequada daqueles que, futuramente, viriam a assumir responsabilidades no âmbito do processo educativo.

A reflexão delfiniana sobre o exercício da sua actividade docente, ou seja, no contexto das Ciências Pedagógicas e no âmbito do processo de formação de professores, foi pautada pelo princípio da defesa da necessidade: de uma elevada preparação pedagógica dos professores de todos os níveis de ensino, de uma formação inicial de nível superior para os docentes de qualquer grau de ensino, de uma formação contínua capaz de complementar a formação inicial e de facultar a actualização permanente do conhecimento do professor e a imposição do alcance de reflexão autocrítica como objectivo fundamental a atingir na formação de professores.

Embora institucionalmente afastado do ensino da Filosofia, o magistério docente de Delfim Santos, mesmo quando relacionado com a docência de História da Educação, foi sempre marcado por um cunho metafísico através do qual eram filosoficamente explanadas um conjunto de ideias pedagógicas.

A História da Educação, tal como a define, a história das *utopias*, ou melhor a história da *generosidade humana*, história de um *fenómeno englobante* em que arte, ciência ou filosofia seriam manifestações especiais. Em suma, em lugar da história dos factos pedagógicos no seu desenho real, Delfim Santos descrevia uma história das ideias, ou antes das hipóstases pedagógicas. Orientação anistórica, se não mesmo anti-histórica, no veio do existencialismo heideggeriano de que Delfim Santos foi talvez o expoente máximo em Portugal, sob as suas mãos a história da educação transformava-se em metafísica (Fernandes, 1988: 104).

Apesar de não ter tido a felicidade de assistir ao cumprimento do seu ambicioso e valioso projecto filosófico-pedagógico, a matriz ontológica, axiológica e antropológica traçada por Delfim Santos verificou-se influente e presente na problematização educacional nacional, constituindo um momento basilar inspirador, alicerçante e diferenciador manifestamente transversal à reflexão filosófico educacional que, a partir de então, se viria a realizar em Portugal⁵¹.

⁵¹ De 17 a 19 de Outubro de 2007, decorreu, em Vila Real, no Porto e em Lisboa, o *Congresso comemorativo do primeiro centenário do nascimento de Delfim Santos (1907-1966)*, tendo a apresentação de comunicações sido cunhada pela presença significativa de elementos do campo da Filosofia da Educação portuguesa, nomeadamente: Maria da Conceição Azevedo, Luís Manuel Bernardo, Paula Cristina Pereira, Manuel Ferreira Patrício, Norberto Cunha e Luís de Araújo.

II Parte.

Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação portuguesa

5. Antologia da Filosofia da Educação da Universidade de Lisboa

A centenária Universidade de Lisboa tem, ao longo da sua história, desenvolvido um amplo trabalho científico e pedagógico centrado nas grandes áreas do saber, nomeadamente da Filosofia.

Instituída pelo Decreto de 22 de Março de 1911, esta Universidade foi, inicialmente, estruturada em torno daquelas que ficariam para a História como sendo as suas mais antigas Faculdades: Faculdade de Letras, Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina.

A Faculdade de Letras, tratando-se da continuidade do projecto do Curso Superior de Letras fundado em 1859 por D. Pedro, na medida em que dele transitou o corpo docente e discente, cedo se revelou um pólo de proliferação científica, cultural e pedagógica, acompanhada por uma sólida actividade filosófica, cuja reflexão se repercutiu na esfera da educação.

Porém, a forma superior de racionalidade filosófico-educativa não permaneceu enclausurada no espaço educacional da Faculdade de Letras acabando por alastrar a sua influência à Faculdade de Ciências e à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Durante os últimos cem anos, esta Instituição contribuiu, notoriamente, para o progresso cultural, pedagógico e científico do país, na medida em que nela se formaram algumas das mais prestigiadas figuras de todos os ramos da sociedade, incluindo o ensino e a educação.

Institucionalmente associada ao processo de formação pedagógica de professores a Filosofia da Educação, nesta Universidade, dedicou-se à clarificação do seu estatuto epistemológico e à consolidação da sua presença temática nos currículos dos estudos educativos produzidos no contexto académico da Faculdade de Letras, da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

De 1911 à actualidade é vasto o conjunto de nomes de Professores da Universidade de

Lisboa que marcaram o campo de produção cultural da Filosofia da Educação, nomeadamente: Manuel Antunes, Delfim Santos, Leonel Ribeiro dos Santos, Teresa Levy, Rogério Fernandes e Olga Pombo.

5.1. Os *a priori* da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa

O propósito de delinear as condições que propiciaram a formação do campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa conduz, naturalmente, à necessidade de explicitar a presença da Filosofia ao longo da História da Instituição e a dedicação dos seus Filósofos à causa educativa.

Nesta consonância, importa referir que à data da proclamação da República, funcionavam na cidade de Lisboa, além da Escola de Belas-Artes fundada em 1836, o Instituto Comercial e Industrial, o Instituto de Agronomia e Veterinária, a Escola do Exército e a Escola Naval, quatro escolas superiores: o Curso Superior de Letras, a Escola Médico-Cirúrgica, a Escola Politécnica e a Escola de Farmácia.

Foram estas quatro Escolas que a *Constituição Universitária de 19 de Abril de 1911* mandou reunir na Universidade de Lisboa, criada pelo Decreto de 22 de Março anterior, tendo passado a denominar-se: Faculdade de Letras, Faculdade de Medicina, Faculdade de Ciências e Escola de Farmácia.

A *Constituição Universitária* mandava, ainda, criar na Universidade de Lisboa outras Faculdades e Escolas, mas só vieram, efectivamente, a ser nela integradas a Escola Normal Superior (para a preparação de professores liceais) e a Faculdade de Direito, instituída pelo art.º7º da Lei de 30 de Junho de 1913, em lugar da Faculdade de Ciências Económicas e Políticas inicialmente prevista.

A Escola Normal Superior foi extinta pelo Decreto nº 18973, de 16 de Outubro de 1930, publicado no *Diário do Governo* – 1ª Série – nº 251 de 28 de Outubro de 1930 que, em sua substituição, criou na Faculdade de Letras o curso de Ciências Pedagógicas que, apesar de ter sofrido de um quadro de Professores cronicamente restrito, teve um papel relevante na divulgação e discussão da concepção, metodologia e bibliografia pedagógica que perduraram até meados dos anos setenta.

O curso de Ciências Pedagógicas era composto por um conjunto de cinco disciplinas, não sendo nenhuma delas da área da Filosofia da Educação, cuja frequência era condição de acesso ao estágio. Este grupo de disciplinas, a cargo da Faculdade de Letras, imbuído de um carácter marcadamente teórico e sem relação explícita com as funções a desempenhar por um futuro professor, não se verificava articulado nem com a formação científica do curso, que anteriormente o precedia, nem com o estágio que se seguiria.

Como resposta ao problematológico processo de formação docente, em 1988 entrou em funcionamento o Ramo de Formação Educacional, visando a dotação de habilitação profissional para a docência dos alunos da Faculdade de Letras. E foi no âmbito disciplinar do Ramo de Formação Educacional que a Filosofia da Educação consolidou o seu campo disciplinar na Universidade de Lisboa.

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na condição de herdeira natural do Curso Superior de Letras que, em 1911, se transformou na actual Faculdade passando para esta a totalidade do seu corpo docente, em pouco mais de um século progrediu no estudo das Humanidades (antigas, medievais, modernas e contemporâneas) com tantos e notáveis trabalhos que marcou bem alto o seu lugar como Instituição cultural.

Ocupando um lugar pioneiro no seio da Faculdade de Letras, a Filosofia, ou autonomamente ou associada à História⁵², foi vivendo as várias reformas que visavam adaptar o ensino às concepções académicas de cada época.

Apesar das circunstâncias, nem sempre propícias ao fomento do pensamento filosófico-educativo, foram vários os filósofos pertencentes ao corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que reflectiram sobre a educação e contribuíram para a consolidação da constituição do campo disciplinar da Filosofia da Educação.

Da primeira geração de filósofos pertencentes ao quadro docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, destaca-se o pensamento e a obra de Francisco Lopes Vieira de Almeida. Licenciado e doutorado pela referida Faculdade, Vieira de Almeida ingressou como

⁵² No ano de 1926, foi criado o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, que associava a Filosofia à História. Esta opção, talvez influenciada por Fidelino de Figueiredo, foi consequência do facto de o curso de Filosofia ser o menos procurado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo uma frequência escolar, amiudadamente, oriunda dos discentes dos restantes cursos que, por obrigação curricular, se viam forçados a frequentar as cadeiras de índole filosófica. Esta realidade passaria para a reforma de 1930 e manter-se-ia constante até 1957, quando, por fim, a Filosofia retomou a autonomia do seu ensino.

docente nesta Universidade, no ano de 1915, pelo grupo de História para, em 1921, retornar à área de Filosofia, na qual ascendeu a Professor Catedrático em 1931, mantendo-se em actividade permanente até 1958.

Figura filosófica e cultural de grande relevo na sociedade portuguesa, durante a primeira metade do século XX, Vieira de Almeida foi, enquanto Professor, investigador, autor e personalidade, um caso invulgar de rigor filosófico e atenção cívica cuja reflexão se verificou extensível ao campo da Filosofia da Educação.

Na condição de Professor das disciplinas de Psicologia Geral, Pedagogia, Didáctica e História da Educação, a sua acção docente, marcadamente antidogmática e assistemática, verificou-se pautada por uma concepção pedagógica humanista, aberta, integral e de pensamento livre que o definiu como homem aberto aos problemas do seu tempo (Miranda, 2003) e como filósofo defensor da importância da presença da reflexividade constitutiva da Filosofia no contexto educacional.

A Filosofia é uma perspectiva e não um campo, posição mental e não doutrina feita, directriz e não conteúdo (Almeida, 1961: 200).

Ao definir como objectivo, expresso ou implícito, da Filosofia “a organização do conhecimento em prol da estruturação de uma mundividência e de uma concepção de vida autónoma capaz de satisfazer as exigências intelectuais e as necessidades do espírito” (Barata-Moura, 2000: 308), Vieira de Almeida sublinhou a relevância da Filosofia no processo de consolidação de uma Pedagogia aberta a uma concepção de sociedade permissiva ao revelar de cada um.

Contemporâneo de Vieira de Almeida e filosoficamente atento à questão educativa, Délio Nobre dos Santos integrou, a partir de 1940, o corpo docente da Secção de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa repartindo a sua actividade lectiva entre a regência das cadeiras de Filosofia e a docência de disciplinas do Curso de Ciências Pedagógicas.

Licenciado no ano de 1935 em Ciências Histórico-Filosóficas e doutorado em Ciências Filosóficas em 1941 pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Délio Santos, foi uma figura filosófica consensual à Pedagogia da sua época, na medida em que, à semelhança dos seus antecessores que perspectivam como verdadeiro desafio pedagógico a elevação da sociedade pela via da educação, defendeu o alargamento da acção educativa

das Universidades e a necessidade de reorganizar os currículos das licenciaturas de modo a convertê-las num “instrumento maleável e adaptado à complexidade da vida moderna, transformando, aos olhos de todos, o diploma actualmente considerado como chave para obter emprego e colocações, naquilo que, na verdade, sempre foi: somente um índice de nível cultural e treino técnico a que um aluno foi submetido, constituindo portanto uma condição necessária, todavia não suficiente, do êxito na vida prática” (Castelo, 2000: 1266).

Uma outra figura emblemática pertencente ao corpo docente da Faculdade de Letras foi Delfim Santos. Este Professor, ingressando na carreira universitária em 1943 como primeiro-assistente de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, assume, desde então, a sua vocação docente, ou seja, suscitar, pelo diálogo, a formação de personalidades autónomas.

Desenvolvendo o seu trabalho académico afastado do ensino da Filosofia, foi nos domínios pedagógicos que, aquele que durante vários anos foi o único Catedrático português de Pedagogia, lutou, de forma inglória, pela organização de uma licenciatura e de um doutoramento em Pedagogia, pela criação de um Instituto de Educação⁵³ integrado na Universidade de Lisboa e pela direcção de um seminário onde fossem formados discípulos no domínio da investigação.

Conhecendo e participando no debate filosófico-educacional do tempo ao qual foi contemporâneo, Delfim Santos conseguiu dar expressão a um pensamento próprio, animado por uma intenção amplamente pedagógica, ocupado com os problemas relativos à modernização do ensino em Portugal em todos os seus níveis e modalidades.

Numa linha de pensamento filosófico similar, na explanação filosófica de Manuel Antunes acentuou-se o significado da “ideia de educação como construção/elevação de todo o humano” (Franco, 2008: 4-5). Licenciado em Filosofia, em 1943, pelo Instituto Superior Beato Miguel de Carvalho, actual Faculdade de Filosofia de Braga, em 1957 foi convidado por Vitorino Nemésio para leccionar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que, em 1981, lhe concedeu o título de Doutor *Honoris Causa*.

Tratando-se do primeiro jesuíta que após a reforma de 1772 leccionou numa

⁵³ Em 1957, por incumbência do Ministério da Educação Nacional, Delfim Santos visitou os Institutos de Educação de Madrid, Paris, Bruxelas, Londres, Francoforte, Heidelberg, Roma e Viena, a fim de estudar os respectivos planos pedagógicos para a formação de professores, visando criar em Portugal o sonhado Instituto Superior de Educação.

Universidade portuguesa, Manuel Antunes apresentou uma concepção de Filosofia educativa capaz de discernir a educação enquanto processo de humanização e de regeneração social e como sendo o meio certo para fazer face às crises inevitáveis da sociedade humana. Reflectindo sobre um projecto de educação capaz de construir um homem novo, Manuel Antunes assumiu como desafio pedagógico a superação do modelo antropológico esboçado pela era industrial e pós-industrial, ou seja, “o *homo mechanicus* e consumista, propondo como horizonte de construção o *homo misericors*” (Franco, 2008: 9).

Apologizando um ideal de formação total de todo o homem e do homem todo, a obra filosófico-educacional de Manuel Antunes, conforme à mais genuína tradição humanista e pedagógica da Companhia de Jesus, concebeu a educação como devendo ser fundamentalmente uma espécie de acção iminentemente promotora e instauradora de valores.

Detentor de um ideal de concepção de uma Filosofia nacional, Manuel Antunes, no artigo publicado em 1957 na revista *Brotéria*, intitulado *Haverá Filosofias Nacionais?*, defendeu a existência de um laço comum aos filósofos de um dado país, apresentando argumentos difíceis de refutar o que revela quer a sua afinidade com os filósofos da *Renascença*, quer o seu cuidado em reflectir filosoficamente sobre as necessidades educacionais especificamente nacionais.

Um dos mais importantes contributos de Manuel Antunes, para a proliferação do campo de produção cultural da Filosofia da Educação, prende-se com o facto de o jesuíta ter sido o primeiro académico português a assegurar a orientação de um trabalho de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação. Ainda nos finais na década de 70, Manuel Antunes assegurou a orientação da tese de doutoramento, em Ciências da Educação na especialidade em Filosofia da Educação, que Manuel Ferreira Patrício iria defender em 1984 na Universidade de Évora já sob a orientação de Gama Caeiro, atendendo ao estado de saúde do Professor jesuíta.

Porém, apesar da dedicação dos supra mencionados filósofos docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa à causa educacional, a presença disciplinar da Filosofia da Educação, nesta Instituição, teve que aguardar pela década de 80 do século XX para, que sob a docência do Professor Leonel Ribeiro dos Santos, ter sido ministrada.

Contudo, surpreendentemente, não foi na Faculdade de Letras que a disciplina de Filosofia da Educação foi inauguralmente leccionada, mas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa sob o desígnio de História e Filosofia da Educação.

5.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa

Iniciando a análise da organização da estrutura da consolidação disciplinar e dos grupos de docentes que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, destaca-se a Faculdade de Ciências que, fundada pela *Constituição Universitária de 19 de Abril de 1911*, teve que aguardar pelo dia 23 de Novembro de 1971 para que, com a publicação do Decreto nº 443/71, fossem criados os Ramos de Formação Educacional das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, fazendo com que passasse a ser atribuída à Universidade a responsabilidade explícita da formação profissional dos professores.

Apostada em responder às expectativas sociais e aos desafios do sistema de ensino esta Faculdade, a partir de 1971, distinguiu-se pelo investimento no processo de formação de professores, pela criação do seu Departamento de Educação (1983), pela criação da sua *Revista de Educação* (1986) e pela realização de vários cursos de nível pós-graduado na área da Educação (1984-85).

Na Faculdade de Ciências, a *Reforma Curricular de 1971* fez com que o plano curricular das licenciaturas do Ramo de Formação Educacional passasse a estruturar-se segundo um modelo de formação de professores em que as componentes de formação científica, psicopedagógica e metodológica e prática docente (estágio pedagógico), se sucediam sequencialmente.

Quadro 14

UNIVERSIDADE DE LISBOA - Faculdade de Ciências Licenciaturas do Ramo de Formação Educacional - Ano lectivo: 1971-1972		
Componentes de Formação	Duração	Grau
Científica	1º, 2º e 3º ano da licenciatura	Bacharel
Psicopedagógica e Metodológica	4º ano da licenciatura	
Estágio Pedagógico	5º ano da licenciatura	Licenciado no Ramo de Formação Educacional (diploma de professor)

Fonte: VALENTE, M. O. (2002). História da Formação de Professores na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Departamento de Educação. In. *Revista de Educação* da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Vol.XI. Nº1. 2002. p. 7.

A Formação Psicopedagógica e Metodológica, realizada no 4º ano, incluía a frequência de vários Cursos, nomeadamente o de Psicologia Pedagógica, Didáctica, Orientação e Organização Escolar e ainda de Metodologia de duas disciplinas, uma obrigatória (a correspondente à área da licenciatura) e a outra opcional, embora, lamentavelmente, nessa época, a Filosofia da Educação não integrasse o currículo da formação.

O ano de 1976, foi um momento importante para o campo da Educação na Faculdade de Ciências de Lisboa, uma vez que foi, nessa data, que a Instituição optou por afirmar a sua vocação para a formação de professores, pondo em curso o então apelidado como Programa Inovador no âmbito do qual se haviam definido Institutos entre os quais havia um que viria a associar a Filosofia e a Metodologia das Ciências à área da Educação.

Segundo Joaquim Ferreira Gomes, foi no ano lectivo 1976-1977 que a disciplina de História e Filosofia da Educação começou a ser regida, na Faculdade de Ciências de Lisboa, como cadeira opcional oferecida aos alunos do 3º ano do Curso de Química (1998).

Nos anos seguintes, até 1983-1984, foi também opção para os alunos do 3º ano do Curso de Matemática. Com a criação, em 1984, do Departamento de Educação daquela Faculdade, passou a figurar em todas as licenciaturas de Ensino (Gomes, 1988: 69-70).

Contudo, a presença da Filosofia na área da Educação da Faculdade de Ciências não foi pacífica, levando alguns docentes da área da educação a pronunciar-se em desfavor desta tese e em afirmar como desejável a criação de um Departamento de Educação independente da área de Filosofia, de História e de Sociologia, atendendo a que os objectivos e metodologias de investigação destas áreas eram tomados como sendo de natureza bem

diferenciada (Valente, 2002).

Entretanto, começaram a ser esboçadas algumas propostas de alteração aos planos de estudo iniciadas com o Programa Inovador, propícias à consolidação da presença da área de Filosofia, de História e de Sociologia no campo da Educação⁵⁴, e que haviam de ser trabalhadas pelas Comissões Interuniversitárias, criadas pelo Decreto-lei nº 769/B/76 de 23 de Outubro de 1976, nos termos da solicitação do Ministro da Educação e Cultura, constante do Despacho 32/78, de 18 de Fevereiro de 1978.

Porém, para que se viessem a consagrar, ainda que parcialmente, as linhas apontadas foi necessário aguardar pelo Decreto nº 125/83 de 3 de Novembro de 1983 para que os currículos das licenciaturas em Ensino fossem alterados e os respectivos planos de estudo, publicados na II Série do *Diário da República* de 21 de Junho de 1983, fossem aprovados de modo a que as disciplinas do campo das Ciências da Educação passassem a constar nos novos currículos. Contudo, só a partir do ano lectivo 1984-1985, com a criação do Departamento de Educação é que a disciplina de História e Filosofia da Educação passou a ser leccionada em todas licenciaturas em Ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Gomes, 1988).

Entre os vários cursos ministrados na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa contavam-se várias licenciaturas especificamente voltadas para o ensino: Ensino da Biologia, Ensino da Física, Ensino da Geologia, Ensino da Matemática e Ensino da Química. Os currículos destas licenciaturas incluíam formação científica e pedagógica e ainda um ano de estágio pedagógico e, no respeitante ao conjunto disciplinar da formação pedagógica, que era dividido pelo 3º e 4º ano, a disciplina de História e Filosofia da Educação era parte integrante dos planos de estudo de todos os cursos.

⁵⁴ Síntese das teses defendidas para a reorganização curricular das licenciaturas do Ramo de Formação Educacional;

a) A reflexão pedagógica exige tempo de amadurecimento e o desenvolvimento de atitudes não se processa repentinamente, pelo que é desejável que a formação sociológica, psicopedagógica e metodológica ocorra em regime menos intensivo, de preferência em período mais alargado.

b) É importante, em todas as reestruturações, manter como ideia mestra a necessidade de uma crescente integração da teoria e da prática e um constante fluxo de ideias entre as duas.

c) É desejável que os alunos, futuros professores, entrem nas escolas como observadores activos nos anos que precedem o estágio, não apenas para que a entrada naquele se faça de maneira mais suave e com menos tensão, mas sobretudo para que as situações observadas sirvam de núcleo de reflexão, dando relevância e pertinência aos assuntos mais teóricos discutidos nas várias disciplinas. (Valente, 2002:8).

A docência disciplinar de História e Filosofia da Educação foi, desde então, assegurada pelos Professores Teresa Levy, Olga Pombo, Agostinho Monteiro, Rogério Fernandes e Joaquim Pintassilgo, que autonomamente ou partilhando a leccionação da disciplina, cumpriram a programação curricular individualmente realizada.

Presença disciplinar constante em todos os cursos de Ensino da Faculdade de Ciências, a História e Filosofia da Educação, no período compreendido entre os anos lectivos 1991-1992 e 2003-2004, gozou do estatuto de disciplina semestral obrigatória passando, depois dessa data, a ser disciplina de opção até ao ano lectivo 2005-2006.

Quadro 15

UNIVERSIDADE DE LISBOA - Faculdade de Ciências Departamento de Educação - Disciplina de História e Filosofia da Educação Formação pedagógica das licenciaturas em Ensino			
Ano lectivo	Docente	Curso	Obrigatória/Opção
1991-1992	Rogério Fernandes	Biologia Geologia Física Matemática Química	Obrigatória Semestral
1992-1993	Rogério Fernandes	Biologia Geologia Física Matemática Química	Obrigatória Semestral
1993-1994	Rogério Fernandes	Biologia Física Geologia Matemática	Obrigatória Semestral
1994-1995	Olga Pombo	Todas	Obrigatória Semestral
1995-1996	Olga Pombo Agostinho Monteiro	Todas	Obrigatória Semestral
1996-1997	Olga Pombo Agostinho Monteiro	Todas	Obrigatória Semestral
1997-1998			
1998-1999	Joaquim Pintassilgo		
1999-2000	Joaquim Pintassilgo		
2000-2001	Joaquim Pintassilgo		
2001-2002	Joaquim Pintassilgo Olga Pombo Teresa Levy	Todas	Obrigatória Semestral

2002-2003	Joaquim Pintassilgo Olga Pombo Teresa Levy	Todas	Obrigatória Semestral
2003-2004	Joaquim Pintassilgo Olga Pombo Agostinho Monteiro	Todas	Obrigatória Semestral
2004-2005	Teresa Levy		Obrigatória Opcional
2005-2006	Joaquim Pintassilgo		

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1992, 1993, 1994, 1996, 2001-2002, 2003-2004 e 2004-2005; *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Anos lectivos: 1996-1997 a 2000-2001. Facultado pela Professora Olga Pombo; *Fichas de Presença dos alunos dos cursos de licenciatura em Ensino*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Anos lectivos: 1998-1999 a 2003-2004. Facultadas pelo Professor Joaquim Pintassilgo.

No ano lectivo 1984-1985, o campo de pesquisa em Filosofia da Educação, na Faculdade de Ciências, foi animado pela constituição da área de doutoramento em Educação, pelo Despacho 59/SEES/84 de 12 de Junho de 1984, que se dividia nas especialidades de História e Filosofia da Educação, Análise Social da Educação, Pedagogia, Supervisão e Orientação Pedagógica, Psicologia Educacional e Didáctica das Ciências. Apesar de, por deliberação da Comissão Científica do Senado da Universidade de Lisboa, o Despacho 59/SEES/84 ter sido alterado pela Deliberação nº 42/94, publicada na II Série do *Diário da República* em 17 de Janeiro de 1995, alterando as ofertas de especialidades constantes até então, a especialidade em História e Filosofia da Educação manteve-se.

Apesar da longa vigência do curso de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação, há apenas três teses registadas nessa área, nomeadamente a de Rogério Fernandes (1988), intitulada "*O Ensino das Primeiras Letras em Portugal. 1800-1820*", realizada sob a orientação de Luís Guilherme Albuquerque; a de Olga Pombo Martins (1997), intitulada "*Unidade da Ciência e Configuração dos Saberes: Contributos para a Filosofia do Ensino*", realizada sob a orientação de Teresa Levy; e a de Maria Judite Seabra (1999), intitulada "*Os Liceus na Sociedade Coimbrã. 1840-1930*", realizada sob a orientação de Rogério Fernandes.

No ano lectivo 1984-1985 houve outro factor determinante para a presença disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: a criação, pela Portaria 849/84 de 5 de Novembro de 1984, dos cursos de mestrado em Educação da Faculdade de Ciências que começaram a realizar-se a partir do ano lectivo seguinte.

A essa data, os cursos de mestrado em Educação oferecidos pelo Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, criado pelo Despacho 108/ME/83 publicado a 23 de Junho de 1983, eram os das áreas de Metodologia do Ensino das Ciências, Supervisão e Orientação Pedagógica, Psicopedagogia, Análise Social da Educação, Organização e Gestão Escolar, Didáctica das Ciências e da Matemática e a disciplina de Filosofia da Educação era comum a todos eles.

A partir desse mesmo ano lectivo, a disciplina de Filosofia da Educação foi pioneiramente leccionada no âmbito desses cursos de mestrado por Olga Pombo Martins que, a partir do ano lectivo 1984-1985, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências na condição de assistente convidada admitida por concurso público.

Aliás, desde o ano lectivo de 1985-1986 ao ano 2005-2006, as únicas duas docentes de Filosofia da Educação, leccionada no âmbito dos cursos de mestrado do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, foram as Professoras Olga Pombo e Teresa Levy que, autonomamente ou em regime de co-docência, asseguraram a leccionação da disciplina.

No ano lectivo 1991-1992 os cursos de mestrado em Educação oferecidos pelo Departamento de Educação eram os de especialização em Metodologia do Ensino das Ciências e o de Supervisão e Orientação Pedagógica e, no ano lectivo seguinte, foram acrescentados os de especialização em Psicopedagogia e o de Análise Social da Educação. O plano de estudo dos mestrados, composto por uma componente curricular com a duração de três semestres e por um Seminário de Dissertação com um semestre de duração, teve até ao ano 1994-1995 a Filosofia da Educação como área obrigatória comum a todas as áreas de especialização. A partir do ano lectivo seguinte, a Filosofia da Educação passou a ser disciplina semestral opcional oferecida aos alunos do curso de mestrado em Educação.

Todavia, no ano lectivo 1994-1995, o campo de pesquisa em Filosofia da Educação, da Faculdade de Ciências, viveu mais um momento marcante da sua História, atendendo a que a Comissão Científica do Senado aprovou, através da Deliberação nº15/94 publicada na II Série do *Diário da República* a 31 de Maio de 1994, a proposta oriunda do Departamento de Educação, que visava o alargamento dos cursos de mestrado a outras áreas,⁵⁵ incluindo a

⁵⁵ As áreas deliberadas pelo instrumento legal supra referido foram as seguintes: Administração e Organização Escolar, Didáctica das Ciências, Didáctica da Matemática, Formação Pessoal e Social, Psicologia Educacional, Sociologia da Educação, Supervisão e Orientação Pedagógica e História e Filosofia da Educação.

História e Filosofia da Educação. No entanto, passados oito anos, o anexo a esta deliberação, contendo o regulamento do mestrado em Educação, foi entretanto alterado, pela Deliberação do Senado nº 883/2002 publicado na II Série do *Diário da República* em 20 de Maio de 2002, retirando a área de História e Filosofia da Educação do leque de especialidades integrantes dos cursos de mestrado em Educação.

Quadro 16

UNIVERSIDADE DE LISBOA - Faculdade de Ciências Departamento de Educação Disciplina semestral de Filosofia da Educação Leccionada no âmbito dos cursos de mestrado em Educação			
Ano lectivo	Docente	Área de Especialização	Obrigatória/Opção
1985-1986	Olga Pombo	Metodologia do Ensino das Ciências	
1988-1989	Olga Pombo	Supervisão e Orientação Pedagógica	
1991-1992	Teresa Levy	Metodologia do Ensino das Ciências Supervisão e Orientação Pedagógica	Obrigatória
1992-1993	Teresa Levy	Metodologia do Ensino das Ciências Supervisão e Orientação Pedagógica Psicopedagogia Análise Social da Educação	Obrigatória
1993-1994	Teresa Levy	Metodologia do Ensino das Ciências Supervisão e Orientação Pedagógica Psicopedagogia Análise Social da Educação	Obrigatória
1994-1995	Teresa Levy	Didáctica das Ciências Didáctica da Matemática Formação Pessoal e Social	Opção
1995-1996	Teresa Levy	Didáctica das Ciências Administração e Organização Escolar	Opção
2001-2002	Olga Pombo	Didáctica da Matemática	Opção
2002-2003	Olga Pombo e Teresa Levy	Didáctica da Matemática Didáctica das Ciências Formação Pessoal e Social	Opção
2003 a 2006			

Fonte: *Anuário do Departamento da Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1992, 1993, 1994, 1996, 2001-2002, 2003-2004 e 2004-2005; *Anuário do Mestrado em Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2002-2004 e 2004-2006; *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Cursos de mestrado em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Anos lectivos: 1985-1985 a 1988-1989. Facultado pela Professora Olga Pombo.

Permanecendo na esteira de análise da organização da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, uma outra Instituição que se destacou pela presença da disciplina de Filosofia da Educação foi a Faculdade de Letras.

Foi no final da década de 80 que a organização da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Letras se começou a delinear. A essa data, começaram a agudizar-se as pressões dos alunos, desta Faculdade, que reivindicavam a garantia de integração no mundo do trabalho em igualdade de circunstâncias com os colegas do Ramo de Formação Educacional das Faculdades de Ciências e das licenciaturas em Ensino das *Universidades Novas*.

Ainda assim, tratando-se a Faculdade de Letras de uma Instituição que fruía de um estatuto epistemológico proximamente associado a uma tradição clássica que, ao longo da sua história, praticou “uma investigação e um ensino libertos de restrições e de adequações à prática” (Mateus, 1988: 2), a consumação de um modelo de formação docente capaz de integrar, cumulativamente, a componente científica, a dimensão e a prática pedagógica, não poderia ter sido tarefa fácil.

Nesse sentido, de 1980-1981 a 1985-1986, foi posto em curso o Modelo de Profissionalização em Exercício, criado pela publicação do Decreto-lei 519-T1, de 5 de Dezembro de 1979, na I Série do *Diário da República* nº299 de 29 de Dezembro de 1979.

A Profissionalização em Exercício era realizada por um período de dois anos escolares, mediante o cumprimento de um plano de trabalho individual, visando o aperfeiçoamento das seguintes componentes: a) informação científica; b) formação no âmbito das Ciências da Educação; c) observação e prática pedagógica, orientadas. O magistério destas três componentes era garantido pela colaboração com Instituições de Ensino Superior.

Com a promulgação do Decreto-lei 150-A/85 de 8 de Maio de 1985, o Modelo de Profissionalização em Exercício vigente, até ao ano lectivo 1985-1986, foi substituído por um outro bastante similar que, no entanto, não se revelou suficiente para acalmar os ânimos dos aspirantes a professores.

Após um período de debate alargado sobre esta matéria, foi publicada a Portaria nº 852/87 de 4 de Novembro de 1987 que consignou, em termos legais, a nova reestruturação curricular que estabeleceu o Ramo de Formação Educacional e que, consequentemente,

permitiu à Faculdade de Letras de Lisboa oferecer aos seus alunos formação profissional para a docência no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (Lagartixa, 2006).

O Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras tinha a duração de dois anos e visava a preparação didáctica e pedagógica dos futuros professores do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

No caso particular dos alunos do curso de licenciatura em Filosofia, âmbito no qual a disciplina de Filosofia da Educação foi pioneiramente leccionada, o Ramo de Formação Educacional era constituído, no primeiro ano, pelas cadeiras anuais de Filosofia da Educação, Didáctica da Filosofia, Psicologia Educacional, Introdução às Ciências da Educação e Organização e Desenvolvimento Curricular e, no segundo ano, pelos seminários semestrais de Didáctica e Conteúdos Programáticos e de Organização do Sistema Educativo e Gestão Escolar e pelo estágio anual em Escola de Ensino Secundário.

Quadro 17

UNIVERSIDADE DE LISBOA - Faculdade de Letras Plano de Estudos Curso de Licenciatura em Filosofia - (Ramo Educacional) -1990-1991				
1º ANO				
Nome da Disciplina	Anual ou Semestral	Escolaridade (em horas semanais)		
		Aulas Teóricas	Aulas Práticas	Aulas Teórico- Práticas
Filosofia da Educação	Anual	—	—	4
Didáctica da Filosofia	Anual	—	—	4
Psicologia Educacional	Anual	—	—	4
Introdução às Ciências da Educação	Anual	—	—	4
Organização e Desenvolvimento Curricular	Anual	—	—	4
2º ANO				
Didáctica e Conteúdos Programáticos (seminário)	Semestral	—	—	4
Organização do Sistema Educativo e Gestão Escolar (seminário)	Semestral	—	—	4
Estágio	Anual	—	—	—

Fonte: *Guia do Estudante da Faculdade de Letras*. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 1990-1991. p.79.

Começando por ser leccionada por Leonel Ribeiro dos Santos, no ano lectivo 1987-1988, a relação do magistério da Filosofia da Educação com o processo de formação docente verificou-se embrionariamente imbricada.

Nesse seguimento, a docência disciplinar da Filosofia da Educação foi presença constante no plano de estudos do Ramo de Formação Educacional dos alunos do curso de licenciatura em Filosofia durante as décadas de 80 e 90 do século passado e nos primeiros anos do século XXI.

Ainda na década de 80, mais especificamente a partir do ano lectivo 1987-1988, a disciplina de Filosofia da Educação passou a ser regularmente ministrada na Faculdade de Letras por Leonel Ribeiro dos Santos, ainda que, no ano lectivo 2001-2002, tenha sido leccionada por João Paulo Monteiro.

Nessa sequência, verificou-se um movimento de internacionalização pioneiro da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram e leccionaram no campo disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Letras de Lisboa, na medida em que foi convidado um Professor Catedrático de uma Universidade extraterritorial para assegurar a docência desta, e só desta, disciplina.

Continuando com a abordagem à organização da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, uma outra Instituição que se destacou, não pela presença mas, pela ausência da disciplina de Filosofia da Educação nos programas curriculares dos seus cursos, foi a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Criada a partir do início do ano lectivo 1980-1981, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa nunca conteve no programa curricular dos seus cursos de licenciatura e de mestrado a disciplina de Filosofia da Educação.

A atipicidade dessa realidade, sustentada no facto de uma das mais prestigiadas figuras das Ciências da Educação, nomeadamente Gaston Mialaret (1996), afirmar a impossibilidade de desenhar o quadro das Ciências da Educação sem atribuir um lugar de destaque à Filosofia da Educação, agudiza-se perante a constatação da disponibilidade de corpo docente especializado para leccionar a disciplina, como por exemplo Rogério Fernandes, que já havia leccionado História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências, e João Amado que,

durante vários anos, leccionou disciplinas afins ao campo disciplinar da Filosofia da Educação, nomeadamente Teoria da Educação e Epistemologia das Ciências da Educação.

Nesta sucessão, a análise aos programas das disciplinas de Teoria da Educação e de Epistemologia das Ciências da Educação revela que estes, imbuídos de conteúdos e bibliografia filosófico-educativa, se afirmaram com certa regularidade como presença assídua no currículo dos cursos de licenciatura e mestrado em Ciências da Educação ministrados na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, deixando transparecer a presença velada de uma forma de racionalidade que é, por inerência, a mais própria à disciplina de Filosofia da Educação.

5.3. *Ethos* dos filósofos da educação da Universidade de Lisboa

Passando à análise do *ethos* dos filósofos da educação da Universidade de Lisboa, importa identificar e sediar institucionalmente os representantes maiores do campo disciplinar.

Quadro 18

Professores de Filosofia da Educação da Universidade de Lisboa	
Nome	Faculdade
Olga Pombo Martins	Faculdade de Ciências
Teresa Levy	Faculdade de Ciências
Rogério Fernandes	Faculdade de Ciências
Joaquim Pintassilgo	Faculdade de Ciências
Agostinho Monteiro	Faculdade de Ciências
Leonel Ribeiro dos Santos	Faculdade de Letras
João Paulo Monteiro	Faculdade de Letras

Fontes: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1992, 1993, 1994, 1996, 2001-2002, 2003-2004 e 2004-2005; *Anuário do Mestrado em Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2002-2004 e 2004-2006; *Anuário de Pós-Graduação em Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2006-2008; *Guia do Curso de Filosofia*. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2000-2001 e 2002-2003; *Guia do Estudante da Faculdade de Letras*. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1990-1991 e 1991-1992; *Programa de Ensino da disciplina de Filosofia da Educação*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - Anos Lectivos: 1987-1988 a 2005-2006. Facultado pelo Professor Leonel Ribeiro dos Santos.

Iniciando a análise do *ethos* dos Filósofos da Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa interessa, por ora, abordar os docentes de Filosofia da Educação, nomeadamente Olga Pombo, Teresa Levy, Agostinho Monteiro, Rogério Fernandes e Joaquim Pintassilgo.

Começando por tratar a leccionação da disciplina de Filosofia da Educação no âmbito dos cursos de mestrado em Educação oferecidos pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, importa referir que a introdução disciplinar em causa foi coetânea ao ingresso da Professora Olga Pombo, no ano lectivo 1984-1985, a esta realidade institucional.

Assumindo, a partir do ano lectivo seguinte, a docência da disciplina de Filosofia da Educação leccionada no âmbito de cursos de mestrado em Educação, acto continuado nos anos lectivos 1988-89, 2001-2002 e 2002-2003, a filósofa complementou a sua actividade docente com a leccionação de outras disciplinas de cariz estritamente filosófico-educativo aos cursos de licenciatura em Ensino das Ciências, ministrados no mesmo Departamento desta Instituição, nomeadamente Seminário Interdisciplinar nos anos académicos compreendidos entre 1985-1986 e 1989-1990 e nos anos 1992-1993 e 1994-1995, História e Filosofia da Educação nos anos lectivos compreendidos entre 1994-1995 e 1996-1997 e entre 2001-2002 e 2003-2004 e Disciplina e Autoridade. Entre Michel Foucault e Hannah Arendt no ano académico 2006-2007⁵⁶.

Paralelamente ao exercício da sua actividade docente, Olga Pombo foi consolidando a sua tão particular perspectiva filosófico-educativa através da realização do curso de Doutoramento em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, apresentando e defendendo no ano de 1998 a dissertação intitulada *Unidade da Ciência e Configuração Disciplinar dos Saberes. Contributos para uma Filosofia do Ensino*.

⁵⁶ Além das três disciplinas supra referidas, a actividade docente universitária de Olga Pombo foi complementada com a leccionação de outras cadeiras do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências oferecidas aos alunos de licenciatura: Acções Pedagógicas de Observação e Análise, Interdisciplinaridade, Ciência e Matemática, Seminário Temático e Filosofia das Ciências; disciplinas do curso de mestrado em Educação: A Escola e a Situação Actual dos Saberes, Introdução à Hermenêutica, Interdisciplinaridade e Ensino das Ciências e Produção, Circulação e Transmissão do Conhecimento Científico; no âmbito da Secção Autónoma de História e Filosofia das Ciências ao curso de mestrado em História e Filosofia das Ciências: Filosofia do Conhecimento Científico, Epistemologia e Filosofia das Ciências no Século XX; no âmbito do Programa de Formação Cultural, Social e Ética da FCUL: Temas e problemas de Epistemologia e Filosofia da Ciência, Análise do Discurso Científico e Textos e Conceitos da Filosofia; no âmbito do *Minor* em Ciência e Arte: Ciência e Arte; colaborou na leccionação do International Msc and PhD Program in Complexity Sciences ISCTE-IUL & FCUL e no mestrado em Bioética da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; e leccionou a disciplina de Didáctica da Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Tomando Leibniz como fio de Ariana, perspectiva problemática e referência inspiradora, e tendo como campo de análise as transformações a que, ao longo dos séculos, a ideia de unidade das ciências tem sido votada, o objectivo central que presidiu à elaboração desta dissertação foi o de procurar ver de que modo o ensino, enquanto elemento mediador constitutivo do fenómeno contemporâneo de especialização e compartimentação disciplinar do conhecimento científico, intervém, quer na origem das diversas delimitações disciplinares, quer na situação actual e na reorganização futura dos saberes que a Escola está já a ensaiar e vai certamente ter que operar em breve de modo profundo (Pombo, 1998a:14).

Partilhando com Teresa Levy a docência da disciplina de opção de Filosofia da Educação leccionada aos cursos de mestrado em Educação durante o ano lectivo 2002-2003, Olga Pombo desenvolveu, em regime de co-docência, um programa disciplinar tripartido em que a fase introdutória foi assumida simultaneamente pelas duas docentes, a fase sequente ficou exclusivamente a seu cargo e a leccionação da parte final foi delegada à sua colega.

Começando por apresentar a Filosofia da Educação como campo problemático específico da reflexão filosófica, para seguidamente o situar no espaço disciplinar das ditas Ciências da Educação, Olga Pombo e Teresa Levy introduziram os seus discentes na fase pioneira do programa disciplinar avançando para o momento expositivo referente aos esclarecimentos conceptuais e às distinções operatórias para, seguidamente, prosseguirem com a problematização do objecto e método da Filosofia da Educação, destacando a iminente divergência de orientações possíveis nesta matéria, nomeadamente a orientação histórica e doutrinal face à orientação conceptual e problemática.

Concluído o momento introdutório de abordagem à disciplina, Olga Pombo ministrou as suas aulas conceptualizando as noções de educação, ensino, escola, professor e lição, suportada pelo discurso de alguns autores de referência que marginalmente reflectiram sobre as mesmas. O recurso ao texto filosófico, ao texto clássico, ao texto matricial, ao texto monumental, como condição metodológica de possibilidade e elevação a uma forma superior de racionalidade e a uma compreensão, tão profunda e holística quão original, dos temas abordados, foi e é uma constante na actividade reflexiva e discursiva da docente.

Por opção metodológica, privilegiaremos a publicação de textos que, quase sempre provenientes de áreas extrínsecas à literatura especializada ou mesmo à problemática educativa *strictu senso*, possam revelar-se susceptíveis de desencadear uma reflexão filosoficamente rigorosa, historicamente fundamentada, sempre que possível atenta aos desafios com que a nossa contemporaneidade enfrenta os problemas educativos que se lhe colocam (Pombo, 1994: 6-7).

A terceira e última parte do programa disciplinar, ministrado por Teresa Levy, visava tratar as especificações culturais da cena contemporânea, começando por demarcar a realidade da artificialidade, perspectivando a condição do sujeito face ao outro em espaços reais e virtuais, apresentando-o como ser simbólico e artificial e impelido à comunicação em espaços públicos e privados.

Seguidamente, o tema abordado referia-se à temática alusiva à componente ética e política da democracia e do multiculturalismo, diferenciando o local e o global para, posteriormente, ser analisada a representação da diferença.

Para finalizar, o último conteúdo programático debruçava-se sobre as problemáticas relacionadas com a questão do conhecimento e da cultura, como a literacia, as fontes de informação, experiência estética, descodificação, reconstrução e criação, dimensão histórica e actualismo.

Urge, todavia, mencionar que a actividade lectiva era composta por quatro momentos fundamentais, metodologicamente orientados no sentido de promover a dinamização e a participação dos alunos, ou seja, posteriormente à exposição de cada tópico do trabalho por parte das respectivas docentes, cabia aos alunos a tarefa de instigar a *disputatio*, comentar os textos abordados em regime de seminário e a elaboração de sínteses finais em torno dos diferentes temas visados. O contributo dos discentes em cada uma destas tarefas seria considerado no momento de avaliação.

Programa 1

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Mestrado em Educação FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – Disciplina de opção A Ano lectivo 2002-2003 Docentes: Olga Pombo e Teresa Levy</p>
<p>PROGRAMA</p>
<p>1. Introdução (Olga Pombo e Teresa Levy) A Filosofia da Educação como campo problemático específico da reflexão filosófica. Filosofia da Educação e Ciências da Educação. Esclarecimentos conceptuais e distinções operatórias. Problematisação do objecto e método da Filosofia da Educação. Orientações divergentes: histórica e doutrinal, conceptual e problemática.</p>
<p>2. Cinco conceitos e alguns autores fundamentais para aprender a pensar (Olga Pombo) 1. O conceito de Educação. Principais problemas e antinomias. Platão, Rousseau, Dewey e Hannah Arendt. 2. O conceito de Ensino. Significado e determinações construtivas. Bachelard, Kuhn, Hirst, Passmore</p>

<p>e Jean François Lyotard.</p> <p>3. O conceito de Escola. Da cultura oral à cultura escrita. Grandes episódios e figuras da Instituição escolar. Escola e cultura cibernética.</p> <p>4. O conceito de Professor. Presença e Representação. Sentido e funções. Bertrand Russell, Ortega y Gasset, George Gusdorf e Jacques Derrida.</p> <p>5. O conceito de Lição. Discursividade, ordem e estilo. Narrativa e explicação. Roland Barthes, Pierre Bourdieu e Michel Foucault.</p>
<p>3. Especificações culturais da cena contemporânea (Teresa Levy)</p> <p>1. Realidade e artificialidade: O sujeito face ao outro em espaços reais e virtuais. O sujeito como ser simbólico e artificial. Comunicação, espaços privados e espaços públicos.</p> <p>2. Democracia e multiculturalismo. O local e o global. A representação da diferença. Componentes ética e política.</p> <p>3. Conhecimento e cultura. Literacias, fontes de informação, conhecimento e experiência estética, descodificação, reconstrução e criação, dimensão histórica e actualismo.</p>
<p>METODOLOGIA</p>
<p>1. Cada tópico do programa será objecto de uma exposição da responsabilidade da docente.</p> <p>2. Cada exposição será objecto de um debate a dinamizar pelos alunos.</p> <p>3. Comentário de texto em regime de seminário.</p> <p>4. Elaboração de sínteses finais.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p>
<p>1. Participação nas sessões de debate e de seminário.</p> <p>2. Trabalho escrito individual sobre um dos temas programáticos.</p> <p>3. Discussão do trabalho escrito.</p> <p>4. Construção de um CD-ROM (hipótese a ser discutida com os alunos).</p>
<p>BILLIOGRAFIA (fontes primárias)</p>
<p>- ALAIN (1932). <i>Propos sur l'Éducation</i>. Paris: PUF.</p> <p>- ALTHUSSER, L. (1970). <i>Idéologie et Appareils Idéologiques de l'État</i>. Paris. (trad. port. de J.J. Moura Basto. (1974). <i>Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado</i>. Lisboa: Presença).</p> <p>- ARENDT, H. (1961). <i>The Crisis in Education, in Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought</i>. New York: Viking Press. (trad. port. In POMBO, O. (Org.) (2000). <i>Quatro Textos Excêntricos. Filosofia da Educação (Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell e Ortega y Gasset)</i>. Lisboa: Relógio d'Água).</p> <p>- BACHELARD, G. (1938). <i>La Formation de l'Esprit Scientifique, Contribution à une Psychanalyse de la Connaissance Objective</i>. Paris: Vrin.</p> <p>- BACHELARD, G. (1940). <i>La Philosophie du Non. Pour une Philosophie du Nouvel Esprit Scientifique</i>. Paris: Presses Universitaires de France. (trad. port. de J.J. Moura Basto. (1976). <i>A Filosofia do Não</i>. Lisboa: Presença).</p> <p>- BARTHES, R. (1971). <i>Écrivains, Intellectuels et Professeurs</i>. Paris: Seuil. (trad. port. de Graciete Teixeira e outros. (1975). <i>Escritores, Intelectuais e Professores</i>. Lisboa: Presença).</p> <p>- BARTHES, R. (1977). <i>La Leçon</i>. Paris: Seuil. (trad. port. de Ana Mafalda Leite. (1979). <i>A Lição</i>. Lisboa: Edições 70).</p> <p>- BOURDIEU e PASSERON (1970). <i>La Réproduction. Éléments Pour une Théorie de L'enseignement</i>. Paris: Minuit. (trad. port. de C. Perdigão Gomes da Silva. (s/d). <i>A Reprodução. Elementos Para uma Teoria do Sistema de Ensino</i>. Lisboa: Vega).</p> <p>- DERRIDA, J. (1977). <i>Où Commence et Comment Finit un Corps Enseignant</i>. (trad. port. de J. Saramago. Onde Começa e Como Acaba um Corpo Docente in GRISONI, D. (Org.) (1977). <i>Políticas da Filosofia</i>. (pp. 47-69). Lisboa: Presença).</p> <p>- DEWEY, J. (1916). <i>Democracy and Education</i>. New York: The MacMillan Company.</p>

- FOUCAULT, M. (1971). *L'Ordre du Discours*. Paris: Gallimard. (trad. port. de Laura Fraga Sampaio (1997). *A Ordem do Discurso*. Lisboa: Relógio d'Água).
- FOUCAULT, M. (1975). *Surveiller et Punir*. Paris: NRF/Gallimard. (trad. Brasileira de Lúcia Pondé Vassallo (1989). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes).
- GUSDORF, G. (1963). *Porquoi des Professeurs?* Paris: Payot. (trad. port. de João Bénard da Costa e António Ramos Rosa. (1970). *Professores Para Quê?* Lisboa: Moraes Editores).
- HIRST, P. (1973). What is Teaching. In PETERS, R.S. *The Philosophy of Education*. London: Oxford University Press.
- ILLICH, I. (s/d). *Education Without School*. (trad. port. de João Xavier. (1974). *Educação sem Escola*. Lisboa: Teorema).
- ILLICH, I. (s/d). *Inverting the Institutions*. (trad. port. de Ruth Delgado (1973). *Inverter as Instituições*. Lisboa: Moraes).
- KUHN, T. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- LYOTARD, J.-F. (1979). *La Condition Postmodern*. Paris: Minuit. (trad. port. de José Navarro e José Bragança de Miranda (s/d). *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva. Col. Trajectos nº3).
- MCLUHAN, M. (1962). *The Gutenberg Galaxy*. The Making of Typographic Man. Toronto: University of Toronto Press.
- MCLUHAN, M. (1964). *Understanding Media. The Extensions of Man*. New York/Toronto/London: McGraw-Hill Book Company.
- ORTEGA Y GASSET (1983). Sobre el Estudiar y el Estudiante. In *Obras Completas*, tomo XII. Madrid: Alianza Editorial/Revista Occidente. (pp. 13-128). (trad. port. de POMBO, O. (Org.) (2000). *Quatro Textos Excêntricos. Filosofia da Educação*. (pp. 87-103) Lisboa: Relógio d'Água.
- PASSMORE, J. (1980). *The Philosophy of Teaching*. London: Duckworth. pp. 19-33.
- PLATÃO. (1983). *República*. Lisboa: Gulbenkian.
- ROUSSEAU, J.J. (1980). *Émile ou de l'Éducation*. Paris: Garnier/Flammarion.
- RUSSELL, B. (1950). The Functions of a Teacher. In *Unpopular Essays*. London: George Allen and Unwin. (trad. port. de POMBO, O. (Org.) (2000). *Quatro Textos Excêntricos. Filosofia da Educação*. (pp. 71-85) Lisboa: Relógio d'Água.

Fonte: *Anuário do Mestrado em Educação*. Departamento de Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo: 2002-2003. pp. 104-107.

Leccionada autonomamente por Maria Teresa Marcelino Levy Martins, nos anos lectivos 1991-1992 a 1995-1996, e em regime de co-docência com Olga Pombo no ano lectivo 2002-2003, a Filosofia da Educação era apresentada aos alunos de mestrado como sendo um campo da Filosofia que partilha a especificidade da reflexão filosófica que, por inerência, se diferencia das metodologias próprias das ciências e das Ciências da Educação em particular.

A irreverência da abordagem filosófica, proposta por Teresa Levy na problematização da questão educativa, foi um lugar comum na forma como ministrou as suas aulas aos alunos dos cursos de mestrado em Educação da Faculdade de Ciências, quer a nível da disciplina de Filosofia da Educação quer no respeitante às disciplinas de Epistemologia e Ensino das Ciências, Metodologia de Investigação e de Comunicação e Linguagem. A título muito particular, poderá ter pertinência referir que a docência disciplinar de Comunicação e Linguagem deve ter sido bastante gratificante para a filósofa, uma vez que a sua tese de doutoramento, concluída em 1988 na *Columbia University – New York/USA* sob a orientação

do Professor Maxine Greene, foi subordinada ao tema *Problemas de Comunicação: emergência e formação do sujeito nas práticas discursivas*.

Filósofa assumidamente adepta do questionamento e da problematização metodológica, Teresa Levy apresentava aos seus alunos a Filosofia da Educação como campo propício à convergência, por vezes conflituosa, de várias posições filosóficas capazes de propor diferentes formas de equacionar os problemas e de apresentar distintos caminhos para alcançar a resposta ao problema em questão.

Afirmando a impossibilidade de existência de respostas exactas e unívocas obtidas quer por meios empíricos quer por meios formais no campo da Filosofia da Educação, o grande desafio pedagógico, assumido por Teresa Levy, resume-se pela intenção de facultar a cada aluno elementos propiciadores à sustentação, fundamentação e argumentação de um posicionamento próprio e desprovido da necessidade de encontrar respostas unívocas aos problemas educativos expostos para tradução em formulários práticos e imediatistas (1994).

Tendo como horizonte a tradição filosófica e tomando a interrogação de textos como pontos de partida, a filósofa procurou levar os seus discentes a colocar e a clarificar algumas questões referentes ao tema da educação. A preocupação com a interpretação, comentário e discussão do texto filosófico foi uma constante na actividade docente de Teresa Levy.

O confronto entre os textos permitir-nos-á detectar semelhanças e diferenças entre as posições explicitamente ou implicitamente defendidas assim como as razões que as motivam e os argumentos que as suportam (Levy, 1994: 92).

Acreditando que a força de uma disciplina filosófica se mede mais pelos problemas que coloca e pelas questões que suscita do que pelas respostas que proporciona, o magistério filosófico-educativo assegurado por Teresa Levy pretendeu elevar os seus educandos ao nível crítico e autónomo da razão.

Analisando o programa e a bibliografia de suporte à disciplina de Filosofia da Educação, leccionada por Teresa Levy, revela-se um ideal filosófico-educacional centrado em torno de quatro temáticas gerais a questionar, nomeadamente: o papel da Filosofia na formação de professores; a escola e o ensino no contexto socio-político da Modernidade/Pós-modernidade; a abordagem filosófica dos saberes e as suas articulações; o impacto das tecnologias e as suas consequências éticas e culturais.

Passando a analisar o *ethos* dos docentes da disciplina de História e Filosofia da Educação no âmbito dos cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, há cinco Professores a mencionar: Rogério Fernandes, Olga Pombo, Agostinho Monteiro, Joaquim Pintassilgo e Teresa Levy.

Nesta consonância, o ano lectivo 1990-1991, foi um marco importante para a História da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, atendendo a que se tratou da data de regresso do Professor Rogério António Fernandes à actividade docente nesta Instituição. Discente do curso de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, concluído em 1955, e do curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Rogério Fernandes iniciou a sua carreira docente, em 1957, como 2º assistente de Filosofia dessa Faculdade, pedindo a rescisão de contracto em 1960.

Permanecendo atento e dedicado à questão educativa, durante os trinta anos de interrupção da actividade lectiva na Universidade de Lisboa⁵⁷, Rogério Fernandes assumiu, desde o ano lectivo 1991-1992 até ao ano lectivo 1993-1994, a docência da disciplina semestral de História da Filosofia da Educação leccionada no Departamento de Educação da

⁵⁷ Após rescindir o contrato com a Universidade de Lisboa, a actividade, incessante e multifacetada, de Rogério Fernandes verificou-se extensível às mais diversas áreas: em 1962 iniciou a sua colaboração com a *Seara Nova* onde foi seu subdirector e director até 1967. Paralelamente foi consultor da Editora de Livros do Brasil e Secretário da Direcção do Grémio de Editores e Livreiros; desde 1967 foi redactor, subchefe e chefe de redacção do diário *A Capital*, no qual coordenou a Secção de Educação até 1970; de 1960 a 1974 desenvolveu intensa actividade de crítico, ensaísta, tradutor, jornalista e investigador; em 1969 escreveu e editou o conto *Três tiros e uma Mortalha*; nesse mesmo ano foi colaborador do Curso de Economia Portuguesa, promovido pela Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras; em 1971 publicou o trabalho *João de Barros, Educador Republicano*; de 1972 a 1974 leccionou no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa; em 1973, além de publicar a *Situação da Educação em Portugal*, publicou outras duas obras; em 1974 foi convidado pelo Ministro da Educação do 2º Governo Provisório, Vitorino Magalhães Godinho, para exercer o cargo de Director Geral do Ensino Básico, de que veio a ser exonerado em 1976 sendo-lhe atribuído o cargo de Inspector-Geral da Junta Nacional de Educação, mais tarde Inspeção Geral de Ensino; em 1980 integrou a equipa liderada pelo Professor Jorge Veiga, da Universidade de Coimbra, que visou realizar uma missão de cooperação na República de Cabo Verde para diagnosticar os aspectos críticos da situação educativa desse país; manteve com a Fundação Gulbenkian uma relação estreita, alicerçada por colaborações diversas, tendo sido bolseiro de Departamento de Pedagogia do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação entre 1970 e 1974; desde 1980 dedicou-se quase exclusivamente a actividades académicas, tendo colaborado com várias Universidades e Centros de Formação de Professores, na organização de cursos e seminários; em 1988 concluiu o curso de doutoramento em História e Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, sob a orientação do Professor Luís Albuquerque apresentando a tese intitulada *O Ensino das Primeiras Letras em Portugal*; em 1987, em colaboração com o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, organizou o 1º Encontro de História da Educação, tendo, em 1993, sido sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e, desde esse ano até 1995, coordenador da Secção de História da Educação; em 1990 foi nomeado Professor Auxiliar convidado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, concorrendo, quatro anos depois, ao lugar de Professor Associado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma Universidade, pelo que o período final da sua carreira universitária foi passado nesta última Instituição, onde foi Professor Catedrático e onde se jubilou em Outubro de 2003 (Felgueiras e Ferreira: 2004).

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa ensinada aos alunos dos vários cursos de licenciatura especificamente votados para o ensino.

Leccionada por Rogério Fernandes no âmbito da formação pedagógica dos cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Ciências, do ano lectivo 1991-1992 ao ano 1993-1994, a disciplina de História e Filosofia da Educação assegurou a sua presença disciplinar nesta Instituição.

Iniciando a abordagem do seu programa disciplinar problematizando epistemologicamente o lugar da História e da Filosofia da Educação no conjunto das Ciências Humanas e Sociais e reflectindo sobre a função da História e da Filosofia da Educação no processo da formação de professores, Rogério Fernandes prosseguia a docência da disciplina explanando os grandes temas e problemas alusivos à escola, ao ensino e à educação que atravessaram a História da Cultura do Ocidente da Antiguidade à Contemporaneidade.

Possuidor de um conhecimento cultural, transversal a todos os períodos da História ocidental, a partilha da sua sapiência, além do exercício docente, foi sempre acompanhada por uma intensa actividade de pesquisa e publicação.

Embora grande parte da sua obra historiográfica se concentre nos séculos XVIII e XIX, publicou trabalhos que se ocupam da educação desde a transmissão medieval para o Humanismo até ao século XX, percorrendo todas as épocas da História da Educação portuguesa com uma solidez e uma qualidade de análise, só possível de encontrar em alguém possuidor de uma ampla cultura (Felgueiras e Ferreira, 2004:18).

Programa 2

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Anos lectivos 1991-1992 e 1992-1993 Docente: Rogério Fernandes</p>
<p>PROGRAMA</p>
<p>1. Introdução 1.1. O lugar da História e da Filosofia da Educação no conjunto das Ciências Humanas e Sociais; 1.2. Função da História e da Filosofia da Educação no processo da formação de professores. 2. Momentos decisivos da evolução da escola no mundo antigo; 2.1. Nascimento e morte da escola no mundo antigo; 2.2. A educação e a <i>polis</i> grega: projectos escolares e polémica pedagógica; 2.3. O Helenismo: apogeu e decadência da cultura grega; 2.4. O diálogo greco-latino; 2.5. Em busca das nossas raízes: a educação popular na Roma Imperial;</p>

- 2.6. Luzes e sombras na Idade das Trevas;
- 2.7. Humanismo e Renascença: uma educação à medida dos novos mundos;
- 2.8. O Antigo Regime e a viragem para o século XVIII;
- 2.9. O protagonismo educacional no século XIX: burgueses e proletários;
- 2.10. A educação e a escola no mundo contemporâneo.
- 3. Temas e problemas da filosofia educacional contemporânea
- 3.1. Educação e valores: Para quem? Para quê?
- 3.2. Liberdade e autoridade na escola: Que limites?
- 3.3. Escola e contexto social: Que autonomia? Que dependências?
- 3.4. A educação no presente. A educação no futuro: Que roturas? Que continuidades?

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Ano 1992. p. 31.

No ano lectivo posterior, verifica-se uma alteração dos conteúdos programáticos e uma redução substancial do número de tópicos a abordar no decurso da leccionação da disciplina.

Permanecendo fiel à problemática epistemológica, alusiva quer à Filosofia da Educação, quer à História da Educação, como introdução ao programa disciplinar, Rogério Fernandes, no ano lectivo 1993-1994, optou por tratar o estatuto interdisciplinar dos supra referidos campos de produção cultural no contexto específico de um curso dedicado à formação de professores.

Revelando uma astuta capacidade de elaboração e de síntese, o novo programa disciplinar apresentado ilustra, simultaneamente, a preocupação de adaptar os conteúdos leccionados às necessidades reais do corpo discente e a necessidade de triar o que de mais relevante poderia ser ensinado, a nível de dois campos tão vastos quão complexos, numa disciplina semestral com uma carga horária de quatro horas semanais.

Programa 3

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
Licenciatura em Ensino
HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
Ano lectivo 1993-1994
Docente: **Rogério Fernandes**

PROGRAMA

- 1. O estatuto interdisciplinar da História da Filosofia e da Educação num curso de formação de professores.
- 2. Os grandes projectos educacionais da Antiguidade Clássica.
- 3. Teoria e prática da educação no mundo antigo e no mundo moderno.
- 4. Sistemas e ideais educativos na Europa contemporânea.
- 5. A educação no mundo actual: os pontos da discórdia.

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano 1993. p. 29.

Acreditando na necessidade de interrogar a História e de questionar a sociedade como condição para poder (re)pensar a educação, Rogério Fernandes, apesar de tendencialmente ser perspectivado como historiador fundamentalmente ligado à questão educacional, deverá ser reconhecido como pensador pre(ocupado) com os problemas da sociedade do seu tempo.

Tendo como pressuposto que a natureza estruturante da realidade da experiência social conforma e limita o olhar sobre ela, adopta uma atitude fundamentalmente empírica, que o leva a uma descrição fundamentada do real (passado ou presente), a partir da qual procura teorizar, socorrendo-se e problematizando as abordagens teóricas para a explicação da realidade em análise (Felgueiras e Ferreira, 2004: 17).

Prosseguindo com a análise do *ethos* dos docentes da disciplina de História e Filosofia da Educação, no âmbito dos cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a filósofa que se segue é Olga Pombo que, simultaneamente à docência da disciplina de Filosofia da Educação leccionada aos cursos de mestrado em Educação durante os anos lectivos 1985-1986, 1988-1989, 2001-2002 e 2002-2003, nos anos lectivos compreendidos entre 1994-1995 e 1996-1997 e entre 2001-2002 e 2003-2004 leccionou a disciplina de História e Filosofia da Educação aos alunos dos curso de licenciatura em Ensino das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, partilhando, alguns anos, a docência disciplinar com os Professores Agostinho Monteiro, Joaquim Pintassilgo e Teresa Levy.

A primeira abordagem disciplinar, proposta por Olga Pombo, visava problematizar e articular o objecto e método da História da Educação com os da Filosofia da Educação, no sentido de esclarecer o objectivo e o significado da presença da disciplina no *curriculum* do processo da formação de professores.

Posteriormente, como sustentáculo conceptual, eram apresentadas as distinções operatórias dos conceitos de educação, instrução e ensino para, a partir de então, avançar para o plano de análise à emergência, significado e transformação da Instituição escolar.

Assim sendo, eram explanados os passos de evolução da passagem da cultura oral à cultura escrita, destacando a relação da escola com a cultura cibernética e a consequente circularidade, linearidade, instantaneidade e dispersão do conhecimento. Começando por apresentar a origem da escola e da ciência na Grécia Antiga, elegendo o *Protágoras* de

Platão como laboratório da ideia de escola e o museu de Alexandria como espaço tendencialmente construído no âmbito escolar, em seguida era apresentado o legado do mundo antigo romano.

... o Museu de Alexandria, com as suas colecções de plantas e animais, os seus jardins botânicos e zoológicos que a dinastia dos Lágides quis pôr ao serviço daqueles que se proponham dedicar as suas vidas ao ensino e à investigação inspirada pelas Musas (Pombo, 1997a: 6-7).

Avançando para a tematização da fundação da Universidade no período medieval, contemplando os momentos de ascensão e queda da Instituição, seguia-se com a análise da emergência da ciência moderna e do movimento das academias e da consequente reforma das Universidades. Historiando a importância do período do conflito das faculdades na fundação da Universidade de Berlim⁵⁸, era chegada a hora de dissertar sobre a Instituição universitária contemporânea.

Posteriormente, era analisado o processo de estatização da escola, partindo do surgimento das escolas de caridade até à institucionalização de sistemas de ensino, referindo o contributo dos colégios jesuítas da contra reforma, do projecto escolar iluminista, da escola napoleónica e da escola republicana no percurso de edificação da Instituição escolar que, sendo portador de características e funções específicas, deveria ser contemporaneamente entendido como espaço de contradições, desafios e alternativas.

No intuito de aprofundar a complexidade da reflexão educativa, eram apresentadas diferentes concepções de escola, nomeadamente, a crítica rousseauriana da escola como instância repressiva, a de Althusser que a toma como aparelho ideológico e a foucaultiana que a perspectiva como mecanismo de ordenação do discurso.

Tomando a problemática educativa como campo propício ao surgimento de concepções antinómicas, Olga Pombo explorou nas suas aulas algumas das principais antinomias que atravessaram a História e a Filosofia da Educação no Ocidente (Platão e Kant ou a antinomia sobre as finalidades da Educação. Durkheim e Ivan Illich ou a antinomia sobre os mecanismos da educação. Dewey e Alain ou a antinomia sobre o ponto de ancoragem da educação. Gusdorf e Hannah Arendt ou a antinomia sobre os conteúdos da educação)

⁵⁸ Só em 1809, com a fundação da Universidade de Berlim, se adoptou definitivamente o conceito de Universidade como organismo criador da Ciência, que rapidamente se espalhou nos países de língua germânica, mas apenas no princípio do século XX obteve aceitação universal (Ribeiro, 1949: 17).

visando clarificar a complexidade da reflexão sobre a educação.

A questão educativa encontra-se atravessada (hoje porventura cada vez mais) por inúmeras **antinomias** facilmente reconhecíveis no diálogo de surdos das pedagogias. Educar pelo constrangimento ou pela liberdade? Pela disciplina ou pelo apoio à criatividade? Ir ao encontro do prazer do educado, dos seus interesses, dos seus desejos ou defender que só o esforço é verdadeiramente educativo? Educar a sensibilidade ou a inteligência? Investir no fazer ou no conhecer? Partir do vivido, do imediatamente experienciado, ou do já construído, do já logicamente consistente? Apostar na informação aditiva ou na estruturação cognitiva? Promover o reconhecimento (compreensivo) do passado ou preparar (tecnicamente) para o futuro? Apontar para a vida activa (formação profissional) ou preparar para o ócio, para o tempo livre, o desemprego, o não-trabalho de que falava Agostinho da Silva e que porventura espreita o destino dos jovens de hoje? (Pombo, 2000b: 152).

Foi no âmbito da docência da disciplina de História e Filosofia da Educação que Olga Pombo organizou, em parceria com os alunos, um conjunto de sete *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, dedicados à publicação de textos capazes de se constituir como fundo bibliográfico de apoio ao estudo da disciplina.

A ideia da publicação destes Cadernos surgiu na sequência da constatação das enormes dificuldades bibliográficas com que os estudantes se deparam. No caso presente, não é apenas a tradicional indigência das nossas bibliotecas, ou o reconhecimento das graves lacunas editoriais relativamente ao que seria exigível a uma biblioteca básica de filosofia da educação em língua portuguesa, que se fazem sentir. Uma outra razão nos leva a iniciar este projecto – a tomada de consciência das dificuldades manifestadas pelas actuais gerações no que respeita ao conhecimento de línguas estrangeiras. Raros são os estudantes que declaram saber mais do que uma segunda língua e, na maior parte dos casos, o conhecimento que dela detém é insuficiente para o trabalho de compreensão de um texto (Pombo, 1994: 2-4).

Advogando a estrita necessidade de recurso aos grandes clássicos da literatura filosófica como condição *sine qua non* à sua prática lectiva, a partir de 1994 Olga Pombo assumiu a organização desta colectânea que visava constituir-se como fundo bibliográfico de apoio à docência da disciplina de História e Filosofia da Educação.

... concebemos o projecto de, em conjunto com os próprios estudantes, disponibilizar a tradução de alguns textos que pudessem contribuir para a constituição de uma série de Cadernos de História e Filosofia da Educação. Cada texto seria publicado autonomamente, em pequenas brochuras que poderiam ser utilizadas e conservadas pela vida fora. Nesse sentido, lembrámo-nos de propor aos nossos alunos, enquanto um dos possíveis elementos da sua avaliação na cadeira de História e Filosofia da Educação, a realização de um trabalho com o seguinte modelo: a tradução de um texto, acompanhada de um

estudo sob a forma de prefácio, introdução, ou comentário crítico. Para nós ficaria o trabalho de selecção dos textos a traduzir, o acompanhamento de cada tradução e a sua revisão final, a ponderação do mérito dos estudos apresentados pelos estudantes e da sua pertinência para efeitos de publicação e, sempre que possível, a elaboração de um contributo pessoal sob a forma de um conjunto de notas críticas, um guia de leitura ou mesmo um estudo complementar de apresentação do autor e/ou da obra (Pombo, 1994: 4).

O projecto de publicação, iniciado em 1994 com a tradução e análise do texto *A Escola e os Media* de McLuhan, foi continuado em 1995 com a apresentação do segundo caderno intitulado *Dois Textos Sobre Educação. Hannah Arendt e Eric Weil*, em 1996 com o terceiro caderno designado como *A Invenção da Escola na Grécia*, em Março de 1997 com o quarto caderno apelidado como *Utopia e Educação*, em Maio de 1997 com o quinto caderno denominado como *O Museu de Alexandria*, em 2001 com o sexto caderno sob a nomenclatura *Educar/Ensinar* e, em 2005, com o sétimo caderno sob o título de *Três Textos Sobre Educação para um Mundo Difícil. Bertrand Russell e Ortega y Gasset*.

Interpelada pela necessidade de divulgar a sua peculiar perspectiva filosófico-educativa, Olga Pombo publicou três obras de referência no campo da Filosofia da Educação, nomeadamente a obra de 2000 sob o título *Quatro Textos Excêntricos. Filosofia da Educação (Hannah Arendt, Eric Weill, Bertrand Russell e Ortega y Gasset)*, a de 2002 com o nome *A Escola, a Recta e o Círculo* e a de 2004 designada como *Interdisciplinaridade: Ambições e Limites*, estando, por ora, uma quarta intitulada *O Insuportável Brilho da Escola* a ser ultimada para colocar no prelo.

No que se refere à actividade docente de Olga Pombo, no âmbito da disciplina de História e Filosofia da Educação, um outro momento a destacar será o convite apresentado a Agostinho da Silva para leccionar esporadicamente na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Assim sendo, a primeira ida do Filósofo à Faculdade, acontecida a 19 de Janeiro de 1987, deu lugar a uma segunda, ocorrida a 19 de dezembro de 1988 e à publicação de um texto inédito de Agostinho da Silva, intitulado *Divagações Quanto ao Futuro*, na *Revista de Educação*.

Na sequência dessa aula, à qual os meus alunos de então, bem assim como alguns colegas que convidei, assistiram maravilhados, pedi ao Prof. Agostinho da Silva que nos desse um texto inédito para a *Revista de Educação* em cujo lançamento, juntamente com a Prof. Odete Valente, estava então empenhada. O texto, intitulado *Divagações quanto a Futuro*, foi-me remetido com simplicidade e prontidão e publicado no número 2 do volume inaugural (Pombo, 1998b: 1).

Foi, igualmente, na senda deste projecto que, para tornar presente a ida de Agostinho da Silva à Faculdade de Ciências, a 17 de Dezembro de 1998, foi organizada uma Sessão Comemorativa, extensível à comunidade discente e docente da Faculdade, da qual resultou a publicação do texto de Olga Pombo intitulado *Recordar Agostinho da Silva: 10 Anos Depois*.

Na realidade, o pensamento filosófico-educativo de Agostinho da Silva verificou-se uma constante na regência disciplinar de História e Filosofia da Educação.

... quando conversava com alguns estudantes que, este ano (como outros ao longo destes últimos dez), se interessaram pelo pensamento educativo de Agostinho da Silva e se encontram a preparar trabalhos sobre alguns dos seus escritos para a cadeira de História e Filosofia da Educação que lecciono (Pombo, 1998b: 1).

Os trabalhos realizados pelos alunos, no presente contexto disciplinar, deixam transparecer um espírito de dedicação e devoção que só um grande mestre consegue cultivar nos seus educandos.

Aqui fica o meu agradecimento aos estudantes que realizaram este trabalho... Todos, sem excepção, souberam vivê-lo como uma aventura, com o prazer de quem aprende, com a alegria de quem descobre, com o entusiasmo da cooperação na acção comum (Pombo, 1997b: 2).

Programa 4

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Ano lectivo 2003-2004 Docente: Olga Pombo</p>
<p>PROGRAMA</p>
<p>1. Introdução 1. A História da Educação e a Filosofia da Educação. Problematização do objecto e método de cada uma das disciplinas. Sua articulação. 2. A cadeira de História e Filosofia da Educação no actual <i>curriculum</i> de formação de professores. Seu lugar e significado. Objectivos da cadeira. 3. Educação, Instrução e Ensino. Esclarecimentos conceptuais e distinções operatórias.</p>
<p>2. Emergência, significado e transformação da Instituição escolar. 1. A emergência da escola. Da cultura oral à cultura escrita. A escola e a cultura cibernética. Circularidade, linearidade, instantaneidade e dispersão. 2. Escola e ciência na Grécia. O <i>Protágoras</i> de Platão como laboratório da ideia de escola. O museu de Alexandria. Roma e o legado do mundo antigo. 3. A universidade medieval. Ascensão e queda de uma Instituição. A ciência moderna e o movimento das academias. A reforma das Universidades. Do conflito das Faculdades à fundação da Universidade de Berlim. A Instituição universitária dos nossos dias. 4. O processo de estatização da escola. Das escolas de caridade à institucionalização de sistemas de</p>

ensino. Os colégios jesuítas da contra reforma. O projecto escolar iluminista, a escola napoleónica e a escola republicana.

5. A escola como Instituição. Características específicas da Instituição escolar. As funções da escola. A Instituição escolar contemporânea. Contradições, desafios e alternativas.

3. A reflexão educativa.

1. A crítica da escola como instância repressiva (Rousseau), como aparelho ideológico (Althusser) e como mecanismo de ordenação do discurso (Foucault).

2. Identificação e explicitação das principais antinomias inerentes à problemática educativa. Sua exploração e desenvolvimento. Platão e Kant ou a antinomia sobre as finalidades da educação. Durkheim e Ivan Illich ou a antinomia sobre os mecanismos da educação. Dewey e Alain ou a antinomia sobre o ponto de ancoragem da educação. Gusdorf e Hannah Arendt ou a antinomia sobre os conteúdos da educação.

AVALIAÇÃO

Trabalho final

1. Interesse do tema tratado
2. Interesse da Forma
3. Aprendizagem alcançada

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe (1973). *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Regime*. Paris: Seuil. Col. Points. Histoire nº20.
- FERRY, Luc (2003). *Lettre à Tous Ceux qui Aiment l'École*. Paris: Odile Jacob.
- FOUCAULT, M. (1975). *Surveiller et Punir*. Paris: NRF/Gallimard. (trad. Brasileira de Lúcia Pondé Vassallo (1989). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes).
- GAL, Roger (1976). *Histoire de l'Éducation*. Paris: PUF. (trad. port. de António Campos e Manuel R. Ribeiro com prefácio e notas de Rogério Fernandes. (1979). *História da Educação*. Lisboa: Vega. Col. Universidade nº8.
- GUSDORF, G. (1963). *Pourquoi des Professeurs?* Paris: Payot. (trad. port. de João Bénard da Costa e António Ramos Rosa (1970). *Professores Para Quê?* Lisboa: Moraes).
- WERNER, Jaeger (1936). *Paideia. Die Formung des Griechischen Menschen*. Berlim: Walther de Gruyter. (trad. port. de Artur M. Pereira (s/d). *Paideia*. Lisboa: Ed. Aster.
- KECHIKIAN, Anita (s/d). *Os Filósofos e a Educação*. Entrevistas com Robert Misrahi, Raymond Polin, François Châtelet, Jaques Bouveresse, Marcel Conche, Jean-François Lyotard, Olivier Revault D'Allonnes, Clément Rosset, Paul Ricoeur, Etienne Balibar. (trad. port. de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia (1993). Lisboa: Edições Colibri. Col. Paideia.
- LEIF, J. e BIANCHERI (1970-1967-1966). *Philosophie de l'Éducation*. Vol.I, II e III. Paris: Delagrave.
- LYOTARD, J.-F. (1979). *La Condition Postmodern*. Paris: Minuit. (trad. port. de José Navarro e José Bragança de Miranda. (s/d). *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva. Col. Trajectos nº3).
- MARROU, Henri-Irénée (1948). *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité* Vols. 1 – Le Monde Grec e 2 – Le Monde Romain. Paris: Seuil. (trad. Brasileira de Mário Leônidas Casanova (1966). *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- MIALARET, Gaston e VIAL, Jean (1981). *Histoire Mondiale de l'Éducation*. Vols I, II, III e IV. Paris: PUF. (trad. port. de Maria Helena Veloso e Outros (s/d). *História Mundial da Educação*. Porto: Rés.
- MEYER, Philippe (1977). *L'Enfant et la Raison d'État*. Paris: Seuil col. Points Politique nº88.
- MONROE, Paul (1949). *A Brief Course in History of Education*. New York: The MacMillan Company. (trad. Brasileira de Idel Becker (1988). S. Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PATRICK, John (1972). *Aristotle's School. A Study of a Greek Educational Institution*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- PFEIFFER, Rudolf (1968). *History of Classical Scholarship. From the Beginnings to the end of the Hellenistic Age*. Oxford: The Clarendon Press.

- PLATÃO (1999). *Protágoras*. Lisboa: Relógio d'Água.
- POMBO, Olga (2000). *Quatro Textos Excêntricos. Filosofia da Educação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- POMBO, Olga (2002). *A Escola, a Recta e o Círculo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- REBOUL, Olivier (1971). *La Philosophie de l'Éducation*. Paris: PUF col. Le Philosophe nº102. (trad. port. de A. Rocha e Artur Mourão (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70).
- REBOUL, Olivier (1989). Les Valeurs et l'Éducation. In JACOB, André (Org.). *L'Univers Philosophique. Encyclopédie Philosophique Universelle*. (pp.197-202). Paris: PUF.
- RORTY, A. (1998). *Philosophers on Education*. London/New York: Routledge.
- STEINER, George e LADJALI, Cécile (2003). *Eloge de la Transmission. Le Maître et l'Éleve*. Paris: Albin Michel.
- ULMANN, Jaques (1982). *La Pensée Educative Contemporaine*. Paris: Vrin.

Elementos bibliográficos básicos sobre a História do Ensino em Portugal

- CARVALHO, Rómulo (1986). *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CRUZ, Guilherme Braga da (1964). *Origem e Evolução da Universidade*. Lisboa: Logos.
- DIAS, J. S. da Silva (1969). *A Política Cultural da Época de D. João III*. 2 Vols. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade.
- FARIA, Cristina (2000). *As Lutas Estudantis Contra a Ditadura Militar*. Lisboa: Colibri.
- FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (Orgs.) (1999). *Para a História do Ensino Liceal em Portugal*. Braga: Universidade do Minho.
- FERRO, João Pedro (1996). *A Primavera que Abalou o Regime. A Crise Académica de 1962*. Lisboa: Editorial Presença.
- GARRIDO, Álvaro (1996). *Movimento Estudantil e Crise do Estado Novo. Coimbra 1962*. Coimbra: Minerva.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1982). *O Marquês de Pombal e as reformas do Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1988). *História da Educação em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1995). *Para a História da Educação em Portugal: Seis Estudos*. Porto: Porto Editora.
- MÓNICA, Maria Filomena (1978). *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. A Escola Primária Salazarista. 1926-1939*. Lisboa: Presença/GIS.
- NÓVOA, António (1987). *Le Temps des Professeurs. Analyse Socio-historique de la Profession Enseignante au Portugal (XVIII-XXème siècle)*. Lisboa: I.N.I.C.
- NÓVOA, António (1992). *A Educação Nacional, Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. (Fernando Rosas Coord.). (pp. 455-519). Lisboa: Editorial Presença.
- NÓVOA, António (Dir.) (1993). *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório Analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Educação Educacional.
- RIBEIRO, José Silvestre (1871-1889). *História dos Estabelecimentos Científicos, Litterarios e Artísticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia*. Lisboa: Academia Real das Ciências.
- STOER, Stephen (1986). *Educação e Mudança Social em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- TORGAL, Luís Reis (2000). *Caminhos e Contradições da(s) Universidade(s) Portuguesa(s)*. Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel Nobre (1984). *A Revolução de 1820 e a Instrução Pública*. Porto: Paisagem.
- VARII (1990). Universidade. In *Revista de História das Ideias*, Vol.12. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias. Faculdade de Letras.
- VELOSO, J. M. de Queirós (1949). *A Universidade de Évora. Elementos para a sua História*. Lisboa: Academia Portuguesa de História.

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2003-2004. pp. 58-59.

Nos anos lectivos 1995-1996 e 1996-1997, a docência disciplinar de História e Filosofia da Educação, oferecida pelo Departamento de Educação aos alunos dos cursos de licenciatura da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa era repartida pelos Professores Olga Pombo e Agostinho Monteiro, tendo Olga Pombo mantido as linhas mestras do seu programa disciplinar.

Por sua vez, a proposta disciplinar apresentada por Agostinho dos Reis Monteiro para leccionar História e Filosofia da Educação, foi desenvolvida em torno do estudo da *República* de Platão, do *Emílio* de Rousseau, do movimento da escola moderna e do surgimento das *Escolas Novas* e do direito à educação.

Programa 5

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Anos lectivos de 1995-1996 e 1996-1997 Docente: Agostinho dos Reis Monteiro</p>
<p>Programa:</p>
<p>Apresentação <i>República</i> de Platão: modelo ideal do paradigma político-pedagógico holístico <i>Emílio</i> de Rousseau: emergência do paradigma político-pedagógico individualista A escola moderna e as “escolas novas” O paradigma: a educação como direito do homem Tempo dos direitos do homem O direito à educação A convenção relativa aos direitos da criança Conclusão</p>
<p>Metodologia:</p>
<p>Exposição e diálogo.</p>
<p>Elementos de Avaliação:</p>
<p>. Opinião formada durante as aulas . Trabalho escrito presencial . Trabalho(s) de livre iniciativa . Entrevista com cada aluno(a), no fim do semestre . Possibilidade de melhorar a avaliação final, através de outro trabalho escrito ou oral.</p>

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 1995-1996. pp. 22-23.

O supra referido programa disciplinar, outorgado por Agostinho dos Reis Monteiro, sofreu consideráveis alterações quando, no ano lectivo 2003-2004, este Professor voltou a leccionar a mesma disciplina em partilha com os Professores Olga Pombo e Joaquim Pintassilgo.

Programa 6

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Ano lectivo 2003-2004 Docente: Agostinho dos Reis Monteiro</p>
<p>Programa:</p>
<p>O Programa tem duas partes: uma estruturada e proposta pelo professor e outra aberta ao estudo de autores escolhidos pelos estudantes, que serão apresentados nas aulas.</p> <p><i>Primeira parte</i></p> <ol style="list-style-type: none">1. Dois paradigmas político-pedagógicos: Holismo e Individualismo2. Holismo da <i>República</i> de Platão3. Crepúsculo e Renascimento4. Coménio, precursor do direito universal a uma educação nova5. Individualismo do <i>Emílio</i> de Rousseau6. Movimento da Educação Nova7. O direito à educação8. Paulo Freire, pedagogo do direito à educação9. Severidade pedagógica – fio negro da História da Educação <p><i>Segunda parte</i></p> <p>Apresentação de pequenos estudos realizados pelos estudantes sobre o pensamento pedagógico ou uma obra de autores da História da Educação, universal ou nacional. Além de contribuir para a diversificação do programa, são uma experiência de uma aula.</p>
<p>Metodologia:</p>
<p>Reflexão e diálogo sobre os temas propostos, com base na leitura prévia de textos sobre cada um deles, facultados no início do semestre.</p>

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2003-2004. pp. 55-57.

No ano lectivo 2001-2002, o programa disciplinar de História e Filosofia da Educação, oferecido pelo Departamento de Educação aos alunos dos cursos de licenciatura da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa foi repartido pelos Professores Teresa Levy, Olga Pombo e Joaquim Pintassilgo.

Chegado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa no ano lectivo 1998-1999, Joaquim Pintassilgo passou a partilhar a docência disciplinar de História e Filosofia da Educação, oferecida aos alunos dos vários cursos de licenciaturas em Ensino do Departamento de Educação, com as Professoras Olga Pombo e Teresa Levy.

Assim sendo, verificou-se que, apesar de Olga Pombo e Teresa Levy terem mantido a programação disciplinar até à data vigente, a chegada do historiador Joaquim Pintassilgo acrescentou uma mais-valia ao ponto de vista historiográfico da disciplina que,

paralelamente, não descurou o questionamento filosófico.

Programa 7

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Anos lectivos de 2001-2002 Docente: Joaquim Pintassilgo</p>
<p>PROGRAMA</p>
<p>1. Introdução A disciplina de História e Filosofia da Educação pretende promover uma reflexão crítica sobre alguns dos principais temas e/ou problemas educacionais, observados a partir de uma perspectiva simultaneamente histórica e filosófica, procurando assim proporcionar o reconhecimento da complexidade que caracteriza esses fenómenos e destacar as mudanças e permanências na maneira de os encarar e resolver. Optou-se, assim, por enfatizar, por um lado, o travejamento conceptual duma reflexão filosófica sobre educação e, por outro lado, a construção do discurso pedagógico da modernidade, tendo como ponto de partida autores e temas nucleares.</p>
<p>2. Objectivos</p> <ul style="list-style-type: none">. Promover o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo relativamente aos debates e às opções pedagógicas;. Reconhecer a complexidade e a diversidade das situações e temáticas educativas;. Identificar alguns dos principais momentos da evolução do pensamento histórico-educativo;. Relacionar a reflexão teórica com os problemas decorrentes da prática pedagógica;. Promover competências ao nível da pesquisa autónoma e do trabalho cooperativo.
<p>3. Conteúdos Introdução: papel da Filosofia e da História da Educação no contexto de uma reflexão pedagógica.</p> <p>1. Algumas referências conceptuais e problemáticas:</p> <ul style="list-style-type: none">. Educação, socialização, cultura ...;. Finalidades da educação;. Educação e valores; entre a neutralidade e a doutrinação;. A ética e a moral na educação; deontologia da profissão docente;. Educação e religião;. Entre a liberdade e a autoridade;. Modernidade, pós-modernidade e educação;. Utopia, humanismo e optimismo pedagógico. <p>2. A construção da modernidade pedagógica; a renovação do pensamento educativo, de Rousseau a Paulo Freire:</p> <ul style="list-style-type: none">. Rousseau: educação e natureza; uma nova concepção da criança;. Dewey: experiência, educação e democracia;. Adolphe Ferrière: a sistematização dos princípios da Escola Nova;. Freinet: escola do povo e educação pelo trabalho;. Neill: educação, liberdade e self-government;. Carl Rogers: uma pedagogia centrada na pessoa; o professor como “facilitador” do ensino;. Paulo Freire: educação, libertação e “conscientização”. <p>3. O pensamento pedagógico em Portugal: a tradição renovadora. (Elaboração de trabalhos monográficos sobre pedagogos portugueses)</p>
<p>Metodologia: Privilegiar-se-á, no funcionamento desta disciplina, o diálogo e a criação de situações que permitam a participação dos alunos e uma reflexão conjunta sobre os temas indicados no programa. Serão</p>

seleccionados textos de apoio e apresentadas situações problemáticas como ponto de partida para o trabalho a desenvolver. Promover-se-á a realização de trabalhos que fomentem a cooperação, a iniciativa e o espírito crítico ao nível dos alunos.

Avaliação:

A avaliação terá em conta a presença, a participação regular dos alunos nas aulas e a sua colaboração nas actividades (individuais ou em pequeno grupo) organizadas. Serão ainda realizados dois trabalhos escritos: um teste presencial e individual, que assumirá a forma de comentário de texto(s), e um trabalho em pequeno grupo, a combinar entre docentes e alunos, que permita o desenvolvimento de um tópico subjacente ao 3º tema do programa e com apresentação e discussão no contexto das aulas.

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2001-2002. pp. 37-38.

Programa 8

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
Licenciatura em Ensino
HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
Anos lectivos de 2001-2002
Docente: **Olga Pombo**

PROGRAMA

1. Introdução

1. A História da Educação e a Filosofia da Educação. Problematização do objecto e método de cada uma das disciplinas. Sua articulação.
2. A cadeira de História e Filosofia da Educação no actual curriculum de formação de professores. Seu lugar e significado. Objectivos da cadeira.
3. Educação, Instrução e Ensino. Esclarecimentos conceptuais e distinções operatórias.

2. Emergência, significado e transformação da Instituição escolar.

1. A emergência da escola. Da cultura oral à cultura escrita. A escola e a cultura cibernética. Circularidade, linearidade, instantaneidade e dispersão.
2. Escola e ciência na Grécia. O “Protágoras” de Platão como laboratório da ideia de escola. O museu de Alexandria. Roma e o legado do mudo antigo.
3. A universidade medieval. Ascensão e queda de uma Instituição. A ciência moderna e o movimento das academias. A reforma das universidades. Do conflito das faculdades à fundação da universidade de Berlim. A Instituição universitária dos nossos dias.
4. O processo de estatização da escola. Das escolas de caridade à institucionalização de sistemas de ensino. Os colégios jesuítas da contra reforma. O projecto escolar iluminista, a escola napoleónica e a escola republicana.
5. A escola como Instituição. Características específicas da Instituição escolar. As funções da escola. A Instituição escolar contemporânea. Contradições, desafios e alternativas.

3. A reflexão educativa.

1. A crítica da escola como instância repressiva (Rousseau), como aparelho ideológico (Althusser) e como mecanismo de ordenação do discurso (Foucault).
2. Identificação e explicitação das principais antinomias inerentes à problemática educativa. Sua exploração e desenvolvimento. Platão e Kant ou a antinomia sobre as finalidades da educação. Durkheim e Ivan Illich ou a antinomia sobre os mecanismos da educação. Dewey e Alain ou a antinomia sobre o ponto de ancoragem da educação. Gussdorf e Hannah Arendt ou a antinomia sobre os conteúdos da educação.

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2001-2002. pp. 38-39.

Programa 9

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
Curso de **Licenciatura em Ensino**
HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
Anos lectivos de 2001-2002
Docente: **Teresa Levy**

PROGRAMA

Nota justificativa

Como se ensina o que se ensina em Filosofia da Educação hoje?

Primeiro que tudo, devo assinalar que:

1. O programa está pensado para alunos que não são de Filosofia mas sim professores de ciências.
2. É minha convicção que a Filosofia tem a ver com a vida, com o seu sentido assim como com questões sobre o pensar e o agir.

Estes pressupostos não implicam menor exigência ou qualquer compromisso. A Filosofia é exigente, por um lado, e não há uma autoridade nem no céu nem na terra que nos dite as regras de pensar bem e de agir bem. Os critérios da Filosofia não são os mesmos que os das ciências. Ela busca o sentido do mundo em que vivemos, o espaço onde vivemos, onde outros viveram e outros virão ocupar. A Filosofia não nos dá respostas definitivas. Predispõe-nos a reflectir, a questionar, a procurar orientações no universo de sentido. A partir da tradição, faz-nos buscar o vocabulário, os conceitos que nos ajudam a pensar o presente. Já houve quem dissesse que ela nos dá os “instrumentos” do pensar. Instrumentos que estão sempre a ser reajustados, trabalhados, recreados. Instrumentos antigos podem encontrar novos usos, ser esquecidos ou permanecer inalterados. Outros terão que se fabricar. Nunca se devem considerar como algo adquirido. São frágeis e necessitam de um uso e atenção constantes.

Conteúdos programáticos

Vamos então considerar duas dimensões do presente que precisamos de problematizar para contextualizar o problema da educação e da escola.

1ª dimensão: a cultura

2ª dimensão: a sociedade

Em ambos os casos, dar-se-á especial atenção à componente tecnocientífica. Dentro deste contexto, abordaremos três tópicos:

1. A escola como espaço comunicativo
2. O professor enquanto intelectual
3. O conhecimento científico como aspecto primordial da actividade curricular.

Organização das aulas

Haverá uma componente expositiva em que se delinearão os contornos dos aspectos mencionados. Os alunos serão convidados a introduzirem acontecimentos actuais que afectam esses tópicos. Prevê-se, portanto, a sua análise e discussão.

Serão ainda dados textos para análise e discussão nas aulas. Esses textos devem ser lidos antes de serem abordados nas aulas.

Requisitos e avaliação

Espera-se que os alunos tenham um papel activo nas análises e discussões que ocorrem nas aulas, levantando questões relevantes sobre os textos e acontecimentos actuais.

Os alunos devem desenvolver um projecto onde mostrem como poderiam aprofundar um dos tópicos sugeridos. O projecto é realizado em grupo e apresentado na aula com os meios de apresentação escolhidos pelo grupo.

Os alunos devem escrever um ensaio (cerca de 15-20 p.) sobre os modos possíveis de actuação do professor na escola, tomando como ponto de partida a sua concepção de ensino.

Quer na apresentação quer no ensaio, os alunos devem indicar as fontes de que se serviram.

Nota: A bibliografia e os textos a discutir serão entregues com a maior brevidade possível. Espera-se que os alunos façam pesquisa (em vários suportes) sobre os temas que pretendem aprofundar.

Fonte: *Anuário do Departamento de Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2001-2002. pp. 39-40.

Permanecendo na análise do *ethos* dos filósofos da educação da Universidade de Lisboa, passamos a analisar os docentes disciplinares de Filosofia da Educação da Faculdade de Letras, tendo em conta que os únicos Professores que asseguraram a docência desta disciplina foram Leonel Ribeiro dos Santos e João Paulo Monteiro.

Importa presentificar que, anteriormente à institucionalização da sua presença disciplinar, a instância das temáticas disciplinares afins à Filosofia da Educação, na Faculdade de Letras, já se encontrava presente nos programas curriculares de outras disciplinas leccionadas sob a docência do Professor Francisco José da Gama Caeiro.

Inicialmente licenciado em Direito e posteriormente licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas (1953) e doutorado em Filologia Clássica (1968) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Francisco da Gama Caeiro iniciou a sua actividade docente, nesta Faculdade, em 1969, tendo-lhe sido incumbida, até 1971, a regência da disciplina de História da Filosofia em Portugal.

Contudo, o incentivo ao seu interesse pelas temáticas afins à especificidade do campo disciplinar da Filosofia da Educação foram exaltados pela colaboração, entre 1975 e 1979, com o Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo no Brasil, onde assumiu a regência da disciplina de Educação e Cultura Portuguesa e Brasileira.

Regressado à Faculdade de Letras em 1980, Francisco da Gama Caeiro lutou pela presença disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, embandeirando a valorização da pesquisa e da difusão da cultura filosófica e da Filosofia na arena educacional.

Porém, só a partir do ano lectivo 1987-1988, é que a disciplina de Filosofia da Educação passou a ser efectivamente leccionada na Faculdade de Letras por Leonel Ribeiro dos Santos, ainda que, no ano lectivo 2001-2002, tenha sido leccionada por João Paulo Monteiro.

Licenciado em Filosofia, em 1976 e doutorado em Filosofia (Moderna e Contemporânea), em 1990, pela Universidade de Lisboa, com a dissertação intitulada *Metáforas da Razão ou*

Economia Poética do Pensar Kantiano, Leonel Ribeiro dos Santos iniciou a sua carreira docente em 1977 como Assistente na Faculdade de Letras desta Universidade passando, em 1990, a Professor Auxiliar, sendo a partir de 1996 Professor Associado, defendendo Provas de Agregação em Filosofia em Julho de 1998 e ascendendo a Professor Catedrático no ano 2001. Investigador e coordenador de investigação no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e, desde Novembro de 2008, Director (Coordenador Científico) desta Unidade de Investigação, o interesse e dedicação de Leonel Ribeiro dos Santos pela Filosofia da Educação foi constante ao longo do seu extenso e vigente percurso académico.

A respeito do trabalho realizado por Leonel Ribeiro dos Santos no campo da Filosofia da Educação, destaca-se a tradução do texto de Anita Kechikian intitulado *Os Filósofos e a Educação* composto por um conjunto de entrevistas realizadas a vários filósofos. No texto de apresentação a essa obra, Leonel Ribeiro dos Santos, em co-autoria com Carlos João Nunes Correia, revelou o seu agrado perante o facto de a educação voltar a ser uma questão para os filósofos e pela presença de uma aguda consciência, por parte dos filósofos, da crise profunda que afecta a cultura, em geral, e a Instituição educativa e o discurso pedagógico, em particular.

A crise não o é apenas da nova conjuntura económico-social, da inadequação das estruturas educativas às novas exigências e necessidades sociais e tecnológicas, da insuficiência dos meios ou da diferente concepção de gestão política desses meios. É verdadeiramente uma crise de sentido. Na sua forma actual, as instituições educativas, embora herdeiras do ideal clássico de formação humana, são essencialmente um produto da era moderna e estão em íntima solidariedade com outras instituições modernas sobre as quais igualmente se abate hoje a descrença, ou, pelo menos, a dúvida generalizada. Referimo-nos ao Estado, à Ciência, ao Progresso. Deles foi a Escola o natural instrumento, como laboratório de cidadania, como criadora e difusora do saber que, libertando os espíritos da superstição e da ignorância, ao mesmo tempo garantia, quando transformado em técnica, o ilimitado domínio sobre a natureza e sobre o próprio homem (Santos e Correia, 1993: 8).

Acusando as Ciências da Educação de terem convertido a escola num projecto científico, o filósofo da educação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa recusou-se a aceitar qualquer discurso absoluto sobre a educação, enjeitou todo o modelo de educação que, em vez de estimular a criatividade e a diferença, visasse promover a uniformização, a massificação e a normalização e assumiu como sendo a melhor educação aquela que mais tiver o sentido da diferença, do pluralismo cultural, do carácter aberto e plural do ser humano (Santos e Correia, 1993).

Outro trabalho realizado sob a coordenação de Leonel Ribeiro dos Santos foi o Colóquio e a obra *Educação Estética e Utopia Política*, dedicados à comemoração do bicentenário da publicação de duas obras marcantes da Filosofia, *Para a paz perpétua* de Kant e *Cartas sobre a educação estética do ser humano* de Schiller, que visaram desenvolver reflexão alargada sobre essas duas obras e, sobretudo, equacionar as relações entre estética e política.

Na condição de docente que durante maior período temporal assegurou a docência disciplinar de Filosofia da Educação aos estudantes de Filosofia desta Faculdade, o actualmente Professor Jubilado Leonel Ribeiro dos Santos estendeu o seu magistério filosófico-educativo pela docência da disciplina de Teoria da Educação oferecida aos alunos inscritos no Ramo de Formação Educacional de outros cursos de licenciatura da Faculdade de Letras de Lisboa e pela orientação de teses de doutoramento em Filosofia.

Program 10

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE LETRAS – RAMO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL Licenciatura em Filosofia Disciplina anual de: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Ano lectivo 1999-2000 Docente: Leonel Ribeiro dos Santos</p>
<p>PROGRAMA:</p>
<p>I. Questões de Método Esclarecimento de conceitos: educação, formação, instrução, ensino e aprendizagem. Estatuto do saber pedagógico: a Filosofia da Educação e as Ciências da Educação. Teoria e prática em educação: o saber judicioso e a prática sensata. O retorno da perspectiva filosófica e reflexiva na abordagem da educação e suas principais vertentes: a história das ideias e pensamento pedagógicos, a epistemologia das ciências da educação, a antropologia pedagógica, a análise do discurso pedagógico e a crítica da razão pedagógica.</p> <p>II. Situação actual da educação e do pensamento pedagógico: entre a crise e a utopia. O contexto social da educação nos seus vários níveis e aspectos. Abordagens globais, sistémicas e locais da educação. A confusão das línguas: raízes clássicas, humanistas, iluministas, liberais, românticas, positivistas e tecnocráticas das concepções contemporâneas da Educação. A “sociedade pedagógica” e as formas contemporâneas da utopia iluminista. Poder e impotência da educação. A educação na era das redes mundiais de informação: sociedade de educação e sociedade da informação. A crise da educação como sintoma da crise contemporânea da cultura e da civilização: crise das Instituições educativas, crise do discurso pedagógico e crise da razão pedagógica. A alteração dos pressupostos tradicionais da condição pedagógica: a) ao nível da natureza e função dos saberes; b) ao nível do perfil psico-sociológico dos educandos; c) ao nível do estatuto e função dos pedagogos; d) ao nível do enquadramento sociológico, institucional e político da escola. Perspectiva sobre a evolução recente do sistema de ensino português. Aspectos estruturais e</p>

tendências de desenvolvimento.

III. Figuras, momentos e paradigmas do pensamento pedagógico ocidental.

1. Os sofistas e as origens da educação como programa e como técnica.
2. Sócrates, Platão e Aristóteles: o ideal grego da *paideia*.
3. Cícero e Quintiliano: o paradigma retórico da educação e seu significado histórico.
4. Agostinho de Hipona: o pedagogo interior e o projecto da pedagogia cristã.
5. O Humanismo dos séculos XV e XVI como movimento pedagógico: os filósofos e a evolução do *curriculum* humanista. Erasmo, Vives, Melancthon, Rabelais, Montaigne e Pierre de La Ramée.
6. Descartes e Coménio: razão moderna e pedagogia.
7. Jean-Jacques Rousseau: a educação segundo o curso da natureza e como desenvolvimento imanente do indivíduo.
8. Lessing e Immanuel Kant: a educação do indivíduo do contexto da educação do género humano e como resolução da antinomia entre natureza e cultura.
9. Condorcet: educação e cidadania.
10. Friedrich Schiller: o projecto da "educação estética do ser humano".
11. John Dewey: educação, progresso social e democracia.
12. Tendências do pensamento pedagógico do século XX: a pedagogia institucional, as pedagogias não directivas, a pedagogia de objectivos e o prospectivismo pedagógico; o pragmatismo pedagógico e a tecnopaideia e a pedagogia sistemática. A actual deriva do pensamento pedagógico.
13. O pensamento pedagógico português, do Iluminismo à actualidade.

IV. Análise do discurso pedagógico e crítica da razão pedagógica.

1. A linguagem da educação e a linguagem na educação. Tipologia do discurso pedagógico. Pedagogia, retórica e ideologia.
2. Crítica da razão pedagógica: a questão dos fundamentos e da legitimação da teoria e da prática educativas.
3. Dialéctica e antinomias do pensamento pedagógico.
4. A questão dos valores e dos fins em educação.
5. Análise e crítica das noções de "educação cívica", "formação moral e pessoal" e "educação para a cidadania". A educação para os valores e o valor da educação. O difícil equilíbrio da educação entre a integração social e a libertação pessoal.

BIBLIOGRAFIA:

I.

- AVANZINI, Guy (1992). *Introduction aux sciences de l'éducation*, Toulouse, Privat.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J-C. (1970). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Vega.
- CARVALHO, Adalberto D. (1988). *Epistemologia das Ciências da Educação*, Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto D. (Org.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CLAUSSE, A. (1976). *A Relatividade Educativa. Esboço de uma História e de uma Filosofia da Educação*. Coimbra: Almedina.
- LEIF, J. (1979). *Philosophie de l'éducation*. Paris, Delagrave.
- LOWISCHE, Dieter-Jurgen (1988). *Einführung in die Erziehungsphilosophie*. Darmstadt: WBG.
- MARROU, Henri-Irénée (1948). *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. 2 Vol. Paris: Seuil.
- MASOTA, F. A. (1991). *Filosofia de la Educación hoy*. Madrid: Dykinson.
- NÓVOA, António (1998). *Histoire & Comparaison (Essais sur l'Éducation)*. Lisbonne: Educa.
- OELKERS, Jurgen (1985). *Erziehen und Unterrichten. Grundbegriffe der Pädagogik in analytischer Sicht*. Darmstadt: WBG.
- PETERS, R. S. (1979). *Philosophy of Education*. Oxford: Oxford University Press.
- PETERS, R. S. (1979). *The Concept of Education*. London: Routledge.
- REBOU, Olivier (1980). *Qu'est-ce qu'apprendre?*. Paris: PUF.
- REBOU, Olivier (1981). *La Philosophie de l'éducation*. Paris: PUF.

II.

- ARENDT, Hannah (1972). *La crise de la culture*. Paris: Gallimard.
- BABIN, Pierre (1993). *Linguagem e cultura nos media*. Venda Nova: Bertrand.
- BEILLEROT, Jacky (1985). *A sociedade pedagógica*. Porto: Rés.
- BLOOM, Allan (1991). *A cultura inculta. Ensaio sobre o declínio da cultura geral*. Mem Martins: Europa-América.
- DOMENACH, Jean-Marie (1989). *Ce qu'il faut enseigner. Pour un nouvel enseignement général dans la secondaire*. Paris: Seuil.
- ESTEVE, José Manuel (s/d). *O mal-estar docente*. Lisboa: Escher.
- FINKIELKRAUT, Alain (1988). *A derrota do pensamento*. Lisboa: D. Quixote.
- HENRY, Michel (1987). *La barbarie*. Paris: Grasset.
- LESOURNE, Jaques (1988). *Éducation et société. Le défi de l'an 2000*. Paris: La Découverte.
- LYOTARD, Jean-François (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.
- NÓVOA, António (1987). *Le temps des professeurs*. 2 vol. Lisboa: INIC.
- NÓVOA, António (Org.) (1992). *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote.
- NÓVOA, António (Org.) (1992). *Profissão: Professor*. Porto: Porto Editora.
- DEWEY, John (1916). *Democracy and Education. An Introduction to the Philosophy of Education*. New York: Macmillan.
- DEWEY, John (1897). *My Pedagogic Creed*. New York: Kellog & Co.
- DEWEY, John (1929). *The Sources of a Science of Education*. New York: Liveright Publ. Corp.
- DEWEY, John (1956). *The School and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- DURKHEIM, Émile (1963). *L'éducation morale*. Paris: PUF.
- DURKHEIM, Émile (1969). *L'Évolution pédagogique en France*. Paris: PUF.
- ERASMO, Desidério (1966). *De pueris instituendis*. Genève.
- FICHTE, J.G. (1969). *Conférences sur la destination du savant*. Paris: Vrin.
- FINK, Eugene (1970). *Metaphysik der Erziehung im Weltverständnis von Plato und Aristoteles*. Frankfurt: Klostermann.
- FISCHER, W. e LOWISCH, D.J. (1989). *Pädagogisches Denken von der Anfängen bis zur Gegenwart*. Darmstadt: WBG.
- FREINET, Célestin (1974). *Pour l'école du peuple*. Paris: Maspero.
- FREIRE, Paulo (1977). *Acção cultural para a libertação e outros escritos*. Lisboa: Moraes.
- FREIRE, Paulo (1971). *Pedagogy of the Oppressed*. New York: Herder & Herder.
- FREIRE, Paulo (1973). *Education for Critical Consciousness*. New York: Seabury Press.
- FREIRE, Paulo (1985). *The Politics of Education: Culture, Power and Liberation*. South Hadley: Mass, Bergin & Garvey Publ.
- GARIN, Eugénio (1949). *L'educazione umanistica in Italia: Testi scelti e illustrati*. Bari: Laterza.
- GARIN, Eugénio (1949). *L'educazione in Europa (1400-1600): Problemi e Programmi*. Bari: Laterza.
- GARIN, Eugénio (1958). *Il pensiero pedagogico dell'Umanesimo*. Firenze.
- GILBERT, Roger (1974). *As ideias actuais em Pedagogia*. Lisboa: Moraes.
- GOMPERTZ, Heinrich (1912). *Sophistik und Rhetorik, Das Bildungsideal des eu légein in seinem Verhältnis zur Philosophie des Jahrhunderts*. Leipzig/Berlin.
- GORE, J. (1993). *The Struggle for Pedagogies: Critical and Feminist Discourses as Regimes of Truth*. New York: Routledge.
- GRENDLER, P. (1989). *Schooling in Renaissance Italy: Literacy and Learning 1300-1600*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press.
- GUSDORF, G. (1978). *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. Lisboa: Moraes.
- GUSDORF, G. (1969). *La Révolution Galiléenne*. Tome II. Paris: Payot.
- HADOT, I. (1984). *Arts libéraux et Philosophie dans la Pensée Antique*. Paris: Études Augustiniennes.
- HAMELINE, D. e DARDELIN, M.J. (1967). *La liberté d'apprendre. Justification d'un enseignement non-directif*. Paris: Éditions Ouvrières.
- HEGEL (1994). *Discursos sobre educação*. Lisboa: Colibri.

- HENRIQUES, Andrôula (1991). *Aprendizagem*. Vol.I, nº1.
- ILLICH, Ivan (1979). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes.
- JAEGER, W. (s/d). *Paideia. A formação do homem grego*. Lisboa: Aster.
- JARRETT (1969). *The Educational Theories of the Sophists*. New York: Teachers College Press.
- KHAN, P. (1990). *L'Éducation, Approches Philosophiques*. Paris: PUF.
- KANT (1966). *Reflexions sur l'Éducation*. Paris: Vrin.
- KECHIKIAN, Anita (1993). *Os filósofos e a educação*. Lisboa: Colibri.
- KINTZLER, C. (1984). *Condorcet, l'instruction publique et la naissance du citoyen*. Paris: Minerve.
- LEFF, Gordon (1968). *Paris and Oxford Universities in the Thirteenth and Fourteenth Centuries: An Institutional and Intellectual History*. New York: Wiley.
- LIPMAN (1988). Filosofia. In *Revista da Sociedade Portuguesa de Filosofia*, Vol.II, nº1/2. pp. 183-201.
- LOBROT, M. (1966). *La pédagogie institutionnelle*. Paris: Gauthier-Villars.
- LOCKE (1966). *Quelques pensées sur l'éducation*. Paris: Vrin.
- LODGE, R.C. (1947). *Plato's Theory of Education*. Kegan Paul.
- MARITAINS, Jacques (1959). *Pour une philosophie de l'éducation*. Paris: Fayard.
- MARROU (1938). *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris.
- MONTAIGNE (1967). *Essais*. Paris: Seuil.
- MOREAU, J. (1987). *Platons devant les Sophistes*. Paris: Vrin.
- NEILL (1973). *Libres Enfants de Summerhill*. Paris: Maspero.
- NETTLESHIP, Richard Lewis (1966). *The Theory of Education in Plato's Republic*. Oxford: Oxford University Press.
- NIETZSCHE (1979). *O futuro das instituições de ensino*. Lisboa: Via Editora.
- PIAGET (1969). *Psychologie et Pédagogie*. Paris: Denoel.
- PINTO, Maria José (1993). *Logos e Paideia: Supostos filosóficos da doutrina platónica da educação*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/FCSH.
- PLATÃO (s/d). Menon, Sofista, Protágoras, República, Leis. Edição bilingue grego-francês. In *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres.
- RESWEBER, Jean-Paul (1986). *Les Pédagogies Nouvelles*. Paris: PUF.
- RICHELLE, Marc (1977). *Skinner ou le péril behavioriste*. Bruxelles: Mardaga.
- RITZEL, Wolfrang (1983). *Philosophie und Pädagogik im 20. Jahrhundert*. Darmstadt: WBG.
- ROGERS, Carl (1973). *Liberté pour apprendre*. Paris: Dunod.
- ROUSSEAU (1969). *Émile ou De l'éducation*. Paris: Gallimard.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos (Org.) (1996). *Educação estética e utopia política*. Lisboa: Colibri.
- SCHILLER, F. (1994). *Sobre a educação estética do ser humano*. Lisboa: IN-CM.
- SCHMID, J.R. (1973). *Le maître camarade et la pédagogie libertaire*. Paris: Maspero.
- SKINNER, B.F. (1988). *La révolution scientifique de l'enseignement*. Liège/Bruxelles: Mardaga.
- SKINNER, B.F. (1972). *Par delà la liberté et la dignité*. Paris: R. Laffont.
- SNYDERS, George (1971). *Pédagogie Progressiste*. Paris: PUF.
- SPRINTHALL, N. e SPRINTHALL, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- SUCHODOLSKI, Bordan (1972). *A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ULLMANN, Jaques (1982). *La pensée éducative contemporaine*. Paris: Vrin.
- UNTERSTEINER, Mario (1967). *Sofisti, testimonianze e frammenti*. Firenze: La Nuova Italia Editrice.
- VINCENTI, Luc (1994). *Educação e Liberdade – Kant e Fichte*. São Paulo: Unesp.
- WEISSKOPF (1970). *Immanuel Kant und die Pädagogik*. Zurich: EZV-Verlag.
- WINKELS, Theo (1984). *Kants Forderung nach Konstitution einer Erziehungswissenschaft*. München. Profil Verlag.

Sobre o pensamento pedagógico português:

- ANDRADE, A. A. Banha de (1982). *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*. Lisboa: IN-CM.
- ANTUNES, Manuel (1973). *Educação e Sociedade*. Lisboa: Sampedro.

- CARVALHO, Rómulo de (1986). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (s/d). Fundamentação existencial da pedagogia. In *Obras Completas*. vol.II. Lisboa: Gulbenkian.
- FERNANDES, Rogério (1978). *O pensamento pedagógico em Portugal*. Lisboa: ICP.
- FERREIRA, Alberto (Org.) (s/d). *Antologia de textos pedagógicos do século XIX português*. 2 Vol. Lisboa: Gulbenkian.
- FERREIRA, Deusado (1995). *Educadores Portugueses*. Lello & Irmão: Porto.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira (1989). *A escola em debate: Educar ou profissionalizar?*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1900). *A escola cultural. Horizonte decisivo da reforma educativa*. Lisboa. Texto.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1994). *O pensamento pedagógico de Leonardo Coimbra*. Porto: Porto Editora.
- *Philosophica*, nº6 (Novembro de 1995), número especial sobre Ensino da Filosofia e Filosofia do Ensino.

IV.

- BERNARD, Michel (1989). *Critique des fondements de l'éducation*. Paris: Chiron.
- CAMPS, Victoria (1995). *Los valores de la educación*. Madrid. Anaya.
- CARVALHO, Adalberto (1992). *A educação como projecto antropológico*. Porto. Afrontamento.
- CHARBONNEL, Nanine (1988). *Pour une critique de la raison éducative*. Berne: Peter Lang.
- HAMANN, Bruno (1992). *Antropologia Pedagógica*. Barcelona. Vicens Vives.
- HAMELINE, Daniel (1986). *L'éducation, ses images et son propos*. Paris: ESF.
- HIRST and PETERS (1979). *The Logic of Education*. London: Routledge.
- MARINA, José António (1993). *Teoria de la inteligencia creadora*. Barcelona. Anagrama.
- PERRENOUD, Philippe (1996). *Enseigner: agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude*. Paris: ESF.
- REBOUL (1984). *Le langage de l'éducation*. Paris: PUF.
- SAVATER, Fernando (s/d). *O valor de educar*. Lisboa: Presença.
- SCHEFFLER, Israel (1991). *In Praise of Cognitive Emotions and Other Essays in the Philosophy of Education*. New York/London: Routledge.
- SANTOMÉ, Torres (1995). *O curriculum oculto*. Porto: Porto Editora.

Avaliação:

A avaliação é feita no quadro do Regulamento de Avaliação em vigor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, privilegiando-se modalidades de participação e tarefas diversificadas que tornem possível o desenvolvimento contínuo e personalizado da aprendizagem e o envolvimento activo dos alunos na execução do programa.

Fonte: *Guia do Curso de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ano lectivo 1999-2000. p.p. 155-166.

Como já havia sido referido anteriormente, no ano lectivo 2000-2001, a regularidade da docência da disciplina anual de Filosofia da Educação, a cargo de Leonel Ribeiro dos Santos, foi interrompida, sendo a incumbência da regência disciplinar sido delegada a João Paulo Monteiro que, na condição de Professor Catedrático convidado, a ministrou.

Licenciado, Mestre, (1967) e Doutor (1973) em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o trabalho docente de João Paulo Monteiro, apesar de tendencialmente preponderante noutras áreas da Filosofia para além da Filosofia da Educação, foi desenvolvido, na Faculdade de Letras de Lisboa, numa base

curricular e bibliográfica suportada pelo recurso às grandes figuras da Filosofia que, desde a origem da História da Cultura e do Pensamento Ocidental, se destacaram no exercício de reflexão filosófica sobre o problema da educação.

Programa 11

<p>UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE LETRAS – RAMO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL Licenciatura em Filosofia Disciplina anual de: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Ano lectivo 2000-2001 Docente: João Paulo Monteiro</p>
<p>PROGRAMA:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Platão e o ensino da virtude2. Aristóteles: bondade habitual e virtude intelectual3. Montaigne e a “instituição” das crianças4. Locke: racionalidade e formação do carácter5. Rousseau: a criança natural e o bom selvagem6. Kant: entendimento, ilustração e ética7. Nietzsche e o “futuro do ensino”8. Stuart Mill e a educação liberal9. Dewey: educação, racionalidade e democracia10. Educação, tolerância e pluralismo
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA:</p> <ul style="list-style-type: none">- Platão: <i>Ménon</i>- Platão: <i>República</i>- Aristóteles: <i>Ética Nicomacheia</i>- Aristóteles: <i>Política</i>- Montaigne: <i>Ensaaios</i>- Locke: <i>Pensamentos Sobre a Educação</i>- Rousseau: <i>Emílio</i>- Kant: <i>Reflexões Sobre a Educação</i>- Nietzsche: <i>O Futuro das Instituições de Ensino</i>- Stuart Mill: <i>Discurso Inaugural em St. Andrews</i>- Whitehead: <i>Os Fins da Educação</i>- Dewey: <i>Democracia e Educação</i>- Dewey: <i>Experiência e Educação</i>

Fonte: *Guia do Curso de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ano lectivo 2000-2001. pp. 103-104.

6. A Pedagogia Filosófica e a Filosofia da Educação Escolar da Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra foi, durante vários séculos, o único centro oficial de cultura superior em Portugal. Esta Instituição foi a *Alma Mater* do país no respeitante ao que de mais fecundo se produziu e que define a sua identidade como Nação. Nela se formaram as mais prestigiadas figuras de todos os ramos da sociedade, incluindo o ensino e a educação.

Baseada no princípio que a verdadeira riqueza de uma Escola radica, de forma substancial, nos seus Professores, na sua competência científica, nas suas qualidades pedagógicas e na sua compreensão da realidade educacional, esta Universidade cedo despertou para uma original ponderação sobre a educação realizada pela Filosofia.

No cerne da tensão epistemológica: tratamento científico da educação *versus* pensamento filosófico, a Universidade de Coimbra, durante o século XX, destacou-se pelo seu contributo no processo de constituição do campo disciplinar da Filosofia da Educação pela promoção de um ideal de Pedagogia que, para além de técnica e científica, tem um conteúdo filosófico na medida em que pressupõe, necessariamente, uma concepção do homem e da sua essência metafísica, assim como dos fins supremos da cultura.

Institucionalmente pouco associada ao processo de formação pedagógica de professores, a Filosofia da Educação, nesta Universidade, dedicou-se à clarificação do seu estatuto epistemológico e à consolidação da sua presença temática nos currículos dos estudos educativos produzidos no contexto académico do Curso Superior de Psicologia, no âmbito de cursos de vários níveis de ensino na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e, posteriormente, na Faculdade de Letras.

Contudo, foi no âmbito do campo científico das Ciências da Educação que a disciplina se consolidou e proliferou na velha Universidade.

6.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra

A Instituição universitária em Portugal⁵⁹ tem, desde os seus primórdios no período medieval, como referência, a dedicação ao estudo da Filosofia. Essa tradição foi exaltada, a partir de 1772, com a criação da Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra que só terá sido extinta a 12 de Maio de 1911 (Rodrigues, 1992). Durante o período de funcionamento desta Faculdade os planos de estudo foram gradualmente alterados, de acordo com as necessidades pedagógicas do momento mantendo, desde a Reforma Pombalina⁶⁰ que a criou, até à sua extinção, uma proximidade face aos assuntos referentes às Ciências Naturais e, conseqüentemente, um distanciamento perante as questões humanísticas e educacionais.

No seguimento de um passado debruçado sobre a ciência a plurissecular Universidade de Coimbra entrou no século XX manifestando um interesse redobrado pelo conhecimento científico e pela importância das suas numerosas aplicações.

No propósito de aprofundar os métodos de investigação das Ciências Naturais e das Ciências Sociais, nomeadamente da História, da Filosofia e da Pedagogia, o Governo, presidido por Hintze Ribeiro, a 24 de Dezembro de 1901, promulgou um documento intitulado *As Bases de Reforma Universitária*, que afirmava que:

O desenvolvimento considerável que as ciências naturais chegaram a atingir, a importância das suas numerosíssimas aplicações às indústrias, que são a principal fonte de riqueza de um país, e por outro lado a aplicação constante e crescente que se está fazendo dos conhecimentos adquiridos nestas ciências e dos seus métodos de investigação aos estudos das outras especialidades e nomeadamente às ciências sociais, à história, à filosofia e à pedagogia: tudo isto está aconselhando o Governo a animar por todas as formas possíveis o desenvolvimento e a vulgarização de tais estudos, dotando os estabelecimentos que os professores com os meios materiais e com a organização que as forças do Tesouro possam comportar (*Bases de Reforma Universitária de 24 de Dezembro de 1901*).

⁵⁹ A Universidade portuguesa, nos primeiros séculos de existência, instou, itinerantemente, ora em Lisboa, ora em Coimbra. Foi fundada em Lisboa em 1290 e transferida para Coimbra em 1308, onde permaneceu até 1338. Nesse mesmo ano retornou novamente a Lisboa até 1354, ano em que regressou novamente a Coimbra, mas apenas até 1377. Encaminhou-se, uma vez mais, para Lisboa e aí permaneceu até 1357 e, desde então, fixou-se definitivamente na cidade de Coimbra (Dias, 1997).

⁶⁰ Na Universidade de Coimbra, a Reforma Pombalina foi muito curta relativamente aos estudos humanísticos. Apesar da introdução da cadeira de Filosofia Moral e Racional, no plano de estudos da Faculdade de Filosofia, esta seria extinta em 1791.

Inferindo, de forma directa, no ensino da Filosofia, a reforma universitária de 1901, fez com que, na Faculdade de Filosofia, tenham sido criadas secções separadas de Ciências Físico-Químicas e Histórico-Naturais, por um lado, e de Mineralogia e Geologia, por outro (Carvalho, 2008).

No entanto, esta tão aguardada reforma da Universidade não trouxe alterações de monta. Aliás, uma análise minuciosa ao texto do Decreto revela o recurso a termos e referências que acentuam a determinação de conservar as linhas definidoras da velha Escola (Carvalho, 2008).

A reacção ao propósito conservador da reforma não tardou e cedo foi manifestado o desagrado por parte de alguns Professores. Entre estes, destacou-se Bernardino Machado, Professor Universitário da Faculdade de Filosofia que, ao proferir na abertura solene das aulas, na Sala dos Actos Grandes da Universidade, a respectiva oração inaugural do ano académico 1904-1905, deixou bem clara a tristeza que sentia quando pensava no ensino (Carvalho, 2008). Na condição de filósofo, de certa forma, dedicado às questões da educação e do ensino, Bernardino Machado desenvolveu ao longo do seu trabalho uma reflexão pedagógica que, de algum modo, procurou divulgar em Portugal análises e estudos realizados no estrangeiro, como por exemplo, alguns conteúdos das cátedras parisienses de *Ciência da Educação* ministradas por Marion e Buisson, dos trabalhos dos ingleses Bain e Spencer e das obras do norte-americano John Dewey (Nóvoa, 2003). Debruçado sobre a importância da emergência de um novo corpo de saberes, nomeadamente a Pedagogia, o republicano Bernardino Machado⁶¹ prestou um contributo notório para a consolidação de um credo sobre a importância da educação e do ensino imbuído de considerações dedicadas a um saber e a um *ethos* próprio da profissão docente, espelhado no seu discurso cuja extensão se repercutiu tanto no campo pedagógico-académico⁶² como no registo político-parlamentar⁶³.

⁶¹ A referência ao republicanismo de Bernardino Machado, justifica-se pelo facto deste ter sido membro do directório do Partido Republicano desde 1903.

⁶² Para aprofundar a dimensão ética e ontológica presente no discurso da obra pedagógica do autor devem ser consultadas as lições do seu *Curso de Pedagogia* de 1900 publicadas no mesmo ano.

⁶³ No respeitante à participação na vida política de Bernardino Machado, é legítimo afirmar que este ascendeu a todas as honras e ocupou os cargos de maior responsabilidade que a um cidadão é lícito atingir, respectivamente, o de "Conselheiro e Ministro de Estado, Deputado, Par do Reino, Senador, Representante Diplomático, duas vezes Chefe do Governo, duas vezes Presidente da República e Grão-Mestre da Maçonaria" (Nóvoa, 2003:827).

O ano de 1911 foi um marco histórico determinante para o mundo académico conimbricense. No período posterior ao cinco de Outubro de 1910⁶⁴, o propósito revolucionário republicano pretendeu reformar a mentalidade portuguesa pela via da instrução e da educação⁶⁵. Apontando como problemas tradicionais do ensino: o analfabetismo, o insuficiente número de escolas primárias e a deficiente preparação pedagógica e científica dos professores, o Governo Provisório vigente legislou no sentido de responder ao apelo dos interesses sociais dos novos tempos (Carvalho, 2008).

O Decreto de 9 de Maio de 1911, tendo como fim “o aperfeiçoamento e a expansão da alta cultura intelectual no domínio das ciências filosóficas, filológicas, históricas e geográficas e a preparação científica para o exercício das profissões que exigem o conhecimento daquelas ciências”, legislou a criação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cujo funcionamento foi regulamentado pelo Decreto de 19 de Agosto de 1911.

Com o Decreto com força de lei de 21 de Maio de 1911 foi criada a Escola Superior Normal de Coimbra, anexa às Faculdades de Letras e Ciências da respectiva Universidade, estipulando a existência de três cursos: um para habilitação ao magistério liceal, outro para o normal primário e o último para o superior, que habilitariam ainda para a admissão ao concurso para os lugares de Inspectores do Ensino. A Escola, entrando em funcionamento no ano lectivo de 1915-1916, foi encarregue do ensino de cursos de habilitação ao magistério com um conjunto de diferentes cadeiras, entre as quais constam a Filosofia e a Pedagogia, tendo sido extinta, pelo Decreto nº 18973, de 16 de Outubro de 1930, sendo substituída pela secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras e pelos Liceus Normais (em Coimbra, o Liceu José Falcão, depois Liceu D. João III) (Rodrigues, 1992).

A *Constituição Universitária*, com que o Governo Provisório dotou o país, produziu realizações afins ao propósito inicial com que foi elaborada. A ampla autonomia concedida pelo Estado à Universidade e a dotação da mesma com os recursos necessários ao seu desenvolvimento permitiu que, em pouco mais de três anos, se verificasse um notável progresso a nível da actividade de pesquisa científica, do exercício docente, da prática das aprendizagens profissionais e da partilha de saberes com outros centros de produção cultural

⁶⁴ A cinco de Outubro de 1910, Portugal assistiu, não apenas ao derrubar de um Governo, mas à queda do multissecular regime monárquico.

⁶⁵ Em 1911, Alves dos Santos, Chefe de Gabinete do Presidente do Governo Provisório que se organizou após o 5 de Outubro, foi encarregado de visitar a França, a Suíça e a Bélgica para se inteirar dos progressos pedagógicos dessas nações (Carvalho, 2008).

situados além-fronteiras (Rodrigues, 2008). Assim sendo, no respeitante à cultura pedagógica, este espaço temporal revelou-se frutífero à proliferação simultânea da institucionalização da formação de professores e da cientificação da Pedagogia, em conformidade com o já acontecido no estrangeiro.

Na senda da difusão dos ideais e teses pedagógicas correntes noutros países, um filósofo que se destacou, pelo trabalho realizado na Universidade da cidade do Mondego, foi Joaquim de Carvalho. Na condição de docente da Faculdade de Letras e da Escola Superior Normal, desde 1916, Joaquim de Carvalho desenvolveu uma actividade universitária marcada pela abertura de linhas de pesquisa até então inexploradas e pela promoção de uma concepção da Pedagogia que, para além de técnica e cientificamente fundamentada, deveria possuir, necessariamente, um conteúdo filosófico, na medida em que teria que conter uma intelecção do homem e da sua essência metafísica, assim como dos fins supremos da cultura.

Um momento alto da promoção da existência de um saber de conteúdo pedagógico realizou-se no mês de Fevereiro de 1930, em Coimbra, através da conferência ministrada por Adolphe Ferrière que, segundo Joaquim de Carvalho, impôs uma verdadeira revolução copernicana no referente à posição da escola face ao processo educativo do indivíduo institucionalmente inserido: uma visão de escola não como continuadora do que é, mas como o início do que deve ser.

Porém, os primeiros anos da década de trinta, com a subida de António de Oliveira Salazar ao poder, iriam assinalar o início de uma nova fase para a Universidade de Coimbra.

Visando o controlo ideológico e a manifestação de pareceres que não fossem conformes ao espírito ditatorial, o Governo, tendo por finalidade a prevenção de desvios à ideologia da Ditadura, publicou o Decreto nº 25317, de 13 de Maio de 1935, que abrigava a viabilidade de demissão dos funcionários públicos que contrariassem o “espírito da Constituição corporativa”. Por via do recurso ao repressivo suporte legal, foi imposta a demissão administrativa de alguns Professores da Universidade de Coimbra, como Sílvia Lima⁶⁶ e Aurélio Quintanilha, em 1935, e Mário Silva em 1947 (Garrido, 2008).

Outros Professores desta Universidade acabaram por ser afectados pelo controlo exercido

⁶⁶ Sílvia Lima, Professor da Universidade de Coimbra na área da Pedagogia, Psicologia e Teoria da História, foi uma das figuras universitárias mais interessantes da transição da Ditadura Militar para o Estado Novo. Foi militante de um republicanismo «libertário», na sua perspectiva intelectual e sergiana, de tipo social e reformista. Mas, o facto que causou a sua demissão foi a escrita de umas *Notas Críticas*, em 1930, à obra de Manuel Gonçalves Cerejeira. (Torgal, 2009).

pelo regime. Um caso expressivo dessa realidade foi Joaquim de Carvalho que, apesar do elevado estatuto intelectual e universitário de que usufruía, não deixou de ser vítima indirecta do regime salazarista que, em 1934, extinguiu a Imprensa da Universidade de Coimbra, de que era responsável (Torgal, 2009).

No entanto, a vida académica da Universidade prosseguiu, na medida das suas possibilidades, esforçando-se, de forma acrescida, por conciliar as imposições e a Censura ditatoriais com o progresso da pesquisa científica⁶⁷.

No intuito de enriquecer a Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras, criada em 1930, no ano de 1937, o debate pedagógico da academia coimbrã alastrou a sua escala de reflexão com a chegada de Émile Planchard que, como Professor desta Secção e pelo papel preponderante que desempenhou na promoção de uma Pedagogia empírico-científica, poderá ser considerado, do ponto de vista universitário, como sendo o mais influente dos autores do período do Estado Novo. Do ponto de vista filosófico, Planchard, apesar de pugnar pelo carácter científico da Pedagogia e por um ensino activo, outorgou uma obra pedagógica, extensa e sistematizada, impregnada por uma axiologia fundamentada na Filosofia cristã tradicional. Um ideário emblemático deste pedagogo foi a defesa da institucionalização de um processo de formação docente com base na componente humana, científica e pedagógica, propício à preparação para o desempenho de uma missão educacional com reminiscências para uma maiêutica no sentido socrático do termo.

Defendendo de forma veemente a optimização da institucionalização da formação docente e a cientificação da Pedagogia, Planchard partilhou esta sua dedicação com Joaquim Ferreira Gomes que, desde que iniciou a sua actividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1961, foi figura determinante na criação do Curso Superior de Psicologia em 1977 que, em 1980, devido à sua pertinácia, se transformaram em Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação.

Foi, portanto, no seguimento da actividade académica levada a cabo por Joaquim Ferreira Gomes que, no ano lectivo de 1980-1981, se consolidou o surgimento disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra.

Joaquim Ferreira Gomes iniciou a sua actividade docente na Faculdade de Letras da

⁶⁷ A imprensa publicada em Portugal, a partir de 1933, estava quase totalmente controlada pelo Estado, porque, apesar da liberdade de expressão que se incluía nas liberdades constantes do artigo 8º da *Constituição de 1933*, a sua restrição surgiu ao mesmo tempo e a Censura exerceu-se sem grandes complacências (Torgal, 2009).

Universidade de Coimbra em 1961 como segundo Assistente, passando a Professor Auxiliar em 1970, a Professor Agregado em 1970 e a Professor Catedrático em 1974. No ano de 1983 transferiu-se para a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma Universidade.

Em 1964 prestou provas de doutoramento em Filosofia, na especialidade de Pedagogia Geral, com a tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulada *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica com a edição crítica dos apontamentos para a educação de um menino nobre* e, desde então, foi complementando a sua actividade docente com um processo de pesquisa e de publicação exaustivo.⁶⁸

Detentor de uma craveira intelectual cunhada pela reflexão filosófica, o percurso académico de Joaquim Ferreira Gomes, marcado por uma polivalente regência disciplinar que se alastrou da área da Filosofia, à História, à Psicologia e às Ciências da Educação, reflecte uma dedicação multifacetada à primordial causa pedagógica.

Nessa sequência, a partir do ano lectivo de 1965-1966, o filósofo-pedagogo passou a integrar o corpo docente do Curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo sido incumbido de leccionar a disciplina de História da Educação, Organização e Administração Escolares.

Permanentemente animado pelo questionamento e pela necessidade de aprofundamento reflexivo, Ferreira Gomes foi imbuindo, gradualmente, o curso do seu magistério com a presença crescente de temas, metodologias e obras de cariz marcadamente filosófico.

Advogando sobre a mais-valia filosófico-educacional para a causa pedagógica, o pensador foi o principal responsável pela divulgação lectiva das principais obras, temas e autores da área específica da Filosofia da Educação, quer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, quer na Faculdade de Letras. No período de tempo compreendido entre as décadas de 60, 70 e 80 do século passado, Ferreira Gomes foi, inequivocamente, um importante difusor do pensamento filosófico-educativo na Universidade de Coimbra.

⁶⁸ A título de ilustração, basta referir que a vasta bibliografia publicada por Ferreira Gomes, no domínio da Filosofia, da História e da Pedagogia, se cifra em mais de uma vintena de livros e em mais de uma centena de artigos publicados em revistas científicas, nacionais e estrangeiras, e em mais de uma dezena de traduções de línguas vulgares.

6.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra

A análise da consolidação e da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra, conduz-nos à constatação de que esta disciplina se caracteriza como disciplina que se encontrou inscrita num registo de dupla marginalidade – face à Filosofia e face às Ciências da Educação - tendo em conta a sua presença disciplinar tanto na Faculdade de Letras como na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

O propósito de abordar o trajecto disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra conduz-nos, naturalmente, à figura de Joaquim Ferreira Gomes cuja formação filosófica⁶⁹ cedo se revelou um contributo notório para a presença da reflexão filosófica no âmbito da Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Não obstante, apesar de Joaquim Ferreira Gomes nunca ter leccionado a disciplina de Filosofia da Educação, é possível verificar que, no programa disciplinar de Introdução às Ciências da Educação,⁷⁰ vigente sob a sua docência, consta um item de conteúdo programático dedicado ao estudo da Filosofia da Educação e que esta é referida como recurso metodológico utilizado no exercício docente.

No entanto, Joaquim Ferreira Gomes destacou-se no processo de consolidação disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra, atendendo a que esta foi, pioneiramente, introduzida como disciplina autónoma, no ano lectivo 1980-81, como opção oferecida aos alunos do primeiro ano do Curso Superior de Psicologia criado pelo Decreto-Lei

⁶⁹ Joaquim Ferreira Gomes completou o Curso Teológico no Seminário de Coimbra em 1951, licenciou-se em Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma em 1953, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1960, doutorou-se em Filosofia na Universidade de Coimbra em 1965 e fez Provas de Agregação em 1970 e concurso para Professor Catedrático da Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Março de 1974.

⁷⁰ Importa esclarecer que a disciplina de Introdução às Ciências da Educação foi, durante várias décadas, presença assídua na Secção de Ciências Pedagógicas, no Curso Superior de Psicologia, no curso de licenciatura em Ciências da Educação e nos vários cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

nº 12/77 de 20 de Janeiro de 1977⁷¹.

Como Presidente da Comissão Instaladora⁷² do Curso Superior de Psicologia, nomeada pelo Despacho 32/77 de 21 de Janeiro de 1977, Joaquim Ferreira Gomes tomou posse do cargo a 7 de Fevereiro de 1977, mantendo-o até 1981, tendo a sua persistência sido fundamental para a criação do curso, bem como para a transformação desta área do saber na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

A 5 de Novembro de 1980, pelo Decreto com força de lei nº 529/80, foi criada a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e, curiosamente, esse momento revelou-se precioso para a História da institucionalização disciplinar da Filosofia da Educação nesta Universidade.

Foi, precisamente, no ano lectivo 1980-1981 que, no plano de estudos do Curso Superior de Psicologia, aprovado pelo Despacho de 20 de Agosto de 1981 do Secretario de Estado do Ensino Superior surge, pela primeira vez, a Filosofia da Educação como disciplina de opção oferecida aos alunos do 4º Ano do curso. Contudo, esta presença disciplinar revelou-se inconstante, tendo a Filosofia da Educação sido retirada do plano de estudos do Curso no ano seguinte, para somente reaparecer, esporadicamente, no ano lectivo de 1983-1984, para, desde então, ficar para sempre à margem do curso de Psicologia.

Quadro 19

UNIVERSIDADE DE COIMBRA Curso Superior de Psicologia Ano lectivo 1980-1981	
Plano de Estudos	
1º Ano	Introdução à Psicologia Temas de Psicologia Experimental Introdução às Ciências Sociais Estatística Biologia e Genética
2º Ano	Psicologia Genética Psicologia Social Métodos de Observação Psicológica Introdução às Ciências da Educação Psicofisiologia

⁷¹ Interessa referir que as raízes do Curso Superior de Psicologia remontam ao ano de 1911-1912, quando começou a ministrar-se o ensino da Psicologia e da Pedagogia na Universidade de Coimbra.

⁷² A Comissão Instaladora do Curso Superior de Psicologia, presidida por Joaquim Ferreira Gomes, era composta pelos seguintes Professores: Adriano Supardo Vaz Serra (Faculdade de Medicina), José Pires Ferreira da Silva (Faculdade de Letras), Nicolau de Almeida Vasconcelos Raposo (Faculdade de Letras) e Manuel Amâncio Viegas de Abreu (Faculdade de Letras).

3º Ano	Teorias da Motivação e da Personalidade Psicopatologia e Psiquiatria Psicologia Diferencial Consulta Psicológica Psicologia Pedagógica
4º Ano	Orientação Escolar e Profissional Psicanálise Diagnóstico Psicológico e Técnicas Projectivas Psicologia do Trabalho Disciplina de Opção
5º Ano	Terapêutica do Comportamento Disciplina de Opção Seminário
Disciplinas de opção	Complementos de Estatística Teoria de Informação e Decisão Etologia Consulta Psicológica de Crianças e Adolescentes Psicologia dos Delinquentes Psicopedagogia dos Diminuídos Questões aprofundadas de Psicologia Pedagógica Sociologia da Educação Tecnologia Educativa Filosofia da Educação Questões Aprofundadas de Psicologia Social Antropologia Cultural Análise dos Grupos, Organizações e Instituições Psicologia das Relações Familiares Psicologia Comunitária Psicologia da Criatividade Sociologia do Trabalho Psicologia Experimental

Fonte: *Anuário da Universidade de Coimbra*. Ano lectivo 1980-1981.

O retorno disciplinar da Filosofia da Educação à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação teve que aguardar pelo ano lectivo 1990-1991 quando começou a funcionar a licenciatura em Ciências da Educação, pela promulgação do Despacho 10/90, do Reitor da Universidade de Coimbra, pela Direcção dos Serviços Académicos, publicado no *Diário da República*, II série, nº172, de 27 de Julho de 1990.

Nesse mesmo ano, a disciplina já integrava o plano de estudos do curso como disciplina anual obrigatória para os alunos do 2º Ano da licenciatura e, a partir do seguinte ano lectivo, passou a ser leccionada por João José Boavida, facto que se manteve até ao ano lectivo 2006-2007.

Quadro 20

UNIVERSIDADE DE COIMBRA Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Curso de licenciatura em Ciências da Educação Ano lectivo 1990-1991	
Ano	Nome das Disciplinas
1º Ano	Introdução à Psicologia Introdução às Ciências da Educação Estatística Biologia e Genética História da Educação Epistemologia das Ciências Humanas
2º Ano	Método de Investigação Educacional Psicologia Diferencial Organização do Sistema Educativo Psicologia do Desenvolvimento Filosofia da Educação Correntes da Pedagogia Contemporânea Educação Comparada
3º Ano	Teorias da Motivação e da Personalidade Psicologia Pedagógica Métodos de Observação e Avaliação Psicológica Métodos e Técnicas da Educação Desenvolvimento Curricular Psicologia dos Processos Cognitivos Psicopatologia Infantil e Juvenil
4º Ano	Psicopatologia das Crianças e Jovens Inadaptados Psicopedagogia das Aprendizagens Escolares Sociologia da Educação Educação de Adultos Recursos e Tecnologias Educativas Administração e Gestão Escolares Optativa
5º Ano	Optativa Estágio

Fonte: *Guia do Estudante*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Ano lectivo 1990-1991. pp. 261-262.

O ano lectivo 1994-1995 foi um marco importante para o campo disciplinar da Filosofia da Educação, uma vez que esta disciplina passou a integrar o plano de estudos do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialidade em Psicologia da Educação cujo responsável pelo curso foi o Professor Joaquim Ferreira Gomes. No ano lectivo seguinte, a presença da Filosofia da Educação, no âmbito deste curso de mestrado, foi novamente assegurada e, no ano lectivo 1998-1999, também. Porém, nesse mesmo ano lectivo, 1998-1999, foi criado, pela Deliberação nº18/98 de 24 de Abril de 1998, o curso de mestrado em

Ciências da Educação com especialização em Educação e Modernidade, tendo por Professores responsáveis João José Matos Boavida e António Gomes Alves Ferreira, fazendo a disciplina de Filosofia da Educação parte do elenco disciplinar nesse mesmo ano lectivo e no seguinte.

No ano lectivo 2004-2005, a Filosofia da Educação fez parte do plano de estudos do curso de pós-graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores e, no ano lectivo que se seguiu, além de continuar a integrar o leque disciplinar deste curso de pós-graduação, também esteve presente como disciplina do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialização em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores.

Quadro 21

UNIVERSIDADE DE COIMBRA Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Cursos de mestrado em Ciências da Educação em que a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada	
Ano lectivo	Nome da área de especialização
1994-1995	Psicologia da Educação
1995-1996	Psicologia da Educação
1998-1999	Psicologia da Educação Educação e Modernidade
1999-2000	Educação e Modernidade
2005-2006	Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Fonte: *Guia do Estudante*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Anos lectivos 1994-1995, 1995-1996, 1998-1999, 1999-2000 e 2005-2006.

Quadro 22

UNIVERSIDADE DE COIMBRA Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Curso de pós-graduação em que a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada	
Ano lectivo	Nome do curso de pós-graduação
2004-2005 2005-2006	Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Fonte: *Guia do Estudante*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Anos lectivos 2004-2005 e 2005-2006.

No respeitante à relação do Professor Catedrático João Boavida com outros filósofos da educação, a nível nacional, evidencia-se a sua afinidade com o colega João Amado e, a nível internacional, destaca-se o trabalho *Teoria da Educação. Contributos Ibéricos* coordenado em parceria com Ángel García del Dujo da Universidade de Salamanca.

Enquanto filósofo atento ao campo de produção cultural da Filosofia da Educação, João Boavida participou em vários Colóquios, Congressos e Encontros, nacionais e internacionais dedicados, particularmente, à reflexão sobre o campo filosófico-educacional. No referente à sua participação no *I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*, Boavida concluiu a sua exposição apelando à superação da antinomia problematização filosófica da educação *versus* tratamento científico da educação realizado pelas diversas Ciências da Educação.

Para terminar, será necessário um esforço sério e sem preconceitos entre Filosofia e Ciências da Educação. Acabemos com as guerras fratricidas e absurdas. Quando o inimigo comum ulula às portas da cidade e já galga as muralhas, que abrem brechas, unamos esforços para as grandes e nobres tarefas educativas. É essa a nossa obrigação (Boavida, 1998b: 239).

Acreditando que a realidade educacional enfrenta questões que só filosoficamente poderão ser resolvidas, Boavida defendeu como competência da Filosofia da Educação enfrentar essas questões de modo a poder integrá-las e esclarecê-las. No entanto, o filósofo da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra reconheceu, como mais-valia, o corpo de conhecimentos trazidos pelas investigações no domínio da Biologia, da Neurologia, da História, da Psicologia e da Sociologia no processo de entendimento dos sistemas educativos.

Mas quem, sem ser acusado de obscurantista, pode hoje impedir que concorram para o esclarecimento dos processos educativos e das suas condicionantes, todas as ciências que, pelo seu conteúdo e especificidade, estão em condições de o fazer? Como impedir que a educação, tanto na componente teórica como prática, absorva, e tente coordenar e aplicar, todos os conhecimentos científicos que a investigação científica vai disponibilizando? (Boavida e Dujo, 2007: 15).

Reflectindo sobre as profundas mudanças sociais e culturais, impostas pela Pós-modernidade, Boavida, no texto escrito em co-autoria com João Amado intitulado *A especificidade do Educativo seu potencial teórico e prático*, verificou que a questão do educativo⁷³ se encontrava num ponto crucial e propício ao reconhecimento, simultâneo, da necessidade de recuperação e revalorização dos conhecimentos tradicionais e à aceitação da importância da investigação científica, cabendo à Filosofia da Educação a tarefa de harmonizar esta complexidade, convertendo-a em teorias coerentes e práticas eficientes fundamentadas na síntese dos diversos e riquíssimos elementos oriundos da tradição ex

⁷³ No contexto em questão, os autores esclarecem que entendem por “educativo” tudo quanto não se verifique susceptível de catalogação ou de integração noutra área que não a educativa (Boavida e Amado, 2007: 22).

libris filosófico-educacional e da vanguarda científico-educativa (Boavida e Amado, 2007).

A obra intitulada *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspectivas*, redigida em parceria com João Amado, foi escrita num período em que ambos os filósofos asseguraram a docência da disciplina de Epistemologia das Ciências da Educação em diferentes Instituições. João Boavida leccionava-a na sua Faculdade de pertença e João Amado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. O resultado da reflexão de ambos os filósofos, sobre a Epistemologia das Ciências da Educação, entendida enquanto área do campo da Filosofia da Educação, compreende uma explanação sobre a classificação das Ciências da Educação segundo Mialaret que, de acordo com os autores, será a mais conforme à realidade portuguesa.

De acordo com o quadro classificativo das Ciências da Educação proposto por Mialaret (1996), o campo científico das Ciências da Educação deveria ser tripartido pelas disciplinas que estudam condições gerais e locais da educação, disciplinas que analisam a relação pedagógica e o próprio acto educativo e disciplinas da reflexão e evolução. O lugar da Filosofia da Educação, nesse quadro, deveria ser o de inserção no conjunto das disciplinas da reflexão e evolução sobre a educação.

Quadro 23

QUADRO CLASSIFICATIVO DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO Adaptado de Mialaret por João Boavida e João Amado		
<i>1. Disciplinas que estudam condições gerais e locais da educação:</i>	<i>2. Disciplinas que estudam a relação pedagógica e o próprio acto educativo:</i>	<i>3. Disciplinas da reflexão e da evolução:</i>
História da Educação Sociologia da Educação Antropologia da Educação Demografia Escolar Economia da Educação Educação Comparada	<i>2.1. Disciplinas que estudam as condições imediatas do acto educativo:</i> Fisiologia da Educação Psicologia da Educação Psicossociologia de Pequenos Grupos Ciências da Comunicação	Filosofia da Educação Planificação da Educação Teoria dos Modelos
	<i>2.2. Didácticas das diferentes disciplinas</i>	
	<i>2.3. Ciência dos métodos e técnicas de ensino.</i> Tecnologias Educativas	
	<i>2.4. Ciências da Avaliação</i>	

Fonte: BOAVIDA, João e AMADO, João. (2008). *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. pp. 266.

Postulando que todas as disciplinas são resultado de um longo e interminável debate epistemológico, que se traduz no confronto de paradigmas que conduz ao nascimento de novos paradigmas, Boavida concluiu que a reflexão filosófica sobre a educação poderá ter duas direcções possíveis: “a que vai da Filosofia à educação e a que vai da educação à Filosofia”. No entanto, o filósofo ressaltou como caminho ideal para a Filosofia da Educação a articulação entre as duas posturas que, apesar de opostas, se deverão complementar de modo a recuperar as ideias que geram as grandes razões educativas (2008: 275-277).

A orientação filosófico-educativa de Boavida, próxima de uma concepção pedagógico-filosófica, poderá ser consequência da influência sofrida aquando da frequência do curso de especialização em Psicopedagogia realizado na Universidade Católica de Lovaina. O contacto com os psicopedagogos de Lovaina poderá ser tomado como filiação intelectual importante para a fundamentação da Pedagogia filosófica realizada no campo disciplinar da Filosofia da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Outra data histórica a assinalar, referente à investigação no campo de produção cultural da Filosofia da Educação, nesta Instituição, é o ano lectivo 1992-1993, pois, a partir de então, nessa mesma Faculdade, entrou em funcionamento o curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação⁷⁴. Apesar de, até à data, o número de trabalhos concluídos ser reduzido, presentemente, a especialidade de oferta de curso mantém-se sob a designação de *Filosofia e Teoria da Educação*.

Quanto à presença disciplinar da Filosofia da Educação, no âmbito do curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi criada, no ano lectivo 1997-1998, no seguimento da proposta apresentada por Joaquim Neves Vicente ao Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Como resultado, a disciplina de Filosofia da Educação surgiu, de forma inovadora, na Faculdade de Letras, como disciplina anual de opção oferecida pelo grupo de Filosofia aos seus próprios alunos e aos alunos das restantes licenciaturas da Faculdade, sob a docência

⁷⁴ Como Provas de Doutoramento realizadas na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra no ramo de Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação foi até à data concluído a 24 de Julho de 2004 o trabalho realizado por Ana Maria Mouraz Lopez, intitulado *Culturas Epistémicas na Área do Currículo* e a 18 de Julho de 2006 o trabalho de Mateus António da Silva Neto intitulado *O Horizonte da Universidade no Século XXI*.

do Professor Joaquim Neves Vicente.⁷⁵

Os alunos da Faculdade de Letras poderiam optar por esta oferta disciplinar em alternativa à disciplina de Psicologia Educacional que era uma das três disciplinas⁷⁶ do grupo de Ciências da Educação destinadas aos estudantes do 3º e do 4º ano de todas as licenciaturas da Faculdade que tivessem a pretensão de seguir o Ramo de Formação Educacional.

Nos dois anos lectivos seguintes, na oferta disciplinar verificou-se, como única alteração, o facto de a Filosofia da Educação ter sido apresentada como opção aos alunos do 3º Ano das diferentes licenciaturas da Faculdade, como alternativa à disciplina de Introdução às Ciências da Educação.

Quadro 24

<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE DE COIMBRA Faculdade de Letras Disciplinas oferecidas pelo grupo de Filosofia aos alunos da Faculdade de Letras Ano lectivo 1999-2000</p>
<p>1. Disciplinas oferecidas</p> <p>1.1. Aos seus próprios alunos: Filosofia da Educação.</p> <p>1.2. Aos alunos de outras licenciaturas: Filosofia da Educação e todas as outras disciplinas curriculares de Filosofia.</p> <p>2. Disciplinas de outros grupos admitidas como opção para os alunos de Filosofia: - todas as disciplinas oferecidas pelos outros grupos.</p> <p>3. Para os alunos do 3º e 4º anos a disciplina de Filosofia da Educação em alternativa à disciplina de Introdução às Ciências da Educação.</p>

Fonte: *Guia do estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Ano lectivo: 1999-2000. p. XXVI.

Com a reformulação do plano curricular do curso de licenciatura em Filosofia, no ano lectivo de 2001-2002, a Filosofia da Educação além de manter as condições de oferta disciplinar anteriormente referidas, apresentou-se como disciplina anual de opção para os alunos do 2º Ano da licenciatura em Filosofia, como alternativa às disciplinas de Filosofia da Linguagem, Filosofia da Religião, Fontes da Cultura Europeia e Teorias da Argumentação.

⁷⁵ Além de docente da disciplina de Filosofia da Educação, Joaquim Neves Vicente, leccionou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a disciplina de Didáctica da Filosofia e, no ano lectivo 2002-2003, foi docente da disciplina de Comunicação e Ensino da Filosofia.

⁷⁶ As outras duas disciplinas do Ramo de Formação Educacional eram: Introdução às Ciências da Educação e Métodos e Técnicas de Educação.

Quadro 25

UNIVERSIDADE DE COIMBRA Faculdade de Letras Curso de licenciatura em Filosofia Ano lectivo: 2001-2002	
Plano curricular	
1º Ano	Filosofia Antiga Filosofia do Conhecimento Epistemologia Geral Lógica Metodologias do Trabalho Filosófico Problemática Filosófica da História da Filosofia
2º Ano	Filosofia Medieval Filosofia Social e Política Filosofia em Portugal Filosofia da Natureza Opção
3º Ano	Ontologia Axiologia e Ética Filosofia Moderna Opção Opção
4º Ano	Hermenêutica Filosófica Antropologia Filosófica Filosofia Contemporânea Estética Opção Opção
Disciplinas Psicopedagógicas (3º e 4º Anos – Ramo de Formação educacional)	Introdução às Ciências da Educação Métodos e Técnicas de Educação Psicologia Educacional Didáctica da Filosofia
Disciplinas oferecidas pelo Grupo de Filosofia (2º Ano)	1. Aos seus próprios alunos: - Filosofia da Educação - Filosofia da Linguagem - Filosofia da Religião - Fontes da Cultura Europeia - Teorias da Argumentação 2. Aos alunos das outras licenciaturas: - Todas as disciplinas oferecidas pelo Grupo de Filosofia 3. Para os alunos do 3º e 4º anos, as disciplinas do Ramo de Formação Educacional e Filosofia da Educação em alternativa a Introdução às Ciências da Educação
Disciplinas do ramo de Formação Educacional (3º e 4º Anos)	Introdução às Ciências da Educação Psicologia Educacional Métodos e técnicas de Educação

Fonte: *Guia do estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Ano lectivo: 2001-2002. p. XXXIII.

Esta oferta disciplinar manteve-se nos dois anos lectivos seguintes, até que, com a *Reforma Curricular* da Faculdade de Letras, introduzida no ano lectivo 2004-2005, a Filosofia da Educação tenha surgido apenas como opção anual, para os alunos do 3º Ano da Faculdade, em alternativa à disciplina de Introdução às Ciências da Educação.

A partir do ano académico seguinte, a disciplina deixou de ser anual e foi convertida em duas semestrais: Filosofia da Educação I e II.

No que respeita ao equacionamento sobre a legitimidade de afirmar a existência de um grupo de filósofos da educação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a hipótese terá que ser refutada, atendendo a que o único docente da disciplina foi Joaquim Neves Vicente.

Das áreas de investigação desenvolvidas por Neves Vicente, nomeadamente, Didáctica da Filosofia, Retórica e Filosofia da Educação, a pesquisa no campo da Filosofia da Educação, realizada por este filósofo, revelou-se um contributo importante no estabelecimento de laços com grupos de filósofos da educação de outras Instituições portuguesas e estrangeiras.

Tendo em vista investigar a particularidade do campo de produção cultural da Filosofia da Educação, Joaquim Neves Vicente deslocou-se à *Universitat Autònoma de Barcelona*, onde permaneceu de Julho a Novembro de 1997 para, em contacto com os Professores da disciplina de Filosofia da Educação dessa Instituição, nomeadamente Octavi Fullat e Carles Mèlich, congregar as condições necessárias ao assumir da leccionação da disciplina de Filosofia da Educação que viria a ministrar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nesse sentido, Neves Vicente aproveitou a sua passagem pela Universidade Autònoma de Barcelona para assistir aos seminários de doutoramento em Filosofia da Educação orientados por Octavi Fullat, proceder ao levantamento dos programas da disciplina, recolher acervo bibliográfico do campo filosófico-educacional e estreitar o relacionamento com os filósofos da educação dessa Instituição.

Do relacionamento de Joaquim Neves Vicente com outros filósofos da educação de Universidades fora do país, interessa, de igual modo, mencionar as suas deslocações regulares à *Université Paris - Sorbonne* (Paris I e Paris X), de Madrid (*Universidad Complutense* e *Universidad Nacional de Educación a Distancia - UNED*) e de Salamanca. Uma outra deslocação com intuito de pesquisa filosófico-educacional que, apesar de pontual não foi de somenos importância, foi a estadia, de Junho a Outubro de 1999, na *Université de*

Sciences Humaines de Strasbourg.

Acerca das relações com os filósofos da educação portugueses, Neves Vicente realizou diversos contactos ao participar no I Encontro Nacional de Filosofia da Educação, acontecido em Braga, e ao intervir, com a apresentação de uma comunicação, na I Conferência Internacional de Filosofia da Educação organizada pelo Departamento de Filosofia da Universidade do Porto.

Entretanto, interessa mencionar que, em termos de entendimento e apreensão de sentido, a linha de concepção da Filosofia da Educação de Neves Vicente se encontrava conforme a uma base de fundamentação antropológica e humanista, substancialmente diferente da base de fundamentação epistemológica defendida pelos seus colegas João Boavida e João Amado⁷⁷.

6.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade de Coimbra

Passando ao estudo do *ethos* dos filósofos da educação da Universidade de Coimbra, importa destacar dois Professores: João Boavida e Joaquim Neves Vicente.

Começando pelo contributo de João Boavida na consolidação disciplinar e na divulgação do saber filosófico-educativo, importa começar por referir que este Professor tem como formação académica de base o curso de licenciatura em Filosofia, concluído na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1968 e, como formação pós-graduada, o curso de doutoramento no ramo de Psicologia com especialidade em Ciências da Educação, concluído em 1989, com a apresentação da tese à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, intitulada *A Filosofia do Ser e do Ensinar. Proposta Para uma Nova Abordagem*⁷⁸ e o curso de Psicopedagogia realizado na *Université Catholique de*

⁷⁷ Talvez tenha sido esta a razão que levou Neves Vicente a escolher Leonel Ribeiro dos Santos (à data, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e responsável pela docência disciplinar de Filosofia da Educação) para assegurar a orientação da sua tese de doutoramento, após a orientação a cargo de Miguel Baptista Pereira (que, além de grande autoridade em matérias alusivas à Antropologia Filosófica, foi um Humanista, no mais elevado sentido do termo) ter sido interrompida por razões de força maior. Uma vez que a perspectiva filosófico-educativa do Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, além de se inscrever numa linha de pensamento filosófico-educativo clássico, no sentido em que defende como propósito maior da Filosofia da Educação reflectir sobre a educação do ser humano como modo de o preparar para a vida, se revela alicerçado por uma fundamentação marcadamente filosófico-antropológica.

⁷⁸ No compêndio intitulado *20 Anos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Volume Comemorativo 1977-1997*, consta uma referência ao doutoramento do Professor João Boavida na qual se

Louvain - UCL.

Professor inaugural da disciplina de Filosofia da Educação, no âmbito do curso de licenciatura em Ciências da Educação, desde o ano académico 1991-1992, João Boavida defendeu a necessidade de clarificar filosoficamente o que é e o que deve ser a educação (2002).

A educação põe questões que não podemos evitar e que só filosoficamente podemos resolver (Boavida e Dujo, 2007: 16).

Na rota desse propósito, aquele que futuramente viria a realizar Provas de Agregação em Filosofia da Educação nesta Instituição, apostou na construção de um programa disciplinar filosófico-educativo, aspirando a que o aluno seja capaz de submeter o fenómeno educativo a uma actividade de análise e de interpretação.

Programa 12

<p>UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO Licenciatura em Ciências da Educação Disciplina de Filosofia da Educação Ano lectivo 1991-1992 Docente: João José Matos Boavida</p>
<p>Programa curricular</p> <ol style="list-style-type: none">1. Introdução à Filosofia da Educação<ol style="list-style-type: none">1.1. A actividade filosófica – sua natureza e função1.2. Filosofia da Educação – natureza, função e objectivos1.3. Sistemas filosóficos – sistemas educativos; análise da sua relação e interdependência1.4. Filosofia como explicitação teórica do implícito ou como dedução a partir de princípios1.5. Áreas de Intervenção da Filosofia da Educação1.6. Objectivos para a Filosofia da Educação2. Pressupostos e Constantes da Acção Educativa<ol style="list-style-type: none">2.1. A indefinição biológica, a variabilidade antropológica e a constante socializadora2.2. Natureza e cultura, socialização e libertação. A conflitualidade educativa2.3. Os pressupostos educativos: acção, sentido, finalidade, consciência, liberdade, responsabilidade, hierarquia e valor2.4. Educação e massificação, auto e hetero-educação e condicionamento, perenidade e transitoriedade de valores2.5. Os problemas fundamentais: possibilidade educativa, crise e superação, perfectibilidade2.6. A educabilidade3. Estrutura e sentido da relação educativa<ol style="list-style-type: none">3.1. A relação educativa – sua análise e caracterização3.2. A educação concebida como <i>in facto esse</i> e como <i>in fieri</i>3.3. Análise e caracterização das teorias idealistas <i>versus</i> teorias realistas e pragmáticas, ou teorias essencialistas <i>versus</i> teorias realistas4. Procura teleológica de um sentido

encontra equivocadamente mencionado que se trata de um "doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação" (AA. VV, 1998: 62).

- 4.1. O homem intemporal das chamadas “filosofias perenes”. Tomismo, neo-tomismo e kantismo
- 4.2. Marxismo: pressupostos, conceitos fundamentais, modelo de homem e de sociedade
- 4.3. O Existencialismo: situação existencial do homem. O eu e o outro, o conceito de angústia, a liberdade
- 4.4. A Psicanálise: O freudomarxismo de Frankfurt, o anarquismo pós-psicanalítico
- 4.5. Não directividade: pontos de partida, concepção educativa e prática. C. Rogers.
- 4.6. Personalismo. O homem como pessoa, a dimensão objectiva e subjectiva. Emanuel Mounier e Paulo Freire.

Objectivos Principais

1. Proporcionar a compreensão do fenómeno educativo – natureza e características – e a sua interpretação à luz e uma compreensão filosófica da vida e do homem
2. Adquirir informação rigorosa e fundamentada das implicações educativas – implícitas ou explícitas – das mais importantes teorias filosóficas
3. Adquirir competências de análise das situações educativas e do fenómeno educativo em geral, e produzir sínteses a partir dessas análises e em coerência com determinadas concepções teóricas. O aluno deverá ser pois, capaz de submeter o fenómeno educativo a uma actividade de análise e interpretação.

Métodos de ensino

Expositivo, tendo em consideração os importantes contributos que (este método tradicional) tem dado à investigação pedagógica, e enriquecido com frequente solicitação da análise crítica dos alunos.

Bibliografia fundamental

- ADAMS, J. (1960). *Evolucion de la teoría educativa*. México: Editorial Hispano Americana.
- ARCHAMBAULT, R. (1972). *Philosophical analysis and education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- BINKLEY, L. (1969). *Conflict of ideas, changing values in western society*. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- BRAUNER, C. J. y BURNS, H. W. (1969). *Problemas de educación y filosofía*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- BRUBACHER, J. S. (1964). *Filosofías modernas de la educación*. México: Editorial Letras, S.A.
- CABANAS (1988). *Teoría de la educación. - concepción antinómica de educación*. Madrid: Dykinson.
- CAÑELLAS, A. C. (1982). *Teoría y metateoría de la educación. Un enfoque a la luz de la teoría general de sistemas*. México: Editorial Trillas.
- CLAUSSE, A. (1976). *A relatividade educativa*. Coimbra: Almedina.
- ESTÉBANEZ, P. (1981). *Teoría de la educación*. México: Editorial Trillas.
- FERMOSO, P. (1982). *Teoría de la educación – una interpretación antropológica*. Barcelona: CEAC.
- FERRERO, J. J. (1985). *Teoría de la educación, fenomenología del hecho educativo*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- FULLAT, O. (1983). *Filosofías de la educación*. Barcelona: CEAC.
- MASOTA (1989). *Filosofía de la educación hoy*. Madrid: Dykinson.
- MOORE, T. W. (1980). *Introducción a la teoría de la educación*. Madrid: Alianza Editorial.
- NASH, P. (1968). *Models of a man, explorations in the western Educational Tradition*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- O'CONNOR, D. J. (1977). *Introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Editora Atlas.
- PETERS, R. S. (1977). *Filosofía de la educación*. México: Fondo de Cultura Económica.
- SARRAMONA, J. (1989). *Fundamentos de educación*. Barcelona: CEAC.
- SUCHODOLSKI, B. (1978). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- WOODS, R. B. y BARROW, R. C. (1975). *Introducción a la Filosofía de la educación*. Salamanca: Ediciones Anaya.

Fonte: *Guia do Estudante*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Ano lectivo 1991-1992. pp.166-168.

A concepção de Filosofia da Educação defendida por João Boavida começa por diferenciar a perspectiva metafísica, entendida como processo essencialmente dedutivo que parte dos sistemas filosóficos procurando deles retirar conclusões e aplicações práticas para a educação, da perspectiva da analítica, compreendida como análise crítica sobre as situações educativas concretas para daí apurar o seu enquadramento e fundamento filosófico.

De acordo com a perspectiva metafísica, o filósofo da educação, na condição *a priori* de filósofo, tenderá a justapor os conceitos filosóficos à educação, transformando a educação numa aplicação da Filosofia.

Segundo a perspectiva analítica, o filósofo da educação deverá analisar filosoficamente a educação, entendendo-a como ponto de partida do desenvolvimento quotidiano da realidade social e cultural.

Problematizando a viabilidade de reflectir sobre as grandes questões filosóficas sem partir da reflexão sobre as experiências e as vivências educativas, Boavida defendeu a análise crítica da realidade educativa como propósito maior da Filosofia da Educação.

... nós reafirmamos que a análise crítica das experiências e das vivências, dos sucessos e dos insucessos, a revalorização dos pequenos e dos grandes gestos presentes nas práticas educativas que tornam o real e o potencial de cada um e abrem o horizonte das possibilidades (o possível está quase sempre no potencial de cada pessoa), pode vir a ser a tarefa de uma Filosofia da Educação apta a recuperar as ideias que geram as grandes razões educativas que actualmente nos faltam (Boavida e Amado, 2008: 277).

Cépticamente posicionado face à eventualidade da Filosofia da Educação poder tecer sínteses totalizadoras e universalizantes sobre a educação, Boavida afirmou que esta não se poderá colocar nem acima nem fora da educação, sendo o quadro das Ciências da Educação, por inerência, o seu lugar de pertença.

O entendimento do sentido da Filosofia da Educação, proposto por Boavida, encontra-se reflectido no programa curricular da disciplina e revela-se conforme ao corpo discente ao qual é dirigido. Ciente da possibilidade de perspectivar a Filosofia da Educação de dois modos diferentes, a opção pela perspectiva analítica foi acreditada por Boavida como sendo a mais apropriada para leccionar a disciplina de Filosofia da Educação aos alunos do curso de licenciatura em Ciências da Educação.

Avançando para a abordagem à dedicação de Joaquim Neves Vicente na instituição disciplinar da Filosofia da Educação e na divulgação do saber filosófico-educativo na

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, importa começar por destacar a consistente formação filosófica do docente, toda ela realizada nessa mesma Faculdade. Bacharel, Licenciado, Mestre e Doutor em Filosofia, o percurso de pesquisa de Neves Vicente revela uma conformidade constante com a sua prática docente.

A sua tese de mestrado em Filosofia, na especialidade de Didáctica da Filosofia, intitulada *Educação, Diálogo e Filosofia na Acção e no Pensamento Pedagógico de Paulo Freire* foi apresentada, em 1991, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo sido redigida sob a orientação de Miguel Baptista Pereira.

Ao ter decidido avançar com o projecto de doutoramento, na mesma área de especialidade, Neves Vicente decidiu continuar a trabalhar com o mesmo orientador. No entanto, a sua tese, intitulada *Educação, Retórica e Filosofia a Partir de Olivier Reboul: Subsídios Para uma Filosofia da Educação Escolar*, foi orientada, a partir de 2006, pelos Professores Leonel Ribeiro dos Santos e António Manuel Martins⁷⁹.

Docente pioneiro da disciplina de Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o filósofo elaborou, a partir do ano académico 1998-1999, um programa curricular para a disciplina, eminentemente imbuído de espírito filosófico.

Programa 13

<p>UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS Filosofia da Educação (Disciplina de Opção) Ano lectivo 1998-1999 Docente: Joaquim Neves Vicente</p>
<p>Programa disciplinar</p>
<p>1. Educação e Filosofia 1.1. Da Filosofia na Educação e da Educação na Filosofia 1.2. Do sentido de uma Filosofia da/na Educação 1.3. Tarefas de uma Filosofia da Educação 2. Os discursos e os saberes da Educação 2.1. As duas lógicas dos discursos em educação: explicação <i>versus</i> compreensão 2.2. A rede conceptual da educação 2.3. Os saberes disciplinares 2.4. O pensamento pedagógico contemporâneo 3. Educação e antropogénese 3.1. O enigma humano 3.2. A estrutura educanda do ser humano</p>

⁷⁹ As intempéries da vida forçaram Neves Vicente a procurar nova orientação, tendo sido nessa circunstância que, a partir de 2006, Leonel Ribeiro dos Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e António Manuel Martins, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, passaram a orientar a sua tese de doutoramento.

3.3. A educação como conteúdo: concepções antropológicas/correntes pedagógicas

4. Educação e valores

4.1. Da experiência axiológica aos critérios educativos

4.2. Os valores do/no mundo contemporâneo

4.3. Fundamentos axiológicos da educação

5. Educação, crítica e cidadania

5.1. Da educação como socialização à educação como emancipação

5.2. Da educação como reprodução à educação como transformação social

6. A interacção educativa

6.1. Reciprocidade educativa e relação pedagógica

6.2. Educação, linguagem e comunicação

6.3. Educação e Currículo. O que é necessário ensinar?

Metodologia

Aulas práticas: Análise e comentário de textos clássicos em Filosofia da Educação.

Bibliografia Geral

- BERNARD, M. (1988). *Critique des fondements de l'éducation*. Paris: Éditions Chiron.
- BOHM, W. (1995). *Teoría y Práctica. El problema básico de la Pedagogia*. Madrid: Dykinson.
- CAMBI, F. (1995). *I Saperi dell'Educazione. Aree di ricerca e insegnamento universitario*. Firenze: La Nuova Italia.
- CARR, W. (1996). *Una teoría para la educación. Hacia una investigación educativa crítica*. Madrid: Morata.
- CARR, W. y KEMMIS, S. (1988). *Teoría crítica de la enseñanza*. Barcelona: Martínez Roca.
- CARVALHO, A. D. (1988). *Epistemologia das Ciências da Educação*. Porto: Afrontamento.
- CHARBONNEL, N. (1988). *Pour une critique de la raison éducative*. Berne: Peter Lang.
- DEWEY, J. (1971). *Démocratie et Éducation*. Paris: Armand Colin.
- ESCOLANO, A. (1978). *Epistemología y educación*. Salamanca: Sígueme.
- FREIRE, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.
- FULLAT, O. (1984). *Verdades y trampas de la pedagogía*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, O. (1992). *Filosofías de la educación. Paideia*. Barcelona: CEAC.
- GENNARI, M. (1992). *Interpretare l'educazione. Pedagogia, semiotica, ermeneutica*. Brescia: Editrice La Scuola.
- GERVILLA CASTILLO, E. (1993). *Postmodernidad y educación. Valores y cultura de los jóvenes*. Madrid: Dykinson.
- HANNOUN, H. (1995). *Anthologie des penseurs de l'éducation*. Paris: PUF.
- HIRST, P. H. (1983). *Educational theory and its foundation disciplines*. London: Routledge and Keagan Paul.
- HOCQUARD, A. (1996). *Éduquer à quoi bon?* Paris: PUF.
- HOUSAYE, J. (1992). *Les valeurs a l'école*. Paris: PUF.
- IZZO, D. (1988). *L'Educazione tra Filosofia e Scienza*. Roma: Armando Editore.
- JAEGER, W. (1969). *Paideia*. São Paulo: Herder.
- JOLIBERT, B. (1987). *Raison et éducation*. Paris: Ed. Klincksieck.
- KAHN, P. (1990). *L'Éducation. Approches philosophiques*. Paris: PUF.
- KECHIKIAN, A. (1993). *Os filósofos e a educação*. Lisboa: Edições Colibri.
- LABELLE, J-M. (1996). *La réciprocité éducative*. Paris: PUF.
- MAURY, L. (1996). *Les origines de l'école laïque en France*. Paris: PUF.
- MARROU, H-I. (1950). *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. Paris: Éditions Seuil.
- REBOUL, O. (1989). *La philosophie de l'éducation*. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1982). *O que é aprender?* Coimbra: Almedina.
- ULMANN, J. (1982). *La pensée éducative contemporaine*. Paris: J. Vrin.
- VV. AA. (1992). *La filosofía de la educación en Europa*. Madrid: Dykinson.
- VV. AA. (1994). *Filosofía de la educación hoy: 1. Conceptos, autores, temas*. Madrid: Dykinson.

- VV. AA. (1994). *Filosofía de la educación hoy: 2. Autores: selección de textos*. Madrid: Dykinson.
- VV. AA. (1994). *Filosofía de la educación hoy: Diccionario*. Madrid: Dykinson.
- VV. AA. (1994). *Pour une philosophie de l'éducation (Actes du Colloque Philosophie de l'éducation)*. Dijon: CRDP.
- WULF, C. (1995). *Introduction aux Sciences de l'Éducation*. Paris: Armand Colin.

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Ano lectivo: 1998-1999. pp.19-21.

Seguindo a *praxis* da tradição académica coimbrã, Neves Vicente elaborou uma *sebenta*, que compreendia um conjunto de textos e apontamentos, intitulada *Filosofia da Educação – Apontamentos e textos de apoio às aulas*, que visava auxiliar o estudo dos discentes da disciplina de Filosofia da Educação.

O projecto filosófico-educativo de Neves Vicente, visando trazer aos problemas da educação um esclarecimento à altura da sua responsabilidade de professor/filósofo, foi o resultado de um longo e amadurecido trabalho de pesquisa e de reflexão em torno das mais díspares orientações pedagógicas e didácticas que, em momentos diferentes, influenciaram os seus discursos⁸⁰ e as suas práticas.

Foi a partir destes desafios que fizemos e refizemos, ao longo de três décadas, itinerários de leitura, construímos e descobrimos projectos de investigação, nos entusiasmos e nos desiludimos com teorias psicológicas e sociológicas da educação, fizemos e desfizemos materiais didácticos, construímos e deitámos fora dispositivos supostamente bons para o B. Skinner behaviorista de *A Revolução Científica da Educação*, mas contestados pelo J. Bruner cognitivista do *Processo de Educação*, seguimos mais Jean Piaget até descobrirmos Lev Vygotsky, preferimos Paulo Freire a Ivan Illich, sem nos entusiasmos alguma vez por Alexandre S. Neil ou Carl Rogers, mas também sem deixarmos de ter em conta as suas críticas à educação tradicional. Sociologia da educação por sociologia da educação, cedo trocámos a sociologia pessimista e derrotista de Pierre Bourdieu, despertados pela *sociologia crítica e emancipatória* da Escola de Frankfurt e pela *teoria crítica da educação* de H. A. Giroux ou W. Carr. Psicologia da educação por psicologia da educação, em boa hora descobrimos a *psicologia cultural* do último Bruner para relativizarmos a *psicologia da criança* de Edouard Claparède ou a *psicopedagogia* de Jean Piaget (Vicente, 2008: 539).

O resultado de uma tão aturada deambulação pelos campos científicos da pedagogia, da didáctica, da Psicologia da Educação e da Sociologia da Educação, conduziu Neves Vicente a

⁸⁰ No que se prende com os discursos teóricos publicados por Neves Vicente no campo da Filosofia da Educação interessa mencionar: VICENTE, J. N. (1988). Educação, Escola e Filosofia – Um Mesmo Combate. In AA. VV. *A Filosofia face à cultura tecnológica*. Coimbra: APF. pp. 36-43; VICENTE, J. N. (1988). Relação Pedagógica e Filosofia. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano XXII. pp. 293-311; VICENTE, J. N. (1991). Educação e Projecto(s) Educativo(s): contributos da(s) filosofia(s) e da(s) ciência(s). In *A Metodologia da Investigação em Educação*. 2º vol. (Actas do Colloque International de l'AIPELF – Lisboa, 1988). Lisboa: Faculdade de Psicologia e e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

buscar, no campo de produção cultural da Filosofia da Educação em geral e no pensamento filosófico-educacional de Olivier Reboul em particular, uma ideia reguladora de educação, de escola, de cultura e de cultura escolar capaz de repensar a educação escolar em sede de razão filosófica.

Reconhecendo em Olivier Reboul o mérito de, num tempo de euforia pelas Ciências da Educação, ter chamado a Filosofia para a reflexão sobre a educação, Neves Vicente encontrou no filósofo da educação de Estrasburgo o verdadeiro sentido da Filosofia da Educação. Concebida como dimensão “problemática, aporética e paradoxal” em oposição a uma dimensão “estritamente analítica” que acreditava que o conhecimento sobre a educação era susceptível de ser reduzido a um “conhecimento *ex datis*” (2008: 395).

Advogando como tarefa primordial da Filosofia da Educação a problematização, Neves Vicente, na linha de pensamento de Reboul, defendeu que a educação deve ser pensada sob o modo do cuidado e da preocupação e não sob o modo da especulação e do interesse meramente teórico ou técnico característico das ditas Ciências da Educação.

Assim sendo, o filósofo da educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pretendendo criar condições capazes de elevar os alunos dos cursos de licenciatura em Ensino, mormente os do curso de licenciatura em Filosofia, ao nível crítico da razão educativa, elaborou um programa disciplinar filosófico-educacional apostado em colocar questões de difícil resolução, cuja solução se sabe *a priori* incerta, e que, por isso, deve conduzir à *disputatio* filosófica, ou seja, ao filosofar.

Avalizando o benefício de complementar a *lectio* magistral com a análise e comentário de textos clássicos de Filosofia da Educação, a bibliografia seleccionada por Neves Vicente, revela uma coerência e adequação notória face ao programa disciplinar, sendo quase sempre possível estabelecer a correspondência entre os eixos/conteúdos programáticos e as obras recomendadas.

Assegurando o contacto directo dos alunos com o pensamento educacional de filósofos de alta estirpe⁸¹ e promovendo a problematização como teleologia disciplinar, a realidade disciplinar da Filosofia da Educação, sob o ministério docente de Joaquim Neves Vicente, aspirou alcançar a busca de sentido da razão educacional.

⁸¹ Como por exemplo Carr, Kemmis, Adalberto Dias de Carvalho, Charbonnel, Dewey, Escolano, Freire, Kechikian, Reboul e Masota.

7. Filosofia da Educação Teológica, Estética e Pessoalista da Universidade do Minho

A História da Universidade do Minho, apesar de recente face à das duas Universidades anteriormente tratadas, encontrou-se, desde os seus primórdios, especialmente atenta tanto para com as questões filosóficas como para com os problemas referentes ao processo de formação de professores.

Apostada, desde sempre, em fazer proliferar o conhecimento do campo científico-educacional, munuiu-se de um corpo docente composto por elementos detentores de uma consolidada experiência académica entre os quais se encontravam filósofos de renome nacional.

No seio deste contexto, a intenção de instituir a leccionação disciplinar da Filosofia da Educação foi partilhada por muitos dos Professores desta Universidade, embora deva ser reconhecido a José Ribeiro Dias o título de principal impulsionador da dinâmica da Filosofia da Educação acontecida nessa Instituição.

Na condição de disciplina académica integrada no campo científico da Educação que, nesta Universidade esteve presente a nível de cursos de licenciatura, mestrado e especialidade de doutoramento, não será de admirar o elevado número de docentes encarregue de leccionar a disciplina e a quantidade de pesquisa realizada no campo da Filosofia da Educação.

Tratando-se de uma das Instituições universitárias com maior número de integrantes no campo da Filosofia da Educação, a Universidade assistiu a um *devoir* filosófico-educativo profícuo acompanhado pela realização de algumas publicações, consumações de elevados graus académicos e à conversão de discípulos a mestres.

7.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade do Minho

A Universidade do Minho fundada em 1973, pela homologação do Decreto-Lei nº 402/73 publicado em *Diário da República* I Série nº188 de 11 de Agosto desse mesmo ano, realizou

a cerimónia que conferiu a tomada de posse da sua Comissão Instaladora, pelo então Ministro da Educação José Veiga Simão, a 17 de Fevereiro de 1974.

A Comissão Instaladora desta Universidade, presidida pelo Reitor Carlos Lloyd Braga, era composta por um eclético conjunto de vogais como Barbosa Romero, Freitas do Amaral, Pinto Machado, António Carneiro e Lúcio Craveiro da Silva.

Oriundos de diferentes áreas vocacionais, não deixa de ser pertinente referir que, um dos membros da sua Comissão Instaladora, Lúcio Craveiro da Silva fosse, simultaneamente, Director da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica e proeminente filósofo de vocação e formação.

Por outra vertente, outro factor que destaca a presença do ideário filosófico, no alvorecer do projecto de fundação da Universidade do Minho, prende-se com as palavras proferidas pelo Ministro Veiga Simão (1994), na cerimónia de conferência de posse à Comissão Instaladora da Universidade:

Queremos Universidades a formar homens – Universidades de trabalho e de criação – Universidades, espaços de reflexão – Universidades com independência de pensamento (Simão, 1994: 13).

Desde cedo desperta para a importância da fecundidade do contributo filosófico no processo de edificação académico, a Universidade do Minho, pela convocação à participação de Lúcio Craveiro da Silva na Comissão de Instalação da Instituição, reconheceu o contributo prestado, durante séculos, pela Igreja Católica no desenvolvimento dos Estudos Superiores no âmbito da Filosofia, realizados nas proximidades, nomeadamente: no Colégio de S. Paulo, no Instituto Bento Miguel de Carvalho, no Colégio do Convento da Costa, na Faculdade Pontifícia no seio da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades e da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga em funcionamento desde 1971 (Simão, 1994).

Posto isto, através da concretização de um modelo orgânico flexível capaz de desafiar o tempo corrente, visando colocar-se na vanguarda do pensamento e da transformação da sociedade portuguesa, a Universidade do Minho assumiu como prioridade maior o complexo desenvolvimento do binómio “expansão-excelência” que acreditava que só seria viável através da execução de projectos estratégicos de formação de professores (Simão, 1994:16).

Tendo iniciado a sua actividade académica no ano lectivo 1975-1976, pela aprovação em

Dezembro de 1972, do Decreto-lei nº 402/73 publicado em Agosto de 1973, que consagrou um ambicioso Programa de Expansão e Diversificação do Ensino Superior, a Universidade do Minho cedo se dedicou ao processo de formação docente, no âmbito do qual terá surgido o interesse pelo campo disciplinar da Filosofia da Educação.

No contexto da relevância dada ao processo de formação docente, a presença de José Ribeiro Dias na Universidade do Minho, desde o ano em que nesta se iniciou actividade lectiva (1975-1976), veio optimizar as condições de proliferação do campo disciplinar da Filosofia da Educação.

7.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Minho.

O propósito de analisar a organização da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Minho conduz, naturalmente, a que, numa primeira instância, tenha que se começar por mencionar o contributo de José Ribeiro Dias.

Chegado à Universidade do Minho no ano lectivo 1975-1976, primeiro ano que esta iniciou o seu exercício, o filósofo Ribeiro Dias, equiparado a Professor Auxiliar a partir de 24 de Outubro de 1975, desde logo, assumiu o problema do processo de formação docente como questão nuclear da actividade académica da Instituição.

Na Universidade do Minho, acompanhou, a nível de acção e reflexão e em todas as suas fases, a implementação de todos os projectos ligados ao domínio da Formação de Professores, designadamente: - Coordenou durante os primeiros cinco anos de funcionamento os Cursos de Formação de Professores de modelo integrado para o Ensino Preparatório e Secundário, a nível de Bacharelato e de Licenciatura, incluindo as componentes de Prática Pedagógica e Estágio Pedagógico (Sequeira, 2000: 33).

Detentor de uma formação filosófica e teológica integralmente realizada em Instituições de Ensino Superior religiosas fora de Portugal, nomeadamente no Instituto Claretiano de Filosofia de *Jerez de los Caballeros Badajoz/Espanha*, no Instituto Claretiano de Teologia em *Valls Tarragona/Espanha*, na Universidade S. Tomás de Aquino Roma/Itália e na Universidade Gregoriana de Roma/Itália, Ribeiro Dias obteve a equivalência ao grau de Doutor em Filosofia a 24 de Abril de 1976, fazendo com que, a 30 de Dezembro de 1976, lhe

fosse atribuído o cargo de Professor Auxiliar da Universidade do Minho.

Ainda assim, a actividade filosófica de Ribeiro Dias não se confinou a esta Universidade. Diferentemente, o filósofo assumiu, paralelamente, funções docentes noutras Instituições, mormente na Universidade Católica Portuguesa⁸², tal como assumiu múltiplos cargos de responsabilidade de direcção, planeamento e gestão, dentro e fora da Universidade do Minho, entre os quais se destacou a Presidência da Direcção da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação entre 1994 e 1997.⁸³

Integrando o grupo dos fundadores das Ciências da Educação em Portugal, Ribeiro Dias foi mentor fundamental do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, assumindo, por eleição, a Presidência da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (Veiga e Magalhães, 2000:14).

A intensa devoção de Ribeiro Dias à causa educativa, consolidou não só a constituição de um prolífero campo de produção cultural filosófico-educacional na Universidade do Minho, como assegurou condições de relacionamento, dos membros desse campo, com os elementos integrantes dos grupos mais relevantes da área da Filosofia da Educação, em particular, e das Ciências da Educação, em geral, a nível nacional e internacional.

Ciente da importância do contributo disciplinar da Filosofia da Educação no processo de formação docente, Ribeiro Dias reconheceu no contexto das Ciências da Educação o espaço mais próprio à sua presença. Defendendo, irreverentemente, um elevado grau de protagonismo para as Ciências da Educação, Ribeiro Dias reconheceu, à semelhança do proposto por Mialaret na obra *As Ciências da Educação*, a Filosofia da Educação como disciplina fundamental do campo científico-educacional.

A sua persistência na defesa de um modelo de Ciências da Educação, muitas vezes controverso e polémico no seio da academia, constituiu uma nota

⁸² O facto de José Ribeiro Dias ter sido, simultaneamente, Professor da Universidade do Minho e da Universidade Católica não foi um caso isolado. De igual modo, também Lúcio Craveiro da Silva, Laura Ferreira dos Santos, e Norberto Gonçalves Cunha foram, paralelamente, Professores da Universidade do Minho e da Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

⁸³ José Ribeiro Dias foi membro activo de um vasto leque de associações científicas, nomeadamente: foi, entre 1963-1975, membro da Associação de Estudos sobre Teillard de Chardin, Lisboa; de 1963 a 1972, foi membro da Sociedade Portuguesa de Teologia, tendo desempenhado as funções de seu Secretário entre 1969 e 1972; nos anos 1971-1972, foi membro do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade Católica Portuguesa; foi, desde 1976, membro da Associação das Escolas Comunitárias, com sede em Lisboa, e seu Presidente de 1981 a 1984; foi membro e Presidente do Conselho Fiscal da Associação Portuguesa do Ensino Superior (1986-1992) e membro do Conselho Geral (1993-1994); foi, desde 1990, membro da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural (AEPEC); foi membro da Comissão Promotora (1987-1989) e da Comissão Instaladora (1989-1990) e Presidente da Assembleia Geral (1990-1993) da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação; foi, de 1994 a 1997, Presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação; foi, desde 1994, membro da *European Educational Research Association* (EERA) (Sequeira, 2000).

dominante nos finais da década de 70 e princípios da década de 80 (Pereira, 2000:19).

O trabalho académico de Ribeiro Dias foi fortemente complementado com a realização de diversas visitas de estudo a proeminentes Instituições envolvidas no processo de formação de professores sob a intenção de fazer proliferar a Filosofia da Educação e as Ciências da Educação como dinamizadoras participantes no processo de formação docente em Portugal.

Nessa medida, em Maio de 1978, visitou a Suécia na companhia de Ario de Azevedo, à data Reitor da Universidade de Évora, e de Manuel Patrício, da mesma Universidade, tendo como cicerone Thord Erasmie, da *Linköping University*, a fim de estudar a Formação de Professores em funcionamento nas escolas do país (Linköping, Norrköping e Asa Förfhögskola).

Nesse mesmo ano, durante o mês de Outubro, deslocou-se ao Reino Unido, acompanhado pelo Reitor e pelo Vice-Reitor da Universidade do Minho, respectivamente Licínio Cháinho Pereira e Joaquim Barbosa Romero, e pelos Professores da *Linköping University* Thord Erasmie e J. Norberk, com o objectivo de estudar o papel das Universidades inglesas na Formação de Professores e na Educação de Adultos.

Em 1981, visitou as sedes da UNESCO, da OCDE e da Fundação Europeia da Cultura em Paris, onde estabeleceu contactos e investigou temas no âmbito da Filosofia da Educação, Formação de Professores e Educação de Adultos (Sequeira, 2000).

Munido dos conhecimentos adquiridos e das experiências vivenciadas e reflectidas, a partir do ano lectivo 1981-1982, José Ribeiro Dias dedicou-se, intensivamente, à elaboração da proposta de criação do Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade do Minho (CIFOP) que previa a preparação de professores para todos os graus de ensino e de educadores de infância, tanto na fase inicial da carreira como já em exercício. O resultado do seu esforço foi reconhecido, uma vez que, dois anos depois, a proposta foi aprovada superiormente através do Despacho do Ministério da Educação 108/ME/83, de 7 de Junho de 1983, publicado no *Diário da República* – II Série de 21 de Junho de 1983.

A criação dos cursos de mestrado em Educação na Universidade do Minho foi, em boa parte, consequência da sua tenacidade. Apostado em otimizar o processo de formação de professores nesta Universidade, o filósofo trabalhou, activamente, na proposta de criação de cursos de mestrado em Educação envolvendo, inicialmente, três especialidades: Análise e

Organização do Ensino, Ensino das Ciências da Natureza e Ensino da Língua Portuguesa. Nessa medida, ao abrigo da Portaria 850/82 de 7 de Setembro de 1982, foi homologado o enquadramento legal que conduziu à entrada em funcionamento dos cursos de mestrado em Educação que continham a disciplina de Filosofia da Educação como opção oferecida aos alunos das três especialidades.

A presença da disciplina de Filosofia da Educação nos cursos de mestrado em Educação da Universidade do Minho, nas diferentes áreas de especialidade, foi constante até ao ano lectivo 2005-2006.

Quadro 26

<p>UNIVERSIDADE DO MINHO Mestrado em Educação nas áreas de especialidade em:</p> <ul style="list-style-type: none">- Análise e Organização do Ensino- Ensino das Ciências da Natureza- Ensino da Língua Portuguesa <p>Director dos Cursos de Mestrado em Educação: José Ribeiro Dias Ano lectivo: 1982-1983</p>
<p>Áreas científicas e unidades de crédito optativas necessárias à conclusão do curso:</p>
<ul style="list-style-type: none">- História da Educação- Filosofia da Educação- Sociologia da Educação- História da Educação

Fonte: Portaria 850/82, de 7 de Setembro de 1982 do *Diário da República* nº 207/82 – Série I.

Sob a direcção de José Ribeiro Dias, no ano lectivo 1982-1983, entraram em funcionamento os cursos de mestrado em Educação tendo o mesmo assumido a regência das disciplinas e dos seminários de Filosofia da Educação, História da Educação e Correntes Contemporâneas da Pedagogia.

Apesar de ter lançado os seus primeiros cursos de mestrado em 1982, pela promulgação da Portaria 850/82 de 7 de Setembro de 1982, a Universidade do Minho teve que aguardar pela publicação da Portaria 405/86 de 26 de Julho de 1986 para assistir à criação do curso de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação.

Quadro 27

UNIVERSIDADE DO MINHO Director dos Cursos de Mestrado em Educação: José Ribeiro Dias Ano lectivo 1986-1987
Grau de Mestre em Educação nas áreas de especialização de:
- Análise e Organização do Ensino - Ensino das Ciências da Natureza - Ensino da Língua Portuguesa - Administração Escolar - Filosofia da Educação - Informática no Ensino

Fonte: Portaria 405/86, de 26 de Julho de 1986 do *Diário da República* Nº 170/86 – Série I.

A estrutura curricular do curso de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, idealizada e realizada por Ribeiro Dias, reflecte a consciência da necessidade de definir epistemologicamente a situação da Filosofia da Educação no quadro disciplinar das Ciências da Educação e na História do pensamento educacional nacional e internacional. Para que tal fosse realizável, o elenco disciplinar do curso pretendia, igualmente, equacionar a proximidade da Antropologia Filosófica com a Filosofia da Educação, apontar percursos de análise sistémica da realidade educacional e explanar os processos metodológicos de investigação próprios da Filosofia da Educação.

Desta forma, o curso de mestrado em Filosofia da Educação, integrou disciplinas da área do conhecimento histórico, respectivamente “História do Pensamento Educacional em Portugal e na cultura ocidental, assentando nas disciplinas de Metodologia e Epistemologia a assessorar a disciplina nuclear de Filosofia da Educação” (Veiga e Araújo, 2007: 75).

Quadro 28

UNIVERSIDADE DO MINHO Mestrado em Educação Área de especialização em Filosofia da Educação Coordenador: José Ribeiro Dias Ano lectivo 1991-1992
Estrutura Curricular
Área científica do curso: Educação.
Duração normal do curso: 3 semestres lectivos e 1 semestre de dissertação.
Condições necessárias à concessão do grau: a) 22 unidades de crédito b) dissertação

Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito:			
Áreas científicas obrigatórias	U.C.	Áreas científicas optativas	U.C.
- Filosofia da Educação - História do Pensamento Educacional - Metodologia de Investigação em Filosofia da Educação	7 6 5	- História da Educação - Psicologia da Educação - Desenvolvimento Curricular - Tecnologia Educativa	4
Habilitações de acesso: Licenciatura em Filosofia ou em Ciências Histórico-Filosóficas, com classificação mínima de Bom.			
Elenco de disciplinas:			
Área Científica/Disciplinas		Unidades de Crédito	
<u><i>Filosofia da Educação:</i></u>			
- Antropologia Filosófica		2,0	
- Filosofia da Educação		3,0	
- Epistemologia das Ciências da Educação		2,0	
<u><i>História do Pensamento Educacional:</i></u>			
- História do Pensamento Educacional I		2,0	
- História do Pensamento Educacional II		2,0	
- Pensamento Educacional Português		2,0	
<u><i>Metodologia da Investigação em Educação:</i></u>			
- Análise Sistemática da Educação		2,0	
- Metodologia da Investigação em Filosofia da Educação		1,0	
- Paradigmas Quantitativos e Qualitativos em Investigação na Educação		2,0	
<u><i>Áreas optativas:</i></u>			
- Opção I		2,0	
- opção II		2,0	
TOTAL		22	

Fonte: *Guia da Universidade do Minho*. Ano lectivo 1991-1992. pp. 222-223.

Sob a responsabilidade de José Ribeiro Dias⁸⁴, o grupo inicial de docentes do curso de mestrado na área de especialização em Filosofia da Educação, era composto pelos

⁸⁴ Ribeiro Dias orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentadas à Universidade do Minho: ALMEIDA, Manuel Henrique Coelho de (1996). *A Filosofia da Educação no Projecto de Desenvolvimento Integrado de Mougadouro – Um programa experimental de educação de adultos*. Braga: Universidade do Minho; NEVES, Marlène Oraide Marcelino (1996). *As Universidades Populares Portuguesas no Seu Período Áureo – 1ª República. Contributos para o estudo das suas Concepções Educacionais e Filosóficas*. Braga: Universidade do Minho; ROCHA, César Augusto Oliveira da (1997). *Lei de Bases do sistema Educativo – uma leitura à luz da Filosofia da Educação*. Braga: Universidade do Minho; GOMES, Júlio (1999). *O rosto como mestre: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*. Braga: Universidade do Minho.

Professores Norberto Cunha, Manuel Gama, Lúcio Craveiro da Silva, Acílio Estanqueiro Rocha e Manuel Alte da Veiga.

Norberto Amadeu Ferreira Gonçalves da Cunha, Professor da Universidade do Minho desde 1983 e Professor Catedrático do Departamento de Filosofia e Cultura do Instituto de Letras e Ciências Humanas desta Universidade desde 1989, no que se prende com o trabalho académico desenvolvido, na especificidade do curso de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, leccionou as disciplinas de Pensamento Educacional e assegurou a orientação de algumas dissertações⁸⁵.

Por sua vez, Manuel Rosa Gonçalves Gama, licenciado, mestre e doutor em Filosofia, no que concerne, especificamente, com a sua integração no grupo de Professores do curso de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, destacou-se na docência disciplinar de Antropologia Filosófica e na orientação de uma dissertação de mestrado⁸⁶.

Acerca da pertença de Acílio Estanqueiro da Rocha ao grupo de docentes do curso de mestrado em educação com especialidade em Filosofia da Educação, importa mencionar que a disciplina principal de leccionação deste filósofo, na Universidade do Minho, foi a de Filosofia e Cultura da qual foi Professor Catedrático. Doutorado em Filosofia pela *Université Paris - Sorbonne* e em Letras pela Universidade do Minho, Acílio Rocha, apesar de ter dividido a sua actividade docente entre o campo da Filosofia e o campo da Educação, contribuiu, notoriamente, para a realização da investigação no campo da Filosofia da

⁸⁵ Norberto Cunha foi orientador das seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentadas à Universidade do Minho: MACHADO, Fernando. (1992). *Almeida Garrett e a introdução do pensamento educacional de Rousseau em Portugal*. Braga: Universidade do Minho; PEIXOTO, José Carlos. (1992). *Fins e meios no pensamento educacional de Ferreira Deusado*. Braga: Universidade do Minho; OLIVEIRA, Clementina. (1993). *O Positivismo e o ideário educativo de João de Barros*. Braga: Universidade do Minho; FERNANDES, José Marques. (1993). *Pedagogia científica e Educação Nova no contexto da 1ª República: Costa Ferreira, Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos*. Braga: Universidade do Minho; CARDOSO, Ana Maria. (1993). *Filosofia e paideia em Luís António Verney*. Braga: Universidade do Minho; DOMINGUES, Joaquim Carneiro de Barros. (1994). *Filosofia Portuguesa Para a Educação Nacional*. Braga: Universidade do Minho; FERNANDES, Manuel Lázaro Ferreira. (1995). *O Pensamento Educacional de José Augusto Coelho*. Braga: Universidade do Minho; CERQUEIRA, Maria Elsa. (1996). *A antropologia educativa de Adolfo Lima o antropos do futuro*. Braga: Universidade do Minho; BENTO, Fernando Hernâni (1999). *Bernardino Machado e o seu pensamento sociopolítico e educativo*. Braga: Universidade do Minho; TORRÃO, António Preto (2000). *Ideário e Projecto Educativo de D. António da Costa*. Braga: Universidade do Minho; ALMEIDA, Alexandre (2003). *O pensamento pedagógico de Serras e Silva*. Braga: Universidade do Minho; GOMES, Amélia Castro (2003). *A educação literária segundo Aurélio Quintanilha*. Braga: Universidade do Minho.

⁸⁶ Manuel Gama orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: NETO, Jacinto Félix de Castro (1997). *A Paideia de António Sérgio – Da Epistemologia à Antropologia*. Braga: Universidade do Minho; CUNHA, António Oliveira (1997). *Faria de Vasconcelos: pensamento e acção pedagógica*. Braga: Universidade do Minho.

Educação nesta Instituição⁸⁷.

No respeitante à integração de Lúcio Craveiro da Silva⁸⁸, Manuel Alte da Veiga⁸⁹ e Ribeiro Dias no grupo de docentes do curso de mestrado em epígrafe, além da docência disciplinar, evidenciou-se o facto de todos eles terem sido orientadores de teses de mestrado.

Das dissertações de mestrado defendidas na Universidade do Minho, manifesta-se a predominância da dedicação ao “aprofundamento do pensamento pedagógico de autores, com preferência para figuras portuguesas, como Ramalho Ortigão, Agostinho da Silva, Bernardino Machado, D. António da Costa, Ferreira Deusado, João de Barros, António Sérgio, Verney, Álvaro Ribeiro, José Augusto Coelho, Adolfo Lima, Sebastião da Gama, Faria de Vasconcelos, Vergílio Ferreira, Francisco Adolfo Coelho, Serras e Silva, além de várias abordagens sobre o projecto educacional iluminista da 1ª República e do Estado Novo. Outros temas focaram o tempo livre, a Filosofia para Crianças, a sabedoria popular, a situação timorense e a Lei de Bases” (Veiga e Araújo, 2007: 75-76).

Com o passar do tempo, intensificou-se a actividade do curso de mestrado em Educação, tanto na área de especialização em Filosofia da Educação como nas restantes que,

⁸⁷ Acílio Rocha orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentadas à Universidade do Minho: BARBOSA, Fátima Bezerra (1992). *Acção comunicativa e pedagógica em Jurgen Habermas*. Braga: Universidade do Minho; ALVES, José Rodrigues (1992). *Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana*. Braga: Universidade do Minho; CARVALHO, Maria do Rosário Gambôa Lopes de (1993). *John Dewey. A educação como experiência democrática*. Braga: Universidade do Minho; RODRIGUES, Maria Teresa Sequeira (1994). *Proudhon: justiça, democracia e demopédia*. Braga: Universidade do Minho; DOMINGUES, Aurora (1995). *Emmanuel Mounier: O Personalismo Comunitário*. Braga: Universidade do Minho; GUEDES, António (1998). *A Filosofia da Educação no positivismo evolucionista de Herbert Spencer*. Braga: Universidade do Minho; FERREIRA, Manuel Ribeiro (2001). *Educação e vida em Ortega y Gasset: dos pressupostos filosóficos à pedagogia*. Braga: Universidade do Minho; ARAÚJO, Domingos Manso (2003). *O pensamento educacional de John Lock: empirismo, liberdade e educação*. Braga: Universidade do Minho.

⁸⁸ Craveiro da Silva orientou a seguinte dissertação de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: BARREIRA, Isaque de Jesus Neves (1992). *Ramalho e a Educação. Outros tempos – Os mesmos problemas*. Braga: Universidade do Minho.

⁸⁹ Alte da Veiga orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: MAIA, Carlos Fernandes (1994). *Valores, educação e adolescência: a legitimidade de modelos em educação*. Braga: Universidade do Minho; MARTINS, Engrácia Varajão (1996). *Educação e doutrinação – o pensamento educacional de Sebastião da Gama*. Braga: Universidade do Minho; SANTOS, Carla Pomar (1998). *Sabedoria Popular – vivência experimental e educativa na inconsciência de uma atitude filosófica: Vilar de Perdizes – Pretexto para uma reflexão filosófica*. Braga: Universidade do Minho; SILVA, Avelino Vieira (1999). *Relevância educacional da autoridade e no doutrinação nas constituições da congregação da paixão*. Braga: Universidade do Minho; RODRIGUES, Anastácio (1999). *A pessoa na educação a partir de uma leitura de Lain Entralgo*. Braga: Universidade do Minho; MELO, Maria Manuela (2000). *A saúde como valor em S. João de Deus*. Braga: Universidade do Minho; VIEIRA, António (2004). *Identidade Nacional Timorense (uma abordagem filosófica e pedagógica)*. Braga: Universidade do Minho; LIMA, Denise Domingues (2005). *Filosofia para crianças: uma abordagem crítica dentro da Filosofia da Educação*. Braga: Universidade do Minho.

paulatinamente, foram aumentando e, conseqüentemente, o grupo de Professores do curso dilatou. Nessa circunstância, passaram a integrar o grupo docente do curso de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, os Professores Manuel Barbosa⁹⁰, Laura Ferreira Santos⁹¹, José Casulo⁹² e Alberto Filipe Araújo⁹³, tendo todos eles sido orientadores de teses de mestrado.

À semelhança do acontecido com os cursos de mestrado, a procura dos cursos de licenciatura em Ensino e Educação na Universidade do Minho também cresceu. Este aumento do interesse em frequentar a Universidade revelou-se uma boa oportunidade à consolidação do campo disciplinar da Filosofia da Educação na Instituição e, conseqüentemente, à dilatação do grupo de indivíduos integrantes do campo.

Assim sendo, com a proliferação dos cursos de licenciatura em Ensino do Departamento de Ciências Básicas da Educação que, de 1998 em diante, passou a designar-se Departamento de Pedagogia do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, na sua maioria criados ao abrigo da Portaria 919/83 de 7 de Outubro de 1983, a partir do ano lectivo 1996-1997, a disciplina anual obrigatória de História e Filosofia da Educação passou a constar nos planos curriculares dos cursos.

⁹⁰ Manuel Barbosa orientou a seguinte dissertação de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: SOUSA, Maria Gorete (2001). *Philippe Meirieu e a re-significação epistemológica da pedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

⁹¹ Laura Ferreira dos Santos orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: MOURA, Carminda (1999). *Nos laços da relação: um olhar filosófico sobre a problemática do ambiente, a partir do contrato natural de Michel Serres*. Braga: Universidade do Minho; SILVA, António (2000). *Henry Giroux: a pedagogia como possibilidade crítica*. Braga: Universidade do Minho; MARQUES, José (2001). *Aparição de Vergílio Ferreira. Roteiro de um mundo a descobrir: a inquietação interrogante*. Braga: Universidade do Minho.

⁹² José Casulo orientou as seguintes dissertações de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: MANSO, Artur (1998). *Agostinho da Silva: introdução ao estudo da evolução da sua vida, obra e pensamento*. Braga: Universidade do Minho; LOPES, Fernando Santos (1998). *Pedagogia Social no pensamento de António Sérgio (estudo da obra pedagógica sergiana desde o início até finais da 1ª República)*. Braga: Universidade do Minho; TAVARES, António (1999). *Finalidades educativas: I – teorização; II – o caso da lei de bases do sistema educativo*. Braga: Universidade do Minho; PEREIRA, Antónia (2001). *Pedagogia de Santo Henrique de Ossó: prática, teoria e fundamentos*. Braga: Universidade do Minho; VIEIRA, Maria de Lurdes (2002). *Emmanuel Mounier: uma pedagogia antro-po-filosófica personalista*. Braga: Universidade do Minho; CORREIA, Maria Natália (2002). *Pedagogia liceal de Francisco Adolfo Coelho*. Braga: Universidade do Minho; VIANA, Maria Conceição (2002). *Ideias pedagógicas de Ramalho Ortigão em as Farpas*. Braga: Universidade do Minho; GIL, Maria Teresa Antunes (2002). *Concepções educacionais em Paulo Freire, Ivan Illich e Carl Rogers*. Braga: Universidade do Minho.

⁹³ Alberto Filipe Araújo orientou a seguinte dissertação de mestrado em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentada à Universidade do Minho: CORREIA, Jorge Matos (1996). *A superação da antinomia educação tradicional – educação nova a partir dos pressupostos de Louis Not*. Braga: Universidade do Minho.

Uma vez que o número de cursos de licenciatura em Ensino, oferecido pela Instituição, continha um número considerável de variáveis, como pode ser constatado pelo caso do ano lectivo 1996-1997 em que funcionaram cursos de licenciatura em Ensino de Português, Português - Alemão, Português - Inglês, Português - Francês, Inglês - Alemão, História e Ciências, Matemática, Física e Química e Biologia e Geologia e, atendendo a que a disciplina de História e Filosofia da Educação era comum a todas elas, não é de admirar que o grupo de docentes e que o fomento disciplinar tenha proliferado.

Inicialmente, sob a responsabilidade de Manuel Maria de Melo Alte da Veiga, a docência da disciplina de História e Filosofia da Educação foi leccionada por um vasto grupo de docentes da Instituição que asseguraram a sua leccionação aos alunos do primeiro ano dos diferentes cursos, ora na componente teórica ora na componente prática da disciplina.

No ano lectivo 1996-1997, os elementos que compunham o grupo de Professores da disciplina de História e Filosofia da Educação eram: Manuel Alte da Veiga, Manuel Barbosa, Laura Ferreira dos Santos, Alberto Filipe Araújo, José Carlos Casulo, Maria Clara Faria da Costa Oliveira, Armando Rui Guimarães, Rodrigo Martins Azevedo e António Silva.

Quadro 29

UNIVERSIDADE DO MINHO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA DEPARTAMENTO: CIÊNCIAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO Cursos de Licenciatura em Ensino Disciplina: História e Filosofia da Educação (anual) Docente Responsável: Manuel Alte da Veiga Anos lectivos: 1996-1997 e 1997-1998			
Docentes	Cursos de Licenciatura	Teóricas	Práticas
Manuel Alte da Veiga (Docente Responsável)	- Ensino de Biologia e Geologia - Ensino de História e Ciências - Ensino de Português-Inglês	X	X
Alberto Filipe Araújo	- Ensino de Português - Ensino de Português-Alemão - Ensino de Inglês-Alemão - Ensino de História e Ciências	X	X
José Carlos Casulo	- Ensino de Português-Inglês - Ensino de Português-Francês	X	
Manuel Barbosa	- Ensino de Física e Química - Ensino de Matemática	X	X
Laura Ferreira dos Santos	- Ensino de Física e Química		X
Maria Clara Oliveira	- Ensino de Português-Alemão		X

Armando Rui Guimarães	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino de Português-Francês - Ensino de Português-Alemão - Ensino de Matemática - Ensino de Biologia e Geologia - Ensino de Português-Inglês 		X
Rodrigo Azevedo e António Silva	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino de Português-Francês - Ensino de Biologia e Geologia - Ensino de Português - Ensino de Inglês-Alemão 		X

Fonte: *Programa Detalhado da disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino. – Anos lectivos 1996-1997 e 1997-1998. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

Com o passar dos anos, a composição do grupo e a distribuição de serviço docente foi sofrendo algumas alterações, mas o núcleo duro do corpo docente da disciplina manteve-se.

Por outro lado, o número de cursos de licenciatura em Ensino também foi aumentando e algumas das nomenclaturas das áreas de especialidade também sofreram modificações. No entanto, a presença disciplinar da História e Filosofia da Educação, no âmbito dos referidos cursos de licenciatura, foi constante.

Ressalve-se que, apesar do aumento do número de cursos de mestrado e de licenciatura na Universidade do Minho, a preocupação do seu grupo docente em evidenciar aos educandos a importância da deontologia da profissão docente foi notória. Assim, nessa medida, no campo disciplinar da Filosofia da Educação, foram privilegiados os temas dos valores, da “democracia”, do “doutrinação”, da “autoridade”, da “ordem”, da “indisciplina”, da “violência”, do “sentido do agir humano”, dos “problemas éticos da competência”, do “poder”, da “obediência”, da escola, do “sentido da própria especialização”, do “perfil ético do professor” e da relação “Filosofia/Religião” (Veiga e Araújo, 2007: 77-78).

Quadro 30

UNIVERSIDADE DO MINHO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA DEPARTAMENTO: CIÊNCIAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO (ATÉ 1997-1998) DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA (A PARTIR DE 1998-1999) Disciplina: História e Filosofia da Educação (disciplina anual) Cursos de Licenciatura em Ensino Anos lectivos: 1996-1997 a 2004-2005		
Anos lectivos	Docente responsável	Docente disciplinar
1996-1997 e 1997-1998	Manuel Alte da Veiga	Alberto Filipe Araújo José Carlos Casulo Manuel Barbosa Laura Ferreira dos Santos

		Maria Clara Faria da Costa Oliveira Armando Rui Guimarães Rodrigo Martins Azevedo António Silva
1998-1999 e 1999-2000	Manuel Alte da Veiga	José Carlos Casulo Manuel Barbosa Laura Ferreira dos Santos Maria Clara Faria da Costa Oliveira Armando Rui Guimarães José Afonso Artur Manso
2000-2001	José Carlos Oliveira Casulo	Manuel Barbosa Laura Ferreira dos Santos Armando Rui Guimarães Fátima Barbosa Rodrigo Martins Azevedo José Afonso Artur Manso Custódia Martins
2001-2002	Manuel Alte da Veiga	Manuel Barbosa Laura Ferreira dos Santos Armando Rui Guimarães Fátima Barbosa Alberto Filipe Araújo Artur Manso Rodrigo Martins Azevedo Custódia Martins
2002-2003	Armando Rui Guimarães	Manuel Alte da Veiga Custódia Martins
2003-2004	Manuel Alte da Veiga	Armando Rui Guimarães Laura Ferreira dos Santos Alberto Filipe Araújo Custódia Martins Artur Manso José Afonso
2004-2005	Manuel Alte da Veiga	Alberto Filipe Araújo José Carlos Casulo Manuel Barbosa Laura Ferreira dos Santos Maria Clara Oliveira Armando Rui Guimarães Rodrigo Martins Azevedo António Silva

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino do Departamento de Ciências Básicas da Educação/Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho– Anos lectivos 1996-1997 a 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

Paralelamente à presença da disciplina de História e Filosofia da Educação, leccionada no

âmbito dos cursos de licenciatura em Ensino, a disciplina semestral obrigatória de Filosofia da Educação, a partir do ano lectivo 1996-1997, também foi leccionada, aos alunos do 2º ano do curso de licenciatura em Educação no âmbito do Departamento de Ciências Básicas da Educação, a partir do ano académico 1998-1999 apelidado Departamento de Pedagogia, do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

A própria criação da licenciatura em Educação poderá ser conotada como projecto filosófico educacional, atendendo a que visava a formação de profissionais para servir o sistema educativo, para além do sistema escolar e da escola, num quadro de educação permanente e comunitária.

A criação do curso de licenciatura em Educação, pela Universidade do Minho, é uma iniciativa de grande valor na medida em que aparece enquadrada numa filosofia actual de educação – educação permanente e comunitária (Antunes, 2001: 258).

Quadro 31

UNIVERSIDADE DO MINHO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA DEPARTAMENTO: CIÊNCIAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO (ATÉ 1997-1998) DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA (A PARTIR DE 1998-1999) Disciplina: Filosofia da Educação (disciplina semestral) Curso de Licenciatura em Ensino Anos lectivos: 1996-1997 a 2004-2005		
Anos lectivos	Docente responsável	Docente disciplinar
1996-1997 1997-1998 1998-1999	José Ribeiro Dias	José Ribeiro Dias
1999-2000	Maria Conceição Antunes	Maria Conceição Antunes
2000-2001 e 2001-2002	Maria Conceição Antunes	Maria Conceição Antunes Custódia Martins
2002-2003	Maria Conceição Antunes	Maria Conceição Antunes
2003-2004	Maria Conceição Antunes	Maria Conceição Antunes Custódia Martins
2004-2005	Maria Clara Costa Oliveira	Maria Clara Costa Oliveira

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Educação do Departamento de Ciências Básicas da Educação/Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho – Anos lectivos 1996-1997 a 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

O grupo de Professores da disciplina de Filosofia da Educação, leccionada no contexto do curso de licenciatura em Educação, apesar de substancialmente mais reduzido que o do

grupo de docentes de História e Filosofia da Educação, foi, *ab initio*, integralmente assumido por José Ribeiro Dias. Os membros do grupo que, do ano lectivo 1999-2000 até ao 2004-2005, assumiram a responsabilidade e a docência da disciplina foram Maria Conceição Antunes, Custódia Martins e Maria Clara Oliveira que, à excepção de Maria Conceição Antunes, pertenciam, igualmente, ao grupo de docentes disciplinares de História e Filosofia da Educação.

A presença de um grupo docente tão solidamente estruturado, tanto no que se refere ao número como no que se prende com a formação filosófico-educativa, é, em boa parte, resultado da oferta de estudos pós-graduados na área da Filosofia da Educação existente na Instituição, a nível do curso de mestrado, promulgado no ano lectivo 1986-1987 e do curso de doutoramento que, em 1994, deu à luz a sua primeira tese, defendida por Alberto Filipe Araújo sob o tema *O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros*. Tratando-se de uma tese inscrita numa linha filosófica pouco ortodoxa, ou seja, da Escola de Grenoble de Gilbert Durant e seus discípulos, a tese de Alberto Filipe Araújo, procurando indagar, no quadro da relação entre ideologia-mito, as raízes mítico-simbólicas da ideia educativa ou pedagógica do *homem novo*, diferenciou-se dos restantes trabalhos de pesquisa filosófico-educativa realizados, até à data, pelos seus colegas da Universidade do Minho e das restantes Universidades portuguesas onde se encontravam em curso projectos de investigação no campo da Filosofia da Educação.

Nos anos que imediatamente se seguiram, a investigação, a nível de doutoramentos em Filosofia da Educação, foi principalmente dedicada ao estudo filosófico-educacional da obra de pensadores como Teixeira de Pascoaes⁹⁴, Freud, Girard e Deleuze⁹⁵.

No respeitante à orientação das teses de doutoramento em Educação na área de especialidade em Filosofia da Educação, realizadas na Universidade do Minho, destaca-se o número de trabalhos orientados por Ribeiro Dias.⁹⁶

⁹⁴ A tese de doutoramento defendida por José Casulo na Universidade do Minho intitulada *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*, orientada por Ribeiro Dias e co-orientada por Manuel Ferreira Patrício (Universidade de Évora), foi uma "abordagem pioneira ao estudo do pensamento e da obra de Teixeira de Pascoaes sob a perspectiva da Pedagogia" (Casulo, 1997: 10).

⁹⁵ A tese de doutoramento de Laura Ferreira dos Santos, orientada por Ribeiro Dias e defendida em 1996 na Universidade do Minho, intitulada *Pensar o Desejo a Partir de Freud, Girard e Deleuze*, pretendeu relacionar a temática do desejo, com a temática da educação e com a temática da Filosofia da Educação, através da interpretação do pensamento de Freud, Girard e Deleuze.

⁹⁶ Ribeiro Dias orientou as seguintes teses de doutoramento em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentadas à Universidade do Minho: CASULO, José Carlos (1995). *Filosofia da Educação em*

Todavia, o passar dos anos e o árduo trabalho filosófico-educacional fez com que alguns dos seus discípulos tenham ascendido à condição de mestres e, por sua vez, também eles asseguraram a orientação das teses realizadas na Instituição.⁹⁷

A actividade do grupo dos filósofos da educação da Universidade do Minho dinamizou o estabelecimento de importantes laços relacionais com os seus pares oriundos de outras Instituições nacionais e internacionais. Uma boa ilustração dessa realidade foi a organização do 1º Encontro Nacional de Filosofia da Educação, acontecido a 28 e 29 de Novembro de 1997 nesta Universidade.

Tratando-se de um projecto organizado por José Ribeiro Dias e por Alberto Filipe Araújo, no âmbito do Centro de Estudos em Educação e Psicologia do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, o I Encontro Nacional de Filosofia da Educação congregou parte dos representantes de algumas Escolas de Filosofia da Educação nacionais e até um representante da *Universitat Autònoma de Barcelona/Espanha* e da Filosofia da Educação espanhola, nomeadamente Octavi Fullat i Genís.

À excepção das Universidades de Lisboa e Nova de Lisboa, todas as outras Universidades nacionais se fizeram representar neste Encontro, apresentando conferências e comunicações. Apesar do número vasto de participantes, segundo Ribeiro Dias, o interesse que os movia era comum: “a Procura da Sabedoria em Educação” (1998: 9).

Nesse propósito, participaram neste Encontro filósofos da educação como Manuel Alte da Veiga, Manuel Barbosa, Laura Ferreira dos Santos, José Casulo, António Abreu da Silva, Artur Manso (todos da Universidade do Minho), Adalberto Dias de Carvalho, Paula Cristina da Silva Pereira, Maria João Couto (todos da Universidade do Porto), Maria da Conceição Azevedo,

Teixeira de Pascoaes. Braga: Universidade do Minho; BARBOSA, M. G. (1996). *Antropologia complexa do processo educativo. Quadro de referenciais e leque de vectores fundamentais*. Braga: Universidade do Minho; SANTOS, Laura Ferreira (1996). *Pensar o Desejo a partir de Freud, Girard e Deleuze*. Braga: Universidade do Minho; OLIVEIRA, Maria Clara Costa (1998). *A educação como Processo Auto-organizativo*. Braga: Universidade do Minho. Além destes, orientou, também, o doutoramento realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (de acordo com o disposto no nº1 do art.8 do Decreto-lei nº388/70 de 18 de Agosto de 1970), de AZEVEDO, Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa (1994). *Filosofia da Educação em Fernando Pessoa: Encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; e o doutoramento de MEDEIROS, Emanuel (2003). *A Filosofia Como Centro do Currículo na Educação ao Longo da Vida*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Foi ainda Co-orientador da tese de doutoramento de ANTUNES, M. C. (1999). *Teoria e Prática Pedagógica: ruptura e ensaios de recontextualização à luz do projecto rortiano*. Braga: Universidade do Minho.

⁹⁷ José Casulo orientou as seguintes teses de doutoramento em Educação na área de especialização em Filosofia da Educação, apresentadas à Universidade do Minho: MANSO, Artur (2007). *Filosofia Educacional na obra de Agostinho da Silva*. Braga: Universidade do Minho; MARTINS, Custódia (2008). *A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: praxis, teoria e fundamentos*. Braga: Universidade do Minho.

Cristiana de Soveral Paszkiewicz (ambas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), João Boavida (da Universidade de Coimbra), Luís Sebastião (da Universidade de Évora) e Emanuel Medeiros (da Universidade dos Açores).

Outras ocorrências relevantes para a abordagem de temas afins à Filosofia da Educação na Universidade do Minho foram os Encontros Sobre o Imaginário, organizados por Alberto Filipe Araújo, onde participaram especialistas de renome nacional e internacional.

7.3. Ethos dos filósofos da educação da Universidade do Minho

Passando à análise do *ethos* dos filósofos da Educação da Universidade do Minho, a primeira figura a tratar é José Ribeiro Dias.

O percurso académico deste filósofo, atipicamente iniciado aos 16 anos de idade, foi determinante no delineamento da sua linha de entendimento do que era e deveria ser uma Universidade, o processo de formação de professores e a Filosofia da Educação.

Ribeiro Dias começou por frequentar o curso de bacharelato em Filosofia (1946-1949), realizado no Instituto Claretiano de Filosofia de *Jerez de los Caballeros de Badajoz/Espanha* e concluído com a defesa da dissertação *De Cognitione in Bergson, La pensée et le mouvant*, para, seguidamente, ingressar no curso de Teologia do Instituto Claretiano de Valles em Tarragona/Espanha (1949-1951). Posteriormente, concluiu, em 1953, o curso de licenciatura em Filosofia na Universidade de S. Tomás de Aquino em Roma com a defesa da dissertação *In caput 9 Libri Z Metaphysicae Aristotelis: De causa quapropter talis materia fit talis res*. Nos dois anos seguintes, realizou o curso de Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Nessa mesma cidade, regressou à Universidade S. Tomás de Aquino onde, com apenas 26 anos de idade, defendeu, a 21 de Junho de 1956, a tese de doutoramento sobre *A Noção Metafísica de Bem nas Questiones Disputatae de Veritate de S. Tomás de Aquino* que, a 24 de Abril de 1976, foi reconhecida como equivalente ao grau de doutoramento em Filosofia.

Ribeiro Dias integrou o primeiro grupo de Professores da Universidade do Minho. A 24 de Outubro de 1975, iniciou funções docentes na Instituição equiparado a Professor Auxiliar, tendo sido nomeado Professor Auxiliar a 30 de Dezembro de 1976, Professor Associado a 1 de Dezembro de 1979 e Professor Catedrático a partir de 19 de Julho de 1985.

Durante o seu longo trajecto como docente desta e de outras Universidades, o filósofo assumiu múltiplas e diversas responsabilidades de planeamento e gestão nas Instituições, tendo colaborado, desde a fase de implementação da Universidade do Minho, na criação das infra-estruturas de apoio aos projectos de investigação e ensino ligados à formação de professores e das Unidades de Recurso da área científico-pedagógica de Educação, na qual incluiu a Filosofia da Educação⁹⁸.

Tratando-se de um dos principais impulsionadores da consolidação e institucionalização das Ciências da Educação, em geral, e da Filosofia da Educação, em particular, Ribeiro Dias, ciente da escassez de projectos desenvolvidos no campo disciplinar da Filosofia da Educação, instigou, acentuadamente, a investigação no campo filosófico-educacional.

Em matéria de tamanha transcendência, tem falhado a investigação, menos ao nível das metodologias, processos, técnicas e recursos didácticos e das chamadas Ciências da Educação, mais ao nível da Pedagogia e das Filosofias da Educação, e quase totalmente no espaço para além delas, da Teologia e de outras áreas disciplinares afins (Dias, 1998: 12).

Nada obstante, Ribeiro Dias alegou que o desenvolvimento da pesquisa na área das Ciências da Educação reforça a necessidade de investigação no campo da Filosofia da Educação.

De qualquer modo e perante os desafios da aceleração da mudança que nos coloca o mundo de hoje e ressaltado o respeito que merecem todas as Tecnologias, Ciências e Teorias da Educação, alastra a convicção de que o próprio desenvolvimento destas disciplinas, porque é muitas vezes tributário

⁹⁸ José Ribeiro Dias, entre 1975 e 1980, foi Presidente do Conselho Pedagógico dos cursos de formação de professores; de 1978 a 1980, foi Presidente da Unidade Científico-Pedagógica de Ciências da Educação e Presidente do Conselho Coordenador dos Estágios Pedagógicos; foi, de 1976 a 1980, membro do Conselho Pedagógico da Universidade do Minho; foi, entre 1977 a 1989, Presidente do Centro de Estudos Educacionais e Desenvolvimento Comunitário e membro do Conselho Científico da Universidade do Minho; foi, de 1981 a 1989, Presidente da Unidade de Educação de Adultos; foi desde 1981, Director dos Cursos de mestrado em Educação da Universidade do Minho e no Funchal, no âmbito de um Convénio com a região Autónoma da Madeira (1984-1986); foi, entre os anos lectivos 1983-1984/1984-1985, Presidente do Conselho Pedagógico da Universidade do Minho, foi, entre 1986 e 1990, membro do Senado Universitário; foi, de 1987 a 1990, membro da Comissão Especializada para os Assuntos Científico-Pedagógicos; foi, de 1988 a 1995, Presidente do Instituto de Educação; foi, de 1990 a 1995, Director dos cursos de mestrado em Educação e responsável dos Grupos Disciplinares de História e Filosofia da Educação; foi, entre 1990 e 1995, Presidente da Assembleia Geral e depois da Direcção da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Director do Departamento de Ciências Básicas da Educação e membro do Conselho Nacional de Educação; foi, entre 1996 e 1998, Coordenador do Grupo Disciplinar de Pedagogia, Presidente da Comissão de Reestruturação das Licenciaturas em Ensino, Representante da Universidade do Minho na Rede Nacional para a Formação de Pessoal do Ensino Superior criada pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e membro do Conselho Nacional de Educação. No mesmo período, desempenhou, paralelamente, funções noutras Instituições de Ensino Superior, tendo sido, de 1983 a 1986, Presidente do Conselho Científico da ESE de Castelo Branco e vogal do Conselho Científico da ESE de Vila Real e da de Bragança; de 1984 a 1987, vogal da Comissão Instaladora da Associação dos Institutos e Universidades da Região Norte, a partir de 1988, promoveu a criação do Serviço de Publicações de Educação da Universidade Católica Portuguesa e promoveu a criação da *Revista Portuguesa de Educação* (Sequeira, 2000).

dos paradigmas científicos correntes e das ideologias socialmente dominantes, não atenua mas antes acentua a exigência de uma Filosofia da Educação como actividade de questionamento contínuo dos seus pressupostos, enunciados e extrapolações, que visa estimular o acesso de todos e de cada um dos educadores ao nível crítico da razão (Dias, 1993: 4).

Afirmando que a emergência da Filosofia da Educação, como disciplina autónoma, aconteceu no contexto de proliferação das Ciências da Educação, o filósofo defendeu a necessidade de respeitar, manter ou até mesmo intensificar o esforço desenvolvido por estas ciências, sem mitificar a importância dos seus resultados (experiências, hipóteses, leis, teorias) e, simultaneamente, insistir no questionamento, que caracteriza o esforço da Filosofia da Educação, em ordem a manter a atmosfera salutar da cultura como “espaço de assombro, curiosidade, dúvida, ironia, e espírito crítico, que leva indefinidamente a questionar as respostas e regressar aos problemas” (Dias, 1993: 14).

Para Ribeiro Dias, a relação Filosofia/educação poderia ser entendida de duas formas que, apesar de distintas, convergem num horizonte de sentido de mútua imbricação. Nessa medida, o filósofo distinguiu a Filosofia da Educação como um domínio exclusivo dos filósofos interessados na educação, da Filosofia da Educação como área comum a todos os educadores que sentem a exigência de compreender os processos educativos ao nível da sua fundamentação. Nesta sequência, é legítimo afirmar que, para o autor, a Filosofia da Educação praticada por filósofos inseridos no campo de produção cultural da Filosofia apresenta um perfil de Filosofia aplicada à educação enquanto que, praticada por educadores alocados ao campo de produção cultural das Ciências da Educação, apresenta o perfil de educação explicada pela Filosofia em termos de procura da sua razão de ser. No entanto, foi Ribeiro Dias o primeiro a questionar a viabilidade de estipular esta distinção.

No limite, poderia problematizar-se a relação Educação-Filosofia e o próprio sentido da disciplina: em que medida a plena realização do homem, que constitui o objectivo da educação, não coincide com a vivência filosófica da procura da sabedoria? (Dias, 1993: 3-4).

No respeitante à metodologia apropriada à mestria da Filosofia da Educação, Ribeiro Dias reivindicou que, independentemente do recurso a múltiplos processos do tipo histórico, analítico, fenomenológico, reflexivo, dialéctico, hermenêutico ou problematológico, o caminho do saber educativo tem, necessariamente, que ser iluminado pelo *logos*.

O *logos*, no seu nível mais elevado, tem por função não tanto o de ordenar e dimensionar o mundo das coisas como desbravar os caminhos do homem. Os próprios gregos e os modernos que se empenharam em compreender o mundo,

de Copérnico a Newton, de Einstein a Prigogine, têm consciência disso. Nietzsche proclamou-o bem alto (Dias, 1998: 15).

Defensor de um ideal de educação que tinha por teleologia promover a auto-realização do ser humano, Ribeiro Dias nunca descurou esse princípio na docência disciplinar da Filosofia da Educação. Os fundamentos teológicos e pessoalistas da Filosofia da Educação de Ribeiro Dias foram um registo constante da sua actividade filosófico-educacional e da Filosofia da Educação da Universidade do Minho.

No período compreendido entre os anos lectivos 1996-1997 e 2004-2005, a docência da disciplina foi partilhada com Maria da Conceição Antunes, Custódia Martins e Maria Clara Oliveira e o programa disciplinar sofreu alterações.

Com efeito, se entendermos que educar não consiste primordialmente em ensinar ou mesmo formar, mas em contribuir para criar condições para que todos os seres humanos, a começar por cada um de nós, se desenvolvam em todas as suas capacidades, cresçam, sejam, até à sua plena realização, estamos a admitir que esta realização do ser humano marca o rumo de todo e qualquer processo educativo (Dias, 2001: 9).

Programa 14

UNIVERSIDADE DO MINHO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO: CIÊNCIAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO (ATÉ 1997-1998)

DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA (A PARTIR DE 1998-1999)

Licenciatura em Educação

Disciplina: **Filosofia da Educação** (disciplina semestral)

Docente Responsável: **José Ribeiro Dias**

Anos lectivos: 1996-1997 a 1998-1999

Programa da Disciplina

1. Análise do Processo Educativo:

- Que fazemos? Perspectivas clássica, sistémica, complexa, etiológica.
- Evolução dos conceitos: educação de infância, escolar de adultos, permanente, comunitária, ecológica.
- Perfis profissionais: professor, formador, educador, pedagogo, mestre.
- Formação dos pedagogos: como generalistas e especialistas.
- A investigação em Educação.

2. Epistemologia das Ciências da Educação

- Que sabemos? Dimensões do saber. Paradigmas.
- Expressões históricas da sofia (Mitos e Religiões), da filia (Ciências e Filosofias) e da dialogia (Religiões Monoteístas).
- A dialéctica do saber no mundo ocidental: teologismo, filosofismo, cientismo.
- O paradigma da ciência moderna e as suas actuais transformações.
- As metamorfoses da Filosofia contemporânea.
- As Ciências e a Filosofia da Educação.

3. Antropologia e Antropogenética

- Que(m) somos? Os sentidos do ser e as dimensões do anthropos.
- Natureza animal, especificidade do logos e (des)equilíbrio ecológico.
- A Pessoa: étimo, conceito, estatuto.
- O Outro-Eu, a Comunidade e o Ecossistema.
- Ter e Ser: a educação como processo de autopoiese do homem.

4. Teleologia e Axiologia

- Que(m) procuramos? As alternativas de realização do homem.
- O que podemos: meios e fins; a questão do fim último.
- O que queremos: o bem, eudaimonia e makariotes.
- O que devemos: o valor, o dever, a opção, a sanção.
- valor e Sagrado: Utopia. Messianismo. O verbo amar.

Conclusão: Os Caminhos da Procura da Sabedoria em Educação.

Referências Bibliográficas:

- DIAS, José Ribeiro (1993). Filosofia da Educação. Pressupostos, funções, método, estatuto. In *Revista Portuguesa de Filosofia*, 49. pp. 3-28.
- FULLAT, O. (1988). *Filosofía de la Educación*. Barcelona: Vicens-Vives.
- BERNARD, M. (1989). *Critique des fondements de l'éducation. Généologie du pouvoir et/ou de l'impouvoir d'un discours*. Paris: Chiron.

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Educação do Departamento de Ciências Básicas da Educação/Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho – Anos lectivos: 1996-1997 a 1998-1999. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

Permanecendo na abordagem aos Filósofos da Educação da Universidade do Minho, o filósofo que se segue é Norberto Cunha. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou, em 1989, o seu curso de doutoramento em Filosofia, na especialidade de História da Filosofia e Cultura Portuguesa, na Universidade do Minho, com a apresentação da tese *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*.

Foi, desde 1983, Professor da Universidade do Minho e, no ano da conclusão do seu doutoramento, ascendeu ao cargo de Professor Catedrático do Departamento de Filosofia e Cultura do Instituto de Letras e Ciências Humanas que manteve até 2006.

Ao longo do seu percurso docente, orientou várias dissertações de mestrado e algumas teses de doutoramento, na Universidade do Minho e noutras, especialmente sobre educadores portugueses. O trabalho desenvolvido por Norberto Cunha, na particularidade do campo filosófico-educacional, incidiu sobre a sua área primordial de interesse e dedicação, ou seja, sobre as temáticas relativas à Ilustração em Portugal, Filosofia em Portugal, Cultura Portuguesa e Ideologia do Estado Novo e seus próceres. Paralelamente à sua intensa actividade docente, ocupou cargos importantes dentro e fora da Universidade do Minho⁹⁹.

Por sua vez, Manuel Gama, licenciado em Filosofia em 1981, mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea em 1985, pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa e doutorado em Filosofia, na especialidade de História da Filosofia e Cultura Portuguesa, com a apresentação, à Universidade do Minho, em 1993, da tese *O Pensamento de Sampaio Bruno: Contribuição para a História da Filosofia em Portugal*, à semelhança do acontecido com Norberto Cunha, também elegeu o campo de produção cultural da Filosofia da Educação como área de interesse. No contexto filosófico-educacional, as suas áreas preferenciais de pesquisa relacionam-se com a História da Filosofia, com a Antropologia Filosófica, com a Fenomenologia e com a Filosofia da Religião.

⁹⁹ Presidiu, durante vários anos, ao Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho (que, no âmbito das suas actividades, organizou dezenas de conferências e vários colóquios internacionais) e foi Vice-Presidente do Conselho Cultural da mesma Universidade. Foi, durante vários anos, Presidente do Conselho de Cursos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e Director do Departamento de Filosofia e Cultura do mesmo Instituto. Foi vogal da Fundação Lloyd Braga, membro da Comissão Instaladora da Casa-Museu de Monção (da Universidade do Minho). É membro dos conselhos científicos de várias revistas nacionais, dos órgãos directivos do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira (desde 1998) e Coordenador Científico do Museu Bernardino Machado, em Vila Nova de Famalicão.

Outra referência da presença do pensamento filosófico-educacional na Universidade do Minho foi a disciplina de História e Filosofia da Educação que, inicialmente, foi leccionada sob a responsabilidade de Manuel Alte da Veiga.

Manuel Alte da Veiga licenciou-se em Filosofia em 1965, em Psicologia Clínica, em 1976, e em Filosofia e Humanidades em 1978. Doutorou-se em Educação, em 1986, tendo apresentado à Universidade de Aveiro a tese intitulada *Filosofia da Educação e Aporias da Religião*, tendo o estudo sido preparado, como bolseiro, no *Institute of Education* da Universidade de Londres.

Iniciou a sua actividade docente, no campo disciplinar da Filosofia da Educação, no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho onde, entre 1990 e 2005, orientou várias dissertações de mestrado e teses de doutoramento¹⁰⁰.

Foi membro de várias sociedades científicas, relacionadas com o campo da Filosofia da Educação e, em 1982, converteu-se no primeiro membro português da *Philosophy of Education Society of Great Britain* (PESGB).

Manuel Alte da Veiga defendeu que toda a Filosofia autêntica teria, necessariamente, que ser autobiográfica e que, no caso específico da Filosofia da Educação, este princípio se aplica, ainda, com mais propriedade, atendendo a que o conceito de educação deve ser entendido como sendo a história da “antropagogia”, ou seja, do ser humano em contínua renovação, na senda da plenitude da pessoa (2000: 39).

A Filosofia da Educação seria assim o paradigma da “filosofia errante”, construindo a vida em espiral, onde se dão altos e baixos, movimentos centrípetos e centrífugos, cabendo ao homem sábio recolher “o que é novo e o que é velho”, juntando a herança à criatividade – até porque “quem tropeça e não cai dá dois passos em frente” (Veiga, 2000: 40).

Responsável pela docência disciplinar de História e Filosofia da Educação aos futuros professores licenciados pela Universidade do Minho, Alte da Veiga dedicou particular atenção à reflexão filosófica em torno do delineamento do perfil ético do professor. Professando que o professor deve ser “exemplo” da “insatisfação” geradora do impulso de contínua procura “do que vale a pena”, Alte da Veiga sublinha a relevância do assumir da identidade no processo educativo (2006: 303-304).

¹⁰⁰ As teses de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizadas sob a orientação do Professor Manuel Alte da Veiga foram: ARAÚJO, A. F. (1994). *O “Homem Novo” no discurso pedagógico de João de Barros*. Braga: Universidade do Minho e GUIMARÃES, A. R. (1999). *Educação Religiosa Confessional. Uma perspectiva filosófica*. Braga: Universidade do Minho.

Não é mero jogo de palavras dizer que a deontologia do professor se poderia resumir em professar a sua identidade: isto é, proclamar que vale a pena construir, penosamente e alegremente, o sentido da vida sem pretender apresentar-se como modelo nem sequer dos ideais que defende (Veiga, 1996: 963).

Alte da Veiga acreditava na importância da reflexão, do questionamento e da problematização como princípio metodológico filosófico-educativo.

A Filosofia da Educação nasce quando o educador se interroga sobre o fantástico "puzzle" da sua actividade (Veiga, 1996: 962).

Nessa medida, a própria docência disciplinar de História e Filosofia da Educação se caracterizou, acentuadamente, como um espaço e como um tempo de dedicação à reflexão.

Ao longo dos meus anos de docência da disciplina de História e Filosofia da Educação, os alunos testemunharam muitas vezes que o "bem maior" da disciplina era justamente possibilitar-lhes "um espaço e um tempo de reflexão" (Veiga, 1998: 252).

O programa disciplinar de História e Filosofia da Educação, leccionado sob a responsabilidade de Manuel Alte da Veiga, permaneceu inalterado desde o ano lectivo 1996-1997 até 2001-2002 apesar de, no ano lectivo 2000-2001, José Casulo ter assumido a responsabilidade da disciplina.

Programa 15

UNIVERSIDADE DO MINHO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO: CIÊNCIAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO (ATÉ 1997-1998)

DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA (A PARTIR DE 1998-1999)

Licenciatura em Ensino

Disciplina: **História e Filosofia da Educação** (disciplina anual)

Docentes Responsáveis: **Manuel Alte da Veiga / José Casulo**

Anos lectivos: 1996-1997 a 2001-2002

Programa Disciplinar

1. Introdução às Ciências da Educação.

Definição e âmbito das Ciências da Educação. O seu sentido actual. As licenciaturas em Ensino.

2. A perspectiva histórica sobre a educação.

História das Ideias e História das Instituições. Os desafios actuais.

3. A educação primitiva. Surgimento e evolução da escrita e da leitura.

Mitos, ritos. "Heróis" e "areté". Homero e Hesíodo.

4. Época clássica e medieval. Conceito de educação, instituições e práticas educativas da Antiguidade Pré-clássica até finais da Idade Média.

O papel da família, da comunidade e da escola. A evolução da leitura e da escrita e o progresso da alfabetização. Reforma e Contra-reforma. A criação dos colégios. A "*ratio studiorum*". Jesuítas e Oratorianos. Instituições e pedagogos portugueses. Vittorino da Feltre, Erasmo, T. Moro, Montaigne, Coménio.

6. Época iluminista. Conceito de educação, génese e desenvolvimento dos sistemas de educação

pública, do Iluminismo à afirmação do Liberalismo.

A emergência dos sistemas de educação pública num contexto de estatização e unicidade. Situação em Portugal. Rousseau, Herbart, Froebel, Pestalozzi.

7. A "Escola Nova". Pressupostos filosóficos, psicológicos e sociológicos. A Instituição escolar como centro dos sistemas e processos educacionais da Idade Contemporânea. A formação e a profissionalização dos professores. As novas metas educativas. Surgimento e afirmação de novas práticas educacionais.

A formação profissional. As reformas educativas. O caso português da afirmação do Liberalismo à queda do Estado Novo. Educação de adultos, educação permanente, educação comunitária e educação prospectiva. Tolstoi, Montessori, Ferriere, Claparede, Decroly, Dewey, Makarenko, Feinet, Piaget, Illich, Paulo Freire.

8. Filosofia da Educação e epistemologia das Ciências da Educação.

A Filosofia da Educação como reflexão do professor/educador sobre a sua própria actividade.

9. Antropologia Educacional, Natureza, Cultura, Inter-subjectividade, Antropogénese.

A dimensão própria do ser humano "entre o animal e o divino", em contínua evolução, como indivíduo e como espécie, dependente mas também manipulando os vários condicionalismos biológicos e culturais. O problema da "inter-subjectividade" de "sujeito na sociedade", actor e alienado, "programado" e livre, com uma dimensão sexual, sagrada e profana; membro de grupos como a família e a nação.

10. Axiologia educacional. Teleologia, valores, sagrado, relativismo, pluralismo, perfil ético do professor.

Valores "absolutos" e "relativos". Identidade e relativismo. A tolerância, convivência e cooperação. "O que vale a pena". O "grupo perfeito" e os problemas do doutrinamento, da autoridade, do poder da ordem e originalidade, da disciplina e indisciplina, da educação religiosa, da igualdade; dos fundamentos da avaliação e da noção de sucesso e insucesso; desenvolvimento, autonomia. Formação Pessoal e Social...

Referências Bibliográficas:

- VIAL, J. e MIALARET, G. (1986). *Histoire Mondiale de l'éducation*. Paris: PUF. Trad. Port. RES Editores.
- ALTAREJOS et Al. (1989). *Filosofía de la Educación Hoy, Conceptos, autores, temas*. Madrid: Dikinson.
- DIAS, J. R. (1993). Filosofia da Educação. Pressupostos, funções, método, estatuto. in *Revista Portuguesa de Filosofia*. 49. pp.3-28.

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino do Departamento de Ciências Básicas da Educação/Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho – Anos lectivos: 1996-1997 a 2001-2002. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

Durante o percurso da sua actividade filosófico-educacional, Alte da Veiga dedicou parte do seu trabalho ao balanceamento sobre o estado da Filosofia da Educação em Portugal. Nesse sentido, em Janeiro de 2007 escreveu, em co-autoria com Alberto Filipe Araújo, o texto intitulado *Diálogos em torno da Filosofia da Educação em Portugal – balanços e perspectivas*, presente na obra *Investigação em Educação*, organizada por Albano Estrela, onde os autores começaram por delatar a inexistência de um estudo sistemático sobre a História da Filosofia da Educação em Portugal.

A actividade filosófica no nosso país sobre a questão educacional já merece um estudo sistemático (Veiga e Araújo, 2007: 69).

A comunhão de perspectiva sobre o entendimento da essência e do sentido da disciplina de Filosofia da Educação foi um factor propício à proximidade intelectual acontecida entre Alte da Veiga e Alberto Araújo.

Passando ao percurso académico de Manuel Gonçalves Barbosa, começado com a realização, entre 1978 e 1983, da licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, a sua chegada à Universidade do Minho, acontecida no ano lectivo 1983-1984, ficou marcada pelo facto de nela ter ingressado, simultaneamente, como docente e como doutorando.

Em 1988 realizou Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em Filosofia da Educação, em 1996 concluiu o doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação, com a apresentação da tese intitulada *Antropologia complexa do sistema educativo* e, desde então, complementou a sua actividade docente com a publicação de obras de destaque no campo de produção cultural da Filosofia da Educação¹⁰¹ e assumiu vários cargos institucionais¹⁰².

Acerca do seu contributo para o campo da Filosofia da Educação, Manuel Barbosa revelou-se, acima de tudo, um epistemólogo das Ciências da Educação, um estudioso da antropologia filosófico-educativa e da deontologia docente correspondente às necessidades pedagógicas do seu tempo. Por estas razões, atentou sobre a questão da complexidade da relação entre teoria e prática educativa no cenário educacional.

Analista ocorrente das correntes contemporâneas de epistemologia da prática educativa, nomeadamente das de Hadji, Meirieu, Perrenoud, Carr e Schon, balanceou a possibilidade de manutenção da concepção de relacionamento entre teoria e prática, institucionalizada sob os auspícios do paradigma positivista e cientista que estimulou a busca apaixonada pelas certezas em educação.

¹⁰¹ As obras mais relevantes de Manuel Gonçalves Barbosa no campo da Filosofia da Educação são: BARBOSA, M. G. (1997). *Antropologia complexa do processo educativo*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho; BARBOSA, M. G. (1999). *Olhares sobre a educação, autonomia e cidadania*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho; BARBOSA, M. G. (2000). *Antropologia e pedagogia em Freud – contribuição para o estudo da concepção freudiana de educação*. Braga: Edições APPACDM de Braga; BARBOSA, M. G. (2001). *Educação do cidadão: recontextualização e redefinição*. Braga: Edições APPACDM de Braga; BARBOSA, M. G. (2006). *Educação e cidadania: renovação da pedagogia*. Braga: Edições Labirinto.

¹⁰² Durante a sua extensa actividade lectiva e pedagógica na Universidade do Minho, Manuel Barbosa assumiu os cargos de Director do Departamento de Pedagogia, de membro do Conselho do Instituto de Educação e Psicologia e de membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico do Instituto de Educação e Psicologia.

Admitindo que a teoria deveria ser utilizada como mero auxiliar da tomada de decisões e deliberações da prática, constatou que esta inovadora perspectiva de relacionamento entre prática e teoria teria que promover um conjunto de novos desafios ao educador.

Agora o educador já não pode ser o dócil executor das estratégias elaboradas pelos teóricos da educação. Pelo contrário, é chamado a ser autor das estratégias que deve seguir na prática, especialmente quando essa prática se desenvolve em cenários de incerteza (Barbosa, 1997a: 123).

Convicto de que a educação é uma gestão do complexo, Manuel Barbosa apontou novos caminhos para a prática docente imbuídos de ideais capazes de reforçar a iniciativa e o protagonismo do educador no seu desempenho educativo.

A filósofa Laura Ferreira dos Santos, licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga, realizou a sua tese de doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação na Universidade do Minho, sob a orientação de Ribeiro Dias.

A tese, defendida em 1996, intitulada *Pensar o desejo a partir de Freud, Girard e Deleuze*, teve por sustentação filosófico-educacional o pensamento de Olivier Reboul e de Octavi Fullat, apesar de, como a própria autora reconhece, não se tratar de uma obra dedicada a considerações epistemológicas em torno do estatuto da Filosofia da Educação. Acrescente-se que, numa outra obra de Laura Ferreira dos Santos, de 1993, intitulada *Educação e Cultura em Nietzsche: análise da primeira fase do seu pensamento*, a autora trata mais minuciosamente a questão educacional¹⁰³.

Dividida, durante algum tempo, entre as questões filosófico-educativas e algumas questões relacionadas com a liberdade e dignidade da vida e da morte, o campo da Filosofia da Educação acabou por não ser aquele em o seu pensamento mais se evidenciou.

No âmbito da investigação realizada na Universidade do Minho no campo da Filosofia da Educação, insere-se a tese de doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação, apresentada em 1995 por José Casulo, dedicada ao tema *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*¹⁰⁴.

¹⁰³ A obra de Laura Ferreira dos Santos *Educação e Cultura em Nietzsche: análise da primeira fase do seu pensamento*, publicada em 1993 pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, foi decorrente do trabalho de síntese para prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentado pela filósofa à Universidade do Minho em 1987.

¹⁰⁴ Além do estudo filosófico-educacional dedicado à obra de Teixeira de Pascoaes, José Casulo publicou, em 1999, na *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano.33-nº1, um estudo, do mesmo âmbito, outorgado em co-autoria

Sob a orientação de José Ribeiro Dias e co-orientação de Manuel Ferreira Patrício, José Casulo pretendeu, com este seu estudo, evidenciar a existência de uma razão de cariz filosófico-educacional na concepção de educação portuguesa presente na obra de Teixeira de Pascoaes. No propósito de viabilizar tal demonstração, Casulo analisou os fundamentos filosóficos das concepções educacionais, presentes nos escritos de Pascoaes, sob a perspectiva gnoseológica, ontológica, antropológica, teológica e luso-ontológica, por forma a explicar, pela via de uma hermenêutica laboriosa, a profundidade do pensamento filosófico-pedagógico de um dos autores maiores da *Renascença Portuguesa*.

Ao reflectir sobre a relação Pedagogia/Ciências da Educação/Filosofia da Educação, José Casulo começou por afirmar que as Ciências da Educação não são a Pedagogia para, seguidamente constatar que, na medida em que a Pedagogia se constituiu como corpo de pensamento sobre a educação, o pensamento pedagógico sempre se verificou bastante ligado à Filosofia. A partir de então, o filósofo apontou duas grandes dimensões do pensamento sobre a educação: a científica e a pedagógico-filosófica.

Assim sendo, José Casulo advogou que a História do pensamento científico sobre a educação só poderia ser realizada por cada um dos diferentes especialistas que, numa determinada perspectiva científica, estudem a educação.

Diferentemente, a definição do fio de Ariana e do traço unificador do pensamento científico-educacional só poderia ser desenhado pelo “especialista” posicionado de modo a fornecer uma visão holística e sistematizada das grandes conclusões da globalidade do conhecimento científico-educacional. Sendo essa, por inerência, a posição de que a Epistemologia das Ciências da Educação é detentora, e considerando a Epistemologia das Ciências da Educação uma dimensão da Filosofia da Educação, será, então, competência privilegiada da Filosofia da Educação a construção de uma “visão integrada e superior” do pensamento científico sobre a educação (Casulo, 1996: 240-241).

Por outro lado, importa também referir que, além das questões epistemológicas, a reflexão de José Casulo sobre a Filosofia da Educação se revela acentuadamente marcada pelo trilho dos fundamentos pessoalistas.

Um facto revelador do propósito de José Casulo se ocupar e preocupar com a investigação dos fundamentos pessoalistas da Filosofia da Educação portuguesa, foram os

com Fernando Santos Lopes, intitulado *Textos Pedagógicos de António Sérgio em A Vida Portuguesa*.

trabalhos de mestrado¹⁰⁵ e doutoramento¹⁰⁶ realizados por Artur Manso sob a sua orientação.

A propósito de teses de doutoramento realizadas na Universidade do Minho, Alberto Filipe Araújo, tratando-se do primeiro doutorado por esta Universidade em Educação na especialidade de Filosofia da Educação com a apresentação, em 1984, da tese intitulada *O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros*, dedicou especial atenção à questão filosófico-educacional, integrou o grupo docente dos filósofos da educação desta Instituição e foi orientador de uma tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação¹⁰⁷.

Frequentador devoto dos autores do *Círculo de Eranos* (Ascona – Suíça) e, muito particularmente, dos autores ligados à obra de Gilbert Durand, tais como Jean-Jacques Wunenburger, Jean-Pierre Sironneau, Joel Thomas, Philippe Walter e Yves Durand, Bruno Duborgel, Alberto Filipe Araújo, no respeitante à reflexão filosófico-educacional nacional, partilhou com Manuel Alte da Veiga perspectivas relevantes sobre a história do campo disciplinar da Filosofia da Educação portuguesa.

No texto de 2007, intitulado *Diálogos em Torno da Filosofia da Educação em Portugal – Balanços e Perspectivas*, escrito por ambos os filósofos, a disciplina de Filosofia da Educação foi apresentada como campo que deve conjugar três grandes domínios de análise: a) a crítica sobre os resultados da educação (no momento, na história, na previsão); b) a reflexão sobre as implicações das metodologias de educação (humanismo, eficácia, alcance formativo); c) a determinação dos valores dignos (teorias éticas, antropológicas e de utopia).

...a Filosofia da Educação não poderá dispensar a dimensão 'antropoagógica' (note-se bem o inciso 'eu'): a reflexão, a crítica e a prospecção sobre o resultado, os meios e as finalidades da educação. O que será o melhor homem possível (individual e colectivo) e como realizá-lo será o grande objectivo da Filosofia da Educação (Veiga e Araújo, 2007: 79).

De acordo com estes dois filósofos da Universidade do Minho, a Filosofia da Educação

¹⁰⁵ A tese de mestrado em Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizada por Artur Manso sob a orientação de José Casulo foi: MANSO, A. (1998). *Agostinho da Silva: introdução ao estudo da evolução da sua vida, obra e pensamento*. Braga: Universidade do Minho.

¹⁰⁶ A tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizada por Artur Manso sob a orientação de José Casulo foi: MANSO, A. (2006). *Filosofia educacional na obra de Agostinho da Silva*. Braga: Universidade do Minho.

¹⁰⁷ A tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizada sob a orientação do Professor Alberto Filipe Araújo foi: ARAÚJO, J. M. (2001). *Utopia e Educação. Para uma reinterpretação da utopia de Tomás Moro*. Braga: Universidade do Minho.

não se edifica sobre uma base de sistematização filosófica incondicional e, nessa medida, poderia atingir com mais eficácia o seu papel de libertadora crítica das capacidades de reflexão sobre a vida como processo educativo, caso se dirigisse a um público docente conscientemente heterogéneo e não a uma comunidade exclusiva de indivíduos detentores de formação filosófica. Nesse sentido, a presença disciplinar da Filosofia da Educação no Instituto de Educação e Psicologia e no campo disciplinar das Ciências da Educação era, para estes, a instância mais propícia à proliferação da disciplina.

Seria mais congruente e produtiva, se os seus cursos (nomeadamente de pós-graduação ou em acções de formação isoladas) incluíssem professores em exercício, desde educadores de infância até ao nível superior, e qualquer pessoa suficientemente habilitada para este nível de reflexão, que desejasse aproveitar a sua experiência a vários níveis para enriquecer, a si e aos outros, este 'tempo e templo de reflexão'. As sessões adquiririam toda a riqueza própria do grupo perfeito, promovendo facilmente novas perspectivas (Veiga e Araújo, 2007: 91).

Valorizando o ecletismo existente no campo de produção cultural da Filosofia da Educação, os autores constataram que os filósofos da educação portugueses realizaram a sua actividade abordando, de modos diversos, uma causa que lhes era comum, susceptível de ser tripartida nas seguintes áreas: a) a detecção, entre as ideias e sistemas educativos, da influência, semelhança ou demarcação relativamente a grandes correntes ou pensadores estudados na História da Filosofia; b) a fundamentação epistemológica; c) a análise da problemática subjacente ou consequente a situações concretas do processo educativo (2007).

Sob o ideário da compreensão do *modus operandi* dos filósofos da educação portugueses, o trabalho de Alte da Veiga e de Alberto Filipe Araújo terá sido, em boa parte, o corolário da intensa pesquisa efectuada na Universidade do Minho sobre o contributo de algumas das mais proeminentes figuras do pensamento filosófico e pedagógico nacional para a consolidação do campo filosófico-educacional.

No caso específico da disciplina de História e Filosofia da Educação, regida quase sempre por Alte da Veiga, o programa curricular reflecte, não só o registo da presença de fundamentos pessoalistas e estéticos, ao tratar a questão do ideal do perfil docente, como reflecte também a instância de fundamentos teológicos ao abordar o contributo da Igreja Católica na realização do processo educativo ao longo dos diferentes períodos da História.

No ano lectivo 2002-2003, encontrando-se a disciplina de História e Filosofia da Educação

sob a responsabilidade de Armando Rui Guimarães, o programa sofreu algumas alterações. Porém, a partir do ano seguinte, a responsabilidade da disciplina voltou a ser assumida por Manuel Alte da Veiga que manteve até 2004-2005 o programa disciplinar vigente a partir de 2002-2003.

Programa 16

UNIVERSIDADE DO MINHO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA

Licenciatura em Ensino

Disciplina: **História e Filosofia da Educação** (disciplina anual)
Docentes Responsáveis: Armando **Rui Guimarães** / **Manuel Alte da Veiga**
Anos lectivos: 2002-2003 a 2004-2005

Programa Disciplinar

1º Semestre

- 1.** Problemas actuais da educação. As "Ciências da Educação". A educação comparada (focando a UE).
- 2.** A LBSE e as licenciaturas em ensino. "O tempo dos Professores" (Nóvoa).
- 3.** O "Homem educado" ao longo dos tempos. Os grandes conflitos e questões educacionais que ainda influem ou continuam presentes na actualidade.
 - 3.1.** Função e importância actual do mito, rito, areté e do ideal das civilizações da Antiguidade e das grandes religiões (Judaísmo, Hinduísmo, Budismo).
 - 3.2.** O mundo greco-romano. *Paideia* e Cristianismo. A Alta Idade Média – o papel dos mosteiros e das escolas cristãs. Franciscanos e Dominicanos. A "Escolástica". Desenvolvimento urbano e a criação e expansão das Universidades. O movimento educacional na Península Ibérica e em Portugal.
 - 3.3.** Época renascentista: a educação sem escola, a educação fora da escola e a educação pela escola. A evolução da leitura e da escrita e o progresso da alfabetização. Reforma e Contra-reforma. A criação dos colégios. A "*ratio studiorum*". Jesuítas e Oratorianos. Instituições e pedagogos portugueses.
 - 3.4.** Iluminismo e Liberalismo. A emergência dos sistemas de educação pública num contexto de estatização e unicidade. Situação em Portugal.
 - 3.5.** Reflexão sobre alguns autores mais representativos de cada época.
- 4.** A "Escola Nova". Pressupostos filosóficos, psicológicos e sociológicos. A Instituição escolar como centro dos sistemas e processos educacionais na Idade Contemporânea. A formação e a profissionalização de professores. As novas metas educativas e problemas em aberto. O ambiente cultural da "Escola Nova". Influências da Filosofia, Psicologia e Sociologia. A Instituição escolar como base dos sistemas educativos num contexto liberal. A formação e profissionalização dos professores. Surgimento e afirmação de novas práticas educacionais. Da escola de classes à escola única. Da escola selectiva à escola de massas. A formação profissional. As reformas educativas. O caso português da afirmação do Liberalismo à queda do Estado Novo. As novas metas educativas – educação de adultos, educação permanente, educação comunitária e educação prospectiva. Reflexão sobre alguns autores mais representativos. Nova reflexão sobre os problemas mais prementes na educação de hoje.

2º Semestre: Filosofia da Educação

- 1.** A Filosofia da Educação como aprofundamento e discussão crítica sobre as grandes questões educacionais dos nossos dias. Como reflexão do professor/educador sobre a sua própria actividade, o que implica reflexão sobre a finalidade da pessoa humana e sobre o que esta "deve ser". O tema do valor é obviamente central e será aprofundado à medida em que for problematizado nas diferentes situações educacionais.

2. Antropologia Educacional. Natureza, Cultura, Inter-subjectividade, Antropogénese e Antropagogia. A dimensão própria do ser humano (como dizem alguns pensadores: "entre o animal e o divino"). Estamos em contínua evolução, como indivíduo e como espécie, dependentes mas também manipulando os vários condicionalismos biológicos e culturais. Mas o ser humano não se faz sozinho: é um ser em comunicação, e como tal procura fundamentar a sua "inter-subjectividade". Entre os vários temas que se podem abordar, podemos dar o exemplo da complexidade do ser "sujeito na sociedade", actor e alienado, "programado" e livre, com uma dimensão sagrada profana, sexual (o tema do feminismo adquire a este nível os seus fundamentos), membro de grupos como a família e a nação (que remete para a ideia de Estado); podemos ainda falar da crise do Humanismo e do que significa "Homem" "autêntico".

3. Axiologia Educacional, Teleologia, valores, Sagrado, Relativismo, Pluralismo, Perfil ético do professor. Ao longo de todos os tempos, confrontaram-se as concepções de valores absolutos e relativos. A identidade de cada qual depende muito mais de valores "absolutiza" e "relativiza". A tolerância, a convivência e a cooperação também dependem desta reflexão de cada qual, com espírito de independência e rigor, sobre "o que vale a pena". O educador influencia sempre o educando: tem que ter muito cuidado para não o "fechar" em preconceitos ou em "verdades inquestionáveis". Por isso temos que reflectir, em "grupo perfeito", sobre o que se deve entender por "valor" (sempre sem a pretensão de total clareza, mas procurando honestamente a "verdade"), e como conciliar as ideias de absoluto/relativo/pluralismo/identidade. Ao agir como educador, este enfrentará os problemas do doutrinamento, da deontologia, da autoridade, do poder, da ordem e originalidade, da disciplina e indisciplina, da educação religiosa, da igualdade, dos fundamentos da avaliação e da noção de sucesso e insucesso, desenvolvimento, autonomia, Formação Pessoal e Social... temas sempre recorrentes e sempre diferentes para cada geração e espaço cultural. Há um leque de problemas virtualmente interminável, e cada pessoa é "um problema" e um mistério, jamais abrangível por classificações, por muito sofisticadas que sejam.

Referências Bibliográficas:

- VIAL, J. e MIALARET, G. (1986). *Histoire Mondiale de l'éducation*. Paris: PUF. Trad. Port. RES Editores.
- ALTAREJOS et Al. (1989). *Filosofía de la Educación Hoy, Conceptos, autores, temas*. Madrid: Dikinson.
- DIAS, J.R. (1993). Filosofia da Educação. Pressupostos, funções, método, estatuto. in *Revista Portuguesa de Filosofia*. 49. pp. 3-28.

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino do Departamento de Ciências Básicas da Educação/Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho– Anos lectivos: 2002-2003 a 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

O delegar da regência disciplinar de História e Filosofia da Educação a Armando Rui Guimarães, licenciado em Filosofia, mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea e Doutor em Educação na especialidade de Filosofia da Educação, pela Universidade do Minho propiciou, de certa forma, a imbução de algum carisma de fundamentação estética ao programa da disciplina.

A perspectiva filosófico-educacional de Armando Rui Guimarães, à semelhança da de Alberto Filipe Araújo, revela-se tendencialmente inscrita na tradição do *Círculo de Eranos* e, nessa medida, propõe pensar os temas educacionais a partir da perspectiva da Filosofia do imaginário educacional cuja preocupação é a de "ênfatisar a dimensão mítico-simbólica" das ideias educativas mais emblemáticas da tradição educativa ocidental (Araújo e Guimarães,

2012: 242).

Privilegiando a fundamentação estética sem, no entanto, descurar os fundamentos teológicos e personalistas, a Filosofia do imaginário educacional poderá ser perspectivada como sendo uma vertente diferenciadora e interessante da Filosofia da Educação, realizada por alguns dos filósofos da educação da Universidade do Minho.

Passando a tratar o contributo de Maria Clara Costa Oliveira, a filósofa iniciou o seu curso de licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e concluiu-o na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga. Nesta última Instituição, consolidou os seus conhecimentos filosóficos pela realização do curso de mestrado em Epistemologia e Filosofia do Conhecimento. A sua imersão no grupo de filósofos da Universidade do Minho foi propiciada pelo ingresso no curso de doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação, que viria a concluir em 1997, com a apresentação da tese *A Educação como Processo Auto-Organizativo*, realizada sob a orientação de José Ribeiro Dias.

O trabalho de doutoramento de Clara Oliveira foi classificado, pela própria autora, como sendo atípico à produção filosófico-educacional nacional, atendendo a que se insere numa perspectiva filosófica anglo-americana, pós wittgensteiniana, de pendor analítico da linguagem filosófica. Apostada em “investigar a possibilidade de demonstrar que os fenómenos educativos podem ser considerados processos auto-organizativos”, a filósofa pretendeu prestar contributo à “fundamentação teórica da área da educação permanente e da área da educação comunitária” que, por sua vez, se circunscrevem no campo de produção cultural da Filosofia da Educação (1999: 22-23).

Atendendo à dimensão analítica do seu trabalho, a sua actividade docente verificou-se dividida entre o campo da Filosofia da Educação e o campo da Educação para a Saúde tendo, nos últimos anos, e também devido à ocupação do cargo de coordenadora do curso de mestrado de Educação para a Saúde, pendido tendencialmente para este último campo.

Contudo, apesar de Maria Clara Oliveira ter leccionado a disciplina de História e Filosofia da Educação aos cursos de licenciatura em Ensino, desde o ano lectivo 1996-1997, somente no ano académico 2004-2005 é que ascendeu a docente responsável pela leccionação da disciplina de Filosofia da Educação no âmbito do curso de licenciatura em Educação e, nessa sequência, o programa disciplinar sofreu alterações.

Programa 17

UNIVERSIDADE DO MINHO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA
Licenciatura em Ensino
Disciplina: **Filosofia da Educação** (disciplina semestral)
Docente Responsável: **Maria Clara Oliveira**
Anos lectivos: 2004-2005

Programa Disciplinar

1. A crítica filosófica e a sua dimensão educativa: Sócrates.
2. O que é o ser humano? Abordagem sensibilizadora a partir de *O Príncipezinho* de A. Saint Exupéry.
3. Inteligência e Educação
 - 3.1. A inteligência emocional (Goldman e Damásio)
 - 3.2. As inteligências múltiplas (Gardner)
4. Epistemologia e Educação
 - 4.1. O empirismo.
 - 4.2. O Racionalismo
 - 4.3. O construtivismo
 - 4.4. O holismo
5. Teorias e modelos éticos em Educação
 - 5.1. Teorias e modelos éticos em Educação
 - 5.2. Ética e Moral
 - 5.3. Éticas de tipo transcendental (Platão, Kant, McIntyre)
 - 5.3. Éticas de tipo orgânico (Menu, Juiz, Varela)
6. A dimensão religiosa do ser humano
 - 6.1. Credos e práticas de algumas religiões (hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo, islamismo)
 - 6.2. Unidades e diferenças entre cristãos (católicos-ortodoxos, romanos, anglicanos, protestantes-luteranos, evangélicos-metodistas, baptistas)
7. O que é o ser humano? Abordagem integradora de pontos programáticos anteriores.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá nas épocas de exame estipuladas pelos órgãos de gestão da Universidade do Minho. O formato do exame será o comentário de um texto em duas perguntas, sendo cada uma delas cotada para 10 valores.

Referências Bibliográficas:

- AA. VV. (Ed. MORGAN, Peggy Nd LAWTON, Clive) (1996). *Metical Issues in Six Religious Traditions*.: Edimburgh: Edimburgh University Press.
- OLIVEIRA, M^a Clara (1999). Linguagens na Comunicação Humana. In *Sonhar* Vol.V. pp.2-3.
- OLIVEIRA, M^a Clara (1999). *A Educação como processo Auto-Organizativo: fundamentos teóricos para a fundamentação de uma Educação Permanente e Comunitária*. Lisboa: Edições Piaget.
- OLIVEIRA, M^a Clara (2000). Auto-organização e Tauísmo-budismo. In VEIGA, M. A. e MAGALHÃES, J. (Orgs). *Prof. Dr. José Ribeiro Dias. Homenagem*. Instituto de Educação e Psicologia. Braga: Universidade do Minho.

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Educação do Departamento de Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho – Ano lectivo: 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

Por sua vez, Artur Manso iniciou a sua dedicação aos estudos filosóficos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde, em 1994, concluiu a licenciatura em Filosofia para,

seguidamente, frequentar o curso de mestrado em Educação na especialidade de Filosofia da Educação na Universidade do Minho, concluído em 1998, com a defesa da dissertação *Agostinho da Silva: introdução ao estudo da evolução da sua vida, obra e pensamento*, redigida sob a orientação de José Casulo.

Permanecendo sob a orientação de José Casulo e fiel à devoção ao estudo de Agostinho da Silva, em 2006, apresentou a sua tese de doutoramento em Educação, na especialidade de Filosofia da Educação, subordinada ao tema *Filosofia educacional na obra de Agostinho da Silva*.

Professor da disciplina de História e Filosofia da Educação, leccionada aos cursos de licenciatura em Ensino da Universidade do Minho, desde 1998, Artur Manso desenvolveu a sua investigação, no âmbito do Departamento de Pedagogia do Instituto de Educação e Psicologia, nas áreas da ética e estética da educação e do pensamento pedagógico-filosófico português do século XX¹⁰⁸. Apesar do seu principal tema de especialidade ser a Filosofia da Educação de Agostinho da Silva¹⁰⁹, Artur Manso redigiu um conjunto de textos relevantes sobre algumas das figuras de referência do contexto filosófico e pedagógico nacional, nomeadamente: Manuel Laranjeira, Jaime Cortesão, Orlando Vitorino, Amorim de Carvalho, José Marinho e Ferreira Deusado.

No decurso do trabalho realizado por José Casulo, a produção filosófico-educacional realizada por Artur Manso evidencia uma base de fundamentação pessoalista na abordagem que faz ao contributo de diferentes racionalidades para a edificação de uma Filosofia da Educação nacional. Em certa medida, será até viável afirmar que os referidos fundamentos pessoalistas acompanham toda a história do pensamento filosófico-educacional dos filósofos que, na Universidade do Minho, se formaram e que aqui leccionaram disciplinas afins à Filosofia da Educação.

Acerca da integração de Maria Conceição Pinto Antunes no grupo de Filósofos da Educação da Universidade do Minho, importa referir que a filósofa realizou a licenciatura em Filosofia e o curso de mestrado em Epistemologia e Filosofia do Conhecimento na Faculdade

¹⁰⁸ Artur Manso, publicou, em 2008, a obra *Para uma educação estética*, dedicada à consideração conjunta da educação estética e da educação artística, que, foram, por ele, consideradas como forma de desenvolvimento da sensibilidade humana capazes de auxiliar a formação de cidadãos completos e íntegros.

¹⁰⁹ Artur Manso, publicou duas obras alusivas ao pensamento filosófico-educacional de Agostinho da Silva, nomeadamente, em 2000, publicou *Agostinho da Silva – aspectos da sua vida, obra e pensamento* e, em 2005, publicou *Agostinho da Silva 1906-1994*.

de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga e concluiu, em 1999, o doutoramento em Educação na especialidade em Filosofia da Educação na Universidade do Minho, sob a orientação de Manuel Sumares e Ribeiro Dias, tendo apresentado a tese intitulada *Teoria e Prática Pedagógica: ruptura e ensaios de recontextualização da educação à luz do projecto rortyano da cultura poetizada*.

No campo da Filosofia da Educação, a preocupação maior de Maria Conceição Antunes prende-se com a análise das concepções teóricas e práticas sobre a educação. A este respeito, Maria Conceição Antunes, ao reflectir sobre a distância existente entre o modo como pensamos a educação e a forma como vivemos a experiência educativa, é levada a constatar que essa mesma distância tem sido instituída pela própria concepção de educação escolar vigente desde o movimento das luzes. Ao abordar o pensamento de pedagogos como Freinet, Dewey, Paulo Freire e Olivier Reboul, concluiu que estes também tiveram por intuito concretizar a superação dessa distância. No entanto, foi ao recorrer aos ensinamentos de Richard Rorty, pensador que concebeu um contexto de cultura recontextualizada/poetizada capaz de promover o ambiente cultural propício à fecundidade de uma racionalidade mais abrangente e à aproximação das concepções teóricas às práticas educativas, que se viabilizou a sua concepção de educação permanente e comunitária enquanto princípio referente e unificador do sistema educativo (Antunes, 2001).

Tendo sido, entre os anos lectivos de 1999-2000 e 2003-2004, a docente responsável pela disciplina de Filosofia da Educação leccionada no âmbito disciplinar dos cursos de licenciatura em Ensino, Maria Conceição Antunes, assumiu o campo disciplinar da Filosofia da Educação como sendo uma importante área na esfera da sua actividade docente que, no entanto, foi complementada com a temática da Educação de Adultos. A propósito da atenção dedicada por Maria Conceição Antunes à questão educativa, a filósofa publicou, em 2008, a obra *Educação, Saúde e Desenvolvimento* e coordenou a obra *Educação de Adultos e Intervenção Intercomunitária* publicada em 2007.

Programa 18

UNIVERSIDADE DO MINHO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO: PEDAGOGIA

Licenciatura em Ensino

Disciplina: **História e Filosofia da Educação** (disciplina semestral)

Docente Responsável: **Maria Conceição Antunes**

Anos lectivos: 1999-2000 a 2003-2004

Programa Disciplinar

1. Introdução: o que fazemos?

Filosofia da Educação: Objecto; método; objectivo; estatuto

2. Epistemologia e Gnose: que sabemos?

- Ciência ou Ciências da Educação/Filosofia da Educação/Sabedoria

- Concepções de sabedoria

A Pedagogia dos primitivos: Mitos e Ritos

A Pedagogia dos grandes espaços culturais do 1º milénio A.C.: Filosofia

A Pedagogia da religião: Revelação

- Dimensões da Sabedoria em Educação

3. Antropologia e Antropogenética: que(m) somos?

- Natureza e instâncias do eu

- O Ser Humano: um ser em auto-formação

- Domínio Privado: o desejo de auto-criação e emancipação

- Domínio Público: os outros eus e o universo intersubjectivo: participação, partilha, solidariedade

4. Teleologia e Axiologia: que(m) procuramos?

- Alternativas da realização do ser humano: Inteligência Racional e Inteligência Emocional

- Os valores: ter; poder; saber; ser

- Auto-realização pessoal: auto-crescimento e solidariedade

5. Conclusão: Sabedoria em Educação e Pedagogia.

Referências Bibliográficas:

- DIAS, J. R. E ARAÚJO, A. (Org.) (1998). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas. Actas do I Encontro de Filosofia da Educação*. Braga: IPEP/CEE.

- HOUSSAYE, J. (Dir.) (1999). *Éducation et Philosophie. Approches contemporaines*. Paris: ESF Éditeur.

- REBOUL, O. (1992). *Les valeurs de l'éducation*. Paris: PUF.

Fonte: *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Educação do Departamento de Pedagogia do Instituto de Educação e Pedagogia da Universidade do Minho – Anos lectivos: 1999-2000 a 2003-2004. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.

No respeitante ao percurso académico de Custódia Alexandra Almeida Martins, a sua formação filosófica foi iniciada com a frequência da licenciatura em Filosofia – Ramo Educacional, concluída em 1995, seguida do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialidade em Formação Pessoal e Social, terminado no ano 2000, ambos realizados na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Posteriormente, dedicou-se à pesquisa e redacção da sua tese de doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação na Universidade do Minho. Sob a orientação de José Casulo, Custódia Martins outorgou a tese intitulada *A pedagogia de Jean-*

Jacques Rousseau: Práxis, Teoria e Fundamentos. Debruçada sobre a análise da teoria pedagógica deste filósofo, o principal intuito do estudo prendia-se com o propósito de fundamentação do paradigma antropagógico rousseauareano no campo filosófico educacional.

Ingressando no grupo docente dos filósofos da educação da Universidade do Minho, no ano lectivo 2000-2001, pela docência da disciplina de Filosofia da Educação leccionada aos alunos da licenciatura em Ensino e pela leccionação da disciplina de História e Filosofia da Educação aos cursos de licenciatura em Educação, Custódia Martins assumiu o campo disciplinar da Filosofia da Educação como seu.

8. Filosofia da Educação Epistemológica e Antropológica da Universidade do Porto

A Universidade do Porto, durante o século XX, viveu duplamente o momento da sua criação. Tratando-se de uma Instituição fundada, extinta e refundada, equacionar as influências legadas pela pioneira à sucessora não poderá ser tarefa fácil.

Foi na primeira Faculdade de Letras do Porto que se formou uma ínclita geração de filósofos, liderada por Leonardo Coimbra, cuja extensão de reflexão à questão educacional, propiciou condições apriorísticas, privilegiadas, ao alvorecer do campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal.

No seguimento da tradição filosófica que acompanhou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em todos os momentos da sua História, a partir da década de oitenta do século passado começaram a reunir-se, nesta Instituição, um conjunto de esforços no sentido de difundir o conhecimento do campo filosófico-educativo.

Do início da leccionação da disciplina à institucionalização de cursos de mestrado e de doutoramento na especialidade e à criação do Gabinete de Filosofia da Educação, foi árduo o trabalho desenvolvido pelo grupo de filósofos da educação desta Faculdade que, tendo por autoridade maior Adalberto Dias de Carvalho, acabou por converter-se numa das mais importantes Escola de Filosofia da Educação de Portugal.

8.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade do Porto

A centenária Universidade do Porto, instituída pelo Decreto de 22 de Março de 1911, publicado no *Diário do Governo* nº 68 de 24 de Março de 1911, que estabeleceu no seu artigo 1º que: "No território da República, além da Universidade de Coimbra já existente, são criadas mais duas Universidades: uma com sede em Lisboa e outra no Porto", não se tratou de uma criação *ex-nihilo*. Diferentemente, tratou-se da consolidação do processo de transformação das Escolas Superiores que a precederam, mormente a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica, a Academia Real da Marinha e do Comércio e a Escola de Cirurgia.

No entanto, apesar da vertente tendencialmente pragmática característica das predecessoras Escolas Superiores portuenses, é viável afirmar a presença efectiva da Filosofia no currículo dos estudos da Academia Real da Marinha e do Comércio, cujos *Estatutos* foram promulgados pelo *Alvará Régio* de 29 de Julho de 1803, atendendo a que, do ponto de vista pedagógico, o ensino na Academia abarcava as Matemáticas, a Navegação, o Comércio, uma aula de Desenho, duas de língua inglesa e francesa, uma disciplina de Agricultura e um curso de Filosofia Racional e Moral.

Não obstante, a consolidação da presença da Filosofia nos estudos superiores desenvolvidos na cidade do Porto só se começou a delinear com a mudança de regime operada a 5 de Outubro de 1910, uma vez que a legislação da República no campo do ensino se revelou inovadora, quer na letra quer no espírito, no propósito de democratizar a cultura.

De acordo com essa intenção, a 16 de Julho de 1911 foi inaugurada a Universidade do Porto. Contudo, somente em 1915 foi proposta, pelo Ministro da Instrução Pública João Lopes Martins, a criação da Faculdade de Letras do Porto que, posteriormente, teve que aguardar mais quatro anos para assistir à sua instituição.¹¹⁰

Estabelecida pelo artigo 11º da Lei nº 861 de 27 de Agosto de 1919, a nova Faculdade de Letras começou a funcionar no ano lectivo 1919-1920, em boa parte graças ao esforço do filósofo Leonardo Coimbra que, à data, sobraçava a pasta da Instrução Pública e, *a posteriori*, passou a desempenhar funções como Director da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A intensa actividade filosófica, pedagógica e cívica de Leonardo Coimbra foi um marco importante no efémero período de funcionamento da Faculdade de Letras do Porto (1919-1931), na qual o filósofo foi Professor do grupo de Filosofia e pretendeu ordenar todo o saber em função desta.

A Faculdade de Letras do Porto, tendeu a ser e acabou por ser, no mais fecundo ensino que ministrou e pela mais irrefutável exemplaridade, uma Faculdade de Filosofia. Os diferentes cursos ou disciplinas que nela se cursavam ficaram-lhe subordinados. Isso pode ver-se mesmo na obra dos mestres, ainda quando dentro da Faculdade. Todos reconhecem, à maneira helénica ou

¹¹⁰ A criação da Faculdade de Letras do Porto surgiu como consequência de um conflito que ficou conhecido por *Questão Académica* ocorrido entre o Ministro da Instrução, Domingos Pereira, e a Universidade de Coimbra que, em termos legais, teve como desfecho, numa primeira instância, a extinção da Faculdade de Letras nessa Universidade e a sua instituição na Universidade do Porto.

medieval, a ordenação de todo o saber para a filosofia ou para a metafísica (Marinho, 2007: 406).

Apostado em demarcar o ensino ministrado na Faculdade de Letras do Porto da perspectiva conservadora e formal característica das suas congéneres, Leonardo Coimbra foi defensor de um ensino de liberdade e democracia na relação docente/discente, fundado na corrente metafísica por oposição aos ecos positivistas e racionalistas. Esse propósito, imbuído de ideais estruturalmente republicanos confrontou, em boa medida, o projecto de contra-reforma educativa embandeirado pelo novo regime. Nessa consonância, Leonardo acabou por ceder o cargo de direcção a Damião Peres que, desde cedo, desenvolveu esforços para atenuar a componente republicana da Faculdade e o seu íntimo elo com o movimento da *Renascença Portuguesa*.

Detentor de reflexões multímodas sobre a questão educativa, Leonardo Coimbra é susceptível de ser afirmado como alicerce pioneiro do movimento filosófico-educativo acontecido na Universidade portuense, na medida em que a sua Filosofia foi, iminentemente, uma filosofia da liberdade da qual decorreu um ideal de educação que fazia do cultivo da liberdade criadora o seu cerne, cujo desenvolvimento mais estruturado se encontra presente na tese intitulada *Problemas da Educação Nacional*. A educação, segundo Leonardo, deveria ser entendida como forma de cultivar as liberdades criadoras do homem, nas suas relações com os outros homens livres, sem que, de modo algum, essas liberdades pudessem ser substancializadas ou reificadas, sob pena de irremediável "cousismo" (Seabra: 1991).

Ao longo dos seus textos de vertente filosófico-educativa e no decurso das suas aulas leccionadas na Faculdade de Letras do Porto, Leonardo manteve um diálogo crítico e frutífero com pensadores como Bergson, Comte, Meyerson, Poincaré, Duhem, Boutroux, Évellin, Russell e Whitehead que marcou, indelevelmente, toda uma geração de alunos entre os quais se destacaram, no campo da Filosofia da Educação, Sant'Anna Dionísio, Álvaro Ribeiro, José Marinho, Delfim Santos e Agostinho da Silva.

Ainda assim, apesar da dedicação de Leonardo Coimbra à Faculdade de Letras do Porto, o funcionamento da Instituição, nestes seus primeiros anos de actividade, foram marcados por diversos percalços que, em 1923, tiveram como corolário a ameaça de extinção da Faculdade, por alegados motivos financeiros e pela sua supressão, em 1928, através da publicação do Decreto nº 15365, de 12 de Abril, assinado pelo Ministro Alfredo de

Magalhães.¹¹¹

A extinção da Faculdade de Letras, em 1928, deixou um grande vazio no campo das Humanidades na Universidade do Porto e, como tentativa de resposta a essa lacuna, em 1947, por iniciativa do Instituto de Alta Cultura e da Câmara Municipal do Porto, foi criado o Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, que visava consolidar-se como núcleo de estudos e ensino filosóficos.

No entanto, foi a simbiose na liderança da Câmara Municipal do Porto pelo Professor Catedrático da Faculdade de Medicina e humanista assumido Luís de Pina e do seu colega Amândio Tavares como Reitor da Universidade do Porto que, a partir de meados da década de 40, se viabilizou a campanha de restauração da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Insistindo na necessidade de ampliação orgânica da Universidade do Porto, o Reitor Amândio Tavares propôs ao Ministro da Educação Nacional, Fernando Pires de Lima, a criação da Faculdade de Economia e a reestruturação da Faculdade de Letras. Em 1953 a Faculdade de Economia foi criada. Mas, a reactivação da Faculdade de Letras teve que aguardar pela publicação do Decreto-lei nº 43864, de 17 de Agosto de 1961, para que, a partir do ano lectivo 1962-1963, os cursos de Filosofia, História e Ciências Pedagógicas integrassem a panóplia de oferta educativa dessa Universidade.

No que concerne à contextualização da Faculdade de Letras no âmbito da estrutura orgânica da Universidade do Porto, ela enquadrou-se perfeitamente numa imagem de Instituição de prossecução, ainda que mais respeitante aos cânones universitários visados pelo Estado Novo do que propriamente à herança da sua antecessora. Esse facto foi revelado pela atitude governamental de a considerar uma iniciativa nova pelo uso do termo “criação”, omitindo no seu diploma legal o papel da sua antecessora na mesma *praxis* académica, obrigando-a a um crescimento institucional faseado e sempre sujeito ao cumprimento integral da legislação universitária.

Foi neste contexto de desenvolvimento institucional/formal que, à semelhança do sucedido nas Faculdades suas congéneres, no ano lectivo de 1984-1985, sob a docência de Adalberto Dias de Carvalho, se deu o surgimento disciplinar da Filosofia da Educação na

¹¹¹ Embora a Faculdade de Letras da Universidade do Porto tenha encerrado o seu funcionamento em 1928, os alunos matriculados obtiveram autorização para concluir as suas licenciaturas e as aulas funcionaram até 31 de Julho de 1931, data da realização do último exame.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

8.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Porto

A análise da organização da estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integram o campo da Filosofia da Educação na Universidade do Porto orienta-nos, naturalmente, para a pessoa do filósofo Adalberto Dias de Carvalho, uma vez que se tratou do primeiro docente da disciplina de Filosofia da Educação leccionada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Licenciado em Filosofia e em Ciências Pedagógicas em 1973, doutorado em Filosofia em 1985 e agregado em Filosofia da Educação em 1995, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Adalberto Dias de Carvalho iniciou a sua actividade lectiva no campo disciplinar da Filosofia da Educação no ano lectivo 1984-1985 na Instituição supra referida.

Possuidor de uma formação filosófico-educativa enriquecida, tanto pela boa formação da Universidade portuense, como pela orientação de doutoramento a cargo de Joaquim Ferreira Gomes da Universidade de Coimbra, Adalberto Dias de Carvalho complementou o aprofundamento do seu conhecimento filosófico-educativo na passagem pela Universidade de Toulouse-Mirail.

Durante os anos lectivos 1981-1982 e 1982-1983, o filósofo desenvolveu a sua pesquisa no Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Toulouse-Mirail onde, a par da frequência e da obtenção do “Diploma de Estudos Aprofundados”, na respectiva especialidade, teve oportunidade de integrar dois grupos de pesquisa, um deles dedicado ao estudo dos “Indicadores de Personalização” e outro apostado em abordar exaustivamente a problemática da “Epistemologia das Ciências da Educação”. Foi nesse contexto institucional francófono que Adalberto teve o privilégio de trabalhar, directamente, com alguns dos vultos de maior destaque do cenário filosófico-educativo internacional, nomeadamente com Louis Not.

Na sua tese de doutoramento, Adalberto redigiu uma calorosa mensagem de agradecimento a Louis Not, na qual reconheceu a sua admiração intelectual pelo mestre e

agraciou as prodigiosas condições de trabalho que este lhe propiciou ao convidá-lo a integrar grupos de pesquisa compostos por investigadores como M. Bru, J. P. Laffont, M. C. Dauvisis, A. Hiphaine e N. Galou. (1984a).

Concluído o trabalho de pesquisa realizado na Universidade Toulouse-Mirail, Adalberto Dias de Carvalho retornou à Faculdade de Letras da Universidade do Porto apostado em fazer proliferar a leccionação disciplinar da Filosofia da Educação nesta Instituição.

Introduzida no cenário universitário portuense, na condição de disciplina anual optativa oferecida aos alunos do 4º ano do curso de licenciatura em Filosofia, a disciplina de Filosofia da Educação, sob o ministério de Adalberto Dias de Carvalho alcançou, desde logo, uma posição de destaque no contexto da Filosofia da Educação portuguesa.

Quadro 32

UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS – SECÇÃO DE FILOSOFIA Licenciatura em Filosofia Ano lectivo 1984-1985	
Plano de Estudos	
1º Ano	- Hermenêutica do Texto Filosófico - Epistemologia Geral - Filosofia do Conhecimento - Filosofia Antiga
2º Ano	- Lógica - Filosofia Medieval - Filosofia Social e Política
3º Ano	- Ontologia - Axiologia e Ética - Filosofia Moderna - Filosofia em Portugal
4º Ano	- Antropologia Filosófica - Filosofia Contemporânea - Estética
Disciplinas de Opção	- História das Doutrinas Políticas - Problemática e Tendências da Filosofia Contemporânea - Cultura Clássica - Filosofia da Educação

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano lectivo: 1984-1985. p. 105.

Nos dois anos lectivos seguintes, o plano de estudos do curso de licenciatura em Filosofia manteve-se inalterado. Contudo, a partir do ano lectivo 1987-1988, todos os cursos de

licenciatura leccionados na Faculdade de Letras da Universidade do Porto foram sujeitos a um processo de reestruturação curricular, com abertura a uma via profissionalizante que visava permitir o acesso a um leque de opções destinadas à obtenção de habilitação própria para o ingresso na docência do ensino oficial preparatório e secundário.

Como consequência directa do processo de reestruturação curricular, que visava implementar o Ramo de Formação Educacional nas Universidades Clássicas (Lisboa, Coimbra e Porto), a disciplina de Filosofia da Educação deixou de constar no plano de estudo do curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras do Porto a partir do ano lectivo 1887-1988.

Porém, a leccionação de conteúdos disciplinares do campo da Filosofia da Educação, aos alunos da licenciatura em Filosofia, manteve-se, ainda que inserida no conteúdo programático da disciplina de Introdução às Ciências da Educação, atendendo ao facto de, no ano lectivo 1989-1990, esta ter sido ministrada por Adalberto Dias de Carvalho que, em parceria com Fortunato Queirós, Margarida Louro Felgueiras e Amélia Lopes, assegurou a docência da disciplina que, embora sob outra nomenclatura, não descurou os temas, as metodologias e a bibliografia que, por inerência, são do domínio do campo disciplinar filosófico-educacional.

Por outra via, a actividade académica de Adalberto Dias de Carvalho verificou-se igualmente intensa, tanto no referente à consolidação da presença disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Letras do Porto como na estruturação do próprio campo filosófico, na medida em que, em 1986, este participou, activamente, na criação do Instituto de Filosofia, nesta Instituição, dando contributo ao reconhecimento desta unidade de investigação com actividade consolidada em múltiplos domínios filosóficos, incluindo o da Filosofia da Educação.

As iniciativas filosóficas, os projectos, as publicações, o envolvimento no ensino pós-graduado e as colaborações pluridisciplinares colocaram, paulatinamente, o Instituto de Filosofia numa posição de relevo no domínio da investigação científica, reconhecida a nível nacional e internacional¹¹².

Apesar do primeiro curso de mestrado em Filosofia, iniciado na Faculdade de Letras da

¹¹² No propósito de ilustrar o reconhecimento da posição destacada obtida pelo Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, basta mencionar que nos três exercícios de avaliação internacional, realizados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o Instituto foi classificado com excelente.

Universidade do Porto no ano lectivo 1986-1987, ter sido da área da Filosofia Medieval, a partir do ano lectivo seguinte a oferta começou a tornar-se mais abrangente, fazendo com que, regularmente, passassem a funcionar cursos de mestrado em Filosofia em diversas especialidades, incluindo a de Filosofia da Educação.

Na envolvimento do projecto de desenvolvimento do Instituto de Filosofia cuja criação, em 1986, foi iniciativa da então Secção de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1996, foi criado o Gabinete de Filosofia da Educação que, sob a direcção de Adalberto Dias de Carvalho, se assumiu como parte integrante do Instituto.

Tendo por intuito principal a promoção do estudo das temáticas filosóficas ligadas à Pedagogia e à Educação, dando especial atenção à fecundidade das possíveis interpretações nestes domínios, o Gabinete de Filosofia da Educação, ao estruturar o desenvolvimento de actividades de investigação assegurou, desde sempre, o processo de construção de um saber próprio da Filosofia da Educação, trespassado pelo levantamento e tratamento de problemáticas antropológicas de índole filosófica, no âmbito laboral de uma racionalidade crítica da própria razão pedagógica. Este labor foi assumido pelo Gabinete de Filosofia da Educação como sendo a *ratio essendi* da constituição do cerne da identidade da Filosofia da Educação.

Viabilizado o suporte necessário ao desenvolvimento da investigação na área da Filosofia da Educação, mormente no auxílio à preparação das dissertações de mestrado¹¹³ e no apoio

¹¹³ Dissertações de mestrado em Filosofia da Educação defendidas na FLUP: ALVES, Maria Gabriela (1999). *Violência e educação: da razão filosófica à razão pedagógica*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; CARNEIRO, Alexandra (1999). *O possível e a esperança: reflexões sobre a educação como necessidade humana e da esperança como seu fundamento a partir da leitura da obra de Ernest Block, O princípio da esperança*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; COSTA, Maria Guilhermina (1999). *A tolerância como paradigma antropológico: contributo para a construção de uma Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; LOPES, Blandina (1999). *A reconstrução do sujeito: a reconfiguração do humanismo como problemática da Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; NEVES, Isabel (2002). *O homo educandus, ser agónico ou ser para a felicidade: o contributo da educação para o desvelamento da intencionalidade própria do homem enquanto ser-em-situação-limite*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; LAIA, João (2003). *O estatuto mediador da educação à luz da filosofia de Immanuel Kant*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto.; GONÇALVES, José (2003). *Interculturalidade e Personalismo – Uma abordagem antropológica a partir da interpelação crítica de Abdallah-Pretceille*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; ARESTA, António (2003). *José Augusto Sant'Anna Dionísio e a Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; COELHO, Maria José (2004). *A solidariedade em Richard Rorty. As implicações educacionais de uma visão não essencialista do homem e solidariedade*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; SOUSA, Rosa (2004). *A busca da felicidade como finalidade educativa. Sua possibilidade segundo a concepção antropológica de O. Fullat*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; LEITÃO, Maria Paula (2004). *A acção plural em Hannah Arendt ou o político enquanto utopia da educação*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; VALENTE, Maria Luísa (2004). *Criatividade, Intempestividade e Educação. Análise comparada dos contributos de Nietzsche, Deleuze e C. Rogers*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; NASCIMENTO, Eunice (2004). *A Dimensão filosófico-antropológica da utopia em Paul Ricoeur – Repercussões na Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras.

ao desenvolvimento de projectos de doutoramento¹¹⁴, à organização de publicações¹¹⁵, ao apoio da actividade da comunidade educativa, à produção de eventos, à participação, a nível nacional e internacional, em iniciativas científicas e ao estabelecimento de acordos de cooperação científico-institucional¹¹⁶, o Gabinete de Filosofia da Educação assumiu-se como marco destacável na História da Filosofia da Educação em Portugal.

O desenlace institucional da actividade filosófico-educativa, ocorrida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, manteve-se activo e, nesse seguimento, em 1997 viabilizou-se a reestruturação do Instituto de Filosofia que, desde então assumido como sub-unidade orgânica da Faculdade de Letras passou, de 1998 em diante, a ser uma unidade de investigação reconhecida e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Universidade do Porto; ALAS, Maria Fernanda (2004). *O mal e a condição humana em Hannah Arendt. Em busca da humanidade perdida na perspectiva de uma antropologia educacional*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto.

¹¹⁴ Teses de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação defendidas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: FERNANDES, José Pedro (2005). *Racionalidade e educação – entre Popper e Dewey*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; BAPTISTA, Isabel (2005). *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; VILELA, Eugénia (2005). *Silêncios tangíveis – Corpo, Resistência e Testemunho nos Espaços Contemporâneos de Abandono*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto; PEREIRA, Paula (2005). *Do sentir e do Pensar. Para uma antropologia experiencial de matriz poética da contemporaneidade*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto

¹¹⁵ Publicações do Gabinete de Filosofia da Educação da FLUP: Revista *Itinerários de Filosofia da Educação*; BAPTISTA, Isabel (1998). *Ética e Educação. Estatuto ético da relação educativa*. Porto: Universidade Portucalense; VILELA, Eugénia (1998). *Do corpo Equívoco. Reflexões sobre a Verdade e a Educação nas Narrativas Epistemológicas da Modernidade*. Porto: Angelus Novus; PEREIRA, Paula (2000). *Amor e Conhecimento – Reflexões em torno da razão pedagógica*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, Adalberto Dias, VILELA, Eugénia, BAPTISTA, Isabel, PEREIRA, Paula e ALMEIDA, Zélia (Coord.). (2000). *Diversidade e Identidade – Actas da 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CARVALHO, Adalberto Dias (2000). *A Contemporaneidade Como Utopia*. Porto: Edições Afrontamento; CARVALHO, Adalberto Dias (Org.) (2000). *A Educação e os Limites dos Direitos Humanos – Ensaio de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, Adalberto Dias (Org.) (2001). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Porto: Edições Afrontamento; CARVALHO, Adalberto Dias (Org.) (2002). *Sentidos Contemporâneos da Educação*. Porto: Edições Afrontamento; FADIGAS, Nuno (2003). *Inverter a Educação – De Giles Deleuze à Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, Adalberto Dias (Org.) (2004). *Problemáticas Filosóficas da Educação*. Porto: Edições Afrontamento; ARESTA, António (2004). *Sant'Anna Dionísio e a Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, Adalberto Dias e BAPTISTA, Isabel (2004). *Educação Social – Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora; NASCIMENTO, Eunice, GONÇALVES, José Luís, FERNANDES, Fátima e LEITÃO, Paula (2004). *Da Ética à Utopia em Educação*. Porto: Edições Afrontamento; BAPTISTA, Isabel (2005). *Dar rosto ao futuro – A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições; PEREIRA, Paula (2006). *Do Sentir e do Pensar – Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*. Porto: Edições Afrontamento; CARVALHO, Adalberto Dias (Coord.) (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.

¹¹⁶ Actividades filosófico-educacionais desenvolvidas pelo Gabinete de Filosofia da Educação: 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação - *Diversidade e Identidade* (Maio de 1998); Colóquio - *Os limites de sentido da educação contemporânea* (Novembro de 2004); Colóquio Internacional - *Filosofia, Educação e Interculturalidade* (Abril de 2005); 2ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação - *Os limiares contemporâneos da educação. Perspectivas filosóficas* (Novembro de 2005).

Permanecendo fiel ao propósito de optimização das condições de abordagem ao campo filosófico-educacional, no ano 2000, a secção de Filosofia foi convertida em Departamento de Filosofia e com a revisão estatutária da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ocorrida nesse mesmo ano, ficaram reunidas as condições para possibilitar o enquadramento científico, pedagógico e institucional da área de formação educacional e, conseqüentemente, para a criação da Secção Autónoma de Educação que formalizou a sua constituição como unidade orgânica ao abrigo dos artigos 39º e 40º dos *Estatutos* desta Faculdade vigentes em Junho de 2000.

A nível do ensino dos cursos de licenciatura, a Secção Autónoma de Educação passou, a partir da data da sua criação, a assegurar a docência das disciplinas da área educacional comuns a todos os cursos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que compreendessem as áreas curriculares respeitantes ao processo de formação inicial de professores, nomeadamente: Currículo e Educação, Pedagogia e Filosofia da Educação e Psicologia.

Quadro 33

UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS – SECÇÃO AUTÓNOMA DE EDUCAÇÃO Licenciatura em Ensino Ano lectivo 2000-2001
ÁREAS DA SECÇÃO AUTÓNOMA DE EDUCAÇÃO
- Currículo e Educação - Pedagogia e Filosofia da Educação - Psicologia

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano lectivo: 2000-2001. p. XLI.

O ano lectivo 2002-2003 foi particularmente atípico para o campo da Filosofia da Educação atendendo a que, nesse espaço temporal e nesta Instituição, não funcionou o curso de mestrado em Filosofia da Educação e a disciplina, com a mesma nomenclatura, não constou no plano de estudos do Ramo de Formação Educacional e, para reforçar a atipicidade das circunstâncias, há que referir o facto de a única disciplina leccionada por Adalberto Dias de Carvalho ter sido a de Antropologia Filosófica.

Todavia, no ano lectivo 2004-2005, o cenário alterou-se na medida em que o nível de

pós-graduação em Filosofia proposto pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, passou a estar integrado num curso único que, para além de diploma de especialização, passou a atribuir os graus de mestre e de doutor em três áreas da Filosofia: Filosofia da Educação, Filosofia Medieval e Filosofia Moderna e Contemporânea. Contudo, a disciplina de Filosofia da Educação não constou nos planos de estudos do curso de licenciatura em Filosofia.

O Curso Integrado de Pós-Graduação em Filosofia (CIPGF), instituído no ano lectivo 2004-2005, foi desenvolvido no domínio científico da Filosofia da Educação e respectivamente enquadrado nas actividades do Gabinete de Filosofia da Educação, tendo por objectivo fundamental aprofundar o trabalho investigativo e a reflexão nas zonas de confluência crítica da razão filosófica e da razão pedagógica privilegiando, sobretudo, os contributos da antropologia filosófica e da ética.

Um outro momento de destaque no historial da acção filosófico-educativa, ocorrida no âmbito do Gabinete de Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi o ministério do Curso Livre de Filosofia da Educação, realizado entre os meses de Fevereiro e Junho de 2004, destinado a proporcionar, aos professores e aos licenciados nas mais diversas áreas do conhecimento, o acesso às grandes temáticas e problemáticas da Filosofia da Educação que, desenvolvidas nas perspectivas antropológica, hermenêutica, ética e epistemológica, deveriam permitir o confronto com as necessidades de formação e de questionamento de pessoas que, apesar de oriundas de formação diversa, assumissem afinidades com o campo de produção cultural filosófico-educativo.

No ano lectivo 2005-2006, a principal oferta educativa desta Faculdade, no respeitante à Filosofia da Educação, foi a permanência do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Filosofia cuja Comissão Coordenadora da área da Filosofia da Educação, apesar de permanecer sob a directoria de Adalberto Dias de Carvalho, passou a ser partilhada com Adélio Melo e José Meirinhos e sofreu a introdução de um seminário de Filosofia da Educação e Pensamento Português leccionado por Paula Cristina Pereira.

O ano lectivo 2006-2007 foi marcado pelo afastamento de Adalberto Dias de Carvalho que, à data, se encontrava a gozar de Licença Sabática.

8.3. *Ethos* dos filósofos da educação da Universidade do Porto

No respeitante ao *ethos* dos filósofos da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a primeira figura de destaque é Adalberto Dias de Carvalho.

Licenciado em Filosofia e em Ciências Pedagógicas em 1973, doutorado em Filosofia com a apresentação e defesa da tese intitulada *O Estatuto da Filosofia da Educação* em 1985, e agregado em Filosofia da Educação em 1995, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Adalberto Dias de Carvalho, no campo científico da Filosofia da Educação, tem procurado identificar e explorar criticamente as problemáticas de índole antropológica subjacentes à razão pedagógica.

Investido das funções de Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde, para além da coordenação do curso de mestrado em Filosofia da Educação, foi regente das disciplinas de Antropologia Filosófica e de Introdução às Ciências da Educação e dos seminários de Epistemologia e Hermenêutica da Educação e de Antropologia Filosófica da Educação (no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Filosofia), o filósofo tem sido responsável pela coordenação científica de múltiplos projectos de investigação, da área da Filosofia da Educação, quer na Instituição à qual se encontrou agregado como noutras, nomeadamente nas Universidades do Minho, Évora, Portucalense, Toulouse-le-Mirail e Rouen onde tem orientado seminários.

Para além de ser consultor científico de várias Instituições educativas e de integrar sociedades e grupos de investigação nas áreas da sua especialidade (epistemologia, antropologia e Filosofia da Educação), Adalberto Dias de Carvalho tem dedicado, significativamente, o seu trabalho de pesquisa às problemáticas filosófico-educacionais, tendo obtido como resultado a consumação de uma obra significativa no campo da Filosofia da Educação¹¹⁷.

¹¹⁷ Obras em que Adalberto Dias de Carvalho colaborou dedicadas ao campo científico da Filosofia da Educação: NOT, L., AMIEL, C., BRU, M et CARVALHO, A. D. (1984). *Une Science Spécifique pour l'Éducation?*. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail; NOT, L. (Dir.) (1988). *Regards sur la Personne*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail; BRU, M. et NOT, L. (Dir.) (1986). *Où va la Pédagogie du Projet?* Toulouse: EUS. Obras de Adalberto Dias de Carvalho sobre Filosofia da Educação: CARVALHO, A. D. (1992). *A Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Afrontamento; CARVALHO, A. D. (Dir. e Colab.) (1993). *A Construção do Projecto de Escola*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Dir. e Colab.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Dir. e Colab.)

Analisando a produção bibliográfica realizada por Adalberto Dias de Carvalho, constata-se, na fase inicial, nomeadamente na obra *Epistemologia das Ciências da Educação*, a predominância de uma investigação tendencialmente inclinada para o tratamento das questões educacionais marcada pelo pendor epistemológico, enquanto que, nas suas publicações mais recentes, como por exemplo na obra *Utopia e Educação*, o filósofo, situando o seu questionamento numa preocupação “assumidamente antropológica onde se tendem a situar as problemáticas éticas e ontológicas” (Carvalho, 1994: 11), reconheceu o seu propósito de estipular estes dois domínios de investigação filosófica no campo da educação.

Na obra *Filosofia da Educação: temas e problemas*, redigida em parceria com Blandina Lopes, Alexandra Carneiro, Maria Guilhermina Costa, Maria Gabriela Bacelar, Jean Houssaye e Maria João Leite de Castro, foram lançadas “algumas das questões centrais de um neo-humanismo, centrado no conceito de pessoa e atento aos processos de personação, em particular, o da educabilidade. De uma pedagogia que se pretende existencial, focada na liberdade que resulta da dinâmica entre desejo e esperança, aferida em situações-limite, pretende-se o ressurgimento de um humanismo cujo fundamento não seja nem o solipsismo do ego nem a diluição dos entes no Ser, mas a relação interpessoal. Neste aspecto inspirado pela obra de Francis Jacques¹¹⁸, Dias de Carvalho defende a constituição de uma antropologia relacional em que se institui, de pleno direito, a correlação necessária entre as figuras do eu, do tu e do ele. Correlação que não é adicional ou a posteriori mas constitutiva da própria pessoa: a pessoa relacional” (Bernardo, 2004: 104).

Seguro de que para a Filosofia da Educação deverá ser sempre o homem o cerne da questão, Adalberto Dias de Carvalho, na obra sob a sua direcção *Filosofia da Educação: Temas e Problemas* assumiu, claramente, a importância da perspectiva antropológica na abordagem da questão educativa.

... para a filosofia da educação, a educação é sempre e também, antes de tudo, uma questão antropológica. E é-o por duas vias complementares que se

(2000). *Diversidade e Identidade - 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CARVALHO, A. D. (2000). *A Contemporaneidade como Utopia*. Porto: Afrontamento; CARVALHO, A. D. (Org. e Colab.) (2000). *A Educação e os Limites dos Direitos Humanos - Ensaios de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Org. e Colab.) (2001). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Porto: Afrontamento; CARVALHO, A. D. (2002). *Epistemologia das Ciências da Educação*. 4ª ed. Porto: Afrontamento; CARVALHO, A. D. (Org.) (2002). *Sentidos Contemporâneos da Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Coord.) (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.

¹¹⁸ JACQUES, F. (1982). *Différence et Subjectivité*. Paris: Aubier Montaigne.

encontram e se reforçam mutuamente: se, por um lado, há que proceder ao questionamento acerca das finalidades da educação, importa fazê-lo interrogando sistematicamente a natureza de um homem que, por o ser e para o ser, carece de educação (Carvalho, 2001a: p.17).

Além do mais, Adalberto Dias de Carvalho advoga que a Filosofia da Educação deverá ter um papel importante no que concerne à identificação e sistematização dos princípios que regem as finalidades educativas. Permanecendo fiel a este princípio, Adalberto Dias de Carvalho, intuiu assegurar a sua presença no primeiro plano disciplinar de Filosofia da Educação por si outorgado.

A filosofia da educação tem que pesquisar incessantemente e em todo o lado o sentido dos conceitos de homem e de sociedade veiculados pelas diferentes correntes pedagógicas em presença sem deixar de nelas participar à partida, impulsionando, logo aí, a radicalização crítica, a reformulação e, eventualmente, a superação dos mesmos (Carvalho, 2002a: p.211).

Programa 19

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS – SECÇÃO DE FILOSOFIA
Licenciatura em Filosofia
Filosofia da Educação
Ano lectivo 1984-1985
Docente: **Adalberto Dias de Carvalho**

PROGRAMA

1. Situação das Ciências da Educação no âmbito das Ciências Humanas e da reflexão filosófica.
 - 1.1. A especificidade do objecto da investigação educacional.
 - 1.2. A problemática da interdisciplinaridade das Ciências da Educação.
 - 1.3. Dependência e autonomia da investigação educacional: papel da Filosofia e das Ciências Humanas.
 - 1.4. Ciências da Educação e pedagogia filosófica.
 - 1.5. O estatuto da Filosofia da Educação: as perspectivas analíticas, metafísicas e cientificistas.
2. Projectos e modelos educativos.
 - 2.1. Educação, cultura e ideologia: sistemas, processos e projectos.
 - 2.2. Dialéctica dos projectos e função dos modelos filosóficos.
 - 2.3. A multidimensionalidade constitutiva dos projectos educativos.
3. Estudo de algumas correntes pedagógicas.
 - 3.1. Pedagogias da essência e pedagogias da existência.
 - 3.2. Pedagogias da heteroestruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

BIBLIOGRAFIA

- AVANZINI, G. (1975). *La pédagogie au XX siècle*. Toulouse: Privat.
- MIALARET, G. (1976). *Les sciences de l'éducation*. Paris: PUF.
- NOT, L. (1979). *Les pédagogies et la connaissance*. Toulouse: Privat.
- NOT, L., AMIEL, C., BRU, M., CARVALHO, A., LAFFONT, J.P. (1984). *Une science spécifique pour l'éducation?* Toulouse: Publ. De L'Univ. De Toulouse-le Mirail.
- O'CONNOR, D.J. (1975). *An introduction to the philosophy of education*. (10ª Ed.). London: Routledge and Kegan Paul.
- SUCHODOLSKI, B. (1972). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano lectivo: 1984-1985. p. 103.

O propósito diferenciado, adoptado por Adalberto Dias de Carvalho, face à captação de sentido da Filosofia da Educação revela-se, em boa parte, endividado ao seu entendimento referente às principais posições epistemológicas viáveis de ser preferidas perante a possibilidade de posicionamento face ao estatuto epistemológico da Filosofia da Educação. Acerca desta matéria, Adalberto posicionou-se, de forma coerente, em dois escritos diferenciados e temporalmente distanciados, nomeadamente no texto da sua tese de doutoramento, cuja redacção remonta ao ano de 1984, e na sua obra intitulada *Epistemologia das Ciências da Educação*, cuja primeira edição veio a público em 1998. Em ambos os textos o filósofo distingue quatro atitudes possíveis a tomar sobre o estatuto da Filosofia da Educação, a que chamou, respectivamente, a atitude metafísica, a atitude filosófico-analítica, a atitude histórico-filosófica e a atitude cientificista.

Afirmando a atitude metafísica como presença, incontornável, ao longo de toda a História da Filosofia, Adalberto definiu a filosofia metafísica da educação como reflexão que procura e aponta o sentido da existência humana e, paralelamente, o sentido mais holístico do processo educativo.

A atitude metafísica. É a mais antiga de todas elas e parte do pressuposto de que cabendo à filosofia a intervenção totalizadora e racionalizadora das problemáticas existenciais (com todo o cortejo de achegas relativamente às questões ontológicas, cosmológicas e antropológicas), lhe pertence também, dentro de uma natural continuidade, a definição dos princípios e das atitudes educativas. Aqui, a filosofia da educação representaria nada mais nada menos do que a aplicação, a um campo específico e privilegiado, de orientações gerais, de visões do mundo, isto é, de concepções sobre o homem, nas suas relações com a sociedade, com a história, com a natureza e com Deus (Carvalho, 2002a: 109).

Por sua vez, a atitude filosófico-analítica foi apontada por Adalberto como sendo a tendência predominante entre os pensadores anglo-saxónicos que, pela afirmação de uma oposição à tradição metafísica, não reconheceu a pretensa possibilidade da Filosofia solucionar questões respeitantes ao significado da existência ou à finalidade da vida. Inversamente, a atitude filosófico-analítica, na condição de herdeira natural do positivismo lógico, propôs a redução da tarefa filosófico-educacional a um esforço de racionalidade crítica e de clarificação da linguagem educativa.

... o filósofo da educação é convidado a transpor, para o terreno específico da educação, os mesmos métodos que a filosofia analítica usa noutros domínios e que assentam no pressuposto de que, não sendo as palavras mais do que meios para expressar ideias, analisando-as, damos um inestimável contributo para a clarificação destas mesmas ideias: ideias como a de *liberdade*, a de *educação compreensiva*, a de *autoridade*, a de *endoutrinação* (ou *endoutrinação*) e até a própria ideia de *educação* (Carvalho, 2002a: 116).

Numa outra instância, a atitude histórico-filosófica, perspectivada por Adalberto, defendeu para a Filosofia o direito exclusivo e apriorístico de, pela sua precedência, ditar e impor as finalidades educativas. Contudo, o filósofo, no âmbito desta matéria, pretende diferenciar a reflexão filosófica, inclusive a reflexão filosófica sobre a história do pensamento filosófico-educativo, da atitude histórico-filosófica, que se debruça sobre as soluções encontradas pelos filósofos de outrora para resolver os problemas filosófico-educativos surgidos no tempo que lhes foi coetâneo.

Se a nós próprios pusermos questões filosóficas num esforço para resolver problemas filosóficos, então estamos a filosofar. Se perguntarmos a nós próprios que respostas produziram os pensadores do passado quando puseram questões filosóficas a eles mesmos para resolver problemas filosóficos, não estamos a filosofar. Se adoptarmos a segunda alternativa, usamos o que poderia ser chamado abordagem *histórico-filosófica* ao perguntarmos a que conclusão chegaram os filósofos através da história. Só aceitamos aquela resposta que parece adaptar-se às nossas necessidades. Mas, se filosofarmos, temos que nos comprometer e procurar alcançar uma conclusão por nós próprios (Carvalho, 2002a: 121).

Para finalizar, a atitude cientificista, à luz do pensamento de Adalberto Dias de Carvalho, foi compreendida como consequência necessária do processo evolutivo das Ciências Sociais e Humanas, em geral, e das Ciências da Educação, em particular. Embandeirando como característica fundamental a recusa da intervenção filosófica, enquanto condição *sine qua non* de superação do estado metafísico e alcance do estado positivo, a atitude cientificista pretendia deduzir, dos factos científicos e dos resultados avançados pelas Ciências Humanas, um tipo de tecnologia que se acreditava capaz de viabilizar a prática educativa.

... o cientismo surge com as conquistas relativamente recentes da investigação científica, as quais, apoiadas sobretudo em importantes precisões metodológicas e em aturadas delimitações dos diferentes objectos de estudo, acabam por se traduzir em impressionantes demonstrações de eficácia, de auto-suficiência e de progresso. Mais impressionante ainda quando o cientismo escamoteia – enquanto ideologia do conhecimento científico – os reais parâmetros desse progresso e ilude o reverso dessa eficácia e dessa pretendida auto-suficiência (Carvalho, 2002a: 126).

Responsável por uma perspectiva peculiar de compreender, de abordar e de concretizar a

Filosofia da Educação, Adalberto Dias de Carvalho converteu-se no grande mentor da Escola de Filosofia da Educação portuense, pelo volume de obra outorgada, pela extensão do proselitismo concretizado e pelo excelso entendimento da irredutibilidade da intervenção da Filosofia da Educação e da importância da sua função crítica na fundamentação do projecto de viabilidade da actividade educativa essencial à condição humana.

Uma outra personagem que se destacou no contexto da Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi Eugénia Vilela, cujo percurso académico foi integralmente realizado nesta Instituição. Foi nessa Escola que a filósofa se licenciou em Filosofia em 1987, concluiu o Estágio Pedagógico em conformidade com o regime transitório de profissionalização no Ramo Educacional em 1989, iniciou as suas funções docentes com a leccionação da cadeira de Introdução às Ciências da Educação em 1990, obteve o grau de mestre em Filosofia da Educação em 1996, com a dissertação *Do Corpo Equívoco - Reflexões sobre a verdade e a educação nas narrativas epistemológicas da modernidade*, colaborou com a Secção de Filosofia nos anos lectivos de 1996-1997 e 1997-1998 leccionando a cadeira de Problemáticas da Filosofia e da História da Filosofia (no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Filosofia no domínio científico de Filosofia da Educação) e, em 2005, defendeu a tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação com o título *Silêncios tangíveis – Corpo, Resistência e Testemunho nos Espaços Contemporâneos de Abandono*.

Foi, precisamente, no âmbito da docência disciplinar dos supra citados seminários do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Filosofia, que o contributo docente de Eugénia Vilela, no campo da Filosofia da Educação, assumiu maior destaque.

Programa 20

<p>UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS – GABINETE DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Curso Integrado de Estudos Pós Graduados em Filosofia Domínio científico em Filosofia da Educação Ano lectivo 2004-2005</p>
<p>Caracterização: O Curso Integrado de Pós-Graduação em Filosofia (CIPGF), constituído por uma parte lectiva e uma parte de investigação e redacção de dissertação, permite obter:</p> <ul style="list-style-type: none">- Uma especialização, devidamente creditada, que constitui a componente lectiva do curso (com a duração de dois semestres);- O grau de mestre, com a componente lectiva do curso (dois semestres), seguida da apresentação e defesa de uma dissertação (mais dois semestres);e/ou- O grau de doutor, com a componente lectiva do curso (dois semestres), seguida de actividades de

investigação, apresentação e defesa de uma dissertação (mais oito semestres).

Seminário
Temas da História da Filosofia da Educação

3 horas lectivas semanais

Docente: **Eugénia Vilela**

1º Semestre

Programa

1. A educação e a experiência filosófica
2. O sujeito da experiência na educação
3. A experiência do outro na educação. A hospitalidade
4. A experiência de si na educação
5. Descontinuidade e alteridade da relação educativa
6. O olhar em Educação

Tema 1. A educação e a experiência filosófica

CARVALHO, Adalberto Dias (1992). *A educação como projecto antropológico*. Porto: Edições Afrontamento. (Seleccção)

SERRES, Michel (1993). *O terceiro instruído*. Lisboa: Edições Piaget. (Seleccção)

Tema 2. O sujeito da experiência na educação

ARENDT, Hannah (2001). *Compreensão e política e outros ensaios. 1930-1954*. Trad. Miguel Serras Pereira, "Antropos", Lisboa: Relógio d'Água. (Seleccção)

Tema 3. A experiência do outro na educação. A hospitalidade

DERRIDA, J. (1992). *Points de suspension*. Paris: Galilée. (Seleccção)

Tema 4. A experiência de si na educação

FOUCAULT, M. (1994). *Dits et écrits. 1954-1988*. 4 vols. (dir. Daniel Defert e François Ewald). Paris: Gallimard. (Seleccção)

Tema 5. Descontinuidade e alteridade da relação educativa

LARROSA, J. (2001). "Dar la palabra. Notas para una dialógica de la transmisión". In LARROSA, J. y SKILIAR, C. (Eds.) (2001). *Habitantes de babel. Políticas y poéticas de la diferencia*. Barcelona: Alertes. (Seleccção)

Tema 6. O olhar em Educação

BARTHES, Roland (1981). *A câmara clara*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70. (Seleccção)

Metodologia/Avaliação

- a) Assistência regular ao seminário, para assegurar uma participação continuada nas discussões teóricas e no trabalho sobre os textos;
- b) Cada aluno/a redigirá uma breve comunicação a partir da leitura e estudo pessoal de um dos textos que constituem a documentação essencial do curso, a qual será defendida publicamente na sessão correspondente;
- c) Em data a determinar, apresentar-se-á um breve ensaio (máximo 10/15 páginas) no qual se relacionarão as ideias desenvolvidas na comunicação referida no item anterior (b) com as conclusões gerais do seminário consideradas, pelo aluno/a, como mais relevante para o seu trabalho.

Bibliografia

- AA. VV. (1992). *La Filosofía de la Educación en Europa*. Madrid: Dykinson.

- AA. VV. (1997). *Filosofía de la Educación hoy. Diccionario filosófico-pedagógico*. Madrid: Dykinson.

- AA. VV. (1998). *Filosofía de la Educación hoy. Temas*. Madrid: Dykinson.

- AGAMBEN, G. (2001). *Infancia e historia. Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.
- AGAMBEN, G. (2003). *Homo Sacer. II.1 L'État d'exception*. Paris: Seuil.
- AGAMBEN, G. (1998). *O poder soberano e a vida nua. Homo Sacer*. Lisboa: editorial Presença.
- ARENDT, H. (1996). *Entre el pasado y el futuro*. Barcelona: Península.
- ARENDT, H. (2001). *A condição humana*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BARCENA, F. (1994). *La práctica reflexiva en educación*. Madrid: Editorial Complutense, S. A.
- BARCENA, F. (1997). *El oficio de la ciudadanía. Introducción a la educación política*. Barcelona: Paidós.
- BARCENA, F. (2003). Sobre el porvenir de la educación moral. in RUIZ CORBELLA, M. (coord.) (2003). *Educación moral: aprender a ser, aprender a convivir*. Barcelona: Ariel.
- BARCENA, F. y MÈLICH, J. C. (2000). *La educación como acontecimiento ético. Natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Paidós.
- BARTHES, R. (1997). *Lição*. Lisboa: Edições 70.
- BAUMAN, Z. (2002). *La ambivalencia de la modernidad y otras conversaciones*. Barcelona: Paidós.
- BENJAMIN, W. (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BENJAMIN, W. (2000). *Oeuvres*. Paris: Gallimard.
- BERNARD, M. (1994). *El cuerpo, un fenómeno ambivalente*. Barcelona: Paidós.
- BRENNER, A. y ZIFRAS, J. (2003). *Enciclopedia del arte de vivir*. Madrid: Síntesis.
- BRUCKNER, P. (2000). *La tentación de la inocencia*. Barcelona: Tusquets.
- BRUCKNER, P. (2001). *La euforia perpetua. Sobre el deber de ser feliz*. Barcelona: Tusquets.
- CARR, W. (1996). *Una teoría para la educación*. Madrid: Morata.
- CARVALHO, A. (1992). *A educação como projecto antropológico*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, A. (2000). *A contemporaneidade como utopia*. Porto: Afrontamento.
- CHALIER, C. (2002). *Por una moral más allá del saber. Kant y Levinas*. Madrid: Caparrós.
- COMTE-SPONVILLE, A. (2002). *Invitación a la Filosofía*. Barcelona: Paidós.
- DELACAMPAGNE, C. (1999). *Historia de la Filosofía en el siglo XX*. Barcelona: Península.
- DREYFUS, H. e RABINOW, P. (1992). *Michel Foucault – Un parcours philosophique audelà de l'objectivité et de la subjectivité*. Paris: Gallimard.
- ESTEBAN, J. (2002). *Memoria, hermenéutica y educación*. Madrid: biblioteca Nueva.
- FINKIELKRAUT, A. (1998). *La humanidad perdida*. Barcelona: Anagrama.
- FLUSSER, V. (1998). *Por uma filosofia da fotografia*. Lisboa: Relógio d'Água.
- FOUCAULT, M. (1963). *Raymond Roussel*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1963). *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard médical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- FOUCAULT, M. (1966). *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1971). *L'orde du discours*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1972). *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1973). *Ceci ce n'est pas une pipe*. Montpellier: Fata Morgana.
- FOUCAULT, M. (1973). *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère... Un cas de parricide au XIX siècle*. Paris: Gallimard-Julliard.
- FOUCAULT, M. (1975). *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1978). *Herculine Babin dite Alexina B.* Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1982). *Le désordre des familles. Lettres de cachet des archives de la Bastille*. Paris: Gallimard-Julliard.
- FOUCAULT, M. (1984). *Le souci de soi. Histoire de la sexualité III*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1990). *O pensamento do exterior*. São Paulo: Editora Princípio.
- FOUCAULT, M. (1994). *A vontade de saber. História da sexualidade I*. Lisboa: Relógio d'Água.
- FOUCAULT, M. (1994). *Dits et écrits. 1954-1988. 4 vols*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1994). *O uso dos prazeres. História da sexualidade II*. Lisboa: Relógio d'Água.
- FOUCAULT, M. (1997). *Il faut défendre la société. Cours au Collège de France. 1976*. Paris:

- Gallimard/Le Seuil.
- FOUCAULT, M. (1999). *Les anormaux. Cours ao Collège de France. 1974-1975*. Paris: Gallimard/Le Seuil.
 - FOUCAULT, M. (2001). *L'herméneutique du sujet. Cours ao Collège de France. 1981-1982*. Paris: Gallimard/Le Seuil.
 - FREUND, G. (1974). *Photographie et société*. Paris: Seuil.
 - GARCIA, J. F. (Ed.). (2002). *El ensayo, entre la filosofía y la literatura*. Granada: Editorial: Comares.
 - GIL, F. (1997). *Educación y narración: la práctica de la autobiografía en la educación. Teoría de la educación. Vol. 8*.
 - GIL, F. (1999). *Las bases teóricas de las narraciones autobiográficas de los docentes. Teoría de la educación. Vol. 11*.
 - GOMEZ, C. (Ed.) (s/d). *Doce textos fundamentales de Ética del siglo XX*. Madrid: Alianza.
 - HANSEN, D. T. (2002). *Explorando el corazón moral de la enseñanza*. Barcelona: Idea Books.
 - INNERARITY, D. (2001). *Ética de la hospitalidad*. Barcelona: Península.
 - JANKÉLÉVITCH, V. (1989). *La aventura, el aburrimiento, lo serio*. Madrid: Taurus.
 - KAHN, P., OUZOULIAS, A. y THIERRY, P. (1990). *L'éducation. Approches philosophiques*. Paris: PUF.
 - KRAUSS, R. (1990). *Le photographique*. Paris: Éditions Macula.
 - LARROSA, J. (1998). *La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación. 2ª Ed.* Barcelona: Laertes.
 - LARROSA, J. (s/d). *Pedagogía profana. Estudios sobre lenguaje, subjetividad, formación*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.
 - LARROSA, J. y SKILIAR, C. (Eds.) (2001). *Habitantes de Babel. Políticas y poéticas de la diferencia*. Barcelona: Laertes.
 - LE BRETON, D. (1990). *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF.
 - LE BRETON, D. (1999). *Do silêncio*. Lisboa: Edições Piaget.
 - MAGRIS, C. (2001). *Utopía y desencanto*. Barcelona: Anagrama.
 - MANEN, M. (1998). *El tacto de la enseñanza*. Barcelona: Paidós.
 - MANEN, M. (2003). *Investigación educativa y experiencia vivida..* Barcelona: Idea Books.
 - MARGALIT, A. (1997). *La sociedad decente*. Barcelona: Paidós.
 - MARGALIT, A. (2002). *Ética del recuerdo*. Barcelona: Herder.
 - MEIRIEU, P. (1998). *Frankenstein educador*. Barcelona: Laertes.
 - MEIRIEU, P. (2001). *La opción de educar. Ética y pedagogía*. Barcelona: Octaedro.
 - MÈLICH, J-C. (2002). *Filosofía de la finitude*. Barcelona: Herder.
 - NASSBAUM, M. C. (2001). *El cultivo de la humanidad*. Barcelona: Andrés Bello.
 - NASSBAUM, M. C. (2003). *La terapia del deseo*. Barcelona: Paidós.
 - RANCIÈRE, J. (2003). *El maestro ignorante. Cinco lecciones de emancipación intelectual*. Barcelona: Laertes.
 - RICOEUR, P. (1969). *Le conflit des interpretations*. Paris: Seuil.
 - RICOEUR, P. (1990). *Histoire et vérité*. Paris: Seuil.
 - RICOEUR, P. (1995). *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil.
 - RICOEUR, P. (1999). *Lectures 1. Autour du politique*. Paris: Seuil.
 - SALMERÓN, M. (2002). *La novela de la formación y pericia*. Madrid: Visor.
 - SAVATER, F. (1997). *El valor de educar*. Barcelona: Ariel.
 - SONTAG, S. (1979). *La Photographie*. Paris: Seuil.
 - TODOVOR, T. (1982). *La conquête de l'Amérique. La question de l'autre*. Paris: Seuil.
 - TODOVOR, T. (1994). *Face à l'extrême*. Paris: Seuil.
 - TODOVOR, T. (1995). *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa.
 - TODOVOR, T. (2000). *Memoria del mar, tentación del bien. Indagación sobre el siglo XX*. Barcelona: Península.
 - TOULMIN, S. (2001). *Cosmópolis. El transcurso de la modernidad*. Barcelona: Península.
 - TOULMIN, S. (2003). *Regreso a la Razón*. Barcelona: Península.
 - WIESEL, E. (1958). *La nuit*. Paris: Minuit.

- WIESEL, E. (1989). *Silences et mémoires d'hommes*. Paris: Seuil.

Opção

Os alunos escolhem um dos seminários do 1º semestre das outras duas áreas do curso integrado de pós-graduação.

Seminário

Antropologia Filosófica da Educação

3 horas lectivas semanais

Docente: **Adalberto Dias de Carvalho**

2º Semestre

Programa

- Antropologias filosófica, pedagógica e educacional: estatutos e conexões interdisciplinares;
- Estatuto do *homo educandus*; reflexão a partir dos contributos de Kant: carência e perfectibilidade do humano;
- A pessoa humana como fundamento do debate filosófico em torno do sentido da educação: imanência, transcendência e relação;
- O humano, o desumano e o inumano em educação: a educação como projecto antropológico;
- Educação e utopia: os desafios das utopias filosóficas aos projectos educativos. Estudo de algumas das principais utopias clássicas e actuais;
- Educação e contemporaneidade: a contemporaneidade como uma utopia e um direito;
- Da felicidade como ideal educativo à consideração da dimensão agónica da educação.

Bibliografia:

A ser indicada e construída no decurso do desenvolvimento do processo de investigação.

Métodos de ensino:

Assente no princípio da variabilidade didáctica, mobilizará as virtualidades pedagógicas dos métodos expositivos, do trabalho de grupo e das estratégias próprias das atitudes investigativas, nomeadamente em termos de exploração de textos filosóficos e de pesquisa bibliográfica.

Avaliação:

Processar-se-á no cumprimento do disposto no regulamento do curso de pós-graduação.

Seminário

Problemáticas Contemporâneas da Filosofia da Educação

3 horas lectivas semanais

Docente: **Eugénia Vilela**

2º Semestre

Programa

1. A vida normalizada. A questão biopolítica (Michel Foucault)
2. Um pensamento do acontecimento (Jacques Derrida e Gilles Deleuze)
3. A infância como categoria política e poética (Hannah Arendt)
4. Experiência e paixão em educação
5. Simbólica do corpo em educação
6. Silêncio e educação

Tema 1. A vida normalizada. A questão biopolítica

- FOUCAULT, M. (1994). *O uso dos prazeres. História da sexualidade II*. Trad. Manuel Alberto, "Antropos". Lisboa: Relógio d'Água.

- FOUCAULT, M. (1976). *Il faut défendre la société*. Cours au Collège de France, "Hautes Études".

Paris: Gallimard, Le Seuil.

Tema 2. Um pensamento do acontecimento

- DERRIDA, Jaques (2001). *O Monolinguismo do Outro ou a prótese da origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras. (Seleção)
- DELEUZE, Gilles (2000). *Diferença e Repetição*. Filosofia. Lisboa: Relógio d'Água. (Seleção)

Tema 3. A infância como categoria política e poética

- ARENDT, H. (2001). *A condição humana*. "Antropos". Lisboa: Relógio d'Água. (Seleção)

Tema 4. Experiência e paixão em educação

- AGAMBEN, Giorgio (2001). *Infancia e historia. Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora. (Seleção)

Tema 5. Simbólica do corpo e educação

- RAMÍREZ, J.A. (2003). *La piel pintada en Corpus solus. Para un mapa del cuerpo en el arte contemporáneo*. Madrid: Siruela.
- VILELA, Eugénia (1998). *Do corpo equivoco*. Braga/Coimbra: Ángelus Novus. (Seleção)

Tema 6. Silêncio e educação

- LE BRETON, David (1997). *Du silence*. Paris: Éditions Métailié. (Seleção)

Metodologia/Avaliação

- a) Assistência regular ao seminário, para assegurar uma participação continuada nas discussões teóricas e no trabalho sobre os textos;
- b) Cada aluno/a redigirá uma breve comunicação a partir da leitura e estudo pessoal de um dos textos que constituem a documentação essencial do curso, a qual será defendida publicamente na sessão correspondente;
- c) Em data a determinar, apresentar-se-á um breve ensaio (máximo 10/15 páginas) no qual se relacionarão as ideias desenvolvidas na comunicação referida no item anterior (b) com as conclusões gerais do seminário consideradas, pelo aluno/a, como mais relevante para o seu trabalho.

Opção

Os alunos escolhem um dos seminários do 2º semestre das outras duas áreas do curso integrado de pós-graduação.

Bibliografia:

- AA. VV. (1998). Corps symboliques. in *Quel Corps?* Mai. nº 34-35 (número monográfico).
- AA. VV. (2000). Biopolitique et biopouvoir. in *Multitudes*. Nº 1 (número monográfico).
- AA. VV. (2000). Corps. in *Prétentaire*. nº 12/13 (número monográfico).
- AA. VV. (2000). El cuerpo y la educación. in *Revista Complutense de Educación*. Vol. 11, nº 34-35 (número monográfico).
- AA. VV. (2002). Le corps. in *Revue Internationale de Philosophie*. Vol. 56, nº 4, Diciembre de 2002. (número monográfico).
- AGAMBEN, G. (1982). *Le langage et la mort*. Paris: Cristian Bourgois.
- AGAMBEN, G. (1988). *L'idée de la prose*. Paris: Cristian Bourgois.
- AGAMBEN, G. (1993). *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença.
- AGAMBEN, G. (1998). *O poder soberano e a vida nua. Homo Sacer*. Lisboa: Presença.
- AGAMBEN, G. (1999). *Ce qui reste d'Auschwitz. L'archive et le témoin. Homo Sacer III*. Paris: Bibliothèque Rivages.
- AGAMBEN, G. (2001). *Infancia y historia. Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.
- AGAMBEN, G. (2001). *Medios sin fim. Notas sobre la política*. Valencia: Pre-Textos.

- AGAMBEN, G. (2002). *L'ouvert: de l'homme et de l'animal*. Paris: Rivages.
- ANDRÉ, J. M. (2002). As artes do corpo e o corpo como arte. in *Philosophica*, 19/20. pp. 7-26.
- ARENDT, H. (2001). *A condição humana*. Lisboa: Relógio d'Água.
- ARENDT, H. (2001). *Compreensão e política e outros ensaios. 1930-1954*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BÁRCENA, F. (2003). Sobre el porvenir de la educación moral. in CORBELA, R. (Coord.) (2003). *Educación moral: aprender a ser, aprender a convivir*. Barcelona: Ariel.
- BÁRCENA, F. y MELICH, J. C. (2000). *La educación como acontecimiento ético. Natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Paidós.
- BARTHES, R. (1953). *Le degré zero de l'écriture*. Paris: Seuil.
- BARTHES, R. (1982). *L'obvie et l'obtus*. Paris: Seuil.
- BARTHES, R. (1997). *Lição*. Lisboa: Edições 70.
- BAUMAN, Z. (2001). *La postmodernidad y sus descontentos*. Madrid: Akal.
- BAUMAN, Z. (2002). *La ambivalencia de la modernidad y otras conversaciones*. Madrid: Paidós.
- BAUMAN, Z. (2003). *La comunidad. En busca de seguridad en un mundo hostil*. Madrid: Siglo XXI Editores.
- BENJAMIN, W. (1992). *Rua de sentido único e infância em Berlim*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BENJAMIN, W. (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BENJAMIN, W. (1994). *Écrits autobiographiques*. Paris: Cristian Bourgeois Editeur.
- BENJAMIN, W. (1999). *Moscou*. Paris: Éditions Mille et une nuits.
- BENJAMIN, W. (2000). *Oeuvres. 3 vol.* Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1969). *L'entretien infini*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1977). *L'arrêt de mort*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1980). *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, M. (1984). *Le dernier à parler*. Montpellier: Fata Morgana.
- BLANCHOT, M. (1994). *L'instant de ma mort*. Montpellier: Fata Morgana.
- BRUCKNER, P. (2000). *La tentación de la inocencia*. Barcelona: Tusquets.
- BRUCKNER, P. (2001). *La euforia perpetua. Sobre el deber de ser feliz*. Barcelona: Tusquets.
- CAGE, J. (1970). *Silence*. Paris: Danoel.
- CARVALHO, A. (1992). *A educação como projecto antropológico*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, A. (2000). *A contemporaneidade como utopia*. Porto: Afrontamento.
- COOLIN, F. (1999). *L'homme est-il devenu superflu?* Paris: Odile Jacob.
- DE CERTAU, M. (2000). *La invención de lo cotidiano. 1. Artes de hacer*. México: Universidad Iberoamericana.
- DREYFUS, H e RABINOW, P. (1992). *Michel Foucault – Un parcours philosophique au-delà de l'objectivité et de la subjectivité*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1963). *Raymond Roussel*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1963). *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard médical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- FOUCAULT, M. (1966). *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1971). *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1972). *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1973). *Ceci ce n'est pas une pipe*. Montpellier: Fata Morgana.
- FOUCAULT, M. (1973). *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère... Un cas de parricide au XIX siècle*. Paris: Gallimard-Julliard.
- FOUCAULT, M. (1975). *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1978). *Herculine Babin dite Alexina B.* Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1982). *Le désordre des familles. Lettres de cachet des archives de la Bastille*. Paris: Gallimard-Julliard.
- FOUCAULT, M. (1984). *Le souci de soi. Histoire de la sexualité III*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1990). *O pensamento do exterior*. São Paulo: Editora Princípio.
- FOUCAULT, M. (1994). *A vontade de saber. História da sexualidade I*. Lisboa: Relógio d'Água.

- FOUCAULT, M. (1994). *Dits et écrits. 1954-1988. 4 vols.* Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1994). *O uso dos prazeres. História da sexualidade II.* Lisboa: Relógio d'Água.
- FOUCAULT, M. (1997). *Il faut défendre la société. Cours ao Collège de France. 1976.* Paris: Gallimard/Le Seuil.
- FOUCAULT, M. (1999). *Les anormaux. Cours ao Collège de France. 1974-1975.* Paris: Gallimard/Le Seuil.
- FOUCAULT, M. (2001). *L'herméneutique du sujet. Cours ao Collège de France. 1981-1982.* Paris: Gallimard/Le Seuil.
- GALIMBERTI, U. (1998). *Les raisons du corps.* Paris: Grasset-Mollat.
- HAMMAR, T. (1990). *Democracy and the nation-state. Aliens, Denizens and Citizens in a World of International Migration.* Avebury.
- HART, M. y NEGRI, T. (2004). *Império.* Lisboa: Livros do Brasil.
- HELLER, A. (1995). *Biopolítica. La modernidad y la liberación del cuerpo.* Barcelona: Península.
- JANKÉLEVITCH, V. (1989). *La aventura, el aburrimiento, lo serio.* Madrid: Taurus.
- JANKÉLEVITCH, V. (2002). *La muerte.* Valencia: Pre-Textos.
- LARROSA, J. (1998). *La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación. 2ª Ed.* Barcelona: Laertes.
- LARROSA, J. y SKILIAR, C. (Eds.) (2001). *Habitantes de Babel. Políticas y poéticas de la diferencia.* Barcelona: Laertes.
- LE BRETON, D. (1990). *Anthropologie du corps et modernité.* Paris: PUF.
- LE BRETON, D. (1999). *Do silêncio.* Lisboa: Edições Piaget.
- LE BRETON, D. (2000). *Passions du risque.* Paris: Métailié.
- LE BRETON, D. (2002). *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles.* Paris: Métailié.
- LE BRETON, D. (2003). *La peau et la trace. Sur les blessures de soi.* Paris: Métailié.
- MÈLICH, J-C. (2002). *Filosofía de la finitude.* Barcelona: Herder.
- NANCY, J-L. (1983). *L'impérative catégorique.* Paris: Flammarion.
- NANCY, J-L. (1992). *Corpus.* Paris: Métailié.
- NANCY, J-L. (1993). *Le sens du monde.* Paris: Galilée.
- NANCY, J-L. (2003). Notas sobre el término biopolítica. in *La creación del mundo o la mundialización.* Barcelona: Paidós.
- NEGRI, T. (2003). *Abecedário biopolítico.* Barcelona: Debate.
- ONFRAY, M. (1993). *La sculpture de soi. La morale esthétique.* Paris: Grasset.
- ONFRAY, M. (1997). *Politique du rebelle. Traité de résistance et d'insoumission.* Paris: Grasset.
- ONFRAY, M. (2002). *Teoría del cuerpo enamorado.* Valencia: Pre-Textos.
- RAMÍREZ, J. A. (2003). *Edificios-cuerpo.* Madrid: Siruela.
- RAMÍREZ, J. A. (2003). *Corpus solus. Para un mapa del cuerpo en el arte contemporáneo.* Madrid: Siruela.
- SONTAG, S. (1996). *Sobre la fotografía.* Barcelona: Edhasa.
- VILANOU, C. (2002). *Memoria y hermenéutica del cuerpo humano en el contexto cultural postmoderno.* in ESCOLANO, A. y HERNÁNDEZ, J. M. (Coord.) (2002). *La memoria y el deseo.* Valencia: Tirant lo Blanc.
- VILELA, E. (1998). *Do corpo equivoco.* Braga/Coimbra: Angelus Novus.
- VILELA, E. (2000). Cuerpos escritos de dolor. in *Revista complutense de Educación.* Vol.11, nº2. pp.83-106.
- VILELA, E. (2001). Cuerpos inhabitables. Errancia, filosofía y memoria. in LARROSA, J. y SKILIAR, C. (Eds.) (2001). *Habitantes de Babel.* Barcelona: Laertes. pp.343-372.

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano lectivo: 2004-2005. pp.146-159.

Eugénia Vilela foi membro de diversas sociedades científicas tendo centrado a sua

actividade de pesquisa no domínio da Antropologia Filosófica, da Filosofia da Educação e da Estética, com particular incidência nos processos de legitimação da construção simbólica do corpo.

No decurso do seu trabalho docente e no âmbito dos projectos de investigação que abraçou, a filósofa procurou pensar, através da íntima articulação entre o corpo e a imagem, os processos de construção simbólica do sentido na contemporaneidade. Tratou-se de reflectir, nas suas articulações com a Filosofia da Educação, sobre a cumplicidade entre a memória, a verdade, o limite e a realidade na Pós-modernidade. Para tal, desenvolveu a sua investigação num território onde se cruzaram, transversalmente, a antropologia, a iconologia, a estética e a ética.

Afirmando a Filosofia da Educação enquanto disciplina fundamentante (*discipline foundation*) do estudo da educação, a filósofa visou, através da sua actividade reflexiva e lectiva, realizar uma aproximação crítica à intencionalidade dominante da Pedagogia contemporânea que, marcada por um pensamento educativo perspectivado sob o quadro da racionalidade tecno-científica desvalorizou, como categorias pedagogicamente não pensáveis, as dimensões da contingência, da incerteza e da experiência no processo de (trans)formação do sujeito da educação.

Procurando ampliar e promover a compreensão do sentido em educação, Eugénia Vilela intuiu perspectivar a educação como um saber de experiência que, necessariamente, se deverá distanciar das pretensões científicas de regularidade, universalidade e predictibilidade das proposições teóricas em educação. Simultaneamente, visou aprofundar a questão educacional suportada por noções capazes de descrever a educação como acontecimento ético (experiência, descontinuidade, hospitalidade, estética da existência), recorrendo ao pensamento de filósofos como Hannah Arendt, Levinas, Derrida e Foucault.

Defendendo a educação como acontecimento da existência, Eugénia Vilela pretendeu dar a conhecer a crítica filosófica ao princípio de normalização em educação e as implicações ético-políticas da perspectiva definida pela biopolítica *moderna*.

Por sua vez, o contributo de Paula Cristina Pereira, Professora Auxiliar do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi igualmente considerável. Licenciada em Filosofia em 1986, mestre em Filosofia da Educação em 1986, com a defesa da dissertação *Amor e Conhecimento. Reflexões em torno da razão pedagógica* e doutorada

em Filosofia na especialização de Filosofia da Educação em 2005, através da defesa da tese intitulada *Do Sentir e do Pensar. Para uma antropologia experiencial de matriz poética da contemporaneidade*, o percurso académico da filósofa encontrou-se institucionalmente vinculado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Foi nessa mesma Instituição que Paula Cristina Pereira, ao longo dos anos, leccionou as disciplinas de Introdução às Ciências da Educação, Antropologia Educacional, Educação e Cidadania, Problemática da Filosofia e da História da Filosofia e a disciplina de Filosofia da Educação e Pensamento Português no Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Filosofia.

Programa 21

<p>UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS – GABINETE DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Curso Integrado de Estudos Pós Graduados em Filosofia Domínio científico em Filosofia da Educação Ano lectivo 2005-2006</p>
<p>Seminário Filosofia da Educação e Pensamento Português 3 horas lectivas semanais Docente: Paula Cristina Pereira 2º Semestre</p>
<p>Programa</p>
<p>1. <i>Introdução</i> Pensar, sentir e educar na cultura contemporânea. Imagocentrismo, racionalização da visão, excesso de visibilidade e socialização dos sentidos. O já sentido e o já pensado e as virtualidades pedagógicas da Filosofia quando se pensa a partir do que nos toca e do que nos afecta: a matriz poético-religiosa e o modo luso de pensar.</p> <p>2. <i>O movimento – e as especificidades – da Filosofia Portuguesa</i> A “Escola Portuense”, mestres e discípulos. A Renascença Portuguesa, a educação como revolução a realizar na alma. Antipositivismo, antidogmatismo e anticousismo. A poesia enquanto voz das origens. Pensar português e pensar <i>em</i> português. Educação, educação filosófica e educação do espírito pelo espírito.</p> <p>3. <i>Saudosismo e Criacionismo: a configuração de uma antropologia experiencial – do sentido com-sentidos</i> Pascoaes e Leonardo: dois olhares sobre a cultura portuguesa. Religiosidade saudosa e religiosidade amorosa. Razão experimental (experiencial) e razão poética. Poesia e Filosofia da Educação. A densidade ontológica da experiência estética. Crítica, drama, representação, apresentação, aparência e aparição. Pensamentos e sentimentos. Conhecimento e re-conhecimento. Conceito e concepção, conceptual e concepional. Sensibilidade ontológica e o dinamismo do aparecer. Uma antropologia pedagógica. A <i>Arte de Ser Português</i> e <i>O Problema da Educação Nacional</i> – ideal educativo e ideal humano. Uma ontologia do ser português. A educação como processo criacionista.</p>

3.1. Saudade e Educação

A radicalidade do sentimento saudoso. Conhecer, conhecer-me, sentir e fazer-me sentir. Do homem-coisa a um sentir pessoal. A saudade como desejo de companhia. Tempo e "tempo-vivo". Educação e contemporaneidade: da presença e da ausência e de como nos sentirmos contemporâneos.

Bibliografia:

Principal

- ARISTÓTELES (2000). *Poética*. 6ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. Trad., Pref., Intr. E apêndices de Eudoro de Sousa.
- BAUMAN, Z. (1989). *Modernity and the Holocaust*. Cambridge: Polity Press.
- BAUMAN, Z. (1995). *Modernity and Ambivalence*. Cambridge: Polity Press.
- CASTELS, M. (2002). *A sociedade em rede*. Lisboa: FCG. Trad. Ana Lemos.
- CHAMPEAU, S. (1995). *Ontologie et Poésie, trois études sur les limites du langage*. Paris: Vrin.
- CRUZ, M. T. (1998). Experiência e Experimentação. Notas sobre a euforia e disforia a respeito da arte e da técnica. in MIRANDA, J. B. (Org) (1998). *Revista de Comunicação e Linguagem. Real vs Virtual*. Nº25-26. Lisboa: Cosmos. pp. 425-434.
- DEBORD, G. (1999). *Comentarios sobre la sociedad del espectáculo*. 2ª Edição. Barcelona: Anagrama.
- HEIDEGGER, M. (1959). *Qu'Appelle-t-on Penser?* Paris: Presses Universitaires de France.
- HEIDEGGER, M. (1989). *Holderlin y la esencia de la poesía*. Barcelona: Antropos. Trad., comentarios e prólogo de Juan David García Bacca.
- JABOUILLE, V. (1993). *Do Mythos ao Mito. Uma Introdução à Problemática da Mitologia*. Lisboa: Cosmos.
- JOLIBERT, B. (1987). *Raison et Éducation*. Paris: Klincksieck.
- LA GARANDERIE, A. (1997). *Critique de la raison pédagogique*. Paris: Nathan.
- MAFFESOLI, M. (1990). *Aux creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon.
- MORENO, J. (1993). *La razón en la sombra. Antología del pensamiento de María Zambrano*. Paris: Siruela.
- NATOLI, S. (1999). *L'esperienza del dolore: le forme del dolore nella cultura occidentale*. Milano: Feltrinelli.
- PEREIRA, P. C. (2002). Filosofia da Educação: evidências, vidências e vivências. in MEDEIROS, E. (Org.) (2002). *Utopia e Pragmatismo em Educação: Desafios e Perspectivas. Actas do II Colóquio de Filosofia da Educação*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. pp. 115-124.
- PEREIRA, P. C. (2002). Da sensibilidade como acolhimento. in CARVALHO, A. (Org.) (2002). *Sentidos Contemporâneos da Educação*. Porto: Afrontamento. pp. 219-238.
- PERNIOLA, M. (1993). *Do sentir*. Lisboa: Presença.
- PERNIOLA, M. (1994). *Enigmas. O Momento Egípcio na Sociedade e na Arte*. Lisboa: Bertrand.
- REBOUL, O. (2000). *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- RENGEL, J. P. (1996). *Lógica del Sentimiento. Ensayo de una antropología filosófica. Tomo I e II*. Caracas: Monte Ávila.
- RODRIGUES, A. D. (1998). Contributos para uma genealogia do virtual. in MIRANDA, J. B. (Org) (1998). *Revista de Comunicação e Linguagem. Real vs Virtual*. Nº25-26. Lisboa: Cosmos. pp. 87-95.
- TRIAS, E. (1997). *Tratado de la pasión*. 4ª Edição. Madrid: Taurus.
- TRIAS, E. (2000). *Los límites del mundo*. Barcelona: Destino.
- VITSAXIS, V. (2001). *Le poétique. Questions d'Esthétique*. Paris: L'Harmattan.
- WIEVIORKA, A. (1998). *L'Ère du témoin*. Paris: Plon.
- WUNENBURGER, J. J. (1995). *L'imagination*. 2ª Ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- ZAMBRANO, M. (1993). *Filosofía y Poesía*. 4ª Ed. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- ZUBIRI, X. (1998). *Inteligencia Sentiente. Inteligencia y realidad*. 5ª Ed. Madrid: Alianza/Fundación Xavier Zubiri.

Principal – relativa ao pensamento português

- AA. VV. (1980). *Pascoaes – No centenário do nascimento de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa:

Secretaria de Estado da Cultura/Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- AA. VV. (1985). *Leonardo Coimbra: Filósofo do Real e do Ideal*. Lisboa: Instituto Amaro da Costa.
- AA. VV. (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- AA. VV. (1989). *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*. Lisboa: Didaskalia (Universidade Católica Portuguesa).
- AA. VV. (1994). *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra. Actas do simpósio realizado no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- AA. VV. (1996). *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- AA. VV. (2002). *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos. 1850-1950. 3 Volumes*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- ALVES, A. (2003). *Leonardo Coimbra: Filósofo da Liberdade e do amor Infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- BOTELHO, A. (1990). *Da Saudade ao Saudosismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- BOTELHO, A. (1996). *Teoria do amor e da morte*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- BRAZ TEIXEIRA, A. (1993). *Deus, o Mal e a Saudade: Estudos sobre o pensamento Português e Luso-Brasileiro*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- BRAZ TEIXEIRA, A. (1997). *Ética, Filosofia e Religião: Estudos sobre o pensamento Português, Galego e Brasileiro*. Évora: Pendor.
- COIMBRA, L. (1912). *O Criacionismo: Esboço de um sistema filosófico*. Porto: Renascença Portuguesa.
- COIMBRA, L. (1915). *O Pensamento criacionista*. Porto: Renascença Portuguesa.
- COIMBRA, L. (1920). *A alegria, a dor e a graça*. 2ª Ed. Porto: Renascença Portuguesa.
- COIMBRA, L. (1922). *Do amor e da morte*. Porto: Lello & Irmão.
- COIMBRA, L. (1923). *A Razão Experimental: (Lógica e Metafísica)*. Porto: Renascença Portuguesa.
- COIMBRA, L. (1926). *O Problema da Educação Nacional: (Tese apresentada ao Congresso da Esquerda Democrática em 1926)*. Porto: Marânus.
- COIMBRA, L. (1962). A Rússia de hoje e o homem de sempre. in MAGALHÃES, A. (Pref.) (1962). *Obras Completas de Leonardo Coimbra*. Porto: Tavares Martins.
- COUTINHO, J. (1995). *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes: estudo hermenêutico e crítico*. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
- DIONÍSIO, Sant'Anna (1983). *Leonardo Coimbra: contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas*. 2ª Ed. Porto: Lello & Irmão.
- GALA, E. e SAMUEL, P. (Coord.) (1995). *As Linhas Míticas do Pensamento Português*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- LOURENÇO, E. (2001). *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade*. 3ª Ed. Lisboa: Gradiva.
- LOURENÇO, E. (2003). *Tempo e Poesia*. Lisboa: Gradiva.
- MARINHO, J. (1945). *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*. Porto: Figueirinhas.
- MARINHO, J. (1961). *Teoria do Ser e da Verdade*. Lisboa: Guimarães.
- MARINHO, J. (1976). *Verdade, Condição e Destino do Pensamento Português Contemporâneo*. Porto: Lello & Irmão.
- MOREIRA DE SÁ, M. G. (1992). *Estética da saudade em Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- PASCOAES, T. (1973). *Regresso ao Paraíso. Elegias. O doido e a morte*. (Obras Completas de Teixeira de Pascoaes. 2ª Ed. Vol.IV). Lisboa: Bertrand.
- PASCOAES, T. (1987). *Os Poetas Lusíadas*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/5). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1987). *O Bailado*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/6). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1988). *A Saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/7). Lisboa: Assírio & Alvim.

- PASCOAES, T. (1990). *Marânus*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/9). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1991). *Arte de ser português*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/10). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1993). *O Homem Universal e outros escritos: O sentido da vida, A Caridade, A nossa fome, Pró Paz*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/12). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1999). *Senhora da Noite. Verbo Escuro*. (Obras de Teixeira de Pascoaes/18). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PATRÍCIO, M. F. (1985). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea – II- Teixeira de Pascoaes*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.
- PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: teoria e Prática*. Porto: Porto Editora.
- PATRÍCIO, M. F. (1996). *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PEREIRA, P. C. (2000). *Amor e Conhecimento. Reflexões em torno da razão pedagógica*. Porto: Porto Editora.
- PEREIRA, P. C. (2002). Teixeira de Pascoaes: do pensamento-sentimento e da(s) virtualidade(s) estética(s) do conhecimento. in AA. VV. (2002). *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portugueses Contemporâneos. 1850-1950. 3 Vol.* Porto: Universidade Católica Portuguesa/centro regional do Porto/Imprensa Nacional Casa da Moeda. pp. 465-476.
- PIMENTEL, M. C. (1996). *Odisseias do Espírito. Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PIMENTEL, M. C. (2003). *A Ontologia Integral de Leonardo Coimbra. Ensaio sobre a intuição do Ser e a Visão Enigmática*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PINHARANDA, G. (1974). *Teodiceia Portuguesa Contemporânea. Estudo e Antologia*. Lisboa: Sampedro.
- PINHARANDA, G. (1992). *Entre Filosofia e Teologia*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- QUADROS, A. (s/d). *Memórias das Origens, Saudades do Futuro: valores, mitos, arquétipos, ideias*. Lisboa: Europa-América.
- QUADROS, A. (1967). *O Espírito da Cultura Portuguesa: Ensaios*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.
- QUADROS, A. (1988). *Portugal, razão e mistério*. 2ª Ed. Lisboa: Guimarães Editores.
- RIBEIRO, A. (s/d). *O problema da Filosofia portuguesa*. 2ª Ed. Lisboa: Inquérito.
- RIBEIRO, A. (1953). *Apologia e Filosofia*. Lisboa: Editores.
- RIBEIRO, A. (1957). *A razão animada. Sumário de Antropologia*. Lisboa: Bertrand.
- SOUSA, E. (1984). *Mitologia*. Lisboa: Guimarães Editores.
- SOUSA, E. (2000). *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Fonte: *Guia do Estudante de Filosofia*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano lectivo: 2005-2006. pp. 157-162.

No entanto, a actividade académica da filósofa não se reduziu à intensa e diversificada actividade lectiva uma vez que esta, além de usufruir do estatuto de membro fundador do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi igualmente membro de outros grupos de pesquisa como: da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, do Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica Portuguesa, do Centro Regional do Porto, da *Philosophy of Education Society of Great Britain* (PESGB), da *Société francophone de philosophie de l'éducation* (SOPHIED) e membro investigador da Unidade de Investigação e

Desenvolvimento do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), no âmbito da qual desenvolveu grande parte da sua investigação e participou em vários projectos.

No campo científico da Filosofia da Educação, a linha de pensamento de Paula Cristina Pereira, tendencialmente próxima de uma vertente antropológica da educação, visou reflectir, por um lado, sobre temáticas afins à relação da Filosofia da Educação com o espaço público e, por outro lado, acerca do relacionamento estipulado entre a Filosofia da Educação e o pensamento português, procurando perspectivar a educação no âmbito de um pensamento de acolhimento, imbuída de afinidades com a Filosofia Criacionista de Leonardo Coimbra e com a Filosofia Saudosista de Teixeira de Pascoaes.

Considerando a Filosofia Criacionista como filosofia da liberdade e do amor e a Filosofia Saudosista como filosofia da actividade, Paula Cristina Pereira intuiu que o magistério do seu exercício filosófico-educativo viabilizasse a possibilidade de reflectir a educação no interior da língua e da cultura portuguesa, visando: alcançar uma possibilidade para o homem se autodeterminar na proximidade com a poesia, equacionar a especificidade do pensar misto português como superação de um pensamento-imagem, analisar a vocação pedagógica da experiência po(i)ética na reconfiguração da experiência em associação e afinidade de sentidos e identificar temáticas e noções fundamentais do pensamento português contemporâneo por forma a colocar no debate educativo, figuras, temas e problemas configurados como próprios de uma intimidade espiritual.

Defensora convicta da vocação pedagógica da Filosofia, Paula Cristina Pereira postulou o seguinte ideal de Filosofia de Educação: "...meio de compreensão e construção da dialéctica sujeitos-sujeitos e sujeitos-objectos" que, devendo afastar-se do utilitarismo que, segundo a filósofa, "torna os acontecimentos do mundo não-nossos e entorpece a nossa afectividade, traduzida numa atitude de indiferença, desatendendo às cores, aos odores e aos sons, à vida do próprio pensamento" (Pereira, 2002: 118-119).

9. Antropagogia da Educação da Universidade de Évora

A Universidade de Évora teve, desde os seus alvares, uma tendência vocacional para se dedicar ao estudo da Filosofia.

Tratando-se de uma Instituição cuja actividade se encontrou suspensa por cerca de dois séculos, o retomar da sua função foi marcado pela preocupação de formar professores. Ministrando, desde cedo, vários cursos de Ensino, somente a partir da segunda metade da década de noventa do século transacto, é que assistiu à criação do curso de licenciatura em Filosofia cujo plano de estudos continha a disciplina de Filosofia da Educação.

No período anterior ao início da leccionação da disciplina, a Instituição já tinha revelado afinidades com o campo da Filosofia da Educação, atendendo a que nela tinha sido defendida uma tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação.

Sob o astuto magistério filosófico de Manuel Ferreira Patrício o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade eborense foi-se consolidando e, chegando a organizar um movimento filosófico-educacional com repercussões a nível nacional e internacional, converteu-se num pólo de destaque da Filosofia da Educação em Portugal.

9.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade de Évora

A Universidade de Évora, criada em Abril 1559, foi a segunda Instituição universitária a ser fundada em Portugal. Segundo reza a História, a ideia original da criação da segunda Universidade do Reino deve ser atribuída a D João III mas, em definitivo, coube ao Cardeal D. Henrique a sua concretização, sob a anuência do Papa Paulo IV, expressa na *Bula Cum a Nobis* de Abril desse mesmo ano.

Contudo, a sua inauguração solene só foi realizada a 1 de Novembro de 1559 tendo, coetaneamente, a sua direcção sido confiada à Companhia de Jesus até 1759, período em que, no seguimento das reformas políticas e culturais realizadas pelo Marquês de Pombal, os padres jesuítas foram objecto de decreto de expulsão de Portugal e se assistiu ao seu

encerramento.

Durante o período áureo da sua actividade leccionaram, nesta Universidade, alguns dos maiores vultos da cultura portuguesa filosófica e teológica, especificamente, Luís de Molina, Sebastião Barradas, Baltazar Teles, Francisco Suarez, Manuel Álvares e, durante algum tempo, Pedro da Fonseca, reconhecido como sendo o mais importante filósofo português quinhentista, célebre pelo esforço de renovação neo-escolástica do pensamento aristotélico.

Após um hiato de mais de duzentos anos, foi restabelecida, em 1973, pelo então Ministro da Educação Veiga Simão, como Instituto Universitário, pelo Decreto - Lei nº402/73 de 11 de Agosto de 1973 e, como Universidade de Évora, em 1979, pelo Decreto - Lei nº 482/79 de 14 de Dezembro de 1979 (Carrilho, 1984).

Empenhado em desenvolver uma actividade significativa no domínio da formação e habilitação de professores, o Instituto Universitário de Évora criou, em Março de 1975, o Departamento de Ciências da Educação e, em Julho de 1979, foi aprovada a criação de um Centro Integrado de Formação de Professores (à semelhança do existente em Aveiro) por forma a que, a partir do ano lectivo 1978-1979, tenha tido início o funcionamento dos seus primeiros cursos de licenciatura em Ensino cujo número foi, progressivamente, aumentando.

Os últimos anos da década de 70 do século XX, marcados pela necessidade de formar e habilitar professores, revelaram-se um momento propício ao sobraçar desta Instituição pela valência do processo de formação docente.

No propósito de colmatar uma tão nobre necessidade foi, nesse período, criada a Divisão de Pedagogia e Educação do Instituto Universitário eborense que, em 1989, foi convertida em Departamento de Pedagogia e Educação, pela publicação dos *Estatutos da Universidade de Évora* abrangidos no âmbito da Lei da Autonomia Universitária (Lei nº 188/88, de 24 de Setembro de 1988), sob a presidência pioneira de Manuel Ferreira Patrício¹¹⁹.

Apesar da presença de disciplinas afins ao campo disciplinar da Filosofia da Educação, como Teoria da Educação e Axiologia Educacional, nos currículos pedagógicos a cargo da Divisão/Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, a introdução disciplinar da Filosofia da Educação, nesta Instituição, teve que aguardar a chegada do ano

¹¹⁹ Manuel Ferreira Patrício foi Presidente do Conselho do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, de 1989 a 1993, tendo sido sucedido por Vítor Trindade, que ocupou o cargo de 1993 a 1997, que, por sua vez, foi revezado por António Neto que, de 1997 a 2001, assumiu essa função, que, futuramente foi desempenhada por Luís Sebastião.

lectivo 1996-1997 para que, sob a docência do primeiro Presidente do Conselho do Departamento de Pedagogia e Educação, passasse a ser ministrada.

9.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade de Évora

Foi a partir do ano lectivo 1996-1997 que a estrutura das relações dos indivíduos e grupos, que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Évora, se começou a consolidar.

Curiosamente, a presença disciplinar da Filosofia da Educação nesta Universidade, legitimada pela promulgação do Despacho 10/SAC/96 – Anexo I e II – do *Diário da República* – II Série Nº 171 de 25 de Julho de 1996, foi simultânea à criação do próprio curso de licenciatura em Filosofia.

Contudo, o interesse pelas temáticas afins à Filosofia da Educação já se encontravam presentes na Instituição, uma vez que, em 1984, Manuel Ferreira Patrício aí concluiu o seu doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação, apresentando a tese intitulada *A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e Prática*¹²⁰, na qual se encontra explanada a reflexão sobre o sentido profundo da obra filosófica de Leonardo Coimbra e da relação deste com os pilares ônticos da Geração de Noventa¹²¹.

Manuel Ferreira Patrício expõe aqueles que foram os magnos combates de um grande homem originário de Portugal durimínio, que a actualidade parece teimar em esquecer, como parece querer esquecer quanto de, português, há no mundo e foi dado ao mundo. Vai mais longe, ao expor-se dando conta das suas opções fundamentais acerca da educação e cultura nacionais, tornando-nos partícipes do projecto actuante de Leonardo Coimbra (Barros Dias e Sebastião, 2008: 11).

O contributo de Manuel Ferreira Patrício na Universidade de Évora foi determinante para a consolidação do campo disciplinar da Filosofia da Educação, ainda que, *ab origine*, a disciplina tenha usufruído de outra nomenclatura.

Em Évora, por exemplo, a disciplina recebeu o nome de Teoria da Educação,

¹²⁰ A tese de doutoramento de Manuel Ferreira Patrício, foi publicada, sob o título original, em 1992, pela Porto Editora.

¹²¹ Referimos como pilares ônticos da Geração de Noventa, pensadores como: Pedro de Amorim Viana, Antero de Quental e Sampaio Bruno.

para não ferir algumas sensibilidades antifilosóficas, embora tenha sido sempre entendida, e praticada, como uma Teoria Filosófica da Educação (Patrício, 2000: 73).

Particularmente dedicado à actividade concepcional, organizacional e lectiva no âmbito das licenciaturas em Ensino, criadas em 1978, o filósofo, desde então, assumiu a regência de várias disciplinas afins à Filosofia da Educação (Teoria da Educação, Axiologia Educacional e História da Pedagogia e da Educação), na tentativa de desenvolver condições propícias à criação de um curso de licenciatura em Filosofia que integrasse a Filosofia da Educação no seu rol disciplinar.

Na primeira metade dos anos 80, a Universidade de Évora cultivava intensamente a Pedagogia, no quadro do projecto das licenciaturas em ensino. A Filosofia – e, mais precisamente, a Filosofia da Educação – aparecia dentro da componente pedagógica dessas licenciaturas (Patrício, 2002b: 7).

Presente na estrutura curricular do curso de licenciatura em Filosofia, desde o momento da sua homologação, como disciplina optativa da área científica de Filosofia da Educação dividida em duas disciplinas semestrais (Filosofia da Educação I e Filosofia da Educação II) com a carga lectiva semanal de duas horas de aulas teóricas e duas horas de aulas práticas, a presença disciplinar da Filosofia da Educação foi consumada, na Universidade de Évora, no ano lectivo 1996-1997, sob o magistério de Manuel Ferreira Patrício. Nos anos lectivos 2000-2001 e 2001-2002 a disciplina, apesar de permanecer sob a regência de Manuel Ferreira Patrício, foi leccionada pela sua colaboradora Marta Brites e, nos anos lectivos 2002-2003 e 2003-2004, foi leccionada pela colaboradora Marta Figueiredo, ambas recém licenciadas em Filosofia pela Universidade de Évora.

Quadro 34

UNIVERSIDADE DE ÉVORA Curso de Licenciatura em Filosofia Ano lectivo 1996-1997
Estrutura Curricular 1 – Área científica do curso – Filosofia 2 – Duração normal do curso – quatro anos lectivos 3 – Unidades de crédito necessárias à concessão do grau – 124,5 4 – Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito: 4.1 – Obrigatórias: - Propedêutica Filosófica - História da Filosofia - Lógica - Gnoseologia - Ontologia - Axiologia

- Antropologia Filosófica
- Filosofia em Portugal
- Informática

4.2 – Optativas:

- Propedêutica Filosófica
- Filosofia Oriental
- Hermenêutica
- Filosofia Prática
- Gnoseologia
- Antropologia Filosófica
- Filosofia da Cultura
- **Filosofia da Educação**
- Axiologia

Distribuição das disciplinas por áreas científicas

Optativas:

Área científica em **Filosofia da Educação**:

- **Filosofia da Educação I** (semestral) – 2 aulas teóricas + 2 aulas práticas
- **Filosofia da Educação II** (semestral) – 2 aulas teóricas + 2 aulas práticas

Fonte: Despacho nº 10/SAC/96, de 25 de Julho de 1996.

A trajectória académica de Manuel Ferreira Patrício revelou-se uma simbiose equilibrada entre a dedicação à causa educativa e a reflexão filosófica sobre a mesma. Usufruidor do curso do Magistério Primário, realizado na Escola do Magistério Primário de Évora entre os anos 1957 e 1959, como primeira habilitação para a docência, em 1966, ingressou no curso de licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde foi aluno de Delfim Santos. Entre os anos 1967 e 1984 foi Professor do Ensino Liceal, no Grupo de Filosofia, apesar de, desde 1976, ter sido requisitado como Professor para leccionar no recém-fundado Instituto Universitário de Évora. Em 1984 realizou o seu curso de Doutoramento em Ciências da Educação, na especialidade de Filosofia da Educação, nesta Universidade¹²², outorgando a tese intitulada *A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e prática*, primeiro sob a orientação de Manuel Antunes e, posteriormente, por Gama Caeiro, ambos Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nesse mesmo ano, após a conclusão do doutoramento, passou a usufruir do cargo de Professor Auxiliar da Instituição. Em 1992, apresentou Provas de Agregação em Teoria da Educação e em Axiologia Educacional e de 1993 a 2006 foi um Professor Catedrático da Universidade eborense, intensamente devoto à problemática filosófica, à questão educativa¹²³ e ao

¹²² A respeito da tese de doutoramento de Manuel Ferreira Patrício, interessa mencionar que, no site da Biblioteca Nacional de Portugal, consta uma informação equívoca que se refere a este trabalho como sendo uma tese de doutoramento em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹²³ Paralelamente à sua actividade lectiva, Manuel Ferreira Patrício participou, activamente, em vários projectos

processo de formação de professores.

Definindo, de uma forma metafórica, a Filosofia da Educação, Manuel Ferreira Patrício, entendeu-a como sendo: “a iluminação da educação pela filosofia advogando que só a radicalidade racional da filosofia pode levar-nos à raiz da educação” (Patrício, 2000: 75).

Reconhecendo que, quer como domínio da Filosofia quer como domínio da educação, a Filosofia da Educação em Portugal ainda mantém em curso o seu propósito de afirmação na comunidade filosófica e educativa nacional, o filósofo acreditou que a escrita da História da Filosofia da Educação em Portugal pudesse contribuir, notoriamente, para a consolidação do seu estatuto epistemológico e do seu próprio campo de produção cultural (Patrício, 2000).

Estamos a precisar de escrever uma História da Filosofia da Educação em Portugal, que poderá e deverá ser isso, mas que não poderá também deixar de ser uma História da Filosofia Portuguesa da Educação. Todo o país que o mereça ser tem de possuir uma visão filosófica da educação (Patrício, 2000:71).

Para Manuel Ferreira Patrício, a questão referente à alocação da Filosofia da Educação no campo disciplinar da Filosofia ou no campo disciplinar das Ciências da Educação não foi considerado como problema maior. Diferentemente, para este, e atendendo tanto ao seu percurso académico como às condicionantes institucionais/departamentais da Universidade de Évora, o seu entendimento sobre o saber construído pelo homem deverá compreender uma tripla tipologia: lógico-ontológica (incidente sobre o que é), axiológico-normativa (incidente sobre o que deve ser) e performativa-realizativa (incidente sobre o que fazer). (Patrício, 2000).

Recorrendo ao conceito de antropagogia, e definindo-a como “teoria e prática da

relacionados com a causa educativa, nomeadamente, foi, a partir da década de 80, membro da *Association Internationale des Professeurs de Philosophie*, foi, desde 1983, Sócio-Fundador e durante alguns anos Presidente da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Professores – Secção Portuguesa da *Association Européenne des Enseignants*, de 1986 a 1988, foi membro da Comissão de Reforma do Sistema Educativo, de 1988 a 1989, foi Presidente do Conselho Coordenador da Profissionalização em Serviço, de 1987 a 1989, foi Presidente do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, de 1988 a 1989, foi fundador e Director da Revista *Inovação*, de 1989 a 1990, foi Director da Revista *Noesis* e da Revista *Educação e Liberdade*, em 1990, foi Sócio-Fundador e durante algum tempo Presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, desde esse mesmo ano, foi Sócio-Fundador e Presidente da Direcção da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, de 1992 a 1994, foi fundador e Director da *Revista Escola Cultural*, de 1993 a 1996, foi Director-Geral do Departamento do Ensino Superior do Ministério da Educação, de 1993 a 1996, foi membro do Conselho Geral da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, foi, desde a década de 90, membro do Conselho Editorial da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, foi, desde 1992, membro fundador e Gerente do Instituto de Filosofia Luso Brasileira, foi, a partir de 1996, Presidente da Associação Marânus – Associação para a Divulgação da Vida e Obra de Teixeira de Pascoaes, de 2002 a 2006, foi Reitor da Universidade de Évora, de 2004 a 2005 foi fundador e Director da Revista *Revue*, foi, desde 2006, Académico correspondente da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e, a partir desse dessa data, passou a ser membro do *Bureau International da Association Internationale de Professeurs de Philosophie*.

educação do homem no horizonte de plenitude da sua humanidade”, Manuel Ferreira Patrício afirmou que a totalidade integrada, dessa teoria e prática, deverá ser iluminada pela Filosofia da Educação (Patrício, 2000:76). Daí, que, segundo este, a Filosofia da Educação, além da reflexão teórico-crítica da educação, não deva ser dissociada da componente prática, em *lato sensu*, e do processo de formação de professores, em *stricto sensu*.

Na esteira da actividade e do pensamento de Manuel Ferreira Patrício, o problema do processo de formação de professores, bem como a questão alusiva à problemática das componentes de formação, revelaram-se acentuadamente presentes.

Acreditando que a “dignidade da missão do professor impõe que ele seja constitutivamente um agente intelectual”, o filósofo apresentou um conjunto de componentes constitutivas do processo de formação docente (formação científica da especialidade docente; formação pedagógica e pedagógico-didáctica teórica; formação pedagógica prática, incluindo prática pedagógica nos estabelecimentos de ensino) que deveria ser sustentado por um percurso de formação pessoal e cultural com fundamentos filosófico-educativos proposto pelo movimento da “Escola Cultural” (Patrício, 1997a:69).

... penso que a formação pessoal e cultural é a envolvente e mesmo a substância de toda a formação, pelo que deve ser deliberadamente realizada desde o primeiro ao último dia (Patrício, 1997a: 69).

Pugnando pela presença da intencionalidade cultural nas nossas escolas, Manuel Patrício fundou, em 1990, a Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural (AEPEC), da qual foi Presidente e que, no fundo, deverá ser entendida como sendo, integralmente, uma “escola axiológica” (Patrício, 1997b:21).

... a escola cultural é axiológica na sua essência pela radical vinculação ao princípio de liberdade, ao entendimento desta como valor matricial do humano e ao entendimento da autonomia como valor matricial da própria liberdade: como a liberdade da liberdade (Patrício, 1997b: 235).

Na tentativa de tentar esboçar as linhas de força do movimento da “Escola Cultural”, é possível sintetizá-las em cinco teorias parcelares: a) uma “teoria da pessoa”; b) uma “teoria da educação”; c) uma “teoria da escola”; d) uma “teoria da comunidade”; e) uma “teoria da vida” (Patrício, 1997b:26).

O movimento da Escola Cultural, manifestamente impulsionado pelos filósofos da educação da Universidade de Évora e fortemente fundamentado no saber filosófico-

educativo animou, consideravelmente, as relações entre os filósofos da educação desta Universidade com os de outras Instituições de Ensino Superior portuguesas e estrangeiras, através dos congressos, das conferências e das publicações que organizou, nos quais participaram algum dos académicos mais destacáveis do cenário filosófico e educacional a nível nacional e internacional, nomeadamente: Adalberto Dias de Carvalho (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), José Barata-Moura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Manuel Maria Alte da Veiga (Instituto de Educação da Universidade do Minho), José Ribeiro Dias (Instituto de Educação da Universidade do Minho), Ricardo Marín Ibáñez (*Universidad Nacional de Ensino a Distancia – Madrid/UNED*), Kevin Ryan (*Boston University Massachusetts - USA*), Jesús Fernández González (*Universidad Nacional de Ensino a Distancia – Madrid/UNED*), Pierre Dehalu (*Ecole Normale de Champion Namur – Belgique*) e Cecilia Rosich Pla (*Universidad Ramon Llull – Barcelona*).

Analisando o texto apresentado por Manuel Ferreira Patrício no II Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural¹²⁴, realizado entre 10 e 12 de Abril de 1992 na Universidade eborense, no qual o filósofo assume, inequivocamente, o seu descontentamento perante o conteúdo do Decreto-lei nº289/89 de 29 de Agosto de 1989, alusivo à reforma curricular do sistema educativo, é evidente a irreverência e a liberdade do seu pensamento e a sua incapacidade de se resignar face às regras do sistema (Patrício, 1997a).

Tendo em consideração que, ele próprio, foi membro da Comissão de Reforma do Sistema Educativo e que, a essa data, sobraçava a pasta da Presidência do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, o movimento da Escola Cultural revela-se susceptível de ser interpretado como *devir* privilegiado à *disputatio* educacional, entendida no seu sentido filosófico mais radical.

No decurso da sua actividade académica, Manuel Ferreira Patrício foi autor de um número considerável de publicações¹²⁵, participou em numerosos júris académicos, nos

¹²⁴ O texto apresentado por Manuel Patrício no II Congresso da AEPEC, encontra-se presente numa obra, por si organizada, intitulada *A Escola Cultural e os Valores*, publicada em 1997 pela Porto Editora.

¹²⁵ Como complemento à sua actividade académica, Manuel Ferreira Patrício outorgou numerosas publicações de teor filosófico-educativo, entre as quais: (1981). *Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin*. Évora: Universidade de Évora; (1983). *Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora; (1983). *Anotações didácticas sobre a Educação Nova*. Évora: Universidade de Évora; (1984). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea – I*. Évora: Universidade de Évora; (1985). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea – II*. Évora: Universidade de Évora; (1986). *A Disciplina de Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora; (1990). *A Escola Cultural – Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. Lisboa: Texto Editora; (1990). *A Formação de*

vários escalões da carreira, em praticamente todas as Universidades do país e em algumas Universidades espanholas.

Durante o seu longo percurso docente, Manuel Patrício orientou algumas teses de doutoramento¹²⁶ e várias dissertações de mestrado de discentes da sua Universidade e de outras, entre as quais, a defendida por José Manuel de Barros Dias, em 1996, intitulada *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes: Compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares*.

A relação orientador/orientando, assumida entre ambos, e a dedicação ao estudo da dimensão educacional presente no pensamento de Miguel de Unamuno, já datava do ano de 1988, altura em que J.M. de Barros Dias, iniciou, nesta Instituição, o curso de especialização em Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica no âmbito do qual redigiu a dissertação sob o título *Miguel de Unamuno: O tema da "hispanidad" e suas implicações educacionais*.

Professor da Universidade de Évora, a partir do ano lectivo 1987-1988, Barros Dias foi autor do programa disciplinar que visava suportar a leccionação da disciplina de Filosofia da Educação (Teoria da Educação), em 2002, no âmbito do curso de mestrado em Educação na especialidade de Desenvolvimento Pessoal e Social¹²⁷.

Professores à luz da Lei de bases do Sistema Educativo. Lisboa: Texto Editora; (1991). *Lições de Filosofia da Educação – I*. Lisboa: Universidade Aberta. (1992). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra – Teoria e Prática*. Porto: Porto Editora; (1993). *Lições de Pedagogia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta; (1996). *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida – Passos para uma Pedagogia da Sagesa*. Lisboa: Universidade Aberta. Acrescem-se, ainda, os livros de Actas dos Congressos da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural que concebeu, realizou e organizou para publicação, nomeadamente, (1991). *Educação Pluridimensional e Escola Cultural*. AEPEC; (1997). *A Escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora; (1997). *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos anos 2000*. Porto: Porto Editora; (2001). *Escola, Aprendizagem e Criatividade*. Porto: Porto Editora; (2002). *Globalização e Diversidade – A Escola Cultural, uma resposta*. Porto: Porto Editora; (2006). *Educação e Formação Profissional – As perspectivas da Escola Cultural*. Porto: Porto Editora.

¹²⁶ As teses de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação orientadas por Manuel Ferreira Patrício foram: DIAS, B. (1996). *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes: compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares*. Évora: Universidade de Évora; AMOEDO, M. (1997). *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Évora: Universidade de Évora; SEBASTIÃO, L. (2000). *Possibilidade de fundamentação da educação no pensamento cosmogénico de Pierre Teilhard de Chardin*. Évora: Universidade de Évora; SANTOS, T. (2000). *A Pedagogia da escuta em Krishnamurti*. Évora: Universidade de Évora. Manuel Ferreira Patrício foi também Co-orientador da tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação: CASULO, J. (1995). *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*. Braga: Universidade do Minho.

¹²⁷ A razão que levou J.M. de Barros Dias a ter assumido a docência disciplinar de Filosofia da Educação no quadro no referido curso de mestrado, no ano lectivo 2002-2003, poderá estar relacionada com o facto de, nesse mesmo período, Manuel Ferreira Patrício ter ascendido ao cargo de Reitor da Universidade e, nessa circunstância, ter delegado essa responsabilidade ao filósofo Barros Dias. Contudo, poder-se-á tratar de uma mera coincidência. *Ipsum factum* é que, Patrício ocupou o cargo de Reitor, dessa Instituição universitária, de Março de 2002 a Março de 2006 e que J.M. de Barros Dias foi o autor do Programa Disciplinar de Filosofia da Educação do ano lectivo

Licenciado em Filosofia em 1986 pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Barros Dias iniciou, no ano lectivo seguinte, o seu percurso de docência universitária como assistente estagiário da Universidade de Évora, tendo ascendido ao cargo de Professor Auxiliar, em 1996, e ao de Professor Associado, em 2001.

Paralelamente ao exercício de docência e de pesquisa, realizado nesta e noutras Universidades¹²⁸, Barros Dias assumiu, desde 1997, vários cargos de direcção, administração e coordenação tanto na Secção de Filosofia como no Departamento de Pedagogia e Educação¹²⁹ e publicou alguma bibliografia de índole filosófico-educacional¹³⁰.

Um outro discípulo de Manuel Ferreira Patrício devoto à causa filosófico-educacional e que, nessa consonância, no ano lectivo 2005-2006, redigiu o programa disciplinar de Filosofia da Educação do curso de mestrado em Educação – variante de Administração Escolar, foi Luís Miguel Sebastião.

Manuel Patrício e Luís Sebastião conhecem-se há mais de um quarto de século. Ambos os pensadores têm trabalhado em Filosofia da Educação e em Teoria (Filosófica) da Educação numa relação que poderíamos caracterizar como sendo aquela que, genuinamente, se estabelece entre um mestre e um discípulo (Barros Dias e Sebastião, 2008:22).

Luís Sebastião fez parte do grupo dos primeiros alunos de licenciatura do Instituto Universitário de Évora, tendo concluído o curso de Biologia e Geologia (ensino de) no ano de 1983.

Permanecendo fiel à Instituição, em 1989 realizou Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, apresentadas sob o título *Comportamento e Pedagogia: uma abordagem bio-cultural* e, em 2000, concluiu o doutoramento em Ciências da Educação na especialidade em Filosofia da Educação defendendo a tese intitulada *Possibilidade de*

2002-2003 até 2005-2006.

¹²⁸ Entre 1996 e 2007, Barros Dias foi investigador da Universidade Nova de Lisboa, entre 2005 e 2007, foi Professor visitante e investigador da Universidade Católica Portuguesa e, de 2002 a 2004, foi Professor do Instituto de Defesa Nacional.

¹²⁹ De 1997 a 2001, Barros Dias ocupou, na Universidade de Évora, o cargo de Coordenador Adjunto da Secção de Filosofia e Pedagogia, de 1997 a 2002, foi Director Adjunto da Comissão de Curso de Licenciatura em Filosofia, de 1999 a 2002, foi Coordenador do Grupo Disciplinar de Filosofia, de 2002 a 2003, foi Director da Licenciatura em Filosofia.

¹³⁰ Dos livros publicados por Barros Dias, no campo da Filosofia da Educação interessa referir: (1999). *Educação e Construção Europeia no Dealbar do Terceiro Milénio*. Évora: Association Européene des Enseignants – Secção de Évora; (2002). *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes – Compromissos para a Educação dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; (2004). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Aberta.

fundamentação da educação no pensamento cosmogénico de Pierre Teilhard de Chardin.

A partir de 2001 desempenhou funções como Presidente do Conselho do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade eborense, paralelamente ao exercício da docência no Departamento de Pedagogia e Educação e, posteriormente, foi Presidente do Conselho Científico da Área Departamental de Ciências Humanas e Sociais.

Visando consolidar o seu conhecimento no campo filosófico-educacional, em 2004 participou na elaboração da obra de Manuel Patrício, intitulada *Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma Pedagogia da sagesa*¹³¹. Tratando-se, tal como afirmam os seus autores, de um livro pensado e escrito por professores que tem como público-alvo os seus pares, contempla, como desafio maior, a possibilidade de edificar um modelo de formação plena do ser humano radicado no mundo da vida (*lebenswelt*), que deverá ser respeitada enquanto única e irrepetível.

A educação tem de ser pensada, desde o seu âmago, as suas raízes, e totalmente, nada podendo ficar fora da actividade reflexiva e hermenêutica (Patrício e Sebastião, 2004: 73).

Tratando-se de uma obra em que os seus autores defendem, claramente, o educador como “alguém que coloca toda a sua competência científica, pedagógica e profissional ao serviço do processo de formação humana e profissional do educando que lhe é entregue” e a “importância da compreensão da pluridimensionalidade da educação, que só poderá ser realizável ao ser fundamentada pela via da radicalidade da reflexão filosófica”, revela-se um contributo manifestamente lúcido para o campo de produção cultural filosófico-educacional (Patrício e Sebastião, 2004: 75).

9.3. *Ethos* dos filósofos da educação da Universidade de Évora

Passando ao estudo do *ethos* dos filósofos da Educação da Universidade de Évora, importa começar por destacar o contributo de Manuel Ferreira Patrício que, em efectivo, se tratou do primeiro docente de Filosofia da Educação.

Através do seu ministério filosófico, a disciplina de Filosofia da Educação foi ensinada, no âmbito da licenciatura em Filosofia da Universidade eborense, sob a convicção de se tratar

¹³¹ PATRÍCIO, M.F. e SEBASTIÃO, L. (2004). *Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma Pedagogia da sagesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

de uma disciplina nobre e de topo da Filosofia, delegando-lhe uma íntima ligação com a Antropologia Filosófica, atendendo a que o homem é reconhecido como sendo a personagem central de ambas. Nesse sentido, o filósofo desenvolveu a noção de antropagogia, como conceito fundamental inerente à concepção de toda a sua Filosofia da Educação.

A Antropagogia é o conceito destinado a promover o homem integral ao longo de toda a vida e da vida toda (Patrício, 1983c: 43-44).

A concepção de antropagogia, presente nos conteúdos lectivos e nos itens bibliográficos propostos por Manuel Patrício, bem como a curiosidade nata pela apreensão do sentido filosófico do homem, tendo por filiação intelectual o pensamento leonardino, foram uma constante na sua reflexão filosófica acerca da educação. Para este filósofo, a Filosofia de Leonardo Coimbra revelou-se incontornável ao seu entendimento da Filosofia da Educação, uma vez que, segundo Patrício, este quis, para além de pretender conhecer o homem, “esforçar-se pela sua formação na plenitude da sua humanidade”. (1992a: 9).

Um outro pensador português, presente na bibliografia e nos ensinamentos da disciplina de Filosofia da Educação, propostos por Manuel Ferreira Patrício, foi Teixeira de Pascoaes. Tendo como propósito dar a conhecer, aos seus alunos, o sentido axiológico e educativo do pensamento de Pascoaes, Patrício publicou, em 1985, a obra *Figuras da Pedagogia Contemporânea – II (Teixeira de Pascoaes)* e, em 1991, deu a conhecer *Sentido Axiológico e Educativo do Messianismo de Teixeira de Pascoaes. De como a cultura portuguesa é o âmbito axiológico apropriado para a educação dos portugueses* tendo, em 1996, reunido num só volume, os dois estudos que, originalmente, tiveram propósitos docentes diferentes, nomeadamente, o primeiro estudo foi dirigido aos alunos de licenciatura em Ensino da Universidade eborense e o segundo foi apresentado no quadro das suas Provas Públicas de Agregação em Teoria da Educação e em Axiologia Educacional.

Defendendo, de forma acérrima, a actualidade e a importância do pensamento filosófico-educativo de Leonardo Coimbra e de Teixeira de Pascoaes, Patrício fez questão de os ensinar no quadro disciplinar da Filosofia da Educação.

As duas figuras mais poderosas da Renascença Portuguesa – num conjunto amplo e prestigiado da comunidade académica e intelectual, sobretudo do Porto – foram Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, os pensadores do saudosismo e do criacionismo. Ambos concederam à educação a mais alta importância e nos deixaram muito e valioso pensamento sobre ela. Este pensamento é tematizável, problematizável e sistematizável. Este pensamento é valioso e ainda actual, em muitos dos seus aspectos (Patrício, 2000: 80).

O programa da disciplina, ao longo dos anos, sofreu escassas alterações, sendo a mais significativa alusiva ao facto de se tratar de um curso bi-semesteral e, nesse seguimento, a sua primeira parte, leccionada no semestre ímpar, ter sido dedicada à abordagem da dimensão teórica, visando alcançar uma compreensão da educação que permitisse, numa segunda parte, leccionada no semestre par, enfrentar a problemática profunda da realização da educação, ou seja, o estudo da dimensão prática da Filosofia da Educação.

Apesar da regência da disciplina ter sido assegurada por Manuel Ferreira Patrício até ao ano lectivo 2005-2006, a leccionação da mesma terá sido realizada por outrem, atendendo a que, de 2002 a 2006, este ocupou o cargo de Reitor da Universidade de Évora.

Programa 22

<p>UNIVERSIDADE DE ÉVORA DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO - SECÇÃO DE FILOSOFIA Licenciatura em Filosofia Disciplina de Filosofia da Educação I e II Regente: Manuel Ferreira Patrício Ano lectivo 2005-2006</p>
<p>Programa</p>
<p>Parte I – Abordagem Teórica – A Compreensão da Educação ou a Dimensão Teórica da Filosofia da Educação Introdução I – Conceito e estatuto epistemológico da Filosofia da Educação; seu objectivo e seu método. II – Contribuições dos diversos domínios da Filosofia para a Filosofia da Educação: a) A Lógica b) A Teoria do Conhecimento c) A Epistemologia d) A Filosofia da Linguagem e) A Ontologia f) A Axiologia g) A Ética h) A Estética i) A Antropologia Filosófica j) A Filosofia da Cultura k) A Filosofia da Arte l) A Filosofia da História m) A Filosofia do Direito n) A Filosofia da Religião o) A Filosofia da Ciência p) A Filosofia da Prática Produtiva q) A Filosofia do Desenvolvimento r) A História da Filosofia s) A Hermenêutica III – Conceito de Educação (o que não é; o que é; suas dimensões; a culturalidade essencial, intrínseca, à educação). IV – O(s) saber(s) acerca da educação.</p>

- V – Os saberes necessários para realizar a educação.
VI – Princípios, meios e fins da educação. As categorias aristotélicas aplicadas à educação.
VI – Princípios, meios e fins da educação. As categorias aristotélicas aplicadas à educação.
VII – A educação e a vida.
VIII – A educação e a sociedade.
IX – A educação e a economia.
X – A educação e a política.
XI – A educação e a cultura.
XII – Filosofia da Educação e Antropologia.

Conclusão.

Parte II – Abordagem Prática – A Realização da Educação ou a Dimensão Prática da Filosofia da Educação

Introdução

- I – O sujeito da educação.
II – O tempo da educação.
III – Os agentes educativos.
IV – As instituições educativas.
V – A acção educativa.
VI – Os programas educativos.
VII – Os métodos educativos.
VIII – Os materiais educativos.
IX – A avaliação educativa.
X – A investigação educativa.
XI – Os recursos para a educação.
XII – A educação e o futuro:

- a) de Portugal
b) da União Europeia
c) da Europa
d) do Ocidente
e) da Civilização Humana
f) do Homem

Conclusão.

Metodologia:

As aulas articulam as componentes teórica – expositiva e reflexiva – e prática – de leitura, análise e comentário de textos – proporcionando um conhecimento da problemática filosófica da educação, bem como um espaço de reflexão crítica e discussão de temas em debate no contexto actual.

Para a componente prática está preparado um dossier temático, contendo vários textos seleccionados para acompanhamento do desenvolvimento teórico, possibilitando o confronto dos vários autores, suas linhas de pensamento e o enriquecimento conjunto. Além deste dossier, utilizaremos outros textos, preferencialmente extraídos da Bibliografia de Desenvolvimento. É este um esforço aberto, em que os interesses e motivações dos alunos podem ser acolhidos.

Espera-se que cada aluno faça, pelo menos, uma apresentação temática com base na selecção de textos. O desejável é que cada um possa participar com, pelo menos, uma exposição individual e outra em grupo.

O objectivo das apresentações/exposições temáticas é fomentar e estimular o trabalho de reflexão dialogado e em grupo no horizonte de construção de uma visão crítica mais funda e enriquecedora.

Avaliação:

O sistema de avaliação a praticar será conforme o inscrito no Regulamento Escolar Interno da Universidade.

Bibliografia de base:

- ABBAGNANO, N. (s/d). História da Pedagogia. Lisboa: Livros Horizonte.

- QUINTANA CABANAS, J.M. (2002). Teoria da Educação – Concepção antinómica da educação. Porto: edições ASA.
- CARVALHO, A. (1988). Epistemologia das Ciências da Educação. Porto: Edições Afrontamento.
- ALTAREJOS MASOTA (1989). Filosofia de la Educación Hoy. Madrid: Dykinson.
- PATRÍCIO, M.F. (1986). A Disciplina de teoria da Educação. Évora: Universidade de Évora (ed. policopiada).
- PATRÍCIO, M.F. (1983). Teoria da Educação. Évora: Universidade de Évora (ed. Policopiada).
- PATRÍCIO, M.F. (1992). Lições de Filosofia da Educação. Lisboa: Universidade Aberta.
- PATRÍCIO, M.F. (1993). Lições de Axiologia Educacional. Lisboa: Universidade Aberta.
- PATRÍCIO, M.F. (1990). A Escola Cultural – Horizonte decisivo da Reforma Educativa. Lisboa: Texto Editora.
- PATRÍCIO, M.F. (1999). "Leonardo Coimbra: Ponto de convergência e irradiação de uma Filosofia Contemporânea da Educação". in História, Educação e Imaginário. Braga: Universidade do Minho.

Bibliografia de Desenvolvimento:

- AMOEDO, M. (2002). *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Lisboa: INCM.
- ARAÚJO, A. e MAGALHÃES, J. (Org.). (1999). *História, Educação e Imaginário*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- CARVALHO, A. (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, A. (1998). *A Educação como projecto antropológico*. Porto: Edições Afrontamento.
- CIRIGLIANO, G. (1985). *Filosofia de la Educación*. Buenos Aires: Editorial Humanitas.
- COIMBRA, L. (1926). *O Problema da Educação Nacional*. Porto: Edição Marânus.
- COIMBRA, L. (1912). *O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico*. Porto: Renascença Portuguesa.
- COIMBRA, L. (1916). *A alegria, a Dor e a Graça*. Porto: Renascença Portuguesa.
- COMÉNIUS (1996). *Didáctica Magna. Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COMÉNIUS (1971). *Pan-paedia (Educação Universal)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- DEWEY, J. (s/d). *Democracia e Educação. introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- DIAS, J. R. (2000). *A Realização do Ser Humano – Para a História das ideias em educação e Pedagogia*. Lisboa: Didáctica Editora.
- FERMOSE, P. (1982). *Teoria de la Educación. Una interpretación antropológica*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, O. (1975). *Filosofias da Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- IMBERT, F. (2001). *A questão ética no campo educativo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- JAEGER, W. (s/d). *Paideia. A Formação do Homem Grego*. Lisboa: Aster.
- KRISHNAMURTI (1988). *Cartas às Escolas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- NASSIF, R. (1984). *Teoria de la Educación. Problemática pedagógica contemporânea*. Madrid: Editorial Cincel.
- PASCOAES, T. (1915). *A Arte de Ser Português*. Porto: Renascença Portuguesa.
- PATRÍCIO, M. F. (s/d). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*. Porto: Porto Editora.
- PLATÃO (1993). *A República*. 4ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, Agostinho da (1989). *Educação de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro.

Fonte: Programa de Ensino de Filosofia da Educação I e II. Curso de licenciatura em Filosofia - Ano lectivo: 2005-2006. Facultado pela Professora Maria Teresa Santos.

Por sua vez, Barros Dias, que desde 1989 leccionava na Universidade de Évora disciplinas afins à Filosofia da Educação como foi o caso de Axiologia Educacional, teve que aguardar pelo ano lectivo 2002-2003 para conceber o programa disciplinar de Filosofia da Educação (Teoria da Educação).

Programa 23

UNIVERSIDADE DE ÉVORA DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO Curso mestrado em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social Disciplina de Filosofia da Educação (Teoria da Educação) Docente: J.M de Barros Dias Ano lectivo 2002-2003	
Programa e Planeamento Didáctico:	Nº de horas
1. Da reflexão sobre a educação às práticas educativas	3
2. Princípios e fins da educação. A pessoa, fulcro do processo educativo.	2
3. Autonomia e heteronomia em educação.	2
4. Agentes educativos: pessoais; comunitários.	1
5. Tradição vs. Modernidade no contexto educativo.	2
Avaliação: A avaliação incidirá num trabalho de investigação individual, sobre um tema a acordar com o professor da disciplina. Pressupõe-se que o mestrando explore as suas capacidades de saber, criatividade e comentário.	
Bibliografia: - AAVV. (1989). <i>Filosofia de la Educación Hoy. Conceptos. Autores. Temas</i> . Madrid: Dykinson. - ANTUNES, Manuel (1973). <i>Educação e Sociedade</i> . Lisboa: Sampedro. - FERMOSO, Paciano (1982). <i>Teoría de la Educación. Una interpretación antropológica</i> . Col. "Educación y Enseñanza". Barcelona: Ediciones CEAC. - FERRERO, J. J. (1985). <i>Teoría de la Educación. Fenomenología: el hecho educativo</i> . Col. "Pedagogía". Nº1. 2ª Ed. Bilbao: Universidad de Deusto. - GARCÍA CARRASCO, J. e GARCÍA DEL DUJO, Á. (1996). <i>Teoría de la Educación</i> . Col. "Manuales Universitarios". Nº63. Vol.I (<i>Educación y Acción Pedagógica</i>). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. - KECHIKIAN, Anita (Apresentação e tradução de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia). (1993). <i>Os Filósofos e a Educação</i> . Col. "Paideia". Nº1. Lisboa: Edições Colibri. - NASSIF, R. (1985). <i>Teoría de la Educación. Problemática Pedagógica Contemporánea</i> . Col. "Biblioteca de Psicología y Educación/Serie: Educación de Nuestro Tiempo". Nº9. 3ª Reimp. Madrid: Editorial Cincel. - PATRÍCIO, M. (1993). <i>Lições de Axiologia Educacional</i> . Col. "Temas Educacionais". Nº10. Lisboa: Universidade Aberta. - PATRÍCIO, M. (1983). <i>Teoria da Educação</i> . Évora: Universidade de Évora. - PATRÍCIO, M. e SEBASTIÃO, L.M. (2004). <i>Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma pedagogia da sagesa</i> . Col. "Textos de Base". Nº290. Lisboa: Universidade Aberta. - PLANCHARD, É. (1982). <i>A Pedagogia Contemporânea</i> . 8ªEd. Coimbra: Coimbra Editora. - QUINTANA CABANAS, J. M. (1989). <i>Sociología de la Educación</i> . Madrid: Dykinson. - QUINTANA CABANAS, J. M. (1988). <i>Teoría de la Educación. Concepción Antinómica de la Educación</i> . Madrid: Dykinson. - SÁENZ, Oscar (Dir.).(1986). <i>Pedagogía General. Introducción a la Teoría y Práctica de la Educación</i> . Madrid: Ediciones Anaya. - TOURIÑÁN, J. M. (1987). <i>Teoría de la Educación. La educación como objeto de conocimiento</i> . Col. "Textos Universitarios". Madrid: Ediciones Anaya.	

Fonte: *Programa de Ensino de Filosofia da Educação (Teoria da Educação)*. Curso de mestrado em Educação com especialidade em Desenvolvimento Pessoal e Social – Anos lectivos: 2002-2003 a 2005-2006. Facultado pela Professora Maria Teresa Santos.

Um factor que se destaca na análise à bibliografia, proposta por Barros Dias, prende-se com a presença acentuada de uma vasta bibliografia filosófico-educativa produzida por filósofos de origem espanhola, no programa disciplinar de Filosofia da Educação, por si outorgado. Tal ocorrência poderá estar relacionada com o facto de Barros Dias, apesar de ter realizado o seu curso de doutoramento em Filosofia na Universidade de Évora, entre 1991 e 1996, sob a orientação de Manuel Ferreira Patrício, ter usufruído de um período de co-tutela, realizado na Universidade de Salamanca, onde foi co-orientado por Maria Dolores Gómez Molleda e que tal vivência o tenha familiarizado e até estreitado as suas afinidades com a produção filosófico-educativa de origem hispânica.

Esta mesma razão poderá igualmente servir de justificação para o facto de a nomenclatura adoptada para a disciplina, além de contemplar a Filosofia da Educação, também referir a Teoria da Educação.

Passando ao ano lectivo 2005-2006, a disciplina de Filosofia da Educação foi suportada por um programa disciplinar, no âmbito do curso de mestrado em Educação – variante de Administração Escolar, concebido por Luís Miguel Sebastião.

O delineamento do programa disciplinar de Filosofia da Educação, no quadro de um mestrado em Administração Escolar, tendo por pressuposto que a população a que se destinava era composta por um universo discente de formação díspar teve, como denominador comum, o facto do público-alvo se interessar pela educação, em geral, e pela educação institucional, em particular.

Assim sendo, Luís Miguel Sebastião intentou abordar um conjunto de problemas-chave, alusivos à temática educativa, partindo das vivências/experiências acumuladas pelos educandos, com recurso à reflexão crítica de natureza filosófica como instrumento de trabalho, visando dotar os seus alunos de um conjunto alargado de instrumentos conceptuais, capazes de lhes propiciar capacidade de tratar, de forma rigorosa e significativa, a complexidade das questões educativas.

Programa 24

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
Mestrado em Educação – Administração Escolar
Disciplina de **Filosofia da Educação**
Docente: **Luís Miguel Sebastião**
Ano lectivo 2005-2006

Conteúdos

1. A importância de se chamar Ernesto...

Ao começarmos uma disciplina que se chama “Filosofia da Educação” não podemos deixar de considerar o que devemos entender, neste quadro por Filosofia. Procuraremos distinguir entre os diversos modos – e, eventualmente, tradições, do conhecer, procurando estabelecer qual a natureza do conhecimento que interessa à educação.

2. Você disse educação?

A palavra educação é uma palavra polissémica, que tem resistido a deixar-se definir de forma precisa. Não podemos, no entanto, fazer filosofia da educação se não começarmos por nos pormos de acordo em relação ao que entendemos por essa palavra.

3. O que sabem as pessoas que sabem de educação?

Há muito tempo que se discute – e se escreve – em torno do estatuto epistemológico do saber acerca da educação. A própria designação desse saber é problemática: pedagogia, ciências da educação, didáctica, desenvolvimento curricular? Enfrentaremos esta questão, para ver se chegamos a alguma conclusão, por muito provisória que seja.

4. E se eu quiser não (me) educar?

Outro dos temas mais tratados em relação com a educação é o da Liberdade? Mas sabemos bem o que dizemos quando falamos de liberdade? A liberdade de educar é do(s) educador(es) ou do(s) educando(s)? E o que fazer quando a liberdade de ambos colide?

5. Filho és pai serás...

Este conhecido adágio popular refere-se a uma antinomia fundamental da educação: o confronto entre reprodução e inovação sociais. Como posso esperar que ao ensinar o que sei, os meus educandos aprendam o que ainda não sei?

6. Mais alto, mais forte e mais longe!...

À ideia de educação subjaz a ideia de desenvolvimento, de melhoramento, de progresso, quer quando a consideramos no plano individual, como quando a consideramos no plano social. Mas serão estes conceitos pacíficos? Todos eles pressupõem juízos de valor. E, como sabemos, num mundo subjectivizado, poucas coisas há de tão incerto como os juízos de valor. E como seria de outro modo, se até os juízos de facto são problemáticos? Neste tópico é toda a problemática das relações entre os valores e a educação que está envolvida.

7. ...e, tomando o maço e o cinzel em suas mãos, começou a esculpir o Homem...

A ideia de que a educação é um processo pelo qual as gerações mais velhas afeiçoam as gerações mais novas à sua ideia de “perfeição do Homem” é uma ideia incontornável. Discutível, mas incontornável. Assim, concluiremos este módulo curricular discutindo a própria ideia de Homem e a ideia da Educação como projecto antropológico.

Metodologia/Avaliação:

Procurar-se-á utilizar uma metodologia que parta dos conhecimentos, da experiência, do saber acumulado pelos formandos, para enfrentar e discutir cada um dos temas que se propõem. Assim, utilizar-se-á um método dialógico que, partindo da pura consideração dos temas/problemas, venha a iluminar caminhos de reflexão e desenvolvimento que alimentem a produção de um pequeno trabalho de cerca de dez páginas A4 que se constituirá como o elemento de avaliação do módulo.

Até porque seria imprudente pensar que um módulo leccionado de forma compacta, numa semana, pudesse recorrer a uma metodologia tradicional de seminário, o que pressuporia a disponibilidade dos participantes para trabalharem um conjunto de textos e produzirem intervenções estruturadas

que pudessem suscitar e sustentar os debates.

Bibliografia:

- AA. VV. (1989). *Filosofia de la Educación Hoy. Conceptos. Autores. Temas*. Madrid: Dykinson.
- ANTUNES, Manuel (1973). Educação e Sociedade Industrial. in *Educação e Sociedade*. (pp.19-50). Lisboa: Sampedro.
- CAMPS, V. (1994). *Los valores de la educación*. Madrid: Anaya.
- CARVALHO, A. (1998). A dimensão filosófica dos projectos educativos. In *Filosofia da Educação: temas e problemas*. (pp. 115-118). Braga: Universidade do Minho.
- CARVALHO, A. (1992). *A educação como projecto antropológico*. Porto: Edições Afrontamento.
- CORETH, E. (1988). *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*. Trad. de M^a de Lurdes Stiegeler. Lisboa: Verbo Editora.
- DIAS, J. R. (1998). A procura da sabedoria em educação. In *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. (pp. 9-21). Braga: Universidade do Minho.
- DIÁZ, J. R. (1997). *Felicidad Fin de Siglo. Aproximación a la gran utopia*. Madrid: Huerga Fierro Editores.
- ENTRALGO, P. L. (2002). *O que é o Homem?* Trad. de Anselmo Borges, Daniel Serrão e João Maria André. Lisboa: Editorial Notícias.
- FULLAT, O. (s/d). La razón educacional. In *Diversidade e Identidade*. (pp.111-121). Porto: Universidade do Porto.
- HOZ, V. G. (1977). *Questões fundamentais em educação*. Trad. de Rui Rosas da Silva. Porto: Livraria Civilização Editora.
- IBAÑEZ-MARTÍN, J. (1989). Libertad y Libertades. In *Filosofia de la Educación Hoy*. (pp.133-140). Barcelona: Dykinson.
- LONGHI, G. (1998). *Pour une déontologie de l'enseignement*. Paris: ESF Editeur.
- MARQUES, R. (1998). *Ensinar valores: teorias e modelos*. Porto: Porto Editora.
- PATRÍCIO, M. F. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- PATRÍCIO, M. F. (1983). *Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora.
- QUINTANA CABANAS, J. M. (1995). *Teoria de la Educación. Concepcion antinómica de la educación*. Madrid: Dykinson.
- SAVATER, F. (1977). *O valor de educar*. Trad. de Michel Canelas. Lisboa: Editorial Presença.

Fonte: Programa de Ensino de Filosofia da Educação. Curso de mestrado em Educação com especialidade em Administração Escolar – Ano lectivo: 2005-2006. Facultado pela Professora Maria Teresa Santos.

Na condição de Professor atento ao processo de formação docente, Luís Sebastião distinguiu-se enquanto defensor de um modelo de formação de professores reflexivos, “capacitados para pensar a sua prática na pluridiversidade dos seus determinantes”, capazes de convocar a multiplicidade dos seus saberes e competências para solucionar os problemas educacionais, com que terão que se deparar no exercício do seu labor, e com aptidão para criticar os objectivos e as finalidades que se propõem alcançar (2007: 240).

Ao analisar as condições de legitimação do ensino nas sociedades pós-industriais, Luís Sebastião assumiu uma posição idêntica à defendida por François Lyotard na obra *A Condição Pós Moderna*, acusando o sistema de fazer com que os professores estejam a perder capacidade didáctica em favor das novas tecnologias da comunicação.

Convicto da insubstituibilidade do professor, quanto à função de legitimação moral do saber, Sebastião defendeu como primordial incumbência docente o estabelecer a mediação entre o mundo dos valores e da cultura.

É como portador de uma visão do mundo consciente com os dados da ciência, naturalmente, mas também da filosofia, da religião e do saber particular do homem comum, e como mediador entre essa visão do mundo e dos seus educandos que o professor encontra a natureza e a necessidade da sua profissão (Sebastião, 1998: 283).

Apoiado pela literatura pedagógica publicada nos últimos trinta anos por autores como Georges Gusdorf, Louis Not, Vitor Garcia Hoz, Philippe Meirieu, Manuel Antunes e Manuel Patrício, Luís Sebastião defendeu um ideal de Pedagogia, de base inter-pessoal, em que a relação pedagógica surge como instrumento preferencial da prática educativa que intenta alcançar a formação plena de cada homem, na sua humanidade.

Considerando a crise da Modernidade como momento propício à emergência de inovadoras competências profissionais para o professor, Luís Sebastião defendeu a inevitabilidade do deste ter que assumir o papel de mediador entre a “ciência e a crença”, entre o “mito e a razão”, entre o mito e a sociedade, atendendo a que a educação deverá consistir na realização de um rigoroso exercício crítico que vise buscar critérios de razoabilidade capazes de iluminar a inevitável adesão a uma determinada mundividência (1998: 285).

Se aceitarmos como boa a definição de que a educação é o processo intencional de ajuda ao desenvolvimento pleno da pessoa do educando e de que o professor é o profissional dessa ajuda – será que a proximidade das palavras é irrelevante? - então poderemos aceitar que a educação é o processo de ajuda ao desenvolvimento da visão do mundo do educando. Note-se: mundividência que é o modo como ele se apropria da ciência, da técnica, das coisas e se relaciona política e eticamente com os outros. Então e o professor? Então, o professor é aquele que por ser já detentor de uma visão do mundo mais informada, mais vezes confrontada com a realidade, mais amadurecida – entenda-se: mais coerente, mais consistente, mais consequente e mais completa – pode dar uma ajuda decisiva a esse desenvolvimento (Sebastião, 2007: 242-243).

Tendo em conta este quadro de concepção da educação, da relação educativa e da função do professor, o processo de formação de professores, segundo Luís Sebastião, deveria ser, principalmente, a ajuda ao desenvolvimento do universo pessoal do professor, isto é, da sua mundividência.

Defendendo um ambicioso modelo de formação docente, de cariz fundamentalmente

filosófico e cultural, Sebastião alegou que o processo de formação de professores deveria rejeitar qualquer perspectiva reducionista e instrumentalista da formação e reconhecer a necessidade de uma ampla formação cultural do professorado, acompanhada de um longo trabalho de maturação das dimensões éticas, afectivas, cívicas e espirituais da pessoa do professor, que lhe permitissem trilhar um percurso educativo capaz de possibilitar a transição do *ser* para o *dever-ser*, do *topos* para a *utopia* e do *cronos* para a *ucronia*.

10. Filosofia da Educação da Universidade Nova de Lisboa

A Universidade Nova de Lisboa, apesar de bastante recente no conjunto das Instituições universitárias anteriormente tratadas, foi, desde a sua origem, um importante pólo de proliferação de linhas de investigação e de abordagem ao conhecimento pautadas pela inovação.

Inscrita numa dinâmica de organização dos saberes, delatado pelo nome da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, desde cedo revelou propensão para abertura a inovadoras abordagens ao conhecimento.

Assumindo-se como Instituição propensa ao estudo da Filosofia, a partir da década de noventa do século passado, inaugurou a leccionação disciplinar da Filosofia da Educação para mais tarde ministrar um curso de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação.

Do trabalho empreendido pelo grupo de elementos do campo da Filosofia da Educação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, resultou uma produção discursiva filosófico-educativa que, apesar de pouco volumosa, revela uma linha peculiar de Filosofia da Educação, mormente defendida pelo filósofo Luís Bernardo.

10.1. Os a priori da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa

No intuito de traçar as condições de estruturação do campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa, importa começar por considerar a presença da área da Filosofia na História recente da Instituição, esclarecer o percurso conducente à criação do Departamento de Filosofia e do Departamento de Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e o interesse dos seus filósofos pela temática educacional.

Deste modo, interessa clarificar que, no contexto académico da década de 70 do século XX, o surgimento desta Universidade pode ser entendido como uma tentativa de colmatar a crescente necessidade de Instituições de Ensino Superior em Portugal, de um modo geral, e

na região de Lisboa, em particular.

No culminar dessa realidade, a 11 de Agosto de 1973, foi fundada a Universidade Nova de Lisboa como resposta à necessidade de expansão e diversificação do Ensino Superior em Portugal. Nesse sentido, a mais recente das três Universidades estatais de Lisboa optando, desde o seu início, por instituir um modelo departamental e interdisciplinar considerado inovador no contexto universitário nacional, organizou a sua estrutura visando associar a tecnologia às Ciências Sociais e Humanas e às Ciências Médicas.

Em Novembro de 1977, sob a supervisão do então Reitor Alfredo de Sousa, foram criadas, a partir dos Departamentos existentes na Universidade Nova de Lisboa, quatro Faculdades dotadas de autonomia administrativa, financeira, científica e pedagógica: Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Faculdade de Economia (FE) e Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

Criada a 10 de Novembro de 1977, pelo Decreto-lei nº463-A/77, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na condição de estabelecimento oficial do ensino superior universitário direccionado para a inovação assumiu-se, desde os seus primórdios, como unidade interdisciplinar das várias áreas das Ciências Sociais e Humanas.

No quadro do processo de grande expansão e diversificação do ensino superior dinamizado em Portugal, na década de setenta, a Faculdade assumiu-se como uma unidade interdisciplinar de ensino, investigação e serviço orientada para o conhecimento científico da realidade portuguesa integrada nos contextos europeu e mundial e, nesta linha, se tem revelado uma fonte de criação cultural. De facto, a Faculdade não se limita a exercer as funções de um vulgar estabelecimento de ensino, afirmando-se como um pólo de desenvolvimento científico e cultural que contribui para o progresso global do País, não esquecendo a sua dimensão internacional. (Anuário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Ano lectivo 1996-97. p. 1).

Os primeiros cursos de licenciatura criados nesta Faculdade, a 10 de Janeiro de 1978 através do Decreto Regulamentar nº1/78 Art.2º, foram os de Antropologia e Sociologia e, somente a partir de 31 de Maio de 1978, do mesmo ano, foram criados outros cursos de licenciatura, incluindo o de Filosofia¹³².

A criação do curso de licenciatura em Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa foi condição fundamental para o despertar institucional das temáticas afins à Filosofia da Educação.

¹³² Poderá ter interesse referir que o curso de licenciatura em Filosofia – variante de História das Ideias, só foi criado em 1980 e só foi ministrado a partir de 1983.

No processo de elaboração do primeiro *curriculum* da licenciatura em Filosofia, destacou-se a colaboração de Michel Renaud que, em 1980, iniciou a sua actividade docente em Portugal na condição de Professor Catedrático visitante convidado pela Comissão Instaladora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O contributo de Michel Renaud ao fomento da Filosofia na Instituição não pode ser reduzido à colaboração na estruturação do programa curricular e à preparação do funcionamento inicial da licenciatura em Filosofia, uma vez que, paralelamente, o filósofo participou no projecto de criação de Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e tomou parte na criação do primeiro curso de pós-graduação em Filosofia realizado nesta Faculdade, ulteriormente transformado em mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea e, presentemente, designado como mestrado em Filosofia.

No começo da década de 80 do século XX, o caso da escassez da pesquisa na área da Filosofia não era um caso isolado no contexto institucional. Inversamente, era um problema transversal a todas as outras áreas do saber. E, não menos problemática, era a questão respeitante ao processo de formação para a docência que, à semelhança do acontecido nas restantes Instituições de Ensino Superior portuguesas, só no ano lectivo 1987-1988 com a instituição, ainda que em regime transitório, do Ramo de Formação Educacional, optimizou a preparação para a docência dos seus discentes.

Sobre a necessidade de alicerçar solidamente a estrutura institucional, Michel Renaud, em parceria com os restantes Professores da Faculdade, cedo despertou para a reflexão crítica acerca da complexidade da tarefa de formar professores.

Precocemente atenta à problemática referente à preparação teórico-prática dos docentes do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, esta Faculdade passou, a partir do ano lectivo 1987-1988, a oferecer aos discentes interessados, a possibilidade de frequência das disciplinas do então apelidado Ramo de Formação Educacional, criado pela Portaria 853/87 de 4 de Novembro de 1987, que a Portaria 659/88 de 29 de Setembro de 1988, relativa aos estágios, viria a complementar. Para assegurar a viabilidade e qualidade do processo de formação docente, a cooperação com Instituições ligadas às Ciências da Educação, nomeadamente com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, foi fundamental para efectivar a leccionação das disciplinas do Ramo de Formação Educacional, entre as quais não constava a Filosofia da Educação.

A criação do Departamento de Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa teve por base um documento votado na Reunião da Comissão Coordenadora do Conselho Científico em Julho de 1990, aprovado pelo Senado da Universidade em Junho de 1991 e publicado no *Diário da República* de Agosto de 1991. Definido como estrutura destinada a apoiar o processo de formação de professores, tanto no aspecto científico como pedagógico, o Departamento de Ciências da Educação assumiu-se como unidade dedicada ao ensino apostada em dotar os alunos de competências para a docência, complementando a formação científica adquirida em cada Departamento, inclusive no Departamento de Filosofia.

Considerando que a formação para a docência deveria incluir três disciplinas de Ciências da Educação (Introdução às Ciências da Educação, Métodos e Técnicas de Educação e Psicologia Educacional), uma ou duas disciplinas de didáctica específica e um ano de estágio nas escolas, este Departamento, nos primeiros anos de funcionamento, não ofereceu aos discentes em processo de formação docente a possibilidade de frequentar a disciplina de Filosofia da Educação.

O inovador estabelecimento de Ensino Superior, que cedo aspirou à realização de uma síntese fundamental entre investigação e ensino¹³³, teve que aguardar pela próxima década para que, com a chegada de filósofos como Maria de Sousa Pereira Coutinho e Luís Manuel Bernardo a esta Universidade, a dinâmica da Filosofia da Educação tenha começado a realizar esforços para consolidar a sua expressão, especialmente pelo contributo do trabalho docente desenvolvido, não só pelos referidos filósofos, mas por boa parte dos docentes que integravam o Departamento de Filosofia (entre eles: Michel Renaud, Isabel Renaud e Cassiano Reimão).

Numa outra Faculdade da Universidade Nova de Lisboa, exactamente na Faculdade de

¹³³ Para além das licenciaturas, a Faculdade desenvolveu a sua actividade num quadro bastante progressista de ensino, pela via da realização de cursos de mestrado e outras formas de pós-graduação, cuja responsabilidade de organização tem sido atribuída aos Departamentos, estruturados sob a forma de unidades científico-pedagógicas, que reúnem os Professores das diversas especialidades. Aliás, o processo de desenvolvimento da Faculdade dificilmente se poderia ter concretizado, apenas no domínio do ensino e, deste modo, dinamizou-se ao longo dos anos, numa rede de Unidades de Investigação (Centros ou Institutos) capaz de proporcionar consistência e solidez às pesquisas dos docentes mas que, igualmente, permitiu a integração harmoniosa de jovens investigadores. É a existência destas unidades que confere à Faculdade um perfil de Instituição também votada à investigação científica. Embora, presentemente, ainda haja muito a trabalhar no respeitante à articulação entre a vertente de ensino e a de investigação, o trabalho, até à data, realizado, nesta Instituição, conquistou um equilíbrio notório no balanceamento entre as vertentes ensino/investigação que, num sentido lato, poderão ser identificadas como componentes fundamentais na definição de uma Instituição universitária.

Ciências e Tecnologias, o esforço de criação, mormente por parte de Teresa Ambrósio, do Núcleo de Ciências da Educação, nos finais da década de oitenta do século XX, do curso de mestrado em Educação e Desenvolvimento e, no ano lectivo 1993-1994, da Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento asseguraram, de algum modo, a afinidade da Instituição com o campo disciplinar da Filosofia da Educação.

Criada com o objectivo principal de efectuar pesquisa académica e formar investigadores envolvidos no processo educativo, a abordagem científica da Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento, situada no domínio das Ciências da Educação, desde os seus alvores apelou ao contributo de outras disciplinas para a análise pluridisciplinar dos objectos de pesquisa, entre as quais instou, de forma sub-reptícia, a Filosofia da Educação. Aspirando à obtenção de resultados capazes de aprofundar o conhecimento de apoio ao desenvolvimento das políticas educativas, ao desenvolvimento profissional e dos recursos humanos, bem como à organização do conhecimento científico e à estipulação da definição de quadros para a prática e organização das Instituições de formação/educação, a Unidade de Investigação em Educação e Desenvolvimento da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa debruçou-se sobre a análise do impacto global do paradigma educacional – formação ao longo da vida – nas políticas e práticas da educação e da formação.

10.2. Consolidação disciplinar e grupos que integraram o campo da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa

Foi no começo da década de 90 que a estrutura das relações dos indivíduos e grupos que integraram o campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa se começou a esboçar.

O ano lectivo 1991-1992 foi, de forma dissimulada, relevante para a difusão das temáticas afins à Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, uma vez que foi esta a data em que Maria de Sousa Pereira Coutinho iniciou a docência da disciplina de Introdução às Ciências da Educação no Departamento de Ciências da Educação. Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestre em Filosofia Contemporânea e Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências

Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Maria Pereira Coutinho assegurou a docência disciplinar de Introdução às Ciências da Educação, tendo por base um programa curricular e uma bibliografia que, uma vez imbuídos de temáticas, problemáticas e autores iminentemente filosóficos, asseguraram a presença discreta dos temas afins ao campo disciplinar da Filosofia da Educação nesta Instituição.

O ano académico 1994-1995 foi um marco relevante na História da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, visto que, desde essa data, passou a ser possível realizar o curso de doutoramento em Ciências da Educação nas seguintes especialidades: Psicologia da Educação, Teoria Curricular e Metodologia do Ensino e Educação e Desenvolvimento, atendendo a que, no âmbito da especialidade em Educação e Desenvolvimento estava contemplada a área da Filosofia da Educação.

Quadro 35

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO Cursos de Doutoramento em Ciências da Educação Ano lectivo 1994-1995	
Especialidades	Áreas
Psicologia da Educação	<ul style="list-style-type: none">- Psicologia do Desenvolvimento- Psicologia da Aprendizagem- Psicologia Cognitiva- Métodos de Intervenção Psicológica- Psicossociologia do Adolescente- Análise Sistemática da Educação- Tratamento de Dados Psicológicos- Ensino Correctivo das Aprendizagens Escolares
Teoria Curricular e Metodologia do Ensino	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolvimento Curricular- Didáctica das Línguas- Didáctica da Filosofia- Didáctica da História- Didáctica da História da Arte- Didáctica da História das Ideias- Didáctica da Geografia- Tecnologias Educativas- Métodos de Investigação Educativas- Sociolinguística
Educação e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">- Filosofia da Educação- Sociologia da Educação- Formação de Formadores- Administração e Avaliação Institucional- Planeamento Educativo e Gestão Escolar- Educação e Linguagem

	<ul style="list-style-type: none">- Educação Multicultural- Educação, Escola e Comunidade
--	--

Fonte: *Anuário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Universidade Nova de Lisboa. Ano lectivo: 1996-1997.

Permanecendo no contexto do Departamento de Ciências da Educação, em 1995 foi instituído, nesta Faculdade, o grau de mestre em Ciências da Educação nas áreas de Psicologia e Metodologias da Educação, Comunicação e Linguagem, visando a articulação entre o mestrado e a formação especializada de professores.

A essa data, o debate sobre a importância da presença do campo disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas já devia ser vigente, tendo em conta que, no ano lectivo seguinte, a Filosofia da Educação passou a constar como área do curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Educação e Desenvolvimento.

Igualmente relevante para o debate filosófico-educacional na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, foi o contributo do filósofo Luís Manuel Bernardo que, em parceria com outros professores do Departamento de Filosofia, desenvolveu, a partir do ano 1998-1999¹³⁴, esforços no sentido de conseguir viabilizar o funcionamento do curso de mestrado em Filosofia da Educação integrado nas actividades docentes da comissão científica do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa que, com a publicação do Despacho nº 17 356/99, a partir do ano lectivo seguinte, se manteve como oferta de curso de mestrado até ao ano lectivo 2003-2004.

A particularidade maior revelada por este curso de mestrado, coordenado por Michel Renaud, prende-se com o facto de este ser exclusivamente leccionado por Professores pertencentes ao Departamento de Filosofia, entre eles: Cassiano Reimão e Isabel Renaud.

Afirmando que o curso de mestrado tinha por objectivo abranger o ramo científico da Filosofia da Educação, encarada como integradora de saberes nos domínios da Filosofia, das Ciências da Educação e das Ciências Sociais e Humanas, os objectivos propostos aspiravam, simultaneamente, à conferência de conhecimentos aprofundados na área da Filosofia da Educação, ao fomento da integração dos saberes nas áreas afins, ao aprofundamento da

¹³⁴ Nos anos anteriores ao ano lectivo 1998-1999, Luís Bernardo encontrou-se ocupado com o trabalho de pesquisa e redacção da sua tese de doutoramento, tendo, no ano lectivo 1996-1997, estado ausente da Instituição por se encontrar de licença para concluir o seu trabalho.

investigação filosófica no domínio da educação e à articulação da reflexão filosófica com a prática pedagógica.

Quadro 36

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS– DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA Mestrado em Filosofia da Educação Coordenador: Michel Renaud Ano lectivo 2002-2003
Plano Curricular
Disciplinas obrigatórias
Filosofia da Educação e Didactologia Docente: Luís Bernardo Eric Weil defende que o discurso da acção é o último discurso material a que a Filosofia pode chegar, por nele se anunciar a unidade entre a teoria e a prática. Desse discurso – tipo deduz-se a existência de educação como processo “revolucionário”, não violento, que estabelece a ligação entre a moral e a política. Neste seminário, procuraremos compreender na linha da concepção do autor esta ideia da acção educativa como revolução filosófica.
Ética e Educação Docente: Isabel Renaud A Educação apresenta-se hoje não somente como transmissão de conteúdos intelectuais, mas como o confronto com a pessoa do educador-professor. Nesta relação o corpo fenomenológico está presente, assim como a afectividade, entendida não somente como simpatia ou antipatia mas como capacidade de receber e de reagir. É a dimensão intersubjectiva deste encontro que será estudada. Depois desta primeira parte voltar-se-á às fontes do pensamento ocidental sobre a ética para mostrar a sua actualidade no campo das relações entre ética e educação: a Ética a Nicómaco de Aristóteles servirá de guia para a compreensão das numerosas atitudes éticas e existenciais do presente. <u>Disponível como seminário de Doutoramento.</u>
Hermenêutica da Cultura e da Educação Docente: Michel Renaud O seminário centrar-se-á nas relações entre acontecimento e iniciativa. O seu horizonte é o de uma ontologia da acção. Partir-se-á do comentário de um estudo de Jean Ladrière sobre “A esperança da razão”, para analisar a relação entre a existência e o agir. Em segundo lugar, comentar-se-á o último capítulo do livro de Paul Ricoeur <i>Soi-même comme un autre</i> , em vista a estabelecer a relação entre ética e ontologia. Está em causa a questão das relações entre a razão teórica e a razão prática, entre o agir e o pensar. A terceira parte do seminário aplicará esta problemática à questão da cultura e da educação, ao interrogar a humanidade do próprio ser humano tal como ela se compreende a si própria na era da globalização e em face das novas formas de violência. <u>Disponível como seminário de Doutoramento.</u>
Disciplinas opcionais (duas disciplinas a escolher)
Filosofia da Educação Filosofia da Educação e Didactologia II Ética e Educação II Hermenêutica da Cultura e da Educação II Fenomenologia da Educação

Docente: Cassiano Reimão

1. E. Husserl: A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental; a Filosofia como Pedagogia.
2. Husserl e Habermas – da fenomenologia à racionalidade comunicativa:
 - 2.1. Fenomenologia, Teoria Crítica e Educação;
 - 2.2. Fenomenologia, Pedagogia Crítica e Educação Dialógica;
3. Fenomenologia, educação e valores.

História da Filosofia da Educação

Filosofia do conhecimento e educação

Filosofia da Acção e Pedagogia

Filosofia da Comunicação Educacional

Filosofia da Linguagem e Relação Pedagógica

Epistemologia das Ciências Sociais e Humanas

Fenomenologia do Corpo

Docente: Isabel Renaud

O corpo é a via de acesso às coisas, apresentando um carácter de mediação, que se transforma constantemente no seu contacto com o mundo, do qual é o correlato permanente. Enquanto ser no mundo e com as "coisas", no meio delas pela sua exterioridade, a realidade corporal tem no entanto um estatuto de existência que as transcende, e que se deixa tematizar como interioridade subjectiva. O corpo surge assim como a imbricação do sentido ou transmutação incessante dos dados exteriores através da consciência que os significa. Este estudo basear-se-á principalmente na obra de Merleau-Ponty.

Filosofia da Afectividade

Fonte: *Programa Curricular do curso de mestrado em Filosofia da Educação*. Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – Ano lectivo: 2002-2003. Facultado pelo Professor Luís Bernardo.

A extinção do curso de mestrado em Filosofia da Educação que, a partir do ano lectivo 2004-2005 deixou de constar na lista de oferta de cursos de mestrado da Faculdade, marcou o abrandamento da pesquisa e da difusão na área da Filosofia da Educação. Provavelmente, um outro factor que terá igualmente contribuído para esse abrandamento, terá sido o facto de, no ano lectivo 2005-2006, Luís Bernardo se ter encontrado de licença sabática.

O regresso de Luís Bernardo à Instituição, no ano lectivo 2006-2007, foi assinalado pelo facto de, nesse mesmo ano, o filósofo ter apresentado Provas de Agregação no Grupo de Filosofia na disciplina de Filosofia da Educação e de terem sido defendidas três dissertações de mestrado em Filosofia da Educação por ele orientadas¹³⁵.

10.3. *Ethos* dos filósofos da educação da Universidade Nova de Lisboa

Passando a analisar o *ethos* dos filósofos que colaboraram na estruturação do campo de produção cultural da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa, começamos por abordar o percurso, tão extenso quão peculiar, de Michel Renaud que, na condição inequívoca de homem da Filosofia, não pode permanecer alheio à questão filosófico-educativa.

Michel Renaud iniciou o seu percurso académico na *Université Catholique de Louvaine*, tendo, em 1963, concluído a licenciatura em Filosofia com a apresentação da tese intitulada *Anthropologie et épistémologie chez Paul Ricoeur*.

Entre 1963 e 1968 foi bolseiro da Fundação belga Darchis e licenciou-se em Teologia, especializando-se em Hermenêutica e Filosofia da Religião na *Universitá Gregoriana* de Roma, onde completou, também, a parte curricular da licenciatura em Ciências Bíblicas.

De 1968 a 1972 dedicou-se à preparação da sua tese de doutoramento, realizada no *Institut Supérieur de Philosophie da Université Catholique de Louvaine* e defendida em Fevereiro de 1973 no *Institut Supérieur de Philosophie* e na *Faculté de Philosophie et Lettres*, intitulada *Le mal et la rédemption dans le système hegelien*.

¹³⁵ As teses de mestrado em Filosofia da Educação orientadas por Luís Bernardo foram as seguintes: MAIA, Eduarda Maria da Costa (2006). *Educação e Poder: uma perspectiva a partir do pensamento de Michel Foucault*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; FONSECA, Albertina (2006). *A educação como projecto de humanização – uma concepção ética da educação a partir do pensamento de Olivier Reboul*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; ANTUNES, José Fortunato (2007). *Discurso em educação – uma filosofia do acontecer*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Iniciou o seu percurso docente no *Institut Supérieur de Philosophie da Université Catholique de Louvaine*, em 1973, tendo sido nomeado Professor suplente para, em 1977 passar a *Professeur chargé de cours à l' Université Catholique de Louvaine*.

Em Janeiro de 1980, a convite da Comissão Instaladora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Michel Renaud iniciou as suas funções docentes, nesta Instituição, como Professor Catedrático visitante. Em Março de 1983, apresentou Provas de Agregação no Grupo de Filosofia na disciplina de Ontologia e, em Agosto do mesmo ano, tomou posse como Professor Catedrático.

A partir de 1988, exerceu funções docentes em várias Instituições de Ensino Superior portuguesas, a saber: na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na Universidade dos Açores e na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga.

Ao longo da sua carreira académica, Michel Renaud distinguiu-se como autor de uma vasta bibliografia (cerca de trezentos títulos) que, apesar de iminentemente filosófica, se revela pouco debruçada sobre a temática filosófico-educativa.

O trabalho e a obra desenvolvidos por Michel Renaud desvelam uma proposta de abordagem à Filosofia da Educação marcadamente ontológica, na medida em que o filósofo pretendeu levar os seus educandos a problematizar a relação entre a existência e o agir, entre a ética e a ontologia e entre o agir e o pensar, visando consolidar um mecanismo de inquisição, relativo ao estudo do ser enquanto sujeito ao processo educativo, que teria por horizonte o esclarecimento das possibilidades e metas de inteligibilidade das realidades educativas.

Elegendo a obra de Paul Ricoeur *Soi-même comme un autre* e o estudo de Jean Ladrière sobre *A esperança da razão* como bibliografia fundamental de suporte ao estudo disciplinar, Michel Renaud aspirou à problematização da relação da cultura com a educação, pelo questionamento sobre a possibilidade de definição da actual auto-compreensão da humanidade do ser humano.

Por sua vez, Isabel Renaud pautou a sua docência disciplinar e os seus escritos, respeitantes à área da Filosofia da Educação, por uma perspectiva de análise marcadamente ético-axiológica, e poderá ser legítimo afirmar que a docente intentou conduzir os seus

discentes a questionar o protótipo ideal de ser humano e as possibilidades e os limites da colaboração da Filosofia da Educação na realização dessa utopia e a determinação dos valores dignos de ser cultivados no campo educacional.

Privilegiando a obra de Aristóteles *Ética Nicomaqueia*, como guia para a compreensão das atitudes éticas e existenciais do presente e a obra de Merleau-Ponty como pauta para o entendimento da relação corpo/consciência, a Professora orientou o seu magistério filosófico no propósito de legitimar o entendimento da presença do corpo fenomenológico no âmbito da relação educativa.

Na interpelação ao *ethos* dos filósofos da educação da Universidade Nova de Lisboa, importa mencionar Cassiano Maria Reimão. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga e pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, detentor do Curso de Ciências Pedagógicas realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do curso de doutoramento em Filosofia Moderna e Contemporânea com a defesa, em 1990, da tese *Consciência Dialéctica e Ética em J. P. Sartre*, na Universidade Nova de Lisboa, Cassiano Reimão foi autor de um ideal de Filosofia da Educação marcado pelo cruzamento da perspectiva fenomenológica com a axiológica.

A linha de pensamento filosófico-educativo de Cassiano Reimão teve, em simultâneo, como cunho principal, uma abordagem fenomenológica, na medida em que pretende analisar os fenómenos educativos e uma abordagem ética, atendendo a que perspectiva a relação pedagógica como acto ontológico de descentração, mas que se constitui através da centração no homem como pessoa.

Reconhecendo a ética como dimensão constitutiva da educação, o trabalho de Cassiano Reimão sublinhou a relevância de um projecto educacional centrado na orientação para uma pedagogia da alteridade, propícia ao acolhimento do outro enquanto outro, simultaneamente diferente de si e semelhante a si (Reimão, 1998).

No artigo sob o título *Para uma Filosofia da Educação. A Filosofia como mediação nas escolhas éticas em educação*, publicado na *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Cassiano Reimão explanou uma concepção de educação marcadamente humanista e imbuída de princípios éticos.

Educar consiste em oferecer e transmitir um modo de viver e de entender a vida, numa dimensão de liberdade; é um processo que pretende tornar

possível, às pessoas, o desenvolvimento da sua capacidade para se interpretarem a si mesmas e ao mundo, criando e recriando, decidindo e escolhendo. Educar é acreditar na perfectibilidade dos homens, na sua capacidade para aprender e para se aculturar; é acreditar no desejo do saber que os impele; é acreditar que os homens podem ajudar-se mutuamente através do conhecimento; é um compromisso humano, o mais humano e o mais humanizado de todos. Esta humanização implica valores; são eles que determinam e orientam as finalidades da educação, enquanto projecto em superação (Reimão, 2011: 373).

Defendendo como tarefa da Filosofia a mediação das escolhas éticas efectuadas na operacionalização de qualquer projecto educativo, Cassiano Reimão atribuiu à reflexão ética a competência de encorajar o respeito pela dignidade humana, pelas responsabilidades humanas e pelos direitos do homem, como elementos-chave em todo o projecto educativo.

Por sua vez, a filósofa Maria de Sousa Pereira Coutinho, licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mestre em Filosofia Contemporânea e doutorada em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, encontrou nos movimentos críticos educativos e, particularmente, na Filosofia de Jürgen Habermas,¹³⁶ a base de filiação intelectual para edificar a sua concepção de Filosofia da Educação.

Compreendendo a noção de Teoria Crítica, enquanto referência ao legado teórico que, proposto pelos pensadores da Escola de Frankfurt, visava retirar o pensamento do domínio da abstracção pura, convertendo-o num género de acção pragmática orientada para a produção de conhecimento que, fomentado pela análise social, cultural e educacional, alvejava a emancipação humana, Maria Pereira Coutinho elaborou o estudo intitulado *Racionalidade comunicativa e desenvolvimento humano, em Jürgen Habermas. Bases de um pensamento educacional*.

Habermas, segundo Maria Pereira Coutinho, defendeu que a Filosofia e os Filósofos têm a possibilidade de responder melhor que ninguém às questões mais pertinentes presentes na

¹³⁶ Jürgen Habermas, filósofo social alemão, nasceu em Düsseldorf no ano de 1929. No espaço temporal compreendido entre 1949 e 1954 cursou Filosofia, História, Psicologia e Economia nas Universidades de Gotinga, Zurique e Bona. No ano de 1954 doutorou-se em Filosofia na Universidade de Bona, com uma dissertação sobre Schelling e defendeu tese de habilitação para a carreira universitária, sobre as mudanças estruturais da opinião pública, em Marburgo em 1961. Leccionou Filosofia na Universidade de Heidelberg de 1961 a 1964 transferindo-se, seguidamente, para a Universidade de Frankfurt onde leccionou Sociologia até 1971, data em que passou a dirigir a secção sobre condicionamentos vitais do mundo técnico e científico do Instituto de Investigação Social Max-Planck, de Munique, em Starnberg. A partir de 1983, ensinou na Universidade J. W. Goethe, em Frankfurt. Recebeu o prémio Hegel de Estugarda em 1974 e o Sigmund-Freud-Preis, da Academia Alemã de Prosa e Poesia, em 1976. Em 2001, foi agraciado com o prémio da Paz da Associação Alemã de Editores e Livreiros na igreja de S.Paulo em Frankfurt.

sociedade contemporânea; em primeiro lugar, porque podem contribuir para a elaboração de um discurso sobre a Modernidade, capaz de melhorar a compreensão das sociedades acerca da sua situação passada e presente; em segundo lugar porque, atendendo à íntima relação que a Filosofia mantém, ao mesmo tempo, com a ciência e com o senso-comum, encontra-se numa condição viável para realizar uma crítica das patologias sociais, como a angústia gerada pelo consumismo, pela burocracia e pelos efeitos do cientismo; em terceiro lugar, porque a Filosofia pode reivindicar uma apetência especial para analisar, em geral, questões de justiça política e, em particular, questões referentes à marginalização social e à exclusão cultural.

A abordagem à *Teoria da Acção Comunicativa* de Habermas (2002), feita pela filósofa, revelou a possibilidade da mesma, uma vez aplicada nos meandros educativos, poder contribuir, de forma relevante, para o melhoramento dos ideais e da prática da educação, quer a nível do processo ensino-aprendizagem, quer como viabilidade de resposta a questões que se relacionam com o culto da racionalidade, da autonomia e da competência comunicativa adquirida por parte dos indivíduos sujeitos ao acto educativo.

A reflexão sobre o pensamento filosófico habermasiano aplicado à educação, situada numa dimensão subjectiva, pressupõe um novo paradigma, ou seja, a comunicação, na medida em viabiliza a abertura processual do entendimento relacional interactivo entre os elementos integrantes da sociedade contemporânea.

Neste sentido, a educação foi apresentada como o restaurar de uma comunicação racional que, enquanto viabilizada pelo processo crítico-reflexivo que visa a eliminação dos bloqueios à comunicação impeditivos da emancipação, se socorre da prática educativa como elemento mediador desse processo.

Partindo de uma concepção de educação habermasiana assente na crítica, na reflexão e na comunicação, Maria de Sousa Pereira Coutinho terá criado condições para afirmar a legitimidade de aplicar a Teoria da Acção Comunicativa à acção educativa ou como forma de conceber um modelo original de Filosofia da Educação. Nesta sequência, a Educação tende a distanciar-se de uma ideia de homem abstracto e desligado do mundo, em prol de uma noção pragmática de homem em permanente relação com o mundo e com os seus semelhantes, cuja compreensão de si mesmo advém da reflexão crítica sobre a realidade circundante.

Por sua vez, o contributo de Luís Bernardo na esfera filosófico-educativa manifestou-se, predominantemente, marcado pela linha de filiação intelectual da original Filosofia sistemática de Eric Weil que, apesar de se tratar de um filósofo exterior à problemática educativa, afirmou a educação como o mais urgente dos problemas filosóficos (Pombo, 2000a).

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Lisboa, Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, foi pela realização da sua tese de doutoramento, intitulada *Linguagem e Discurso: uma Hipótese Hermenêutica sobre a Filosofia de Eric Weil*, que o filósofo aprofundou e consolidou conhecimentos filosóficos que se viriam a reflectir na sua concepção de Filosofia da Educação.

Suportado pelo discurso de Weil, que defendia a possibilidade de existência da educação como processo revolucionário, não violento, que estabelece a ligação entre a moral e a política, Luís Bernardo procurou conduzir os seus educandos a compreender a ideia weiliana de acção educativa como revolução filosófica.

Um outro marco determinante no entendimento de Luís Bernardo sobre a Filosofia da Educação foi a influência dos pensadores críticos da Escola de Frankfurt, principalmente a Filosofia de Habermas e dos pensadores pós-estruturalistas, mormente Michel Foucault.

Ao reflectir sobre o estado actual da Filosofia da Educação, Luís Bernardo, no artigo publicado, em 2001, na *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, intitulado *O regresso da Filosofia da Educação: novos desafios para uma velha disciplina*, apontou a resistência do meio intelectual francês, durante a maior parte do século XX, à prática da Filosofia da Educação e o entendimento anglo-saxão da Filosofia da Educação, enquanto filosofia aplicada às necessidades educativas circunstanciais, como principais razões para o estado de crise vivenciado neste campo disciplinar.

Luís Bernardo criticou igualmente a reacção, de cariz axiológico, da Filosofia da Educação que, numa tentativa de afirmação da sua própria identidade, acabou por se circunscrever no sentimento consensual da usualmente apelidada crise de valores, embandeirando a ética e a antropologia filosóficas, entendidas como plano de reflexão aprofundado sobre o humano, recordando à Pedagogia a relevância de dobrar as problemáticas do agir com uma interrogação teleológica. Ou seja, a Filosofia da Educação intuiu sublinhar a importância de vigência de um plano de esclarecimento superior capaz de desvelar as características

universais da humanidade do humano que, suportadas por um conjunto harmonioso de princípios e de valores, aspiraram a ser essenciais à formação de uma concepção humanista de educação, baseada numa concepção particular de mundo.

Reconhecendo a impossibilidade da Filosofia construir *de per si* e para si um sistema unificado do mundo, susceptível de ser colocado à disposição do sistema educativo, Luís Bernardo afirmou a necessidade da Filosofia da Educação se esforçar por contrariar a tentativa de construir discursos sobre o mundo e de, diferentemente, apostar em imergir no mundo dos discursos e aí inscrever a sua acção. Isto é, para Luís Bernardo, só o recurso ao movimento de *linguistic turn*¹³⁷ poderá dotar a Filosofia da Educação de vocações à altura da exigência de sentido da situação crítica que caracteriza este começo de século.

Na elucidação dos termos desta crise, a Filosofia da Educação fará emergir a sua inscrição essencial no projecto educativo e não apenas o traço marginal ou sobreposto de um modelo externo (Bernardo, 2001: 205).

Sabendo que só seria possível falar com propriedade de uma Filosofia da Educação a partir do momento em que esta conseguisse evidenciar a educação do seu tempo como problema filosófico de uma entidade cultural legitimada a partir de uma discursividade de tipo racional, Luís Bernardo assentiu que, apesar da Filosofia não dispor de uma solução acabada para resolver os paradoxos e as antinomias educacionais, a Filosofia deveria assumir as perplexidades da educação como sendo as suas próprias dificuldades e vice versa.

Apelando ao desencadeamento de um *devir* filosófico-educacional, entendido enquanto inquirição fundamental acerca do sentido de uma cultura da racionalidade, verificada interpelada no respeitante à legitimidade dos procedimentos construtivos da sua própria racionalidade, Bernardo aponta o discurso, a escrita, a compreensão complexa e a plasticidade como caminho capaz de conduzir a Filosofia da Educação ao assumir da sua função poética, ou seja, a elaborar conceitos e a construir mundos com base nos conceitos elaborados por forma a possibilitar a compreensão do paradigma educacional regente que, *in extremis*, fundamenta o pensamento e a acção do *homo educandus*.

Defensor da urgência de reequacionar a matriz educacional vigente, à luz de uma inovadora constelação de fenómenos em que a Filosofia da Educação deverá produzir uma

¹³⁷ O termo *linguistic turn* refere-se a um movimento da Filosofia ocidental, ocorrido durante o século XX, caracterizado pelo reconhecimento da linguagem como agente estruturador e como origem principal dos problemas filosóficos a falta de compreensão lógica das questões da linguagem.

crítica da razão pedagógica, Bernardo acreditou que a inquirição filosófica sobre as condições de possibilidade do acto educativo deveriam servir para testar a conceptualidade do campo da educação.

Acreditando na mais-valia da ocorrência de um movimento de “viragem hermenêutica”, que enuncie uma mudança paradigmática, equivalente à viragem linguística ocorrida no campo da Filosofia da Linguagem, Luís Bernardo defendeu que “a descoberta do valor do movimento hermenêutico para o âmbito da área” da Filosofia da Educação poderá sustentar o “pensar de uma lógica da textualidade educacional”, ou seja, “a Filosofia da Educação, entendida como compreensão dos discursos da educação”. Por via desta proposta, o filósofo da educação da Universidade Nova de Lisboa, postulou que a Filosofia da Educação acabaria por “mover-se, necessariamente, para os discursos sobre a educação, o que a leva a equacionar o seu próprio sentido enquanto discurso tipificado, com as suas estratégias textuais, gerando uma espécie de Filosofia da Filosofia da Educação” que, segundo este, seria a “única forma legítima de justificar a correlação entre Filosofia e Educação” (2010: 138-151).

O filósofo sublinhou a necessidade dessa crítica da razão educacional ter que ser complementada com uma lógica da racionalidade educativa pós-metafísica¹³⁸, capaz de submeter o discurso da educação ao jogo da distanciação e da apropriação, de modo a demarcar os actos discursivos originadores das ditas narrativas parciais, em nome de uma hermenêutica, porvir, que atente não só às coerências mas também às fracturas, que esteja tão desperta para a procura de sentido como para a falta dele e que tenha a ousadia de questionar a própria matriz filosófica em causa, de modo a levar a Filosofia a reconhecer que, efectivamente, necessita de pensar a educação, para melhor se pensar a si própria. (2001).

¹³⁸ As características do pensamento pós-metafísico, apontadas por Luís Bernardo, são as seguintes: “uma racionalidade modesta, do imprevisível e da incerteza, mas não menos efectiva; uma racionalidade processual, sem perda da legitimidade; uma racionalidade complexa, que valoriza as conexões e as redes comunicacionais; uma racionalidade problemática, que assume a problematogia como construção do sentido; uma racionalidade hermenêutica, que renuncia aos paralogismos decorrentes da vontade de fundar metalinguisticamente a intertextualidade; uma racionalidade pragmática, que aspira a uma poética inventiva, mais que reprodutora, à medida da hibridologia coeva” (2001: 208).

11. Mapeamento da disciplina de Filosofia da Educação em Portugal

Quadro 37

Mapeamento da presença disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal					
Universidade	Faculdade/ Departamento/ Instituto	Disciplina de Licenciatura em	Disciplina de Mestrado em	Especialidade em Filosofia da Educação	
				Mestrado em	Doutoramento em
Lisboa	Letras	Filosofia			
	Ciências	Ensino	Educação	Educação	Educação
Coimbra	Letras	Filosofia Ensino			
	Psicologia e Ciências da Educação	Curso Superior de Psicologia Ciências da Educação	Ciências da Educação		Ciências da Educação
Minho	Educação e Pedagogia	Educação Ensino	Ciências da Educação	Ciências da Educação	Ciências da Educação
Porto	Letras	Filosofia Ensino	Filosofia	Filosofia	Filosofia
Évora	Pedagogia e Educação	Filosofia	Educação		Ciências da Educação
Nova de Lisboa	Ciências Sociais e Humanas			Filosofia	Ciências da Educação ¹³⁹
Total Filosofia:		4	1	2	1
Total Ciências da Educação:		2	4	2	5
Total Ensino:		4	-	-	-

Analisando o enquadramento da presença disciplinar da Filosofia da Educação, nas seis Universidades contempladas para o estudo constata-se, num primeiro momento, a assimetria da sua presença, quer no que concerne à inscrição de domínio científico, quer à distribuição do seu registo nos diferentes graus de formação.

Deste modo, a disciplina, a nível da sua presença em cursos de licenciatura, encontrou-se em situação, equivalente, no âmbito das licenciaturas em Filosofia, (Universidades de Lisboa,

¹³⁹ Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa o curso de doutoramento em Ciências da Educação oferecia uma área de especialidade em Educação e Desenvolvimento que continha uma área de Filosofia da Educação.

de Coimbra, do Porto e de Évora), e nas licenciaturas em Ensino, (Universidades de Lisboa, de Coimbra, do Minho e do Porto). A nível de cursos de licenciatura em Educação/Ciências da Educação a Filosofia da Educação apenas constou como oferta disciplinar nas Universidades de Coimbra e do Minho. De igual modo, é verificável que as únicas Instituições em que a disciplina foi paralelamente leccionada no âmbito de cursos de licenciatura distintos, foram a Universidade de Lisboa, onde foi leccionada às licenciaturas em Filosofia e em Ensino, a Universidade de Coimbra, onde a Filosofia da Educação se encontrou simultaneamente presente nos planos de estudo dos cursos de licenciatura em Filosofia, em Ensino e em Ciências da Educação, a Universidade do Minho, tendo sido ministrada no contexto das licenciaturas em Educação e Ensino e a Universidade do Porto, onde a Filosofia da Educação se encontrou simultaneamente presente nos planos de estudo dos cursos de licenciatura em Filosofia e em Ensino. A propósito da referência à disciplina de Filosofia da Educação no rol disciplinar dos cursos de licenciatura em Ensino nas Universidades do Minho e de Lisboa, importa referir a originalidade de, nessas alocações, a disciplina ter sido geminada com a disciplina de História da Educação sendo, consequentemente, designada como História e Filosofia da Educação. Contudo, na Universidade do Minho, em paralelo à docência disciplinar de História e Filosofia da Educação às licenciaturas em Ensino, a disciplina de Filosofia da Educação integrava a plêiade disciplinar do curso de licenciatura em Educação. É igualmente importante referir que, na condição de disciplina ministrada na área curricular da Secção Autónoma de Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto aos cursos de licenciatura em Ensino, a disciplina foi designada como Pedagogia e Filosofia da Educação.

Não deixa de ser pertinente observar que, nas Universidades de Lisboa, do Minho e do Porto a Filosofia da Educação tenha sido leccionada no âmbito de licenciaturas em Ensino, em associação com outro campo disciplinar.

Passando à análise da presença disciplinar da Filosofia da Educação no contexto dos cursos de mestrado, destaca-se o facto de a Universidade do Porto ter sido a única Instituição em que a disciplina constou no plano curricular de um curso de mestrado em Filosofia que não era da especialidade da Filosofia da Educação. Nas restantes Universidades em que a Filosofia da Educação surge como integrante do elenco disciplinar de cursos de mestrado, nomeadamente nas Universidades de Lisboa, Coimbra, Minho e Évora, esteve presente no âmbito de cursos da área científica da Educação/Ciências da Educação.

Interessa, ainda, mencionar que, na condição de disciplina presente no leque disciplinar de cursos de mestrado, a Filosofia da Educação não constou simultaneamente na panóplia disciplinar dos cursos do campo científico da Filosofia e do campo científico da Educação/Ciências da Educação em nenhuma Universidade.

Considerando a oferta educativa do curso de mestrado com especialidade em Filosofia da Educação, apreende-se que, apenas em quatro Instituições, é que se verificou o funcionamento destes cursos. Porém, também a área científica dos cursos de mestrado com especialidade em Filosofia da Educação se apresentou dividida entre a Filosofia e a Educação/Ciências da Educação, uma vez que na Universidade do Porto e na Universidade Nova de Lisboa funcionaram cursos de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação, enquanto na Universidade de Lisboa e na Universidade do Minho instaram os cursos de mestrado em Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação.

No entanto, salienta-se o facto de a Universidade do Porto ser a única Instituição em que a Filosofia da Educação esteve presente nos planos de estudo de cursos de mestrado em Filosofia que não são da especialidade de Filosofia da Educação e que, cumulativamente, apresenta como oferta educativa um curso de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. Por sua vez, nas Universidades de Lisboa, do Minho e do Porto, a realidade foi similar, tendo a Filosofia da Educação constado como disciplina de cursos de mestrado em Educação/Ciências da Educação que não eram da especialidade em Filosofia da Educação, em paralelo, ao funcionamento do curso de mestrado em Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. A diferença do sucedido nestas Instituições, face ao ocorrido na Universidade do Porto, foi a área científica dos cursos de mestrado. Ainda a respeito deste curso de mestrado, importa mencionar o *sui generis* da nomenclatura e a da geminação disciplinar adoptada na Universidade de Lisboa em que o curso de mestrado em Educação tinha, por especialidade, História e Filosofia da Educação, tratando-se da única Instituição em que funcionou um curso de mestrado em Educação cuja especialidade resultou da geminação do campo disciplinar da História da Educação com o da Filosofia da Educação. Curiosamente, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, verificou-se que, quando a disciplina foi leccionada no contexto das várias especialidades dos cursos de mestrado em Educação, foi-lhe atribuída a designação de Filosofia da Educação enquanto que, quando leccionada no âmbito das licenciaturas em Ensino, foi designada

como História e Filosofia da Educação.

No alusivo ao funcionamento de cursos de doutoramento destaca-se o facto de a Universidade do Porto ter sido a única Instituição onde foi possível realizar um doutoramento em Filosofia com especialidade de Filosofia da Educação. Apesar da existência do curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade de Filosofia da Educação nas Universidades de Lisboa, Coimbra, Minho, Évora e Nova de Lisboa, somente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto funcionou um curso de doutoramento no campo científico da Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. De um outro modo, embora igualmente original, o curso de doutoramento que funcionou na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, também teve a particularidade da sua especialidade ser em História e Filosofia da Educação. A geminação disciplinar da História da Educação com a Filosofia da Educação, ocorrida na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foi um caso único na História disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal, atendendo a que esta foi a única Instituição onde esta assim constou, simultaneamente, como disciplina leccionada a cursos de licenciatura, como área de especialidade de cursos de mestrado e de cursos de doutoramento. A associação do campo científico da História da Educação com o da Filosofia da Educação, acontecida na Universidade de Lisboa, revela-se um marco diferenciador na História da Filosofia da Educação em Portugal.

Um outro cunho de distinção na História da Filosofia da Educação em Portugal, foi o facto de a única Universidade em que a Filosofia da Educação foi, cumulativamente, leccionada no campo científico da Filosofia, no âmbito da licenciatura em Filosofia, na área curricular das licenciaturas em Ensino, no contexto de cursos de mestrado em Filosofia sem ser na especialidade de Filosofia da Educação, e instou como especialidade de um curso de mestrado e de doutoramento em Filosofia, ter sido a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Assim sendo, a Universidade do Porto assumiu-se como sendo a única Instituição em que a consolidação disciplinar da Filosofia da Educação, no campo científico da Filosofia, se efectuou a vários níveis.

A propósito da consolidação disciplinar da Filosofia da Educação, a diferentes níveis, verificou-se que, somente na Universidade de Lisboa e na Universidade do Minho, é que esta disciplina, inscrita no campo científico da Educação/Ciências da Educação, constou, paralelamente, em cursos de licenciatura em Ensino, em cursos de mestrado em

Educação/Ciências da Educação que não eram da especialidade em Filosofia da Educação, como curso de Mestrado e de doutoramento em Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Assim sendo, a Universidade de Lisboa e a Universidade do Minho revelam-se como sendo as principais Instituições em que a consolidação disciplinar da Filosofia da Educação, no campo científico da Educação/Ciências da Educação, se realizou em diferentes graus de ensino.

Muito proximamente, à excepção da não existência do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação, nas Universidades de Coimbra e de Évora, a presença disciplinar da Filosofia da Educação foi, igualmente, significativa, uma vez que cobriu oferta disciplinar a nível do curso de licenciatura em Filosofia, mestrado em Ciências da Educação em várias especialidades e constou como curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Além disso, no caso específico da Universidade de Coimbra, foi leccionada em duas Faculdades, respectivamente na Faculdade de Letras e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e, além da licenciatura em Filosofia e nas licenciaturas em Ensino, foi ensinada no âmbito do curso de licenciatura e de mestrado em Ciências da Educação e como área de especialidade do doutoramento em Ciências da Educação.

O facto da Filosofia da Educação ter sido leccionada em simultâneo em duas Faculdades pertencentes à mesma Universidade, não ocorreu somente na Universidade de Coimbra. De forma afim, também na Universidade de Lisboa a Filosofia da Educação foi ministrada na Faculdade de Ciências e na Faculdade de Letras. Em ambos os casos, não foi nas Faculdades de Letras, nem no campo científico da Filosofia, que a Filosofia da Educação teve uma presença notoriamente destacada nestas duas Instituições.

O caso da Universidade Nova de Lisboa, no referente à presença da Filosofia da Educação, é, por razões bem diferentes de todas as outras já apresentadas, no mínimo peculiar, quer por se tratar da única Instituição em que este campo disciplinar foi exclusivamente tratado a nível de formação pós-graduada quer por, a nível de curso de mestrado, estar inserido no campo científico da Filosofia e, a nível de doutoramento, estar inscrito no campo científico das Ciências da Educação. Ou seja, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa a única presença da Filosofia da Educação foi ao nível do funcionamento do curso de mestrado em Filosofia com

especialidade em Filosofia da Educação e do curso de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Educação e Desenvolvimento que continha uma área de Filosofia da Educação.

Na Universidade de Évora, a Filosofia da Educação presentificou-se pela sua permanência disciplinar no curso de licenciatura em Filosofia e nos cursos de mestrado nas várias especialidades, à excepção da especialidade em Filosofia da Educação que não constou nesta Universidade, e como área de especialidade do curso de doutoramento em Ciências da Educação.

Constatando que a Filosofia da Educação esteve presente como disciplina nos planos de estudo do curso de licenciatura em Filosofia (como disciplina do Ramo de Formação Educacional) em quatro Instituições, esteve presente em quatro Faculdades no âmbito de licenciaturas em Ensino (como disciplina do Ramo de Formação Educacional) e nas licenciaturas em Educação/Ciências da Educação em apenas duas Instituições universitárias, conclui-se que, a nível dos cursos de licenciaturas, foi como disciplina Pedagógica que a Filosofia da Educação prevaleceu e que, como disciplina das licenciaturas em Educação/Ciências da Educação, foi descurada.

A propósito da sua permanência no âmbito de cursos de mestrado, destaca-se o facto da Filosofia da Educação ter sido disciplina presente no âmbito de cursos de mestrado em Ciências da Educação em várias especialidades em quatro Universidades e apenas ter constado como oferta disciplinar de cursos de mestrado em Filosofia numa única Instituição. Em matéria de presença disciplinar em cursos de mestrado foi no campo científico das Ciências da Educação que a Filosofia da Educação se evidenciou.

No respeitante aos cursos de mestrado com especialidade em Filosofia da Educação, das quatro Universidades em que estes funcionaram, em duas delas tratou-se de um curso de mestrado em Filosofia e, nas outras duas, em Ciências da Educação. Desta forma, a respeito de cursos de mestrado com especialidade em Filosofia da Educação, o pendor da área científica da Filosofia é equivalente ao da área científica das Ciências da Educação.

Em matéria de cursos de doutoramento, verificando-se apenas a existência de uma única Instituição em que funcionou um doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação, contra cinco Universidades a oferecer doutoramentos em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação, conclui-se que este grau foi dominado pelo

campo científico das Ciências da Educação.

Avaliando o peso do domínio científico da Educação/Ciências da Educação face ao da Filosofia, em matéria de presença disciplinar e de área de investigação, conclui-se que foi no campo das Ciências da Educação que a Filosofia da Educação mais vingou.

Interessa, contudo, clarificar que o período mais prolífero da Filosofia da Educação, tanto no respeitante à sua leccionação como no referente à pesquisa realizada, não foi simultâneo nas diferentes Instituições, ou seja, na Universidade de Lisboa, tanto na Faculdade de Ciências como na Faculdade de Letras, a década de noventa do século XX foi aquela em que a actividade filosófico-educativa esteve mais dinamizada; na Universidade de Coimbra, apesar da sua consolidação disciplinar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação remontar ao início da década de noventa do século passado, foi na transição do milénio que a actividade investigativa ganhou algum ânimo e foi, também nesse período que a disciplina começou a ser ministrada na Faculdade de Letras; na Universidade do Minho a década de noventa do século XX foi, notoriamente, o período mais intenso de pesquisa no campo; na Universidade do Porto os primeiros anos do Século XXI foram os mais produtivos no respeitante à investigação e à organização da divulgação do saber filosófico-educacional; na Universidade de Évora a década de 90 foi a mais fecunda principalmente no referente à investigação; na Universidade Nova de Lisboa, o período temporal mais áureo para a Filosofia da Educação, foram os anos compreendidos entre os anos lectivos 1999-2000 e 2003-2004 que, animados pelo funcionamento do curso de mestrado em Filosofia da Educação, alimentaram expectativas aos elementos do campo que, infelizmente até à data se revelam defraudadas, comprovadas pelo texto de Luís Bernardo, publicado em 2001, *O Regresso da Filosofia da Educação: novos desafios para uma velha disciplina*.

12. Teses de doutoramento concluídas no campo da Filosofia da Educação

Quadro 38

UNIVERSIDADE DE LISBOA Teses de Doutoramento em Educação na especialidade de História e Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
1988	Luís Guilherme Albuquerque	Rogério Fernandes	O Ensino das primeiras Letras em Portugal: 1800-1820.
1997	Teresa Levy	Olga Pombo	Unidade da Ciência e Configuração dos Saberes: Contributos para a Filosofia do Ensino.
1999	Rogério Fernandes	M ^a Judite Seabra	Os liceus na sociedade coimbrã (1840-1930).

Quadro 39

UNIVERSIDADE DE COIMBRA - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Teses de Doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
2004	Luísa Maria de Almeida Morgado	Ana Maria Mouraz Lopes	Culturas Epistémicas na Área do Currículo.
2005	Nicolau Raposo	Mateus António da Silva Neto	O horizonte da Universidade no Século XXI.

Quadro 40

UNIVERSIDADE DO MINHO - Instituto de Educação e Psicologia Teses de Doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
1994	Alte da Veiga e Jean-Pierre Sironneau (Co-orientador)	Alberto Filipe Araújo	O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros.
1995	Ribeiro Dias e Manuel Patrício (Co-orientador)	José Casulo	Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes.
1996	Ribeiro Dias	Manuel Gonçalves Barbosa	Antropologia complexa do processo educativo. Quadro de referenciais e leque de vectores fundamentais.
1996	Ribeiro Dias	Laura Ferreira	Pensar o desejo a partir de Freud, Girard e Deleuze.

		dos Santos	
1997	Ribeiro Dias	M ^a Clara Oliveira	A educação como processo auto-organizativo.
1999	Alte da Veiga	Armando Rui Guimarães	Educação Religiosa Confessional. Uma Perspectiva Filosófica.
1999	Manuel Sumares Ribeiro Dias (co-orientador)	M ^a Conceição Antunes	Teoria e Prática Pedagógica: ruptura e ensaios de recontextualização da educação à luz do projecto rortyano.
2001	Alberto Filipe Araújo	Joaquim Machado de Araújo	Utopia e Educação. Para uma reinterpretação da <i>utopia</i> de Tomás Moro
2006	José Casulo	Artur Manso	Filosofia Educacional na obra de Agostinho da Silva.

Quadro 41

UNIVERSIDADE DO PORTO - Faculdade de Letras Teses de Doutoramento em Filosofia na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
2005	Adalberto Dias de Carvalho	Paula Cristina Pereira	Do Sentir e do Pensar. Para uma antropologia experiencial de matriz poética da contemporaneidade.
2005	Adalberto Dias de Carvalho	Eugénia Vilela	Silêncios Tangíveis – Corpo, Resistência e Testemunho nos espaços contemporâneos de abandono.
2005	Adalberto Dias de Carvalho	Isabel Baptista	Capacidade Ética e Desejo Metafísico: uma interpelação à razão pedagógica.
2005	Adalberto Dias de Carvalho	José Matos Fernandes	Racionalidade e Educação – Entre Popper e Dewey.

Quadro 42

UNIVERSIDADE DE ÉVORA Teses de Doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
1984	Manuel Antunes Gama Caeiro	Manuel Patrício	A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e prática.
1996	Manuel Patrício	Barros Dias	Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoas: compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares.
1997	Manuel Patrício	Margarida Amoedo	José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação.
2000	Manuel Patrício	Luís Sebastião	Possibilidade de fundamentação da educação no pensamento cosmogénico de Pierre Teilhard de Chardin.
2000	Manuel Patrício	Teresa Santos	A Pedagogia da escuta em Krishnamurti

Quadro 43

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO Tese de Doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
1994	Ribeiro Dias	Maria da Conceição Azevedo	Filosofia da Educação em Fernando Pessoa: encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser.

Quadro 44

UNIVERSIDADE DE AVEIRO Tese de Doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
1985	Júlio Fragata	Alte da Veiga	Filosofia da Educação e Aporias da Religião: A problemática do ensino religioso.

Quadro 45

UNIVERSIDADE DOS AÇORES Tese de Doutoramento em Educação na especialidade de Filosofia da Educação			
Ano	Orientador	Autor	Título
2003	Ribeiro Dias	Emanuel Medeiros	A Filosofia como centro do currículo na Educação ao Longo da Vida.

12.1. Análise das teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação

No propósito de reflectir sobre os temas e os métodos utilizados pelos académicos portugueses doutorados em Filosofia da Educação e sobre a produção do seu discurso filosófico, importa considerar o total de vinte e seis teses registadas no campo da Filosofia da Educação entre 1984 e 2006.

Considerando a existência de uma comunidade filosófico-educacional que, apesar de dedicada à confluência de saberes distintos e alocada ora no campo disciplinar da Filosofia ora no campo disciplinar da Educação/Ciências da Educação, confere forma e sentido ao campo de produção cultural da Filosofia da Educação portuguesa, importa analisar a formação discursiva presente nas suas teses de doutoramento, considerando que a maioria dos filósofos em causa assumiu a docência disciplinar de Filosofia da Educação e alguns

deles orientaram teses de doutoramento na especificidade do campo.

Começando por tratar o campo de produção cultural em que as teses foram produzidas, salienta-se o facto de apenas na Universidade do Porto se verificar a existência de teses de doutoramento registadas no campo da Filosofia na especialidade de Filosofia da Educação. À excepção destas quatro teses registadas no campo da Filosofia na especialidade de Filosofia da Educação na Universidade do Porto, as restantes vinte e duas teses foram registadas no campo da Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação em todas as outras Universidades. Interessa ainda mencionar que, a única Instituição onde houve registo de teses no campo da Educação/Ciências da Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação, foi a Universidade de Lisboa.

Quadro 46

Teses de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação registadas entre 1984 e 2006 em Portugal	
Instituição	Teses
No campo científico da Filosofia	
Universidade do Porto	4
No campo científico da Educação/Ciências da Educação	
Universidade de Coimbra	2
Universidade do Minho	9
Universidade de Évora	5
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	1
Universidade de Aveiro	1
Universidade dos Açores	1
Teses de doutoramento registadas em História e Filosofia da Educação entre 1984 e 2006 em Portugal	
Universidade de Lisboa	3
TOTAL	26

A Universidade do Minho foi a Instituição onde foram defendidas mais teses de doutoramento na especialidade de Filosofia da Educação, seguida da Universidade de Évora e da Universidade do Porto. Quanto ao número de orientações asseguradas, destacou-se José Ribeiro Dias como Professor que, nesta especialidade, mais teses orientou, seguido de Adalberto Dias de Carvalho e de Manuel Ferreira Patrício.

Importa, contudo, referir o facto de José Ribeiro Dias, Manuel Ferreira Patrício e Jean-

Pierre Sironneau terem sido os únicos a assegurar a co-orientação de teses de doutoramento no campo da Filosofia da Educação. José Ribeiro Dias e Manuel Ferreira Patrício asseguraram a orientação e a co-orientação de teses realizadas em Universidades que não eram as suas Instituições de pertença, nomeadamente Ribeiro Dias orientou teses de doutoramento em Educação/Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação defendidas na Universidade dos Açores e na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Manuel Patrício co-orientou uma tese defendida na Universidade do Minho.

Outro factor de destaque, prende-se com a evidência de Adalberto Dias de Carvalho ter assegurado a orientação da totalidade das teses de doutoramento em Filosofia na especialidade de Filosofia da Educação realizadas na Universidade do Porto. Situação similar ocorreu na Universidade de Évora onde Manuel Ferreira Patrício, após concluir o seu próprio doutoramento, assumiu integralmente a orientação de todos os doutoramentos realizados em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação, na Universidade de Évora.

Quadro 47

Teses de doutoramento registadas com especialidade em Filosofia da Educação - 1984 a 2006	
Orientador	Teses orientadas
José Ribeiro Dias	6
Manuel Sumares	1
Alte da Veiga	2
Alberto Filipe Araújo	1
José Casulo	1
Adalberto Dias de Carvalho	4
Luísa Maria de Almeida Morgado	1
Nicolau Raposo	1
Luís Guilherme Albuquerque	1
Teresa Levy	1
Rogério Fernandes	1
Manuel Ferreira Patrício	4
Manuel Antunes/Gama Caeiro	1
Júlio Fragata	1
Co-orientador	Teses co-orientadas
José Ribeiro Dias	1
Manuel Ferreira Patrício	1
Jean-Pierre Sironneau	1

Passando a analisar as datas de conclusão das teses de doutoramento realizadas no campo da Filosofia da Educação constata-se que, na década de 80, apenas foram defendidas três teses, na década de 90 foram defendidas onze e que, nos primeiros seis anos do século XXI, foram defendidas doze. Partindo da análise destes números, começa por constatar-se o crescimento da pesquisa efectuada no campo da Filosofia da Educação com o passar do tempo.

No entanto, o número de teses apresentadas no campo revela-se pouco sistemático, quer em relação à regularidade dos anos de defesa quer no respeitante à produção de teses por Instituição.

Assim sendo, apesar do pioneirismo da Universidade de Évora, no referente à defesa da primeira tese de doutoramento registada na especialidade de Filosofia da Educação, em 1984, verifica-se a existência de um hiato temporal até que, em 1996, tenha sido defendida uma segunda tese e que as outras três só tenham tido defesa a partir do ano 2000.

No alusivo à Universidade do Minho, constata-se que, na década de 90, esta foi a Instituição onde se defenderam mais teses de doutoramento no campo da Filosofia da Educação, embora essa tendência não se tenha mantido com a viragem do milénio.

Por sua vez, na Universidade do Porto, a totalidade das teses de doutoramento em Filosofia da Educação foram defendidas no ano de 2005, sendo esta a Instituição que se destacou nos primeiros seis anos do século XXI pela pesquisa efectuada neste campo.

No caso da Universidade de Coimbra, à semelhança do sucedido na Universidade do Porto, também foi no começo deste novo século que se assistiu à defesa das duas primeiras teses registadas no campo da Filosofia da Educação.

A respeito das teses de doutoramento registadas na Universidade de Lisboa no campo das Ciências da Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação, salienta-se o facto da primeira delas ter sido defendida ainda na década de 80 e as outras duas na década de 90, não tendo, no século XXI, sido defendido qualquer trabalho no campo¹⁴⁰.

¹⁴⁰ No *site* do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa encontra-se disponível *on-line* um documento, intitulado *Teses de Doutoramento em Educação apresentadas à Universidade de Lisboa. 1981-2009*, que refere, equivocadamente, a "tese elaborada por Feliciano Henriques Veiga sob a orientação da Professora Doutora Ester Luísa Rodrigues Dias e co-orientada pelo Professor Doutor Musitu Ochoa para as provas de doutoramento em Psicologia Educacional", defendida em Março de 1990, sob o título *Autoconceito e Disrupção Escolar dos Jovens. Conceptualização, Avaliação e Diferenciação*, realizada no âmbito do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, como sendo uma tese de doutoramento em Educação na área de especialidade de Filosofia da Educação (Veiga, 1990: capa).

Por outro lado, verifica-se a inexistência de defesa de dissertações de doutoramento nesta especialidade na Universidade Nova de Lisboa, tal como se constata o surgimento pontual de defesa de dissertações de doutoramento no campo da Filosofia da Educação nas Universidades de Aveiro, dos Açores e de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Quadro 48

Teses de doutoramento registadas em Filosofia da Educação entre 1984 e 2006 em Portugal			
Ano de defesa	Orientador	Instituição	Teses
1984	Manuel Antunes e Gama Caeiro	Universidade de Évora	1
1985	Júlio Fragata	Universidade de Aveiro	1
1988	Luís Guilherme Albuquerque	Universidade de Lisboa	1
1994	Manuel Alte da Veiga	Universidade do Minho	1
1994	José Ribeiro Dias	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	1
1995	José Ribeiro Dias e Manuel Patrício (Co-orientador)	Universidade do Minho	1
1996	José Ribeiro Dias	Universidade do Minho	2
1996	Manuel Ferreira Patrício	Universidade de Évora	1
1997	José Ribeiro Dias	Universidade do Minho	1
1997	Teresa Levy	Universidade de Lisboa	1
1997	Manuel Ferreira Patrício	Universidade de Évora	1
1999	Manuel Sumares e José Ribeiro Dias (Co-orientador)	Universidade do Minho	1
1999	Manuel Alte da Veiga	Universidade do Minho	1
1999	Rogério Fernandes	Universidade de Lisboa	1
2000	Manuel Ferreira Patrício	Universidade de Évora	2
2001	Alberto Filipe Araújo	Universidade do Minho	1
2003	José Ribeiro Dias	Universidade dos Açores	1
2004	Luísa Maria de Almeida Morgado	Universidade de Coimbra	1
2005	Nicolau Raposo	Universidade de Coimbra	1
2005	Adalberto Dias de Carvalho	Universidade do Porto	4
2006	José Casulo	Universidade do Minho	1

No propósito de analisar os temas das teses, a proposta de definição das principais posições possíveis sobre o estatuto epistemológico da Filosofia da Educação apontado por Adalberto Dias de Carvalho na obra *Epistemologia das Ciências da Educação*, revelou-se uma metodologia facilitadora. Distinguindo quatro atitudes passíveis de ser adoptadas face à

definição do estatuto epistemológico da Filosofia da Educação, Adalberto Dias de Carvalho definiu-as do seguinte modo: a “atitude metafísica”, a “atitude filosófico-analítica”, a “atitude histórico-filosófica” e a “atitude cientificista” (2002a: 109).

Considerando que a produção discursiva presente nas teses de doutoramento defendidas no campo da Filosofia da Educação se revela marcada pela presença de uma eclética opção de atitudes tomadas, no que concerne à definição do estatuto epistemológico deste campo de produção cultural, a análise aos temas das teses, sob a proposta classificativa de Adalberto, resulta na constatação da predominância da atitude metafísica na maioria dos trabalhos de doutoramento realizados.

Assim sendo, a atitude metafísica, norteadada por uma sabedoria filosófica de inspiração teológica, relativamente às questões ontológicas, cosmológicas e antropológicas, defensora de um ideal de Filosofia da Educação enquanto aplicação de orientações gerais, de visões de mundo, isto é, de concepções sobre o homem, nas suas relações com a sociedade, com a história, com a natureza e com Deus, foi uma atitude presente em muitos dos trabalhos apresentados em várias Universidades portuguesas.

Urge, no entanto, ressaltar que, no contexto das teses defendidas na Universidade do Minho, a tese de Maria Clara Oliveira, intitulada *A educação como processo auto-organizativo*, se enquadra na atitude filosófico-analítica ou até mesmo na atitude cientificista, uma vez que procurou transpor para o terreno específico da educação, os mesmos métodos que a filosofia analítica aplicou noutros domínios e que assentam na pressuposição de que as palavras, são apenas meios para expressar ideias e que, por essa razão, devem ser analisadas de modo a contribuir para a clarificação dessas mesmas ideias. Por outro lado, Clara Oliveira, ao pretender articular o processamento da produção linguística do conhecimento com a dimensão biológica da actividade mental humana, aproximou-se da atitude cientificista, atendendo a que recorreu à precisão metodológica da Biologia para tentar demonstrar, eficazmente, os resultados do seu estudo.

De igual modo, importa mencionar que as teses defendidas no campo da História e Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, apesar de também utilizarem como recurso a atitude metafísica, se revelam mais próximas da atitude histórico-filosófica, atendendo a que, prevalecentemente, retornam ao pensamento filosófico-educacional de filósofos do passado para analisar as questões por estes colocadas e as soluções encontradas.

A atitude histórico-filosófico foi, igualmente, utilizada pelos autores das teses dedicadas ao estudo do pensamento filosófico-educacional de alguns proeminentes pensadores portugueses de outro tempo. Aliás, a dedicação ao estudo da reflexão filosófico-educativa no âmbito do pensamento de relevantes intelectuais da cultura portuguesa, foi significativa no conjunto das teses de doutoramento defendidas no campo da Filosofia da Educação nas Universidades do Minho, de Évora e de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Na análise das teses sobressai o facto de, num total de vinte e seis teses defendidas na especialidade de Filosofia da Educação (três das quais em História e Filosofia da Educação), dezanove delas terem sido realizadas por docentes da disciplina de Filosofia da Educação/História e Filosofia da Educação, o que, por um lado, reforça a especificidade da preparação científica dos responsáveis pela leccionação da disciplina e, por outro, reflecte a necessidade, sentida por parte dos próprios académicos, de se credenciar devidamente para integrar o campo disciplinar.

No alusivo à bibliografia das teses de doutoramento em Filosofia da Educação, destaca-se a referência das obras de Adalberto Dias de Carvalho, seguida das de José Ribeiro Dias e Manuel Ferreira Patrício.

13. Cronologia da Filosofia da Educação em Portugal

Quadro 49

Cronologia da Filosofia da Educação em Portugal	
1926	• Leonardo Coimbra apresenta no Congresso da Esquerda Democrática o ensaio Problema da Educação Nacional no qual defendeu a Filosofia como centro de todo o pensamento educacional.
1931	• Pela 1ª vez um pensador português, nomeadamente Fidelino de Figueiredo, designa a Filosofia da Educação como área do conhecimento na obra intitulada <i>Imagem-força: Um conceito para a Filosofia da Educação</i> .
1934	• Publicação do texto de Delfim Santos <i>Linha Geral da Nova Universidade</i> no qual é proposto um inovador modelo de Universidade no qual estava incluída a criação de uma Faculdade de Filosofia na qual deveria ser leccionado um curso de Pedagogia em que a Filosofia da Educação deveria ocupar o lugar de disciplina primeira.
1953	• Pela 1ª vez um filósofo português leccionou Filosofia da Educação, respectivamente Agostinho da Silva que assumiu a leccionação da disciplina na Faculdade Fluminense de Filosofia do Rio de Janeiro (actual Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro).
Finais da década de 60	• Início da leccionação da disciplina de História e Filosofia da Educação no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).
1975	• Pela 1ª vez um filósofo português colaborou com um Departamento de Filosofia da Educação, nomeadamente Francisco da Gama Caeiro que, entre 1975 e 1979, integrou o Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Universidade de São Paulo onde assumiu a regência disciplinar de Educação e Cultura Portuguesa e Brasileira.
1976-1977	• História e Filosofia da Educação como disciplina opcional oferecida aos alunos do 3º ano do curso de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
1979	• Início do primeiro trabalho de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizado em Portugal. Nomeadamente a tese de Manuel Ferreira Patrício realizada na Universidade de Évora, inicialmente orientada pelo Professor Manuel Antunes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
1980-1981	• Filosofia da Educação como disciplina de opção oferecida aos alunos do 1º ano do Curso Superior de Psicologia da Universidade de Coimbra, aprovado pelo Despacho de 20 de Agosto de 1980.
1982	• Filosofia da Educação como disciplina anual opcional, leccionada por José Ribeiro Dias, oferecida aos alunos do curso de mestrado em Educação da Universidade do Minho, criado ao abrigo da Portaria nº850/82 de 7 de Setembro de 1982.
1984	• Defesa da 1ª tese de doutoramento sobre o pensamento educacional português registada no domínio das Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Tese de Manuel Ferreira Patrício apresentada à Universidade de Évora.

1984-1985	<ul style="list-style-type: none"> • Criação da área de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, pela homologação do Despacho nº59/SEES/84. • Filosofia da Educação como disciplina oferecida aos alunos dos cursos de mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, leccionada por Olga Pombo. • História e Filosofia da Educação como disciplina presente em todas as licenciaturas em Ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. • Filosofia da Educação como disciplina anual optativa oferecida aos alunos do 4º ano do curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, leccionada por Adalberto Dias de Carvalho.
1986	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do curso de mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Filosofia da Educação na Universidade do Minho, pela publicação da Portaria 405/86 de 26 de Julho de 1986.
1987-1988	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina do curso de licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da universidade de Lisboa leccionada por Leonel Ribeiro dos Santos.
1988	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa da 1ª tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, nomeadamente a tese de Rogério Fernandes.
1989	<ul style="list-style-type: none"> • Fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação • Primeiro Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (Presidida por José Ribeiro Dias), subordinado ao tema "<i>Ciências da Educação em Portugal – situação actual e perspectivas</i>", realizado na Universidade do Porto.
1990	<ul style="list-style-type: none"> • Fundação da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, presidida por Manuel Ferreira Patrício. • Manuel Ferreira Patrício assumiu a Presidência da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
1990-1991	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina anual obrigatória oferecida aos alunos do 2º ano do curso de licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
1991-1992	<ul style="list-style-type: none"> • História e Filosofia da Educação como disciplina semestral obrigatória de formação pedagógica leccionada aos alunos de todos os cursos de ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, leccionada por Rogério Fernandes.
1992	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa das primeiras teses de mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Filosofia da Educação na Universidade do Minho.
1992-1993	<ul style="list-style-type: none"> • Início do funcionamento do curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
1994	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa da 1ª tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade em Filosofia da Educação na Universidade do Minho, nomeadamente a tese de Alberto Filipe Araújo. • Criação do curso de mestrado em Ciências da Educação na área de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, pela aprovação da Deliberação nº15/94 publicada na II Série do Diário da República de

	<p>31 de Maio de 1994.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação do curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Educação e Desenvolvimento, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que contemplava a área de Filosofia da Educação. • José Ribeiro Dias assumiu a Presidência da Direcção da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
1994-1995	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina semestral obrigatória oferecida aos alunos do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialização em Psicologia da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
1995	<ul style="list-style-type: none"> • Realização das Provas de Agregação em Filosofia da Educação de Adalberto Dias de Carvalho na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
1996	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do Gabinete de Filosofia da Educação (GFE) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a direcção de Adalberto Dias de Carvalho.
1996-1997	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina semestral obrigatória oferecida aos alunos do curso de licenciatura em Educação da Universidade do Minho, sendo José Ribeiro Dias o docente responsável. • Filosofia da Educação como disciplina optativa, dividida em dois semestres, oferecida aos alunos do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade de Évora, leccionada por Manuel Ferreira Patrício. • História e Filosofia da Educação como disciplina anual obrigatória oferecida aos alunos dos cursos de licenciatura em Ensino da Universidade do Minho, sendo Manuel Alte da Veiga o docente responsável.
1997	<ul style="list-style-type: none"> • Realização do I Colóquio de Filosofia da Educação, acontecido a 26 de Junho na Universidade dos Açores. • Realização do 1º Encontro Nacional de Filosofia da Educação, acontecido de 28 e 29 de Novembro na Universidade do Minho.
1997-1998	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina anual opcional oferecida pelo Grupo de Filosofia aos seus próprios alunos e aos alunos das restantes licenciaturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a docência de Joaquim Neves Vicente. • Criação do curso de mestrado em Filosofia na área de especialização em Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
1998	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação, acontecida em Maio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
1998-1999	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina semestral obrigatória oferecida aos alunos do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialidade em Educação e Modernidade da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
1999	<ul style="list-style-type: none"> • Realização do II Colóquio de Filosofia da Educação, acontecido de 27 a 28 de Maio na Universidade dos Açores. • Defesa das primeiras teses de mestrado em Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. • Criação do curso de mestrado em Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pela publicação do Despacho nº17 356/99, sob a coordenação de Michel Renaud.

2000-2001	<ul style="list-style-type: none"> • Pedagogia e Filosofia da Educação como disciplina da área curricular da Secção Autónoma de Educação leccionada aos alunos de cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
2001-2002	<ul style="list-style-type: none"> • Disciplina de Filosofia da Educação leccionada pela 1ª vez por um filósofo da educação estrangeiro, nomeadamente pelo Professor Catedrático da Universidade de São Paulo João Paulo Monteiro, que assumiu esta docência disciplinar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
2002-2003	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação oferecida como disciplina anual aos cursos de mestrado em Educação da Universidade de Évora, sob programa de ensino elaborado por Barros Dias.
2003	<ul style="list-style-type: none"> • Realização do I Congresso da Secção de Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), subordinado ao tema "<i>A Revolução das ideias e teorias pedagógicas. Desafios para o futuro</i>", realizado na Escola Superior de Educação de Castelo Branco a 6 e 7 de Fevereiro de 2003, sob a Presidência de Ernesto Candeias Martins.
2004	<ul style="list-style-type: none"> • Defesa da 1ª tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade em Filosofia da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, nomeadamente a tese de Ana Maria Mouraz Lopes. • Realização do Colóquio "Os limites dos Sentidos da Educação Contemporânea", realizado em Novembro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. • Realização do Curso Livre de Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
2004-2005	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina semestral de opção oferecida aos alunos do curso de pós-graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
2005	<ul style="list-style-type: none"> • 1ª publicação do periódico "Itinerários de Filosofia da Educação", dirigido por Adalberto Dias de Carvalho no âmbito do Gabinete de Filosofia da Educação. • Realização do Colóquio Internacional "Filosofia da Educação e Interculturalidade", realizado em Abril na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. • Realização da 2ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação "Os Limiares Contemporâneos da Educação. Perspectivas Filosóficas", acontecida em Novembro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. • Defesa das primeiras teses de doutoramento em Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nomeadamente as teses de Paula Cristina Pereira, Eugénia Vilela, Isabel Baptista e José Matos Fernandes.
2005-2006	<ul style="list-style-type: none"> • Filosofia da Educação como disciplina semestral de opção oferecida aos alunos do curso de mestrado em Ciências da Educação com especialização em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
2006	<ul style="list-style-type: none"> • Realização das Provas de Agregação em Filosofia da Educação de Luís Bernardo na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. • Defesa da 1ª Dissertação de mestrado em Filosofia da Educação realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação de Luís Bernardo.

Analisando a cronologia do campo de produção cultural da Filosofia da Educação portuguesa, sob a perspectiva que equaciona a análise da constituição dos grupos de filósofos da educação e da relação destes com os seus pares, começa por destacar-se a relação estabelecida com a Filosofia da Educação brasileira, nomeadamente a produzida na Faculdade Fluminense de Filosofia do Rio de Janeiro e na Universidade de São Paulo.

Considerando a primazia académica filosófico-educacional acontecida no mundo académico brasileiro, em relação à tardia consolidação disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal, e constatando a existência de sólidos laços institucionais estabelecidos entre os seus filósofos da educação e os filósofos portugueses que primeiramente defenderam a Filosofia da Educação como área do conhecimento e que inauguraram a leccionação desta disciplina na Universidade portuguesa, importa sublinhar a importância deste relacionamento.

Começando por avaliar os laços estabelecidos entre Fidelino de Figueiredo e os filósofos da educação da Universidade de São Paulo, interessa ponderar o facto de o pensador português que, pela primeira vez, designou a Filosofia da Educação como área do conhecimento, ter integrado o corpo docente da Universidade de São Paulo de 1938 a 1952.

Cogitando que, à entrada da década de trinta do século transacto, houve um pensador português que designou a Filosofia da Educação como área do conhecimento e que na obra intitulada *Imagem-força: Um conceito para a Filosofia da Educação*, procurou definir as condições epistemológicas para este novo saber, alegando que competia à Filosofia enlaçar a totalidade do sistema educativo e que esse mesmo homem foi docente, durante 14 anos, de uma Universidade onde, futuramente, viria a existir um Departamento de Filosofia da Educação e de Ciências da Educação, é oportuno ponderar a influência exercida pela presença de Fidelino de Figueiredo no processo de consolidação da Filosofia da Educação na Universidade de São Paulo¹⁴¹.

Igualmente singular, é a proposta apresentada por Delfim Santos, no ano de 1934, no texto *Linha Geral da Nova Universidade* no qual é proposto um inovador modelo de Universidade no qual estava incluída a criação de uma Faculdade de Filosofia na qual deveria ser leccionado um curso de Pedagogia em que a Filosofia da Educação deveria ocupar o

¹⁴¹ Pela promulgação da Lei nº 5.540 de 1968 e com a elaboração dos novos *Estatutos Universitários*, de Dezembro de 1969, foram geradas as condições para a criação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, que abriu portas a 1 de Janeiro de 1970, onde passaram a funcionar três Departamentos, sendo o de Filosofia da Educação e de Ciências da Educação um deles.

lugar de disciplina primeira.

Do mesmo modo, é também pertinente considerar o facto de o pioneirismo da docência disciplinar de Filosofia da Educação, por parte de um filósofo português, ter acontecido na Faculdade Fluminense de Filosofia do Rio de Janeiro, sob o magistério de Agostinho de Silva, num tempo tão distante da consagração académica da Filosofia da Educação, que só viria a decorrer após o surgimento de elaboração teórica significativa, como a que viria ser realizada por Peters, Hirst, Fullat e Reboul.

No mesmo alinhamento, é igualmente legítimo equacionar a relevância de a primeira vez que um filósofo português colaborou com um Departamento de Filosofia da Educação e de Ciências da Educação ter sido na Universidade de São Paulo e que, após ter retornado a Portugal, esse tenha sido um impulsionador à leccionação da disciplina de Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa.

Uma vez que, no período compreendido entre os anos de 1975 e 1979, Francisco da Gama Caeiro colaborou com o Departamento de Filosofia da Educação e de Ciências da Educação da Universidade de São Paulo e que, a partir do ano lectivo 1980-1981, regressou à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para assumir, paralelamente, a orientação de vários cursos de pós graduação a nível de mestrado e a regência de disciplinas da área da Filosofia, explanando temáticas afins à Filosofia da Educação, é legítimo atentar sobre a possibilidade de influência sofrida, a nível filosófico-educativo, na sua passagem pela Instituição brasileira.

Numa mesma perspectiva, será curioso relevar o facto de a primeira e única vez que um filósofo da educação estrangeiro assumiu a regência disciplinar da Filosofia da Educação numa Universidade Portuguesa, tenha sido João Paulo Monteiro, Professor Catedrático da Universidade de São Paulo, que no ano lectivo 2001-2002 foi responsável pela leccionação da disciplina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Permanecendo na análise da relação dos grupos de filósofos da educação com os seus pares, constata-se que a organização de Associações e de Encontros Científicos do campo de produção cultural da Filosofia da Educação, a nível nacional e internacional, só começou a ter expressão a partir da década de 90 do século passado e que a Instituição mais dinâmica, a este respeito, foi a Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Contudo, não será de descurar a importância da fundação da Sociedade Portuguesa de

Ciências da Educação, fortemente impulsionada pelo contributo dos filósofos da educação José Ribeiro Dias, da Universidade do Minho e Manuel Ferreira Patrício, da Universidade de Évora, ambos sócio-fundadores e Presidentes da Direcção, nem a fundação da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, igualmente presidida por Manuel Ferreira Patrício. Outro contributo significativo para estreitar as relações entre os grupos de filósofos da educação portugueses foi a organização do 1º Encontro Nacional de Filosofia da Educação acontecido, em 1997, na Universidade do Minho.

Conquanto, há que reconhecer que a criação, em 1996, do Gabinete de Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto animou a relação dos elementos do campo da Filosofia da Educação portuguesa e estabeleceu uma dinâmica internacional mais sistematizada até à então verificada, uma vez que foi, pela congregação de esforços dos membros deste Gabinete, dirigido por Adalberto Dias de Carvalho, que se vieram a realizar na Universidade do Porto, em 1998, a 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação, em 2004, o Colóquio sobre *Os Limites dos Sentidos da Educação Contemporânea* e, em 2005, o Colóquio Internacional intitulado *Filosofia da Educação e Interculturalidade* e a 2ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação debruçada sobre tema *Os Limiares Contemporâneos da Educação*. O surgimento do periódico *Itinerários de Filosofia da Educação*, especialmente dedicado à divulgação do trabalho produzido no âmbito do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi outro marco importante para a divulgação da pesquisa realizada no campo da Filosofia da Educação.

De igual modo, não poderia ser olvidado o esforço realizado por Emanuel Medeiros e por outros Professores da Universidade dos Açores em dinamizar o movimento filosófico educativo, mormente pela realização dos primeiros Colóquios de Filosofia da Educação acontecidos em Portugal, tendo o primeiro sido dedicado ao tema *Educação Caminho Para o Século XXI* e o segundo subordinado à temática *Utopia e Pragmatismo em Educação: Desafios e Perspectivas*.

Por outro lado, a data de realização do I Congresso da Secção de Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), Fevereiro de 2003, parece tardia perante o facto da Presidência desta Sociedade já ter sido anteriormente assegurada pelos filósofos da educação José Ribeiro Dias e Manuel Ferreira Patrício.

No referente à análise da proliferação disciplinar da Filosofia da Educação nas diferentes Instituições, destaca-se o facto de a disciplina ter sido pioneiramente leccionada no nosso país, nos finais da década de 60, com alguns hiatos, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) sob o nome de História e Filosofia da Educação. Contudo, a sua consolidação disciplinar, ainda sobre o mesmo desígnio, só ocorreu no ano lectivo 1976-1977, no âmbito do Curso de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para, a partir de 1984, passar a figurar nos currículos de todas as licenciaturas em Ensino da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Gomes, 1988). Apesar de a disciplina ter sido pontualmente leccionada, em 1981, no âmbito do Curso Superior de Psicologia da Universidade de Coimbra, a sua proliferação e a sistematização da sua leccionação, noutras Instituições, só se verificou, em 1982, na Universidade do Minho, quando ministrada por Ribeiro Dias, como disciplina do currículo dos cursos de mestrado em Educação e, quando, a partir de 1984, começou a ser leccionada, por Adalberto de Carvalho, aos alunos do curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nesse mesmo ano de 1984, na sequência da criação do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, passou a estar presente nos planos de estudo de todos os cursos de licenciatura desta Faculdade.

No começo da década de 90 do século findo, a disciplina de Filosofia da Educação passou a constar, regularmente, nos seguintes planos curriculares: curso de licenciatura em Ciências da Educação, precisamente em 1990, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; conjunto disciplinar do Ramo de Formação Educacional, a partir de 1991, como História e Filosofia da Educação, leccionada por Rogério Fernandes na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; licenciatura em Educação, em 1996, leccionada por Ribeiro Dias e cursos de licenciatura em Ensino, tendo como docente responsável Manuel Alte da Veiga, na Universidade do Minho; licenciatura em Filosofia, ministrada por Manuel Patrício, na Universidade de Évora; licenciatura em Filosofia, sob a docência de Joaquim Neves Vicente, na Universidade de Coimbra.

Assim, constata-se que a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada aos alunos dos cursos de licenciatura em Filosofia nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa, de Coimbra, do Porto e no âmbito do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, tal como também foi oferecida aos alunos dos cursos de licenciatura em Ensino das Universidades de Lisboa, de Coimbra, do Porto e do Minho, aos alunos do curso de

licenciatura em Educação da Universidade do Minho e aos alunos do curso de licenciatura em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A propósito da presença disciplinar da Filosofia da Educação no âmbito dos cursos de mestrado, destaca-se o facto de ter sido na Universidade do Minho que, em 1982, esta foi primeiramente introduzida, tal como se constata que foi, nesta mesma Instituição que, em 1986, foi homologado o primeiro curso de mestrado em Educação na área de especialidade em Filosofia da Educação e que, em 1992, foram defendidas as primeiras dissertações.

Posteriormente, à semelhança do sucedido na Universidade do Minho, começaram a surgir cursos de mestrado com especialidade em Filosofia da Educação noutras Instituições. Em 1994, foi criado o curso de mestrado em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; em 1997, foi criado o curso de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto; e, em 1999, foi criado o curso de mestrado em Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ainda a respeito da presença da Filosofia da Educação como disciplina ensinada nos cursos de mestrado, há que ressaltar que a disciplina foi leccionada, desde 1982, na Universidade do Minho, desde 1984 na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, desde 1994 na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e desde 2002 na Universidade de Évora.

No que concerne à análise dos doutoramentos em Filosofia da Educação, sublinha-se o facto da primeira Instituição em que foi defendida uma tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação ter sido, em 1984, a Universidade de Évora e de ter sido, nesse mesmo ano, promulgada a legislação que abrigou a criação de um curso de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Diferentemente, nas Universidades do Minho e do Porto só no final da década de 80 é que começaram a funcionar cursos de doutoramento com especialidade em Filosofia da Educação e, somente nos anos 90, é que foi homologado o funcionamento destes, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em 1992, e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1994,

apesar de, nesta última, não ter sido defendida nenhuma tese no campo da Filosofia da Educação.

Não deixa de ser peculiar o facto de as únicas Instituições em que se verificou a presença de História e Filosofia da Educação, precisamente a Universidade do Minho e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, serem igualmente as únicas em que uma disciplina do campo disciplinar da Filosofia da Educação foi leccionada no âmbito dos cursos de Ensino de Ciências.

III Parte.

Ethos dos Filósofos da Educação Portugueses

14. Formação académica dos docentes disciplinares de Filosofia da Educação

Quadro 50

Formação académica dos docentes disciplinares de Filosofia da Educação				
Docente	Instituição Docência	Grau	Formação Académica	Instituição
Teresa Levy	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Doutoramento	Filosofia	Columbia University New York
Olga Pombo	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Mestrado	Filosofia Moderna	Universidade Nova de Lisboa
		Doutoramento	Educação (História e Filosofia da Educação)	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa
Rogério Fernandes	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa	Licenciatura	Ciências Histórico-Filosóficas	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Doutoramento	Educação (História e Filosofia da Educação)	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa
Joaquim Pintassilgo	Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa	Licenciatura	História	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Mestrado	História Cultural	Universidade Nova de Lisboa
		Doutoramento	História	Universidade de Salamanca
Leonel Ribeiro dos Santos	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Doutoramento	Filosofia Moderna e Contemporânea	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
João Paulo Monteiro	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa	Licenciatura	Filosofia	Universidade de São Paulo
		Doutoramento	Filosofia	Universidade de São Paulo
João	Faculdade de	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras

Boavida	Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra	Universidade de Coimbra		
		Doutoramento	Psicologia (Ciências da Educação)	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra
Joaquim Neves Vicente	Faculdade de Letras Universidade de Coimbra	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Coimbra
		Mestrado	Didáctica da Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Coimbra
		Doutoramento	Didáctica da Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Coimbra
Ribeiro Dias	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade S. Tomás de Aquino - Roma
		Doutoramento	Filosofia	Universidade S. Tomás de Aquino - Roma
Norberto Cunha	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Doutoramento	Filosofia (História e Filosofia da Cultura Portuguesa)	Universidade do Minho
Manuel Gama	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga
		Mestrado	Filosofia Moderna e Contemporânea	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Filosofia (História e Filosofia da Cultura Portuguesa)	Universidade do Minho
Alte da Veiga	Universidade do Minho	Doutoramento	Educação	Universidade de Aveiro
Manuel Barbosa	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
Laura Ferreira dos Santos	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
José Casulo	Universidade do Minho	Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
Alberto Filipe	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga

Araújo		Mestrado	Filosofia Moderna e Contemporânea	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
M ^a Clara Oliveira	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga
		Mestrado	Epistemologia e Filosofia do Conhecimento	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
Artur Manso	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Mestrado	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
M ^a Conceição Antunes	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Braga
		Mestrado	Epistemologia e Filosofia do Conhecimento	Universidade Católica de Braga
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
Custódia Martins	Universidade do Minho	Licenciatura	Filosofia	Universidade Católica de Lisboa
		Mestrado	Ciências da Educação (Formação Pessoal e Social)	Universidade Católica de Lisboa
		Doutoramento	Educação (Filosofia da Educação)	Universidade do Minho
Adalberto Dias de Carvalho	Faculdade de Letras Universidade do Porto	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Doutoramento	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
Eugénia Vilela	Faculdade de Letras Universidade do Porto	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Mestrado	Filosofia (Filosofia da Educação)	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Doutoramento	Filosofia (Filosofia da Educação)	Faculdade de Letras Universidade do Porto
Paula Cristina Pereira	Faculdade de Letras Universidade do Porto	Licenciatura	Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Mestrado	Filosofia (Filosofia da Educação)	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Doutoramento	Filosofia	Faculdade de Letras

		(Filosofia da Educação)	Universidade do Porto
Manuel Patrício	Universidade de Évora	Licenciatura Filosofia	Faculdade de Letras Universidade de Lisboa
		Doutoramento Ciências da Educação (Filosofia da Educação)	Universidade de Évora
Barros Dias	Universidade de Évora	Licenciatura Filosofia	Faculdade de Letras Universidade do Porto
		Doutoramento Filosofia	Universidade de Évora
Luís Sebastião	Universidade de Évora	Licenciatura Biologia e Geologia	Universidade de Évora
		Doutoramento Ciências da Educação (Filosofia da Educação)	Universidade de Évora
Luís Bernardo	Universidade Nova de Lisboa	Licenciatura Filosofia	Universidade Católica de Lisboa
		Mestrado Filosofia	Universidade Nova de Lisboa
		Doutoramento Filosofia (Filosofia Geral)	Universidade Nova de Lisboa

A análise global à formação académica destes vinte e sete docentes da disciplina de Filosofia da Educação revela a sólida formação filosófica dos elementos do campo disciplinar.

Começando por observar que, somente dois dos Professores não são licenciados em Filosofia, nomeadamente o historiador Joaquim Pintassilgo cuja formação universitária foi toda realizada no campo científico da História e que ministrou a disciplina de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Luís Sebastião licenciado em Ensino da Biologia e Geologia e Doutor em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia da Educação responsável pela elaboração do programa de ensino de Filosofia da Educação do curso de mestrado em Educação na especialidade de Administração Escolar na Universidade de Évora, realça-se a esmagadora maioria da formação filosófica ao nível de licenciatura realizada pelos responsáveis pela docência de Filosofia da Educação. Poderá ser referido o facto de Rogério Fernandes ser o único titular de uma licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, facto justificado por imposições institucionais da época em que o Professor realizou a sua licenciatura (geminação da licenciatura de História com a de Filosofia).

Analisando a formação pós-graduada dos responsáveis pela docência de Filosofia da Educação, a nível de cursos de mestrado, é manifesto que este tipo de formação não foi

prevalecente, por parte dos elementos do campo, atendendo a que num total de vinte sete docentes, somente doze realizaram cursos de mestrado. O reduzido número de docentes detentores do grau de mestre poderá, igualmente, estar relacionado com questões de opção de formação institucionais epocais. Ainda a propósito dos cursos de mestrado realça-se a mais-valia de saber que, dos doze realizados, nove foram elaborados no campo científico da Filosofia. Dos mestrados, três deles realizados no campo científico da Educação/Ciências da Educação, um deles foi realizado na Especialidade de Filosofia da Educação, nomeadamente o de Artur Manso da Universidade do Minho. No entanto, dois dos mestrados em Filosofia têm, igualmente, especialidade em Filosofia da Educação, o que faz com que as únicas docentes de Filosofia da Educação, com mestrado em Filosofia na Especialidade de Filosofia da Educação, sejam Eugénia Vilela e Paula Cristina Pereira, ambas docentes e discentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Avançando para a análise dos cursos de doutoramento realizados pelos docentes da disciplina conclui-se, numa primeira instância, o facto de todos eles serem doutorados. Dos vinte e sete doutoramentos, dez inscrevem-se no campo científico da Filosofia e dezasseis no campo científico da Educação/Ciências da Educação. Contudo, em ambos os campos científicos foram realizados um total de catorze doutoramentos com especialidade em Filosofia da Educação, mais especificamente doze no campo científico da Educação e dois no campo científico da Filosofia. Sublinha-se, também, o facto de a Universidade do Minho ter sido a Instituição com maior número de docentes de Filosofia da Educação e que, além disso, foi a Universidade com mais docentes doutorados na especialidade de Filosofia da Educação (oito doutorados em Educação com especialidade em Filosofia da Educação na Universidade do Minho).

Registe-se o facto de um considerável número de Doutores em Educação com especialidade em Filosofia da Educação pela Universidade do Minho ter assumido a leccionação da disciplina nessa Instituição.

Ponderando o trajecto académico empreendido por estes docentes disciplinares de Filosofia da Educação, conclui-se que, a maioria deles, não realizou integralmente o seu percurso universitário na mesma Instituição. Acreditando que a vivência de diferentes contextos académicos é profícua à elaboração de uma mundividência mais holística, constata-se a presença dessa mais-valia comum à maioria dos docentes do campo da

Filosofia da Educação.

As excepções a essa realidade foram: a) Rogério Fernandes que, apesar de ter dividido o seu percurso discente e docente pelas Faculdades de Letras e de Ciências, foi licenciado, doutorado e docente da Universidade de Lisboa; b) Leonel Ribeiro dos Santos, cuja discência e docência foi toda realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; c) Adalberto Dias de Carvalho, Eugénia Vilela e Paula Cristina Pereira que assumiram a leccionação na Universidade na qual realizaram a totalidade da sua formação; d) Luís Sebastião, cuja aprendizagem e docência foi inteiramente afectada à Universidade de Évora.

Importa, no entanto, alertar que o elevado número de Professores de Filosofia da Educação da Universidade do Minho licenciados e/ou mestres pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, deve ser entendido como consequência da anterioridade dessa Instituição universitária face à própria Universidade do Minho¹⁴².

¹⁴² A Faculdade de Filosofia de Braga, herdeira da secular presença da Companhia de Jesus no Ensino Superior, foi fundada em 1947 e somente a partir de 1967 é que passou a integrar a Universidade Católica Portuguesa como sua primeira Faculdade. Por sua vez, a Universidade do Minho foi fundada em 1973 e recebeu os seus primeiros alunos no ano lectivo 1975-1976.

15. Filosofia da Educação ou Filosofias da Educação?

A tentativa de definir se será mais apropriado falar de Filosofia da Educação ou de Filosofias da Educação é decorrente da diversidade de concepções da própria expressão conceptual, expressa pelos vários filósofos da educação portugueses.

A respeito desta matéria, o parecer de Octavi Fullat poderá ilustrar o posicionamento vigente.

No hay una filosofía de la educación, sino múltiples y, además, en insoslayable mudanza todas ellas. Si de unidad puede hablarse en tales menestres se referirá siempre a los prolegómenos o condiciones a toda posible 'filosofía de la educación'; por lo demás, fuera de tal ocupación casi tautológica, nos situamos en el reino de la diversidad manifiesta, en el reino de la doxa. Por esto, el título reza en plural: Filosofías de la educación (Fullat, 1992: 11).

Partindo da proposta de Fullat interessa, então, analisar os diversos entendimentos que os elementos integrantes do campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal expressaram.

Começando por abordar a Filosofia da Educação da Universidade de Lisboa, situada num patamar de proximidade com uma antologia do pensamento filosófico e historicista, constata-se, à partida, que a disciplina foi leccionada por um eclético conjunto de docentes da Faculdade de Letras e da Faculdade de Ciências, dialogicamente distanciados dos mestres predecessores da Instituição, nomeadamente de Delfim Santos, de Délio Santos e de Manuel Antunes.

Contudo, apesar do distanciamento latente, a perspectiva filosófico-educativa mais próxima da dos velhos mestres terá sido a de Leonel Ribeiro dos Santos que, verificando-se inscrita numa linha de pensamento filosófico-educativo clássico, atendendo a que defendeu como propósito maior da Filosofia da Educação reflectir sobre a educação do ser humano como modo de o preparar para a vida, se revela alicerçada por uma fundamentação marcadamente filosófico-antropológica.

Passando à concepção de Filosofia da Educação dos filósofos da educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Teresa Levy estipulou que a Filosofia da Educação deveria ser entendida como campo propício à convergência, por vezes conflituosa, de várias

posições filosóficas capazes de propor diferentes formas de equacionar os problemas e de apresentar distintos caminhos para alcançar a resposta ao problema em questão (1994).

Tendo como pressuposto a impossibilidade de existência de respostas exactas e unívocas no campo da Filosofia da Educação, o grande desafio pedagógico da disciplina, para Teresa Levy, resumiu-se à intenção de problematizar as questões educacionais não tendo por finalidade o alcance de respostas unívocas e de soluções ultimadas e universais.

Nessa mesma matriz, Olga Pombo, filósofa familiarizada com o enfrentar de problemas imensos, inesgotáveis, eternos e não equacionáveis, questionou o recurso à expressão conceptual Filosofia da Educação. Ciente do enquadramento disciplinar da História e Filosofia da Educação no Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, enquanto reflexão historicamente fundamentada acerca das principais questões educativas e respectivas implicações filosóficas ministrada aos aspirantes a professores de ciências, Olga Pombo recorreu, por vezes, ao uso da expressão Filosofia do Ensino, preterindo o uso da expressão Filosofia da Educação (2002).

A filósofa, tendo presente que a dimensão holística da Filosofia da Educação não poderia ser reduzida à questão da formação de professores, socorreu-se da expressão Filosofia do Ensino. No entanto, identificando a função primordial da disciplina ministrada no contexto vigente, Olga Pombo acreditou ser mais conforme, consoante a circunstância, utilizar, por vezes, a expressão Filosofia do Ensino.

Muito idêntico ao sucedido na Instituição anteriormente referenciada, a Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra foi entendida de duas formas marcadamente distintas, ou seja, a Filosofia da Educação concebida no âmbito da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação assumiu-se, privilegiadamente, como um género de Pedagogia filosófica muito próximo da didáctica da Filosofia, enquanto que, a Filosofia da Educação perspectivada no contexto da Faculdade de Letras foi assumida como Filosofia da Educação Escolar.

O filósofo da educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, nomeadamente João Boavida, acreditando que a questão educativa se encontrava num ponto crucial sendo, por isso, propício ao reconhecimento da necessidade de recuperação e revalorização dos conhecimentos tradicionais e à aceitação da importância da investigação científica, entendeu que caberia à Filosofia da Educação a tarefa

de harmonizar a complexidade educacional, convertendo-a em teorias coerentes e práticas eficientes fundamentadas na síntese dos diversos e riquíssimos elementos oriundos da tradição filosófico-educacional e da vanguarda científico-educativa (2007, 2008, 2010).

A concepção de Filosofia da Educação defendida por João Boavida, diferenciando a perspectiva metafísica, entendida como processo essencialmente dedutivo que parte dos sistemas filosóficos procurando deles retirar conclusões e aplicações práticas para a educação, da perspectiva da analítica, compreendida como análise crítica sobre as situações educativas concretas para daí apurar o seu enquadramento e fundamento filosófico, defendeu a análise crítica da realidade educativa como propósito maior da Filosofia da Educação (2010).

De acordo com uma outra concepção de Filosofia da Educação, fortemente influenciada pela perspectiva filosófico-educacional de Olivier Reboul, Joaquim Neves Vicente defendeu a existência de três meios educativos fundamentais: o meio familiar, o meio escolar e um terceiro meio referente a movimentos juvenis, casas de cultura, associações desportivas e clubes de amadores (2008).

Partindo do princípio de que o meio educativo contemplado no âmbito da abordagem disciplinar filosófico-educacional, por si ministrada, era, exclusivamente, o escolar, Neves Vicente optou por preferir o uso do termo Filosofia da Educação Escolar.

Defendendo a necessidade de pensar filosoficamente a educação, no âmbito de uma ética fundamental, Neves Vicente afirmou a impossibilidade de estipulação de neutralidade axiológica em matéria de questões educativas, atendendo a que a condição de possibilidade de qualquer educação terá que ser, justamente, questionar o que vale a pena saber e ensinar para, *a posteriori*, ponderar o que vale a pena fazer (2008).

Enfrentando a problematização como tarefa primordial da Filosofia da Educação, o filósofo da educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, lançou o alerta para o facto da educação ter que ser pensada sob o modo do cuidado e da preocupação.

Na História da Filosofia da Educação portuguesa, o próprio entendimento do conceito de Filosofia da Educação, bem como as suas concepções adjacentes, não se verifica homogéneo nas diferentes Instituições e no âmbito do pensamento dos vários filósofos que integraram o campo disciplinar, o que, *de per si*, dá azo a questionar se é mais correcto falar de Filosofia da Educação ou de Filosofias da Educação em Portugal.

Sintetizando as principais linhas de força que caracterizaram o entendimento da expressão conceptual Filosofia da Educação e a conformação disciplinar daí resultante, constata-se que, na Universidade do Minho, se evidenciou uma corrente de axiologia humanística, marcadamente tomística, apostada na estipulação de uma sistemática do conhecimento que tinha como problema filosófico-educacional de fundo o questionamento sobre a forma de distribuição do próprio conhecimento.

Suportados pelo conceito de antropagogia, filósofos da educação da Universidade do Minho como José Ribeiro Dias (1998, 2001), Manuel Alte da Veiga (1996, 1998, 2000, 2005, 2006, 2007), Alberto Filipe Araújo (1998, 2003, 2004, 2007) e Maria Conceição Antunes (2001, 2007, 2008), entendendo que o conceito de educação deve ser apreendido como sendo a história do ser humano em contínua renovação, na senda da plenitude da pessoa, conceberam um ideal de Filosofia da Educação imbricado com a dimensão antropeugógica, na medida em que, o propósito de definir o que será o melhor homem possível e como realizá-lo, foi assumido como sendo o grande objectivo da Filosofia da Educação, segundo os filósofos da educação desta Universidade.

Uma outra tendência característica da Filosofia da Educação nesta Instituição, foi a proposta, levada a cabo por alguns dos seus filósofos, nomeadamente Maria Conceição Antunes (2001), Alberto Filipe Araújo (2003, 2004, 2007a, 2007b) e Armando Rui Guimarães (2012), de pensar os temas educacionais a partir da perspectiva da Filosofia do imaginário educacional sob a preocupação de enfatizar a dimensão mítico-simbólica das ideias educativas mais emblemáticas da tradição educativa ocidental.

Por sua vez, a Filosofia da Educação concebida pelos filósofos da educação da Universidade do Porto, enfatizou o problema antropológico como questão primordial, na medida em que se dedicou à reflexão sobre a dimensão antropológica fundamentada em sede da identidade do sujeito, analisando os meandros de construção dessa mesma identidade, problematizando o ideal de sujeito construído pela educação e questionando o lugar do sujeito no âmbito do processo educativo.

Tendo por intuito principal a promoção do estudo das temáticas filosóficas ligadas à Pedagogia e à Educação, os filósofos da educação da Universidade do Porto apostaram na elaboração de um processo de construção de um saber próprio da Filosofia da Educação, trespassado pelo levantamento e tratamento de problemáticas antropológicas de índole

filosófica, no âmbito laboral de uma racionalidade crítica da própria razão pedagógica.

Tutelando que para a Filosofia da Educação deverá ser sempre o homem o cerne da questão, a perspectiva antropológica verificou-se sempre presente na abordagem da questão educativa e das suas finalidades, através da interrogação sistemática acerca da natureza de um homem que, por o ser e para o ser, carece de educação (Carvalho, 2000, 2001, 2011).

Defendendo que a Filosofia da Educação deverá ter um papel importante no que concerne à identificação e sistematização dos princípios que regem as finalidade educativas, a Filosofia da Educação praticada na Instituição portuense debruçou-se sobre a pesquisa pelo sentido dos conceitos de homem e de sociedade veiculados pelas diferentes correntes pedagógicas sem deixar de nelas participar à partida, impulsionando, logo aí, a radicalização crítica, a reformulação e, eventualmente, a superação dos mesmos.

Por seu turno, a Filosofia da Educação entendida pelos filósofos da educação da Universidade de Évora, revela-se próxima de uma axiologia educacional que se encontra em permanente diálogo com as restantes Ciências Humanas e que coloca a educação ao serviço da cultura, num contacto próximo, com o mundo do trabalho.

Definindo a Filosofia da Educação como sendo “a iluminação da educação realizada pela Filosofia”, Manuel Ferreira Patrício (2000:75) e os seus discípulos da Universidade de Évora acreditaram que só a radicalidade racional da Filosofia poderia conduzir à raiz da educação.

Na condição de académicos devotos à questão educacional, os docentes disciplinares de Filosofia da Educação eborenses, apostaram no projecto de edificação de um modelo de escola cultural imbuído de valores e assente numa concepção filosófico-educativa de cariz racional.

No respeitante ao entendimento da Filosofia da Educação por parte dos filósofos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, destaca-se o facto deste se aproximar de um género de primeira influência portuguesa sobre uma nova Filosofia da Educação, na medida em que se tratou, prevalentemente, de uma variante de filosofia da historiográfica da educação que, neste contexto institucional, se actualizou um pouco, no âmbito do pensamento de Cassiano Reimão (1998, 2011), de Maria de Sousa Pereira Coutinho (2002) e, principalmente, de Luís Bernardo (2001, 2004, 2010).

A linha de pensamento filosófico-educativo de Cassiano Reimão marcada,

simultaneamente, pela abordagem fenomenológica e pela abordagem ética, perspectivou a relação pedagógica como acto ontológico de descentração, mas que se constitui através da centração no homem como pessoa.

Reconhecendo a ética como dimensão constitutiva da educação, a Filosofia da Educação, entendida por Cassiano Reimão, destacou a relevância de um projecto educacional centrado na orientação para uma pedagogia da alteridade assumidamente humanista.

Apontando como tarefa da Filosofia a mediação das escolhas éticas efectuadas na viabilização de qualquer projecto educativo, Cassiano Reimão atribuiu à reflexão ética a competência de incentivar o respeito pela dignidade humana como corolário de todo o projecto educativo.

Por seu turno, a filósofa Maria de Sousa Pereira Coutinho encontrou no projecto filosófico de Jürgen Habermas a base de filiação intelectual para edificar a sua concepção de Filosofia da Educação.

Tendo presente que a Filosofia e os Filósofos têm a possibilidade de responder às questões mais pertinentes, da sociedade contemporânea, incluindo às questões educacionais, a abordagem à *Teoria da Acção Comunicativa* de Habermas, realizada por Maria Pereira Coutinho, revelou a hipótese da aplicação da mesma ao contexto educativo poder contribuir para a concepção de um modelo original de Filosofia da Educação, no qual a educação tende a aproximar-se de uma ideia de homem cuja compreensão de si mesmo advém da reflexão crítica sobre a realidade circundante.

Por sua vez, no entendimento de Luís Bernardo acerca da Filosofia da Educação, suportado pelo discurso de Weil, Habermas e Foucault, destaca-se o apelo à necessária imersão da Filosofia da Educação no mundo dos discursos e aí inscrever a sua acção (2010).

Alegando que só seria viável perspectivar a Filosofia da Educação, com a conotação devida, a partir do momento em que esta fosse capaz de evidenciar a educação como problema filosófico de uma entidade cultural legitimada com base numa discursividade de tipo racional, Luís Bernardo assentiu que a Filosofia deveria assumir as perplexidades da educação como sendo as suas próprias dificuldades e que a educação deveria, igualmente, assumir as perplexidades da Filosofia.

A Filosofia da Educação deverá delinear um movimento constante do questionar que parta da hermenêutica dos discursos concretos, nomeadamente dos textos

fundamentais da pedagogia, que passe por uma análise pragmática do diferencial entre a intencionalidade ilocutória e as expectativas perlocutórias, em direcção à heurística do sentido, momento de arrojo poético, no qual a Filosofia arrisca a construção categorial (Bernardo, 2004: 126).

Defensor da urgência de reequacionamento da matriz educacional contemporânea, o filósofo indicou o discurso, a escrita, a compreensão complexa e a plasticidade como percurso capaz de conduzir a Filosofia da Educação à elaboração de uma crítica da razão pedagógica que, complementada com uma lógica da racionalidade educativa pós-metafísica, pudesse ser capaz de questionar a própria matriz filosófica adjacente ao modelo educacional vigente.

Luís Bernardo definiu como funções principais da Filosofia da Educação: a) – Função inquiridora - “conversão do discurso educacional num discurso problemático e complexo; determinação do ensinável, enquanto acesso cultural à constituição de mundos possíveis”; b) – Função crítica - “crítica da racionalidade educativa, na sua tripla vertente, analítica, dialéctica e arquitectónica; definição de uma deontologia da educação”; c) – Função lógica - “análise dos sentidos nos e dos discursos educacionais; numa quádrupla orientação: análise pragmática; crítica de ideologias; hermenêutica; reconstrução da lógica dos discursos”; d) – Função heurística - “reguladora, exploratória, prospectiva e inventiva, tendo em vista a produção de um aparato conceptual e dialéctico alternativo àquele em vigor”; e) – Função anamnésica - “pensar o tempo na dupla articulação entre tradição e inovação, arqueologia e história”; f) – Função vigilante - “investigação sobre os valores, especificamente educacionais; discussão do que constitui o sagrado e o humano no domínio da educação” (Bernardo, 2004: 127).

A análise geral face à concepção da Filosofia da Educação em todas estas Universidades, revela que este campo disciplinar se revestiu de um carácter muito didáctico e que foi sendo construído aquando da construção do programa da disciplina. A única excepção nacional a esta realidade, terá sido a Filosofia da Educação realizada na Universidade Nova de Lisboa que, distanciada das questões didácticas, tentou lançar achegas para o levantamento de um debate filosófico-educativo centrado na análise e construção conceptual de uma discursividade capaz de levar a Filosofia da Educação ao auto-questionamento sobre a sua essência e sentido, no contexto de uma educação contemporânea que se reconhece atravessada por um sentimento de crise. Contudo, esse propósito ficou por cumprir.

Constatando que a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada nas principais Instituições universitárias portuguesas sem, no entanto, haver unanimidade quanto ao seu entendimento, significado e função, interessa ponderar a divergência conceptual da expressão Filosofia da Educação, apresentada pelos vários docentes da disciplina, no sentido de balancear se o termo Filosofias da Educação em Portugal não será mais conforme face à heterogeneidade de entendimentos referentes ao sentido da expressão Filosofia da Educação.

De um ponto de vista mais carismático e atendendo ao facto de os filósofos serem, por natureza, pessoas de pensamento livre, poderia, de algum modo, ser expectável haver um entendimento consensual e homogéneo perante a conceptualização e finalidade da Filosofia da Educação?

O que importa considerar é se, em boa verdade, a Filosofia da Educação nacional, quer enquanto ramo da Filosofia, quer enquanto campo disciplinar das Ciências da Educação terá, efectivamente, gerado uma discussão autónoma.

Se, por um lado, as questões axiológicas, antropológicas e didácticas foram assumidas como preocupações de primeira linha pela maioria dos filósofos da educação portugueses, por outro lado, acusa-se a perenidade dos discursos produzidos e a dispersão por diferentes temáticas que, desprovidas de um fio condutor capaz de lhe conferir o sentido de pertença a um todo, acabaram por se diluir sem chegar a gerar, verdadeiramente, uma discussão filosófico-educacional nacional autónoma.

No entanto, a predominância das questões éticas, antropológicas, existenciais e ontológicas, na concepção de Filosofia da Educação, estabelece um cunho acentuadamente humanista e personalista como tendência geral do perfil filosófico nacional no domínio educacional.

16. Filósofos da Educação em Portugal: uma comunidade imaginada

A escolha de um autor, de um tema é sempre um risco. Mas tratando-se de espécime portuguesa, o risco duplica. A qualquer autor português, no domínio da Filosofia, é sempre lançado o repto da dúvida se é ou não filósofo. O que, geralmente, não acontece a um autor estrangeiro, se esse autor já está consagrado pela crítica do seu país, mas que seja “país de peso” (França, Alemanha, Inglaterra), enquanto que em Portugal a nossa crítica, só por si, não basta para consagrar internacionalmente um autor (Gama, 1994: 167).

Não pretendendo dissertar, nem chegar a conclusões definitivas sobre a legitimidade ou ilegitimidade, de apelidar a comunidade de membros do campo da Filosofia da Educação em Portugal como filósofos da educação portugueses, impõe-se a necessidade de analisar o conjunto de condições em que a disciplina foi ministrada.

A análise a esta comunidade revela, numa primeira abordagem, o facto de os mentores dos programas de uma disciplina, que usufrui de uma mesma nomenclatura, a terem leccionado em contextos díspares, ou seja, no âmbito de Faculdades de Letras, de Faculdades de Ciências, de Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Numa segunda instância, destaca-se o facto de, nessas mesmas Instituições, a disciplina de Filosofia da Educação ter sido leccionada em vários níveis de ensino e, em alguns casos, ter sido ministrada na condição de área de especialização de cursos de mestrado e doutoramento, tanto do campo da Filosofia como no campo da Educação/Ciências da Educação.

Tentando definir qual o contexto institucional mais afim à leccionação da Filosofia da Educação, constata-se a falta de consenso, por parte dos filósofos da educação que, ao assumir a defesa do *locus* ideal da disciplina, acabam prevalecentemente por advogar a sua presença no contexto em que eles próprios a leccionaram.

No entanto, interessa realçar a compreensão da influência das circunstâncias no ministério da disciplina, isto é, entender que leccionar Filosofia da Educação a alunos de um curso de mestrado em Filosofia, possuidores de um curso de licenciatura em Filosofia terá,

inevitavelmente, que ter sido, substancialmente diferente de leccionar Filosofia da Educação a futuros professores de ciências ou a candidatos a licenciados em Ciências da Educação.

Começando por analisar o discurso produzido no contexto do ministério disciplinar da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Olga Pombo, docente da disciplina de Filosofia da Educação aos alunos dos cursos de mestrado em Ensino e da disciplina de História e Filosofia da Educação aos discentes do Ramo de Formação Educacional, sublinhou a importância da presença da disciplina no processo de formação docente, na medida em que “a componente reflexiva se revela propiciadora de um entendimento sobre o processo educativo, institucional e científico que só poderá ser alcançado pela via da Filosofia” (2002: 91).

De um modo mais radical, Leonel Ribeiro dos Santos, responsável pelo magistério da disciplina de Filosofia da Educação leccionada aos alunos do curso de licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apela a que a educação volte a ser um assunto digno de reflexão filosófica séria e manifesta pesar face à pretensão de se submeter a educação a uma abordagem estritamente científica cujo discurso considera “inquinado de ideologia ou de moralismo” (1993: 7). Crítico acérrimo das Ciências da Educação, Leonel Ribeiro dos Santos legitima o distanciamento da Filosofia em relação às Ciências da Educação, recusando a aceitação de qualquer discurso absoluto sobre a educação e afirmando a impossibilidade de qualquer ciência ou teoria da educação poder definir, de uma vez por todas, os fins da educação (1993).

Numa linha de pensamento diferente, João Boavida, docente da disciplina de Filosofia da Educação aos alunos do curso de licenciatura e de mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, apelou à superação da antinomia problematização filosófica da educação *versus* tratamento científico da educação realizado pelas diversas Ciências da Educação. Acreditando que a realidade educacional enfrenta questões que só filosoficamente poderão ser resolvidas, o filósofo da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra defendeu como competência da Filosofia da Educação enfrentar essas questões de modo a poder integrá-las e esclarecê-las (2008).

João Boavida postulou que a reflexão filosófica sobre a educação poderá ter duas direcções possíveis: a que vai da Filosofia à Educação e a que vai da Educação à Filosofia.

No entanto, o filósofo ressaltou como caminho ideal para a Filosofia da Educação a articulação entre as duas posturas que, apesar de opostas, se deverão complementar de modo a recuperar as ideias capazes de gerar as grandes razões educativas.

Cépticamente posicionado face à eventualidade da Filosofia da Educação poder tecer sínteses totalizadoras e universalizantes sobre a educação, Boavida afirmou que esta não se poderá colocar nem acima nem fora da Educação, sendo o quadro das Ciências da Educação, por inerência, o seu lugar de pertença.

Joaquim Neves Vicente, Professor de Filosofia da Educação aos discentes do curso de licenciatura em Filosofia e dos restantes cursos de licenciatura em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, manifestou o seu desagrado perante a marginalização da Filosofia face às questões educacionais ao longo do século XX. Acusando a Psicologia e a Sociologia de se terem assumido como Ciências “donas” da Educação, Neves Vicente alerta para as implicações oriundas do afastamento filosófico em relação às questões educativas, uma vez que cabe à Filosofia da Educação interrogar tudo quanto se sabe, ou se acredita saber, sobre educação, incluído as evidências estipuladas pelas Ciências da Educação (2008).

Para o filósofo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Filosofia da Educação terá que ser autónoma em relação às Ciências da Educação de modo a poder questionar de forma radical e vital a totalidade da realidade educativa (2008).

Analisando a proposta de José Ribeiro Dias, urge presentificar que o filósofo, do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, assumiu o magistério da disciplina de Filosofia da Educação no contexto curricular dos cursos de mestrado em Educação na especialidade de Filosofia da Educação, Análise e Organização do Ensino, Ensino das Ciências da Natureza e Ensino da Língua Portuguesa, no âmbito do curso de licenciatura em Educação e foi orientador de várias teses de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação.

Nessa medida, na perspectiva do docente distingue-se a afirmação da emergência da Filosofia da Educação, como disciplina autónoma, no contexto de proliferação das Ciências da Educação e que, por essa razão, impera definir epistemologicamente a situação da Filosofia da Educação no quadro disciplinar destas Ciências e na História do pensamento educacional (1993).

Nessa sequência, o filósofo da Universidade do Minho defendeu a necessidade de

respeitar, manter ou até mesmo intensificar o esforço desenvolvido por estas ciências, sem mitificar a importância dos seus resultados e, simultaneamente, insistir no questionamento que caracteriza o esforço da Filosofia da Educação.

Para Ribeiro Dias, a relação Filosofia/educação poderia ser entendida de duas formas que, apesar de distintas, convergem num mesmo horizonte de sentido. Distinguindo a Filosofia da Educação como um domínio exclusivo dos filósofos interessados na educação, da Filosofia da Educação como área comum a todos os educadores que sentem a exigência de compreender os processos educativos ao nível da sua fundamentação, Ribeiro Dias alegou que a Filosofia da Educação praticada por filósofos inseridos no campo de produção cultural da Filosofia apresenta um perfil de Filosofia aplicada à educação, enquanto que praticada por educadores alocados ao campo de produção cultural das Ciências da Educação apresenta o perfil de educação explicada pela Filosofia. No entanto, foi Ribeiro Dias o primeiro a problematizar a viabilidade de estipular esta distinção, questionando a viabilidade da plena realização do homem não coincidir com a vivência filosófica da procura da sabedoria (1993).

A respeito da mesma matéria, outros dois filósofos da educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, nomeadamente Manuel Alte da Veiga e Alberto Filipe Araújo, na condição de docentes do curso de mestrado em Educação na área de especialidade em Filosofia da Educação e da disciplina de História e Filosofia da Educação ministrada aos alunos dos cursos de licenciatura em Ensino, entenderam que a Filosofia da Educação não se pode edificar sobre uma base de sistematização filosófica incondicional e que esta poderia cumprir melhor o seu papel de libertadora crítica das capacidades de reflexão sobre a vida como processo educativo, caso se dirigisse a um público docente conscientemente heterogéneo e não a uma comunidade exclusiva de indivíduos detentores de formação filosófica (Veiga e Araújo, 2007). Nesse sentido, a presença disciplinar da Filosofia da Educação no Instituto de Educação e Psicologia e no campo disciplinar das Ciências da Educação era, para estes, a sede mais propícia à proliferação da disciplina.

Acerca desta problemática, Adalberto Dias de Carvalho, docente da disciplina de Filosofia da Educação no âmbito curricular dos curso de licenciatura em Filosofia e do curso de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação e orientador de várias teses de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, destacou-se pela proposta de distinção de

quatro atitudes possíveis a tomar sobre o estatuto da Filosofia da Educação, a que chamou, a atitude metafísica, a atitude filosófico-analítica, a atitude histórico-filosófica e a atitude cientificista, definiu a polivalência da sua posição sobre a instância devida para a disciplina (1984, 1998).

Adalberto Dias de Carvalho, defendeu para a Filosofia o direito exclusivo e apriorístico de, pela sua precedência, ditar e impor as finalidades educativas (2002). Responsável por uma perspectiva peculiar de compreender a Filosofia da Educação, o filósofo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto defendeu para a Filosofia da Educação o assumir de uma função crítica na fundamentação do projecto de viabilidade da actividade educativa essencial à condição humana que, para poder ser rigorosamente cumprida, deveria ser realizada por filósofos e no campo da Filosofia.

Diferentemente, para Manuel Ferreira Patrício, Professor da disciplina de Filosofia da Educação aos alunos do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade de Évora e orientador de várias teses de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação, a questão referente à alocação da Filosofia da Educação no campo disciplinar da Filosofia ou no campo disciplinar das Ciências da Educação não foi considerada como problema maior. Numa perspectiva diferente, para este, e atendendo tanto ao seu percurso académico como às condicionantes institucionais/departamentais da Universidade de Évora, o seu entendimento sobre o saber construído pelo homem deverá compreender uma tripla tipologia: lógico-ontológica, axiológico-normativa e performativa-realizativa (2000).

Definindo o conceito de antropagogia como teoria e prática da educação do homem no horizonte de plenitude da sua humanidade, o filósofo da Universidade de Évora afirmou que a totalidade integrada, dessa teoria e prática, deverá ser iluminada pela Filosofia da Educação. Daí, que, segundo esse, a Filosofia da Educação, além da reflexão teórico-crítica da educação, não deva ser dissociada da componente prática e do processo de formação de professores, devendo, por essa razão, integrar tanto o campo da Filosofia como o das Ciências da Educação (Patrício, 2000).

Por sua vez, o filósofo Luís Bernardo, Professor da disciplina de Filosofia da Educação no contexto do curso de mestrado em Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa, defendeu a autonomia da Filosofia da Educação no universo do saber filosófico.

Se, no que respeita à Filosofia, a Filosofia da Educação só pode ser filosofia da filosofia, no que concerne à educação, torna-se viável pensar um esquema de entrosamento, o qual não deve ser entendido como encontro de duas exterioridades, postas em contacto por razões contingentes, mas como a dobra reflexiva, que determina a ponderabilidade do acto educativo. Desta feita, se toda a educação é filosófica, então, qualquer processo educativo carrega e pratica uma filosofia da educação, implícita ou explícita (Bernardo, 2004: 89).

Confinando o sentido da educação ao entendimento filosófico e concebendo a acção educativa como “consumação do paradigma de racionalidade lançado pela inquirição filosófica” (2004: 89-90), Luís Bernardo fundamentou uma concepção de Filosofia da Educação como disciplina necessária tanto para o campo científico da Filosofia como para o campo científico das Ciências da Educação. No entanto, apesar da importância da demarcação do campo disciplinar da Filosofia da Educação, proposta por Luís Bernardo, os efeitos desta definição permanecem em aberto.

Da análise ao posicionamento assumido pelos vários docentes da disciplina de Filosofia da Educação, resulta a constatação que revela que o campo científico da Filosofia da Educação é resultante de um quadro disciplinar conjuntural inserido num contexto educacional muito demarcado, explanado pela divergência da própria alocação institucional da disciplina.

No entanto, apesar da diversidade das circunstâncias institucionais em que a disciplina foi ministrada, a Filosofia da Educação portuguesa revelou-se marcada pela coerência dos filósofos da educação portugueses que, unanimemente, se debateram pela defesa da militância filosófica em matéria de questões educativas e que reconheceram a Filosofia como sendo essencial ao processo de reflexão sobre a formação do ser humano.

Porém, no respeitante à conjuntura institucional em que a disciplina deve ser leccionada, no campo científico da Filosofia ou no das Ciências da Educação, os pareceres dividiram-se, não havendo unanimidade.

17. Os mestres e os discípulos da Filosofia da Educação Portuguesa

A abordagem às relações estabelecidas entre os elementos do campo da Filosofia da Educação em Portugal pretende clarificar os vínculos relacionais estabelecidos entre os filósofos da educação portugueses, na condição de orientadores e orientandos, ou seja, de mestres e discípulos.

Atendendo a que, por vezes, a parceria laboral estabelecida entre orientadores e orientandos é decorrente de factores circunstanciais e institucionais muito específicos, o uso dos termos mestre e discípulo poderá causar um certo estranhamento, atendendo a que certos filósofos da educação possam não reconhecer no seu trabalho uma linha de continuidade e influência face ao trabalho do seu orientador.

No entanto, partindo do pressuposto de que o verdadeiro mestre é aquele que aspira ao gerar de condições propícias para que o seu discípulo se venha a converter num mestre, perspectiva-se que essa mestria foi realizada por alguns dos grandes mestres da Filosofia da Educação em Portugal.

Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer do seu presente interior o seu futuro: eis uma tripla aventura como nenhuma outra (Steiner, 2005: 25).

Na mesma linha de intelecção, também o conceito de discípulo não deve ser entendido no sentido prosélito, mas antes como “aluno que conquista autonomia” (Gomes, 2008: 16). No contexto vigente, o discípulo deverá ser perspectivado como singularidade racional que, numa determinada fase trabalhou o campo da Filosofia da Educação sob uma orientação da qual, de algum modo, se possa ter distanciado, ou seja, como alguém que recebeu magistério do mestre, mas que, apesar de ter absorvido esse magistério, teve capacidade para o transubstanciar.

O sinal do magistério é matricial, indelével, mas, a partir dele, o discípulo amplia, constrói, inova, produz novos frutos (Gomes, 2008: 17).

Contudo, importa ter presente que o percurso de cada filósofo da educação estará sempre relacionado com tudo quanto os seus mestres por si fizeram, com tudo quanto foi feito por si aos seus discípulos e, sobretudo, com tudo quanto cada um fez por si próprio.

Por essa razão, não será excessivo recordar que, neste intrincado processo de inter-educação, é de uma comunidade de filósofos que estamos a tratar e que, por maioria de razão, a sua condição de pensadores livres, por vezes próxima da irreverência e até da radicalidade, implica autonomia e individualidade cognitiva, ainda que sempre decorrente das filiações intelectuais preferidas e das condicionantes vivenciais estabelecidas.

Na senda da compreensão da extensão e das ramificações das relações mestre/discípulo estipuladas entre os filósofos da educação em Portugal, os alvares da Filosofia da Educação aludem ao movimento da *Renascença Portuguesa* e, mais particularmente, à mestria de Leonardo Coimbra.

O surgimento da Renascença Portuguesa, enquanto movimento que visava promover a cultura do povo português, fundado no Porto após a instauração da República, instigou a reflexão educacional no seio dos seus membros, principalmente no que concerne à reflexão filosófico-educacional, através da divulgação do pensamento leonardino.

No período em que leccionou na primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do intenso convívio espiritual que Leonardo manteve com os seus alunos, resultou uma plêiade de discípulos, entre os quais, no campo da Filosofia da Educação, se destacou Delfim Santos.

Está fora de dúvida que, neste tipo de relação escolar, os alunos contam-se em maior número que os discípulos, mas Delfim é de facto um discípulo transubstanciante do leonardismo (Gomes, 2008: 17).

Em efectivo, foi com Delfim Santos que o debate filosófico-educativo teve origem em Portugal. Tratando-se de um conhecedor excelso da Filosofia do seu tempo e apesar de ter privado com algumas das maiores autoridades filosóficas internacionais suas contemporâneas, Delfim Santos nunca relegou para segundo plano o apreço pelo seu mestre Leonardo Coimbra e pela Filosofia ministrada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Apesar de distante do ensino da Filosofia, a reflexão filosófica e a afinidade com as questões filosóficas foram uma constante na actividade do primeiro e, durante alguns anos, único Professor Catedrático de Ciências Pedagógicas em Portugal.

O magistério docente do discípulo de Leonardo Coimbra, acontecido no âmbito da Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, elevou-se à

condição de mestria e, por sua vez, influenciou um conjunto de educandos que, na esteira dos ensinamentos de Delfim Santos, abraçaram a causa educacional e a assumiram como sua.

Um dos casos mais emblemáticos da influência da mestria de Delfim Santos foi Manuel Ferreira Patrício. Analisando as linhas de força do pensamento do filósofo da educação da Universidade de Évora, identifica-se a influência filosófico-educacional delfiniana e a afinidade com as temáticas da Renascença Portuguesa.

Apesar de discípulo formal de Manuel Antunes e de Gama Caeiro foi na posição de antigo aluno de Delfim Santos que Manuel Ferreira Patrício (2006: 9), à semelhança do seu antigo Professor, nunca descurou a questão educacional, intervindo, para além do campo da docência, na esfera política e na definição das bases de edificação do sistema educativo nacional. Convertendo-se no principal mestre de Filosofia da Educação da Universidade eborense, Manuel Ferreira Patrício teve a felicidade de assistir à extensão da influência do seu racional filosófico-educacional na produção dos trabalhos outorgados pelos seus discípulos Barros Dias e José Casulo que, seguindo o exemplo do mestre, também privilegiaram trabalhar os autores da Renascença Portuguesa.

Num registo de descontinuidade face à sequência iniciada por Leonardo Coimbra e continuada por Delfim Santos e por alguns filósofos da educação da Universidade de Évora, a mestria pioneira de José Ribeiro Dias no campo da Filosofia da Educação da Universidade do Minho, apesar do considerável número de teses de mestrado e de doutoramento orientadas pelo filósofo, não se verifica deveras sequencial.

Considerando a divergência das temáticas, dos autores e das correntes filosóficas tratadas pelos orientandos de José Ribeiro Dias no campo da Filosofia da Educação, impõe-se o reconhecimento da referenciada convergência circunstancial e institucional que terá contribuído para a estipulação da relação orientador/orientando entre José Ribeiro Dias e Laura Ferreira dos Santos, Manuel Gonçalves Barbosa, Maria Clara Oliveira e Armando Rui Guimarães. Diferentemente, ao analisar os trabalhos realizados e a concepção de Filosofia da Educação dos filósofos da educação Maria da Conceição Azevedo, Maria Conceição Antunes e de Emanuel Medeiros, verifica-se a afinidade com a Filosofia da Educação antropológica e personalista do mestre Ribeiro Dias.

Num outro registo de descontinuidade, a relação orientador/orientando estabelecida

entre Joaquim Ferreira Gomes, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, e Adalberto Dias de Carvalho acusa, mais uma vez, a existência de um desvio face à produção filosófico-educacional realizada pelo orientando, em relação à outorgada pelo seu orientador. Neste caso específico, durante o tempo de pesquisa e de escrita da tese de doutoramento, a relação mestre/discípulo estipulada entre Adalberto Dias de Carvalho e Louis Not foi mais estreita que aquela que o grande mentor da Filosofia da Educação portuense estabeleceu com o orientador formal da sua tese de doutoramento. A influência exercida pela Filosofia da Educação do Professor da Universidade de Toulouse-le Mirail foi reconhecida pelo próprio discípulo que por ele nutriu uma profunda admiração intelectual, durante um determinado período do seu percurso filosófico-educativo.

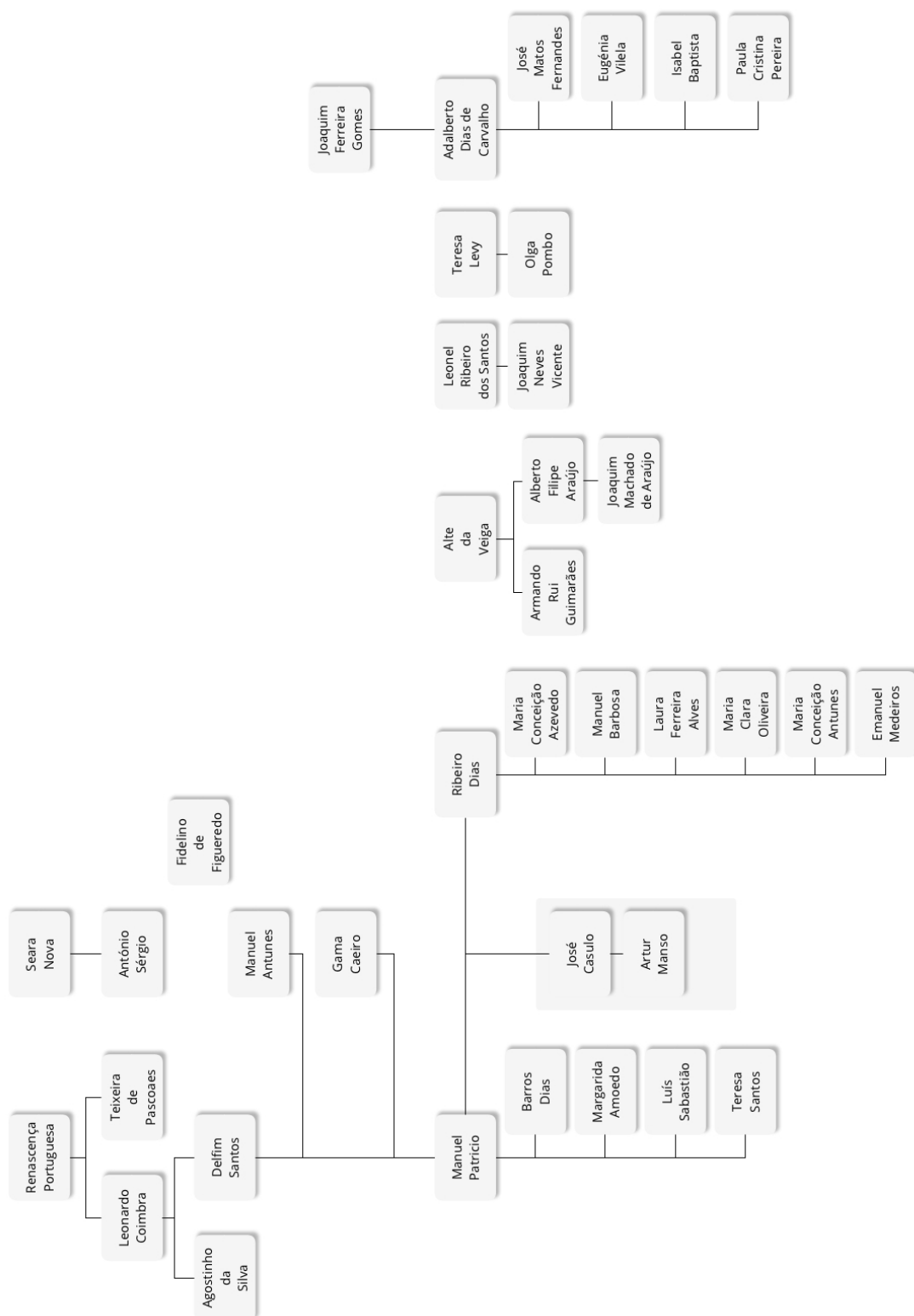
Uma vez convertido no principal mestre de Filosofia da Educação da Instituição universitária portuense, Adalberto Dias de Carvalho, por sua vez, assumiu a orientação das teses de doutoramento em Filosofia na especialidade de Filosofia da Educação de Paula Cristina Pereira, de Isabel Baptista, de Eugénia Vilela e de José Matos Fernandes nas quais tem alguma expressão a concepção de Filosofia da Educação de Adalberto, apesar de se verificar um considerável esforço de autonomia do pensamento dos discípulos em relação ao do mestre.

A propósito do processo de autonomia e emancipação, presente no compromisso orientador/orientando, a relação vivenciada entre Teresa Levy e Olga Pombo, apesar da existência de uma certa identidade entre a concepção de Filosofia da Educação por parte das duas filósofas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, revela que o aprofundamento das temáticas afins à Filosofia da Educação, levado a cabo por Olga Pombo, superou a dedicação de Teresa Levy à causa filosófico-educacional, concedendo, atipicamente, à discípula o título de principal mestre de Filosofia da Educação desta Faculdade.

Numa outra circunstância igualmente atípica, atendendo à força da circunstância que fez com que Joaquim Neves Vicente tenha tido como segundo orientador de doutoramento Leonel Ribeiro dos Santos, a relação mestre/discípulo, assumida entre ambos, deve ser entendida como uma escolha baseada no encontro de perspectivas filosófico-educativas. Caso o filósofo da educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pretendesse resolver a questão da substituição da mestria de Miguel Baptista Pereira

pautado por critérios de proximidade institucional, não haveria razão para recorrer à orientação de um filósofo da educação da Universidade de Lisboa. Contudo, a opção pelo recurso à orientação de Leonel Ribeiro dos Santos que, à semelhança de Neves Vicente também leccionava a disciplina de Filosofia da Educação no âmbito de uma Faculdade de Letras, foi tomada com base na identidade de compreensão e de sentido teleológico do que deveria ser a Filosofia da Educação.

Os mestres e os discípulos da Filosofia da Educação Portuguesa



18. Temas, autores e problemáticas

Na intenção de fazer o balanço da produção de programas de ensino da disciplina de Filosofia da Educação nas Instituições universitárias portuguesas, contempladas para o estudo, começamos por atentar sobre a relevância da presença ou da ausência desta disciplina nos planos curriculares dos cursos de licenciatura/mestrado em Filosofia, Ciências da Educação, Educação e Ensino.

Em sintonia com a citação feita pelo historiador da educação Joaquim Pintassilgo à teoria de Chervel (1988) sobre a história das disciplinas escolares, acreditamos que estas são “entidades que usufruem de uma autonomia relativa no âmbito de uma cultura escolar, ela própria criação da escola – ainda que em interacção com a cultura mais geral – e não o mero resultado de um processo de reprodução social” (Pintassilgo, 2007: 114-115).

Atendendo à presença consolidada da disciplina de Filosofia da Educação no âmbito dos planos curriculares de cursos de licenciatura/mestrado em Filosofia, Ciências da Educação, Educação e Ensino, na maioria das mais prestigiadas Universidades Portuguesas, é legítimo afirmar o reconhecimento institucional e a pertinência formativa da Filosofia da Educação em Portugal.

Na condição de disciplina universitária autónoma, a Filosofia da Educação usufruiu de uma presença curricular visível tanto a nível das licenciaturas como dos cursos de mestrado, emergindo afirmativamente a um estado superior de formação, tanto pela reivindicação da sua inerente especificidade e potencialidade reflexiva como por estratégia interdisciplinar.

Por sua vez, a geminação disciplinar da História e Filosofia da Educação sendo, segundo Joaquim Ferreira Gomes, o primeiro momento de presença disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal (1988: 71) e, tendo essa associação sido perpetuada, não deverá ser descurada. Porém, esta realidade disciplinar “tratando-se de uma estratégia de convivência forçada”, poderá levantar “problemas de fronteira e interferência, por um lado e, por outro, convive-se mal com a especificidade de cada uma” das disciplinas (Santos, 2007: 241).

Sendo o horizonte de sentido da Filosofia da Educação tão distinto do da História da Educação, não poderá ser “fácil gerir, sem artificialismos nem perdas de identidade, as duas

disciplinas num espaço lectivo”, ou seja, a geminação da disciplina de História e Filosofia da Educação, apesar da mais-valia consequente da “perda de rigidez da divisão tradicional das disciplinas” e da “procura de afinidades”, poderá ser “preocupante se induzir à menoridade da disciplina, se a desvitalizar epistemologicamente e se a empobrecer por perda de territorialidade curricular. Há sempre que decidir em cada caso se as vantagens superam os riscos da geminação” (Santos, 2007: 241).

Não obstante, comparando o regime de funcionamento autónomo da disciplina de Filosofia da Educação com o regime geminado por associação à História da Educação, conclui-se que, prevalentemente, a disciplina de História da Filosofia da Educação se impôs como obrigatória no plano de estudos, enquanto a disciplina de Filosofia da Educação foi oferecida como optativa. A carga horária média fixa-se nas quatro horas semanais, podendo ambas as disciplinas variar entre semestrais ou anuais, distribuídas por aulas teóricas e práticas.

Contemplando a panóplia de programa de Filosofia da Educação e de História e Filosofia da Educação, revelam-se algumas situações de interesse: a docência de ambas as disciplinas ter sido, prevalentemente, assegurada pelos mesmos Professores na mesma Instituição, a presença da disciplina de Filosofia da Educação em diferentes níveis de ensino (licenciatura/mestrado) na mesma Academia, a proximidade dos conteúdos programáticos quando leccionados em diferentes níveis sob a docência dos mesmos Professores, a configuração diferenciada dos programas disciplinares nas várias Instituições, a presença de conteúdos programáticos alusivos à problematização epistemológica da disciplina e a diferença da explanação do sentido da Filosofia da Educação perante o ministério da disciplina no âmbito do campo disciplinar filosófico, face ao campo disciplinar da educação. A disciplina de Filosofia da Educação, quando ministrada no âmbito do campo científico da Educação, revela como preocupação maior a preparação dos seus alunos para a docência, enquanto que, leccionada no campo científico da Filosofia, se manifesta mais imbuída de uma concepção de educação como preparação para vida.

Quadro 51

Autores de Programas de Filosofia da Educação		
Universidade de Lisboa	Faculdade de Ciências	Olga Pombo Teresa Levy Rogério Fernandes Agostinho dos Reis Monteiro Joaquim Pintassilgo
	Faculdade de Letras	Leonel Ribeiro dos Santos João Paulo Monteiro
Universidade de Coimbra	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação	João Boavida
	Faculdade de Letras	Joaquim Neves Vicente
Universidade do Minho		José Ribeiro Dias Manuel Alte da Veiga Armando Rui Guimarães Maria Conceição Antunes Maria Clara Oliveira
Universidade do Porto		Adalberto Dias de Carvalho Eugénia Vilela Paula Cristina Pereira
Universidade de Évora		Manuel Patrício Barros Dias Luís Sebastião
Universidade Nova de Lisboa		Luís Bernardo

Do ponto de vista da análise programática, os programas disciplinares de Filosofia da Educação e de História da Filosofia da Educação leccionados na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, começando por apresentar a Filosofia da Educação como campo problemático específico da reflexão filosófica, para seguidamente o situar no espaço disciplinar das ditas Ciências da Educação, Olga Pombo e Teresa Levy introduziram os seus discentes na fase pioneira dos conteúdos programáticos avançando para o momento expositivo referente aos esclarecimentos conceptuais e às distinções operatórias para, seguidamente, prosseguirem com a problematização do objecto e método da Filosofia da Educação, destacando a iminente divergência de orientações possíveis nesta matéria, nomeadamente a orientação histórica e doutrinal face à orientação conceptual e problemática.

Com Maria Teresa Marcelino Levy e Olga Pombo a Filosofia da Educação foi apresentada aos alunos como sendo um campo da Filosofia que partilha a especificidade da reflexão filosófica que, por inerência, se diferencia das metodologias próprias das ciências e das

Ciências da Educação em particular.

Analisando o programa da disciplina de Filosofia da Educação, leccionada nesta Instituição, revela-se um ideal filosófico-educacional centrado em torno de quatro temáticas gerais a questionar, nomeadamente: o papel da Filosofia na formação de professores; a escola e o ensino no contexto socio-político da Modernidade/Pós-Modernidade; a abordagem filosófica dos saberes e as suas articulações; o impacto das tecnologias e as suas consequências éticas e culturais. Revista sob um teor, em certa medida, próximo de um enfoque empirista, a Filosofia da Educação ministrada na Faculdade de Ciências de Lisboa tomou como finalidade educativa a eficácia reflexiva dos educandos face ao enfrentamento das questões educacionais que, estimulada através do reforço da capacidade de análise e de problematização, visava assegurar a presença de uma sólida reflexão filosófica no desempenho docente da área das ciências. Susceptível de ser tomada como uma Filosofia da Educação destinada à formação de futuros educadores, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a disciplina aproximou-se de uma antologia de questões estritamente filosóficas acreditadas como fundamentais à reflexão educacional dos aspirantes à realização do labor docente.

Diferentemente, os programas de Filosofia da Educação vigentes na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reflectem o cuidado de ponderar a Filosofia da Educação num sentido mais lato e ancestral que, pouco ocupado com a problemática referente ao processo de formação docente, enfrenta a reflexão sobre as questões educativas como forma de preparação para a vida. Tendo por finalidade a formação das virtudes intelectuais e morais dos educandos, a Filosofia da Educação leccionada na Faculdade de Letras de Lisboa revestiu-se de um carácter de disciplina intelectual que, pela busca filosófica e metafísica das verdades educativas fundamentais, procurou criar condições à formação educacional integral dos discentes.

Num outro registo, o entendimento do sentido da Filosofia da Educação proposto por Boavida encontra-se reflectido no programa curricular da disciplina e revela-se conforme ao corpo discente ao qual é dirigido. Ciente da possibilidade de perspectivar a Filosofia da Educação de dois modos diferentes, a opção pela perspectiva analítica, foi acreditada por Boavida como sendo a mais apropriada para leccionar o seu modelo de Pedagogia Filosófica aos alunos do curso de licenciatura em Ciências da Educação. Defendendo a mais-valia do

refinamento do pensamento educacional, a Filosofia da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra pretendeu ensinar os seus alunos a reflectir logicamente sobre os problemas educativos, explanando e examinando as condições filosóficas vigentes para, a partir daí, promover os educandos à racionalidade educativa.

De um ponto de vista bastante diferente, Joaquim Neves Vicente, como filósofo da educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pretendendo criar condições capazes de elevar os alunos do curso de licenciatura em Filosofia e das licenciaturas em Ensino ao nível crítico da razão educativa, elaborou um programa disciplinar filosófico-educacional apostado em colocar questões de difícil resolução, cuja solução se sabe *a priori* incerta, e que, por isso, deveria conduzir à *disputatio* filosófica, ou seja, ao filosofar. Apostada na formação de padrões intelectuais e de conduta mental, a Filosofia da Educação ensinada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, revestiu-se de um cariz problematológico e metafísico, caracterizado pela elaboração e tentativa de resolução de questões educacionais capazes de elevar os educandos a um nível de reflexão filosófica acreditado como necessário ao seu futuro desempenho laboral e vivencial.

Na análise aos programas de Filosofia da Educação e de História e Filosofia da Educação elaborados por José Ribeiro Dias, por Manuel Alte da Veiga e José Casulo, por Alte da Veiga e Armando Rui Guimarães, por Maria Conceição Antunes e por Maria Clara Oliveira, destaca-se o personalismo dos filósofos da educação da Universidade do Minho que, através da demanda filosófica da sabedoria educacional, pretenderam conciliar o campo filosófico com o campo educacional, pela via de uma hermenêutica antropológica marcadamente existencialista cunhada pela Teologia e pela metafísica. Tendo por finalidade atentar sobre a realização pessoal dos educandos, a Filosofia da Educação da Universidade do Minho pretendeu despertar os discentes para a dimensão de responsabilidade pessoal implícita no processo educacional, tentando disciplinar a sua inteligência reflexiva no sentido de lhes inculcar a necessidade de desenvolver sentimentos de realização pessoal através do desempenho da actividade educativa.

Por sua vez, os programas elaborados pelos filósofos da educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto explanam um propósito de investigação de forte pendor epistemológico, acompanhado por um questionamento assumidamente antropológico no qual se tendem a situar problemáticas de vertente ética e ontológica, capaz de criar abertura

a questões neo-humanistas que, estando centradas no conceito de pessoa, têm por objectivo atentar sobre o processo de educabilidade. Tentando reconstruir os padrões de pensamento alusivos à problematização da questão educacional, a Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto esforçou-se por promover um conjunto de hábitos mentais propícios à definição da identidade epistemológica da Filosofia da Educação, imiscuindo-a numa concepção filosófica sublinhadamente ontológica e antropológica.

A disciplina de Filosofia da Educação foi ensinada, no âmbito da licenciatura em Filosofia da Universidade eborense, sob a convicção de se tratar de uma disciplina nobre e de topo da Filosofia, delegando-lhe uma íntima ligação com a Antropologia Filosófica, atendendo a que o homem foi reconhecido como sendo a personagem central de ambas. Nesse sentido, foi desenvolvida a noção de antropagogia, como conceito fundamental inerente à concepção de toda a Filosofia da Educação. A concepção de antropagogia, presente nos conteúdos lectivos, propostos pelos autores de programas de Filosofia da Educação da Instituição eborense, bem como a curiosidade nata pela apreensão do sentido filosófico do homem, foram uma constante na reflexão filosófica acerca da educação aí realizada. Tentando dotar os seus discentes com uma panóplia de virtudes e conhecimentos do domínio cultural e de uma capacidade de ajuizamento crítico sobre a realidade educativa, a Filosofia da Educação, leccionada na Universidade de Évora, revestiu-se de um perfil antropológico-culturalista que, desperto para a dimensão existencial implícita ao acto educativo, visou conceber a relação educativa através da reflexão antropológico-filosófica.

No referente ao programa do curso de mestrado em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação ministrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, constata-se a presença de um tratamento filosófico do problema educacional através de uma hermenêutica capaz de apelar ao surgimento de um movimento de “viragem linguística” no campo da Filosofia da Educação. Pretendendo clarificar o conteúdo conceptual dos termos fundamentais utilizados no discurso educacional, a Filosofia da Educação da Universidade Nova de Lisboa, tendencialmente inscrita na corrente da Filosofia analítica, demarcou-se no cenário filosófico-educacional nacional.

Os programas de Filosofia da Educação e de História da Filosofia da Educação, independentemente do nível académico em que foram leccionados, caracterizaram-se pela oposição da extensão de conteúdos disciplinares de uns face à sintetização de conteúdos de

outros e pelo esforço, dos seus autores, em os adaptar à especificidade da área científica dos cursos e do nível de ensino a que foram destinados. Cunhada pelas perspectivas de abordagem que variam de programa para programa, a disciplina de Filosofia da Educação revela-se, predominantemente, muito inscrita num determinado tempo histórico, ou seja, o tempo da fundação das Ciências da Educação e de institucionalização do processo de formação de professores em Portugal revelando-se, tendencialmente, pautada por uma racionalidade orientada para questões didáticas.

A matriz programática desta disciplina oscilou entre a filiação metafísica, a filosófico-analítica e a histórico-filosófica delatando, por um lado, a formação e a filiação filosófico-educacional dos seus autores e, por outro lado, condicionando abordagens heterogêneas, orientações distintas e discursos filosóficos divergentes que, de um ponto de vista optimista, poderá ser considerado como sendo mais-valia disciplinar. A matriz programática da Filosofia da Educação leccionada na Universidade Nova de Lisboa foi a que mais se aproximou da filiação analítica, a da Universidade do Minho foi a mais marcada pela filiação metafísica mas a filiação histórico-filosófica foi a prevalecente. Verificando-se, por vezes, a imbricação de algumas das filiações no mesmo programa disciplinar, o mais curioso é constatar a riqueza da heterogeneidade temática adoptada em cada um dos programas das diferentes Instituições em que a disciplina funcionou.

No conjunto dos programas de ensino é possível constatar a existência de linhas de enquadramento alusivo à situação epistemológica da Filosofia da Educação face ao campo da Filosofia ou face ao quadro das Ciências da Educação, sendo frequente a referência à conceptualização, à definição da própria disciplina e a um tipo de metodologia marcado pelo tradicionalismo académico. Nas aulas teóricas, prevaleceu a prática expositiva docente e nas aulas práticas dominou a hermenêutica praticada pelos discentes, ainda que a crítica e a problematização seja suporte inerente a ambas as metodologias.

A sistemática dos programas, marcada pela instância de irradiações a partir de uma mesma centralidade, ou seja o esforço por dar a conhecer a importância do campo disciplinar da Filosofia da Educação durante o processo de formação de futuros licenciados/mestres em Filosofia, em Ciências da Educação/Educação ou em cursos de Ensino, foi um elemento comum a todos os programas, ainda que de acordo com a perspectiva particular de cada um dos seus autores, explanada pela prevalência dos

diferentes conteúdos partilhados e das questões por estes promovidas que, consequentemente, alavancaram um conjunto de teses decorrentes desse dito questionamento.

No propósito de tentar sistematizar, visando a procura de identidade dos programas, a inventariação do que é comum à maioria conduz à estipulação de critérios de confluência e diferenciação na análise programática.

Acerca dos temas de confluência, destaca-se a conceptualização das noções de Filosofia da Educação, Ciências da Educação, educação e ensino, a definição da noção de investigação educacional e a presença de conteúdos afins à problematização antropológico-filosófica e axiológica no contexto educacional. Apesar da heterogeneidade da generalidade dos conteúdos dos vários programas, não deixa de ser interessante verificar a predominância de uma tendência para valorizar a vertente antropológico-filosófica que, em certos casos, é marcada pela abordagem à anterioridade constitutiva e poética do sentimento o que poderá ser encarado como elemento demarcador da Filosofia da Educação Portuguesa.

No respeitante aos critérios de diferenciação, na tentativa de identificar a riqueza de cada um dos programas, destaca-se: a reflexão veiculada por Olga Pombo sobre as antinomias educativas; a abordagem apresentada por Teresa Levy às questões da comunicação, da Democracia e do multiculturalismo no campo educativo; o vaticínio de Rogério Fernandes face à educação do futuro; a ponderação de Agostinho Reis Monteiro sobre o direito à educação e os direitos das crianças; a preocupação de Joaquim Pintassilgo em destacar as temáticas alusivas ao pensamento pedagógico em Portugal; a avaliação feita por Leonel Ribeiro dos Santos à situação actual da educação e ao pensamento pedagógico; o relacionamento feito por João Boavida entre sistemas filosóficos e sistemas educativos; a problematização avançada por Joaquim Neves Vicente sobre a relação educação/currículo para levar os alunos a apurar o que é necessário ensinar; a orientação dos discentes, facultada por Ribeiro Dias e demais Professores da Universidade do Minho, na procura da sabedoria em educação; a abordagem de Adalberto Dias de Carvalho à epistemologia das Ciências da Educação; a busca da identidade do sujeito pela via do questionamento relacional, ontológico e antropológico suscitada por Eugénia Vilela; a identificação do movimento e da especificidade da Filosofia Portuguesa e a sua relação com a educação levantada por Paula Cristina Pereira; o questionamento da relação da educação com o futuro

de Portugal, da União Europeia, da Europa, do Ocidente, da civilização humana e do Homem, proporcionado por Manuel Ferreira Patrício; a discussão, avançada por Luís Sebastião, no sentido de debater a própria ideia de homem e de educação como projecto antropológico; a apresentação da ideia de Eric Weil da acção educativa como revolução filosófica, proposta por Luís Bernardo.

A existência de uma vasta panóplia de concepções programáticas é, *a priori*, decorrente de dois factores: a diferença dos percursos académicos pessoais vividos por cada um dos autores que, conseqüentemente, influenciou na singularidade das suas mundividências e o cuidado dos docentes em adaptar o programa à natureza e ao nível dos cursos a que são destinados. Tratando-se de uma comunidade de filósofos, logo, à partida, avessos à possibilidade de imposição e um modelo programático dominante, a construção de cada programa de ensino reflecte a concepção de Filosofia da Educação de cada um dos seus autores e, numa perspectiva salutar, a diversidade parece não lesar a identidade disciplinar da Filosofia da Educação.

Por sua vez, o que, à primeira vista, parece lesar a identidade da disciplina é a parca existência, nos seus programas, de preocupações referentes à possibilidade interventiva da disciplina no debate educacional contemporâneo e, salvo raras excepções, poucas vezes ser dado lugar à problematização educacional nacional actual e futura. Nessa medida, a influência política da Filosofia da Educação em Portugal não teve visibilidade.

A dispersão dos elementos do campo da Filosofia da Educação portugueses, cuja relação geral foi pautada pela falta de cooperação e parceria, poderá ser igualmente entendida como razão de falta de homogeneidade na cartografia dos programas disciplinares de Filosofia da Educação. Caso tivesse havido uma consolidada actividade de pesquisa científica realizada através da estipulação de parcerias universitárias e interuniversitárias, provavelmente, ter-se-ia dinamizado a leccionação e teriam surgido questões de fundo, resultantes da actividade investigativa, capazes de fundamentar as opções teóricas que servem de suporte aos programas de ensino.

O balanço sobre o ponto de situação da disciplina de Filosofia da Educação em Portugal foi motivo de cuidada reflexão por parte de alguns dos responsáveis pela docência desta disciplina.

Nessa medida, os filósofos da educação Manuel Alte da Veiga e Alberto Filipe Araújo, sob

a continuada influência de José Ribeiro Dias, em 2007, redigiram um texto intitulado *Diálogos em Torno da Filosofia da Educação em Portugal – Balanços e Perspectivas*, onde a disciplina foi apresentada como campo que deve conjugar três grandes domínios de análise: a) a crítica sobre os resultados da educação (no momento, na história, na previsão); b) a reflexão sobre as implicações das metodologias de educação (humanismo, eficácia, alcance formativo); c) a determinação dos valores dignos (teorias éticas, antropológicas e de utopia).

Porém, os critérios avançados por estes filósofos da educação da Universidade do Minho revelam-se marcados pela preocupação de evidenciar a importância da deontologia da profissão docente, o que não será de estranhar atendendo ao universo discente a que os mesmos leccionaram a disciplina. Nessa medida, no campo disciplinar da Filosofia da Educação foram privilegiados os temas dos valores, da Democracia, do doutrinação, da autoridade, da ordem, da indisciplina, da violência, do sentido do agir humano, dos problemas éticos da competência, do poder, da obediência, da escola, do sentido da própria especialização, do perfil ético do professor e da relação Filosofia/Religião (Veiga e Araújo, 2007).

Por sua vez, também o filósofo da educação Luís Bernardo se (pre)ocupou com a situação disciplinar da Filosofia da Educação e, imbuído de um optimismo deveras apraz para o futuro desta disciplina, outorgou os dois textos seguintes: *O regresso da Filosofia da Educação: novos desafios para uma velha disciplina*, que foi ao prelo em 2001, e *Moscas e Caça-Moscas: Questões de Filosofia da Educação*, publicado em 2004. Definindo como principais funções da Filosofia da Educação, a inquirição, a crítica, a lógica, a heurística, a anamnese e a vigilância (2004), Luís Bernardo foi um dos elementos do grupo de filósofos da educação portugueses que mais criticou o sentido disciplinar da Filosofia da Educação maioritariamente adoptado pelos seus colegas (2001, 2010) revelando, sobretudo, um sentimento de falta de identidade para com o sentido e excesso de relevância atribuído às questões axiológicas, apontando a viragem linguística do campo filosófico-educacional como principal desafio a ser enfrentado pela “velha disciplina”. Não obstante, foi o próprio Luís Bernardo a reconhecer a conformidade da Filosofia da Educação realizada pelos maiores mestres deste campo disciplinar do nosso país com o típico cunho humanista do pensamento português.

Do projecto da Escola Cultural de Manuel Ferreira Patrício à Antropologia Pedagógica de Adalberto Dias de Carvalho, passando pela Antropologia mística

de José Ribeiro Dias, a Filosofia da Educação em Portugal tem feito jus à forte tendência humanista do pensamento português (Bernardo, 2004: 104).

Avançando para a análise da bibliografia constante nos programas de ensino de Filosofia da Educação, importa referir que os que continham referência à bibliografia recomendada foram os elaborados por: Teresa Levy, Olga Pombo, Leonel Ribeiro dos Santos, João Boavida, Joaquim Neves Vicente, Ribeiro Dias, Manuel Alte da Veiga e José Casulo, Armando Rui Guimarães e Manuel Alte da Veiga, Maria Conceição Antunes, Maria Clara Oliveira, Eugénia Vilela, Paula Cristina Pereira, Manuel Ferreira Patrício, Barros Dias e Luís Sebastião.

Analisando a recomendação bibliográfica proposta pelos docentes de Filosofia da Educação aos seus alunos, constata-se que, no geral, a obra mais recomendada foi o compêndio de três volumes intitulado *Filosofía de la Educación Hoy. Conceptos. Autores. Temas* da autoria de vários autores, estando presente na bibliografia dos programas de: Leonel Ribeiro dos Santos, João Boavida, Joaquim Neves Vicente, Alte da Veiga, Alberto Filipe Araújo e Armando Rui Guimarães, Eugénia Vilela, Manuel Patrício, Barros Dias e Luís Sebastião. Seguidamente, foi Octavi Fullat o filósofo da educação mais recomendado, tendo sido incluído na bibliografia elaborada por: João Boavida, Ribeiro Dias, Manuel Patrício, Barros Dias e Luís Sebastião. Posteriormente, seguiu-se John Dewey tendo constando nas selecções bibliográficas de: Leonel Ribeiro dos Santos, Olga Pombo e Teresa Levy, Joaquim Neves Vicente e Manuel Ferreira Patrício. A partir daí, os únicos filósofos presentes, simultaneamente, em três bibliografias foram: Quintana Cabanas, Olivier Reboul, Hannah Arendt e Platão.

Permanecendo na mesma consonância conclui-se que, na bibliografia do programa elaborado por Teresa Levy e Olga Pombo, foi recomendado um conjunto de obras filosóficas, aos alunos de Filosofia da Educação e de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em que se destacou a presença acentuada de muitos filósofos contemporâneos e de uma eclética selecção de filósofos do ramo da Filosofia das Ciências, da Filosofia da Educação analítica, da Pedagogia e da designada Filosofia supra-estrutura: Althusser, Arendt, Bachelard, Barthes, Bourdieu, Derrida, Dewey, Foucault, Gusdorf, Hirst, Peters, Illich, Kuhn, Lyotard, McLuhan, Ortega e Gasset, Passmore, Platão, Rousseau e Russel.

Continuando no contexto do magistério da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa, na bibliografia proposta por Leonel Ribeiro dos Santos, surgem nomes de referência

incontornável do campo da Filosofia, da Antiguidade à Contemporaneidade, com predominância acentuada de filósofos alemães, entre outros. Recomendando aos seus discentes a leitura de autores como Clausse, Leif, Altarejos Masota, Peters, Reboul, Hannah Arendt, Dewey, Paulo Freire, Hegel, Kant, Locke, Jaques Maritains, Nietzsche, Platão, Ritzel, Rousseau e Jaques Ullmann, Leonel dos Santos pretendeu indicar o suporte livresco necessário para o estudo da disciplina de Filosofia da Educação na Faculdade de Letras.

Passando à bibliografia dos programas de Filosofia da Educação leccionados na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, João Boavida recomendou a seus alunos a leitura de várias obras de filósofos espanhóis, afins a problemáticas da Teoria da Educação, e de alguns filósofos britânicos situados na linha da Filosofia analítica da Educação: Adams, Archambault, Binkley, Brauner, Brubacher, Cabanas, Clausse, Estébanez, Feroso, Ferrero, Fullat, Masota, O'Connor, Peters, Suchodolsky, Woods e Barrow.

Diferentemente, Joaquim Neves Vicente seleccionou para os seus alunos, de Filosofia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma bibliografia marcada pela prevalência de filósofos da educação franceses, americanos e ingleses e de alguns espanhóis: Bernard, Bohm, Cambi, Carr, Kemmis, Charbonnel, Dewey, Escolano, Freire, Fullat, Hannoun, Hirst, Houssaye, Izzo, Jolibert, Kahn, Kechikian, Maury, Reboul, Ulman, Masota e Walf.

Os programas de Filosofia da Educação e de História da Educação da Universidade do Minho, contendo poucas referências bibliográficas cada um, tanto o programa de Ribeiro Dias como o de Alte da Veiga e Rui Guimarães, cingiram-se à recomendação da leitura de: Fullat, Bernard, Vial, Mialaret e Massota, enquanto que no de Maria Conceição Antunes foi recomendada a leitura de Ribeiro Dias, Houssaye e Reboul e no de Maria Clara Oliveira constou a recomendação de dois textos e de uma obra de sua autoria e de um livro publicado sob a organização de Peggy Morgan e Clive Lawton.

Analisando a bibliografia do programa de Filosofia da Educação, elaborado por Adalberto Dias de Carvalho, importa sublinhar o escasso número de obras recomendadas, Avanzini, Mialaret, Louis Not, O'Connor e Suchodolsky entre as quais só a obra de O'Connor é que é especificamente dedicada ao campo disciplinar da Filosofia da Educação, sendo as restantes mais viradas para o campo da Pedagogia e das Ciências da Educação.

Na bibliografia elaborada por Eugénia Vilela para o programa dos seminários de Temas de História e Filosofia da Educação e Problemáticas Contemporâneas de Filosofia da Educação, do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Filosofia no domínio científico de Filosofia da Educação, sublinha-se a presença marcada pelo número de obras de filósofos pós-estruturalistas: Foucault, Derrida, Bartes, Deleuze, tendo sido Foucault o mais recomendado. Também propõe: Hannah Arendt, Barcena, Nassbaum, Ricoeur, Toulmin, Agamben, Blanchot e Nancy.

No âmbito desse mesmo Curso de Estudos Pós-graduados Paula Cristina Pereira, para o seminário de Filosofia da Educação e Pensamento Português, indicou como bibliografia poucas obras e escassos autores específicos da Filosofia da Educação: Aristóteles, Bauman, Heidegger e Reboul.

Avançando para a bibliografia do programa de Filosofia da Educação, leccionado por Manuel Patrício na Universidade de Évora, evidencia-se a heterogeneidade dos filósofos seleccionados: Cabanas, Masota, Cirigliano, Coménio, Dewey, Feroso, Fullat, Imbert, Krishnamurti, Nassif e Platão.

Continuando a analisar as bibliografias dos programas de Filosofia da Educação da Universidade de Évora, um factor que se destaca na proposta por Barros Dias, prende-se com a presença acentuada de uma vasta bibliografia filosófico-educativa produzida por filósofos de várias nacionalidades mas dando preferência aos de origem espanhola: Masota, Feroso, Ferrero, García Carrasco, García del Dujo, Kechikian, Nassif, Planchard, Cabanas, Sáenz e Tourinân. Tal ocorrência poderá estar relacionada com o facto de Barros Dias ter estudado, durante um certo período, na Universidade de Salamanca sob a orientação de Maria Dolores Gómez Molleda e que tal vivência tenha estreitado as suas afinidades com a produção filosófico-educativa de origem hispânica. Esta mesma razão poderá igualmente servir de justificação para o facto de a nomenclatura adoptada para a disciplina, além de contemplar a Filosofia da Educação, também referir a Teoria da Educação.

Na bibliografia do programa disciplinar de Luís Sebastião, também predominaram os filósofos da educação estrangeiros destacando-se a predominância dos espanhóis: Masota, Camps, Coreth, Entralgo, Fullat, Hoz, Ibáñez-Martín e Cabanas.

Uma das características comuns ao conjunto de bibliografias analisadas advém da parca existência de recomendações de obras elaboradas por filósofos da educação portugueses,

sendo a esmagadora maioria dos títulos outorgada por filósofos da educação estrangeiros.

Do conjunto de programas analisados, que continham referência a bibliografia da autoria de filósofos da educação portugueses, destaca-se o facto de as obras mais recomendadas serem as da autoria de Adalberto Dias de Carvalho, encontrando-se presentes nos programas disciplinares realizados pelos Professores: Leonel Ribeiro dos Santos, Joaquim Neves Vicente, Eugénia Vilela, Paula Cristina Pereira, Manuel Ferreira Patrício e Luís Sebastião. Seguidamente, foram os livros de Manuel Ferreira Patrício que mais foram recomendados, constando na bibliografia dos programas de Leonel Ribeiro dos Santos, Paula Cristina Pereira, Barros Dias e Luís Sebastião. As obras de José Ribeiro Dias também se verificaram presentes na bibliografia de alguns programas, concretamente, no de Manuel Alte da Veiga, Manuel Ferreira Patrício e Luís Sebastião.

Interessa, igualmente, referir a presença dos vultos da “velha guarda” da Filosofia da Educação nacional na bibliografia de alguns programas disciplinares, preferencialmente, Manuel Antunes surge como autor recomendado por Leonel Ribeiro dos Santos, Barros Dias e Luís Sebastião; Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra constam na bibliografia do programa de Paula Cristina Pereira e de Manuel Ferreira Patrício; Delfim Santos insta na panóplia de autores/filósofos presentes na bibliografia do programa de Leonel Ribeiro dos Santos.

Há que destacar que os responsáveis pela autoria de programas disciplinares de Filosofia da Educação que mais obras de filósofos da educação portugueses recomendaram, foram Paula Cristina Pereira e Manuel Ferreira Patrício. Contudo, há que considerar que a disciplina ministrada pela Professora Paula Cristina Pereira tinha por título Filosofia da Educação e Pensamento Português e que, por razões de conformidade pedagógica entre programa e bibliografia, se terá imposto a necessidade de recomendar mais obras de pensadores portugueses do que os restantes Professores que leccionaram a disciplina de Filosofia da Educação ou de História e Filosofia da Educação.

Poderá, igualmente, interessar referir que, no conjunto de autores de programas de ensino da disciplina de Filosofia da Educação, os Professores que incluíram as suas próprias obras na bibliografia foram Leonel Ribeiro dos Santos, Olga Pombo, José Ribeiro Dias, Maria Clara Oliveira, Eugénia Vilela, Paula Cristina Pereira e Manuel Ferreira Patrício.

Atentando sobre a actualidade da bibliografia proposta pelos vários docentes de Filosofia

da Educação, conclui-se que, no geral, houve cuidado, por parte da maioria dos autores de programas de ensino, em recomendar aos seus discentes bibliografia recente. Contudo, para analisar a actualidade das obras recomendadas, é necessário considerar o ano lectivo de cada programa disciplinar. Assim sendo, foi classificada como bibliografia recente aquela cuja data de publicação tem menos de dez anos face ao ano lectivo de vigência do programa disciplinar.

Nessa consonância, apresenta-se a bibliografia recomendada por Teresa Levy e Olga Pombo, no ano lectivo 2002-2003 como sendo pouco actualizada, atendendo à predominância de obras da década de sessenta; na de Leonel Ribeiro dos Santos, de 1999-2000, em que o filósofo distinguiu bibliografia principal de bibliografia sobre o pensamento pedagógico português, surgem algumas obras da década de noventa, mas a maioria são das décadas de setenta e oitenta; na de João Boavida, de 1991-1992, o conjunto das obras encontra-se dividido pelas décadas de sessenta, setenta e oitenta tendo, cerca de um terço, sido publicadas na década de oitenta; na de Joaquim Neves Vicente, de 1998-1999, a maioria dos livros foi ao prelo há menos de dez anos sendo, muitos deles, da década de noventa; tanto na de José Ribeiro Dias, como na de Manuel Alte da Veiga e de José Casulo, ambas de 1996-1997, todas as obras têm menos de dez anos; na de Armando Rui Guimarães e de Manuel Alte da Veiga, de 2002-2003, apesar da reduzida divergência das obras recomendadas pelos seus colegas da Universidade do Minho, a bibliografia é menos actual dada a data do programa de ensino; na de Maria Conceição Antunes, de 1999-2000 a 2003-2004, as obras recomendadas são todas da década de noventa; na de Maria Clara Oliveira, do ano lectivo 2004-2005, a bibliografia data dos últimos anos da década de noventa; na de Adalberto Dias de Carvalho, de 1984-1985, destaca-se a prevalência de obras da década de setenta; na de Eugénia Vilela, de 2004-2005, predominam obras bastante recentes, apesar de haver algumas das décadas de oitenta e noventa; na de Paula Cristina Pereira, de 2005-2006, a maioria das recomendações bibliográficas é bastante actual, à excepção da bibliografia relativa ao pensamento português; na de Manuel Ferreira Patrício, de 2005-2006, a maioria das obras é da década de oitenta e noventa tendo, boa parte delas, sido publicada há menos de dez anos; na de Barros Dias, de 2002-2003, a maioria dos títulos é da década de oitenta, havendo alguns da década de noventa; na de Luís Sebastião, de 2005-2006, a maioria das obras é da década de setenta, oitenta e noventa, surgindo algumas com menos de dez anos.

O resultado da análise à actualidade da bibliografia anexa, pelos docentes da disciplina de Filosofia da Educação aos seus programas de ensino, conduz à conclusão que os autores de programas que recomendaram bibliografia mais actualizada, foram: Joaquim Neves Vicente, Ribeiro Dias, Alte da Veiga e José Casulo, Eugénia Vilela, Paula Cristina Pereira e Manuel Ferreira Patrício.

19. Os discursos em torno da Filosofia da Educação publicados pelos filósofos da educação portugueses

As verdades reveladas, com a sua fonte escrita – uma “Bíblia”, Le Livre de Mallarmé que contém o universo – transformam o pensamento em mármore (Steiner, 2005: 36).

A análise aos discursos publicados pelos elementos integrantes do campo da Filosofia da Educação portuguesa acusa, num primeiro momento, uma certa inércia comum à maioria dos filósofos da educação nacionais.

Contudo, apesar da factual escassez de publicações promovida por parte dos filósofos da educação nacionais sobre questões específicas da Filosofia da Educação, a abordagem ao campo discursivo será centrada em torno de três eixos: as obras, os periódicos e os temas.

Começando por tratar as obras circunscritas ao campo da Filosofia da Educação outorgadas por filósofos da educação portugueses, embora se verifique a inexistência de uma obra pioneira de vulto, importa considerar o trabalho realizado em cada uma das Universidades que, tendo por tendência comum uma vertente claramente antropológica, assumiu contornos diferenciados.

No caso dos filósofos da Educação da Universidade de Lisboa, acerca das publicações de obras sobre Filosofia da Educação, destacou-se o trabalho realizado por Olga Pombo quer pela escrita do livro *A Escola, a Recta e o Círculo*, quer pela tradução de vários textos publicados sob o título *Quatros textos excêntricos. Filosofia da Educação (Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell e Ortega y Gasset)* e pela organização dos vários trabalhos realizados pelos alunos designados como *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. A antologia e a ponderação sobre a importância da reflexão no decurso do exercício docente foram o cunho prevaLENcente nos discursos publicados sob a alçada de Olga Pombo.

Quanto a obras elaboradas pelo filósofo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Leonel Ribeiro dos Santos, pouco há a dizer e o seu principal contributo ressalta da tradução, realizada em parceria com Carlos João Nunes Correia, da obra de Anita Kechikian *Os Filósofos e a Educação*. Todavia, esta obra é essencial, seja por confrontar as grandes

figuras da Filosofia francesa com questões educativas, seja por considerar a educação como coisa política.

Relativamente às obras que vieram à luz pela pluma do filósofo da educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, João Boavida, distingue-se a obra *Educação Filosófica. Sete Ensaios*, o livro escrito em co-autoria com João Amado, *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspectivas* e o conjunto de textos publicados sob a sua coordenação, partilhada com Ángel García del Dujo, *Teoria da Educação. Contributos Ibéricos*. A preocupação central dos escritos sobre Filosofia da Educação de João Boavida, prendeu-se com o posicionamento epistemológico da Filosofia da Educação no quadro das Ciências da Educação.

A propósito das obras de Filosofia da Educação publicadas pelos filósofos da educação da Universidade do Minho, marcadas por um cariz personalista e teológico, sublinham-se os livros de José Ribeiro Dias intitulados *Ensinar, Educar, Formar. Evolução dos conceitos de educação na passagem do milénio*, *A Procura da Sabedoria. Em torno da Filosofia da Educação* e *A Realização do Ser Humano. Para a História das Ideias em Educação e Pedagogia*; as obras de Manuel Gonçalves Barbosa *Antropologia complexa do processo educativo*, *Olhares sobre a educação, autonomia e cidadania* e *Educação e cidadania: renovação da pedagogia*; a obra de Manuel Alte da Veiga *Um perfil ético para educadores*; as obras de Alberto Filipe Araújo, escritas em parceria com Joaquim Machado Araújo *Figuras do Imaginário Educacional* e *Utopia Cidade e Educação* e a compilação de textos coordenada, paralelamente, com Fernando Paulo Baptista *Variações sobre o imaginário*; a obra de José Casulo *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*; e os livros de Artur Manso *Para uma educação estética*, *Agostinho da Silva – aspectos da sua vida, obra e pensamento* e *Agostinho da Silva 1906-1994*.

Avançando para a explanação das obras publicadas pelos filósofos da educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sublinha-se o livro de Adalberto Dias de Carvalho *Epistemologia das Ciências da Educação*, como trabalho de pendor mais epistemológico e os livros de teor antropológico, ético e ontológico *Utopia e Educação* e *Filosofia da Educação e Contemporaneidade*. Noutras duas obras intituladas *Fundamentos Filosóficos dos Direitos Humanos* e *Filosofia da Educação: temas e problemas*, coordenadas por Adalberto Dias de Carvalho, foram lançadas questões neo-humanistas, circundantes ao

conceito de pessoa e atentas ao processo de educabilidade. Uma publicação fundamental para a Filosofia da Educação, coordenada por Adalberto Dias de Carvalho, foi o *Dicionário Temático de Filosofia da Educação* que veio colmatar uma lacuna existente no campo.

Passando a tratar as obras publicadas pelos filósofos da educação da Universidade de Évora que, fazendo jus à tendência humanista da Filosofia da Educação portuguesa, há que realçar o número de livros de Manuel Ferreira Patrício, entre os quais se distinguiram *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea – I e II*, *A Escola Cultural – Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*, *Lições de Filosofia da Educação – I e II*, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra – Teoria e Prática*, *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses* e a obra escrita em parceria com Luís Sebastião *Conhecimento do Mundo Social e da Vida – Passos para uma Pedagogia da Sageza*.

Constatando que, no respeitante ao volume e relevância filosófico-educacional de publicações, se destacou o trabalho empreendido por Ribeiro Dias, Manuel Ferreira Patrício e Adalberto Dias de Carvalho, interessa esclarecer que, para além das obras publicadas, tanto estes três filósofos como a maioria dos elementos do campo da Filosofia da Educação portuguesa, ao longo do seu percurso docente, foram publicando textos de Filosofia da Educação em periódicos, actas de Congressos, Colóquios e Seminários.

Atendendo a que a maioria dos discursos textuais elaborados pelos filósofos da educação portugueses foram publicados em periódicos de índole académica, tanto no campo científico da Filosofia como no da Educação, no alusivo à Filosofia da Educação importa realçar dois importantes contributos: a *Brotéria/Revista Portuguesa de Filosofia* e os *Itinerários de Filosofia da Educação*.

A *Brotéria*, tendo sido fundada em 1902, tempo marcado pelo positivismo, no seio da Companhia de Jesus, converteu-se, a partir da década de trinta do século XX, numa “revista de ideias ao serviço de um ideário ao mesmo tempo humanista, pedagógico e militante” (Lourenço, 2003: 11), renovado a partir de meados do século passado, principalmente, a partir da década de sessenta, quando a sua direcção foi assumida por Manuel Antunes. Tratando-se de uma revista centenária, desperta para as questões filosóficas contribuiu, notoriamente, para a publicação de muitos dos textos de Filosofia da Educação redigidos pelos filósofos nacionais.

Não obstante, o surgimento de um periódico especificamente dedicado às temáticas da Filosofia da Educação só se realizou em 2005 quando, na sequência da criação do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi publicado o primeiro número da série de cadernos temáticos de periodicidade semestral intitulado *Itinerários de Filosofia da Educação*. Apostado em divulgar os trabalhos realizados pela equipa do Gabinete de Filosofia da Educação, este periódico constituiu, desde os seus alvares, uma importante fonte de acesso às grandes temáticas e problemáticas da Filosofia da Educação que, desenvolvidas nas perspectivas antropológica, hermenêutica, ética e epistemológica, têm vindo a ser enfrentadas e debatidas por muitos dos filósofos da educação portugueses, atendendo a que a referida equipa do Gabinete de Filosofia da Educação não é, exclusivamente, composta pelos filósofos da educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No entanto, apesar da referência a várias obras e periódicos relevantes para o campo filosófico-educativo, a identificação de um *Magnum Opus* da Filosofia da Educação redigido por um português será, no mínimo, muito discutível. Talvez por essa razão se verifique tão ténue a influência da reflexão filosófico-educacional portuguesa no sistema educativo nacional.

Acerca da relação estabelecida entre o trabalho realizado pelos elementos do campo da Filosofia da Educação e o sistema educativo, poderá ser considerado que os mais directamente envolvidos com a esfera do poder decisório a nível do funcionamento do sistema educativo nacional foram, à excepção dos filósofos da *Renascença Portuguesa* e da *Seara Nova*, Rogério Fernandes e Manuel Ferreira Patrício.

Sobre a influência filosófica exercida por Rogério Fernandes na esfera do poder político-educativo¹⁴³, cuja pertinência de desempenho nos cargos assumidos não será sequer ponderada, importa clarificar que a sua integração no campo da Filosofia da Educação é deveras vulnerável. Apesar de licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, doutorado em Educação na especialidade de História e Filosofia da Educação e de ter leccionado a disciplina de História e Filosofia da Educação, foi no campo disciplinar da História da Educação que Rogério Fernandes foi autoridade.

¹⁴³ Recordemos que, de 1974 a 1976, o Professor Rogério Fernandes, a convite do Ministro da Educação do 2º Governo Provisório Vitorino Magalhães Godinho, assumiu o cargo de Director Geral do Ensino Básico e que, posteriormente, sobraçou o posto de Inspector Geral da Junta Nacional de Educação.

Por sua vez, Manuel Ferreira Patrício, pertencente à primeira geração de elementos do campo da Filosofia da Educação nacional, no curso da sua actividade laboral foi membro da Comissão de Reforma do Sistema Educativo, de 1986 a 1988, sobraçou a pasta da Presidência do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, de 1987 a 1989 e foi membro do Conselho Nacional de Educação, de 1993 a 1996, factos que permitem reconhecê-lo como sendo o elemento do campo da Filosofia da Educação mais directamente envolvido na esfera da deliberação política alusiva ao funcionamento do sistema educativo.

Em alguns dos escritos de Manuel Ferreira Patrício, precisamente no texto da obra *A Escola Cultural e os Valores*, o filósofo pronunciou-se contra medidas decretadas pelo Ministério da Educação referentes à reforma curricular do sistema educativo.

Contudo, a preocupação com as orientações e com as definições de um ideal de sistema educativo nacional, diferentemente das propostas avançadas por Leonardo Coimbra e Delfim Santos, não foram comuns à reflexão explanada nos discursos realizados pela maioria dos filósofos da educação portugueses.

No referente à ponderação sobre os temas prevaletentes na produção discursiva da Filosofia da Educação levada ao prelo, pelos elementos do campo, demarcam-se duas problemáticas diferenciadas: a preocupação de educar para a vida e a vertente humanista e deontológica no processo de formação de professores.

19.1. A preocupação de educar para a vida

...toda concepción de la vida envuelve una doctrina de la educación y todo sistema de educación esta baseado en una filosofía de la vida (De Hovre, 1952: 7).

O alvorecer da Filosofia da Educação portuguesa, marcado pelo contributo do movimento da *Renascença Portuguesa* da qual foi decorrente a Filosofia da Educação de Delfim Santos e seus discípulos, teve como preocupação fundamental a educação do ser humano, no sentido de o educar para a vida.

Concedendo à educação a mais alta importância, os principais momentos pioneiros da Filosofia da Educação nacional, promovidos por Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Fidelino de Figueiredo, Agostinho da Silva e Delfim Santos, constituem uma instância incontornável do pensamento educacional nacional, no respeitante à compreensão da educação como processo activante de assimilação, crescimento e desenvolvimento

peçoal essencial à formação e à reformaço do homem e da sociedade.

A concepço de educar como preparaço para a vida, presente na reflexo educacional portuguesa durante as primeiras sete dcaas do sculo XX, foi promovida no mundo acadmico nacional por alguns dos ilustres filsofos e pedagogos da poca.

Um dos primeiros ilustradores da pertinncia de conceber a educao, enquanto preparaço para a vida, foi Joaquim de Carvalho atravs da promoo de uma concepço da Pedagogia que, para alm de tcnica e cientificamente fundamentada, deveria possuir, necessariamente, um contudo filosfico, na medida em que teria que conter uma intelecco do homem e da sua essncia metafísica, assim como dos fins supremos da cultura.

Outro exemplo dessa realidade foi o magistrio de Vieira de Almeida que, enquanto filsofo defensor da importncia da presena da reflexividade constitutiva da Filosofia no contexto educacional, definiu como objectivo, "expresso" ou "implcito", da Filosofia a organizao do conhecimento em prol da estruturao de uma mundividncia e de uma concepço de vida autnoma capaz de satisfazer as "exigncias intelectuais" e as "necessidades do esprito" (Barata-Moura, 2000:308).

Uma outra representao da concepço de educao como preparaço para a vida pode ser encontrada na perspectiva de Dlio Santos que defendeu como verdadeiro desafio pedaggico a elevao da sociedade pela via da educao.

Por sua vez, tambm a postura existencialista de Delfim Santos, na qual a relao do homem com a sua existncia enquanto Ser no mundo se assume como relao fundamental que, na sua essncia, é uma relao pedaggica, contempla o educar como preparaço para a vida (Paszkievicz, 2000).

Numa linha de pensamento filosfico similar, na explanaço filosfica de Manuel Antunes tambm se verifica acentuado o significado da ideia de educao como construo/elevao de todo o humano (Franco, 2008).

Na perspectiva de uma reflexo educacional nacional imbuída pela preocupao de educar para a vida, alguns dos filsofos da educao portugueses que participaram, *ab initio*, no processo de consolidao e institucionalizao da disciplina, perpetuaram o esforo dos predecessores, assegurando a presena deste cuidado nos discursos que publicaram e no magistrio filosfico-educativo assumido.

Contudo, há que considerar que a institucionalização disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal ocorreu no contexto de proliferação do processo de formação docente e, conseqüentemente, foi como disciplina do Ramo de Formação Educacional e no campo disciplinar das Ciências da Educação que a sua presença se consolidou. Não podendo, de modo algum, alhear-se da realidade em que a disciplina de Filosofia da Educação se encontrava circunscrita, alguns dos filósofos responsáveis pela docência da disciplina no contexto da formação de professores, mormente José Ribeiro Dias e Manuel Ferreira Patrício, envidaram esforço para conciliar a dimensão antropológica da educação, como preparação para a vida, com a especificidade de ensinar futuros professores a saber ensinar.

Na verdade, do rol de docentes disciplinares de Filosofia da Educação, aqueles que mais se ocuparam com a tarefa de dissertar sobre o educar como preparar para a vida, foram José Ribeiro Dias e Manuel Ferreira Patrício.

Assim sendo, alegando que nenhum projecto educativo poderá fazer sentido quando distanciado de um projecto existencial de vida, José Ribeiro Dias professou o seu magistério filosófico-educativo pautado pelo propósito de conciliar o processo de formação docente com o projecto de realização individual do ser humano.

Na obra *Educação o Caminho de uma nova Humanidade: das Coisas às Pessoas e aos valores*, o filósofo da educação da Universidade do Minho criticou a tendência actual de abandono da linha de tradição iluminista ocidental, cuja "cultura dominante atribuía à educação o estatuto de primeira prioridade na preparação para a vida" (2009: 94).

Imputando à cultura coetânea prevalecente a responsabilidade de existência de uma disfunção entre o universo da escola e o mundo da vida, Ribeiro Dias indicou como solução a viabilização da concepção de educação como processo de desenvolvimento pessoal decorrente ao longo da vida. Compreendendo que a educação é um processo que afecta a existência do ser humano, o filósofo defendeu, como objectivo maior da educação, a estimulação do processo de vida do indivíduo em ordem a que este, enquanto agente da sua própria educação, esteja capacitado para concretizar o seu projecto de existência até à sua realização pessoal, concretizada pela sua participação no desenvolvimento integrado da comunidade, dentro dos condicionalismos do respectivo ecossistema (2009).

No livro *A Realização do Ser Humano. Para a História das Ideias em Educação e Pedagogia*, Ribeiro Dias determinou a auto-realização do ser humano como rumo primordial

do processo educativo.

Com efeito, se entendermos que educar não consiste primordialmente em ensinar ou mesmo em formar, mas em contribuir para criar condições para que todos os seus humanos, a começar por cada um de nós, se desenvolvam em todas as suas capacidades, cresçam, sejam, até à sua plena realização, estamos a admitir que esta realização do ser humano marca o rumo de todo o processo educativo (Dias, 2001: 9).

Num sentido bastante próximo, Manuel Ferreira Patrício no texto *Visão Prospectiva para o Professor para os anos 2000*, defendeu a educação como “processo de autoconstrução humana do homem”, uma vez que, antropológicamente falando, “o homem é o único animal definível como ser de cultura: o único que olha axiologicamente para si e constrói sobre si e para si um projecto de aperfeiçoamento e superação de si. A educação é a concepção e o resultado desse processo” (1997b: 63).

Justiceiro do imperativo categórico da qualidade em tudo e *a fortiori ratione* na educação, o filósofo da Universidade eborense apontou como âmbitos fulcrais de promoção de qualidade educacional: o sistema educativo, a política educativa, a Instituição educativa e a formação de professores (1997b). Crente no direito de acesso, por parte de todos os homens, a uma educação de qualidade, Manuel Patrício perspectivou a educação como processo de preparação para a vida do ser humano, da sociedade e de humanidade, uma vez que, o investimento qualitativo na educação, dotado de uma dimensão cultural apropriada, teria, necessariamente, repercussões que, mais que singulares, se alastrariam à escala macro social.

A preocupação de incluir a concepção de educação enquanto preparação para a vida no âmbito do processo de formação de professores, apesar de constante na actividade reflexiva dos filósofos Ribeiro Dias e Manuel Patrício, não foi unânime face à maioria dos seus congéneres.

No entanto, Leonel Ribeiro dos Santos, detentor de uma perspectiva filosófico-educativa marcadamente antropológica, também defendeu como propósito maior da Filosofia da Educação reflectir sobre a educação do ser humano como modo de o preparar para a vida, acreditando que teria que ser nessa base que se deveria fundamentar o ensinamento de saberes facultados a futuros educadores.

Por sua vez, também o trabalho encetado por Adalberto Dias de Carvalho e a sua equipa de filósofos da educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o passar do

tempo, tendeu a distanciar-se das problemáticas epistemológicas para se aproximar de uma concepção antropológico-filosófico-educativa desperta para as questões de índole axiológica e ontológica.

De qualquer modo interessa presentificar que a preocupação de doutrinar a perspectiva de educar como preparar para a vida se revela igualmente constante, no registo filosófico educativo de outros docentes de Filosofia da Educação, pontualmente na concepção de educação de Cassiano Reimão, Maria de Sousa Pereira Coutinho, Neves Vicente e Olga Pombo. Porém, Ribeiro Dias e Manuel Patrício foram os filósofos da educação portugueses que mais teorizaram sobre a presente concepção.

19.2. A vertente humanista e deontológica no processo de formação de professores

O movimento de secularização do ensino, iniciado a partir da segunda metade do século XVIII, foi um momento basilar da história da profissão docente no espaço geográfico europeu. Da tentativa de esboçar o perfil ideal do professor resultou um conjunto de interrogações¹⁴⁴, de cariz pragmático, determinantes à edificação dos processos de produção e de reprodução de uma mundividência difundida globalmente pela escolarização.

No caso nacional, a institucionalização da formação de professores tem-se revelado um processo complexo, marcado pela tensão entre paixões e conflitos e pela estipulação de compromissos, plenamente assumidos ou perpetuamente adiados, cujo corolário se traduz pela dificuldade de criação de uma verdadeira identidade profissional docente.

Acreditando que é condição *sine qua non* ao exercício da profissão docente sentir os desafios do tempo ao qual é coetâneo, reflectir sobre a acção educativa nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico e participar criticamente na construção de um espaço educacional desperto para a realidade social circundante (Nóvoa, 1994), legitima-se a pertinência da presença da Filosofia da Educação no quadro disciplinar das Ciências da Educação e no processo de formação de professores.

¹⁴⁴ Por toda a Europa se procurou esboçar o perfil do professor ideal: Deve ser leigo ou religioso? Deve integrar-se num corpo docente ou agir a título individual? De que modo deve ser escolhido e nomeado? Quem deve pagar o seu trabalho? Qual a autoridade de que deve depender? (Júlia, 1981).

Salvaguardando a importância e insubstituibilidade da presença de uma vertente filosófica no processo de formação de professores, norteadas pelo objectivo de gerar condições propícias ao erigir do aspirante a docente ao estado de autonomia e responsabilidade intelectual e moral, assume-se como preocupação da Filosofia da Educação reflectir, filosoficamente,¹⁴⁵ sobre o tipo de homem e o perfil de cidadão que o professor deverá pretender auxiliar a Ser (Grácio, 1990).

Mobilizados por esse propósito, muitos dos filósofos da educação portugueses, directamente envolvidos no processo de formação docente, assumiram, desde o início da década de 80 do século XX, o problema do processo de formação docente como questão nuclear da sua actividade académica na Universidade do Minho.

Exemplo factual dessa realidade foi a actividade docente de José Ribeiro Dias que, na condição de docente inaugural da disciplina de Filosofia da Educação no contexto do processo de formação docente em Portugal, acompanhou, proximamente, todas as fases de implementação de todos os projectos ligados ao domínio da Formação de Professores na Universidade do Minho, assumindo, durante os primeiros cinco anos de funcionamento, a coordenação da laboração dos Cursos de Formação de Professores de modelo integrado para o Ensino Preparatório e Secundário, a nível de bacharelato e de licenciatura, incluindo as componentes de Prática Pedagógica e Estágio Pedagógico.

Devotadamente dedicado à causa da formação docente, Ribeiro Dias foi um dos filósofos portugueses que pioneiramente mais investiu, de forma pertinaz, na criação do Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade do Minho (CIFOP) e trabalhou, activamente, na proposta de criação de cursos de mestrado em Educação, em que a preocupação em evidenciar a importância da deontologia da profissão docente foi vigente.

Os fundamentos teológicos e pessoalistas da Filosofia da Educação de Ribeiro Dias foram um registo constante da sua actividade filosófico-educacional e tiveram proliferação na docência da disciplina de Filosofia da Educação da Universidade do Minho.

Na rota do trabalho aprioristicamente encetado por Ribeiro Dias, muitos dos restantes docentes de Filosofia da Educação também não descuraram a importância dos ensinamentos de vertente humanista e deontológica no processo de formação de professores.

¹⁴⁵ Atendendo a que Dewey afirma que “qualquer pessoa com abertura de espírito e sensível a novas ideias, e com compenetração e responsabilidade em relacioná-las, tem, na medida em que o fizer, uma atitude filosófica” (1916: 275).

Foi o caso de Manuel Barbosa que, na condição de estudioso da antropologia filosófico-educativa e da deontologia docente, balanceou a possibilidade de manutenção da concepção de relacionamento entre teoria e prática, institucionalizada sob os auspícios do paradigma positivista e cientista que estimulou a busca apaixonada pelas certezas em educação. Concluindo que a teoria deveria ser utilizada como mero auxiliar da tomada de decisões e deliberações da prática, constatou que esta inovadora perspectiva de relacionamento entre prática e teoria teria que promover um conjunto de novos desafios ao educador, apontando novos caminhos para a prática docente imbuídos de ideais capazes de reforçar a iniciativa e o protagonismo do educador no seu desempenho educativo (1997).

Um outro Professor da Universidade do Minho que dedicou particular atenção à reflexão filosófica em torno do delineamento do perfil ético do professor, foi Manuel Alte da Veiga. Professando que o professor deve ser exemplo da insatisfação geradora do impulso de contínua procura “do que vale a pena”, Alte da Veiga sublinha a relevância do assumir da identidade no processo educativo (2006: 303-304).

Passando a analisar a preocupação educacional, por parte da filósofa da educação do Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, é de bom grado que se constata que a disciplina de História e Filosofia da Educação vai ao encontro da proposta de modelo de formação de professores, acreditada por Olga Pombo como sendo a ideal, atendendo a que esta compreendia uma componente reflexiva consistente e aprofundada essencial à formação docente.

De acordo com a filósofa, a componente reflexiva deveria ser integrada no *currículum* da formação de professores através da introspecção relativa ao seu próprio saber. Olga Pombo reconheceu a irreprimível “vocação pedagógica e comunicativa da Filosofia” que, pela via da realização de um esforço de alargamento cultural e cognitivo e pela submissão às determinações próprias de um saber historicamente constituído, deve presentificar-se como *anima* do processo de formação docente (2002: 73-96).

Olga Pombo defendeu que o primeiro compromisso deontológico assumido pelo professor deve ser “para com o saber” (2002: 16). Nessa medida, a sua formação pedagógica deveria ser realizada na esteira da especificidade da sua formação científica de modo a que lhe fossem facultadas condições para reflectir sobre a importância da sua condição docente acerca do sentido do saber que considerava que deveria ser ministrado.

No seguimento do tratamento da vertente humanista e deontológica dos Professores de História e Filosofia da Educação do Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, urge mencionar o contributo de Rogério Fernandes que, pela proposta de reflexão sobre a função da História e da Filosofia da Educação no processo da formação de professores, no âmbito desta disciplina, defendeu a necessidade de “interrogar a História e de questionar a sociedade” como condição para poder (re)pensar a educação, alertando os seus discentes para o facto de um professor dever ter consciência crítica sobre as necessidades educacionais da época (Felgueiras e Ferreira, 2004: 17).

Por sua vez, na actividade de Manuel Ferreira Patrício, o problema do processo de formação de professores, bem como a questão alusiva às componentes de formação humanista e deontológica, revelaram-se acentuadamente presentes.

Assumindo que a “dignidade da missão do professor impõe que ele seja constitutivamente um agente intelectual”, o filósofo da Universidade de Évora propôs como componentes constitutivas do processo de formação docente: a formação científica da especialidade docente, a formação pedagógica e pedagógico-didática teórica e a formação pedagógica prática (1997a: 69).

No entanto, Manuel Patrício anuiu que este modelo de processo de formação docente só seria completo se complementado por um percurso de formação pessoal (humanista e deontológica) e cultural com fundamentos filosófico-educativos.

Manuel Ferreira Patrício e o seu discípulo Luís Sebastião são unânimes na defesa de consolidação de uma “Pedagogia da Sageza” que tenha como desafio maior, a possibilidade de edificar um modelo de formação plena do ser humano radicado no mundo da vida (Patrício, e Sebastião, 2004: 75).

Luís Sebastião, foi até mais longe no referente a esta matéria, na medida em que defendeu uma perspectiva de educador enquanto sujeito que coloca toda a sua competência científica, pedagógica e profissional ao serviço do processo de formação humana. Luís Sebastião assumiu, irrevogavelmente, a defesa da insubstituibilidade do professor, quanto à sua função de “legitimação moral do saber”, e apresentou como primordial incumbência docente o estabelecer a mediação entre o mundo dos valores e da cultura (Sebastião, 1998: 283).

Suportado por um ideal de Pedagogia de base inter-pessoal, em que a relação

pedagógica surge como instrumento preferencial da prática educativa que intenta alcançar a formação plena de cada homem, na sua humanidade, Luís Sebastião ajuizou que o processo de formação de professores deveria reconhecer a necessidade de uma ampla formação cultural do professorado, acompanhada por um aturado trabalho de maturação das dimensões éticas, afectivas, cívicas e espirituais da pessoa do professor (1998).

Dividida entre o interesse pela formação do professorado e a preocupação de educar para a vida, a Filosofia da Educação em Portugal, ainda que ministrada como disciplina pedagógica, nunca descurou a vertente humanista e deontológica no processo de formação docente e os discursos redigidos pelos elementos do seu campo ilustram esse cuidado.

20. O tempo da Filosofia da Educação em Portugal face ao contexto internacional

Que ce soit dans un contexte national, international ou interdisciplinaire, nombre de communications sont présentées, nombres d'articles et de livres écrits, dont les questions abordées peuvent, dans un sens très large, entrer dans la catégorie "philosophie de l'éducation". Toutefois, seule une fraction de ces productions coïncide avec une organisation, un programme d'enseignement supérieur, ou une revue professionnelle qui les reconnaîtraient comme appartenant 'officiellement' à ce champ d'étude. (Égée-Kuehne, 1997: 142).

20.1. A emergência da leccionação da disciplina

Analisando o período inaugural da leccionação da disciplina de Filosofia da Educação no contexto universitário português é revelado, primeiramente, que o despontar da sua leccionação, que remonta à segunda metade da década de setenta do século XX na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, é relativamente tardio face à introdução desta mesma disciplina no contexto universitário internacional.

Constatando que os alvares da leccionação da Filosofia da Educação, enquanto disciplina autónoma, remontam ao início do século XX americano quando John Dewey iniciou a leccionação da disciplina (Ibáñez-Martín, 2006); que no Brasil foi introduzida no Ensino Normal na década de 30 do século XX e começou a ser leccionada na Secção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1932 (Tomazetti, 2003); que em Espanha foi introduzida no mundo universitário no ano lectivo 1934-1935, tendo figurado no plano de estudo da Secção de Pedagogia da *Universidad Complutense* de Madrid¹⁴⁶ (Orbe y Cantero, 1992); que no Reino Unido foi pioneiramente leccionada, em 1947, sob o ministério de Louis Arnaud Reid no *Institute of Education – University of London*, verifica-se que o começo da leccionação da Filosofia da Educação em Portugal foi comparativamente posterior.

¹⁴⁶ Para aprofundamento do conhecimento sobre a História da Filosofia da Educação na Universidade de Madrid consultar JOVER, G. (1990). Notas para una Historia de la Filosofía de la Educación en la Sección de Pedagogía de la Universidad de Madrid. In *Actas del I Congreso Internacional de Filosofía de la Educación*. Vol.2. pp. 66-73. Madrid: UNED.

Porém, atentando sobre o período de proliferação da disciplina no contexto académico dos vários países considerados, conclui-se que foi a partir da década de sessenta do século XX que, na sequência do processo de fundação das Ciências da Educação, esta começou a emergir na maioria das Universidades dos países da Europa, nomeadamente, no Reino Unido, onde, apesar do contributo determinante de Louis Arnaud Reid para a introdução disciplinar da Filosofia da Educação no mundo académico britânico, foi após a sua jubilação em 1962 que, com Richard Stanley Peters a assumir a cátedra da disciplina que teve início a “*revolución y expansion de la Filosofía de la Educación británica*” (Orbe y Cantero, 1992: 229); em Espanha, onde, embora inicialmente leccionada, em 1934-1935, na *Universidad Complutense* de Madrid, só posteriormente passou a ser introduzida noutras Universidades espanholas, respectivamente, na década de cinquenta na *Universidad de Barcelona* no âmbito dos estudos de Pedagogia, em 1975 na *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED, Madrid), em 1976 na *Universidad Autónoma de Barcelona*, em 1979 na *Universidad de Murcia*, na década de setenta na *Universidad de Valencia*, em 1983 na *Universidad de Granada* e, posteriormente, nas Universidades privadas de *Navarra*, de *San Pablo – CEU* (Madrid) e *Ramón Llull* (Barcelona) (Estébanez, 1998); e em França, onde, embora a leccionação de temáticas afins à Filosofia da Educação tenha ocorrido no contexto da reforma educativa da III República, acontecida nos anos oitenta do século XIX que, num tempo marcado pelo positivismo, promoveu o surgimento dos primeiros cursos de Pedagogia leccionados na *Université Sorbonne* (Paris) por Henri Marion e na *Université de Lyon* por Raymond Thamin, foi em 1967, com a entrada das “*novas Sciences de l'Éducation* pela porta grande da Universidade” que teve “início um novo capítulo da Filosofia da Educação” uma vez que foi a partir desse momento que a disciplina definiu o seu campo específico: “interrogar e dar resposta à questão dos fins e dos valores da educação” (Vicente, 2008: 386)¹⁴⁷.

Nesta consonância, considerando que foi no período e no contexto de fundação do quadro disciplinar das Ciências da Educação que a Filosofia da Educação se afirmou, a introdução disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal (acontecida em 1976 na

¹⁴⁷ Apesar da História gloriosa do pensamento filosófico alemão e da distinta contribuição da reflexão filosófico-educacional alemã para a fundamentação e teorização do saber pedagógico, a História da institucionalização disciplinar da Filosofia da Educação na Alemanha é contemplada neste estudo, de forma peculiar, atendendo ao facto de a denominação das cátedras universitárias na Alemanha ser bastante genérica não tendo sido encontrada, em nenhuma Universidade alemã, uma cátedra denominada como *Erziehungsphilosophie*. Porém, importa clarificar que na Alemanha a Filosofia é tomada como matriz da educação.

Universidade de Lisboa, em 1980 na Universidade de Coimbra, em 1982 na Universidade do Minho, em 1984 na Universidade do Porto, em 1996 na Universidade de Évora e 1999 na Universidade Nova de Lisboa), revela, numa primeira observação que, à excepção do sucedido na Universidade de Évora e na Universidade Nova de Lisboa, o início da leccionação da disciplina foi coetâneo ao processo de institucionalização universitária das Ciências da Educação.

No entanto, convém destacar o pioneirismo da visão de Delfim Santos e a sua consciência da relevância de cientificar a Pedagogia (convertendo-a nas Ciências da Educação) e da importância que a Filosofia da Educação deveria ser detentora no seu quadro disciplinar, uma vez que, em 1934, o filósofo publicou o texto *Linha Geral da Nova Universidade*¹⁴⁸ no qual explanou o seu Projecto de Reforma do Ensino Universitário, no qual propôs um novo modelo de Universidade que, composto por várias Faculdades, contemplava a criação de uma Faculdade de Filosofia onde deveria ser ministrado um curso de licenciatura em Pedagogia em que a Filosofia da Educação deveria ocupar o lugar de disciplina primeira. (2007). Lamentavelmente, o projecto de Delfim Santos não chegou a ser implementado.

Conhecedor excelso da realidade filosófica e pedagógica em curso noutros países, principalmente no mundo germânico e anglo-saxónico, Delfim Santos tentou trazer para Portugal muito do conhecimento pedagógico desenvolvido no estrangeiro.

A realidade filosófico-educacional, ocorrida em diferentes países, foi entendida e praticada de modo diferente e, ao longo da sua História, revestiu-se de características muito particulares.

20.1.1. Filosofia da Educação nos Estados Unidos da América

Começando por sintetizar o sucedido nos Estados Unidos da América, a Filosofia da Educação norte-americana foi tematicamente introduzida quando, em 1896, John Dewey e Alice Dewey criaram a *Laboratory School – Chicago Institute* (Kaminsky, 1993). Foi enquanto Professor desta Universidade que John Dewey publicou, em 1897, *My Pedagogic Creed* e,

¹⁴⁸ O texto de Delfim Santos, intitulado *Linha Geral da Nova Universidade*, é o “arranjo de três artigos, publicados em Março de 1933, na *Voz da Justiça*, em resposta a um inquérito sobre a Universidade” (Santos, 1934: 93).

em 1899, *The School and Society*, duas das suas obras mais influentes para o campo da Filosofia da Educação.

Contudo, foi na *Columbia University* que o trabalho de Dewey e a Filosofia da Educação assumiram maior notoriedade, uma vez que foi nessa Instituição que Dewey, no início do século XX, iniciou o ministério da disciplina¹⁴⁹ e, principalmente, graças à publicação, em 1916, de *Democracy and Education* que, tratando-se do seu mais importante e influente trabalho serviu, durante largas décadas, de inspiração para muitos dos educadores norte-americanos.

It was Dewey's work in the schools and his unorthodox philosophical writings that would inspire American educators – arguably, into the 1990s (Kaminsky, 1993: 39).

Reconhecido pelos pares do seu tempo como filósofo cuja reflexão educacional teve repercussões ideológicas e pragmáticas no modo de conceber e praticar a educação, sobretudo nos Estados Unidos da América, a vasta obra de John Dewey encontrou na educação uma área privilegiada de reflexão filosófica (Kilpatrick, 1989).

Defensor de uma concepção democrática de educação, John Dewey, criticando muitos dos aspectos relativos à prática educativa então dominante nos Estados Unidos da América, nomeadamente a redução da educação ao processo de aprendizagem através da memorização e da transmissão de crenças sendo a experiência prévia do aluno ignorada, instituiu um inovador pensamento educacional capaz de corresponder às aspirações educativas da sociedade democrática norte-americana. Na verdade, quando a influência de Dewey, nos domínios educacionais, começou a manifestar-se já outros pensadores se haviam insurgido pelas mesmas razões. Porém, todas as contestações prévias à de Dewey, acusavam “a ausência de uma Filosofia da Educação suficientemente elaborada capaz de justificar e regular as mudanças desejadas” (Galvão, 1998: 130).

O trabalho ministrado por Dewey na *Columbia University* converteu a Instituição num pólo de referência de estudos filosóficos e de formação de professores e propiciou-lhe condições institucionais para desenvolver e promover o seu trabalho a um nível bastante elevado.

At Columbia, Dewey's department attracted many of the most able educators in

¹⁴⁹ Segundo Ibáñez-Martín (2006), John Dewey foi dos primeiros Professores a ministrar a disciplina de Filosofia da Educação.

the country and turned out many nation's top school administrators and philosophers. Advanced educational training was in one way or another dominated by Dewey's colleagues or students. American philosophy and philosophy of education was dominated by Dewey's thought not merely because of its intellectual stature, but also because it was integrated into the teaching of Teachers College Columbia and Columbia University, arguably the most influential university in the United States (Kaminsky, 1993: 41).

No alinhamento do movimento filosófico educacional promovido por John Dewey, a Filosofia da Educação norte-americana, apostada em democratizar a sociedade pela via da educação, permaneceu ocupada com a reflexão sobre as questões do educacional e, na década de cinquenta, as preocupações maiores da pesquisa realizada no campo, incidiam sobre questões relacionadas com a diversidade curricular, com a humanização das práticas educativas e com a optimização da escola enquanto promotora de mobilidade social (Kaminsky, 1993).

No entanto, face à proliferação das Ciências da Educação, a Filosofia da Educação norte-americana encontrou na Filosofia analítica a resposta ao propósito de cientificar a questão educativa.

After World War II educational philosophy also found an answer for its lack of science. To answer for its lack of science educational philosophy responded with analysis. If educational philosophy could not share in the ethos of experimentalism, it could be clear. If educational philosophy did not lend itself to statistics and mathematics, it could be logical. If it could no longer lay claim to the most powerful, interesting, and explanatory paradigm of systematic study of the natural world and human experience, comparatively speaking, then it would demonstrate its central role in clarifying the 'undifferentiated mush' written-up in the guise of educational theory (Kaminsky, 1993: 78).

Durante a década de sessenta e setenta do século XX, a Filosofia da Educação conheceu um período de grande desenvolvimento tendo sido entendida, praticada e leccionada num enorme número de Universidades norte-americanas sobretudo como análise crítica e clarificação da linguagem educativa verificando-se distanciada das questões metafísicas. Os grandes cultores da Filosofia da Educação analítica norte-americana foram Israel Sheffler, Smith, Ennis e Archambault.

Porém, nos finais da década de setenta e no início da década de oitenta começaram a surgir as críticas à Filosofia da Educação analítica. Nesse seguimento, mereceram destaque outros temas de interesse no campo, sobretudo as questões epistemológicas e, na década

de noventa e nos primeiros anos do século XXI, evidenciaram-se os temas alusivos aos problemas do multiculturalismo e de cidadania, em especial nos trabalhos de Levinson, Brighouse e Reich.¹⁵⁰

20.1.2. Filosofia da Educação no Brasil

Por sua vez, no Brasil, país onde a disciplina foi ministrada a partir da década de trinta do século XX, a Filosofia da Educação, no período temporal compreendido entre os anos quarenta e sessenta, estruturou-se como disciplina de formação pedagógica no âmbito do curso de Pedagogia da Secção de Educação ou como disciplina de fundamentos filosóficos no contexto do curso de Didáctica das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras brasileiras. Tanto leccionada como disciplina de fundamentos filosóficos como quando ensinada enquanto disciplina de formação pedagógica, a Filosofia da Educação brasileira, desse período, visava a aplicação de doutrinas filosóficas puras ao campo educacional sob uma perspectiva histórica tentando, daí, retirar consequências e implicações.

Essa abordagem remete sempre ao estudo de determinado filósofo ou de um específico sistema filosófico, em sua condição histórica. Caberia ao professor de Filosofia da Educação o conhecimento da história da Filosofia para poder, conseqüentemente, fazer as deduções necessárias para a educação. Assim, o que fica evidente é a preocupação com a educação em seus aspectos gerais e não propriamente com questões de escola, de ensino e de política educacional. (Tomazetti, 2003: 250).

A tendência de ministrar a disciplina de forma desvinculada das questões de escola, de ensino e de política educacional, encontrou-se relacionada com o facto de os filósofos da educação, detentores de formação filosófica, terem encontrado “dificuldades em se apropriar destas questões, consequência, muitas vezes, da sua formação” e, principalmente, porque “a geração dos Catedráticos de Filosofia da Educação no Brasil não possuía uma formação específica em Filosofia ou educação, com excepção de Laerte Ramos de Carvalho que, ao se tornar Catedrático, na Secção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1951, já havia feito doutoramento em Filosofia”¹⁵¹

¹⁵⁰ Para melhor esclarecimento sobre a História da Filosofia da Educação nos Estados Unidos da América consultar: KAMINSKY (1993). *A New History os Educational Philosophy*. Westport: Greenwood Press; DOUIN-HANS (2012). *Philosophie de L'Éducation. Itinéraires américains*. Paris: L'Harmattan.

¹⁵¹ De acordo com Elizete Tomazetti, “os outros Catedráticos de Filosofia da Educação eram oriundos dos cursos que marcaram o Ensino Superior brasileiro: Engenharia, Medicina, Direito e, também, Teologia. Com a constituição dos cursos de Filosofia e Pedagogia, a partir dos anos trinta, no modelo das Faculdades de Filosofia,

(Tomazetti, 2003: 251).

No âmbito dos estudos universitários o modelo de formação da disciplina de Filosofia da Educação no Brasil, que teve como origem as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e o padrão adoptado pela Faculdade Nacional de Filosofia que incluía a Filosofia da Educação na sua terceira série, foi leccionado em geminação com a disciplina de História da Educação no arco temporal que compreendeu as décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta do século XX.

Entre os anos de 1930 e 1960, a leccionação da disciplina foi marcada pela predominância da diversidade temática sem ter sido pautada por uma linha hegemónica de pensamento.

Aparecem temas voltados para a introdução geral à Filosofia, uma reflexão mais geral sobre o fenómeno educacional, ponderações de natureza antropológica, discussões de cunho metodológico da educação, noções de axiologia, em torno das relações da Filosofia com a Pedagogia, debate entre outros (Gallo, 2007: 266).

No final da década de sessenta, quando a reforma universitária brasileira instituiu o modelo das Faculdades de Educação como *locus* de formação de professores do nível secundário, dos pedagogos e dos especialistas em educação, “iniciou-se o embate entre uma concepção analítica de Filosofia da Educação, de inspiração anglo-saxónica e norte americana, e outra de carácter histórico e prescritivo que, sobretudo na década de oitenta, teve forte influência marxista” (Gallo, 2007: 266).

Foi durante esse período, com início no começo da década de setenta que, com a criação dos cursos de pós-graduação em Educação, se começou a desenvolver verdadeiramente a pesquisa no campo da Filosofia da Educação que, até ao período anterior, esteve presente no mundo académico brasileiro com um carácter especificamente lectivo. Foi sob forte impacto da fenomenologia que os estudos pós-graduados em Filosofia da Educação implantados, a partir da década de setenta pelos intelectuais formados na Europa, que a pesquisa no campo começou a ganhar alguma visibilidade.

Contudo, na década de oitenta, assistiu-se ao surgimento de uma produção investigativa no campo da Filosofia da Educação brasileira, marcada por duas tendências que, apesar de não exclusivas, predominaram: “a produção de uma Filosofia da Educação de forte

Ciências e Letras, os Professores passaram a estar mais vinculados a sua área específica de atuação” (2003: 251).

inspiração marxista e o trabalho de identificar as tendências e correntes pedagógicas que marcaram a história da educação brasileira” (Gallo, 2007: 269).

Grande parte dos trabalhos de inspiração marxista, produzidos desde finais da década de setenta até aos últimos anos da década de oitenta, procuravam construir uma teoria educacional capaz de encontrar um meio de alteração social através da educação. Os autores inscritos nesta corrente que mais se destacaram foram Durmeval Trigueiro Mendes, Dermeval Saviani, Moacir Gadotti, Carlos Roberto Jamil Cury e António Joaquim Severino (Gallo, 2007).

A respeito da investigação desenvolvida em torno das tendências e correntes pedagógicas presentes na História da Educação Brasileira destacou-se o trabalho realizado por: Durmeval Trigueiro Mendes, Dermeval Saviani, Moacir Gadotti e José Carlos Libâneo (Gallo, 2007).

Posteriormente, a última década do século XX e a primeira do século XXI, ficariam para a História da Filosofia da Educação brasileira como sendo o período de efectiva consolidação do campo de pesquisa da Filosofia da Educação, em boa parte, resultante da criação do Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia da Educação (GT 17)¹⁵², da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)¹⁵³ que, desde a sua fundação em 1994, visou a divulgação e o debate em torno das pesquisas realizadas no campo. Nessa consonância, a Filosofia da Educação brasileira dedicou-se a um intenso trabalho de elucidação filosófica da educação e a uma tentativa de definir o seu estatuto epistemológico e a sua própria identidade tendo, conseqüentemente, conduzido ao equacionamento da sua relação com a Filosofia, com as Ciências da Educação e com a formação de professores.

A questão da identidade da Filosofia da Educação vai suscitar a discussão de suas relações não só com as Ciências da Educação, mas também com a própria Filosofia, questionando-se a sua condição de autonomia frente à Filosofia Geral ou de mera aplicação da mesma ao campo educativo. Além disso, coloca-se também a questão de seu ensino, o que levanta o problema de seu estatuto disciplinar, como componente curricular nos cursos de formação de educadores (Severino, 2000: 282).

¹⁵² Os Grupos de Trabalho (GT), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), são instâncias de aglutinação e de socialização do conhecimento realizada pelos pesquisadores da área da educação. A ANPEd tem um total de 23 Grupos de Trabalho, sendo o 17º o de Filosofia da Educação (GT 17).

¹⁵³ A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) foi fundada em 1976, encontra-se sediada no Rio de Janeiro e pretende, desde os seus alvares, promover a universalização e o desenvolvimento da Educação no Brasil. Sob esse propósito, tem contribuído, notoriamente, para a fomentação da investigação e para o fortalecimento da formação pós-graduada em educação nesse país.

Através da análise do estudo de Antônio Joaquim Severino intitulado, *Os 20 Anos do GT Filosofia da Educação e sua contribuição para a constituição do campo investigativo da Filosofia da Educação*¹⁵⁴, entende-se que a pesquisa sobre Filosofia da Educação, realizada no âmbito do GT, é susceptível de ser dividida em três grandes momentos: o primeiro, compreendido entre 1993 e 1996, caracterizou-se pela germinação do próprio Grupo e pela sua procura da autonomia da Filosofia da Educação face aos restantes Grupos de Trabalho da ANPEd; o segundo, vigente de 1997 a 2005, foi marcado pelo esforço de superação de uma crise na área e pelo propósito de afirmar a constituição de um campo disciplinar próprio; e o terceiro, iniciado em 2006 e vigente até à actualidade, foi o período de efectiva consolidação do campo científico da Filosofia da Educação tendo sido a interlocução em torno da formação humana o tema aglutinador e o objectivo privilegiado do Grupo.

Atravessada por fases diversas, algumas delas de crise, a Filosofia da Educação brasileira tem lutado, ao longo da sua História, para afirmar a sua presença no debate pedagógico brasileiro.¹⁵⁵

20.1.3. Filosofia da Educação em França

O surgimento da leccionação da Filosofia da Educação em França ocorreu no contexto da reforma educativa da III República, acontecida nos anos oitenta do século XIX que, num tempo marcado pelo positivismo, promoveu o surgimento dos primeiros cursos de Pedagogia leccionados na *Université Sorbonne* (Paris), por Henri Marion e na *Université de Lyon*, por Raymond Thamin (Vicente, 2008).

A criação de uma nova disciplina designada como *Science de l'Éducation*, graças ao trabalho dos filósofos Gabriel Compayré, Félix Pécaut, Raymond Thamin, Octave Gréard, Henri Marion e Ferdinand Buisson¹⁵⁶, originou uma inovadora relação Filosofia/educação na

¹⁵⁴ SEVERINO, A. J. (2013). *Os 20 anos do GT Filosofia da Educação e sua contribuição para a constituição do campo investigativo da Filosofia da Educação*. Trabalho encomendado. ANPEd. Outub. 2013.

¹⁵⁵ Sobre História da Filosofia da Educação no Brasil consultar: TOMAZETTI, E. (2003). *Filosofia da Educação. Um estudo sobre a disciplina no Brasil*. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUI; MENDES, D. T. (1983). *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

¹⁵⁶ A atribuição do título de filósofos da educação a Gabriel Compayré, Félix Pécaut, Raymond Thamin, Octave Gréard, Henri Marion e Ferdinand Buisson não é consensual. A este respeito Jean Houssaye afirma que: "*Notons cependant que ces philosophes ne produisent pas de philosophie de l'éducation à proprement parler, ils ne sont pas des philosophes de l'éducation, mais des professeurs de pédagogie ou de science de l'éducation*" (2009:

qual a Filosofia da Educação “foi transformada em suporte ideológico da ciência da educação”¹⁵⁷ (Vicente, 2008: 381) e a Psicologia passou a assumir o estatuto de ciência arquitectónica da educação.

Quoi qu'il en soit, la pédagogie devient science parce qu'elle se résout, se dissout en savoir psychologique appliqué. La philosophie classique nourrira la psychologie expérimentale et en fait la pédagogie expérimentale de Binet, Claparède, Buyse ou Aurélien Fabre. Grâce à la philosophie, la pédagogie meurt, la science puis les sciences de l'éducation naissent (Houssaye, 2009: 169).

Em 1905, com Émile Durkheim como responsável pela cátedra de *Science de l'Éducation*, o lugar até à data ocupado pela Psicologia passou a ser disputado pela Sociologia. Assistiu-se, por um lado, à defesa da importância da Sociologia, assumida por Durkheim e, por outro, à defesa da Psicologia, representada por Édouard Claparède.

A definição do campo específico da Filosofia da Educação, no quadro das Ciências da Educação, teve que aguardar pelo ano 1967 em que se destacou o contributo de Gaston Mialaret e em que as Ciências da Educação entraram pela “porta grande” dos saberes universitários. Nesse período ficou definido que caberia à Filosofia da Educação “interrogar e dar resposta à questão dos fins e dos valores da educação”, visto ninguém ter contestado a declaração que afirmava que “a ciência não pode colocar questões que relevam da ética e da axiologia” (Vicente, 2008: 386). Neste mesmo período, o campo da Filosofia da Educação foi animado pela chegada de Olivier Reboul ao mundo universitário francês. Conhecedor da realidade universitária norte-africana e canadiana, por ter leccionado nas Universidades de Tunes e de Montreal, a inclusão de Olivier Reboul no corpo docente da Universidade de Estrasburgo promoveu uma dinâmica na actividade da Filosofia da Educação extensível a várias outras Universidades francesas e europeias. Outro filósofo da educação francês, cujo pensamento sobre a problemática da epistemologia das Ciências da Educação teve repercussões nacionais e internacionais, foi o Professor da *Université de Toulouse-le Mirail* Louis Not.

A partir de 1991, na sequência da homologação da *Loi d'orientation sur l'éducation 89-*

169).

¹⁵⁷ Apesar da notoriedade da função assumida pela Filosofia da Educação no quadro da *Science de l'Éducation* as críticas não tardaram e perpetuaram-se tendo sido, nessa consonância, publicadas certas obras como: NIZAN, P. (1932). *Les Chiens de Garde*. Paris: Rieder; CHÂTELET, F. (1970). *La Philosophie des professeurs*. Paris: Grasset; THUILLIER, P. (1970). *Socrate fonctionnaire*. Paris: Laffont.

486 promulgada a dez de Julho de 1989, foram criados em França os IUFM - *Institut Universitaire de Formation de Maîtres* que, tratando-se de estabelecimentos públicos de Ensino Superior ligados a uma ou a várias Universidades cuja acção prioritária se debruçou sobre a formação profissional inicial de professores¹⁵⁸, se converteram no *locus* mais interessado em repensar a Filosofia da Educação. No campo da Filosofia da Educação francesa, distinguiram-se os trabalhos de Anne-Marie Drouin-Hans, Michel Fabre, Muriel Brançon, Sébastien Charbonnier, Gilles Boudinet e Pierre Billouet.

20.1.4. Filosofia da Educação em Espanha

A disciplina de Filosofia da Educação, apesar de ter sido introduzida no contexto académico espanhol no ano lectivo 1934-1935, só começou a estar presente em várias Universidades a partir da década de cinquenta no seguimento de um esforço efectivo para clarificar o seu próprio estatuto epistemológico. Imbuída numa situação equívoca, no respeitante à sua identidade, a Filosofia da Educação em Espanha começou a ter ressonância bibliográfica e académica, nas Escolas do Magistério, como um género de Filosofia para educadores, uma vez que se tratava de uma antologia das questões estritamente filosóficas consideradas pertinentes no processo de formação dos futuros professores (Gómez, 1992). Nesse mesmo período, a docência de Filosofia da Educação em curso nas Faculdades de Filosofia e de Letras assumiu contornos distintos, uma vez que a maioria dos trabalhos realizados teve por base um estudo metafísico aplicado à educação.

La Filosofía de la Educación concluye siendo considerada como un tratado especial de Metafísica, que tendría como principal misión el estudiar ontológicamente la realidad educativa (Gómez, 1992: 89).

Este enfoque metafísico da Filosofia da Educação, protagonizado por filósofos como Pacios, González Alvarez, Zaragueta, San Cristóbal e García Hoz, prevaleceu nas Universidades espanholas durante cerca de duas décadas. Só começou a decair no princípio dos anos setenta quando o enfoque dedutivo, ou seja, o levantamento das grandes deduções que podem ser feitas para conceber o ideário educacional contemporâneo, a partir do estudo de relevantes correntes, movimentos ou pensamentos filosóficos do passado,

¹⁵⁸ Além da formação profissional inicial de professores os IUFM também se dedicam à formação contínua de professores e à investigação em educação.

ganhou importância no campo da Filosofia da Educação espanhola.

Como difusor pioneiro do enfoque dedutivo da Filosofia da Educação em Espanha, destacou-se Millán Puelles, primeiro Professor Catedrático de Filosofia da Educação em Espanha e conhecedor profundo da tradição clássica e da Filosofia contemporânea alemã, por ter enfrentado, durante o seu trabalho, variadas problemáticas filosófico-educativas, entre as quais se evidenciou a problematização decorrente do processo de formação da personalidade humana (Gómez, 1992).

Na transição da década de setenta para a década de oitenta, a Filosofia da Educação analítica acusou algumas ressonâncias em Espanha, principalmente na esteira do ministério e das publicações dos Professores Ibáñez-Martín e Serafín Vegas González. Porém, os anos oitenta ficariam para a História da Filosofia da Educação espanhola como tendo sido o período de expansão da Filosofia da Educação na maioria das Universidades e, simultaneamente, como momento inaugural de uma nova forma de conceber a disciplina:

Una reflexión radical sobre los supuestos profundos de la educación necesita de un buen conocimiento de la historia, un fino ejercicio del análisis del lenguaje y un amplio dominio de numerosas conclusiones de la antropología filosófica. Esta reflexión radical tiene un ancho campo que no debe reducirse a la determinación de la categoría ontológica en la que haya de inscribirse el peculiar ser de la educación, ni al enjuiciamiento de la educabilidad desde una perspectiva metafísica, cuestiones sin duda interesantes para el especialista, pero escasamente significativas para la gran mayoría de los relacionados con el proceso (Fermoso, 1976: 172).

Sob o espectro desta nova concepção da Filosofia da Educação foi iniciada uma via de investigação dos problemas educativos, cuja solução precisava, indubitavelmente, da ajuda da Filosofia. A proliferação deste tratamento filosófico da educação, pautado tanto pela virtualidade metodológica do procedimento histórico como do analítico, passou a delegar maior relevância às questões antropológicas. Teve, por representantes maiores, os Professores Fullat na *Universidad Autónoma de Barcelona*, Escámez na *Universidad de Valencia* e Altarejos na *Universidad de Navarra*. Desde então, a Filosofia da Educação espanhola, apesar de não se verificar unânime em relação à concepção do objecto formal da Filosofia da Educação, tem-se revelado consensual no referente ao entendimento da Filosofia da Educação como Filosofia, ou como Filosofia aplicada, uma vez que a educação passou a ser entendida, fundamentalmente, como resultado e como acção que carece de reflexão

filosófica¹⁵⁹ (Gómez, 1992).

20.1.5. Filosofia da Educação no Reino Unido

Provavelmente, a obra de James Simpson, publicada em 1834 em Edimburgo, terá sido o primeiro livro a surgir no mundo com o título *Filosofia da Educação* (Ibáñez-Martín, 2006). Contudo, o aparecimento disciplinar da Filosofia da Educação no mundo académico britânico, só se concretizou passado mais de um século.

A disciplina de Filosofia da Educação foi pioneiramente leccionada no Reino Unido, em 1947, sob o ministério de Louis Arnaud Reid no *Institute of Education – University of London*¹⁶⁰. No entanto, segundo Richard Peters (1983), a Filosofia da Educação no Reino Unido, no período anterior à década de sessenta do século XX (revolução analítica da Filosofia da Educação), foi ministrada como estudo do pensamento educacional das grandes figuras da Filosofia, de acordo com a cronologia da própria História da Filosofia. Segundo Peters, essa leccionação de Filosofia da Educação revestiu-se de três problemas maiores: excesso de História em prejuízo da Filosofia, ausência de análise filosófica aos textos filosóficos abordados e escassez de organização e de sentido face às questões levantadas.

Visando contrariar a tendência historicista da Filosofia da Educação leccionada no Reino Unido, Richard Peters, ao assumir a cátedra da disciplina em 1962, promoveu o entendimento e a prática deste campo disciplinar, sobretudo, “como análise, crítica e clarificação da linguagem da educação, pretendendo libertá-la das questões e problemas metafísicos que considerava não só insolúveis mas, inclusive, sem sentido” (Vicente, 2008: 371).

Fiel à tradição analítica, a Filosofia da Educação britânica, durante a década de sessenta e de setenta do século passado, viveu um período de substancial desenvolvimento a julgar pela plêiade de filósofos que Peters conseguiu levar a participar no debate educacional que,

¹⁵⁹ Para melhor esclarecimento sobre “*La aventura académica de la Filosofía de la Educación en España*” consultar o texto de David Sacristán Gómez intitulado *La Filosofía de la Educación en España* presente na obra AA. VV. (1992). *La Filosofía de la Educación en Europa*. Madrid: Dykinson.

¹⁶⁰ Apesar do contributo determinante de Louis Arnaud Reid para a introdução disciplinar da Filosofia da Educação no mundo académico britânico, foi após a sua jubilação em 1962 que, com Richard Stanley Peters a assumir a cátedra da disciplina, que teve início “*a revolución y expansion de la Filosofía de la Educación británica*” (Orbe y Cantero, 1992: 229).

usualmente designada como *London Line*, foi integrada por vultos de peso da Filosofia da Educação analítica como Hardie, O'Connor, Moore e Snook.

Peters's ability to solicit the participation of notable philosophers in the education debate, constructed solid points of contact between philosophy and philosophy of education. From 1965 to 1975 analytic philosophy was philosophy of education and philosophy of education was the London Line (Kaminsky, 1993: 176).

Contudo, durante a década de setenta, começaram a surgir críticas agudizadas à Filosofia da Educação analítica e aos resultados da sua pesquisa, apontando o seu descomprometimento com a problemática do quotidiano educativo, o seu manifesto desinteresse pelas questões de teor axiológico e ético e o excesso de prevalência da Filosofia analítica e da influência do pensamento de Peters no entendimento e na prática da Filosofia da Educação.

But while Peters's work established philosophy of education in Britain, the towering stature of his thought obstructed its development; that is, Peters's influence was so pervasive and powerful that neither the staff who taught at the institute nor its graduates seem to have been able to escape the ambit of Peters's thought. It is not merely that they shared a conviction that analytic philosophy was a useful style for the conduct of philosophy of education; it is that those individuals were transfixed by Peters's use of analysis for the investigation of education (Kaminsky, 1993: 176).

Num texto intitulado *Philosophy of Education*¹⁶¹, publicado em 1983, Richard Peters reconheceu que, ao longo da sua trajectória, incorreu em alguns equívocos, nomeadamente ao pretender deduzir demasiadas coisas do conceito de educação, uma vez que chegou a crer que esse seria mais indeterminado do que o que se veio a revelar, e por não ter propiciado uma maior profundidade filosófica à Filosofia da Educação, principalmente no referente à questão da autonomia pessoal e do processo de tomada de decisão individual no âmbito do processo educativo.

O processo educativo em geral e o processo de formação de professores, em particular, tratando-se de um problema de manifesto interesse tanto para Peters como para outros filósofos da educação britânicos, como Robert Dearlen, incutiram à Filosofia da Educação a missão de equacionar a relação entre a teoria e a prática da educação de modo a poder

¹⁶¹ PETERS, R. S. (1983). *Philosophy of Education*. In HIRST, P. H. (Ed.). *Educational Theory and its Foundation Disciplines*. Hershey: Routledge & Kegan Paul.

fortalecer a carga teórica da formação de professores e de educadores em nome do melhoramento da sua capacitação profissional (Orbe y Cantero, 1992).

Por outro lado, o trabalho filosófico-educacional desenvolvido por Hirst, dedicado ao tratamento de questões epistemológicas e curriculares, foi outro marco importante na História da Filosofia da Educação no Reino Unido. Acreditando que a educação consiste, principalmente, no desenvolvimento da razão e que o *curriculum* deveria ser baseado na natureza do conhecimento, Hirst intentou contribuir para o melhoramento da prática educativa.

Balanceando os momentos principais desta fase inicial da História da Filosofia da Educação britânica é viável identificar três núcleos de problemas que conferiram conteúdo à disciplina: o conceito de educação, o universo do seu discurso e as suas metáforas explicativas; os objectivos e os conteúdos da educação; a relação da Filosofia da Educação com a teoria da Educação (Orbe y Cantero, 1992).

No primeiro núcleo, apostado em problematizar o conceito de educação, distinguiu-se o trabalho realizado por Peters, Dearden, Pat White, David Aspin, Robert Elliott, Charlton, Hudson, Lawton, Holton, Wilson, Darling, Harnnet, Naish, Wilfred Carr, Langford, MacIntyre, David Cooper, Ruth Jonathan, Pdraig Hogan e Jim Mckenzie.

No segundo núcleo, dedicado a reflectir sobre os objectivos e os conteúdos da educação, demarcou-se o trabalho desenvolvido por Peters, Dearden, Carr e Arnold.

No terceiro núcleo, interessado em esclarecer a relação Filosofia da Educação/Teoria da Educação, os protagonistas principais foram Hirst, O'Connor, Harnett, Naish, Wilson e Moore.

Passada a euforia analítica, a Filosofia da Educação britânica “entrou num certo impasse, numa indefinição de objecto e de método”, revelando-se desprovida de “um rumo consensual” que viria a inaugurar um período marcado pela integração no campo de “filósofos de orientações distintas, a trabalhar numa grande variedade de campos” que incutiram à disciplina “um ecletismo provavelmente nunca antes visto” (Vicente, 2008: 372). No entanto, segundo a opinião de Alis Oancea, Professora de Filosofia da Educação na *Oxford University*, e de David Bridges, Professor de Filosofia da Educação na *Cambridge University*, a disciplina tem sido capaz de assegurar uma actividade dinâmica de pesquisa e tem consolidado a sua reputação internacional.¹⁶²

¹⁶² Sobre Filosofia da Educação no Reino Unido consultar: ORBE y CANTERO (1992). *La Filosofía de la Educación*

In the UK, although systematically excluded from initial teacher education and much reduced in masters level programmes under the current funding regimes, the discipline has maintained considerable vitality and international reputation (Oancea, y Bridges, 2009: 553).

20.1.6. Filosofia da Educação na Alemanha

A Alemanha foi um país onde, ao longo do século XX, se desenvolveu uma profunda reflexão filosófica sobre a educação, pautada por três orientações distintas: a Pedagogia como ciência do espírito, a Pedagogia da emancipação e a teoria crítica da educação (Vicente, 2008).

Durante a década de vinte, a Pedagogia como ciência do espírito destacou-se no contexto filosófico-educacional alemão graças ao trabalho de Dilthey, Herman Nohl, Spranger, Litt, Weniger, Guardini, Bollnow e Derbolav que, debruçados sobre as questões da Antropologia Pedagógica e da Pedagogia do encontro estiveram, particularmente, atentos à dimensão comunicativa e relacional da educação.

Com a ascensão do nazismo, assistiu-se a uma alteração do contexto educacional alemão e à prevalência temporária de uma ideologia pedagógica que visava precipitar a juventude no nacional-socialismo.

Nos anos posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha sentiu necessidade de repensar a educação do seu povo e, nessa sequência, começaram a desenvolver-se as posturas críticas da *Escola de Frankfurt* que, a partir da década de sessenta, viriam a promover condições para consolidar o movimento da Pedagogia da Emancipação que teve como principais protagonistas Mollenhauer, Lempert, Klafki e Blankertz, pensadores apostados na reflexão sobre as condições de emancipação e de libertação do sujeito face às condicionantes capazes de limitar a sua racionalidade e a sua acção.

Nesse mesmo período, o mundo académico germânico problematizou o processo de fundação das Ciências da Educação, principalmente graças à Pedagogia Experimentalista (*Empirische Erziehungswissenschaft*) de Brezinka que reclamava a passagem da Pedagogia à

en el Reino Unido. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. Madrid: Dykinson. pp. 229-281; KAMINSKY (1993). *A New History os Educational Philosophy*. Westport: Greenwood Press.

Ciência da Educação, “contestando o carácter *a priori* e a falta de rigor metodológico da Pedagogia Tradicional alemã presente nas 'belas abstracções' da hermenêutica diltheyana” (Vicente, 2008: 368). Outros vultos da Filosofia alemã que se destacaram na defesa da ciência da educação foram Eduard Spranger, Erich Weniger, Hermann Nohl, Theodor Litt, Flitner, Fischer, Bollnow, Reble e Jan Martinus Langeveld.

Do debate protagonizado pelos partidários da teoria crítica e pelos defensores da Filosofia da Educação como ciência da educação, resultou uma evolução interna das posições de ambas as correntes que, apesar de não terem chegado a um consenso, a partir da década de oitenta, foram unânimes na consideração da necessidade de retomar a reflexão filosófica como fundamentação pedagógica.

No prosseguimento desse debate educacional que, no âmbito das teorias críticas, se destacou, no campo filosófico-educacional e pedagógico, o trabalho de Adorno, Horkheimer, Marcuse e Habermas, Apel e Schaller, cujas repercussões se verificaram extensíveis para lá das fronteiras da Alemanha.

Las sugerencias de la Escuela de Frankfurt para rehabilitar una democracia no engañosa – como la que precedió y elevó a Hitler al poder – dieron como resultado la propuesta, todavía muy presente en la discusión y en la bibliografía científica actual, de una 'ética dialógica'. Se busca una serie de condiciones de procedimiento, es decir, no axiológicas sino puramente formales, para que se verifique un 'diálogo libre de dominio' (*Herrschaftsfreier dialog*) y que garantizaran consensos significativos y eficaces a la hora de organizar la vida social. Tales condiciones serían principalmente las siguientes: que ningún afectado sea eliminado del diálogo, que su posición en la discusión no sea coaccionada por la violencia física o moral, que todos tengan igual derecho a la intervención y a la réplica y que sus aportaciones tengan una incidencia efectiva en el resultado. La traducción del esquema de la 'ética del consenso' – diseñada sobre todo en las tesis de Habermas y Karl-Otto Apel – al ámbito de la pedagogía ha sido llevada a cabo principalmente por Klaus Schaller (Maestre y Corbella, 1992: 28-29).

Porém, reflectir sobre a disciplina de Filosofia da Educação na Alemanha implica tomar em consideração a Pedagogia como ciência do espírito, a Pedagogia da emancipação e a teoria crítica da educação, uma vez que a expressão conceptual Filosofia da Educação não foi, explicitamente, adoptada no mundo académico alemão.¹⁶³

¹⁶³ Sobre Filosofia da Educação na Alemanha consultar: BARRIO y CORBELLA (1992). La Filosofía de la Educación en Alemania. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. Madrid: Dykinson. pp. 25-65.

20.2. O surgimento de eventos científicos, de associativismo e de periódicos

Uno de los indicadores de la vida y del dinamismo de una determinada sociedad científica lo constituye tanto su presencia en congresos, simposios, seminarios, revistas especializadas..., como su capacidad de convocatoria, cuando ella misma organiza reuniones sobre temas de su especialidad, a nivel nacional e internacional (Gómez, 1992: 112).

20.2.1. Os eventos científicos e o associativismo

O primeiro organismo associativista especificamente relacionado com a Filosofia da Educação, surgido em Portugal, foi a Secção de Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação criada em 1989, em boa parte graças à pertinácia do filósofo da educação José Ribeiro Dias que, nesse mesmo ano, tratou de organizar na Universidade do Porto, o primeiro Congresso da Sociedade, subordinado ao tema *Ciências da Educação em Portugal – Situação actual e perspectivas*¹⁶⁴.

No ano seguinte, foi criado, sob a direcção do filósofo da educação Manuel Ferreira Patrício, um outro organismo associativista, proximamente relacionado com o campo científico da Filosofia da Educação, designado como Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural.

Porém, somente em 1996 é que foi fundado o Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, integrando um centro de investigação, viria a constituir-se como principal impulsionador do associativismo corporativo e da divulgação científica da pesquisa realizada no campo da Filosofia da Educação em Portugal.

A regularidade dos encontros científicos do campo da Filosofia da Educação começou a

¹⁶⁴ A Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, depois do supra referido primeiro Congresso, organizou, desde então, mais nove Congressos em várias Instituições de Ensino Superior nacionais, respectivamente: em 1995 na Universidade do Minho, em 1997 na Universidade de Lisboa, em 1999 na Universidade de Aveiro, em 2001 na Universidade do Algarve, em 2003 na Universidade de Évora, em 2005 no Instituto Politécnico de Castelo Branco, em 2007 na Universidade da Madeira, em 2009 no Instituto Politécnico de Bragança e em 2011 no Instituto Politécnico da Guarda.

ter expressão a partir desse período e, desde então, foram realizados em 1997 o I Colóquio de Filosofia da Educação na Universidade dos Açores e o I Encontro Nacional de Filosofia da Educação na Universidade do Minho; em 1998 a I Conferência Internacional de Filosofia da Educação na Universidade do Porto; em 1999 o II Colóquio de Filosofia da Educação na Universidade dos Açores; em 2003 o I Congresso da Secção de Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (*A Revolução das Ideias e das Teorias Pedagógicas. Desafios para o Futuro*) no Instituto Politécnico de Castelo Branco; em 2004 o Colóquio intitulado *Os limites e os sentidos da educação contemporânea* na Universidade do Porto; em 2005 a II Conferência Internacional de Filosofia da Educação (*Os Limiares Contemporâneos da Educação. Perspectivas Filosóficas*) na Universidade do Porto.

Contudo, face à contemplação do período de surgimento no contexto académico internacional de sociedades similares, constata-se o atraso do associativismo do campo filosófico-educacional nacional.

No caso dos Estados Unidos da América, a John Dewey Society (JDS), fundada em 1935, ficaria para a História como sendo a primeira associação consagrada à reflexão filosófica sobre a educação e que surtiu manifesta influência na forma de exercer, organizar e conceber a Filosofia da Educação.

The John Dewey Society was the beginning of philosophy of education as we now know it – a bureaucratic organization, housed in various institutions of tertiary education, supported by salaried chairs and lectureships, discoursing through the books and journals of the academic press, meeting from time to time to discuss the intellectual issues of the moment (Kaminsky, 1993:54).

Como alternativa à John Dewey Society surgiu, em 1941, a *Philosophy of Education Society* (PES), fazendo com que o campo filosófico-educacional norte-americano passasse a usufruir de uma associação de carácter estritamente profissional em oposição à John Dewey Society, cujo perfil era, tendencialmente, militante (Égée-Kuehne, 1997).

No respeitante ao Reino Unido, a existência de sociedades debruçadas sobre o corpo de saberes alusivos ao campo da Filosofia da Educação remonta à década de sessenta do século passado, designadamente ao ano de 1965, momento em que foi fundada a *Philosophy of Education of Great Britain* (PESGB), sob a presidência do Professor Louis Arnaud Reid que, desde que foi criada, assumiu uma dinâmica de organização de eventos científicos e de publicação notável.

No que concerne à realidade associativista do campo da Filosofia da Educação em Espanha, apesar da presença da Filosofia da Educação em encontros científicos ter sido iniciada em 1949, no âmbito do *Congreso Internacional de Pedagogía* acontecido em Santander, não é viável afirmar a existência consolidada de eventos científicos neste campo disciplinar até meados da década de setenta, uma vez que, até essa data, não existia no contexto académico espanhol nenhum tipo de sociedade de Filosofia da Educação (Fermoso, 1985). Foi a partir da realização do *Congreso Nacional de Pedagogía* de 1976 que, com a criação de uma secção dedicada à Filosofia da Educação, fossem criadas as condições primeiras para que o campo passasse a assumir um novo *devoir*. Outro contributo essencial à actividade filosófico-educacional espanhola foram as *Jornadas de Filosofía de la Educación* de 1982 realizadas na *Universidad Autónoma de Barcelona*, sob a direcção de Octavi Fullat. Porém, somente a partir de 1987, com a organização do primeiro *Seminário Interuniversitário de Filosofía de la Educación* tutelado por Rafael Gil Colomer da *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED, Madrid), é que o debate do campo disciplinar da Filosofia da Educação começou a ganhar verdadeira dinâmica, quer pela consequente realização anual desses seminários, quer pela organização dos três *Congresos Internacionales de Filosofía de la Educación*, realizados em 1988, 1992 e 1996 na *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED, Madrid), quer pelo impulso à publicação de três obras básicas de Filosofia da Educação (AA.VV. (1989). *Filosofía de la Educación hoy: Conceptos, autores, temas*. Madrid: Dykinson; (1991). *Filosofía de la Educación hoy: Autores, selección de textos*. Madrid: Dykinson; (1997). *Filosofía de la Educación hoy: Diccionario*. Madrid: Dykinson). Outro acontecimento relevante para o campo da Filosofia da Educação, realizado em Espanha, foi a celebração, em 1988, do *Simposio Internacional de Filosofía de la Educación* (Estébanez, 1998). Merecem também referência, a realização do *Symposium Internacional de Filosofía de la Educación* de 1988, organizado em Barcelona, sob a direcção de Octavi Fullat e a celebração do *Ciclo de Conferências sobre La Filosofía de la Educación* de Jacques Maritain, coordenado por Gil Colomer em 1986 (Gómez, 1992).

No Brasil, a criação em 1994, do *Grupo de Trabalho de Filosofia da Educação* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), também conhecido como GT de Filosofia da Educação ou como GT 17, alterou, radicalmente, a dinâmica de produção do campo da Filosofia da Educação. Criado a partir de uma proposta

elaborada por trinta e nove participantes da 16ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em 1993, intentava promover “um espaço mais abrangente para o debate sistematizado de temas filosóficos e de temas correlatos emergentes das várias áreas científicas que têm a educação como objecto de pesquisa” (Severino, 1996: 1-2). Sob a coordenação dos Professores António Severino da Universidade de São Paulo (USP), Newton Duarte da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Ari Jantsch da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1994, foi organizado, no contexto da 17ª Reunião anual da ANPEd, o primeiro encontro de investigadores da área da Filosofia da Educação (Albuquerque e Dias, 2012) e, desde então, a pesquisa realizada no campo da Filosofia da Educação, no Brasil, revelou-se bastante mais profícua.

Em França, meramente no ano de 2006 é que foi criada uma sociedade científica especialmente dedicada à promoção das exigências da tradição filosófica no campo da educação, nomeadamente a *Société Francophone de Philosophie de l'Éducation* (SPFPHIED) que, desde então, tem promovido a organização de vários Colóquios¹⁶⁵, Jornadas de Estudo¹⁶⁶ e a publicação de algumas obras¹⁶⁷. A primeira obra publicada na sequência do trabalho realizado pela *Société Francophone de Philosophie de l'Éducation*, intitulado *Relativisme et Education*¹⁶⁸, foi dirigido pela Presidente da SPFPHIED Anne-Marie Drouin-Hans. O prefácio foi escrito pelo Professor Alain Renaut da *Université de Paris IV* e o posfácio foi redigido pelo Professor Didier Moreau da *Université de Nantes*. Contém, também, textos da autoria de vários outros filósofos da educação, entre os quais os dos Professores Adalberto Dias de Carvalho e Paula Cristina Pereira da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No entanto, apesar da dinâmica nacional e internacional fomentada pelos filósofos pertencentes ao Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de

¹⁶⁵ Os Colóquios promovidos sob a organização da *Société Francophone de Philosophie de l'Éducation*, foram: em 2007 *Le Relativisme* na *Université Paris-Sorbonne*, em 2009 *Repenser l'enfance* na *Université Paris-Sorbonne*, em 2011 *L'Individu et le Collectif* na *Université Paris-Sorbonne* e em 2012 *L'Emile vu d'aujourd'hui* no *Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle*.

¹⁶⁶ As jornadas de estudo organizadas pela *Société Francophone de Philosophie de l'Éducation*, foram: em 2008 *La Philosophie de l'Éducation aux États-Unis*, em 2010 *Sociologie et Philosophie de l'Éducation* e em 2013 *La Compétence en Education et en Formation. Usages et Enjeux*, todas realizadas na *Université Paris-Sorbonne*.

¹⁶⁷ As obras publicadas no decurso do trabalho realizado pela *Société Francophone de Philosophie de l'Éducation*, foram: DROUIN-HANS (Dir.) (2008). *Relativisme et Education*. Paris: L'Harmattan; AA. VV. (2009). *Repenser l'enfance*. Paris: Editions-Hermann; DROUIN-HANS, A. M. (Textes rassemblés por Anne-Marie DROUIN-HANS) (2012). *Philosophie de L'Éducation. Itinéraires américains*. Paris: L'Harmattan.

¹⁶⁸ DROUIN-HANS (Dir.) (2008). *Relativisme et Education*. Paris: L'Harmattan.

Letras da Universidade do Porto, constata-se que o dinamismo dos eventos e do associativismo da Filosofia da Educação em Portugal, em relação ao restante contexto internacional, permaneceram, historicamente, aquém da potencialidade científica do campo disciplinar.

20.2.2. O surgimento de um periódico exclusivamente dedicado às publicações alusivas ao campo filosófico-educacional

O primeiro periódico surgido em Portugal exclusivamente dedicado à publicação de artigos científicos do campo da Filosofia da Educação foi ao prelo em 2005, sob o título de *Itinerários de Filosofia da Educação*, graças ao trabalho realizado pelos elementos do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Não obstante, confrontando a data do seu surgimento com o de periódicos congéneres publicados noutros países, verifica-se o atraso do seu aparecimento.

Nos Estados Unidos da América, o surgimento do periódico anual, em 1935, designado como John Dewey Society Yearbook, tratando-se da “official voice of the society” (Kaminsky, 1993, 61), foi a primeira publicação do campo específico da Filosofia da Educação. Posteriormente, em 1951, foi publicado o primeiro número do jornal *Educational Theory*, no seguimento do impulso concedido pela John Dewey Society, pela Philosophy of Education Society e pela Universidade de Illinois, onde viria a ficar sediado. Em 1960 o periódico *Studies in Philosophy and Education* iniciou a sua publicação e, em Janeiro de 1976, a *John Dewey Society* publicou a primeira série de textos sobre Filosofia da Educação, por sugestão da Professora Mary Anne Raywid da *Hofstra University*, originando o surgimento do primeiro número do primeiro volume do *Educational and Culture: The Journal of the John Dewey Society*, sob a direcção dos Professores Janice Weaver do *Glassboro State College*, Gerard Reagan da *Ohio State University* e Gordon Ruscoe da University of Louisville, tendo por tema *Bilingual Education – Current Issues in Education*.

No Reino Unido, o periódico intitulado *Proceedings of the Philosophy of Education Society of Great Britain*, deu à luz o seu primeiro número em 1966, tendo assegurado a continuidade das suas edições até 1978, ano em que o seu título foi alterado para *Journal of*

Philosophy of Education, nomenclatura que mantém até à actualidade.

Sobre o despontar de periódicos respeitantes ao campo da Filosofia da Educação no Brasil, a revista *Educação e Filosofia*, publicada pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, publicou o seu primeiro número em 1986 e, somente em 2003, é que surgiu a sua congénere, sob o título *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* (RESAFE) que, tratando-se igualmente de um periódico semestral, tem a sua sede na Universidade de Brasília (UnB).

A respeito de periódicos sobre Filosofia da Educação em França, destaca-se *Le Télémaque. Philosophie, Éducation, Société* que, tendo iniciado a sua publicação em 1994, sob a direcção do Professor Alain Vergnion da *Université de CAEN Basse-Normandie*, tem contribuído para a divulgação da pesquisa realizada em França sobre o campo da Filosofia da Educação. Um outro periódico francês sobre Filosofia da Educação que, desde 1996, se tem dedicado à publicação de artigos sobre Filosofia da Educação é a *Revue Penser l'Éducation: Philosophie de l'Éducation et Histoire des Idées Pédagogiques* que, tratando-se de uma revista interuniversitária internacional, começou a ser publicada contando com a participação de membros de Universidades de doze países, entre os quais consta a participação dos Professores António Nóvoa da Universidade de Lisboa e M. Dias de Carvalho da Escola Superior de Educação P. Frassinetti.

No que se refere a órgãos de publicação periódica sobre Filosofia da Educação em Espanha, David Sacristán Gómez afirmou que “no existe aún ninguna revista que se dedique de forma específica a la Filosofía de la Educación” (1992: 114) e María García Amilburu e Juan García Gutiérrez declararam que “no existe en España ninguna revista especializada que se dedique en exclusiva a la Filosofía de la Educación” (2012). Contudo, é frequente a publicação de artigos sobre Filosofia da Educação em algumas das mais prestigiadas revistas do âmbito da investigação educativa publicadas em Espanha, tal como: na *Revista Española de Pedagogía y Bordón*, na *Aula Abierta*, na *Educar*, na *Revista PAE'D*, na *Revista de Ciencias de la Educación* e na *Revista Interuniversitaria de Teoría de la Educación* (Gómez, 1992). O periódico *Anales de Pedagogía: Revista de la Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación de la Universidad de Murcia*, também tem publicado, desde o seu primeiro número de 1983, artigos de Filosofia da Educação e a revista *Teoría de la Educación – Revista Interuniversitaria*, publicada desde 1996, também tem divulgado artigos afins ao

campo da Filosofia da Educação.

Não obstante, confrontando a data de surgimento do primeiro periódico português especificamente dedicado ao campo da Filosofia da Educação, constata-se que o seu aparecimento foi tardio, tanto face ao sucedido noutros países, principalmente em relação aos Estados Unidos da América e ao Reino Unido, como face ao período de fundação das Ciências da Educação e de institucionalização disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal.

20.3. As temáticas e as problemáticas privilegiadas pelos filósofos da educação

O intuito de cientificar a educação, desencadeado na transição do século XIX para o século XX, implicou a estipulação de uma nova relação Filosofia/educação que, em diferentes países, se repercutiu de diferentes modos.

Ao longo da História da Filosofia da Educação em Portugal, os filósofos da educação portugueses dedicaram particular atenção a um conjunto de temas filosófico-educacionais, sendo, alguns deles, prevaletentes nos programas de ensino da disciplina e nas publicações dos textos redigidos pelos elementos do campo. No entanto, a análise dos temas aos quais foi dedicada maior atenção, quer a nível de conteúdos programáticos quer nas publicações, revela, simultaneamente, um conjunto de temas descurados pelos membros do campo da Filosofia da Educação nacional.

Começando por abordar os temas filosófico-educacionais, premeditadamente tratados pelos filósofos da educação portugueses, constata-se que as questões relacionadas com o papel da Filosofia no processo de formação de professores e com o estatuto epistemológico da disciplina no quadro das Ciências da Educação foi tema privilegiado, tanto na leccionação da disciplina como nas várias obras publicadas pelos Professores Olga Pombo¹⁶⁹, José Ribeiro

¹⁶⁹ POMBO, O. (2002) *A Escola, a Recta e o Círculo*. Lisboa: Relógio D'água.

Dias e Alberto Filipe Araújo¹⁷⁰, Adalberto Dias de Carvalho¹⁷¹, Manuel Ferreira Patrício¹⁷² e João Boavida¹⁷³.

Os temas alusivos à antropologia filosófico-educacional foram dos preferidos no contexto do campo da Filosofia da Educação portuguesa, tendo estado presentes, manifestamente, no ministério e na obra dos vários filósofos da educação da Universidade do Minho¹⁷⁴, da Universidade do Porto¹⁷⁵ e da Universidade de Évora¹⁷⁶.

A realidade pretérita filosófico-educacional, a nível nacional e internacional, foi outro assunto recorrente na leccionação disciplinar, nas publicações e, principalmente, como tema de teses de mestrado e doutoramento dos nossos filósofos da educação tanto na Universidade de Lisboa¹⁷⁷, como na do Minho¹⁷⁸ e na de Évora¹⁷⁹. A antologia filosófico-

¹⁷⁰ DIAS, J. R. e ARAÚJO, A. F. (Org.) (1998). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas: Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*. Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos em Educação e Psicologia.

¹⁷¹ CARVALHO, A. D. (1984). *Estatuto da Filosofia da Educação na Investigação Educativa: Contributo para o estudo da situação da Filosofia da Educação no contexto geral da Filosofia com as Ciências*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (1993). *A Construção do Projecto de Escola*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Org.) (2001). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Porto: Edições Afrontamento; CARVALHO, A. D. (2002). *Epistemologia das Ciências da Educação*. 4ª Ed. Porto: Edições Afrontamento.

¹⁷² PATRÍCIO, M. F. (1987). *A Formação de Professores à Luz da Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Texto Editora; PATRÍCIO, M. F. (Org.) (1997). *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos Anos 2000 / II Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora; PATRÍCIO, M. F. (Org.) (2001). *Escola, Aprendizagem e Criatividade / IV Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora.

¹⁷³ BOAVIDA, J. e AMADO, J. (Coords.) (2008). *Ciências da Educação – Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. 2ª Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; BOAVIDA, J. (2010). *Educação Filosófica: sete ensaios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

¹⁷⁴ DIAS, J. R. (2001). *A Realização do Ser Humano: Para a História das Ideias em Educação e Psicologia*. Lisboa: Didáctica; DIAS, José Ribeiro (2009).

¹⁷⁵ CARVALHO, A. D. (1992). *A Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Afrontamento; CARVALHO, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (Org.) (2001). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Porto: Edições Afrontamento; PEREIRA, P. C. (2006). *Do sentir e do pensar – Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*. Lisboa: Edições Afrontamento; CARVALHO, A. D. (2011). *Solidão, Educação e Condição Humana*. Porto: Edições Afrontamento.

¹⁷⁶ PATRÍCIO, M. F. e SEBASTIÃO, L. M. S. (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida: Passos Para uma Pedagogia da Sazeza*. 1ª Imp. Lisboa: Universidade Aberta.

¹⁷⁷ POMBO, O. (Org.) (1997). *Cadernos de História e de Filosofia da Educação. O Museu de Alexandria*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação; POMBO, O. (Org.) (1997). *Cadernos de História e de Filosofia da Educação. Utopia e Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação; POMBO, O. (1998). *Recordar Agostinho da Silva: 10 anos depois*. Publicação On Line; POMBO, O. (2000). *Quatro textos excêntricos. Filosofia da Educação. (Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell e Ortega y Gasset)*. Lisboa: Relógio D'água.

¹⁷⁸ ARAÚJO, A. F. (1997). *O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia; CASULO, J. C. (1997). *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.

¹⁷⁹ PATRÍCIO, M. F. (1984). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea*. Évora: Universidade de Évora.

educativa, tal como as questões antropológicas, revelaram-se os temas predilectos dos filósofos da educação portugueses.

Por sua vez, a problematização das questões éticas e axiológicas foi pouco constante na actividade dos filósofos da educação portugueses. Das poucas excepções a essa tendência foi o trabalho realizado por alguns docentes das Universidades do Minho¹⁸⁰, do Porto¹⁸¹ e de Évora¹⁸².

Nessa consonância, também as questões relativas à política, à cidadania, ao multiculturalismo, aos Direitos Humanos e à complexidade educativa da sociedade contemporânea, foram pontualmente alvo de abordagem por parte de alguns Professores das Universidades do Minho¹⁸³, do Porto¹⁸⁴ e de Évora¹⁸⁵.

O tema da Filosofia da Educação analítica também passou à margem da maioria dos nossos filósofos da Educação, tendo sido o Professor Luís Manuel Bernardo¹⁸⁶ e a Professora

Departamento de Pedagogia e Educação; PATRÍCIO, M. F. (1986). *Anotações Didácticas Sobre a Educação Nova*. Évora: Universidade de Évora; PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*. Porto: Porto Editora; PATRÍCIO, M. F. (1994). *A Filosofia de Henri Bergson/Leonardo Coimbra*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; PATRÍCIO, M. F. (1996). *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda;

¹⁸⁰ DIAS, J. R. (Org.). (2000). *Ocidente: Hontares, Sentidos, Valores / Octavi Fullat*. Braga. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia; DIAS, J. R. (2009). *Educação o Caminho para uma Nova Humanidade: das coisas às pessoas e aos valores*. Porto: Papiro Editora.

¹⁸¹ BAPTISTA, I. (1998). *Ética e Educação – estatuto ético da relação educativa*. Porto: Universidade Portucalense; NASCIMENTO, E., GONÇALVES, J. L., FERNANDES, F. e LEITÃO, P. (2004). *Da ética à utopia em educação*. Lisboa: Edições Afrontamento; BAPTISTA, I. (2005). *Dar rosto ao futuro – A educação como compromisso ético*. Lisboa: Profedições; BAPTISTA, I. (2007). *Capacidade ética e desejo metafísico – Uma interpelação à razão pedagógica*. Lisboa: Edições Afrontamento.

¹⁸² PATRÍCIO, M. F. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. 2ª Imp. Lisboa: Universidade Aberta; PATRÍCIO, M. F. (Org.) (1997). *A Escola Cultural e os Valores: II Congresso da AEPEC*. Porto: Porto Editora.

¹⁸³ DIAS, J. R. (2000). *Ensinar, Educar, Formar. Evolução dos conceitos de Educação, na passagem do milénio*. Lisboa: Didáctica Editora.

¹⁸⁴ CARVALHO, A. D. (2000). *A Educação e os limites dos Direitos Humanos: Ensaio de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora; CARVALHO, A. D. (2000). *A Contemporaneidade como Utopia*. Porto: Edições Afrontamento; CARVALHO, A. D. (2002). *Sentidos Contemporâneos da Educação*.

¹⁸⁵ PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Área Escola no Quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Escola Cultural e a Reforma Educativa*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1992). *Formação Pessoal e Social no quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1993). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. 2ª Ed. Lisboa: Texto Editora; PATRÍCIO, M. F. (Org.) (2002). *Globalização e Diversidade: A Escola Cultural, uma resposta. / V Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora; PATRÍCIO, M. F. e SEBASTIÃO, L. M. S. (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida: Passos para uma pedagogia da Sagesa*. 1ª Imp. Lisboa: Universidade Aberta.

¹⁸⁶ BERNARDO, L. (1998). *Linguagem e Discurso: Uma Hipótese Hermenêutica sobre a Filosofia de Eric Weil*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia Geral. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Maria Clara Oliveira¹⁸⁷ das poucas exceções a essa regra.

De um modo geral, manifestou-se uma tendência para o surgimento de interesses particulares, por parte dos filósofos da educação nacionais, para se especializarem em alguns temas de Filosofia da Educação sem, no entanto, terem dilatado essa área de interesse aos seus pares do campo científico da Filosofia e aos do campo científico das Ciências da Educação.

A propósito do tratamento do tema da Educação de Adultos e de Educação Permanente, evidenciou-se o trabalho desenvolvido pelos Professores José Ribeiro Dias¹⁸⁸, Maria Clara Oliveira¹⁸⁹ e Maria da Conceição Antunes¹⁹⁰ da Universidade do Minho, ainda que o tratamento de temas relacionados com o Direito à educação no quadro da UNESCO e as questões da cidadania tenham sido igualmente privilegiados na saga da Filosofia da Educação personalista de José Ribeiro Dias. A respeito das questões de cidadania, também se destacou o trabalho levado a cabo pela filósofa Paula Cristina Pereira¹⁹¹ da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pelo Professor Emanuel Medeiros da Universidade dos Açores¹⁹². Alusivamente às questões da educação culturalista, evidenciou-se o trabalho protagonizado por Manuel Ferreira Patrício¹⁹³. A propósito do tema da Educação e Saúde sobressaiu o trabalho realizado por Maria Clara Oliveira¹⁹⁴ e o outorgado por Maria da Conceição Antunes¹⁹⁵. Acerca da Filosofia da Educação analítica tivemos como representante maior o filósofo da educação Luís Manuel Bernardo¹⁹⁶, ainda que o trabalho da Professora

¹⁸⁷ OLIVEIRA, M. C. (1999). *A educação como processo auto-organizativo. Fundamentos teóricos para uma educação permanente e comunitária*. Lisboa: Edições Piaget.

¹⁸⁸ DIAS, J. R. (2000). *A Procura da sabedoria*. Lisboa: Didáctica Editora.

¹⁸⁹ OLIVEIRA, M. C. (1999). Op. Cit.

¹⁹⁰ ANTUNES, M. C. (Coord.). (2007). *Educação de Adultos e Intervenção Comunitária II*. Coimbra Almedina.

¹⁹¹ PEREIRA, P. C. (Org.) (2008). *A Filosofia e a cidade*. Lisboa: Campo de Letras.

¹⁹² MEDEIROS, E. (2009). *Educação, cultura(s) e cidadania*. Lisboa: Edições Afrontamento; MEDEIROS, E. (2010). *A educação como projecto*. Lisboa: Edições Piaget.

¹⁹³ PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Área Escola no Quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1992). *A Escola Cultural e a Reforma Educativa*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1992). *Formação Pessoal e Social no quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC; PATRÍCIO, M. F. (1993). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. 2ª Ed. Lisboa: Texto Editora; PATRÍCIO, M. F. (Org.) (2002). *Globalização e Diversidade: A Escola Cultural, uma resposta. / V Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, M. C. (1999). Op. Cit.

¹⁹⁵ ANTUNES, M. C. (2008). *Educação, saúde e desenvolvimento*. Coimbra: Almedina.

¹⁹⁶ BERNARDO, L. (1998). *Linguagem e Discurso: Uma Hipótese Hermenêutica sobre a Filosofia de Eric Weil*.

Maria Clara Oliveira¹⁹⁷ também seja susceptível de ser inscrito nessa mesma matriz. A propósito da análise conceptual dos termos da Filosofia da Educação o trabalho mais relevante, publicado em Portugal, foi o *Dicionário de Filosofia da Educação* realizado sobre a coordenação de Adalberto Dias de Carvalho¹⁹⁸. Sobre as questões alusivas à Filosofia para crianças, as Instituições que mais se debruçaram sobre o tema foram a Universidade dos Açores e a Universidade do Minho. A teleologia educativa e a busca metafísica das verdades educativas, apesar de presente nos programas disciplinares de Filosofia da Educação leccionados na Faculdade de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra e na Universidade do Minho, foi pouco teorizada nas publicações realizadas pelos docentes da disciplina¹⁹⁹.

Em regra, os elementos do campo da Filosofia da Educação em Portugal publicaram poucas obras, a maioria das teses de doutoramento foram realizadas pelos próprios docentes da disciplina e foram maioritariamente orientadas por José Ribeiro Dias, Manuel Ferreira Patrício e Adalberto Dias de Carvalho. No respeitante às publicações, também foram estes três filósofos os que mais publicaram devendo ser sublinhada a tardia dedicação de José Ribeiro Dias à publicação, uma vez que o período em que as suas obras começaram a ser publicadas é bastante posterior ao início da sua devoção à leccionação da disciplina.

20.3.1. Os temas de Filosofia da Educação no contexto universitário internacional

Sobre as temáticas prevaletentes na Filosofia da Educação norte-americana, as questões referentes à democratização da educação foram as que dominaram o campo desde finais do século XIX até à década de sessenta do século XX, nomeadamente as obras de John Dewey²⁰⁰. A partir da década de sessenta foram, igualmente, importantes para a proliferação

Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia Geral. Lisboa: universidade Nova de Lisboa.

¹⁹⁷ OLIVEIRA, M. C. (1999). Op. Cit.

¹⁹⁸ CARVALHO, A. D. (Coord.) (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.

¹⁹⁹ CARVALHO, A. D. (Org.) (2002). *Sentidos contemporâneos da educação*. Porto: Edições Afrontamento.

²⁰⁰ DEWEY, J. (1897). *My pedagogic creed*. Chicago: Chicago University; DEWEY, J. (1899). *The school and society*. Chicago: Chicago University; DEWEY, J. (1916). *Democracy and education*. New York: Columbia University.

da Filosofia da Educação nos Estados Unidos as obras de Israel Scheffler²⁰¹, de Archambault²⁰² e de Smith e Ennis²⁰³, inscritas na corrente da Filosofia da Educação analítica. Na transição do século XX para o século XXI, a Filosofia da Educação norte-americana privilegiou a temática do multiculturalismo e da liberdade de ensino, como pode ser verificado pela análise de filósofos da educação como Levinson²⁰⁴ e Rob Reich²⁰⁵.

Acerca dos temas predominantes na Filosofia da Educação Brasileira, nas décadas de setenta e oitenta do século vinte, nos trabalhos de inspiração marxista que procuraram constituir uma teoria educacional que pudesse encontrar, no “acirramento das contradições do capitalismo, caminhos para ser um dos veículos da transformação” (Gallo, 2007: 270), destacou-se o trabalho de Durmeval Trigueiro Mendes²⁰⁶, Dermeval Saviani²⁰⁷, Moacir Gadotti²⁰⁸, Carlos Roberto Jamil Cury²⁰⁹ e Antônio Joaquim Severino²¹⁰.

Considerando a investigação em torno das tendências e correntes pedagógicas presentes na história da educação brasileira a segunda vertente básica da pesquisa realizada sobre Filosofia da Educação, nesse mesmo período temporal, importa demarcar os trabalhos de Saviani²¹¹, Trigueiro Mendes²¹², Gadotti²¹³ e Libâneo²¹⁴.

²⁰¹ SCHEFFLER, Israel (1960). *The language of Education*. Springfield: University of Springfield; SCHEFFLER, Israel (1965). *Conditions of knowledge*. Chicago: University of Chicago Press; SCHEFFLER, Israel (1973). *Reason and teaching*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.

²⁰² ARCHAMBAULD (1965) (Ed.). *Philosophical Analysis and Education*. New York: Routledge.

²⁰³ SMITH, B. O. and ENNIS, R. H. (1961). *Language and Concepts in Education*. Chicago: Rand McNally and Company.

²⁰⁴ LEVINSON, M. (1999). *The demands of liberal education*. Oxford/New York: Oxford University Press.

²⁰⁵ REICH, Rob (2002). *Bridging liberalism and multiculturalism in american education*. Chicago: University of Chicago Press.

²⁰⁶ MENDES, D. T. (1983). *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

²⁰⁷ SAVIANI, D. (1983a). *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez/Autores Associados; SAVIANI, D. (1989). *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 9ª Ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

²⁰⁸ GADOTTI, M. (1980). *Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

²⁰⁹ CURY, C. R. J. (1985). *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

²¹⁰ SEVERINO, A. J. (1986). *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: E.P.U.

²¹¹ SAVIANI, D. (1983b). Tendências e correntes da educação brasileira. In MENDES. T. *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

²¹² MENDES. D. T. (1983). Op. Cit.

²¹³ GADOTTI, M. (1988). *Pensamento pedagógico brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Ática.

²¹⁴ LIBÂNEO, J. C. (1985). *Democratização da Escola Pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola.

Na década de noventa, com a criação do GT de Filosofia da Educação, a pesquisa no campo da Filosofia da Educação brasileira assumiu outra dinâmica. Através da análise dos dados indicados no estudo intitulado *Filosofia da Educação: produção intelectual, identidade e ensino a partir da ANPEd*²¹⁵, constata-se que, num total de 155 trabalhos de investigação apresentados durante onze anos, realizados no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia da Educação da ANPEd, se diferenciaram oito formas de abordagem: a filosófico-educacional (76 trabalhos); a epistemológica (23 trabalhos); a ético-antropológica (21 trabalhos); a político-social (17 trabalhos); a psicológica (7 trabalhos); a simbólica (6 trabalhos); a ambiental (4 trabalhos); e a estética (1 trabalho). Verificando que cerca de metade dos trabalhos realizados foram inscritos na abordagem filosófico-educacional, ou seja, procuraram esclarecer a identidade da Filosofia da Educação e da relação Filosofia/educação, conclui-se que essa foi uma tendência predominante na pesquisa sobre Filosofia da Educação realizada no Brasil.

No campo da Filosofia da Educação britânica destacou-se, numa primeira fase, o trabalho de Louis Arnaud Reid que, fortemente influenciado pela teoria da percepção de John Locke²¹⁶, entendeu como questão educacional primeira o problema da apreensão e da compreensão concreta, delegando à arte um lugar central no processo educativo, uma vez que esta era acreditada como forma de conhecimento. Debruçado sobre a temática estética no âmbito da esfera educacional, as obras²¹⁷ do primeiro docente de Filosofia da Educação no Reino Unido foram um marco na História da disciplina.

Porém, à entrada na década de sessenta, no campo da Filosofia da Educação britânica, começou a dominar a Filosofia analítica que, durante pelo menos três décadas, foi a linha prevalecte na docência e na pesquisa desenvolvida, na continuação do trabalho ministrado

²¹⁵ ALBUQUERQUE, M. B. B., OLIVEIRA, I. A. e SANTIAGO, J. L. A. (2006). *Filosofia da Educação: produção intelectual, identidade e ensino a partir da ANPEd*. Belém: EDUEPA.

²¹⁶ Segundo a teoria da percepção de John Locke, presente na obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, sempre que um objecto era observado era formada uma representação mental do mesmo que, sendo subjectiva, não se identificava, necessariamente, com o objecto real (Locke, 1999).

²¹⁷ REID, L. A. (1923). *Knowledge and truth*. London: Macmillan; REID, L. A. (1930). *The rediscovery of belief*. London: The Lindsey Press; REID, L. A. (1937). *Creative Morality*. London: George Allen & Unwin; REID, L. A. (1961). *Ways of knowledge and experience*. London: George Allen & Unwin; REID, L. A. (1986). *Ways of Understanding and Education*. London: Heinemann.

por Peters²¹⁸, acompanhado e seguido por filósofos como Hirst²¹⁹, Dearden, Snook²²⁰, Wilson²²¹, Langford e O'Connor²²², Downie, Loudfoot e Telfer²²³, Barrow²²⁴, Flew²²⁵, Passmore²²⁶, O'Hear²²⁷ e Cooper²²⁸. A problematização do conceito de educação foi preferida por Peters, Dearden, Pat White, David Aspin, Robert Elliott, Charlton, Hudson, Lawton, Holton, Wilson, Darling, Harnnet, Naish, Wilfred Carr²²⁹, Langford, MacIntyre, David Cooper, Ruth Jonathan, Padraig Hogan e Jim Mckenzie; a reflexão sobre os objectivos e os conteúdos da educação foi realizada por Peters, Dearden, D. Carr e Arnold e o esclarecimento da relação Filosofia da Educação/Teoria da Educação foi privilegiadamente abordado por Hirst, O'Connor, Harnett, Naish, Wilson e Moore.

²¹⁸ PETERS, R. S. (1964). *Education as Initiation*. London: University of London - Institute of Education; PETERS, R. S. (1966). *Ethics and Education*. London: George Allen & Unwin Ltd; PETERS, R. S. (Ed.) (1967) *The Concept of Education*. London, Routledge & Kegan Paul; DEARDEN, R. F. (1968). *The Philosophy of Primary Education. An Introduction*. London, Routledge & Kegan Paul; HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (1970). *The Logic of Education*. London: Routledge & Kegan Paul; DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972). *A Critique of Current Educational Aims. Part 1 of Education and the Development of Reason*. London: RKP; DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972). *Education and Reason. Part 3 of Education and the Development of Reason*. London: RKP; DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972). *Education and the Development of Reason*. London: Routledge & Kegan Paul; PETERS, R. S. (1973). *Authority, Responsibility and Education*. London: George Allen & Unwin Ltd; PETERS, R. S. (Ed.) (1973). *Philosophy of Education*. Oxford: Oxford University Press; PETERS, R. S. (Ed.) (1975). *Nature and Conduct*. Royal Institute of Philosophy Lectures. Volume 18. London: The Macmillan Press; PETERS, R. S. (Ed.) (1976). *The Role of the Head*. London: Routledge & Kegan Paul; PETERS, R. S. (1977). *Education and the Education of Teachers*. London: RKP; PETERS, R. S. (Ed.) (1977). *John Dewey Reconsidered*. London: RKP; PETERS, R. S. (1981). *Moral Development and Moral Education*. London: George Allen & Unwin; PETERS, R. S. (1981). *Essays on Educators*. London: George Allen & Unwin.

²¹⁹ HIRST, P. H. (1974). *Knowledge and the Curriculum. A Collection of philosophical papers*. London: RKP; HIRST, P. H. (1974). *Moral Education in a Secular Society*. London: University of London Press; HIRST, P. H. (Ed.) (1983). *Educational Theory and Its Foundation Disciplines*. London, Routledge and Kegan Paul.

²²⁰ SNOOK, I. A. (Ed.) (1972). *Concepts of Indoctrination*. London: RKP.

²²¹ WILSON, J. (1972). *Philosophy and Educational Research*. Slough: National Foundation for Educational Research in England and Wales; WILSON, J. (1977). *Philosophy and Practical Education*. London: Routledge & Kegan Paul; WILSON, J. (1979). *Preface to the Philosophy of Education*. London: Routledge and Kegan Paul.

²²² LANGFORD, G. & O'CONNOR, D. J. (Eds.) (1973). *New Essays in the Philosophy of Education*. London: RKP; LANGFORD, G. (1985). *Education, Persons and Society. A Philosophical Enquiry*. London: Macmillan.

²²³ DOWNIE, R. S., LOUDFOOT, E. M. & TELFER, E. (1974). *Education and Personal Relationships. A Philosophical Study*. London: Methuen.

²²⁴ BARROW, R. (1975). *Moral Philosophy for Education*. London: George Allen & Unwin; BARROW, R. (1975). *Plato, Utilitarianism and Education*. London: RKP; BARROW, R. (1976). *Plato and Education*. London: Routledge & Kegan Paul.

²²⁵ FLEW, A. (1976). *Sociology, Equality and Education. Philosophical Essays in Defence of a Variety of Differences*. London: MacMillan.

²²⁶ PASSMORE, J. (1980). *The Philosophy of Teaching*. London: Duckworth.

²²⁷ O'HEAR, A. (1981). *Education, Society and Human Nature. An introduction to the philosophy of education*. London: Routledge and Kegan Paul Ltd.

²²⁸ COOPER, D. E. (1983). *Authenticity and Learning. Nietzsche's Educational Philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul; COOPER, D. E. (Ed.) (1986). *Education, Values and Mind. Essays for R. S. Peters*. London: RKP.

²²⁹ CARR, W. and Kemmis, S., (1985). *Becoming Critical: Education, Knowledge and Action Research*. Brighton: Falmer Press; CARR, W. (Ed.) (1989). *Quality in Teaching: Arguments for a Reflective Profession*. Brighton: Falmer Press; CARR, W. (1995). *For Education: Towards Critical Educational Inquiry*. Buckingham: Open University Press; CARR, W. and HARTNETT, A., (1996). *Democracy and the Struggle for Education*. London: Cassell; SIKES, P., CARR, W. and NIXON, J. (Eds.) (2002). *The Moral Foundations of Educational Research: Knowledge Inquiry and Values*. Buckingham: Open University Press; CARR, W. (Ed.) (2005). *The Routledge Falmer Reader in the Philosophy of Education*. London: Routledge.

Na década de noventa e nos primeiros anos da primeira década do século XXI, a Filosofia da Educação britânica tendeu a tornar-se mais eclética e a debruçar-se sobre uma multiplicidade de temas e à redefinição do seu próprio campo²³⁰. Do núcleo dos seus principais cultores destacam-se os nomes dos Professores Alis Oancea e Richard Pring da *Oxford University*, David Bridges da *Cambridge University*, Judith Suissa e Paul Standish da *University of London*, Richard Smith da *University of Durham*, Jim Conroy da *University of Glasgow* e Michael Hand da *Birmingham University*.

No caso da Filosofia da Educação francesa, susceptível de ser dividida no momento Compayré (momento da *Science de l'Éducation* e da sua *Philosophie de l'Éducation*), no momento Durkheim (momento da Sociologia, com denegação da Filosofia e da Pedagogia Geral), no momento Claparède (momento da Psicologia da Criança e da Escola Nova), no momento Mialaret (momento da criação dos Departamentos e Faculdades de Ciências da Educação) e no momento Meirieu (momento da criação dos *Institut de Formation des Maîtres*), a década de sessenta do século XX, período de criação dos Departamentos e Faculdades de Ciências da Educação, foi a época em que a Filosofia da Educação começou a afirmar-se como campo científico autónomo (Vicente, 2008).

Apesar de presente no contexto educacional francês desde o início do século XX, como pode ser atestado pelo estudo realizado por Nanine Charbonnel, publicado em 1988 sob o título *Pour une critique de la raison éducative*²³¹, que indica a obra *Philosophie de l'Éducation* de Edouard Roehrich publicada em 1910²³² como sendo o primeiro livro francês no qual a expressão conceptual “Filosofia da Educação” surge no título, foi no período de fundação das Ciências da Educação (1967) que a Filosofia da Educação se afirmou no mundo académico francês, tendo a sua consolidação sido instituída no momento posterior, ou seja, no âmbito

²³⁰ STANDISH, P. (1992). *Beyond the Self: Wittgenstein, Heidegger, and the limits of language*. Aldershot: Ashgate Publishing Group; SMITH, R., and STANDISH, P. (Eds.) (1997). *Teaching Right and Wrong: moral education in the balance*. London: Trentham Books; BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (1998). *Thinking Again: education after postmodernism*. Westport, CN: Bergin & Garvey; BLAKE, N., SMITH, R. and STANDISH, P. (1998). *The Universities We Need: higher education after Dearing*. London: Kogan Page; BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (2000). *Education in an age of nihilism*. London: RoutledgeFalmer; DHILLON, P., and STANDISH, P. (Eds.) (2000). *Lyotard: Just Education*. London: Routledge; BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (Eds.) (2003). *The Blackwell Guide to Philosophy of Education*. Oxford: Blackwell; PRING, R. (2004). *Philosophy of Educational Research* (2nd Ed.), London: Continuum; HAND, M. (2006). *Is Religious Education Possible? A philosophical investigation*. London: Continuum; SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (2006). *The Therapy of Education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan; SUISSA, J. (2006). *Anarchism and Education. A Philosophical Perspective*. London: Routledge;

²³¹ CHARBONNEL, N. (1988). *Pour une critique de la raison éducative*. Berne: Peter Lang.

²³² ROEHRICH, E. (1910). *Philosophie de l'Éducation. Essai de pédagogie générale*. Paris: Félix Alcan.

da criação dos *Institut de Formation des Maîtres*.

Graças à obra e ao trabalho de filósofos como Olivier Reboul²³³, interessado em questões axiológicas, no tema da formalização do exercício lectivo da Filosofia da Educação e da importância da linguagem e da retórica no cerne desse ministério, de Louis Not²³⁴, particularmente debruçado sobre questões epistemológicas referentes às Ciências da Educação, de Anne-Marie Drouin-Hans²³⁵, de Michel Fabre²³⁶, de Muriel Brançon²³⁷, de Sébastien Charbonnier²³⁸, de Renée Bouveresse²³⁹, de Gilles Boudinet²⁴⁰ e de Pierre Billouet²⁴¹, devotos à reflexão filosófica sobre as questões educacionais, a Filosofia da Educação tem vindo a afirmar-se no mundo universitário francês.

²³³ REBOUL, O. (1968). *L'homme et ses passions d'après Alain. La passion*. Paris: PUF; REBOUL, O. (1968). *L'homme et ses passions d'après Alain. II: La sagesse*. Paris: PUF; REBOUL, O. (1974). *L'élan humain ou l'éducation selon Alain*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal; REBOUL, O. (1977). *L'Endoctrinement*. Paris: PUF; REBOUL, O. (1980). *Langage et idéologie*. Paris: PUF; REBOUL, O. (1980). *Qu'est-ce qu'apprendre?* Paris: PUF; REBOUL, O. (1984). *Le Langage de l'éducation*. Paris: PUF; REBOUL, O. et GARCIA, J. F. (Dir.) (1989). *Rhétorique(s)*. Strasbourg: PUS; REBOUL, O. et GARCIA, J. F. (Dir.) (1991). *Rhétorique et pédagogie*. Strasbourg: PUS; REBOUL, O. (1998). *La rhétorique*. 4^e Éd. Paris: PUF; REBOUL, O. (1999). *Les valeurs de l'éducation*. 2^e Éd. Paris: PUF; REBOUL, O. (2001). *La philosophie de l'éducation*. 9^e Éd. Paris: PUF; REBOUL, O. (2009). *Introduction à la rhétorique: théorie et pratique*. 4^e Éd. Paris: PUF.

²³⁴ NOUT, L. (1979). *Les pédagogies de la connaissance*. Toulouse: Privat; NOT, L., AMIEL, C., BRU, M et CARVALHO, A. D. (1984). *Une Science Spécifique pour l'Éducation?*. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail; BRU, M., NOT, L. (Dir.) (1986). *Où va la Pédagogie du Projet?* Toulouse: EUS; NOT, L. (Dir.) (1988). *Regards sur la Personne*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail; NOUT, L. (1989). *L'Enseignement Repondant. Vers une éducation en seconde personne*. Paris: PUF.

²³⁵ DROUIN-HANS, A. M. (2004). *Education et utopie (Philosophie de l'éducation)*. Paris: PUF; DROUIN-HANS, A. M. (Textes rassemblés por Anne-Marie DROUIN-HANS) (2012). *Philosophie de L'Éducation. Itinéraires américains*. Paris: L'Harmattan.

²³⁶ FABRE, M. (1989). *L'enfant et les fables*. Paris PUF; FABRE, M. (1994). *Penser la formation*. Paris: PUF; FABRE, M. (1995). *Bachelard éducateur*. Paris: PUF; FABRE, M. (1999). *Situations-problèmes et savoir scolaire*. Paris: PUF; FABRE, M. (1999). *Jean-Jacques Rousseau, une fiction théorique éducative*. Paris: Hachette; FABRE, M. (2001). *Gaston Bachelard, La formation de l'homme moderne*. Paris: Hachette; FABRE, M. (2011). *Éduquer pour un monde problématique. La carte et la boussole*. Paris: PUF.

²³⁷ BRANÇON, M. (2011). *Ces élèves en difficulté scolaire qui se disent d'abord curieux du maître*. Paris: L'Harmattan; BRANÇON, M. (2012). *L'Altérité enseignante. D'un penser sur l'autre à l'autre de la pensée*. Paris: Publibook.

²³⁸ CHARBONNIER, S. (2009). *Deleuze pédagogue*. Paris: L'Harmattan; CHARBONNIER, S. (2013). *Que peut la philosophie*. Paris: SEUIL.

²³⁹ BOUVERESSE, R. (Dir.) (1993). *Education et philosophie: écrits en l'honneur d'Olivier Reboul*. Paris: PUF.

²⁴⁰ BOUDINET, G. (2012). *Deleuze et L'Anti.Pédagogue. Vers une esthétique de l'éducation*. Paris: L'Harmattan.

²⁴¹ BILLOUET, P., DEPIERRE, R., HUSSON, L., LAMARRE, J. M. y TOUZEAU, A. (2007). *Débattre. Pratiques scolaires et démarches éducatives*. Paris: L'Harmattan; BILLOUET, P. (2009). *Figures de la magistralité*. Paris: L'Harmattan; BILLOUET, P. (2010). *L'Éducation Scripturale*. Paris: L'Harmattan.

A respeito dos temas prevaletentes na Filosofia da Educação espanhola, segundo David Sacristán Gómez (1992), os principais âmbitos de trabalho foram a Antropologia Pedagógica, a Educação Moral, a Ética da Educação, a Deontologia da Educação, a Educação Cívica, a Política da Educação e a Educação Estética.

Há que reconhecer, na publicação científica do campo da Filosofia da Educação realizada em Espanha, a existência de vastas obras de referência para o saber filosófico-educacional, entre as quais se destacaram: no tratamento do tema da epistemologia da Filosofia da Educação, os trabalhos de Fullat²⁴² e Larrosa²⁴³; sobre a fundamentação da necessidade de educação e a análise do conceito de educação distinguiram-se os escritos de Fullat²⁴⁴, Sarramona²⁴⁵ e Mèlich²⁴⁶; inscritos na temática da antropologia filosófico-educacional demarcaram-se os livros de Cervera²⁴⁷, Fermoso²⁴⁸, Fullat²⁴⁹, Ibáñez-Martín²⁵⁰, Mèlich²⁵¹ e Sacristán²⁵²; sobre a relação educador/educando sobressaíram as obras de Fullat²⁵³, Jover²⁵⁴ e

²⁴² FULLAT, O. (1984). *Verdades y trampass de la Pedagogía. Epistemología de la Educación*. Barcelona: CEAC; FULLAT, O. (1988). *La Filosofía: problema y concepto*. Barcelona: Vicens Vives; FULLAT, O. (1992). *Filosofías de la Educación. Paideia*. Barcelona: CEAC.

²⁴³ LARROSA, J. (1990). *El trabajo epistemológico en Pedagogía. Una propuesta constructivista*. Barcelona: PPU.

²⁴⁴ FULLAT, O. (1966). *Reflexiones en torno a la educación*. Barcelona: Nova Terra; FULLAT, O. (1967). *L'Educació actual*. Barcelona: Bruguerra; FULLAT, O. (1975). *La educación Permanente*. Barcelona: Salvat; FULLAT, O. (1975). *Educar de outra manera*. Madrid: ICCE; FULLAT, O. (1976). *Educación: desconcierto y esperanza*. Barcelona: CEAC; FULLAT, O. (1986). *Educació, violencia y erótica*. Barcelona: Ediciones 62; FULLAT, O. (1988). *La peregrinación del mal*. Bellaterra: Publicaciones de la Universidad Autónoma.

²⁴⁵ FULLAT, O. y SARRAMONA, J. (1982). *Cuestiones de Educación*. Barcelona: CEAC.

²⁴⁶ FULLAT, O. y MELICH, J. C. (1989). *El atardecer del bien*. Bellaterra: Publicaciones de la Universidad Autónoma de Barcelona.

²⁴⁷ CERVERA, A. (1969). *Quién es el hombre? Antropología filosófica*. Madrid: Fax.

²⁴⁸ FERMOSO, P. (1983). *Teoría de la Educación. Una interpretación antropológica*. Barcelona: CEAC.

²⁴⁹ FULLAT, O. (1972). *Con el hombre*. Barcelona: Bosh-Teide; FULLAT, O. (1973). *La educación soviética*. Barcelona: Nova Terra; FULLAT, O. (1987). *Eulalia, la del buen hablar*. Barcelona: CEAC; FULLAT, O. (1990). *El atardecer del bien. (Una pedagogía freudo-existencialista)*. Barcelona: Universidad Autónoma; FULLAT, O. (1990). *Paideusis. Antropologies pedagógicas actuals*. Barcelona: Universidad Autónoma.

²⁵⁰ IBÁÑEZ-MARTÍN, J. A. (1989). *Hacia una formación humanística*. 5ª Ed. Barcelona: Herder.

²⁵¹ MELICH, J. C. (1987). *Pedagogía de la finitud. Vers una filosofía de l'educació existencial*. Barcelona: Universidad Autónoma.

²⁵² SACRISTÁN, D. (1984). *Filosofías de la Educación y Teorías de la Educación: Personalismo, Anarquismo, Neopositivismo e Idealismo*. Madrid: CEVE.

²⁵³ FULLAT, O. (1988). Op. Cit.

²⁵⁴ JOVER, G. (1991). *Relación educativa y relacionnes humanas*. Barcelona: Herder.

Touriñán²⁵⁵; sobre o tratamento de questões de teleologia, de ética e de axiologia educativa, sublinharam-se os trabalhos de Altarejos²⁵⁶, Escámez²⁵⁷, Fullat²⁵⁸, Melich²⁵⁹, Gervilla²⁶⁰, Marín Ibáñez²⁶¹; sobre os temas da relação escola/sociedade/cultura, política/educação, direito à educação e democratização escolar as obras mais relevantes foram as de Escámez²⁶², Fullat²⁶³, Ibáñez-Martín²⁶⁴. A respeito de manuais gerais de Filosofia da Educação importa referir os trabalhos de Campillo²⁶⁵, Cervera e Sáez²⁶⁶, Fermoso²⁶⁷, Fullat²⁶⁸, Gervilla²⁶⁹, González Alvarez²⁷⁰, Peris, González e Colomer²⁷¹ e os trabalhos realizados, conjuntamente, pelos maiores vultos da Filosofia da Educação espanhola, com destaque para as três obras intituladas *Filosofía de la Educación hoy*²⁷² e o tratado de História de Filosofia da Educação europeia com o título *La Filosofía de la Educacion en Europa*²⁷³ que, segundo Paciano

²⁵⁵ TOURIÑAN, J. M. (1979). *El sentido de la libertad en la educación*. Madrid: Magisterio Español.

²⁵⁶ ALTAREJOS, F. (1983). *Educación y felicidad*. Pamplona: EUNSA.

²⁵⁷ ESCÁMEZ, J. (1981). *La formación de hábitos como objetivos educativos*. Murcia: Limites; ESCÁMEZ, J. (1986). *La enseñanza de actitudes y valores*. Valencia: Nau Llibres.

²⁵⁸ FULLAT, O. (1982). *Las finalidades educativas en tiempo de crisis*. Barcelona: Hogar del libro; FULLAT, O. (1991). *Educació moral i valors*. Barcelona: Cruilla.

²⁵⁹ FULLAT, O. y MELICH, J. C. (1989). Op. Cit.

²⁶⁰ GERVILLA, E. (1988). *Los valores en la educación de los adolescentes*. Granada: Ave María; GERVILLA, E. (1988). *Axiología Educativa*. Granada: TAT.

²⁶¹ MARÍN IBÁÑEZ, R. (1976). *Valores, objetivos y actitudes en educación*. Valladolid: Miñón.

²⁶² ESCÁMEZ, J. (Dir.) (1990). *Drogas y escuela. Un programa de prevención*. Madrid: Dykinson.

²⁶³ FULLAT, O. (1983). *Escuela pública, escuela privada*. Barcelona: Humanitas.

²⁶⁴ IBÁÑEZ-MARTÍN, J. A. (Ed.) (1977). *Familia y Estado ante ideologías educativas totalitarias*. Barcelona: AFE.

²⁶⁵ CAMPILLO, J. (1974). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez.

²⁶⁶ CERVERA, A. y SÁEZ, J. (1982). *Filosofía de la Educación*. Valencia: Nau Llibres.

²⁶⁷ FERMOSO, P. (1970). *Filosofía de la Educación*. Madrid: Bibliográfica Española; FERMOSO, P. (1986). *Repertorio Bibliográfico de Filosofía/Teoría de la Educación*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona.

²⁶⁸ FULLAT, O. (1988). *Filosofía de la Educación*. Barcelona: Vicens-Vives; FULLAT, O. (1992). *Filosofías de la Educación*. 2ª Ed. Barcelona: CEAC;

²⁶⁹ GERVILLA, E. (1987). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Valencia: Promolibro.

²⁷⁰ GONZÁLEZ ALVAREZ, A. (1963). *Filosofía de la Educación*. Buenos Aires: Editorial Troquel.

²⁷¹ PERIS, GONZÁLEZ e COLOMER (1991). *Guía Didáctica de la Filosofía de la Educación*. Madrid: UNED.

²⁷² AA.VV. (1989). *Filosofía de la Educación hoy: Conceptos, autores, temas*. Madrid: Dykinson; AA.VV. (1991). *Filosofía de la Educación hoy: Autores, selección de textos*. Madrid: Dykinson; AA. VV. (1997). *Filosofía de la Educación hoy: Diccionario*. Madrid: Dykinson.

²⁷³ AA. VV. (1992). *La Filosofía de la Educacion en Europa*. Madrid: Dykinson.

Fermoso Estébanez, contém um capítulo escrito por David Sacristán intitulado *La Filosofía de la Educación en España*, que é “la mejor síntese de la Filosofía Española de la Educación” (1998: 76).

A respeito dos temas afins à Filosofia da Educação prevaletentes na Alemanha, interessa começar por esclarecer que, na bibliografia científica publicada neste país, os temas clássicos de Filosofia da Educação surgem sobre designações como *allgemeine Pädagogik* (Pedagogia Geral), *Erziehungswissenschaft* (Ciência da Educação), *allgemeine Didaktik* (Didáctica Geral), *Erziehungsphilosophie des Dialogischen* (Filosofia analítica da Educação), *Erziehungstheorie* (Teoria da Educação). Esta aparente falta de precisão na utilização conceptual é resultante do facto do termo alemão *Philosophie* designar, usualmente, a vertente mais especulativa da Filosofia e, sendo a Filosofia da Educação um dos capítulos da Filosofia prática, a sua designação é realizada de acordo com o rótulo específico de cada um dos seus âmbitos: *Ethik* (Ética), *Politik* (Política), *Soziologie* (Sociologia) e *Pädagogik* (Pedagogia). (Maestre y Corbella, 1992).

Assim sendo, ao longo da década de vinte do século XX, no campo da Filosofia da Educação alemã ressaltaram as questões da Antropologia Pedagógica e as problemáticas referentes à dimensão comunicativa e relacional da educação, principalmente nos trabalhos de Dilthey²⁷⁴, Hermann Nohl²⁷⁵, Eduard Spranger²⁷⁶, Theodor Litt, Weniger²⁷⁷, Guardini, Bollnow²⁷⁸ e Josef Derbolav²⁷⁹.

A partir da segunda metade da década de quarenta, o tema da emancipação e da liberdade foi prevaletente, sobretudo nas obras de Klaus Mollenhauer²⁸⁰, Lempert, Klafki e

²⁷⁴ DILTHEY, W. (1961). *Gesammelte Schriften. Pädagogik*. Vol.IX. (*Grundlinien eines Systems der Pädagogik*) Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. (trad. esp. (1940). *Fundamentos de un sistema de pedagogía*. Buenos Aires: Losada).

²⁷⁵ NOHL, H. (1929). *Pädagogische Aufsätze*. Langensalza: Beltz. (trad. esp. (1952). *Teoría de la Educación*. Buenos Aires: Losada).

²⁷⁶ SPRANGER, E. (1912). *Lebensformen. Geisteswissenschaftliche Psychologie und Ethik der Persönlichkeit*. Berlin: De Gruyter. (trad. esp. (1948). *Formas de vida: psicología y ética de la personalidad*. 3ª Ed. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina).

²⁷⁷ WENIGER, E. (1926). *Die Grundlagen des Geschichtsunterrichts: Untersuchungen zur geisteswissenschaftlichen Didaktik*. Leipzig: Teubner. (trad. Ing. (1986). *The Basis of History Teaching: Examinations from the Viewpoint of Human Science Didaktik*. Chicago: Rand McNally and Company).

²⁷⁸ BOLLNOW, O. F. (1987). *Crisis and New Beginning: Contributions to a pedagogical anthropology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.

²⁷⁹ DERBOLAV, J. and IKEDA, D. (2008). *Search for a New Humanity*. London: I. B. Tauris.

²⁸⁰ MOLLENHAUER, K. (2014). *Forgotten connections. On culture and upbringing*. London: Routledge.

Herwig Blankertz. Nessa mesma época, face à questão da fundação das Ciências da Educação na Alemanha, as opiniões dividiram-se originando um movimento de defesa das Ciências da Educação, acentuadamente por parte dos filósofos Brezinka²⁸¹, Eduard Spranger, Erich Weniger, Hermann Nohl, Theodor Litt, Wilhelm Flitner, Fischer, Löwisch e Ruhloff, Otto Friedrich Bollnow e Jan Martinus Langeveld, e um movimento de crítica às Ciências da Educação, levado a cabo por Theodor Adorno²⁸² e Max Horkheimer²⁸³, Herbert Marcuse²⁸⁴ e Habermas²⁸⁵, Karl-Hermann Schäffer e Klaus Schaller²⁸⁶.

20.4. O contributo dos filósofos da educação para a causa educativa portuguesa na sua relação com o espaço e com o tempo

Partindo da homenagem outorgada por Hirst em dedicação ao trabalho realizado por Richard Peters no campo da Filosofia da Educação, intitulada Richard Peters' contribution to the Philosophy of Education, na qual Peters é referido como tendo sido "the right man, in the wiser place, at the most appropriate time" (Hirst, 1986: 9), surge o questionamento sobre a possibilidade de, legitimamente, utilizar a expressão de Hirst para referir algum dos filósofos da educação portugueses.

Começando por analisar o contributo de Delfim Santos para a causa filosófico-educacional nacional, é legítimo afirmar que foi no âmbito do existencialismo pedagógico que foram criadas as condições apriorísticas à difusão do saber da Filosofia da Educação

²⁸¹ BREZINKA, W. (1988). *La pedagogía de la nueva izquierda*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A; BREZINKA, W. (1992). *Philosophy of educational knowledge*. Boston/London: Kluwer Academic Publishers; BREZINKA, W. (1994). *Belief, Morals, and Education. Collected Essays on the Philosophy of Education*. Aldershot England/ Brookfield USA: Avebury.

²⁸² ADORNO, T. (1970). *Erziehung zur Mündigkeit*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port. (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra).

²⁸³ HORKHEIMER, M. und ADORNO, T. (1947). *Dialektik der Aufklärung*. Amsterdam: Querido. (trad. esp. (1969). *Dialéctica del iluminismo*. Buenos Aires: Sudamericana).

²⁸⁴ MARCUSE, H. (1967). *Der eindimensionale Menschen*. Newwied/Berlin: Luchterland. (trad. ing. (1991). *One-Dimensional Man: Studies in the ideology of advanced industrial societies*. Boston: Beacon Press).

²⁸⁵ HABERMAS, J. (1968). *Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port. (1987). *Técnica e ciência como 'ideologia'*. Lisboa: Edições 70); HABERMAS, J. (1968). *Erkenntnis und Interesse*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port.(1982). *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar); HABERMAS, J. (1985). *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt: Suhrkamp (trad. port. (1990). *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: D. Quixote).

²⁸⁶ SCHAFFER, K. H. e SCHALLER, K. (1971). *Kritische Erziehungswissenschaft und Kommunikative Didaktik*. Heidelberg: Quelle und Meyer. (trad. port. (1973). *Ciência Educadora Crítica e Didáctica Comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário).

que, posteriormente, viria a institucionalizar-se no quadro das Ciências da Educação. Delfim Santos, apesar de inscrito numa realidade temporal prévia à fundação das Ciências da Educação e à institucionalização do processo de formação de professores no contexto do Ensino Superior em Portugal, foi um precursor do movimento científico pedagógico que, só a partir da década de oitenta do século XX, viria a proliferar no nosso país. Na condição de conhecedor atento da realidade filosófica, pedagógica e educacional em curso nos restantes países europeus e nos Estados Unidos da América, desenvolveu manifestos esforços no sentido de actualizar a cultura pedagógica nacional em nome da valorização e reformação do sistema educativo acreditado como mecanismo privilegiado de transformação da realidade social. Delfim Santos estava ciente das transformações em curso na realidade educativa nacional em geral e, em particular, no mundo universitário ao qual foi contemporâneo, sabendo que o crescente afluxo de alunos inscritos no sistema de ensino tenderia a aumentar. Nesse sentido, defendeu que, de acordo com essa tendência, havia que otimizar a preparação do corpo docente e, conseqüentemente, investir na pesquisa e na leccionação da cientificidade pedagógica. Tratando-se do primeiro Professor Catedrático de Pedagogia em Portugal agregado à Universidade de Lisboa, Delfim Santos foi um filósofo-pedagogo pioneiro que, embora detentor de um excelso saber filosófico-educacional e apesar de sediado numa Instituição universitária de referência no universo universitário nacional, se encontrou deslocado a nível temporal, uma vez que o período de fundação das Ciências da Educação e que o momento da institucionalização do processo de formação de professores em Portugal ainda eram um tempo porvir. Inscrito numa realidade académica retrógrada face ao pioneirismo das suas ambições pedagógicas, Delfim Santos ficará para a História da Filosofia da Educação em Portugal como um filósofo da educação vanguardista fundamental para a construção do saber filosófico-educacional nacional. Contudo, há que o reconhecer como sendo uma personagem incontornável da Filosofia da Educação em Portugal que esteve agregada a uma Instituição universitária de referência, mas inscrita num tempo que não era propício à proliferação e à consumação dos seus ideais filosóficos, pedagógicos e educacionais.

Passando a tratar a situação dos filósofos da educação portugueses, contemporâneos ao tempo da Filosofia da Educação inscrita no quadro das Ciências da Educação e no processo de formação de professores constata-se, numa primeira instância, a marginalidade curricular da Filosofia da Educação face às restantes disciplinas integrantes dos cursos de licenciatura

em Filosofia. Em Portugal, a disciplina de Filosofia da Educação nunca foi disciplina obrigatória de nenhum curso de licenciatura em Filosofia e sempre que surgiu como disciplina de opção foi, quase sempre, como disciplina pedagógica, ou seja, a frequência da disciplina de Filosofia da Educação foi maioritariamente facultada como alternativa à inscrição numa disciplina do quadro das Ciências da Educação (como a Psicologia Educacional, a Introdução às Ciências da Educação...).

A Filosofia da Educação, até como disciplina opcional, raramente concorreu curricularmente com as disciplinas filosóficas. As únicas excepções a esta regra foram o caso da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, nos anos lectivos 1985-1986 e 1986-1987, apresentou a Filosofia da Educação como disciplina de opção em alternativa às disciplinas de História das Doutrinas Políticas, Problemáticas e Tendências da Filosofia Contemporânea e Cultura Clássica e o caso da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em que, nos anos lectivos 2001-2002, 2002-2003 e 2003-2004, a Filosofia da Educação foi apresentada como disciplina de opção aos alunos do 2º ano da licenciatura em Filosofia em alternativa às disciplinas de Filosofia da Linguagem, Filosofia da Religião, Fontes da Cultura Europeia e Teorias da Argumentação.

A recorrente ausência curricular da Filosofia da Educação nos planos de estudo dos cursos de licenciatura em Filosofia atesta, *de per si*, o seu estatuto de disciplina menor no quadro das disciplinas filosóficas.

Das seis Universidades contempladas para o estudo, começamos por avaliar o sucedido na Universidade de Lisboa.

O surgimento disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa ocorreu no âmbito do processo de formação de professores da Faculdade de Ciências, em finais da década de setenta do século XX. Proliferou como disciplina integrante dos planos curriculares de todas as licenciaturas em Ensino, dos cursos de mestrado em Educação e como especialidade de curso de mestrado e doutoramento, durante as décadas de oitenta e noventa. Embora a Filosofia da Educação também tenha sido leccionada como disciplina de cursos de licenciatura na Faculdade de Letras, o principal pólo promotor da docência da disciplina e de instigação à pesquisa, quer a nível de cursos de formação pós-graduada, quer a nível de publicações no campo foi, na Universidade de Lisboa, a Faculdade de Ciências.

A ausência da presença da Filosofia da Educação no âmbito disciplinar dos planos de

estudo dos cursos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa deverá ser entendida como consequência da prévia existência, na Faculdade de Letras, de uma Secção de Ciências Pedagógicas e, na Faculdade de Ciências, de um Departamento de Educação especificamente dedicados à formação de professores dos alunos dos cursos de Ensino. Recordemos que a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa foi fundada, no ano lectivo 1980-1981, e que a criação da Secção de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras remonta ao ano de 1930. O plano curricular das licenciaturas do Ramo Educacional da Faculdade de Ciências data de 1971 e que o Departamento de Educação dessa Faculdade foi criado em 1984.

Uma vez que as Faculdades de Letras e de Ciências, Instituições responsáveis pelos cursos de Ensino, já tinham em curso um processo de formação docente dos seus educandos, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação não teve a seu cargo a formação de professores na Universidade de Lisboa. Por outro lado, os docentes directamente envolvidos com a leccionação da disciplina de Filosofia da Educação, nomeadamente, Teresa Levy, Olga Pombo, Agostinho Reis Monteiro, Rogério Fernandes e Joaquim Pintassilgo, na Faculdade de Ciências e Leonel Ribeiro dos Santos e João Pedro Monteiro, na Faculdade de Letras, não se dedicaram à leccionação da disciplina no âmbito da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, ainda que alguns deles nela tenham leccionado outras disciplinas.

Do trabalho realizado pelo conjunto de docentes de Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa destacou-se o levado a cabo por Olga Pombo, tanto pelo número de publicações no campo como pelo incentivo à pesquisa e à publicação de trabalhos dos discentes de vários cursos de licenciatura. No entanto, a inexistência de continuidade dos projectos, a ausência de discipulação e a lacuna da sua presença na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação obstou à afirmação do campo disciplinar da Filosofia da Educação na Universidade de Lisboa. Nesta Universidade, a Filosofia da Educação esteve presente no tempo certo, ou seja, no período de institucionalização das Ciências da Educação e no momento do surgimento do Processo de Formação de Professores. Foi leccionada por detentores de uma sólida formação filosófico-educacional que, não tendo feito Escola e distanciados da actividade lectiva desta disciplina na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, não podem ser referidos como tendo estado no sítio mais adequado. Poderiam ter sido as pessoas certas e, na verdade, o momento foi o mais indicado à prevalência da

disciplina. Mas, o vazio da Filosofia da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação impediu o reconhecimento dos filósofos da educação da Universidade de Lisboa como tendo sido as pessoas certas, no sítio certo no momento certo.

No respeitante à História da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra, apesar do seu surgimento disciplinar datar do ano de 1980, no âmbito do Curso Superior de Psicologia, a sua presença, nesse período, foi inconstante e só se viria a consolidar em 1991 como disciplina presente no plano de estudos da licenciatura em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e, em 1997, como disciplina oferecida pelo Grupo de Filosofia a todos os alunos dos cursos de Ensino da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O atraso da consolidação da leccionação da Filosofia da Educação na Universidade de Coimbra foi, em boa medida, consequência da tardia institucionalização das Ciências da Educação nesta Universidade, uma vez que a Faculdade de Psicologia, criada em 1980, somente em 1990 é que viu decretada a criação da licenciatura em Ciências da Educação que, desde o início do seu funcionamento, compreendeu a disciplina de Filosofia da Educação como disciplina anual obrigatória no seu plano de estudos. Só a partir de 1994 é que passou a introduzir a Filosofia da Educação na panóplia disciplinar de alguns cursos de mestrado em Ciências da Educação. Por sua vez, apesar da criação do curso de doutoramento em Ciências da Educação datar de 1992, somente em 2004 é que foi defendida, nesta Instituição, a primeira tese realizada no âmbito dessa especialidade.

Tratando-se de uma disciplina cuja leccionação, na Universidade de Coimbra, foi assegurada apenas por dois Professores, respectivamente por João Boavida, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e por Joaquim Neves Vicente, na Faculdade de Letras e num período tardio face ao tempo de institucionalização nacional das Ciências da Educação e do início do processo de formação de professores, não é de admirar a impossibilidade de afirmar esta Instituição como tendo sido uma Escola de Filosofia da Educação. Na realidade, apesar do trabalho desenvolvido por ambos os filósofos, no sentido de tentar dinamizar o campo disciplinar nesta Universidade, a escassez da pesquisa a nível de formação pós-graduada e de publicações, principalmente no respeitante ao sucedido na Faculdade de Letras, a inexistência de discípulos, de condiscípulos e o atraso institucional da fundação das Ciências da Educação, inviabilizam a possibilidade de reconhecer que, na Universidade de Coimbra, a Filosofia da Educação esteve presente no tempo mais apropriado à proliferação do seu campo disciplinar.

A propósito da presença da Filosofia da Educação na Universidade do Minho, constata-se que, uma vez que esta Universidade só iniciou a sua actividade académica no ano lectivo 1975-1976 e que a disciplina começou a ser ministrada em 1982, foi precoce a presença disciplinar filosófico-educacional nesta Instituição.

Tendo sido a Universidade onde a Filosofia da Educação teve maior presença e expressão, tanto a nível da sua docência no âmbito de cursos de licenciatura em Educação e Ensino, como disciplina leccionada nas várias especialidades do curso de mestrado em Educação, como especialidade de curso de mestrado e doutoramento, a Universidade do Minho demarcou-se na História da Filosofia da Educação em Portugal pelo número de teses de mestrado e doutoramento defendidas, pela discipulação concretizada, pelo número de publicações assegurado pelo seus docentes e pela consolidada presença da disciplina nos vários níveis de ensino. O devir filosófico-educacional da Universidade do Minho, inscrito no quadro das Ciências da Educação e fortemente impulsionado pela mestria personalista de José Ribeiro Dias, gerou laços relacionais mestre/discípulo e consolidou um grupo de docentes de Filosofia da Educação com um admirável número de elementos com formação específica filosófico-educacional, face ao das restantes Instituições nacionais, nomeadamente, Norberto Cunha, Manuel Gama, Lúcio Craveiro da Silva, Acílio Estanqueiro Rocha, Manuel Alte da Veiga, Manuel Barbosa, Laura Ferreira dos Santos, José Casulo, Alberto Filipe Araújo, Maria Clara Oliveira, Armando Rui Guimarães, Rodrigo Martins Azevedo, António Silva, José Afonso, Artur Manso, Fátima Barbosa, Maria Conceição Antunes e Custódia Martins. Não obstante, importa ressaltar que a esmagadora maioria dos doutoramentos, concluídos no campo da Filosofia da Educação na Universidade do Minho, foram realizados pelos próprios docentes da disciplina e, por outro lado, interessa, de igual modo, sublinhar que tanto a situação geográfico-periférica da Universidade do Minho como a sua tenra idade, perante as usualmente designadas como Universidades Clássicas (Lisboa, Porto e Coimbra), também terá obstado à extensão da dinâmica da Filosofia da Educação a Universidades espacialmente distantes, tendo sido a Universidade do Porto a mais envolvida com o movimento filosófico-educativo ocorrido nessa Academia.

Quanto à História da Filosofia da Educação na Universidade do Porto, a disciplina foi introduzida, nesta Instituição, no ano escolar de 1984-1985, no âmbito disciplinar do curso de Filosofia da Faculdade de Letras e, sob a docência do Professor Adalberto Dias de Carvalho, foi nessa Faculdade que proliferou na Universidade portuense. Contudo, apesar da

sua presença se ter dilatado a outros cursos de Ensino da Faculdade de Letras e de terem sido criados cursos de mestrado e doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação, o seu dinamismo, em termos de publicação e pesquisa, acentuado no período de transição da década de noventa para a primeira década do século XXI, revela-se tardio face ao período de emergência das Ciências da Educação e aos primórdios da institucionalização do processo de formação docente.

Por outra via, a ausência da Filosofia da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e a sua afirmação no contexto do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras, revelam-se o único caso em que, na História da Filosofia da Educação portuguesa, a disciplina conseguiu afirmar a sua presença integrada no campo científico da Filosofia. Na sequência da sua proliferação no campo científico-filosófico da Faculdade de Letras, assistiu-se à sua ausência no quadro disciplinar das Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Fundada pela publicação do Decreto-Lei nº529/80 de 5 de Novembro de 1980, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, durante a década de oitenta do século XX, já assegurava a docência das disciplinas do Ramo Educacional da Faculdade de Ciências, de algumas disciplinas da área da Psicologia e das Ciências da Educação da licenciatura em Ensino e Educação Física do Instituto Superior de Educação Física (ISEF) e ainda de várias disciplinas da área das Ciências da Educação do curso de mestrado em Ensino da Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Borges e Pinto, 1986). Apesar disso, avaliando a sua ténue presença, nesse período, no respeitante à leccionação das disciplinas da área das Ciências da Educação na Faculdade de Letras, face ao sucedido na Faculdade de Ciências e no Instituto Superior de Educação Física, constata-se que a Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde cedo tendeu a assegurar a sua autonomia, no referente ao processo de formação docente, delegando, muito esporadicamente, a leccionação das disciplinas do quadro das Ciências da Educação ao cuidado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Na esteira dessa tendência e, principalmente, perante a crescente dinamização da actividade do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras, o campo disciplinar da Filosofia da Educação não proliferou na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Avaliando a intensa actividade filosófico-educacional ocorrida na Escola de Filosofia da Educação da Universidade do Porto constata-se que,

apesar do incontestável mérito do trabalho realizado pelos membros do Gabinete de Filosofia, o auge da sua dinamização sucedeu tardiamente e a sua permanência na Faculdade de Letras ter-se-á repercutido na sua ausência na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

A propósito da História da Filosofia da Educação na Universidade de Évora, importa esclarecer que, embora a sua introdução tenha sido coetânea à criação do curso de licenciatura em Filosofia e que tenha sido na condição de disciplina presente no plano curricular do curso de licenciatura em Filosofia que tenha sido pioneiramente ministrada nesta Instituição, foi como disciplina pedagógica que se afirmou no nível de disciplina de licenciatura e foi no quadro das Ciências da Educação que a sua afirmação se verificou como disciplina de cursos de mestrado em Educação e como especialidade do curso de doutoramento em Ciências da Educação.

A inclusão disciplinar da Filosofia da Educação nos planos de estudo da licenciatura em Filosofia da Universidade de Évora, no ano lectivo 1996-1997, revela-se tardia face à data da defesa da primeira tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação realizada nesta Instituição e face ao período de fundação das Ciências da Educação e de formação de professores em Portugal. Trazendo à presença que foi na Universidade eborense que, em 1984, foi defendida, em Portugal, a primeira tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação desvela-se, por um lado, o pioneirismo da Instituição em matéria de pesquisa pós-graduada no campo científico das Ciências da Educação e no campo disciplinar da Filosofia da Educação e, por outro, revela-se a definição do enquadramento disciplinar da Filosofia da Educação no campo científico das Ciências da Educação.

A defesa do trabalho de doutoramento de Manuel Ferreira Patrício foi um marco incontornável da História da Filosofia da Educação portuguesa. Tratando-se do primeiro docente de Filosofia da Educação detentor de formação especializada no campo da Filosofia da Educação integralmente realizada em Portugal, Manuel Ferreira Patrício dinamizou, nesta Instituição, a actividade filosófico-educacional, no quadro das Ciências da Educação, pela via da leccionação, a nível da formação graduada e pós-graduada, da publicação e da discipulação. No entanto, a descentralização geográfica da Universidade de Évora, face aos restantes pólos nacionais de Filosofia da Educação, poderá ter prejudicado o estreitamento

de relações com os restantes elementos do campo que poderia ter sido mais eficaz, caso esta beneficiasse de uma localização mais favorável.

Acerca da História da Filosofia da Educação na Universidade Nova de Lisboa destaca-se, primeiramente, a introdução tardia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, criada em 1977, do processo de formação docente que só entrou em funcionamento a partir do ano lectivo 1987-1988. Como agravante à dedicação à causa filosófico-educacional o processo de formação de professores, instituído nesta Faculdade, funcionou através da estipulação de um protocolo que visava que a leccionação das disciplinas do Ramo Educacional da área das Ciências da Educação fosse ministrada por docentes de Instituições ligadas às Ciências da Educação, nomeadamente pelos Professores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Nessa consonância, perante a inexistência de leccionação da disciplina de Filosofia da Educação no quadro das Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, consequentemente, a Filosofia da Educação também não foi leccionada no âmbito das disciplinas do Ramo Educacional da área das Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A realidade institucional do quadro das Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, só viria a sofrer alterações quando, em 1991, foi criado o Departamento de Ciências da Educação. Todavia, a Filosofia da Educação permaneceu ausente do campo científico das Ciências da Educação, nesta Instituição, até que, em 1994, foi criado o curso de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em educação e Desenvolvimento que contemplava uma área de Filosofia da Educação.

Em 1999, momento tardio perante o período de fundação das Ciências da Educação e da institucionalização do processo de formação de professores em Portugal foi criado, pelo Departamento de Filosofia desta Instituição, o curso de mestrado em Filosofia da Educação cuja defesa da primeira tese só viria a realizar-se em 2006.

A entrada em funcionamento do curso de mestrado em Filosofia da Educação animou, em certa medida, a actividade filosófico-educacional dos filósofos da Instituição que, nesse período, chegaram a publicar alguns textos que denotavam algum optimismo face ao futuro da disciplina. O esforço foi glorioso, mas o momento não era o mais apropriado para o

fomento do saber filosófico-educativo.

20.5. A ténue afirmação disciplinar da Filosofia da Educação no quadro das Ciências da Educação

Analisando holisticamente a presença institucional da Filosofia da Educação, no âmbito das seis Universidades eleitas para o estudo constata-se em primeiro lugar que, das três Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação existentes em Portugal, o campo disciplinar da Filosofia da Educação apenas esteve presente na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Mesmo nesta Instituição, a introdução da sua leccionação, em 1991, foi tardia, foi assegurada por um único Professor, a pesquisa e as publicações foram escassas e das duas teses de doutoramento aí defendidas nenhuma foi orientada por João Boavida, único responsável pela docência da disciplina desde o começo da sua leccionação até 2006.

De qualquer forma, interessa recordar que o início do ministério da disciplina de Filosofia da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra não poderia ter acontecido antes de 1991, uma vez que foi no ano anterior que foi decretada a criação do curso de licenciatura em Ciências da Educação nesta Instituição. A afirmação da introdução disciplinar da Filosofia da Educação é referida como sendo tardia em relação à institucionalização das Ciências da Educação nas Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e da Universidade do Porto, ocorrida no começo da década de oitenta do século XX. Por ironia do destino, foi apenas na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação que protelou a introdução do campo disciplinar das Ciências da Educação que a disciplina de Filosofia da Educação foi leccionada.

Sobre a presença da disciplina nas três Faculdades de Letras do País, destacou-se o trabalho realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a respeito do sucedido na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pouco há para contar. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, embora a disciplina tenha começado a ser leccionada no ano lectivo 1987-1988, só foi ministrada a nível de cursos de licenciatura e esteve sempre a cargo do Professor Leonel Ribeiro dos Santos, exceptuando o ano de licença sabática em que foi substituído pelo

Professor João Pedro Monteiro da Universidade de São Paulo, sendo a pesquisa e a publicação, no campo, praticamente inexistentes. Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a leccionação da disciplina só foi iniciada no ano lectivo 1997-1998 e só foi oferecida como opção aos estudantes de cursos de licenciatura. Foi ministrada pelo Professor Joaquim Neves Vicente e a pesquisa e as publicações foram ínfimas. Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a História da Filosofia da Educação assumiu uma dinâmica bastante diferenciada face ao sucedido nas Faculdades suas congéneres, tendo a iniciação do seu magistério acontecido no ano académico 1984-1985, sob a docência do Professor Adalberto Dias de Carvalho, tendo proliferado a nível da pesquisa pós-graduada, no âmbito de cursos de mestrado e doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação, e tendo conseguido distinguir-se pelo número e pela relevância das publicações levadas ao prelo e pela organização de eventos científicos e associativistas.

Acerca da História da Filosofia da Educação no contexto dos Departamentos de Educação/Ciências da Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, da Universidade do Minho e da Universidade de Évora, importa começar por sublinhar o sucedido na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, atendendo ao pioneirismo. Começando por ser introduzida, a partir do ano lectivo 1976-1977, como disciplina leccionada no âmbito dos cursos de licenciatura em Ensino, o decurso da sua presença, nesta Instituição, foi sempre marcado pela geminação da Filosofia da Educação com o campo disciplinar da História da Educação. Apesar de ter sido ministrada como disciplina autónoma, foi associada ao campo da História da Educação, sob a designação disciplinar de História e Filosofia da Educação, que a presença da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa foi prevalecente tanto como disciplina constante no plano de estudos dos vários cursos de licenciatura em Ensino, como especialidade dos cursos de mestrado e doutoramento em Educação. Leccionada por um total de cinco Professores, foi sob o magistério de Olga Pombo que o campo da Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências revelou algum dinamismo antológico-filosófico-educacional a nível de pesquisa e publicação, apesar de nenhuma das três teses de doutoramento concluídas terem sido realizadas sob a orientação dessa Professora.

Sobre a realidade pretérita da Filosofia da Educação institucionalizada no âmbito dos Departamentos de Educação/Ciências da Educação das Universidades do Minho e de Évora, importa destacar que, qualquer um destes dois núcleos, se assumiu como pólo profícuo à

explicação do campo da Filosofia da Educação sediada no quadro das Ciências da Educação. Além destes dois contextos, somente no âmbito do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é que será legítimo reconhecer a existência de uma Escola de Filosofia da Educação consolidada a nível da leccionação em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, da pesquisa e das publicações efectuadas e da organização de eventos e associativismo.

Foi pouca a expressão da presença do campo da Filosofia da Educação nas Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação nacionais. Foi ténue o efeito da sua permanência na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foram claras as implicações da sua geminação com a História da Educação na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e foram poucos os resultados obtidos no decurso da sua leccionação nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra. As Instituições reconhecidas como Escolas de Filosofia da Educação são a Universidade do Minho, a Universidade de Évora e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Contudo, a Filosofia da Educação em Portugal não chegou a encontrar uma linha de consenso nas diferentes Escolas não tendo, por isso, nenhum tema chegado a afectar o debate científico-educacional.

Avaliando as condições institucionais da disciplina, analisando o número de publicações e a dispersão da pesquisa temática do campo da Filosofia da Educação constata-se que, dada a escassez das publicações e a realização de doutoramentos a nível interno dos docentes da disciplina, a comunidade “imaginada” de filósofos da educação portugueses, não conseguiu reunir condições para gerar um debate filosófico-educacional capaz de repercutir efeitos no campo científico das Ciências da Educação, tendo ficado muito aquém do tanto que as suas potencialidades implícitas lhe permitiam.

21. Filosofia das Filosofias da Educação em Portugal

Filosofía de la Educación sería el estudio de aquellos temas que sólo se les ocurre estudiar a los filósofos de la educación (Alexander cit. p/ Masota, 1992: 121).

A Filosofia e a educação não são, por definição, Ciências, no sentido clássico do termo. Conquanto, enquanto disciplina das Ciências da Educação, a Filosofia da Educação, não deixando de ser um ramo da Filosofia, tem-se esforçado por se afirmar como campo científico autónomo, detentor de um modo próprio de conhecimento, de um objecto de estudo tematizável e de uma via epistémica de abordagem que deve, com toda a legitimidade, debater meta-filosoficamente o estatuto epistemológico da própria Filosofia da Educação.

Centrada, sobretudo, em torno das dimensões epistémica, ontológica e antropológica do processo educacional, a Filosofia da Educação em Portugal, constituindo-se enquanto comunidade imaginada, tem gerado um *corpus* de conhecimentos filosófico-educacionais que integram a mediação curricular, de forma tendencialmente nominalista, e cujo debate, pesquisa e divulgação se tem revelado pouco profícuo.

Sabendo, de antemão, que a constituição de um campo de conhecimento terá que se alicerçar sobre a sua capacidade de definir a sua identidade e autonomia, através da consolidação de um modo de pensamento sistemático, metódico, criativo e crítico, constata-se que a demarcação do campo científico da Filosofia da Educação em Portugal, face à Filosofia e às restantes Ciências da Educação, ainda é tarefa em curso.

No respeitante à sua afirmação em relação à Filosofia, o problema maior resulta da indefinição do sentido da expressão 'reflectir filosoficamente sobre a educação'. Nos programas disciplinares de Filosofia da Educação e nos discursos publicados prevalece uma lacuna face ao cuidado de explicitar que, para a Filosofia da Educação, a questão primeira não é a educação mas o filosofar sobre as condições de realização da educação do Ser humano e do sentido da prática educativa no decurso da sua própria existência. É a questão do Ser, do Ser em acção e dos valores e das finalidades que devem nortear a acção educativa que tem que ser tarefa primordial para a Filosofia da Educação. É a formação do *homo educandus* o epicentro da reflexão para a Filosofia da Educação.

No referente à sua afirmação face às Ciências da Educação, a primeira questão que se levanta prende-se com a legitimidade da Filosofia da Educação discutir o alcance da cientificidade do conhecimento educacional e o sentido de uma possível concretização de um saber rigoroso e metódico sobre a educação. Nessa medida, importa clarificar que, para a Filosofia da Educação, as questões epistemológicas não devem ser as fundamentais. Para a Filosofia da Educação é o homem o cerne da questão, ou seja, a condição do Homem envolvido no processo educativo e a configuração histórica da sua condição existencial.

Tendo que, o acto de filosofar sobre a educação implica reflectir sobre a realidade educacional inscrita num modo histórico concreto e que o conhecimento é uma criação colectiva resultante do empenho de sujeitos inseridos numa colectividade que, ao longo do tempo, actuaram em vários quadrantes de cultura humana, o recurso à análise do saber filosófico-educacional, historicamente registado, revela-se mediação preciosa no decurso do processo de formação docente.

Na tentativa de esclarecer, perante a Filosofia e perante as Ciências da Educação, a legitimidade e a necessidade da prevalência da Filosofia da Educação no debate e no contexto educacional, os pontos centrais a problematizar terão que circular em torno do questionamento: a) pela identidade da Filosofia da Educação; b) pelas características que demarcam a Filosofia da Educação das outras Filosofias (como por exemplo, a Filosofia da Ciência, Filosofia do Direito, Filosofia da Arte, Filosofia da História...); c) pela definição dos limites existentes entre a Filosofia da Educação e as disciplinas suas fronteiriças (como a Teoria da Educação, a Antropologia Educacional, a Epistemologia das Ciências da Educação...); d) pela estipulação das funções e competências expectáveis por parte da Filosofia da Educação inserida no quadro das Ciências da Educação; e) pela ponderação do contributo que deve ser legado pela Filosofia da Educação à prática educativa; f) pela análise da dimensão prática e teórica da Filosofia da Educação; g) pelo balanceamento dos âmbitos temáticos prioritários a estudar no campo disciplinar da Filosofia da Educação.

Por razões de teor académico e pragmático, a problematização do conjunto de tópicos apresentado, ainda que susceptível de ser especificamente debatido no contexto nacional e geracional do Portugal contemporâneo, só utopicamente poderia ter por resultado uma conclusão consensual obtida por parte da comunidade imaginada de filósofos da educação portugueses. Porém, constatando que a Filosofia da Educação em Portugal ainda não

encontrou uma linha de consenso nas diferentes Universidades e que nenhum dos seus temas chegou, verdadeiramente, a afectar nem o debate pedagógico nem o debate filosófico nacional, impera sublinhar a necessidade de balancear a actividade realizada e ponderar, a partir de então, as possibilidades do porvir.

A Filosofia da Educação ensinada nas diferentes Faculdades das Universidades portuguesas difere, substancialmente, de umas para as outras. Os filósofos da educação, escudados sob a razão de existência de uma pluralidade de Filosofias da Educação, delegaram para um segundo plano a clarificação conceptual do epicentro da sua actividade intelectual e, tendencialmente, não reflectiram com a devida assertividade sobre a metafilosofia da Filosofia da Educação e sobre o seu próprio estatuto epistemológico. Como corolário dessa tendência, a Filosofia da Educação em Portugal, epistemologicamente minorizada face aos restantes domínios da Filosofia e das Ciências da Educação, tem-se constituído como comunidade filosófica espartilhada que, não se revelando suficientemente consolidada e dinâmica, tem surgido como pouco atractiva na aglutinação de novos membros e para trabalhar no sentido de afirmar a sua identidade e, conseqüentemente, a sua presença académica.

Na realidade, a actividade investigativa e lectiva dos filósofos da educação portugueses, considerada na sua repartição pelo conjunto de disciplinas afins à Filosofia da Educação (Teoria da Educação, Epistemologia das Ciências da Educação...), nada tem contribuído para a definição da identidade da disciplina.

A parca produção bibliográfica do campo da Filosofia da Educação também não tem auxiliado a proliferação do saber filosófico educativo. A própria definição do género de discurso a adoptar, por parte dos filósofos da educação, não é, de igual modo, tarefa de fácil realização. Caso a opção seja a formulação de um discurso iminentemente filosófico, com recurso a uma linguagem imbuída de termos técnicos da Filosofia, a probabilidade de conquistar o interesse de educadores e educacionistas de diversas áreas científicas fica comprometido e, caso a escolha seja discursar de uma forma acessível e transversal à generalidade do público envolvido na realidade educacional, prevalecem fortes probabilidades de crítica por parte da comunidade filosófica²⁸⁷. Ainda a respeito dos discursos

²⁸⁷ Um bom exemplo de variação do tipo de discurso proferido por parte dos filósofos da educação, em função do público ao qual é dirigido, é o texto do Professor Luís Bernardo Moscas e *Caça-Moscas: Questões de Filosofia da Educação* que, tratando-se de um discurso proferido no âmbito dos XII e XIII Encontros dos Professores de Filosofia da Área Metropolitana de Lisboa, contém uma linguagem e um nível de complexidade e problematização substancialmente diferente do usual nas publicações deste filósofo.

outorgados pelos filósofos da educação em Portugal, há que reconhecer uma certa tendência para descurar a dimensão *prática* da Filosofia da Educação para a enunciação de proposições sobre generalidades dificilmente corroboradas, para a estipulação de fins/objectivos educativos desvinculados da realidade educativa e pouco afins aos interesses dos educandos e dos educadores para idealizar uma concepção antropológica, ontológica e educacional demasiado abstracta e com pouco contacto com os outros saberes que também estudam o homem.

Por sua vez, a ausência da Filosofia da Educação no debate filosófico nacional, no respeitante a Colóquios, Simpósios, Congressos de Filosofia tem, igualmente, concorrido para atenuar a sua afirmação enquanto ramo da Filosofia.

De igual modo, no respeitante aos Colóquios, Simpósios e Congressos realizados na especificidade do campo da Filosofia da Educação, verifica-se que a estrutura temática dos mesmos, tanto peca por ser demasiado generalista e desprovida de um fio condutor capaz de conferir identidade ao debate, como falha por ser tematicamente demasiado específica, atendendo a que, quando tal se verifica, prevalece a tendência para desfocar a *disputatio* filosófica da questão educativa.

Por outro lado, a aplicação de meios científico-tecnológico à *praxis* pedagógica e o surgimento de disciplinas pedagógicas específicas desse domínio, também tem disputado espaço curricular na área educativa com a Filosofia da Educação e tem contribuído para dispersar o interesse pela Filosofia da Educação interrogando a aplicação pragmática do seu saber. A respeito desta postura, assumida pelos cultores das disciplinas pedagógicas técnico-científicas, a reacção dos filósofos da educação nacionais não manifestou repercussões.

Em conformidade com Ricardo Nassif, os resultados alcançados pela via da investigação realizada pelas ciências positivas da educação, não esgotam as possibilidades teóricas da Pedagogia fazendo com que, inversamente, seja a dispersão e falta de unidade desses mesmos resultados que conferem à Filosofia da Educação a tarefa de organizar, reflectir e aprofundar o conhecimento educacional obtido.

... es preciso integrar las partes en un todo com sentido, para lo qual no basta la teoria científica, si no va acompañada de la reflexión filosófica, que profundiza y problematiza a la caza de la unidad (Nassif, 1975: 85).

É necessário esclarecer que a Filosofia da Educação, concebida enquanto teorização da

acção educativa e reflexão sobre os seus processos, só tem sentido quando se verifica interceptada com a *praxis* educativa. A reflexão filosófico-educacional desprovida de um aprofundado conhecimento crítico da acção educativa será, consequentemente, inócua face à possibilidade de produzir conhecimento educacional capaz de problematizar a teleologia da educação e de maximizar a eficácia dos processos educativos através da racionalidade prática filosófico-educacional.

A problematização desencadeada em torno da ponderação da dimensão prática e teórica da educação tem sido recorrente ao longo da História da Filosofia. Já no capítulo II da *Ética a Nicómaco* (2004), Aristóteles estabeleceu a relação entre ciências práticas, saber ético e saber da educação relacionando-os com a política, considerando como função do conhecimento orientar as acções da vida do homem. O contraste assinalado por Aristóteles entre *theoría*, ou seja, ciências interessadas pelo conhecimento em si mesmo, e *praxis*, isto é, acções intransitivas ou morais que requerem conhecimento, permite inferir que o saber filosófico sobre a educação, devendo ter como prioridade definir os fins da acção educativa e a estipulação dos modos para os concretizar, deverá ser perspectivado enquanto saber prático que depende da *theoría*.

No tratado *Sobre a Pedagogia*, Immanuel Kant (2006) também reconhece o saber da educação como sendo um saber *prático* que tem como função dirigir as acções livres segundo o imperativo da razão.

Na obra *Democracy and Education*, John Dewey (2012) postulou que sempre que a Filosofia foi tomada a sério foi suposto que esta implicaria a aquisição de uma sabedoria que influenciaria a conduta vivencial através da sujeição humana à acção educativa.

Considerando a autoridade filosófica de Aristóteles, de Immanuel Kant e de John Dewey, legitima-se a viabilidade de questionar se, em efectivo, a Filosofia da Educação em Portugal tem sido conceptualizada e praticada como teoria da acção educativa.

Tomando a educação como objecto do conhecimento da Filosofia, a Filosofia da Educação em Portugal verifica-se retraída numa disciplina pedagógica, fechada sobre si mesma e com dificuldade de se definir e de se afirmar perante si própria, perante a Filosofia e perante as Ciências da Educação.

Distanciada da reflexão sobre a prática educacional concreta e historicamente determinada, a Filosofia da Educação portuguesa acusa, ao longo da sua História, um

depauperamento perante a sua potencialidade e a sua insubstituibilidade na concretização de um discurso capaz de subsidiar a compreensão e a prática da realidade educacional nacional.

Considerações Finais

A Filosofia da Educação, como disciplina científica universitária autónoma, chegou ao mundo académico nacional há cerca de quarenta anos. Contudo, analisando os *a priori* da Filosofia da Educação em Portugal é fácil constatar a estreita relação Filosofia/educação e a existência de um esforço de teorização da educação realizado pelos filósofos portugueses desde os primórdios da nossa História.

Assumindo, desde cedo, características humanistas muito particulares, a reflexão sobre a educação levada a cabo pelos filósofos portugueses foi transversal à História da nossa Universidade e conforme ao contexto ideológico prevalecente que, apesar de fortemente influenciado pelas correntes filosóficas oriundas de outros países, se debateu por elaborar o modo mais apropriado de educar o homem português.

Aliciados pelo propósito de reformar a sociedade portuguesa pela via da educação e acreditando na singularidade do espírito português, os filósofos do movimento da *Renascença Portuguesa* desencadearam um *devoir*, simultaneamente filosófico e educativo que, defendendo a premência de responder às necessidades específicas dos seus conterrâneos, instituiu um momento basilar na História da Filosofia portuguesa e na História da Filosofia da Educação em Portugal.

Desse modo, na realidade pretérita da educação portuguesa da primeira metade do século XX a dialéctica Filosofia/educação verificou-se imbricada pelo pressuposto que legitima que “toda a educação é filosófica, mesmo quando não é educação para a Filosofia” (Bernardo, 2004: 89). Não obstante, através da reflexão promovida pelos filósofos da *Renascença Portuguesa* impôs-se uma outra necessidade: a urgência de entender que, apesar da educação fazer sentido para todas as outras disciplinas, somente para a Filosofia poderia fazer verdadeiramente sentido e que esse mesmo sentido teria que ser conforme ao modo de ser português.

Na esteira da concepção de uma Filosofia nacional, tipicamente metafísica, ontológica, existencialista, personalista, antropológica, axiológica e saudosista, os filósofos portugueses da *Renascença Portuguesa*, pela via do seu ministério e pela difusão do seu *idearium*, criaram condições apriorísticas à consolidação de uma forma *sui generis* de reflectir filosoficamente sobre a educação.

Da Filosofia cultivada na primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, à diáspora dos seus discípulos, foi fomentado um movimento filosófico e educacional que, no campo da Filosofia da Educação, atingiu o seu auge através da obra e desempenho filosófico e magistral levado a cabo por Delfim Santos.

Tratando-se de um seguidor da Filosofia nacional assimilada na Escola Portuense que complementou a sua formação filosófica com o contacto directo com alguns dos maiores vultos da Filosofia europeia da época, Delfim Santos converteu-se num académico português percursor, simultaneamente atento às questões actuais da Filosofia no seu sentido lato e particularmente desperto para as problemáticas filosófico-pedagógicas.

Defensor acérrimo da necessidade de reformar o sistema de ensino em Portugal, Delfim Santos inaugurou um debate pedagógico nacional filosoficamente fundamentado que, apesar de pouco ter influenciado o discurso e a acção dos governantes do seu tempo, jamais foi descurado pelos educacionistas e pelos filósofos da educação portugueses.

As ressonâncias do timbre existencialista e ontológico da Filosofia da Educação delfiniana foi transversal à *História da Filosofia da Educação em Portugal* e, embora na condição de disciplina universitária nunca ter sido leccionada por Delfim Santos, foi com ele que foi levantada uma bandeira filosófico-educacional que os elementos do campo disciplinar da Filosofia da Educação portuguesa nunca mais deixaram de hastear.

Institucionalmente consolidada no mundo universitário português a partir da década de oitenta do século XX, a Filosofia da Educação foi ensinada nas principais Universidades do nosso país na condição de disciplina leccionada no âmbito de cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, em Ensino, em Educação/Ciências da Educação, tendo sido no campo científico da Educação/Ciências da Educação que mais proliferou.

Uma vez que a consolidação disciplinar da Filosofia da Educação foi simultânea à criação dos Ramos de Formação Educacional em Portugal e que foi enquanto disciplina pedagógica leccionada no âmbito do Processo de Formação de Professores que a sua leccionação se afirmou, será legítimo reconhecer que, na década de oitenta do século XX, foram reunidas condições privilegiadas para a Filosofia da Educação portuguesa ter vivido a sua idade de ouro. No entanto, contrariamente ao que poderia ter sido, a realidade passada da Filosofia da Educação em Portugal, tanto na década de oitenta do século XX como nas duas décadas seguintes, caracterizou-se pelo depauperamento do seu relevo no mundo académico

nacional, tanto no campo científico da Educação como no campo científico da Filosofia. Tratando-se de um campo disciplinar com um potencial de reflexão educacional inato e ímpar, dotado de uma capacidade de interdisciplinaridade fundamental à compreensão do fenómeno educativo, é surpreendente a pouca relevância da disciplina, a escassez da pesquisa efectuada, o reduzido número de elementos do seu campo e a parca existência de obras publicadas.

Reconhecida, essencialmente, como disciplina académica a Filosofia da Educação, ao nível da graduação nas licenciaturas de formação de professores (licenciaturas em Ensino) e nas licenciaturas em Educação/Ciências da Educação, foi também disciplina de mestrado em Educação/Ciências da Educação e em Filosofia e, ainda que com irregularidade, a Filosofia da Educação foi área de especialização de mestrado e especialidade de doutoramento, tendo sido defendidas dissertações e teses, por parte dos próprios académicos que necessitavam de credenciar-se e por parte de outros investigadores e profissionais.

Analisando o ministério disciplinar da Filosofia da Educação nas diferentes Universidades, constata-se uma relativa proximidade da concepção filosófico-educacional nas Universidades do Minho e na Universidade de Évora, sendo estas as duas Instituições onde o *idearium* da Escola Portuense se manifestou mais presente. Por sua vez, o magistério filosófico-educativo acontecido nas Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra também revela alguma identidade principalmente pelo pendor metafísico, axiológico e humanista vigente. De um modo carismaticamente mais epistemológico, a Filosofia da Educação da Faculdade de Letras do Porto demarcou-se, no contexto filosófico-educacional nacional, pela predominância da disciplina no campo científico da Filosofia e pela concepção filosófica personalista, antropológica e ontológica. A Filosofia da Educação leccionada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, marcada pela geminação disciplinar com a História da Educação, aproximou-se de uma antologia das questões filosófico-educativas sendo, em boa medida, uma Filosofia da Educação apostada na formação de educadores. No respeitante à Filosofia da Educação da Universidade Nova de Lisboa, aproximando-se de uma linha filosófico-analítica, demarcou-se pelo diferente modo de conceber e de praticar a Filosofia da Educação, avançando com a proposta da análise e clarificação dos termos empregues no discurso educacional.

No entanto, convém destacar que, quando a disciplina foi leccionada no âmbito das

Faculdades de Letras, nomeadamente no Porto, Lisboa e Coimbra, os responsáveis pela sua leccionação entenderam a racionalidade filosófico-educativa como reflexão sobre um saber próximo de um género de *mundividência pedagógica* que tinha por função essencial contribuir para a construção de um elevado ideal ético e axiológico para a educação, definindo quais os fins e os valores que valiam a pena ser transmitidos, que seria responsável pelo tipo de sociedade a ser erigida a partir dela. Enquanto que, sempre que leccionada no contexto das Faculdades de Ciências e das Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação, como foi o caso de Lisboa e de Coimbra, a Filosofia da Educação revelou que a proposta curricular desta disciplina foi resultado de uma simbiose entre uma dada posição reflexiva pessoal e a hegemonia epistemológica do contexto educacional institucional, atendendo a que os seus docentes dedicaram o seu ministério filosófico-educativo ao processo de formação de professores acreditando que, pelo estímulo do espírito crítico e pela dotação de uma sólida cultura filosófica, adquirida através das humanidades clássicas e modernas, poderiam contribuir para a melhoria do futuro desempenho docente dos seus discentes.

Por seu turno, tanto na Universidade do Minho como na Universidade de Évora se assistiu a uma harmoniosa conjugação da preocupação da formação deontológica dos professores com a reflexão filosófico-antropológica, existencialista, metafísica e personalista que entende a educação no sentido de educar para a vida. Procurando evidenciar a deontologia da profissão docente com a matriz de realização de um projecto existencial de vida, as questões axiológicas e antropológicas foram constantes à leccionação da disciplina nestas Instituições.

Outra preocupação comum a esta plêiade de filósofos da educação, de cariz assumidamente ontológico ou deontológico, prendeu-se com o esclarecimento do sentido da expressão conceptual “Filosofia da Educação”, com a definição dos seus objectivos e com a definição do seu enquadramento disciplinar no campo das Ciências da Educação ou da Filosofia. Verificando a falta de unanimidade no respeitante à conceptualização, à alocação e à teleologia da Filosofia da Educação, a heterogeneidade prevalecente é conforme à sólida formação filosófica dos responsáveis pela leccionação da disciplina.

Constatando que, apesar de quase exclusivamente leccionada por filósofos, a disciplina de Filosofia da Educação na Universidade em Portugal se verificou vinculada ao campo científico da Educação, não deixa de ser surpreendente que esta se tenha revestido de um

perfil disciplinar parcialmente pedagógico, que a investigação filosófica da realidade educacional se verifique tão escassa e que tenha permanecido tão distanciada da reflexão sobre o sistema educativo e a *práxis* educativa.

No ocaso do presente trabalho, à semelhança do sucedido com Luís Bernardo, reconhecemos que permanecemos a aguardar, idilicamente, pela emergência da Filosofia da Educação no “mundo dos discursos”, no universo das *disputationes* incendiadas sobre a causa educacional e que aspiramos, talvez utopicamente, pela hora em que os filósofos da educação portugueses tomem as rédeas do debate educativo e, ousadamente, se aventurem na defesa de uma causa que, por inerência, lhes é a mais própria (2001: 209).

Se o actual estado da educação é de crise uma cota parte da culpa terá que ser imputada aos filósofos que, tal como disse Edmund Husserl no livro *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, não se encontraram à altura das suas responsabilidades (2008). Não existe filosofia por geração espontânea. Ela é sempre resultado do trabalho dos filósofos. Dos filósofos que poderiam ter feito mais e melhor, mas que só fizeram aquilo que fizeram. Quanto e como terá que ser feito para poder fazer mais e melhor pela Filosofia da Educação em Portugal? Afirmamos que o problema mais premente da Filosofia da Educação em Portugal se prende com o facto de à maioria dos trabalhos produzidos, pelos filósofos da educação nacionais, faltou a sistematização, a continuidade e a reflexão sobre a *práxis* educativa, entendida na sua concretude histórico-nacional e, assim sendo, a sua maioria não chegou a consumir uma obra de vulto pioneira no campo da Filosofia da Educação. Como a própria *História da Filosofia da Educação em Portugal* pretende ilustrar a Filosofia da Educação em Portugal, indefinida quanto à sua identidade, constituída como comunidade imaginada e suportada por uma discursividade divergente e pouco conforme às necessidades educacionais prementes, foi incapaz de influenciar o debate educacional e a realidade educativa nacional.

Manuel Ferreira Patrício afirmou que “a Filosofia da Educação em Portugal aparece sobretudo fora dos textos formais de Filosofia” (2000: 72). A reacção a esta afirmação é dúbia. Face à consolação de saber que há uma discursividade filosófico-educacional em Portugal, para além da do campo da Filosofia da Educação, suplanta-se a estupefacção de esta se encontrar, sobretudo, sediada fora dos textos formais de Filosofia. Caso fosse afirmado que “a Filosofia da Educação em Portugal apesar de aparecer, sobretudo, nos

textos formais de Filosofia, também aparece fora deles”, não haveria qualquer razão para alarme e o alastramento da reflexão filosófico-educacional a outros campos seria acolhida com todo o agrado. Mas, a constatação da marginalização da Filosofia da Educação, face ao campo filosófico, é tão surpreendente quão preocupante e o caso da interdependência Filosofia/Filosofia da Educação, constatado na Universidade do Porto, não se verificou com a mesma intensidade nas restantes Universidades do país. Não deveriam ser os filósofos os mais ocupados com a produção discursiva da Filosofia da Educação? Como poderá ser explicável que os mais aptos para teorizar sobre Filosofia da Educação escolham não o fazer? Por que razão terão os filósofos portugueses abandonado a problematização da questão educacional em mãos alheias? Nos ditos radicais de Condorcet “toda a sociedade que não é iluminada pelos filósofos é enganada pelos charlatães” (cit. por SANTOS e CORREIA, 1993: 7).

Apesar do tormento sentido, face às questões levantadas, o presente estudo é exclusivamente fundamentado nos discursos filosófico-educacionais produzidos pelos docentes da disciplina de Filosofia da Educação com formação filosófico-educacional consolidada. Esta opção, deveras limitativa, foi acreditada como condição de possibilidade de conclusão do trabalho num prazo aceitável. No entanto, importa salientar a consciência de existência de um árduo trabalho a realizar, no campo discursivo filosófico-educativo nacional, para além do proposto nesta tese.

Per summa capita, tentando balancear o contributo de cada Instituição e de cada filósofo da educação para a estruturação do campo da Filosofia da Educação, constata-se que as Universidades onde a disciplina esteve consolidadamente presente, nos vários níveis de ensino, foram a Universidade de Lisboa, a Universidade do Porto, a Universidade do Minho e a Universidade de Évora. Porém, a Universidade do Minho foi aquela em que se defenderam mais teses de mestrado e de doutoramento, seguindo-se a Universidade de Évora e a Universidade do Porto. Analisando o número de orientações asseguradas e o número de publicações outorgadas, distingue-se o trabalho realizado por José Ribeiro Dias, Manuel Ferreira Patrício e Adalberto Dias de Carvalho.

Apesar de a Filosofia da Educação em Portugal não se edificar sobre uma base de sistematização filosófica incondicional, a maior parte dos trabalhos académicos realizados no nosso país, principalmente na Universidade do Minho, na Universidade de Évora e na

Faculdade de Letras do Porto, a nível de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento, foram dedicados ao aprofundamento do pensamento pedagógico de autores portugueses, o que, indelevelmente, terá influenciado as concepções filosófico-educacionais, marcadamente ontológicas, antropológicas, personalistas e existencialistas, dos elementos do campo disciplinar da Filosofia da Educação em Portugal.

Ainda a respeito do trabalho realizado nestas três Instituições, sublinha-se o facto de a maioria das obras de Filosofia da Educação publicadas por Ribeiro Dias e Manuel Patrício terem assumido uma vertente prevalentemente antropológica, ontológica e axiológica. Por sua vez, as obras redigidas por Adalberto Dias de Carvalho, numa fase inicial do seu percurso académico, assumiram um pendor mais epistemológico. Mas, as publicações mais recentes já se encontram inscritas num registo de reflexão antropológico no qual se tendem a situar as problemáticas éticas e ontológicas.

À guisa de conclusão, constata-se a presença de traços recorrentes na História da Filosofia da Educação em Portugal, nomeadamente na vertente antropológica, ontológica, existencial, axiológica e personalista. Nessa medida, é admissível conceber esse filão idiossincrásico como principal registo identitário da Filosofia da Educação portuguesa cuja História, apesar de se revelar muito aquém das suas potencialidades, é singular e reveladora de um registo identitário sem par. Contudo, acreditando na escrita como possibilidade de petrificação do pensamento (Steiner, 2005), desvela-se a metáfora metafísica que delata que a criação da *pedra filosofal* da Filosofia da Educação em Portugal ainda está por cumprir.

Fontes e Bibliografia

Fontes Documentais

Anuários

- *Anuário da Universidade de Lisboa*. Ano lectivo: 1949-1950
- *Anuário do Departamento da Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1992, 1993, 1994, 1996, 2001-2002, 2003-2004 e 2004-2005.
- *Anuário do Mestrado em Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2002-2004 e 2004-2006.
- *Anuário de Pós-Graduação em Educação*. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 2006-2008, 2007-2009 e 2008-2010.
- *Anuário da Universidade de Coimbra*. Anos lectivos: 1970-1971, 1971-1972, 1972-1973, 1973-1974, 1974-1975, 1975-1976, 1976-1977, 1977-1978, 1978-1979, 1979-1980, 1980-1981, 1981-1982.
- *Anuário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Universidade Nova de Lisboa. Ano lectivo: 1996-97.
- *Universidade do Minho*. Ano lectivo: 1991-1992.

Guias e informação universitária

- *Guia do Estudante*. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1990-1991 e 1991-1992.
- *Guia do Curso de Filosofia*. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Anos lectivos: 1999-2000, 2000-2001 e 2002-2003.
- *Guia do Estudante*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Anos lectivos: 1983-1984, 1984-1985, 1985-1986, 1986-1987, 1987-1988, 1988-1989, 1989-1990, 1990-1991, 1991-1992, 1992-1993, 1993-1994, 1994-1995, 1995-1996, 1996-1997, 1997-1998, 1998-1999, 1999-2000, 2000-2001, 2001-2002, 2002-2003, 2003-2004, 2004-2005 e 2005-2006.
- *Guia do Estudante de Filosofia*. Publicação do Conselho Pedagógico. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Anos lectivos: 1989-1990, 1990-1991, 1991-1992, 1992-1993, 1993-1994, 1994-1995, 1995-1996, 1996-1997, 1997-1998, 1998-1999, 1999-2000, 2000-2001, 2001-2002, 2002-2003, 2003-2004, 2004-2005 e 2005-2006.
- *Guia das Licenciaturas*. Universidade do Minho. Programas das Disciplinas. Ano lectivo: 1989.
- *Guia da Universidade do Minho*. Anos lectivos: 1991-1992 e 1992-1993.
- *Guia de Cursos de Pós-Graduação*. Universidade do Minho. Ano lectivo: 1994-1995.
- *Guia de Cursos de Licenciatura e Bacharelato*. Universidade do Minho. Anos lectivos: 1995-1996, 1996-1997, 1997-1998, 1998-1999, 1999-2000, 2001-2002, 2002-2003,

2003-2004, 2004-2005 e 2005-2006.

- *Guia do Estudante de Filosofia*. Departamento de Filosofia da Faculdade e Letras da Universidade do Porto. Anos lectivos :1984-1985, 1987-1988, 2000-2001 e 2004-2005.
- *Prospecto da Universidade de Coimbra*. Ano lectivo 1983-1984.

Programas de Ensino

- *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Cursos de licenciatura em Ensino. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – Anos lectivos: 1994-1995, 1995-1996, 2001-2002, 2002-2003, 2003-2004. Facultado pela Professora Olga Pombo
- *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Cursos de mestrado em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – Anos lectivos: 1985-1986, 1988-1989, 1991-1992, 1993-1994, 1994-1995, 2001-2002 e 2002-2003. Facultado pela Professora Olga Pombo.
- *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Anos lectivos: 1987-1988, 1999-2000 e 2005-2006. Facultado pelo Professor Leonel Ribeiro dos Santos.
- *Programa Detalhado da Disciplina de História e Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Ensino. Universidade do Minho – Anos lectivos: 1996-1997; 1997-1998; 1998-1999; 1999-2000; 2000-2001; 2001-2002; 2002-2003; 2003-2004; 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes
- *Programa Detalhado da Disciplina de Filosofia da Educação*. Curso de licenciatura em Educação. Universidade do Minho – Anos lectivos: 1996-1997; 1997-1998; 1998-1999; 1999-2000; 2000-2001; 2001-2002; 2002-2003; 2003-2004; 2004-2005. Facultado pela Professora Maria Conceição Antunes.
- *Programa e Planeamento Didáctico da Disciplina de Filosofia da Educação I e II*. Curso de licenciatura em Filosofia. Universidade de Évora - Ano lectivo: 2005-2006. Facultado pela Professora Teresa Santos.
- *Programa e Planeamento Didáctico de Filosofia da Educação (Teoria da Educação)*. Curso de mestrado em Educação – Desenvolvimento Pessoal e Social. Universidade de Évora - Ano lectivo: 2002-2003. Facultado pela Professora Teresa Santos.
- *Programa e Planeamento Didáctico de Filosofia da Educação*. Curso de mestrado em Educação – Administração Escolar. Universidade de Évora - Ano lectivo: 2005-2006. Facultado pela Professora Teresa Santos.
- *Programa do Curso de Mestrado em Filosofia da Educação*. Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. - Ano lectivo: 2002-2003. Facultado pelo Professor Luís Bernardo.

Fichas de Presença dos alunos

- *Fichas de Presença dos alunos dos cursos de licenciatura em Ensino*. Faculdade de

Ciências. Universidade de Lisboa - Anos lectivos: 1998-1999, 1999-2000, 2000-2001, 2002-2003, 2003-2004, 2006-2007 e 2007-2008. Facultadas pelo Professor Joaquim Pintassilgo.

Curriculum Vitae de Professores

- Adalberto Dias de Carvalho
- Alberto Filipe Araújo
- Artur Manso
- Barros Dias
- Cassiano Maria Reimão
- Custódia Martins
- Eugénia Vilela
- Isabel Renaud
- João Boavida
- João Paulo Monteiro
- Joaquim Neves Vicente
- Joaquim Pintassilgo
- José Casulo
- José Ribeiro Dias
- Laura Ferreira dos Santos
- Leonel Ribeiro dos Santos
- Luís Bernardo
- Luís Sebastião
- Manuel Alte da Veiga
- Manuel Barbosa
- Manuel Ferreira Patrício
- Manuel Gama
- Maria Clara Oliveira
- Maria Conceição Antunes
- Maria de Sousa Pereira Coutinho
- Michael Renaud
- Norberto Cunha
- Olga Pombo

- Paula Cristina Pereira
- Rogério Fernandes

Teses de doutoramento em Filosofia/Educação/Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação

- AMOEDO, Margarida (1997). *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Évora.
- ANTUNES, Maria Conceição (1999). *Teoria e Prática Pedagógica: ruptura e ensaios de recontextualização da educação à luz do projecto rortyano*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Alberto Filipe (1994). *O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Joaquim Machado de (2001). *Utopia e Educação. Para uma reinterpretação da utopia de Tomás Moro*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- AZEVEDO, Maria da Conceição (1994). *Filosofia da Educação em Fernando Pessoa: encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- BAPTISTA, Isabel (2005). *Capacidade Ética e Desejo Metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (1996). *Antropologia complexa do processo educativo. Quadro de referenciais e leque de vectores fundamentais*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- BARROS DIAS (1996). *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes: compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Évora.
- CASULO, José (1995). *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- FERNANDES, José Matos (2005). *Racionalidade e Educação – Entre Popper e Dewey*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- FERNANDES, Rogério (1988). *O Ensino das Primeiras Letras em Portugal. 1800-1820*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da

Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.

- GUIMARÃES, Armando Rui (1999). *Educação Religiosa Confessional. Uma Perspectiva Filosófica*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- LOPES, Ana Maria Mouraz (2004). *Culturas Epistémicas na área do currículo*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- MANSO, Artur (2006). *Filosofia Educacional na obra de Agostinho da Silva*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- MEDEIROS, Emanuel (2003). *A Filosofia como centro do currículo na Educação ao Longo da Vida*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade dos Açores.
- NETO, Mateus António da Silva (2006). *O horizonte da Universidade no século XXI*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- OLIVEIRA, Maria Clara (1997). *A educação como processo auto-organizativo*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1984). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e prática*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Évora.
- PEREIRA, Paula Cristina (2005). *Do Sentir e do Pensar. Para uma antropologia experiencial de matriz poética da contemporaneidade*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- POMBO, Olga (1997). *Unidade da Ciência e Configuração dos Saberes: Contributos para a Filosofia do Ensino*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Laura Ferreira (1996). *Pensar o desejo a partir de Freud, Girard e Deleuze*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade do Minho.
- SANTOS, Maria Teresa (2000). *A Pedagogia da escuta em Krishnamurti*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Évora.
- SEABRA, Maria Judite (1999). *Os Liceus na Sociedade Coimbrã. 1840-1930*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em História e Filosofia da Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- SEBASTIÃO, Luís (2000). *Possibilidade de fundamentação da educação no pensamento cosmogénico de Pierre Teilhard de Chardin*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de

Évora.

- VEIGA, Manuel Alte (1985). *Filosofia da Educação e Aporias da Religião: a problemática do ensino religioso*. Tese de doutoramento em Educação com especialidade em Filosofia da Educação. Universidade de Aveiro.
- VILELA, Eugénia (2005). *Silêncios Tangíveis – Corpo, Resistência e Testemunho nos espaços contemporâneos de abandono*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.

Estatutos e reformas universitárias

- *Estatutos Universitários* de D. Manuel de 1503.
- *Estatutos da Universidade de Coimbra* de D. José I de 1772.
- *Relatório*, intitulado *Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra desde o princípio da Nova Reformulação até o mês de Setembro de 1777*, elaborado por Francisco de Lemos
- *Projecto de lei da Organização Geral da Universidade em Portugal* de Guilherme Dias Pregado de 1835.
- *Reforma Universitária* de Manuel da Silva Paços de 1836.
- *Reforma Educativa* de 1911.
- *Reforma Educativa* de 1918.
- *Reforma Educativa* de 1926.
- *Reforma Educativa* de 1930.
- *Estatutos Universitários* de Dezembro de 1969 (Brasil)
- *Estatutos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*. Universidade de Coimbra - Diário da república, 2ª série – Nº78 – 22 de Abril de 2009.

Legislação

- Alvará Régio de 29 de Julho de 1803
- Carta de Lei de 2 de Julho de 1885
- Decreto de 22 de Março de 1911
- Decreto de 24 de Março de 1911
- Decreto de 19 de Abril de 1911
- Decreto de 9 de Maio de 1911
- Decreto de 12 de Maio de 1911
- Decreto de 21 de Maio de 1911
- Decreto de 19 de Agosto de 1911

- Decreto de 22 de Agosto de 1911
- Lei de 30 de Junho de 1913
- Decreto de 2 de Maio de 1919
- Decreto de 10 de Maio de 1919
- Lei nº 861, de 27 de Agosto de 1919
- Decreto de 19 de Setembro de 1919
- Decreto nº 15365, de 12 de Abril de 1928
- Decreto nº 18973, de 16 de Outubro de 1930
- Artigo 8º da Constituição de 1933
- Decreto nº 25317, de 13 de Maio de 1935
- Decreto-Lei nº 45864, de 17 de Agosto de 1961
- Lei nº 5.540 de 1968 (Brasil)
- Decreto-Lei nº 388/70, de 18 de Agosto de 1970
- Decreto nº 443/7123, de 23 de Novembro de 1971
- Decreto-Lei nº 402/73, de 11 de Agosto de 1973
- Decreto-Lei nº 769/B/76, de 23 de Outubro de 1976
- Decreto-Lei nº 12/77, de 20 de Janeiro de 1977
- Despacho 32/77, de 21 de Janeiro de 1977
- Decreto-Lei nº 463-A/77, de 10 de Novembro de 1977
- Decreto regulamentar nº 1/78, de 10 de Janeiro de 1978
- Despacho 32/78, de 18 de Fevereiro de 1978
- Decreto-Lei nº 519-T1, de 5 de Dezembro de 1979
- Decreto-Lei nº 482/79 de 14 de Dezembro de 1979
- Decreto-Lei nº 529/80, de 5 de Novembro de 1980
- Despacho de 20 de Agosto de 1981
- Portaria 850/82, de 7 de Setembro de 1982
- Despacho 108/ME/83, de 7 de Junho de 1983
- Portaria 919/83, de 7 de Outubro de 1983
- Decreto nº 125/83, de 3 de Novembro de 1983
- Despacho 59/SEES/84, de 12 de Junho de 1984
- Portaria 849/84, de 5 de Novembro de 1984
- Decreto - lei nº 150-A/85, de 8 de Maio de 1985

- Portaria 405/86, de 26 de Julho de 1986
- Portaria 852/87, de 4 de Novembro de 1987
- Portaria 853/87, de 4 de Novembro de 1987
- Lei nº 188/88, de 24 de Setembro de 1988
- Portaria 659/88, de 29 de Setembro de 1988
- *Loi d'orientation sur l'éducation* 89-485 de 10 Julho de 1989 (França)
- Decreto-Lei nº 289/89, de 29 de Agosto de 1989
- Despacho 10/90, de 27 de Julho de 1990
- Deliberação 15/94, de 31 de Maio de 1994
- Deliberação 42/94, de 17 de Janeiro de 1995
- Despacho 10/SAC/96, de 25 de Julho de 1996
- Deliberação 18/98 de 24 de Abril de 1998
- Despacho 17 356/99
- Deliberação 883/2002, de 20 de Maio de 2002

Bibliografia

- AA. VV. (1998). *20 Anos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Volume comemorativo. 1977-1997*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- AA. VV. (2009). *Repenser l'enfance*. Paris: Editions-Hermann.
- ADORNO, T. (1970). *Erziehung zur Mündigkeit*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port. (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- ALBUQUERQUE, M. B. B., OLIVEIRA, I. A. e SANTIAGO, J. L. A. (2006). *Filosofia da Educação: produção intelectual, identidade e ensino a partir da ANPEd*. Belém: EDUEPA.
- ALBUQUERQUE, M. B. B. e DIAS, A. S. (2012). Quinze anos de Filosofia da Educação na ANPEd: balanços e desafios. In *Rev. Diálogo Educ.* V.12, Nº35. Curitiba. Jan./Abr. 2012. pp. 233-252.
- ALMEIDA, Vieira (1961). *Introdução à Filosofia*. Coimbra: Arménio Amado.
- ALTAREJOS, F. (1983). *Educación y felicidad*. Pamplona: EUNSA.
- AMILBURU, M. G. y GUTIÉRREZ, J. G. (2012). *Filosofía de la Educación: Questiones de Hoy y de Siempre*. Madrid: Uned.
- AMOEDO, Margarida Isaura Almeida (2002). *José Ortega y Gasset: A Aventura Filosófica da Educação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ANDRADE, C. S. (1995). *A Coimbra de Eça de Queirós*. Coimbra: Minerva.
- ANTUNES, Manuel (1957). Haverá Filosofias Nacionais?. In *Brotéria*. Tomo LXIV. Lisboa. pp.

555-565.

- ANTUNES, Maria Conceição (2001). *Teoria e Prática Pedagógica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ANTUNES, Maria Conceição (Coord.) (2007). *Educação de Adultos e Intervenção Comunitária II*. Coimbra: Almedina.
- ANTUNES, Maria Conceição (2008). *Educação Saúde e Desenvolvimento*. Coimbra: Almedina.
- ARAÚJO, Alberto Filipe (1997). *O "Homem Novo" no discurso pedagógico de João de Barros*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- ARAÚJO, Alberto Filipe, MAGALHÃES, Justino e ARAÚJO, Joaquim Machado (Orgs.) (2001). *História, Educação e Imaginário*. Actas do V Colóquio *História, Educação e Imaginário* (Universidade do Minho, 30 de Outubro de 2000). Braga, CEEP/IEP/Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Alberto Filipe, MAGALHÃES, Justino e ARAÚJO, Joaquim Machado (Orgs.) (2003). *História, Educação e Imaginário*. Actas do VI Colóquio *História, Educação e Imaginário* (Universidade do Minho, 24 de Março de 2003). Braga, CEEP/IEP/Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Alberto Filipe e ARAÚJO, Joaquim Machado (Orgs.) (2004). *História, Educação e Imaginário*. Actas do VII Colóquio *História, Educação e Imaginário* (Universidade do Minho, 8 de Março de 2004). Braga, CEEP/IEP/Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Alberto Filipe (2004). *Figuras do imaginário educacional. Para um novo espírito pedagógico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ARAÚJO, Alberto Filipe e ARAÚJO, Joaquim Machado (Orgs.) (2007a). *História, Educação e Imaginário*. Braga: CEEP/IEP/Universidade do Minho.
- ARAÚJO, Alberto Filipe e ARAÚJO, Joaquim Machado (2007b). *Utopia, cidade e educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ARAÚJO, Alberto Filipe e GUIMARÃES, Armando Rui (2012). Da criança arquetipal à mitologia da infância. Uma abordagem a partir de James Hillman. In DORNELLES, Leni Vieira e FERNANDES, Natália. (Ed). *Perspectivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras*. (pp. 241-261) Braga: Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- ARCHAMBAULT (1965) (Ed.). *Philosophical Analysis and Education*. New York: Routledge.
- ARENDT, H. (1960). *La crise de la culture*. Paris: Gallimard.
- ARENDT, H. (1993). *La condición humana*. Barcelona: Paidós.
- ARESTA, António (2004). *Sant'Anna Dionísio e a Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Porto Editora.
- ARISTÓTELES (2004). *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal Editores. (trad. do grego de António C. Caeiro).
- ARROTEIA, J. C. (1996). *O Ensino Superior em Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- AZEVEDO, Fernando, ARAÚJO, Joaquim Machado, PEREIRA, Cláudia e ARAÚJO, Alberto Filipe (Orgs.) (2007). *Imaginário, identidades e margens. Estudos em torno da literatura infanto-juvenil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

- BAPTISTA, I. (1998). *Ética e Educação – estatuto ético da relação educativa*. Porto: Universidade Portucalense.
- BAPTISTA, I. (2005). *Dar rosto ao futuro – A educação como compromisso ético*. Lisboa: Profedições.
- BAPTISTA, I. (2007). *Capacidade ética e desejo metafísico – Uma interpelação à razão pedagógica*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- BARATA-MOURA, J. (1998). *Estudos de Filosofia Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- BARATA-MOURA, J. (2000). O Lugar do Conhecimento na Concepção de Filosofia de Vieira de Almeida. In CALAFATE, P. (Dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol.V – Tomo 2. (pp.307-326). Lisboa: Caminho.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (1997a). O Educador e a Teoria: que perspectivas de relacionamento em cenários de incerteza?. In DIAS, Ribeiro e ARAÚJO, Alberto Filipe. (Orgs.). *Filosofia da Educação Temas e Problemas – Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*. (pp. 119-124). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (1997b). *Antropologia complexa do processo educativo*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (1999). *Olhares sobre a educação, autonomia e cidadania*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (2000). *Antropologia e Pedagogia em Freud – contribuição para o estudo da concepção freudiana de educação*. Braga: Edições APPACDM de Braga.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (2001). *Educação do cidadão: recontextualização e redefinição*. Braga: Edições APPACDM de Braga.
- BARBOSA, Manuel Gonçalves (2006). *Educação e cidadania: renovação da pedagogia*. Braga: Edições Labirinto.
- BARRETO, L. F. (1990a). Humanismo em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol.2. (pp. 1218-1222). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- BARRETO, L. F. (1990b). Humanistas em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol.2. (pp. 1222-1230). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- BARRETO, A. (1992). *Os Silêncios do Regime*. Lisboa: Estampa.
- BARRIO y CORBELLÁ (1992). La Filosofía de la Educación en Alemania. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. (pp. 25-65). Madrid: Dykinson.
- BARROS DIAS (1999). *Educação e Construção Europeia no Dealbar do Terceiro Milénio*. Évora: Association Européene des Enseignants – Secção de Évora.
- BARROS DIAS (2002). *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes – Compromissos para a Educação dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BARROS DIAS (2004). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BARROS DIAS e SEBASTIÃO, Luís (Org.) (2008). *Da Filosofia, da Pedagogia, da Escola. Liber Amicorum – Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Universidade de Évora.

- BARROW, R. (1975a). *Moral Philosophy for Education*. London: George Allen & Unwin.
- BARROW, R. (1975b). *Plato, Utilitarianism and Education*. London: RKP.
- BARROW, R. (1976). *Plato and Education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- BELO, José (1999). *Para uma Teoria Política da Educação: Actualidade do Pensamento Filosófico, Pedagógico e Didáctico de Delfim Santos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- BERNARDO, Luís (1998). *Linguagem e Discurso: Uma Hipótese Hermenêutica sobre a Filosofia de Eric Weil*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Filosofia Geral. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- BERNARDO, Luís (2001). O regresso da Filosofia da Educação: novos desafios para uma velha disciplina. In *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* – nº 14. pp. 203-210.
- BERNARDO, Luís (2004). Moscas e Caça-Moscas: Questões de Filosofia da Educação. In AURETTA, C., GONÇALVES, J. C. e BERNARDO, L. *Discursos Cruzados. Filosofia, Literatura e Educação*. (pp. 80-131). Lisboa: Plátano Editora.
- BERNARDO, Luís (2008). Conhecimento e Realidade em Delfim Santos. In SOVERAL, Cristiana (Org.). *Actas do Congresso Internacional – Delfim Santos e a Escola do Porto*. (pp. 277-297). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BERNARDO, Luís (2010). À volta da hibridez discursiva: questões de textualidade e educação. In *Itinerários de Filosofia da Educação. Revista nº 9, 2º Semestre de 2010*. pp.119-152.
- BILLOUET, P., DEPIERRE, R., HUSSON, L., LAMARRE, J. M. y TOUZEAU, A. (2007). *Débattre. Pratiques scolaires et démarches éducatives*. Paris: L'Harmattan.
- BILLOUET, P. (2009). *Figures de la magistralité*. Paris: L'Harmattan; BILLOUET, P. (2010). *L'Éducation Scripturale*. Paris: L'Harmattan.
- BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (1998). *Thinking Again: education after postmodernism*. Westport, CN: Bergin & Garvey.
- BLAKE, N., SMITH, R. and STANDISH, P. (1998). *The Universities We Need: higher education after Dearing*. London: Kogan Page.
- BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R. , and STANDISH, P. (2000). *Education in an age of nihilism*. London: RoutledgeFalmer.
- BLAKE, N., SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (Eds.) (2003). *The Blackwell Guide to Philosophy of Education*. Oxford: Blackwell.
- BOAVIDA, João (1989). *A Filosofia do Ser e do Ensinar. Proposta Para uma Nova Abordagem*. Tese de Doutoramento em Psicologia com especialidade em Ciências da Educação. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- BOAVIDA, João (1998a). *Educação: Objectivo e Subjectivo – para uma teoria do itinerário educativo*. Porto: Porto Editora.
- BOAVIDA, João (1998b). Acesso e processo em axiologia educacional. In DIAS, Ribeiro e

- ARAÚJO, Alberto Filipe. (Orgs.). *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação – Filosofia da Educação: temas e problemas*. (pp. 225-240). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- BOAVIDA, João (2002). Entre tese e antítese: contributos para uma síntese educacional. In *Revista Portuguesa de Pedagogia (Homenagem a Joaquim Ferreira Gomes)*. Ano 36, nº1, 2 e 3. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. pp.137-149.
- BOAVIDA, João e AMADO, João (2007). A especificidade do educativo seu potencial teórico e prático. In BOAVIDA, J. e DUJO, A. (Coords.). *Teoria da Educação. Contributos Ibéricos*. (pp. 21-44). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BOAVIDA, J. e DUJO, A. (Coords.) (2007). *Teoria da Educação. Contributos Ibéricos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BOAVIDA, J. e AMADO, J. (Coords.) (2008). *Ciências da Educação – Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. 2ª Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BOAVIDA, João (2010). *Educação filosófica. Sete ensaios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BOLLNOW, O. F. (1987). *Crisis and New Beginning: Contributions to a pedagogical anthropology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- BORGES, I. P. e PINTO, A. C. (1986). *Contributo para a história da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*. Texto editado no âmbito das comemorações dos 10 anos do Curso de Psicologia.
http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/26_amancio.pdf
- BORGES, P. (1990). Filosofia Portuguesa. In Logos. AA. VV. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Vol. 2*. (pp. 614-626). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- BOUDINET, G. (2012). *Deleuze et L'Anti-Pédagogue. Vers une esthétique de l'éducation*. Paris: L'Harmattan.
- BOURDIEU, Pierre (1991). Le champ littéraire. In *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 89. pp. 4-46.
- BOURDIEU, Pierre (1993). *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*. Randal Johnson (ed. e introd.). European Perspectives. US. Columbia University Press.
- BOURDIEU, Pierre (1977). *Outline of a theory of practice*. Translated by Richard Nice. New York: Cambridge University Press.
- BOURDIEU, Pierre (1983). Esboço de uma teoria da prática. In ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. (pp. 21-88). São Paulo: Atica.
- BOURDIEU, Pierre (2001). A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In BOURDIEU, P. *O Poder simbólico*. (pp. 59-74). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre (2003). Espaço social e espaço simbólico. In BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da acção*. (pp. 13-28). Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, Pierre (2004). *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora da UNESP.
- BOUVERESSE, R. (Dir.) (1993). *Education et philosophie: écrits en l'honneur d'Olivier*

Reboul. Paris: PUF.

- BRIANÇON, M. (2011). *Ces élèves en difficulté scolaire qui se disent d'abord curieux du maître*. Paris: L'Harmattan.
- BRIANÇON, M. (2012). *L'Altérité enseignante. D'un penser sur l'autre à l'autre de la pensée*. Paris: Publibook.
- BRANDÃO, Margarida (1999). *Modos de Ser Professor*. Lisboa: Educa.
- BREZINKA, W. (1988). *La pedagogía de la nueva izquierda*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A.
- BREZINKA, W. (1992). *Philosophy of educational knowledge*. Boston/London: Kluwer Academic Publishers.
- BREZINKA, W. (1994). *Belief, Morals, and Education. Collected Essays on the Philosophy of Education*. Aldershot England/ Brookfield USA: Avebury.
- BRU, M. et NOT, L. (Dir.) (1986). *Où va la Pédagogie du Projet?* Toulouse: EUS.
- BRUNO, Sampaio (1898). *O Brazil Mental. Esboço crítico*. Porto: Livraria Chandron.
- BRUNO, Sampaio (1898). *Os Modernos Publicistas Portugueses*. Porto: Livraria Chandron.
- CABRAL, R. (1990). Ética. In AA. VV. *Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 2. (pp. 334-335). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- CABRITO, Belmiro (2002). *O Financiamento do Ensino Superior*. Lisboa: Educa.
- CAEIRO, F.G. (1989). Aristotelismo em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol.1. (pp. 433-454). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- CALAFATE, Pedro (1992a). Educação em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol. 5. (pp.858-871). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- CALAFATE, Pedro (1992b). Historiografia Filosófica em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol.5. (914-926). Lisboa: Verbo.
- CALAFATE, Pedro (1992c). Martinho de Mendonça Pina e Proença. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* Vol.4. (pp. 441-445). Lisboa: Verbo.
- CALAFATE, Pedro (2001). O conceito de filosofia: o recuo da metafísica. In CALAFATE, Pedro (Dir.). *História do Pensamento Filosófico Português – Vol.III*. (pp.125-137). Lisboa: Caminho.
- CAMPILLO, J. (1974). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Burgos: Hijos de Santiago Rodríguez.
- CANDEIAS, António (Coord.) (2005). *Modernidade, Educação e Estatísticas na Ibero-América dos séculos XIX e XX*. Lisboa: Educa.
- CANDEIAS, António (Dir. e Coord.) (2007). *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX – Os censos e as estatísticas*. 2ªEd. Lisboa: Gulbenkian.
- CARNEIRO, Mário (2000). Fidelino de Figueiredo. In CALAFATE, Pedro. (Dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol.V – Tomo 1. (pp.402-424). Lisboa: Caminho.
- CARR, W. and KEMMIS, S., (1985). *Becoming Critical: Education, Knowledge and Action Research*. Brighton: Falmer Press.

- CARR, W. (Ed.) (1989). *Quality in Teaching: Arguments for a Reflective Profession*. Brighton: Falmer Press.
- CARR, W. (1995). *For Education: Towards Critical Educational Inquiry*. Buckingham: Open University Press.
- CARR, W. and HARTNETT, A., (1996). *Democracy and the Struggle for Education*. London: Cassell.
- CARR, W. (Ed.) (2005). *The Routledge Falmer Reader in the Philosophy of Education*. London: Routledge.
- CARREIRA, H. M. (1996). As políticas Sociais em Portugal. In Barreto, A. (Org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1995*. (pp.367-463). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais,
- CARRILHO, António Louro (1984). A Formação de Professores na Universidade de Évora. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano XVIII. p. 75-86.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1984a). *O Estatuto da Filosofia da Educação*. Tese de doutoramento em Filosofia. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1984b). *Estatuto da Filosofia da Educação na Investigação Educativa: Contributo para o Estudo da Situação da Filosofia da Educação no Contexto Geral das Relações da Filosofia com as Ciências*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1985). *Das Ciências da Educação à Ciência da Educação*. Tese de doutoramento em Filosofia. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1992). *A Educação como Projecto Antropológico*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1993). *A Construção do Projecto de Escola*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2000a). *A Educação e os Limites dos Direitos Humanos: Ensaio de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2000b). *A Contemporaneidade Como Utopia*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Dir.) (2000c). *Diversidade e Identidade. 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.) (2001a). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2001b). *Novo Conhecimento Nova Aprendizagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2002a). *Epistemologia das Ciências da Educação*. 4ª Ed. Porto: Afrontamento.

- CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.) (2002b). *Sentidos Contemporâneos de Educação*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.) (2004). *Problemáticas Filosóficas da Educação*. Porto: Afrontamento.
- CARVALHO, Adalberto Dias de e BAPTISTA, Isabel (2004). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Coor.) (2006). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2011). *Solidão, Educação e Condição Humana*. Porto: Edições Afrontamento.
- CARVALHO, Joaquim (1916). *António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença*. Coimbra: França Amado.
- CARVALHO, Joaquim (1986). Problemática da Saudade. In BOTELHO, A. e TEIXEIRA, A. B. (Sel. e Orgs.). *Filosofia da Saudade*. (pp. 220-238). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CARVALHO, J. V. (1997). A Filosofia na Universidade de Évora. In *História da Universidade em Portugal – Vol.II. (1537-1771)*. (pp. 763-766). Lisboa: Gulbenkian.
- CARVALHO, Luís Miguel (2000). *Nós através da escrita: Revistas, especialistas e conhecimento pedagógico (1920-1936)*. Lisboa: Educa.
- CARVALHO, Luís Miguél (2007). A Imprensa de Educação e Ensino na História da Educação: Um olhar sobre teses de doutoramento (1990-2004) e um mapa para outros trajectos. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. E FELGUEIRAS, M. L. (Org.). *A História da Educação em Portugal – Balanço e perspectivas*. (pp. 179-202). Lisboa: Edições ASA.
- CARVALHO, Mário Santiago de (2010). *Psicologia e Ética no Curso Jesuíta Conimbricense*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARVALHO, M. S. e CAMPS, M. C. (2010). *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus sobre os três livros do Tratado da Alma de Aristóteles Estagirita*. Lisboa: Edições Sílabo.
- CARVALHO, Rómulo de (2008). *História do ensino em Portugal: Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. 4ªEd. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELO, C. (2000). Délio Nobre dos Santos. In Nóvoa, A. (Dir.). *Dicionário de Educadores Portugueses*. (pp. 1265-1267). Lisboa: Edições ASA.
- CASULO, José Carlos. (1996). Filosofia da Educação e História da Pedagogia. In *Revista Portuguesa de Filosofia*. T-52. Fas.1/4 (Jan.-Des. 1996). Homenagem ao Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva. pp.233-242.
- CASULO, José Carlos. (1997). *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*. Braga: Universidade do Minho.
- CASULO, José Carlos. (1999). Textos Pedagógicos de António Sérgio em A Vida Portuguesa. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano.33-nº1. pp. 43-61.

- CASULO, José Carlos (2007). Sobre a raiz gnóstica da Pedagogia de Agostinho da Silva (Prefácio-apontamento). In MANSO, Artur. *Filosofia Educacional na obra de Agostinho da Silva*. (pp. I-IV). Tese de Doutoramento em Educação na especialidade em Filosofia da Educação apresentada à Universidade do Minho.
- CERDEIRA, Luísa (2009). *O Financiamento do Ensino Superior Português*. Coimbra: Almedina.
- CERTAU, Michel de (1977). História e Historiadores. In LE GOFF, Jaques, LADURIE, Le Roy e DUBY, Georges (Org.). *A Nova História*. Lisboa: Ed.70.
- CERVERA, A. (1969). *Quién es el hombre? Antropología filosófica*. Madrid: Fax.
- CERVERA, A. y SÁEZ, J. (1982). *Filosofía de la Educación*. Valencia: Nau Llibres.
- CHARBONNEL, Nanine (1988). *Pour une critique de la raison éducative*. Berner: Peter Lang.
- CHARBONNIER, S. (2009). *Deleuze pédagogue*. Paris: L'Harmattan.
- CHARBONNIER, S. (2013). *Que peut la philosophie*. Paris: SEUIL.
- CHARTIER, R. (2002). *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade.
- CHÂTELET, F. (1970). *La Philosophie des professeurs*. Paris: Grasset.
- CHERVEL, André (1998). *La culture scolaire: Une approche historique*. Paris: Berlin.
- CLAPARÈDE, E. (1912). *Un institut des sciences de l'éducation et les besoins auxquels il répond*. Genève: Albert Kundig.
- CLARK, C. (1989). Why teachers need Philosophy? In *Journal of Philosophy of education* nº 23. pp. 241-252.
- COIMBRA, Leonardo (1983). *Obras Completas Vol I e II*. Porto: Ed. Lello e Irmão.
- COLOM, Antoni, J. & MÈLICH, Joan-Carles (1994). *Después de la modernidad – nuevas filosofías de la educación*. Barcelona: Paidós.
- COOPER, D. E. (1983). *Authenticity and Learning. Nietzsche's Educational Philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul.
- COOPER, D. E. (Ed.) (1986). *Education, Values and Mind*. Essays for R. S. Peters. London: RKP.
- CORREIA, José Alberto (1998). *Para uma Teoria Crítica em Educação*. Porto: Porto Editora.
- COUTINHO, Maria de Sousa Pereira (2002). *Racionalidade Comunicativa e Desenvolvimento humano em Jürgen Habermas*. Lisboa: Edições Colibri.
- COXITO, Amândio (1992). Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento. In *Revista Filosófica de Coimbra – 2*. (pp. 229-308).
- COXITO, Amândio e SOARES, Maria Luísa (2001). Pedro da Fonseca. In *História do Pensamento Filosófico Português - vol.II*. (pp.455-502). Lisboa: Caminho.
- COXITO, Amândio (2001). O curso conimbricense. In CALAFATE, P. (Dir.). *História do Pensamento Filosófico Português - Vol.II*. (pp.503-543). Lisboa: Caminho.
- CURY, C. R. J. (1985). *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

- DE HOVRE, F. (1952). *Ensayo de Filosofía Pedagógica*. Madrid: Fax.
- DEARDEN, R. F. (1968). *The Philosophy of Primary Education. An Introduction*. London, Routledge & Kegan Paul.
- DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972a). *A Critique of Current Educational Aims. Part 1 of Education and the Development of Reason*. London: RKP.
- DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972b). *Education and Reason. Part 3 of Education and the Development of Reason*. London: RKP.
- DEARDEN, R. F., HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (Eds.) (1972c). *Education and the Development of Reason*. London: Routledge & Kegan Paul.
- DEBESSE, M. & MIALARET, G. (1969). *Traité des Sciences Pedagogiques*. 6 Vol. Paris: PUF.
- DELORS, Jaques (2001). *Educação um tesouro a descobrir*. 7ªEd. Porto: ASA Editores.
- DEPAEPE, M. (2001). La recherche expérimentale en éducation de 1890 à 1940: les processus historiques sous-jacents au développement d'une discipline en Europe de l'Ouest et aux Etats-Unis. In HOFSTETTER, R. e SCHNEUWLY, B. (Éds). *Le pari des sciences de l'éducation*. (pp. 33-71). Bruxelles: De Boeck & Larcier S.A.
- DERBOLAV, J. and IKEDA, D. (2008). *Search for a New Humanity*. London: I. B. Tauris.
- DEUSDADO, F. (1995). *Educadores Portugueses*. Porto: Lello irmão.
- DEWEY, J. (1897). *My pedagogic creed*. Chicago: Chicago University.
- DEWEY, J. (1899). *The school and society*. Chicago: Chicago University.
- DEWEY, J. (1916). *Democracy and education*. New York: Columbia University.
- DEWEY, John (1968). *La Ciencia de la Educación*. Buenos Aires: Losada.
- DEWEY, John (1989). *Cómo pensamos. Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo*. Barcelona: Paidós/Ministério de Educación y Ciência.
- DEWEY, John (2007). *Democracia e Educação*. Lisboa: Didáctica Editora.
- DHILLON, P. and STANDISH, P. (Eds.) (2000). *Lyotard: Just Education*. London: Routledge.
- DIAS, José Ribeiro (1970). *A Noção Metafísica de Bem nas 'Questiones Disputatae de Veritate' de S. Tomás de Aquino*. Lisboa: Pontificia Studiorum Universitas a S. Thoma Aquinate in Urbe.
- DIAS, José Ribeiro (1972). *Contribuição para o Estudo das Fontes da Noção Ocidental de Bem*. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.
- DIAS, José Ribeiro (1979a). *Educação de Adultos: Educação Permanente, Evolução do Conceito de Educação*. 2ªEd. Braga: Universidade do Minho.
- DIAS, José Ribeiro (1979b). *A Educação de Adultos, a Pessoa e a Comunidade*. 2ªEd. Braga: Universidade do Minho.
- DIAS, José Ribeiro (1983). *Curso de Iniciação à Educação de Adultos*. Braga: Universidade do Minho.
- DIAS, José Ribeiro (Dir.) (1988a). *Revista Portuguesa de Educação*. Centro de Estudos Educacionais e Desenvolvimento Comunitário. Braga: Universidade do Minho.

- DIAS, José Ribeiro (1988b). *Man as The Highest Value in Education. Philosophy of Education, East-West; Bridge of Gulf?*. Budapeste: Országos.
- DIAS, José Ribeiro (1993). *Filosofia da Educação – pressupostos, funções, método, estatuto*. In Revista Portuguesa de Filosofia, 49. Tomo XLIX. Janeiro-Junho de 1993. Fasc.1-2. pp.3-28.
- DIAS, José Ribeiro (Coord.) (1996). *Educação e Utopia: (Actas)/do Encontro Comemorativo dos 460 Anos da Morte de Tomás Moro*. (Org.) Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho.
- DIAS, José Ribeiro (1998). A Procura da Sabedoria em Educação. In DIAS, José Ribeiro e ARAÚJO Alberto Filipe (Org.). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas: Actas/do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*. (pp.9-21). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- DIAS, J. R. e ARAÚJO, A. F. (Org.) (1998). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas: Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- DIAS, José Ribeiro (Org.) (2000a). *Ocidente:Hontanares, Sentidos, Valores/Octavi Fullat*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- DIAS, José Ribeiro (2000b). *Ensinar, Educar, Formar. Evolução dos conceitos de Educação, na passagem do milénio*. Lisboa: Didáctica Editora.
- DIAS, José Ribeiro (2000c). *A Procura da Sabedoria*. Lisboa: Didáctica Editora.
- DIAS, José Ribeiro (2001). *A Realização do Ser Humano: Para a História das Ideias em Educação e Psicologia*. Lisboa: Didáctica.
- DIAS, José Ribeiro (2009). *Educação o Caminho de uma nova Humanidade: das Coisas às Pessoas e aos valores*. Porto: Papiro editora.
- DIAS, P. (1997). Espaços Escolares. In AA. VV. *História da Universidade em Portugal. Volume I. Tomo I. (1290-1536)*. (pp. 33-38). Coimbra/Lisboa: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian.
- DILTHEY, W. (1961). *Gesammelte Schriften. Pädagogik. Vol.IX. (Grundlinien eines Systems der Pädagogik)* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. (Trad. Esp. (1940). *Fundamentos de un sistema de pedagogía*. Buenos Aires: Losada).
- DOWNIE, R. S., LOUDFOOT, E. M. & TELFER, E. (1974). *Education and Personal Relationships. A Philosophical Study*. London: Methuen.
- DROUIN-HANS, A. M. (2004). *Education et utopie (Philosophie de l'éducation)*. Paris: PUF.
- DROUIN-HANS (Dir.) (2008). *Relativisme et Education*. Paris: L'Harmattan.
- DROUIN-HANS, A. M. (Textes rassemblés por Anne-Marie DROUIN-HANS) (2012). *Philosophie de L'Éducation. Itinéraires américains*. Paris: L'Harmattan.
- EGÉA-KUEHNE, Denise, (1997). Philosophie de l'éducation dans le monde anglophone. In *Revue Française de Pédagogie*. Nº121. pp. 141-155.
- ESCÁMEZ, J. (1981). *La formación de hábitos como objetivos educativos*. Murcia: Limites.
- ESCÁMEZ, J. (1986). *La enseñanza de actitudes y valores*. Valencia: Nau Llibres.

- ESCÁMEZ, J. (Dir.) (1990). *Drogas y escuela. Un programa de prevención*. Madrid: Dykinson.
- ESCOLANO, A. (1978). *Las Ciencias de la Educación. Epistemología y Educación*. Salamanca: Sígueme.
- ESTÉBANEZ, P.F. (1998). Historia de la Filosofía de la Educación. In AA. VV. *Filosofía de la educación hoy – temas*. (pp. 57-76). Madrid: Dykinson.
- FABRE, M. (1989). *L'enfant et les fables*. Paris: PUF.
- FABRE, M. (1994). *Penser la formation*. Paris: PUF.
- FABRE, M. (1995). *Bachelard éducateur*. Paris: PUF.
- FABRE, M. (1999). *Situations-problèmes et savoir scolaire*. Paris: PUF.
- FABRE, M. (1999). *Jean-Jacques Rousseau, une fiction théorique éducative*. Paris: Hachette.
- FABRE, M. (2001). *Gaston Bachelard, La formation de l'homme moderne*. Paris: Hachette.
- FABRE, M. (2011). *Éduquer pour un monde problématique. La carte et la bussole*. Paris: PUF.
- FADIGAS, Nuno (2003). *Inverter a Educação – De Giles Deleuze à Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora.
- FAVA, F. M. (2008). *Leonardo Coimbra e a I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- FELGUEIRAS, M. L. e FERREIRA, A. G. (2004). *Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- FELGUEIRAS, Margarida (2011). A Presença de Rogério Fernandes. In *Seara Nova*. <http://www.searanova.publ.pt/pt/1715/memoria/134/A-presenca-de-Rogério-Fernandes.htm>.
- FERMOSO, P. (1970). *Filosofía de la Educación*. Madrid: Bibliográfica Española.
- FERMOSO, P. (1976). Karl Jaspers, filósofo de la educación. In *Revista de Ciencias de la Educación*. 22. pp. 171-198.
- FERMOSO, P. (1983). *Teoría de la Educación. Una interpretación antropológica*. Barcelona: CEAC.
- FERMOSO, P. (1985). Filosofía de la Educación: Un siglo de Historia (1848-1942). In *Revista de Ciencias de la Educación*. Nº 31. pp. 268-269.
- FERMOSO, P. (1986). *Repertorio Bibliográfico de Filosofía/Teoría de la Educación*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona.
- FERNANDES, Rogério (1969). *Três tiros e uma mortalha*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- FERNANDES, Rogério (1979). *A Pedagogia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Biblioteca Breve/Instituto de Cultura Portuguesa.
- FERNANDES, Rogério (1987). Filosofia da Educação: Um Olhar Inútil?. In *O Professor*. Nº102-Dezembro. Lisboa. pp. 56-58.
- FERNANDES, Rogério (1988). História da Educação, História das Mentalidades, História da Cultura. In GOMES, J. F., FERNANDES, R. e GRÁCIO, R. *História da Educação em Portugal*. (pp. 97-116). Lisboa: Livros Horizonte.

- FERNANDES, Rogério (1995). *Ensaio de Modernização do Ensino Liceal e Investigação Pedagógica no Limiar do Século XX*. In AA. VV. *Actas de II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- FERREIRA, João (1999). Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano. In CALAFATE, Pedro. (Dir.). *História do Pensamento filosófico Português*. Volume I. (pp. 300-331). Lisboa: Caminho.
- FIGUEIREDO, F. (1929). *Notas para um ideário português*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- FIGUEIREDO, F. (1933). *Menoridade da Inteligência*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- FIOLHAIS, Carlos (2003). *A Coisa Mais Preciosa Que Temos*. 2ªEd. Lisboa: Gradiva.
- FIOLHAIS, Carlos (Coor.) (2005). *Einstein Entre Nós*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- FITAS, A. (2005). A Teoria da Relatividade em Portugal. In FIOLEHAIS, Carlos (Coor.). *Einstein Entre Nós*. (pp. 15-42). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- FLEW, A. (1976). *Sociology, Equality and Education. Philosophical Essays in Defence of a Variety of Differences*. London: MacMillan.
- FONSECA, F. T. (1997). Os Corpos Académicos e os Servidores. In *História da Universidade em Portugal. Volume I. Tomo II. (1537-1771)*. (pp. 499-600). Lisboa: Gulbenkian.
- FRANCO, J. E. (Coor. Cient.) (2008). *Padre Manuel Antunes. Obra Completa. Tomo II. Paideia: Educação e Sociedade*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FULLAT, Octavi (1966). *Reflexiones en torno a la educación*. Barcelona: Nova Terra.
- FULLAT, Octavi (1967). *L'Educació actual*. Barcelona: Bruguerra.
- FULLAT, Octavi (1972). *Con el hombre*. Barcelona: Bosh-Teide.
- FULLAT, Octavi (1973). *La educación soviética*. Barcelona: Nova Terra.
- FULLAT, Octavi (1975a). *La educación Permanente*. Barcelona: Salvat.
- FULLAT, Octavi (1975b). *Educar de outra maneira*. Madrid: ICCE.
- FULLAT, Octavi (1976). *Educación: desconcierto y esperanza*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, Octavi (1982). *Las finalidades educativas en tiempo de crisis*. Barcelona: Hogar del libro.
- FULLAT, O. y SARRAMONA, J. (1982). *Cuestiones de Educación*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, Octavi (1983). *Escuela pública, escuela privada*. Barcelona: Humanitas.
- FULLAT, Octavi (1984). *Verdades y trampas de la Pedagogía. Epistemología de la Educación*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, Octavi (1986). *Educación, violencia y erótica*. Barcelona: Ediciones 62.
- FULLAT, Octavi (1987). *Eulalia, la del buen hablar*. Barcelona: CEAC.
- FULLAT, Octavi (1988a). *La peregrinación del mal. (Ensayo sobre la violencia educativa)*. Bellaterra: Publicaciones de la Universidad Autónoma.

- FULLAT, Octavi (1988b). *La Filosofía: problema y concepto*. Barcelona: Vicens Vives.
- FULLAT, Octavi (1988c). *Filosofía de la Educación*. Barcelona: Vicens-Vives.
- FULLAT, O. y MELICH, J. C. (1989). *El atardecer del bien*. Bellaterra: Publicaciones de la Universidad Autónoma de Barcelona.
- FULLAT, Octavi (1990a). *El atardecer del bien. (Una pedagogía freudo-existencialista)*. Barcelona: Universidad Autónoma.
- FULLAT, Octavi (1990b). *Paideusis. Antropologies pedagógicas actuals*. Barcelona: Universidad Autónoma.
- FULLAT, Octavi (1991). *Educació moral i valors*. Barcelona: Cruilla.
- FULLAT, Octavi (1992). *Filosofías de la Educación – Paideia*. 2ªEd. Barcelona: Ceac.
- FULLAT, Octavi (1993). *Política de la educación: Politeya-Paideia*. Barcelona: Ceac.
- FULLAT, Octavi (2002). *Pedagogía existencialista y postmoderna*. Madrid: Síntesis Educación.
- GADOTTI, M. (1980). *Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- GADOTTI, M. (1988). *Pensamento pedagógico brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Ática.
- GALLO, Sílvio (2007). Filosofia da Educação no Brasil do Século XX: da crítica ao conceito. In *Eccos – Revista Científica*. V.9, Nº2. São Paulo. Jul./Dez.2007. pp. 261-284.
- GALVÃO, Pedro. (1998). A Ciência na Educação segundo John Dewey. In *Philosophica*. 12. Lisboa. pp. 129-144.
- GAMA, M. (1994). *O pensamento de Sampaio Bruno*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- GARRIDO, A. (2008). A Universidade e o Estado Novo: De Cooperação Orgânica do Regime a Território de Dissidência Social. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 81. pp. 133-153.
- GASPAR, J. M. (2001). *Os Discursos e o Discurso de Salazar*. Lisboa: Prefácio.
- GERVILLA, E. (1987). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Valencia: Promolibro.
- GERVILLA, E. (1988). *Los valores en la educación de los adolescentes*. Granada: Ave María.
- GERVILLA, E. (1988). *Axiología Educativa*. Granada: TAT.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1964). *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica com a edição crítica dos apontamentos para a educação de hum menino nobre*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade em Pedagogia Geral. Coimbra: Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1985). Introdução e notas à tradução da *Didáctica Magna* de J. A. Coménio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1988). Situação Actual da História da Educação em Portugal. In GOMES, Joaquim Ferreira, FERNANDES, Rogério e GRÁCIO, Rui. *História da Educação em Portugal*. (pp. 67-90). Lisboa: Livros Horizonte.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1990). Reforma Universitária de 1911. In *Revista de História das Ideias*. Vol.12. pp. 289-301.

- GOMES, Pinharanda (2008). Delfim Santos na Escola Portuense. In SOVERAL, Cristiana (Org.). *Actas do Congresso Internacional – Delfim Santos e a Escola do Porto*. (pp. 11-40). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- GÓMEZ, D. S. (1992). La Filosofía de la Educación en España. In. AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. (pp. 74-117). Madrid: Dykinson.
- GONZÁLEZ ALVAREZ, A. (1963). *Filosofía de la Educación*. Buenos Aires: Editorial Troquel.
- GRÁCIO, Rui (1980). *Os professores e a Reforma do Ensino*. 2ªEd. Lisboa: Livros Horizonte.
- GRÁCIO, Rui (1981). *Educação e Processo Democrático em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GRÁCIO, Rui (1990). *Educador ou Professor*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GRÁCIO, Sérgio (1997). *Dinâmicas da Escolarização e das Oportunidades Individuais*. Lisboa: Educa.
- GRISSET, Antoine (1977). Foucault, um projecto histórico. In LE GOFF, Jaques (Org.) (1977). *A nova História*. Lisboa: Ed.70.
- HABERMAS, J. (1968). *Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port. (1987). *Técnica e ciência como 'ideologia'*. Lisboa: Edições 70).
- HABERMAS, J. (1968). *Erkenntnis und Interesse*. Frankfurt: Suhrkamp. (trad. port.(1982). *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar).
- HABERMAS, J. (1985). *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt: Suhrkamp (trad. port. (1990). *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: D. Quixote).
- HABERMAS, J. (2003). *Teoría de la Acción Comunicativa I*. Madrid: Taurus.
- HABERMAS, J. (2004). *Pensamento Pós-Metafísico*. Coimbra: Almedina.
- HAND, M. (2006). *Is Religious Education Possible? A philosophical investigation*. London: Continuum.
- HENRIQUES, Raquel, P. (2010). *Discursos Legais e Práticas Educativas. Ser Professor e Ensinar História (1947-1974)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HIRST, P. H. & PETERS, R. S. (1970). *The Logic of Education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- HIRST, P. H. (1974a). *Knowledge and the Curriculum. A Collection of philosophical papers*. London: RKP.
- HIRST, P. H. (1974b). *Moral Education in a Secular Society*. London: University of London Press.
- HIRST, P. H. (Ed.) (1983). *Educational Theory and Its Foundation Disciplines*. London, Routledge and Kegan Paul.
- HIRST, P. H. (1986). Richard Peters Contribution to the Philosophy of Education. In COOPER, D.E. (Ed.). *Education, values and mind. Essays for R. S. Peters*. (pp. 8-43). London: Routledge e Kegan Paul.
- HORKHEIMER, M. und ADORNO, T. (1947). *Dialektik der Aufklärung*. Amsterdam: Querido. (trad. esp. (1969). *Dialéctica del iluminismo*. Buenos Aires: Sudamericana).

- HOUSSAYE, Jean (2009). De la naissance des philosophes de l'éducation en France. In VERGNIOUX, A. (Dir.). *40 ans des Sciences de l'Éducation*. (pp. 165-178). Caen: PUC.
- HUSSERL, E. (s/d). *Meditações Cartesianas*. Trad. de Maria Gorete Lopes e Sousa. Porto: Rés Editora.
- HUSSERL, E. (2008). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica*. Trad. de Diogo Falcão Ferrer. Lisboa: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- IBÁÑEZ-MARTÍN, J. A. (Ed.) (1977). *Familia y Estado ante ideologías educativas totalitarias*. Barcelona: AFE.
- IBÁÑEZ-MARTÍN, J. A. (1989). *Hacia una formación humanística*. 5ª Ed. Barcelona: Herder.
- IBÁÑEZ-MARTÍN (1991). Richard Stanley Peters. In AA.VV. *Filosofía de la Educacion Hoy – autores: selección de textos*. (pp. 471-482). Madrid: Dykinson.
- IBÁÑEZ-MARTÍN (2006). Filosofia da Educação (o conceito de). In CARVALHO, A. D. (Coord.). *Dicionário de Filosofia da Educação*. (pp. 166-170). Porto: Porto Editora.
- KAMINSKY, James (1993). *A New History of Educational Philosophy*. Westport: Greenwood Press.
- KANT, I. (1993). *O Conflito das Faculdades*. Lisboa: Edições 70.
- KANT, I. (2006). *Sobre a Pedagogia*. Trad. de Francisco Cock Fontanella. 5ª Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP.
- KECHIKIAN, Anita (1993). *Os filósofos e a educação*. Trad. e apresentação de Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia. Lisboa: Edições Colibri.
- KILPATRICK, W. H. (1989). Dewey's Influence on Education. In SCHILPP, P. e HAHN, L. E. *The Philosophy of John Dewey*. (pp. 447-473). 3ª Ed. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- KNELLER, G. F. (1970). *Introdução à Filosofia da Educação*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- JACQUES, F. (1982). *Différence et Subjectivité*. Paris: Aubier Montaigne.
- JOVER, G. (1990). Notas para una Historia de la Filosofía de la Educación en la Sección de Pedagogía de la Universidad de Madrid. In *Actas del I Congreso Internacional de Filosofía de la Educación*, Vol.2. (pp. 66-73). Madrid: UNED.
- JOVER, G. (1991). *Relación educativa y relaciones humanas*. Barcelona: Herder.
- JULIA, Dominique (1981). *Les trois couleurs du tableau noir – La Révolution*. Paris: Éditions Belin.
- LAGARTIXA, C. M. G. (2006). *A Formação dos Professores de História. Um estudo centrado no Ramo de Formação Educacional da F.L.U.L. (1987-1995)*. Tese de Mestrado em Didáctica da História. Lisboa: Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.
- LANGFORD, G. & O'CONNOR, D. J. (Eds.) (1973). *New Essays in the Philosophy of Education*. London: RKP.
- LANGFORD, G. (1985). *Education, Persons and Society. A Philosophical Enquiry*. London: Macmillan.
- LARROSA, J. (1990). *El trabajo epistemológico en Pedagogía. Una propuesta constructivista*.

Barcelona: PPU.

LE GOFF, J., LADURIE, L. R., & DUBY, G. (1991). *A Nova História*. Lisboa: Edições 70.

LEVINSON, M. (1999). *The demands of liberal education*. Oxford/New York: Oxford University Press.

LEVY, Teresa (1994). Filosofia da Educação. In *Anuário do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*. Ano: 1994. pp. 90-93.

LIBÂNEO, J. C. (1985). *Democratização da Escola Pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola.

LOCKE, John (1999). *Ensaio sobre o entendimento humano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LOPES, Amélia, SOUSA, Cristina, PEREIRA, Fátima, TORMENTA, Rafael e ROCHA, Rosália (2006). *Uma revolução na formação inicial de professores*. Porto: Profedições, Lda.

LOURENÇO, Eduardo (2003) Do Jardim de Deus ao dos Homens. In *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 Anos*. (pp. 9-11). Lisboa: Gradiva.

MAESTRE, J. M. B. y CORBELLÀ, M. R. (1992). La Filosofía de la Educación y la realidad Pedagógica Alemana en la Segunda Mitad del Siglo XX. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. (pp. 25-38). Madrid: Dykinson.

MAGALHÃES, Justino (2007). A História da Educação em Portugal: Temas, Discursos, Paradigmas. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. E FELGUEIRAS, M. L. (Org.). *A História da Educação em Portugal – Balanço e perspectivas*. (pp. 13-34). Lisboa: Edições ASA.

MAGALHÃES, Justino (2010). *Da Cadeira ao Banco*. Lisboa: Educa.

MANSO, Artur (1998). Agostinho da Silva – Um pedagogo contemporâneo português em busca de uma educação para o futuro. In CARVALHO, Adalberto Dias de (Coord.) (2000). *Diversidade e Identidade: Actas da Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. (pp. 361-376). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MANSO, Artur (2000). *Agostinho da Silva – aspectos da sua vida, obra e pensamento*. Lisboa: Estratégias Criativas.

MANSO, Artur (2004). *Agostinho da Silva 1906-1994*. Porto: Estratégias Criativas.

MANSO, Artur (2007). *Filosofia Educacional na obra de Agostinho da Silva*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e de Psicologia.

MANSO, Artur (2008). Para uma Filosofia da Educação de matriz portuguesa: o contributo de Fidelino de Figueiredo. In *Itinerários de Filosofia da Educação*. Revista Nº 7. 1º Semestre de 2008. pp. 5-19.

MARCUSE, H. (1967). *Der eindimensionale Menschen*. Newwied/Berlin: Luchterland. (trad. ing. (1991). *One-Dimensional Man: Studies in the ideology of advanced industrial societies*. Boston: Beacon Press).

MARÍN IBÁÑEZ, R. (1976). *Valores, objetivos y actitudes en educación*. Valladolid: Miñón.

MARINHO, José (1966). *Elementos para uma Antropologia Situada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- MARINHO, José (2007). *Filosofia Portuguesa e Universalidade da Filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MARITAIN, J. (1943). *Education at the crossroads*. New Haven: Yale University Press.
- MARQUES, António (2003). Neopositismo e Estruturalismo na Europa do Século XX. In REIS, António (Coor.). *As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX*. (pp. 63-78). Lisboa: Edições Colibri.
- MARQUES, O. (1988). Notícia Histórica da Faculdade de Letras (1911-1961). In *Ensaio de Historiografia Portuguesa*. (pp. 123-198). Lisboa: Palas Editora.
- MARTINS, A.M. (1989) Coimbra (Filosofia na Universidade de). In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol.1. (pp. 1019-1026). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- MARTINS, Ernesto Candeias (1993). A Filosofia da Educação na Actualidade. In *Educação e Filosofia – Revista Semestral dos Departamentos de Filosofia, Fundamentos da Educação e de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia – Vol.7-Nº19-Jan./Jun.1993*. pp. 155-178.
- MARTINS, Ernesto Candeias (Coor.) (2006). *(R)evolução das Ideias e Teorias Pedagógicas – Actas do I Congresso de Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul – Gráfica de Coimbra.
- MASOTA, Altarejos (1992). La Naturaleza Practica de la Filosofía de la Educación. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. (pp- 119-133). Madrid: Dykinson.
- MATEUS, M. H. M. (1988). Editorial. In *Revista da Universidade de Lisboa*, Ano II, nº5, Abril de 1988. Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa. pp.2-5.
- MATTOSO, J. (1997). A Universidade Portuguesa e as Universidades Europeias. In AA. VV. *História da Universidade em Portugal. I Volume. Tomo I. (1290-1536)*. (pp. 3-30). Lisboa: Gulbenkian.
- MEDEIROS, Emanuel Oliveira (Org.) (2002). *Educação: Caminho Para o Século XXI: Actas do I Colóquio de Filosofia da Educação – 1997*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- MEDEIROS, Emanuel Oliveira (Coord.) (2002). *Utopia e Pragmatismo em Educação: Desafios e Perspectivas: Actas do II Colóquio de Filosofia da Educação – 1999*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- MEDEIROS, E. (2009). *Educação, cultura(s) e cidadania*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- MEDEIROS, E. (2010). *A educação como projecto*. Lisboa: Edições Piaget.
- MELICH, J. C. (1987). *Pedagogía de la finitud. Vers una filosofía de l'educació existencial*. Barcelona: Universidad Autónoma.
- MENDES, D. T. (1983). *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MEYER, John, KAMENS, David and BENAVIDES, Aaron (1992). *School Knowledge for the Masses*. London: The Falmer Press.
- MIALARET, G. (1977). *Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editora.
- MIALARET, G. (1996). *As Ciências da Educação*. 7ª Edição. Lisboa: Livros e Leituras.
- MIRANDA, R. L. (2003). Francisco Lopes Vieira de Almeida. In Nóvoa, A. (Dir.). *Dicionário de*

- Educadores Portugueses*. (pp. 65-68). Lisboa: Edições ASA.
- MOGARRO, Maria João (2005). Memórias de Professores. Discursos orais sobre a formação e a profissão. In *Revista da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação*. Nº17-Abril. pp. 7-32.
- MOGARRO, Maria João (s/d). *Bibliotecas Para a Formação de Professores em Portugal (1930-1970)*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MOGARRO, Maria João (2007). A História da Educação nos Currículos de formação de Professores. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. E FELGUEIRAS, M. L. (Org.). *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. (pp. 203-227). Lisboa: Edições ASA.
- MOLLENHAUER, K. (2014). *Forgotten connections. On culture and upbringing*. London: Routledge.
- MOORE, T. W. (1983). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Madrid: Alianza.
- MOTA, Helena Maria Biosa e CARVALHO, Margarida Larcher Santos (1996). *Uma Introdução ao Pensamento Pedagógico do Professor Agostinho da Silva*. Lisboa: Hugin.
- NASCIMENTO, E., GONÇALVES, J. L., FERNANDES, F. e LEITÃO, P. (2004). *Da Ética à Utopia em Educação*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- NASSIF, R. (1975). *Pedagogía General*. Madrid: Cincel.
- NIZAN, P. (1932). *Les Chiens de Garde*. Paris: Rieder.
- NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio (2006). *Bourdieu & a Educação*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- NOHL, H. (1929). *Pädagogische Aufsätze*. Langensalza: Beltz. (trad. esp. (1952). Teoria de la educación. Buenos Aires: Losada).
- NÓVOA, António e POPKEWITZ, Thomas (1992). *Reformas Educativas e Formação de Professores*. Lisboa: Educa.
- NÓVOA, António (Dir.) (1993). *A Imprensa de Educação e Ensino – repertório analítico (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- NÓVOA, António (1994). *História da Educação*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- NÓVOA, António (Dir.) (1998). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: ASA.
- NÓVOA, A. e POPKEWITZ, Th. et. al. (1998). El milnarismo en la reforma educativa de los años ochenta. In *Revista de Estudios del Currículum*. Vol. I. Número 2. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, S.A. pp. 7-33.
- NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (2000). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa.
- NÓVOA, António (2003). Bernardino Machado. In NÓVOA, A. (Dir.) (2003). *Dicionário de Educadores Portugueses*. (pp. 826-831). Lisboa: ASA.
- NÓVOA, António (2003). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- NÓVOA, António (2005). *Evidentemente. Histórias da Educação*. 2ªEd. Porto: ASA Editores.
- NOT, L. (1979). *Les pédagogies de la connaissance*. Toulouse: Privat.

- NOT, L., AMIEL, C., BRU, M et CARVALHO, A. D. (1984). *Une Science Spécifique pour l'Éducation?*. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail.
- NOT, L. (Dir.) (1988). *Regards sur la Personne*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- NOT, L. (1989). *L'Enseignement Repondant. Vers une éducation en seconde personne*. Paris: PUF.
- Ó, Jorge Ramos do (2003). *O Govenio de si mesmo*. Lisboa: Educa.
- Ó, Jorge Ramos do (2007). *Métodos e Processos na Escrita Científica da História da Educação em Portugal: Um olhar sobre 44 teses de Doutoramento aparecidas entre 1990-2004*. In PINTASSILGO, Joaquim (Org.) (2007). *A História da Educação em Portugal – Balanço e perspectivas*. (pp. 35-72). Lisboa: Edições ASA.
- OANCEA, Alice y BRIDGES, David (2009). Philosophy of Education in the UK: the historical and contemporary tradition. In *Oxford Review of Education*. Vol. 35. Nº 5. October 2009. pp. 553-568.
- O'CONNOR, D.F. (1971). *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Buenos Aires: Paidós.
- O'HEAR, A. (1981). *Education, Society and Human Nature. An introduction to the philosophy of education*. London: Routledge and Kegan Paul Ltd.
- OLIVEIRA, Maria Clara Costa (1999). *A Educação Como Processo Auto-Organizativo. Fundamentos Teóricos para uma educação permanente e comunitária*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ORBE, Fernando Bárcena y CANTERO, Fernando Gil (1992). La Filosofía de la Educación en el Reino Unido. In AA. VV. *La Filosofía de la Educación en Europa*. (pp. 227-246). Madrid. Dykinson.
- PACHECO, M.C.M. (1997). O Saber: Dos Aspectos aos Resultados. In AA. VV. *História da Universidade em Portugal. Volume I. Tomo I (1290-1536)*. (pp. 153-179). Lisboa: Gulbenkian.
- PASSMORE, J. (1980). *The Philosophy of Teaching*. London: Duckworth.
- PASZKIEWICZ, C. A. S. (2000). *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira e TORRADO, António (1974). *Vento Novo*. Lisboa: Plátano Editora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1981). *Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin*. Évora: Universidade de Évora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1983a). *Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1983b). *Anotações didáticas sobre a Educação Nova*. Évora: Universidade de Évora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1983c). *O Anti-aristotelismo explícito de Leonardo Coimbra: Contribuição para o Estudo do Problema*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1984). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea I*. Évora: Universidade: Departamento de Pedagogia e Educação.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1985). *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea II*.

Évora: Universidade: Departamento de Pedagogia e Educação.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1986a). *Anotações Didáticas Sobre a Educação Nova*. Évora: Universidade.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1986b). *A Disciplina de Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1987). *A Formação de Professores à Luz da Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Texto.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Dir.) (1988). *Inovação: Revista do Instituto de Inovação Educacional*. Lisboa.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Dir.) (1990a). *Boletim AEPEC/Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*. Évora: AEPEC.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1990). *A Formação de Professores à luz da Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Texto Editora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1991). *Lições de Filosofia da Educação I*. Lisboa: Universidade Aberta.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992a). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*. Porto: Porto Editora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992b). *A Área Escola no Quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Org.) (1992c). *A Componente de Psicologia na Formação de Professores e Outros Agentes Educativos: Actas do II Seminário*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992d). *A Escola Cultural e a Reforma Educativa*. Évora: AEPEC.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992e). *Formação Pessoal e Social no Quadro da Escola Cultural*. Évora: AEPEC.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1993a). *Teoria da Educação*. Évora: Universidade de Évora. p.43-44.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1993b). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. 2ªEd. Lisboa: Texto.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1993c). *Lições de Axiologia Educacional*. 2ªImp. Lisboa: Universidade Aberta.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Coord.) (1993d). *A Componente de Psicologia na Formação de Professores e Outros Agentes Educativos: Actas do III e IV Seminários*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1994). *A Filosofia de Henri Bergson/Leonardo Coimbra*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1996). *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Org.) (1997a). *A Escola Cultural e os Valores: II Congresso da AEPEC*. Porto: Porto Editora.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Org.) (1997b). *Formar Professores para a Escola Cultural no*

Horizonte dos Anos 2000/ II Congresso AEPEC. Porto: Porto Editora.

- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2000). A Filosofia da Educação em Portugal no Século XX. In CALAFATE, P. (Dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol.V – Tomo 2. (pp. 71-134). Lisboa: Caminho.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Org.) (2001). *Escola, Aprendizagem e Criatividade/IV Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (Org.) (2002a). *Globalização e Diversidade: A Escola Cultural, Uma Resposta/V Congresso AEPEC*. Porto: Porto Editora.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2002b). "Prefácio". In AMOEDO, M. *José Ortega y Gasset: A aventura filosófica da educação*. (p.p. 7-9). Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2003). *1 de Novembro 2003: Dia da Universidade: Intervenção do Magnífico Reitor Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Reitoria da Universidade.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2004a). *1 de Novembro 2004: Dia da Universidade: Intervenção do Magnífico Reitor Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Reitoria da Universidade.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2004b). *Révue: Revista da Universidade de Évora*. Évora: Universidade.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira e SEBASTIÃO, Luís Miguél dos Santos (2004). *Conhecimento do Mundo Social e da Vida: Passos Para uma Pedagogia da Sagesa*. 1ª Imp. Lisboa: Universidade Aberta.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2006a). *Dia da Universidade: 1º de Novembro 2005: Intervenção do Magnífico Reitor Manuel Ferreira Patrício*. Évora: Reitoria da Universidade.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2006b). Memorando Histórico da Filosofia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. In MARTINS, Ernesto Candeias (Coord.). *(R)evolução das Ideias e Teorias Pedagógicas*. (pp. 9-13). Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul – Gráfica de Coimbra.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2008). A Ideia de Universidade em Delfim Santos e suas raízes leonardinas. in SOVERAL, Cristiana (2008). *Actas do Congresso Internacional - Delfim Santos e a Escola do Porto*. (pp. 369-404). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PEDRO, Ana Paula (2006). Razão Filosófica e Razão Educativa: A Filosofia da Educação Como uma Filosofia Aplicada. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. A.40, Nº1. pp. 186-196.
- PEREIRA, Licínio Chaínho (2000). Prof. José Ribeiro Dias. In VEIGA, Manuel Alte e MAGALHÃES, Justino (Orgs.). *Prof. Dr. José Ribeiro Dias – Homenagem*. (pp.19-20). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- PEREIRA, Paula (2000). *Amor e Conhecimento – Reflexões em torno da razão pedagógica*. Porto: Porto Editora.
- PEREIRA, Paula Cristina (2002). Filosofia da Educação: evidências, vidências e vivências. In MEDEIROS, E. (Coord.). *Utopia e Pragmatismo em Educação: Desafios e Perspectivas. Actas do II Colóquio de Filosofia da Educação*. (pp. 115-124). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

- PEREIRA, Paula Cristina (2006). *Do sentir e do pensar – Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- PEREIRA, Paula Cristina (Org.) (2008). *A Filosofia e a cidade*. Lisboa: Campo de Letras.
- PERIS, GONZÁLEZ y COLOMER (1991). *Guía Didáctica de la Filosofía de la Educación*. Madrid: UNED.
- PETERS, R. S. (1964). *Education as Initiation*. London: University of London - Institute of Education.
- PETERS, R. S. (1966). *Ethics and Education*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- PETERS, R. S. (Ed.) (1967) *The Concept of Education*. London, Routledge & Kegan Paul. (trad. esp. (1969). *El Concepto de Educacion*. Buenos Aires: Paidós).
- PETERS, R. S. (1973a). *Authority, Responsibility and Education*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- PETERS, R. S. (Ed.) (1973b). *Philosophy of Education*. Oxford: Oxford University Press. (trad. esp. (1977). *Filosofía de la Educación*. México: F.C.E.).
- PETERS, R. S. (Ed.) (1975). *Nature and Conduct*. Royal Institute of Philosophy Lectures. Volume 18. London: The Macmillan Press.
- PETERS, R. S. (Ed.) (1976). *The Role of the Head*. London: Routledge & Kegan Paul.
- PETERS, R. S. (1977a). *Education and the Education of Teachers*. London: RKP.
- PETERS, R. S. (Ed.) (1977). *John Dewey Reconsidered*. London: RKP.
- PETERS, R. S. (1981a). *Moral Development and Moral Education*. London: George Allen & Unwin.
- PETERS, R. S. (1981b). *Essays on Educators*. London: George Allen & Unwin.
- PETERS, R. S. (1983). Philosophy of Education. In HIRST, P. *Educational Theory and its foundations disciplines*. London/Boston: Routledge & Kegan Paul. pp. 30-52.
- PINTASSILGO, Joaquim (2007). *História do Currículo e das Disciplinas Escolares: Balanço da investigação portuguesa*. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. E FELGUEIRAS, M. L (Org.). *A História da Educação em Portugal – Balanço e perspectivas*. (pp.111-146). Lisboa: Edições ASA.
- PLANCHARD, É. (1975). *A Pedagogia Contemporânea*. Coimbra: Coimbra Editora.
- POMBO, Olga (Org.) (1994). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. McLuhan. A Escola e os Media*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- POMBO, Olga (Org.) (1995). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. Dois textos sobre educação: Hannah Arendt e Eric Weill*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- POMBO, Olga (Org.) (1996). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. A invenção da escola na Grécia*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- POMBO, Olga (Org.) (1997a). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. O Museu de Alexandria*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de

Educação.

- POMBO, Olga (Org.) (1997b). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. Utopia e Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- POMBO, Olga (1998a). *Unidade da Ciência e Configuração Disciplinar dos Saberes. Contributos para uma Filosofia do Ensino*. Tese de doutoramento em História e Filosofia da Educação. Lisboa: Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- POMBO, Olga (1998b). *Recordar Agostinho da Silva: 10 Anos Depois*. Publicação On Line. <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/agsilva/apresentacao.htm>
- POMBO, Olga (2000a). *Quatro textos excêntricos. Filosofia da Educação (Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russell e Ortega y Gasset)*. Lisboa: Relógio D'água.
- POMBO, Olga (2000b). A Escola Como Memória do Futuro. In Odete Valente (Coord.). *Itinerários, Investigar em Educação*. (pp. 151-156). Lisboa: CIE.
- POMBO, Olga (Org.) (2001). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. Educar/Ensinar*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- POMBO, Olga (2002). *A Escola, a Recta e o Círculo*. Lisboa: Relógio D'água.
- POMBO, Olga (Org.) (2005). *Cadernos de História e Filosofia da Educação. Três textos sobre educação para um mundo difícil. Bertrand Russell e Ortega y Gasset*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de Educação.
- PONTES, Cruz (1990). Escolástica. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia – vol.II*. (pp.166-182). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- PONTY, Maurice Merleau (1993). *Elogio da Filosofia*. Guimarães: Guimarães Editores.
- POTTER, R. E. (1967). *The Stream of American Education*. New York: American Book Company.
- PRING, R. (2004). *Philosophy of Educational Research* (2nd Ed.), London: Continuum.
- PROST, Antoine, ANTUNES, António, Lobo e NÓVOA, António (2002). *Espaços de Educação Tempos de Formação*. Lisboa: Gulbenkian.
- QUADROS, A. (1990). Figueiredo (Fidelino de). In AA. VV. *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Vol. 2*. (pp. 559-563). Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo.
- QUEIRÓ, J. (1995). *A Universidade Portuguesa – Uma Reflexão*. Lisboa: Gradiva.
- POPKEWITZ, Thomas (2002). *Cultural Productions (Re)constituting the Nation, the child & teacher in the Educational Sciences*. Lisboa: Educa/Prestige.
- RAMALHO, A.C. (1997). O Humanismo (Depois de 1537). In AA. VV. *História da Universidade em Portugal Volume I. Tomo 2. (1537-1771)*. (pp. 695-720). Lisboa: Gulbenkian.
- RAMIREZ, Francisco O. & BOLI, John (1987). The Political Construction of Mass Education: European Origins and Worldwide Institutionalization. In *Sociology of Education*. Vol.60 (January): pp. 2-17.
- REBOUL, O. (1968). *L'homme et ses passions d'après Alain. La passion*. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1968). *L'homme et ses passions d'après Alain. II: La sagesse*. Paris: PUF.

- REBOUL, O. (1974). *L'élan humain ou l'éducation selon Alain*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal.
- REBOUL, O. (1977). *L'Endoctrinement*. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1980). *Langage et idéologie*. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1980). *Qu'est-ce qu'apprendre?* Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1984). *Le Langage de l'éducation*. Paris: PUF.
- REBOUL, O. et GARCIA, J. F. (Dir.) (1989). *Rhétorique(s)*. Strasbourg: PUS.
- REBOUL, O. et GARCIA, J. F. (Dir.) (1991). *Rhétorique et pédagogie*. Strasbourg: PUS.
- REBOUL, O. (1992). *O que é aprender?*. Coimbra: Almedina.
- REBOUL, O. (1998). *La rhétorique*. 4e Éd. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (1999). *Les valeurs de l'éducation*. 2e Éd. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (2001). *La philosophie de l'éducation*. 9e Éd. Paris: PUF.
- REBOUL, O. (2009). *Introduction à la rhétorique: théorie et pratique*. 4e Éd. Paris: PUF.
- REICH, Rob (2002). *Bridging liberalism and multiculturalism in american education*. Chicago: University of Chicago Press.
- REID, L. A. (1923). *Knowledge and truth*. London: Macmillan.
- REID, L. A. (1930). *The rediscovery of belief*. London: The Lindsey Press
- REID, L. A. (1937). *Creative Morality*. London: George Allen & Unwin.
- REID, L. A. (1961). *Ways of knowledge and experience*. London: George Allen & Unwin.
- REID, L. A. (1986). *Ways of Understanding and Education*. London: Heinemann.
- REIMÃO, Cassiano (1998). Ética e Acção Educativa. In *Brotéria*. 147. Nº 5. pp. 405-416.
- REIMÃO, Cassiano (2011). Para uma Filosofia da Educação. A Filosofia como mediação nas escolhas éticas em educação. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Extra-Série 2011. pp. 373-383.
- REIS, José (2001). *Curso de Filosofia do Conhecimento*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lisboa: Edições Colibri.
- RIBEIRO, Álvaro (1943). *O Problema da Filosofia Portuguesa*. Lisboa: Inquérito.
- RIBEIRO, Álvaro (1957). *A Razão Animada. Sumário de Antropologia*. Lisboa: Bertrand Editora.
- RIBEIRO, Orlando (1949). Oração de Sapiência do Ano Escolar 1949-50. In *Anuário da Universidade de Lisboa*. (pp. 17-33). Lisboa: Tipografia António D'Almeida.
- RODRIGUES, M. A. (Dir.) (1992). *Memoria Professorvm Vniversitatis Conimbrigensis* Vol.II. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- RODRIGUES, M. A. (2008). *A Universidade de Coimbra – Figuras e Factos da Sua História – Vol. II*. Porto: Campo de Letras-Editores.
- ROEHRICH, E. (1910). *Philosophie de l'Éducation. Essai de pédagogie générale*. Paris: Félix Alcan.

- ROSA, Teresa (2013). *História da Universidade Teológica de Évora. (Séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8258/4/Universidade%20Teológica%20de%20Évora_232%20pag.pdf
- ROSAS, F. e ROLLO, M. F. (Coord.) (2009). *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China.
- RUBIO, Rogelio Medina (Org.) (1992). *Cuestiones actuales sobre educación*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- SACRISTÁN, D. (1984). *Filosofías de la Educación y Teorías de la Educación: Personalismo, Anarquismo, Neopositivismo e Idealismo*. Madrid: CEVE.
- SANTOS, Delfim (1934). Linha Geral da Nova Universidade. In SANTOS, D. (2007). *Obras Completas*. Vol.I. 3ª Ed. (pp. 93-109). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1938). *El IX Congreso Internacional de Filosofía*. Mexico: Lumiar.
- SANTOS, Delfim (1938). *Situação Valorativa do Positivismo*. Berlim.
- SANTOS, Delfim (1940). *Conhecimento e Realidade*. Lisboa: Imprensa Portuguesa.
- SANTOS, Delfim (1943). Finalidade da Educação. (Diário Popular, 28-02-1943) In SANTOS, Delfim (2007). *Obras Completas Vol. I*. 3ª Edição. (pp.425-426). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1946). Fundamentação Existencial da Pedagogia. In SANTOS, Delfim (2009). *Obras Completas Vol. II*. 3ª Edição. (pp. 133-202). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1947). *Adolfo Coelho como Pedagogo*. Lisboa: Instituto Aurélio da Costa Ferreira.
- SANTOS, Delfim (1949). A Faculdade de Letras do Porto deve ser restaurada e constituir, com a de Ciências, uma só Faculdade (Entrevista ao Diário do Norte, 26-08-1949). In SANTOS, Delfim (2009). *Obras Completas Vol. II*. 3ª Edição. (pp.399-401). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1950). Antigos alunos da Faculdade de Letras do Porto (Discurso). In SANTOS, Delfim (2009). *Obras Completas Vol. II*. 3ª Edição. (pp.433-436). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1951). Saber e cultura (Entrevista ao Diário do Norte, 06-04-1951). In SANTOS, Delfim (2009). *Obras Completas Vol. II*. 3ª Edição. (pp.487-489). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1952). Formação escolar e formação profissional (Médico - Lisboa, nº 34, Junho de 1952). In SANTOS, Delfim (2009). *Obras Completas Vol. II*. 3ª Edição. (pp.549-562). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Delfim (1959). *A Criança e a Escola*. 2ªEd. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- SANTOS, Delfim (1960). *Da Filosofia*. Lisboa: Horizonte.
- SANTOS, Delfim. (1987). *Obras Completas*. Vol. III. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- SANTOS, Laura Ferreira (1993). *Educação e Cultura em Nietzsche: análise da primeira fase do seu pensamento*. Instituto de Educação. Universidade do Minho.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos (1990). *Metáforas da Razão ou Economia Poética do Pensar Kantiano*. Tese de doutoramento em Filosofia com especialidade de Filosofia Moderna e Contemporânea. Lisboa: Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos e CORREIA, Carlos (Trad. e Apr.) (1993). Apresentação. In KECHIKIAN, Anita. *Os Filósofos e a Educação*. (pp. 7-10). Lisboa: Colibri.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos (Coord.) (1996). *Educação Estética e Utopia Política*. Lisboa: Colibri.
- SANTOS, Maria Teresa (2007). Perfil da História da Educação. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A., CORREIA, L. G. E FELGUEIRAS, M. L. (Org.). *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. (pp. 203-227). Lisboa: Edições ASA.
- SARAIVA, A. J. (1996). *A Tertúlia Ocidental*. 2ª Ed. Lisboa: Gradiva.
- SAVIANI, D. (1983a). *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- SAVIANI, D. (1983b). Tendências e correntes da educação brasileira. In MENDES, T. *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SAVIANI, D. (1989). *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 9ª Ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- SCHÄFER, K. H. und SCHALLER, K. (1971). *Kritische Erziehungswissenschaft und Kommunikative Didaktik*. Heidelberg: Quelle und Meyer. (trad. port. (1973). *Ciência Educadora Crítica e Didáctica Comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário).
- SCHEFFLER, Israel (1960). *The language of Education*. Springfield: University of Springfield;
- SCHEFFLER, Israel (1965). *Conditions of knowledge*. Chicago: University of Chicago Press;
- SCHEFFLER, Israel (1973). *Reason and teaching*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.
- SEABRA, José Augusto (1991). *Leonardo Coimbra e a liberdade da educação e da cultura*. In *Boletim da universidade do Porto*, nº4/5. Janeiro e Fevereiro de 1991.
- SEBASTIÃO, Luís (1998). Fundamentar a educação em tempo de crise. In DIAS, José Ribeiro e ARAÚLO, Alberto Filipe (Orgs.). *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação. Filosofia da Educação Temas e Problemas*. (pp. 279-285). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- SEBASTIÃO, Luís (2007). A Formação de Educadores e Professores em Portugal: reflexões em torno de uma quimera. In SOUSA, Jesus Maria (Org.). *Actas do IX Congresso da SPCE – Educação para o Sucesso: políticas e Actores*. (pp. 237-245). Funchal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- SEQUEIRA, Manuel (2000). José Ribeiro Dias, o Homem e o Educador. In VEIGA, Manuel Alte da e MAGALHÃES, Justino (Org.). *Prof. Dr. José Ribeiro Dias – Homenagem*. (pp. 25-38). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- SERRALHEIRO, José Paulo (Org.) (2005). *O Processo de Bolonha e a Formação de Educadores e Professores Portugueses*. Porto: Profedições.
- SEVERINO, A. J. (1986). *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: E.P.U.

- SEVERINO, A. J. (1996). *Relatório de Participação na 19ª Reunião Anual da ANPEd*. São Paulo: Mimeu.
- SEVERINO, A. J. (2000). A Filosofia da Educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In GHIRALDELLI, JR. P. (Org.). *O que é a filosofia da educação?* 2ª Ed. (pp. 256-302). Rio de Janeiro: DP&A.
- SEVERINO, A. J. (2013). *Os 20 anos do GT Filosofia da Educação e sua contribuição para a constituição do campo investigativo da Filosofia da Educação*. Trabalho encomendado. ANPEd. Outub. 2013. <http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho-comite-cientifico/grupos-de-trabalho/grupos-de-trabalho/gt17>
- SILVA, Agostinho (1987). Divagações quanto ao futuro. In *Revista de Educação*. Nº2, Vol.1. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. pp. 102-111.
- SILVA, Agostinho (1989). *Educação de Portugal*. 1ª Ed. Lisboa: Ulmeiro.
- SIKES, P., CARR, W. and NIXON, J. (Eds.) (2002). *The Moral Foundations of Educational Research: Knowledge Inquiry and Values*. Buckingham: Open University Press;
- SIMÃO, Veiga (1994). Depoimento. In *20 Anos de História da Universidade do Minho – Depoimentos e Testemunhos*. Braga: Universidade do Minho.
- SMEYERS, P., SMITH, R., and STANDISH, P. (2006). *The Therapy of Education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- SMITH, B. O. and ENNIS, R. H. (1961). *Language and Concepts in Education*. Chicago: Rand McNally and Company.
- SMITH, R., and STANDISH, P. (Eds.) (1997). *Teaching Right and Wrong: moral education in the balance*. London: Trentham Books.
- SNOOK, I. A. (Ed.) (1972). *Concepts of Indoctrination*. London: RKP.
- SOLTIS, J. F. (1979). Philosophy of Education for Educators: The eightieth NSSE Yearbook. In *Teachers College Record*. Nº 81. p.p. 240-261.
- SOUTA, Luís (1995). *Escolas Superiores de Educação e Ensino Politécnico – uma década de debates, algumas polémicas e crítica que baste*. Setúbal: PROFEDIÇÕES.
- SOVERAL, C. (2008). A Onto-Antropologia de Delfim Santos: reflexos na sua Pedagogia. In SOVERAL, C. (Org.). *Delfim Santos e a Escola do Porto*. (pp. 321-333). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- SOVERAL, Eduardo Abranches de (1983). Questões Permanentes de Filosofia da Educação. In *Revista da Faculdade de Letras – Filosofia*. 2ª Série Nº1. Porto. pp. 1-28.
- SPRANGER, E. (2012). *Lebensformen. Geisteswissenschaftliche Psychologie und Ethik der Persönlichkeit*. Berlin: De Gruyter. (trad. esp. (1948). *Formas de vida: psicologia y ética de la personalidad*. 3ª Ed. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina).
- STANDISH, P. (1992). *Beyond the Self: Wittgenstein, Heidegger, and the limits of language*. Aldershot: Ashgate Publishing Group.
- STEINER, George (2005). *As lições dos mestres*. 2ª Edição. Lisboa: Gradiva.
- SUISSA, J. (2006). *Anarchism and Education. A Philosophical Perspective*. London: Routledge.

- TEIXEIRA, Braz (1992). Positivismo em Portugal. In AA. VV. *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol.4. (pp. 368-374). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- THUILLIER, P. (1970). *Socrate fonctionnaire*. Paris: Laffont.
- TOMAZETTI, Elisete M. (2003). *Filosofia da Educação – Um estudo sobre a história da disciplina no Brasil*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí.
- TORGAL, L.R. (1999). *A Universidade de Coimbra e o Estado Novo*. Coimbra: Minerva.
- TORGAL, L.R. (2009). *Estados Novos Estado Novo* Vol.I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- TOURIÑAN, J. M. (1979). *El sentido de la libertad en la educación*. Madrid: Magistério Español.
- VALENTE, M. O. (2002). História da Formação de Professores na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Departamento de Educação. In *Revista de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*. Vol.XI. Nº1. pp. 7-15.
- VEIGA, Feliciano Henriques (1990). *Autoconceito e Disrupção Escolar dos Jovens. Conceptualização, Avaliação e Diferenciação*. Tese de doutoramento em Educação na especialidade de Psicologia Educacional. Lisboa: Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- VEIGA, Manuel Alte da (1988). *Filosofia da Educação e Aporias da Religião: A Problemática do Ensino Religioso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VEIGA, Manuel Alte da (1996). Identidade e Deontologia em Educação. In *Revista Portuguesa de Filosofia*. Tomo 52. Fasc. 1/4. Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva. (Jan.-Dec. 1996). pp.953-965.
- VEIGA, Manuel Alte da (1998). O Complexo do Endoutramento. In DIAS, J.R. e ARAÚJO, A.F. (Orgs.). *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*. (pp. 241-253). Braga: Universidade do Minho.
- VEIGA, Manuel Alte da e MAGALHÃES, Justino (2000). Apresentação. In VEIGA, Manuel Alte da e MAGALHÃES, Justino (2000) (Orgs.). *Prof. Dr. José Ribeiro Dias – Homenagem*. Braga: (pp. 11-15). Universidade do Minho – Instituto da Educação e Psicologia.
- VEIGA, Manuel Alte da (2000). Filosofia da Educação e Autobiografia. Ensaio sobre alguns textos escolhidos da obra de Ribeiro Dias. In VEIGA, Manuel Alte da. e MAGALHÃES, Justino (Orgs.). *Prof. Dr. José Ribeiro Dias – Homenagem*. (pp.39-48). Braga: Universidade do Minho – Instituto da Educação e Psicologia.
- VEIGA, Manuel Alte da (2003). *Vida, violência, Escola Família*. 3ªEd. Braga: APPACDM.
- VEIGA, Manuel Alte da (2004). *Obediência como matriz da autoridade*. Braga: Edição Particular.
- VEIGA, Manuel Alte da (2004). *Um perfil ético para educadores*. Viseu: Palimage.
- VEIGA, Manuel Alte da (2006). Professor (perfil ético). In CARVALHO, Adalberto (Coord.). *Dicionário de Filosofia da Educação*. (pp.300-305). Porto: Porto Editora.
- VEIGA, Manuel Alte da e ARAÚJO, Alberto Filipe (2007). Diálogos em Torno da Filosofia da Educação em Portugal – Balanços e Perspectivas. In ESTRELA, Albano (Org.). *Investigação em Educação. Teorias e Práticas (1960-2005)*. (pp. 68-104). Lisboa:

Educa.

- VELOSO, Queirós (1931). *A Universidade de Lisboa-Coimbra. Arquivo da Universidade de Lisboa. Volume XIII. (Anos de 1928 a 1931)*. Lisboa: Arquivo da Universidade de Lisboa.
- VEYNE, Paul (1977). A História – uma Paixão nova. In LE GOFF, Jaques (Org.). *A nova História*. (pp. 9-40). Lisboa: Ed.70.
- VICENTE, Joaquim Neves (1988a). Educação, Escola e Filosofia – Um Mesmo Combate. In AA. VV. *A Filosofia face à cultura tecnológica*. (pp. 36-43). Coimbra: APF.
- VICENTE, Joaquim Neves (1988b). Relação Pedagógica e Filosofia. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano XXII. pp. 293-311.
- VICENTE, Joaquim Neves (1991a). *Educação, Diálogo e Filosofia na Acção e no Pensamento Pedagógico de Paulo Freire*. Tese de Mestrado em Filosofia na especialidade de Didáctica da Filosofia. Coimbra: Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
- VICENTE, Joaquim Neves (1991b). Educação e Projecto(s) Educativo(s): contributos da(s) filosofia(s) e da(s) ciência(s). In *A Metodologia da Investigação em Educação*. 2º vol. (Actas du Colloque International de l'AIPELF – Lisboa, 1988). Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- VICENTE, Joaquim Neves (2008). *Educação, Retórica e Filosofia a partir de Olivier Reboul. Subsídios para uma Filosofia da Educação Escolar*. Tese de Doutoramento em Filosofia com especialização em Didáctica da Filosofia. Coimbra: Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.
- VILELA, Eugénia (1998). *Do corpo Equívoco. Reflexões sobre a Verdade e a Educação nas Narrativas Epistemológicas da Modernidade*. Porto: Angelus Novus
- WENIGER, E. (1926). *Die Grundlagen des Geschichtsunterrichts: Untersuchungen zur geisteswissenschaftlichen Didaktik*. Leipzig: Teubner. (trad. Ing. (1986). *The Basis of History Teaching: Examinations from the Viewpoint of Human Science Didaktik*. Chicago: Rand McNally and Company).
- WILSON, J. (1972). *Philosophy and Educational Research*. Slough: National Foundation for Educational Research in England and Wales.
- WILSON, J. (1977). *Philosophy and Practical Education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- WILSON, J. (1979). *Preface to the Philosophy of Education*. London: Routledge and Kegan Paul.
- WILSON, J. (2003). Perspectives on the Philosophy of Education. In. *Oxford Review of Education*, 29:2. pp.279.
- WOODS, R.G. (1976). *Introducción a las Ciencias de la Educación*. Salamanca: Anaya.